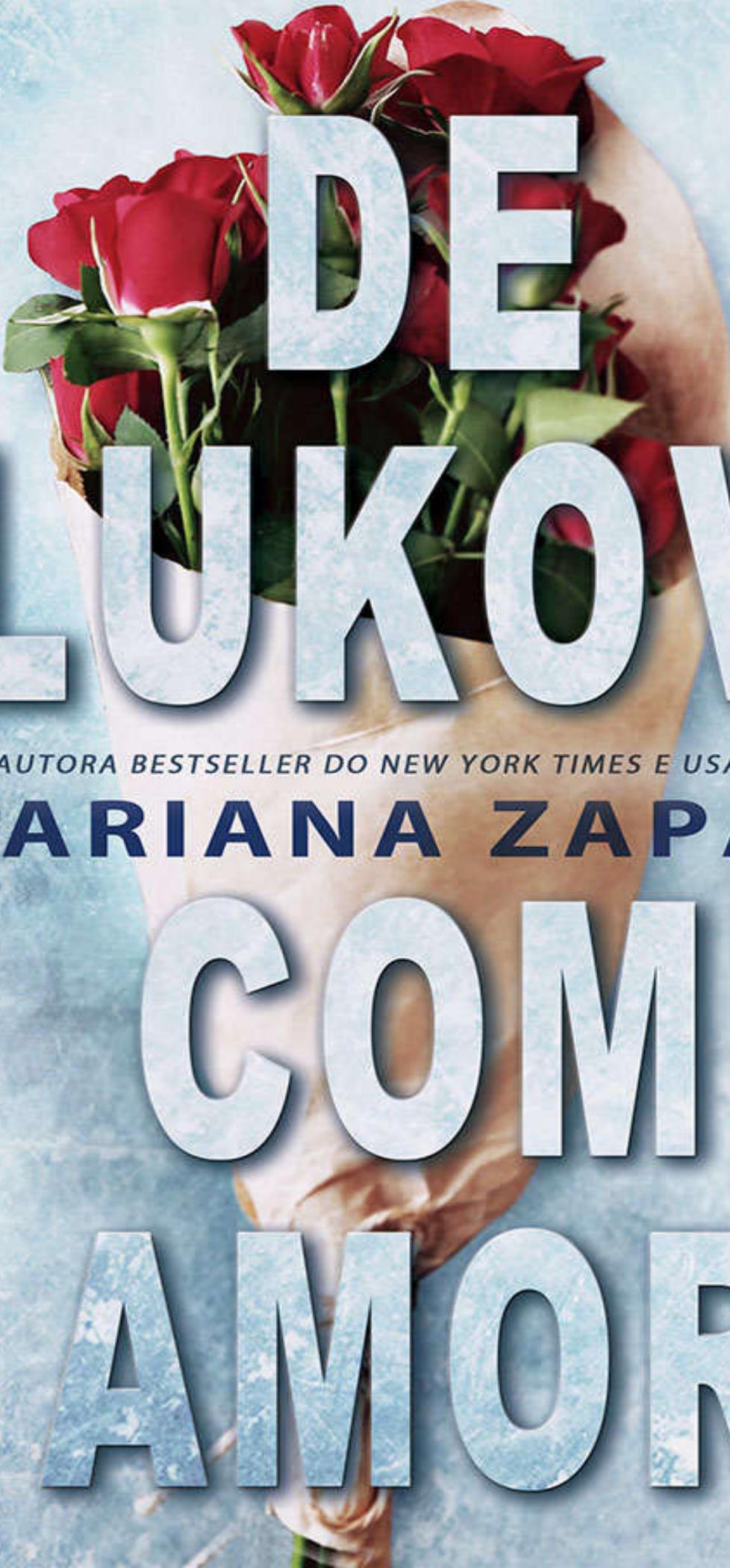


Editora
Charme



**DE
LUKOV,**

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY

MARIANA ZAPATA

**COM
AMOR**



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

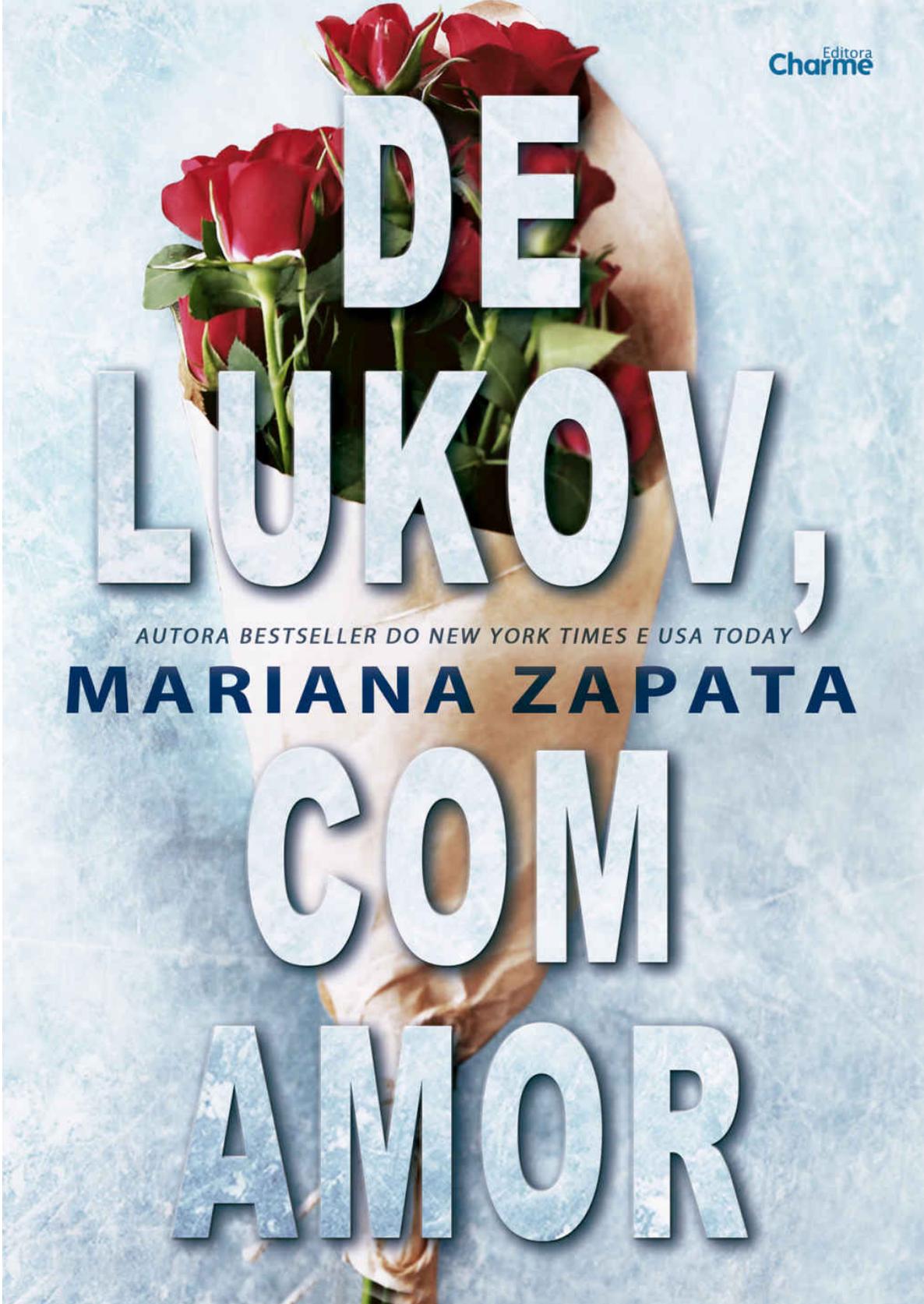
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



Editora
Charme



DE LUKOV,

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY

MARIANA ZAPATA

COM AMOR

Copyright © 2018. From Lukov with love by Mariana Zapata.

Direitos autorais de tradução© 2020 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2020

Produção Editorial - Editora Charme

Capa - Letitia Hasser with RBA Designs

Adaptação da capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Tradução - Bianca Carvalho

Revisão - Editora Charme

Esta obra foi negociada por Agência Literária Riff Ltda, em nome de
DYSTEL, GODERICH & BOURRET LLC.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Bibliotecária: Priscila Gomes Cruz CRB-8/8207

Z35d Zapata, Mariana

De Lukov, com amor/Mariana Zapata;

Tradução: Bianca Carvalho; Revisão: Equipe Charme;

Capa e produção gráfica: Verônica Góes

– Campinas, SP: Editora Charme, 2020.

528 p. il.

ISBN: 978-65-87150-06-2

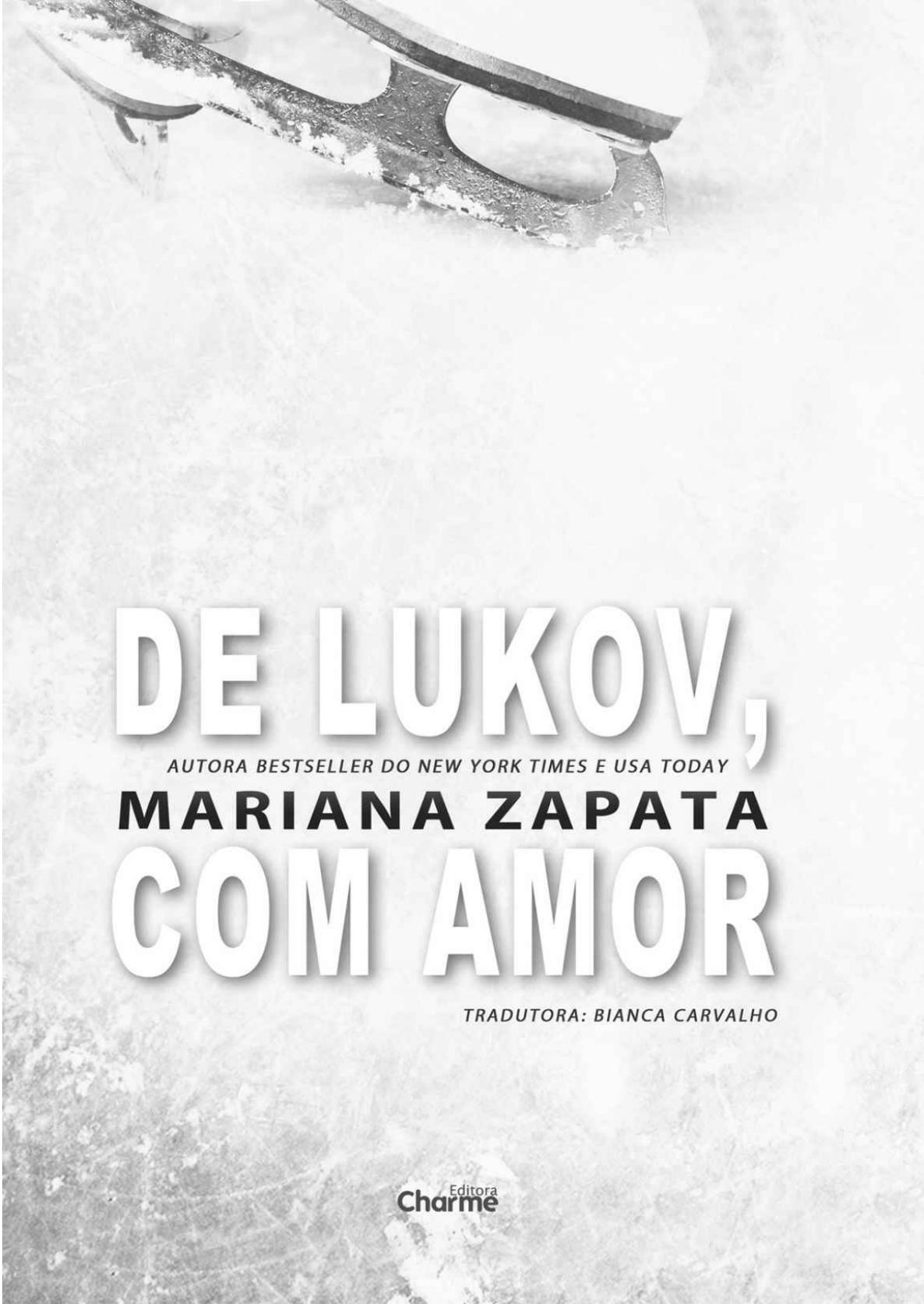
Título Original: From Lukov with love

1. Ficção norte-americana | 2. Romance Estrangeiro -

I. Zapata, Mariana. II. Carvalho, Bianca. III. Equipe Charme.

IV. Góes, Verônica. VI. Título.

CDD - 813



DE LUKOV,
AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY
MARIANA ZAPATA
COM AMOR

TRADUTORA: BIANCA CARVALHO

Editora
Charme

Dedicatória

Para a minha melhor amiga e a
melhor pessoa que eu conheço:
minha mãe.

A verdadeira *chingona*¹

¹ Sabichona, em castelhano. (N. da T.)



Capítulo Um

INVERNO / PRIMAVERA 2016

Depois de cair de bunda no chão cinco vezes seguidas, percebi que era hora de parar. Pelo menos, por hoje.

Minhas nádegas poderiam aguentar mais duas horas de queda amanhã. Elas teriam que aguentar, se eu não descobrisse o que estava fazendo de errado, caramba! Aquele era o segundo dia consecutivo que não consegui dar uma droga de um salto.

Girando para o lado da bunda sobre o qual caí menos vezes, soltei um suspiro de frustração, enquanto conseguia manter o *filho da puta* que eu realmente queria gritar dentro da minha boca. Inclinei a cabeça para trás e fiz caretas para o teto, descobrindo quase imediatamente que a decisão era um erro, porque eu sabia o que estava pendurado no teto em forma de cúpula do complexo. Na maioria das vezes, era a mesma coisa que eu vi nos últimos treze anos.

Banners.

Banners pendurados nas vigas.

Banners com o mesmo nome idiota em todos eles.

IVAN LUKOV. IVAN LUKOV. IVAN LUKOV.

E mais IVAN LUKOV.

Havia outros nomes ali ao lado do dele — outras almas miseráveis com quem ele se associou ao longo dos anos —, mas era o dele que se destacava. Não porque seu sobrenome fosse o mesmo de uma das minhas pessoas favoritas no mundo, mas porque o som do seu primeiro nome me remetia a Satã. Eu tinha certeza de que seus pais tinham adotado aquele cara diretamente do inferno.

Mas, naquele momento, nada mais importava além daquelas faixas penduradas.

Cinco banners azuis diferentes, exaltando cada um dos campeonatos nacionais que ele ganhara, dois vermelhos para cada campeonato mundial, dois banners amarelos para cada medalha de ouro. Um prateado para comemorar a única medalha de prata em um campeonato mundial, que está exposta na galeria de troféus na entrada da instalação.

Aff. Brilhante. Idiota. Babaca.

E, graças a Deus, não havia banners para todas as Copas ou outras competições que ele vencera ao longo dos anos, caso contrário, todo o teto seria coberto de cores, e eu vomitaria diariamente.

Todos aqueles banners... e nenhum deles mostrava o meu nome. Nem unzinho. Não importava o quanto eu tentasse, o quanto treinei, nada. Porque ninguém se lembrava do segundo lugar, a menos que você fosse Ivan Lukov. E eu não sou ele.

Uma inveja que eu não tinha o direito de sentir, mas que não conseguia ignorar, perfurava cada canto do meu peito, e eu odiava. Odiava isso. Preocupar-se com o que as outras pessoas estavam fazendo era um desperdício de tempo e energia; aprendi isso na infância, quando outras meninas tinham roupas mais bonitas e patins mais novos do que eu. Ser invejosa e amarga era coisa de pessoas que não tinham nada melhor para fazer. Eu sabia disso. Ninguém faz nada com sua vida se passá-la comparando-a à de outras pessoas. Eu também sabia disso.

E eu nunca quis ser essa pessoa. Especialmente alguém tão idiota. Eu levaria meus três segundos de inveja comigo para o túmulo antes de contar a alguém o que essas faixas faziam comigo.

Foi com esse lembrete que eu me virei para ficar de joelhos e parar de olhar para os pedaços de pano idiotas.

Colocando as mãos no gelo, grunhi quando comecei a me pôr de pé — afinal, equilibrar-me nas lâminas era algo natural para mim —, e finalmente me levantei. Novamente. Pela quinta vez em menos de quinze minutos. Meu osso do quadril esquerdo, nádega e coxa estavam doendo, e piorariam no dia seguinte.

— Puta que pariu! — murmurei baixinho, para que nenhuma das meninas mais jovens patinando ao meu redor pudesse ouvir. A última coisa que eu precisava era que uma delas me dedurasse à direção. *Outra vez.* Pequenas deladoras. Como se elas nunca tivessem ouvido

um palavrão ao assistirem televisão, andando na rua ou na escola.

Limpendo o pouco de gelo que ficou nas minhas laterais na última queda, respirei fundo e estremei com a frustração que percorria todo o meu corpo, por tudo — comigo mesma, minha situação, minha vida, as outras garotas ao meu redor que não me deixavam xingar —, tanto hoje quanto em geral. Por acordar atrasada, por não conseguir dar um salto naquela manhã também, por derramar café na minha camisa no trabalho *duas* vezes, por abrir a porta do carro e quase quebrar meu joelho, e então esta segunda sessão de treino de merda...

Era fácil esquecer que, no grande esquema da vida, não ser capaz de dar um salto, coisa que eu fazia há dez anos, não significava nada. Era apenas um dia em que dava tudo errado. *Outro* dia em que dava tudo errado. Não era inédito. Sempre havia algo pior que poderia e *iria* acontecer, algum dia, alguma hora. Era fácil ignorar as coisas quando você pensava que tinha tudo.

Mas era quando você começava a considerar as coisas mais básicas que a vida decidia te ensinar que você é uma idiota ingrata.

E, naquele dia, o que eu estava garantindo como certo era aterrissar de um salto triplo Salchows, o mesmo que eu vinha fazendo há anos. Não eram os saltos mais fáceis na patinação artística — consistiam em três rotações iniciais, enquanto patinava para trás na borda traseira interna da lâmina dos patins antes do salto e, em seguida, era necessário um pouso na borda externa traseira da lâmina com o pé oposto ao qual você pulou —, mas com certeza não estava nem perto de ser o mais difícil. Sob circunstâncias normais, era simples e natural para mim.

Mas não naquele dia; nem no anterior, aparentemente.

Esfregando as pálpebras com o dorso das mãos, respirei fundo, lentamente, erguendo os ombros e dizendo a mim mesma que precisava me acalmar e ir para casa. Sempre haveria um amanhã.

E até parece que eu ia competir tão cedo, a parte prática, mas imbecil, do meu cérebro me lembrou.

Como sempre acontecia toda vez que eu pensava sobre esse fato impressionante, meu estômago se contraiu em pura raiva... e em algo que se parecia muito com desespero.

E, assim como toda vez que isso acontecia, eu empurrava essas emoções para tão, tão, *tão* fundo que eu não pudesse vê-las, tocá-las ou cheirá-las. *Elas eram inúteis*. Eu sabia. Absolutamente inúteis.

Eu não ia desistir.

Respirando fundo mais uma vez, enquanto eu inconscientemente esfregava a nádega doída, olhei em volta da pista uma última vez hoje. Observando as meninas muito mais novas do que eu ainda aproveitando o treino que estava acontecendo no momento, evitei uma careta. Havia três, mais ou menos da minha idade, mas as outras eram todas adolescentes. Talvez não fossem tão boas quanto eu era na idade delas, mas ainda assim... *Elas tinham suas vidas inteiras pela frente*. Somente na patinação artística, e talvez na ginástica, você poderia ser considerada velha aos 26 anos.

Sim, eu precisava chegar em casa, me deitar no sofá e ver um pouco de televisão para superar este dia de merda. Nada de bom aconteceria comigo se eu continuasse morrendo de pena da minha bunda. Nada.

Não precisei de mais do que alguns segundos para abrir caminho em meio às outras pessoas no gelo, prestando atenção suficiente para não colidir com ninguém antes de chegar à mureta que circundava a pista. No mesmo lugar onde sempre guardava meus protetores de lâmina, peguei os pedaços de plástico e deslizei-os pelas lâminas de quatro milímetros de largura, presas às minhas botas brancas, antes de pisar em chão firme.

Tentei ignorar a sensação de aperto no meu peito, que significava nada mais do que frustração por ter caído tantas vezes naquele dia, mas talvez não fosse só isso.

Não estava a ponto de acreditar que as chances eram altas de estar perdendo tempo vindo ao Complexo Lukov de Patinação Artística no Gelo duas vezes por dia para treinar, na esperança de um dia competir novamente, porque a ideia de desistir parece um desperdício total dos últimos dezesseis anos da minha vida. Como se eu não tivesse basicamente abdicado da minha infância por nada. Como se eu não tivesse sacrificado relacionamentos e experiências humanas normais por um sonho que já fora tão grande que nada nem ninguém poderia tirá-lo de mim.

Como se o meu sonho de ganhar uma medalha de ouro... de pelo menos ganhar um campeonato mundial, até mesmo um nacional... não tivesse sido quebrado em pedaços minúsculos, do tamanho de confetes, nos quais eu ainda estava agarrada, embora uma parte de mim tivesse percebido que tudo isso me machucava mais do que me fazia bem.

Não.

Não era nenhuma dessas ideias e possibilidades que fazia meu estômago doer quase diariamente e me deixava enjoada naquele momento.

Eu precisava relaxar. Ou talvez me masturbar. Algo tinha que ajudar.

Afastando a sensação de merda do meu âmago, dei a volta na pista e continuei pelo corredor que levava aos vestiários, no meio da multidão. Já havia pais e filhos rondando a pista, preparando-se para as aulas noturnas; as mesmas nas quais comecei aos nove anos, antes de passar por grupos menores e depois as aulas particulares com Galina. Os bons e velhos tempos.

Mantive a cabeça baixa para evitar contato visual com alguém e segui em frente, passando por outras pessoas que se esforçavam para evitar o meu olhar também. Mas foi só quando eu estava descendo o corredor em direção ao local onde as minhas coisas estavam que vi um grupo de quatro adolescentes em pé, fingindo se alongar. Fingindo porque você não conseguiria se alongar adequadamente se estivesse ocupada movimentando a boca.

Pelo menos, foi o que me ensinaram.

— Oi, Jasmine! — uma delas me cumprimentou; uma garota legal que, até onde eu conseguia me lembrar, sempre se esforçava para ser amigável comigo.

— Oi, Jasmine — a garota ao seu lado disse também.

Não pude deixar de acenar para elas, mesmo enquanto contava o tempo que levaria para chegar em casa, fazer algo para comer ou colocar no micro-ondas algo que minha mãe havia feito, e, provavelmente, sentar e assistir TV. Talvez, se o treino tivesse sido melhor, eu quisesse fazer outra coisa, como correr ou até ir à casa da minha irmã, mas... isso não iria acontecer.

— Tenham um bom treino — murmurei para as duas gentis meninas, lançando silenciosamente um olhar para as outras duas que estavam em frente a elas e que pareciam familiares. Havia uma aula para patinadores intermediários começando e imaginei que estavam matriculadas. Eu não tinha motivos para prestar atenção nelas.

— Obrigada, você também! — a primeira garota que falou comigo gritou antes de fechar a boca e ficar com um tom de vermelho que eu só vi em uma pessoa no passado: minha irmã.

O sorriso que apareceu na minha boca foi genuíno e inesperado — porque a garota me fez pensar em Pequenina —, e eu pressionei meu ombro na porta de vai e vem do vestiário para empurrá-la. Mal dei um passo, o ombro ainda segurando a porta aberta, quando ouvi alguém dizer:

— Não sei por que você fica tão animada em vê-la. Ela poderia ter sido uma boa patinadora, mas sempre se ferrou, e sua carreira de duplas nem merece menção.

Então... eu parei. Ali mesmo. Com a porta meio aberta. E fiz algo que sabia que era uma má ideia: decidi ouvir.

Escutar atrás da porta nunca deu certo para ninguém, mas fiz isso de qualquer maneira.

— Mary McDonald é uma patinadora de duplas melhor...

Então tocaram na ferida.

Respire, Jasmine. Respire. Cale a boca e respire. Pense no que você vai dizer. Pense em quão longe você chegou. Pense sobre...

— ... caso contrário, Paul não teria se unido a ela nesta última temporada —concluiu a garota.

Agressão era contra a lei. Mas seria um agravante bater em uma adolescente?

Respire. Pense. Seja agradável.

Eu tinha idade suficiente para ser mais prudente. Sabia disso. Tinha idade suficiente para não me ofender por uma bocetinha adolescente que provavelmente ainda não havia nem passado pela puberdade, mas...

Bem, minha carreira na patinação de duplas era um assunto doloroso para mim. E, por assunto doloroso, eu queria dizer uma bolha sangrenta que se recusava a curar. Mary McDonald e Paul, *O Pedaco de Merda Idiota que eu queimaria vivo?* Precisei assistir o suficiente de A Família Sol-Lá-Si-Dó, tarde da noite, quando não conseguia dormir para entender completamente o conflito de Jan com Marcia. Eu também a teria odiado. Assim como odiava Mary McDonald.

— Você já viu todos os vídeos dela on-line? Minha mãe diz que ela se comportava mal, por isso nunca ganhou; os juízes não gostam dela — a outra garota tentou sussurrar, mas falhou porque eu podia ouvir sua voz clara como cristal.

Eu não precisava fazer isso. Não precisava fazer nada. Elas ainda eram crianças, tentei dizer a mim mesma. Não sabiam a história toda, nem parte dela. A maioria das pessoas não sabia e nunca saberia. Eu aceitei e superei.

Mas então uma delas continuou falando, e eu sabia que não seria capaz de ficar quieta e deixá-las acreditar em suas baboseiras. Há muitas coisas que uma pessoa pode suportar em um bom dia, mas aquele não havia sido bom desde o início.

— Minha mãe disse que a única razão pela qual ela ainda treina aqui é porque é amiga de Karina Lukov, mas supostamente ela e Ivan não se dão bem.

Eu estava *tão* perto de bufar. Ivan e eu não nos dávamos bem? Era assim que elas encaravam? *Ok*.

— Ela é meio puta.

— Ninguém ficou surpreso por não conseguir outro parceiro depois que Paul a deixou.

E lá estava.

Talvez, se elas não tivessem usado a palavra puta, eu pudesse agir como uma pessoa melhor, mas que se fodesse, eu tinha um metro e sessenta de altura e não fui criada para ser esse tipo de pessoa.

Antes que eu pudesse resistir, virei-me e coloquei a cabeça para fora da porta, encontrando as quatro garotas exatamente onde estavam um momento atrás.

— O que você acabou de dizer? — perguntei lentamente, evitando a parte do *suas filhas da puta sem talento que nunca vão conseguir porra nenhuma*. Fiz questão de olhar diretamente para as duas que não tinham me dito oi, cujas cabeças quase viraram de horror em minha direção no momento em que comecei a falar.

— Eu... eu... eu... — uma delas gaguejou enquanto a outra parecia prestes a cagar em seu collant e meia-calça. Que bom. Eu esperava que se cagasse mesmo. E que tivesse uma textura parecida com diarreia, para que escorresse por todos os lados.

Olhei para cada uma delas pelo que pareceu um minuto, vendo seus rostos ficarem vermelhos, e ficando feliz por isso... mas não tanto quanto eu normalmente poderia ter ficado se não estivesse mais chateada comigo mesma do que com elas. Erguendo as sobrancelhas, inclinei a cabeça na direção do corredor que eu tinha acabado de atravessar para os vestiários e dei um sorriso que mal se

parecia com um.

— Foi o que pensei. Vocês deveriam ir para o treino antes que se atrasem.

De alguma forma, consegui não adicionar o *filhas da puta* no fim. Em alguns dias, eu merecia uma medalha por ser tão paciente com idiotas. Se houvesse uma competição para isso, eu poderia vencê-la.

Provavelmente eu nunca mais veria duas pessoas se moverem tão rápido, a menos que assistisse aos velocistas nas Olimpíadas. As duas garotas mais legais pareciam um pouco horrorizadas, mas me deram um sorriso rápido e inquieto antes de seguirem as outras, sussurrando algo que só Deus saberia.

Garotas como aquelas duas merdinhas foram a razão pela qual parei de tentar fazer amizade com outras patinadoras desde cedo. Mini filhas da puta. Ergui meu dedo do meio para suas costas indo pelo corredor, mas isso não me fez sentir melhor.

Eu precisava sair dessa. Eu realmente, realmente precisava.

Entrei no vestiário e caí em um dos bancos em frente à fileira de armários onde o meu estava; a dor no meu quadril e coxa ficara mais forte durante a caminhada. Já tive quedas muito mais fortes e mais dolorosas do que as daquele dia, mas, apesar de saber disso, você nunca se *acostuma* exatamente com a dor; quando ela acontece regularmente, você só supera mais rápido. E a realidade era que eu não estava treinando da maneira como costumava no passado, eu não podia — não quando não tinha um parceiro para praticar nem um treinador me corrigindo por horas todos os dias —, então meu corpo tinha esquecido do que deveria fazer.

Era apenas mais um sinal de merda de que o tempo e a vida continuam, mesmo quando eu não queria.

Esticando as pernas à minha frente, ignorei o punhado de adolescentes mais velhas já aglomeradas no lado oposto mais distante da porta, vestindo-se e arrumando suas botas, conversando enquanto isso. Elas não olharam para mim, e eu não fiz nada além de observá-las pelo canto do olho. Desatando meus cadarços, pensei por um segundo em tomar banho antes de decidir que seria muito trabalhoso, quando eu poderia esperar mais vinte minutos até chegar em casa para poder me trocar e usar meu grande banheiro. Tirei meu patim branco direito e, com cuidado, removi o curativo de cor nude que cobria meu tornozelo e alguns centímetros acima dele.

— *Oh, meu Deus!* — uma das adolescentes praticamente gritou do outro lado do ambiente, tornando impossível, para mim, ignorá-la. — *Você não está brincando, está?*

— *Não!* — alguém respondeu enquanto eu desamarrava meu patim esquerdo, tentando ignorar as meninas.

— *Sério?* — outra voz, ou talvez fosse a mesma do início, ecoou. Eu não saberia dizer. Não estava exatamente tentando ouvi-las.

— *Sério!*

— *Sério mesmo?*

— *Sério!*

Revirei os olhos e continuei tentando ignorá-las.

— *Não!*

— *Sim!*

— *Não!*

— *Sim!*

Sim. Eu não podia ignorar. Será que eu já tinha sido assim tão irritante? Tão menininha?

De jeito nenhum.

— *Onde você ouviu isso?*

Eu estava colocando o código no meu armário quando ouvi uma barulheira que me fez olhar por cima do ombro para encarar as garotas. Uma delas literalmente parecia estar com pressa, mostrando os dentes em um sorriso largo, e suas mãos estavam no nível do peito enquanto ela batia palmas. Outra garota entrelaçara os dedos, as palmas das mãos unidas na frente da boca e estava pulando.

O que diabos havia de errado com as duas?

— *Ouviu? Eu o vi entrar com a treinadora Lee.*

Eca!

Claro. De quem mais elas estariam falando?

Eu não me incomodei em bufar ou nem mesmo revirar os olhos quando me virei para o armário e peguei minha bolsa de ginástica, abrindo o zíper no momento em que a coloquei no banco ao meu lado para que pudesse pegar meu telefone, chinelos, e um pequena barra da Hershey's que eu guardei lá para dias como hoje. Tirei da embalagem e enfiei-a na boca antes de pegar meu telefone. A luz verde na tela piscou, dizendo que eu tinha mensagens não lidas.

Destravando-o, olhei por cima do ombro para ver as meninas ainda gritando e fazendo parecer que estavam prestes a ter um ataque cardíaco por causa do idiota. Ignorei-as e levei um tempo lendo as mensagens perdidas do grupo que foram enviadas durante o treino.

Jojo: Eu quero ir ao cinema hoje à noite. Alguém a fim?

Tali: Depende. Qual filme?

Mãe: Ben e eu iremos com você, bebê.

Seb: Não. Tenho um encontro hoje à noite.

Seb: James não quer ir com você? Eu não o culpo.

Jojo: O novo filme da Marvel.

Jojo: Seb, espero que você pegue uma DST esta noite.

Tali: Marvel? Não, obrigada.

Tali: Espero que você também pegue uma DST, Seb.

Mãe: VOCÊS PODEM SER LEGAIS UNS COM OS OUTROS?

Seb: Todos vocês podem comer merda, exceto a mamãe.

Rubes: Eu iria com você, mas Aaron não está se sentindo bem.

Jojo: Eu sei que você iria, Pequenina. Amo você. Vamos na próxima vez.

Jojo: Mãe, vamos. 7:30?

Jojo: Seb [emoji de dedo do meio]

Jojo: Jas, está a fim?

Ergui os olhos enquanto as meninas no vestiário faziam barulhos que eu não tinha certeza o que eram, imaginando o que diabos estava acontecendo com elas. Jesus Cristo, até parece que Ivan não treina aqui cinco dias por semana há milhões de anos. Vê-lo não era tão emocionante. Preferia ficar assistindo a uma demão de tinta secar.

Esfregando minhas unhas dos pés pintadas de rosa brilhante, eu as peguei e propositadamente ignorei o hematoma do lado do dedo mínimo e o início de uma bolha próxima ao dedão do pé, por causa da costura de uma nova marca de meias que eu usara no dia anterior.

— *O que ele está fazendo aqui?* — as adolescentes continuaram, lembrando-me de que eu precisava sair dali o mais rápido possível. Já havia atingido meu limite de quanto poderia aguentar naquele dia.

Olhando para o meu telefone, tentei decidir o que fazer. Ir para casa, assistir a um filme ou ir ao cinema com meu irmão, mamãe e Ben — ou como todos nós o chamávamos em segredo: número

quatro?

Preferiria ir para casa e não ao cinema lotado no fim de semana, mas...

Minha mão hesitou por um segundo antes de digitar uma resposta.

Estou, mas preciso comer primeiro. Estou indo para casa agora.

Então sorri e adicionei outra mensagem:

Seb, eu também quero que você pegue uma DST. Torcendo por gonorreia desta vez.

Enquanto isso, enfiando o telefone entre as pernas, peguei as chaves do carro no bolso da bolsa, meus chinelos e depois coloquei cuidadosamente cada um dos meus patins em um estojo protetor personalizado forrado com espuma fina que meu irmão Jonathan e seu marido haviam me dado anos atrás. Fechei a bolsa, calcei os chinelos e me levantei com um suspiro que fez meu peito apertar.

Aquele dia não tinha sido muito bom, mas melhoraria, eu disse a mim mesma.

Tinha que melhorar.

O bom era que eu não precisaria ir trabalhar no dia seguinte e geralmente não patinava aos domingos. Minha mãe provavelmente faria panquecas no café da manhã, e eu iria ao zoológico com meu irmão e sobrinha, já que ele a pegava durante o dia. Já perdi momentos suficientes na vida dela por causa da patinação artística. Agora que eu tinha mais tempo, estava tentando compensar. Era melhor fazer isso do que ficar pensando no porquê de eu ter tanto tempo livre. Estava tentando ser mais positiva, mas ainda não era tão boa assim nisso.

— *Eu não sei* — disse uma das meninas. — *Mas ele geralmente não aparece por um mês ou dois após o final da temporada, e tem quanto tempo? Uma semana desde o Mundial?*

— *Eu me pergunto se ele desfez a dupla com Mindy.*

— *Por que ele faria isso?*

— *Eu não sei. Por que ele desfez com outras antes dela?*

Eu já sabia, desde o momento em que uma delas disse o nome da treinadora Lee, sobre quem estavam falando. Havia apenas um homem no CL — como a maioria de nós chamava o Complexo Lukov de Patinação Artística no Gelo, ou Complexo Lukov, para abreviar —

com o qual aquelas meninas se importavam. Era o mesmo cara por quem todo mundo se interessava, exceto eu, pelo menos. E qualquer outra pessoa com um cérebro. Ivan Lukov.

Ou como eu gostava de chamá-lo, especialmente na sua cara, o filho de Satã.

— *Tudo o que eu disse foi que o vi. Não sei o que está fazendo aqui* — explicou uma voz.

— *Ele nunca aparece aleatoriamente, Stacy. Vamos lá. Some dois mais dois.*

— *Oh, meu Deus, ele e Mindy estão se separando?*

— *Se estão, eu me pergunto com quem ele vai patinar.*

— *Pode ser com qualquer uma.*

— *Droga, eu pagaria para fazer parceria com ele* — disse uma garota.

— *Você nem sabe nada sobre patinação de duplas, sua estúpida* — rebateu outra garota, bufando. Eu não estava ouvindo muito bem, mas meu cérebro continuou juntando os pedaços de seus comentários enquanto entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

— *Quão difícil pode ser?* — a outra voz falou com orgulho. — *Ele tem a melhor bunda do país e vence com todas. Para mim, parece bem fácil.*

Revirei os olhos novamente, especialmente na parte da bunda. A última coisa que o idiota precisava era ouvir alguém elogiá-lo. Mas ela não tinha percebido as partes mais relevantes de Ivan. Como ele era o ideal dos sonhos e o queridinho no mundo da patinação artística. O garoto-propaganda da União Mundial de Patinação para patinação de duplas. Inferno, para a patinação em geral, de fato. *A realeza da patinação*, como alguns o chamavam. *Um prodígio*, era o que usavam para se referir a ele quando era adolescente.

Ele era o homem cuja família era dona do local onde eu havia treinado por mais de uma década.

O irmão de uma das minhas únicas amigas.

O homem que nunca havia dito uma palavra gentil para mim em mais de dez anos. Foi assim que o conheci. Como o idiota que via diariamente há anos e brigava comigo de vez em quando pelas coisas mais estúpidas. A pessoa com quem eu não poderia conversar sem que um de nós acabasse insultando o outro.

Sim... eu não entendia por que ele estava no Complexo Lukov apenas uma semana depois de vencer seu terceiro campeonato mundial, dias após o término da temporada — quando ele deveria estar descansando ou de férias. Pelo menos era o que ele fazia todos os anos, desde que eu me lembrava.

Eu me importava que ele estivesse por perto? Não. Se realmente quisesse saber o que estava acontecendo, poderia perguntar a Karina. Mas simplesmente não faria isso. Não havia necessidade.

Porque Ivan e eu não iríamos competir um com o outro em breve... ou alguma vez mais, se as coisas continuassem do jeito que estavam indo.

E algo me dizia, mesmo que eu não quisesse acreditar — nunca, nunca, nunca —, que, enquanto eu estava lá, no mesmo vestiário que usava por mais da metade da minha vida, que era esse o caso: eu poderia estar acabada. Depois de tanto tempo, depois de tantos meses treinando sozinha... meu sonho poderia estar arruinado.

E eu não tinha porcaria nenhuma que valesse a pena.



— *Você ouviu as notícias?*

Dei um aperto extra nos cadarços da minha bota no vestiário antes do nó nas pontas, com força suficiente para sobreviver à próxima hora. Não precisava me virar para saber que havia duas adolescentes do outro lado do banco à minha frente em seus armários. Elas ficavam lá todas as manhãs, geralmente falando merda. Elas poderiam passar mais tempo na pista se não falassem tanto, mas não importava. Não era eu quem pagava suas mensalidades. Se tivessem minha mãe em sua cola, mudariam de hábito rapidamente.

— *Minha mãe me disse ontem à noite* — revelou a mais alta das duas, enquanto ficava de pé.

Levantei-me e mantive minha atenção à frente, revirando os ombros, mesmo que já tivesse passado uma hora me aquecendo e alongando. Talvez não estivesse patinando seis ou sete horas por dia como costumava fazer — quando alongar por pelo menos uma hora era absolutamente necessário —, mas os velhos hábitos são difíceis de perder. E sofrer por dias ou semanas com um músculo distendido não valia a hora que eu economizaria ao pular o aquecimento.

— *Ela me contou que ouviu alguém falar que acha que ele está se aposentando porque teve muitos problemas com suas parceiras.*

Aquilo, sim, chamava a minha atenção.

Ele. Aposentando-se. Tendo problemas.

Fora um milagre que eu tivesse conseguido me formar no ensino médio sem reprovações, mas até eu sabia de quem elas estavam falando. Ivan. Quem diabos mais? Além de alguns garotos mais novos, e de Paul, que passou três anos treinando comigo no Complexo Lukov de Patinação Artística no Gelo, não havia outro *ele* sobre o qual alguém falasse. Havia dois garotos adolescentes, mas

nenhum deles tinha o potencial de ir muito longe, se alguém se importasse com a minha opinião. Não que se importassem.

— *Talvez, quando ele se aposentar, vire treinador* — disse uma das meninas. — *Eu não me importaria se ele gritasse comigo o dia todo.*

Eu quase ri. Ivan se aposentando? De jeito nenhum. Não havia chance de isso acontecer aos 29 anos, especialmente quando ele ainda estava arrebrandando. Meses atrás, ganhara um campeonato nacional. E, um mês antes disso, ficou em segundo lugar na final do Grande Prêmio.

Por que diabos eu estava prestando atenção, afinal?

Eu não ligava para o que ele fazia. A vida dele era da conta dele. Todos nós tínhamos que nos aposentar algum dia. E, quanto menos eu tivesse que olhar para o rosto irritante dele, melhor.

Decidindo que não precisava me distrair no início das poucas duas horas que eu tinha no dia para praticar — principalmente por uma distração como Ivan, logo ele! —, saí do vestiário, deixando as duas adolescentes lá para perderem seu tempo fofocando. Mesmo sendo cedo, havia seis pessoas na pista, como sempre. Eu não chegava mais tão cedo quanto antes — não havia sentido —, mas eram todas as mesmas caras que eu via há anos.

Algumas mais do que outras.

Galina já estava sentada em uma das arquibancadas do lado de fora da pista com sua garrafa térmica de café, e eu sabia por experiência própria que a bebida era tão forte que parecia e tinha gosto de piche. Com seu lenço vermelho favorito enrolado no pescoço e nas orelhas, ela usava um suéter que eu tinha visto pelo menos cem vezes no passado e o que parecia um xale por cima. Juro que ela começou a adicionar outra peça de roupa ao que vestia a cada ano. Quando ela me tirou das aulas quase quatorze anos atrás, usava apenas uma camisa de mangas compridas e um xale; agora provavelmente teria morrido de frio.

Quatorze anos atrás, essas garotas ainda nem tinham nascido.

— Bom dia — eu disse, no russo capenga que aprendi ao longo dos anos.

— Olá, *yozik*¹ — ela me cumprimentou, seus olhos disparando em direção à pista por um breve momento antes de voltar para mim com um rosto que era o mesmo de quando eu tinha doze anos, resistente e severo, assim como sua pele, que parecia feita de material à prova

de balas. — Seu fim de semana foi bom?

Balancei a cabeça, lembrando brevemente que fui ao zoológico com meu irmão e sobrinha e para o apartamento dele depois para comer pizza — duas coisas que não conseguia me lembrar de ter feito no passado, incluindo a parte da pizza.

— E o seu, foi bom? — perguntei à mulher que me ensinou tantas coisas pelas quais nunca poderia dar-lhe o devido crédito.

As covinhas que ela raramente mostrava apareceram. Tinha um rosto que eu conhecia tão bem que poderia descrevê-lo perfeitamente para um desenhista se ela sumisse. Redondo, sobrancelhas finas, olhos amendoados, boca fina, uma cicatriz no queixo de quando a lâmina de um parceiro a atingiu no rosto na época de competição, outra cicatriz na têmpora por bater a cabeça no gelo. Não que ela fosse desaparecer. Qualquer sequestrador provavelmente a libertaria em uma hora.

— Eu vi meu neto.

Pensei nas datas por um segundo antes de lembrar.

— Foi aniversário dele, certo?

Ela assentiu, seu olhar se movendo para pista novamente, na direção do que eu sabia que estava a patinadora com quem ela estava trabalhando desde que a deixei para começar a patinar em dupla quatro anos atrás. Bem, eu não queria tê-la deixado, mas... não importa, não ficava com inveja por pensar na rapidez com que me substituiu. Mas, às vezes, principalmente ultimamente, isso me incomodava. Só um pouco. Apenas o suficiente.

Eu nunca a deixaria saber disso.

— Você finalmente comprou patins para ele?

Minha antiga treinadora inclinou a cabeça para o lado e encolheu os ombros, os olhos cinzentos, que me encararam inúmeras vezes, ainda fixos no gelo.

— Sim. Patins usados e videogame. Eu esperei. Ele tem quase a mesma idade que você tinha quando começou. Um pouco mais velho, mas está bem.

Ela finalmente tinha conseguido. Lembrei-me de quando ele nasceu — antes de nos separarmos — e de como conversávamos sobre ele começar a patinar quando tivesse idade suficiente. Era apenas uma questão de tempo. Nós duas sabíamos disso. Seus próprios filhos não haviam conseguido sair do nível júnior, mas isso não importava.

Mas pensar em seu neto, apenas começando, me fez sentir... quase com saudades de casa, lembrando do quanto a patinação artística era divertida naquela época. Antes da pressão esmagadora, do drama e da porra dos críticos. Antes de eu aprender o gosto de merda da decepção. A patinação artística sempre me fez sentir invencível. Porém, mais do que tudo, naquela época, me fazia sentir incrível. Eu não sabia que era possível ter a sensação de poder voar. Ser tão forte, tão bonita. Ser boa em alguma coisa, especialmente algo que me importava. Porque eu não sabia que contorcer partes do corpo, movê-las e transformá-las em formas que não pareciam ser possíveis poderia ser tão impressionante. Eu me sentia especial por correr o mais rápido possível em torno da pista oval, algo que eu não teria ideia que, anos depois, mudaria minha vida.

A risada de Galina me tirou da melancolia. Pelo menos por um momento.

— Um dia, você irá treiná-lo — ela revelou com uma risada, como se estivesse me imaginando tratando-o da maneira como me tratara, e isso a fez rir.

Eu ri com as lembranças de todas as centenas de vezes que ela me deu um tapa na nuca durante os dez anos em que trabalhamos juntas. Algumas pessoas não teriam sido capazes de lidar com o tipo de amor severo dela, mas eu secretamente a amava. Prosperei com isso. Minha mãe sempre dizia que, se alguém me dava um centímetro, eu tomava um quilômetro.

E a última coisa que Galina Petrov faria seria desistir de um único milímetro.

Mas não era a primeira vez que ela mencionava a ideia de eu treinar alguém. Nos últimos meses, quando as coisas ficaram... mais desesperadoras, quando a minha esperança de encontrar outro parceiro começou a diminuir, ela cogitou, de maneira sutil, enquanto conversávamos, essa possibilidade. *Apenas Jasmine, seja treinadora. Sim?*

Mas ainda não estava pronta para isso. Treinar seria como desistir e... eu não estava pronta. Ainda não. *Ainda não, porra.*

Mas talvez fosse a hora? Alguma voz irritante e chorona na minha cabeça sussurrou ao mesmo tempo, fazendo meu estômago apertar.

Quase como se pudesse sentir o que estava acontecendo na minha cabeça, ela bufou.

— Eu tenho coisas para fazer. Pratique seus saltos. Você não está comprometida, está pensando demais, é por isso que está caindo. Lembre-se de sete anos atrás — ela disse, sua atenção ainda na pista. — Pare de pensar. Você sabe o que fazer.

Não pensei que ela tivesse me notado, já que estava ocupada treinando outra pessoa.

Mas me concentrei em suas palavras, lembrando-me exatamente de qual período estava falando. Ela estava certa. Eu tinha dezenove anos. Aquela foi a pior temporada da minha carreira, quando eu não tinha um parceiro e patinava sozinha; aquela temporada foi o catalisador das três seguintes, que me levaram ao caminho da patinação de pares. Eu estava pensando demais, em tudo, e... bem, se eu tinha cometido um erro ao fazer a transição, era tarde demais para me arrepender.

A vida era feita de escolhas, e eu tinha feito a minha.

Assenti e engoli a velha vergonha com a lembrança daquela temporada horrível na qual ainda pensava quando estava sozinha, me sentindo mais deprimida do que o habitual.

— Era com isso que eu estava preocupada. Vou me esforçar. Vejo você mais tarde, Lina — falei para minha antiga treinadora, mexendo na pulseira no meu pulso por um momento antes de soltar as mãos e sacudi-las.

Os olhos de Galina rapidamente se moveram para o meu rosto antes de empinar o queixo de forma altiva e voltar sua atenção para a pista, gritando algo em sua voz cheia de sotaque sobre dar um salto muito devagar.

Tirando os protetores dos patins e colocando-os no lugar de sempre, pisei no gelo e foquei.

Eu poderia fazer isso.



Exatamente uma hora depois, eu estava suada e cansada como sempre ficava quando terminava uma sessão de três horas. Eu estava ficando fraca, caramba. Acabei fazendo algumas combinações de saltos — uma sequência ou pelo menos um seguido imediatamente por outro, às vezes mais dois —, mas meu coração não estava realmente focado. Eu pousava, mas por pouco, balançando e lutando

para me manter de pé, tentando ao máximo me concentrar nos movimentos e somente neles.

Galina estava certa. Eu andava distraída, mas não conseguia descobrir o que exatamente estava me distraindo. Talvez eu realmente precisasse me masturbar, correr ou fazer *qualquer coisa*. Qualquer coisa para clarear minha cabeça, ou pelo menos afastar aquele sentimento estranho que estava me seguindo por toda parte como um fantasma.

Voltei para o vestiário, apenas um pouco frustrada, e encontrei um post-it amarelo na porta do meu armário. Não dei bola. Há um mês, a gerente geral do CL havia me deixado um bilhete semelhante, pedindo que eu fosse ao escritório dela. Tudo o que ela quisera fora me oferecer uma posição como treinadora para dar aulas para iniciantes. *Outra vez*. Por que ela pensara que eu seria uma boa candidata para ensinar garotas — praticamente bebês —, eu não fazia ideia, mas disse a ela que não estava interessada.

Então, quando peguei o bilhete no armário e li lentamente: ***Jasmine, passe no escritório do CL antes de ir embora***, duas vezes, apenas para ter certeza de que li direito, não pensei muito nisso, exceto no fato de que, se o CL quisesse algo de mim, teria que ser rápido, porque eu precisava trabalhar. Meus dias eram cronometrados minuto a minuto. Eu tinha listas com meus horários em quase todos os lugares — no meu telefone, em folhas de papel no meu carro, nas minhas bolsas, no meu quarto, na geladeira —, para não esquecer ou ficar nervosa. Ser organizada, preparada e constantemente manter o controle do tempo para ser pontual era importante para mim. Assim, eu precisaria correr no banho quente e me maquiar para chegar ao trabalho a tempo, a menos que avisasse ao meu chefe.

Tirando o telefone da bolsa assim que meu armário foi destrancado, digitei uma mensagem, agradecendo ao corretor ortográfico por existir e facilitar minha vida, e enviei à minha mãe. Ela sempre mantinha o telefone por perto.

Eu: A gerente do CL quer conversar. Você pode ligar para Matty e dizer que vou me atrasar, mas chegarei o mais rápido possível?

Ela respondeu imediatamente.

Mãe: O que você fez?

Revirei os olhos e digitei uma resposta.

Eu: Nada.

Mãe: Então por que você tem que ir ao escritório deles?

Mãe: Você chamou a mãe de alguém de puta de novo?

Claro que ela nunca esqueceria disso. Ninguém esqueceria.

Além disso, havia o fato de eu não ter contado a ela sobre as outras três vezes que a gerente me chamou para ir ao escritório para tentar me convencer a ser treinadora.

Eu: Eu não sei. Talvez meu cheque da semana passada tenha sido devolvido.

Aquilo era uma piada. Ela sabia melhor do que ninguém quanto custavam as despesas do CL. Pagara por elas por mais de uma década.

Eu: Não. Não chamei a mãe de ninguém de puta novamente, mas aquela mereceu.

Sabendo que ela responderia quase imediatamente, coloquei meu telefone de volta no armário e decidi que poderia respondê-la em um minuto. Apressando-me no banho depois de arrumar minhas coisas, vesti a calcinha, o jeans, a camisa de colarinho, as meias e os sapatos mais bonitos que pude comprar em tempo recorde. Quando terminei, verifiquei meu telefone novamente e descobri que minha mãe havia respondido.

Mãe: Você precisa de dinheiro?

Mãe: Ela mereceu.

Mãe: Brigou com alguém recentemente?

Matava-me por dentro o fato de ela ainda me perguntar se eu precisava de dinheiro. Como se ela não tivesse gastado o suficiente ao longo dos anos, mês após mês. Temporada fracassada após temporada fracassada.

Pelo menos, eu não estava mais pedindo nada a ela.

Eu: Estou bem em relação a dinheiro. Obrigada.

Eu: Eu não briguei com mais ninguém.

Mãe: Você tem certeza?

Eu: Sim, tenho certeza. Eu saberia, né?

Mãe: Mesmo?

Eu: Sim.

Mãe: Tudo bem se tiver brigado. Algumas pessoas merecem.

Mãe: Até eu quero dar um soco em você às vezes. Acontece.

Eu não pude deixar de rir.

Eu: Eu também.

Mãe: Você quer me dar um soco na garganta?

Eu: Não há resposta certa para essa pergunta.

Mãe: Ha ha ha ha.

Eu: Eu nunca fiz isso. Ok?

Fechando minha bolsa, peguei as alças, segurando minhas chaves, e saí de lá o mais rápido possível, basicamente correndo por um corredor e depois outro para ir em direção à parte do edifício onde os escritórios administrativos ficavam. Eu teria que comer o sanduíche de clara de ovo que deixei na lancheira no meu carro enquanto dirigia. Assim que cheguei à porta, digitei outra mensagem, ignorando meus erros de ortografia, o que normalmente não fazia.

Eu: Sério, mãe. Você pode ligar p a ele?

Mãe: SIM.

Eu: Obg.

Mãe: Te amo.

Mãe: Me avise se precisar de dinheiro.

Minha garganta apertou por um momento, mas não respondi. Eu não avisaria, mesmo se precisasse. Não mais. Pelo menos não se eu pudesse evitar, e a verdade era: eu me tornaria stripper antes de precisar chegar a esse ponto novamente. Ela já tinha feito o suficiente.

Segurando um suspiro, bati na porta do escritório da gerente geral, pensando que realmente queria que qualquer conversa só durasse dez minutos, para que não me atrasasse demais para trabalhar. Eu não queria tirar vantagem do melhor amigo da minha mãe pedindo que fosse indulgente comigo.

Girei a maçaneta no segundo em que ouvi uma voz dentro do escritório gritar:

— Entre!

Vamos acabar com isso, pensei, abrindo a porta.

O problema naquele momento era que nunca fui fã de surpresas. Nunca. Nem quando era pequena. Sempre gostei de saber no que

estava me metendo. Nem preciso dizer que ninguém nunca me fez uma festa surpresa de aniversário. A única vez que meu avô tentou fazer, minha mãe me avisou com antecedência e me fez jurar que fingiria espanto. E foi o que fiz.

Eu estava pronta para enfrentar a gerente geral, uma mulher chamada Georgina, com quem sempre me dei bem. Eu ouvia algumas pessoas a chamarem de durona, mas, para mim, ela era apenas determinada e não aguentava merda das pessoas, porque não precisava.

Então, fiquei chocada pra caramba quando a primeira pessoa que vi sentada no escritório não foi Georgina, mas um rosto familiar, de cinquenta e poucos anos, com um terninho azul-marinho e um coque que estava tão arrumado que as únicas outras vezes que eu já tinha visto alguém tão perfeito foi durante as competições.

E fiquei ainda mais surpresa quando vi a segunda pessoa no escritório, sentada do outro lado da mesa.

Minha terceira surpresa veio ao perceber que a gerente geral não estava à vista.

Apenas... eles.

Ivan Lukov e a mulher que passou os últimos onze anos treinando-o.

Alguém com quem eu não conseguia conversar sem discutir, e outra que tinha dito talvez vinte palavras para mim ao longo de onze anos.

O que diabos está acontecendo?, eu me perguntei, antes de fixar meu olhar na outra mulher, tentando descobrir se havia interpretado mal o bilhete no meu armário. Não era o caso... ou era? Eu li sem pressa. Eu tinha lido duas vezes. Normalmente, não costumava mais me matar para ler as coisas.

— Eu estava procurando por Georgina — expliquei, tentando ignorar a frustração instantânea que senti com a possibilidade de ter interpretado mal as palavras do post-it. Eu odiava me confundir. *Odiava*. E fazer papel de idiota na frente deles era ainda pior, droga! — Vocês sabem onde ela está? — Quase gemi, ainda pensando no bilhete.

A mulher sorriu com facilidade, não como se eu tivesse interrompido algo importante, nem como eu se fosse alguém que ela basicamente ignorou por anos, o que imediatamente me deixou ainda

mais tensa. Ela nunca tinha sorrido para mim antes. Na verdade, acho que nunca a vi sorrir.

— Entre — disse ela, o sorriso ainda grande. — Deixei o bilhete no seu armário, não Georgina.

Eu teria me sentido aliviada por não ter interpretado mal as palavras, mas, naquele momento, estava muito ocupada imaginando por que diabos estava ali e por que ela havia me enviado o bilhete... E por que diabos Ivan estava sentado na sala sem dizer nada.

Como se estivesse lendo a minha mente, o sorriso da mulher se ampliou, tentando me tranquilizar, mas aconteceu o contrário.

— Sente-se, Jasmine — pediu ela, em um tom que me fez lembrar que havia treinado o idiota à minha esquerda em dois campeonatos mundiais. O problema era que ela não era minha treinadora, e eu não gostava de pessoas me dizendo o que fazer, mesmo quando tinham o direito. Ela também não foi particularmente gentil comigo. Não foi rude, mas também não foi simpática.

Quero dizer, eu estava confusa, mas não significava que iria esquecer disso.

Por dois anos, participei das mesmas competições que Ivan. Eu era competitiva, e eles também. Era mais fácil querer vencer alguém de quem você não é amigo. Mas isso não explicava os anos anteriores, quando patinava sozinha e não tinha nada a ver com ele. Tentei me lembrar de algum momento em que ela tivesse sido amigável comigo... mas não havia nenhum. Não que eu quisesse ou precisasse, mas ainda assim...

Então, ela não deveria ter ficado surpresa quando tudo que fiz foi erguer as sobrancelhas.

Aparentemente, ela decidiu que erguer as sobrancelhas de volta para mim era a melhor maneira de responder.

— Por favor? — Ela quase souou meiga.

Eu não confiava naquele tom, nem nela.

Não pude deixar de desviar o olhar na direção das cadeiras em frente a ela. Havia apenas duas, e uma delas estava ocupada por Ivan, que eu não via desde que ele partira para Boston antes do Mundial. Suas pernas longas estavam esticadas, os pés, que eu já tinha visto mais em patins do que em sapatos normais, escondidos embaixo da mesa que sua treinadora havia assumido. Mas não foi o jeito preguiçoso com que ele estava sentado ali, com os braços

cruzados no peito, mostrando o abdômen esbelto e o torso esguio, ou a gola azul-marinho que dava vida à pele quase pálida do rosto e que deixava as outras garotas do centro malucas, o que chamou minha atenção por um longo período de tempo. Foram seus olhos cinza-azulados, totalmente confusos para mim, que me fizeram parar. Nunca esqueci da intensidade da cor, mas sempre me deixava desconcertada, assim como não esquecia dos cílios pretos que os rodeavam também.

Então havia tudo mais a respeito daqueles olhos.

Aff.

Tantas garotas enlouqueceram com aquele rosto, seus cabelos, seus olhos, sua silhueta patinando, seus braços, suas longas pernas, a maneira como ele respirava, a pasta de dente que ele usava... Era chato. Até meu irmão o chamava de cara bonito — ele também chamava o marido da minha irmã de cara bonito, mas esse não era o ponto. Se isso não bastasse, as meninas adoravam os ombros largos que o ajudavam a segurar suas parceiras à distância de um braço inteiro acima da cabeça, com um único pé equilibrado na lâmina. Eu tinha visto mulheres desmaiarem por uma bunda para a qual eu não precisava olhar para saber que devia ser um exemplo perfeito de um belo bumbum — glúteos torneados eram praticamente obrigatórios nesse esporte.

E, se eu tivesse que escolher sua melhor característica, aqueles olhos assustadores seriam a resposta.

Mas não era o caso. O diabo não tinha qualidades redentoras.

Eu olhei para ele, e aquele rosto malvado de garoto bonito me encarou. Ele não olhava para outro lugar além do meu rosto, não franziu a testa, nem sorriu, nem nada.

E aquela merda me deixou nervosa.

Ele apenas... olhava. Com a boca fechada. Com suas mãos e dedos enfiados sob as axilas.

Se eu fosse outra pessoa, ele teria me deixado desconfortável com aquele olhar. Mas eu não era sua fã. Eu o conhecia bem o suficiente para não me distrair com o macacão segunda pele que ele usava sobre sua silhueta natural. Ele treinava muito, então era muito sarado. Mas não era um unicórnio. Definitivamente não era um Pégaso. Ele não me impressionava.

Além disso, eu estava presente quando a mãe dele lhe deu uma

bronca por responder a ela, uma vez, anos atrás, então isso me ajudava a não me impressionar.

— O que está acontecendo? — perguntei devagar, encarando o rosto semifamiliar de Ivan por mais um segundo antes de finalmente voltar meu olhar para a treinadora Lee, que estava quase debruçada sobre a mesa; se é que alguém com sua postura era capaz de se debruçar, com os cotovelos firmemente plantados, o fino e escuro contorno das sobrancelhas ainda erguido, em uma expressão de interesse. Ela ainda era tão bonita quanto quando competia. Assisti vídeos dela nos anos 1980, quando fora campeã nacional.

— Não é nada ruim, eu prometo — ela respondeu com cuidado, como se pudesse entender minha inquietação. Ela apontou para a cadeira além da de Ivan. — Você pode se sentar?

Coisas ruins ocorriam quando alguém te pedia que se sentasse. Especialmente ao lado de Ivan. Então, isso não iria acontecer.

— Estou bem — falei, minha voz soando tão estranha quanto eu me sentia.

O que estava acontecendo? Eu não poderia ser expulsa do centro. Não tinha feito nada.

A menos que aquelas garotas de merda do fim de semana tivessem me dedurado. Droga.

— Jasmine, tudo o que precisamos é de dois minutos — disse a treinadora Lee lentamente, ainda apontando para a cadeira.

Sim, aquela merda não estava fazendo sentido, só piorando. Dois minutos? Você não pode fazer nada bom em dois minutos. Eu escovava os dentes por mais de dois minutos, duas vezes por dia.

Eu não me mexi. Eles estavam me irritando. Aqueles idiotas...

Confirmando que eu não estava ocultando meus pensamentos, a treinadora Lee suspirou de seu lugar atrás da mesa. Não deixei de perceber a forma como seus olhos deslizaram para Ivan brevemente antes de voltarem para mim. Em um terninho azul-marinho e uma camisa branca, ela parecia mais uma advogada do que a patinadora artística que fora e a treinadora que atualmente era. A mulher se mexeu na cadeira e sentou-se ereta, apertando os lábios por um momento antes de falar novamente.

— Eu vou direto ao ponto. Como você se sente estando aposentada?

Como eu me sinto estando aposentada? Era isso que todo mundo

pensava que eu estava? Uma porra de uma aposentada?

Eu não tinha escolhido não ter um parceiro e perder uma temporada inteira, mas... tanto faz. *Tanto faz*. Minha pressão sanguínea fez algo estranho que nunca havia feito antes, mas decidi ignorar isso e a palavra aposentar, pelo menos por enquanto, e decidi me concentrar na parte mais importante do que acabara de sair de sua boca.

— Por que a pergunta? — indaguei devagar, ainda preocupada. Só um pouco.

Eu deveria ter ligado para Karina.

Em um movimento direto, que eu poderia apreciar em qualquer outro momento, ela não fez rodeios. E foi isso que me surpreendeu ainda mais, porque não esperava a frase que saiu da sua boca. Seria a última coisa que eu esperaria ouvir dela. Merda, seria a última coisa que eu esperaria ouvir da boca de qualquer um.

— Queremos que você seja a próxima parceira de Ivan — disse a mulher. Somente. Isso.

Bem desse jeito.

Havia momentos na vida em que você se perguntava se usava drogas sem perceber. Como se alguém tivesse colocado LSD na sua bebida e não tivesse lhe contado. Ou talvez você tivesse pensado que havia tomado um analgésico, mas era, na verdade, um alucinógeno.

Ali, no escritório da gerente geral do CL, eu vivi um momento desses. Tudo o que eu pude fazer foi piscar. Nada mais do que isso.

Por que... *que porra estava acontecendo?*

— Se você estiver pronta para sair da aposentaria, é claro — continuou, usando a palavra aposentadoria mais uma vez, como se eu não estivesse ali, perguntando-me quem poderia ter batizado minha água com drogas alucinógenas, porque não havia como aquela merda estar acontecendo. Não havia como aquelas palavras realmente terem saído da boca da treinadora Lee.

De jeito nenhum.

Eu tinha que ter entendido mal ou simplesmente ter perdido uma parte muito grande da conversa de alguma forma, porque...

Porque...

Eu e o Ivan? Parceiros? Não havia como. Sem chance.

... não é?

1 Ouriço, em russo. (N. da T.)



Capítulo Três

Eu não gostava de sentir medo — quem diabos gosta, além de pessoas que amam filmes de terror? —, mas a verdade era que não havia muito que surtisse esse efeito em mim. Aranhas, baratas voadoras, ratos, escuridão, palhaços, altura, carboidratos, ganhar peso, morte... nada disso me assustava. Eu poderia matar aranhas, baratas e ratos. Eu poderia acender uma luz no escuro. A menos que fosse um palhaço muito grande, havia chances de eu poder chutá-lo. Eu era forte para o meu tamanho e tinha feito algumas aulas de autodefesa com minha irmã ao longo dos anos. Não tinha problema algum com altura. Os carboidratos eram ótimos e, se eu ganhasse peso, sabia como perdê-lo. E todos nós iríamos morrer algum dia. Nada disso me perturbava. Nem um pouco.

As coisas que me mantinham acordada à noite não eram físicas.

Preocupar-me em ser um fracasso e uma decepção não eram coisas que se podia consertar. Eles estavam lá. O tempo todo. E se havia uma maneira de trabalhar neles, eu ainda não havia aprendido.

Provavelmente, eu poderia contar em uma das mãos o número de vezes que me assustei na vida, e cada uma dessas vezes girava em torno da patinação artística. Uma foi a terceira vez que tive uma concussão. Meu médico na época disse à minha mãe que ela deveria considerar me fazer desistir da patinação artística — e eu realmente pensei, por um tempo, que ela me forçaria a isso. Eu me lembrava das duas concussões que se seguiram a essa, com medo de que ela caísse na real e achasse que eu não poderia correr o risco de todas as consequências de um trauma cerebral continuado. Ela não fez isso.

E nas outras vezes em que minha boca ficava seca e meu estômago se contorcia e agitava... eu não dava tanta atenção a esses momentos, não mais do que o necessário.

Mas era isso. Meu pai achava engraçado dizer que eu só tinha duas emoções: indiferença e irritação. Não era verdade, mas ele não me conhecia o suficiente para saber disso.

Mas, enquanto eu ficava ali imaginando se estava sonhando com o momento, usando drogas, ou se era real — e começando a nutrir a ideia de que era, que eu não tinha usado nenhuma droga alucinógena —, fiquei um pouco assustada. Eu não queria perguntar se era real... porque e se não fosse? E se fosse algum tipo de piada?

Eu odiava me sentir tão insegura.

Eu odiava sentir medo de que a resposta que eu estava procurando fosse uma pela qual eu provavelmente teria vendido a minha alma.

Mas minha mãe me disse uma vez que arrependimento era pior do que medo. Eu não tinha entendido até então, mas entendi naquele momento.

Foi com esse pensamento que fiz a pergunta que uma grande parte de mim não queria fazer, apenas no caso de a resposta não ser a que eu queria ouvir.

— Parceira para quê? — perguntei lentamente para ter certeza, tentando torturar meu cérebro com por que diabos eu deveria fazer parceria com ele naquele pesadelo que estava tendo, que parecia tão real.

O homem que eu assisti amadurecer a uma distância às vezes muito curta revirou aqueles olhos azuis. E, como em todas as outras vezes em que fizera a mesma coisa, estreitei os meus em troca.

— Para patinar — ele respondeu um *dãã*, como se estivesse pedindo um tapa. — O que você acha que era? Uma quadilha?

— Vanya¹! — a treinadora Lee sibilou e, pelo canto do olho, jurei que a tinha visto bater com a palma da mão na testa.

Mas eu não tinha certeza porque estava muito ocupada olhando para o espertinho sentado e dizendo a mim mesma: *Não faça isso, Jasmine. Seja superior. Cale a boca...*

Mas então uma voz menor que eu conhecia muito bem sussurrou: *Pelo menos até você descobrir o que eles realmente querem de você. Porque não pode ser isso. Não de verdade.*

— O que foi? — Ivan perguntou, ainda olhando diretamente para mim, e a única mudança em seu rosto quase inexpressivo era a sugestão de um sorriso malicioso em sua boca.

— Nós conversamos sobre isso — disse a treinadora, balançando a cabeça, e, se eu me virasse para olhá-la, teria visto que não era a única a fazer isso. Eu estava muito ocupada dizendo a mim mesma para ser uma pessoa melhor.

Mas esse comentário passou batido, e eu voltei minha atenção para a mulher, mantendo meu olhar fixo nela.

— Sobre o que vocês conversaram? — Eu poderia aceitar qualquer coisa que ela dissesse. Boa ou má. Sobreviveria a todos os tipos de coisas que pudessem ser ditas, lembrei a mim mesma. E, se meu estômago não revirasse ao pensar em coisas piores, eu me sentiria melhor.

Seu olhar se voltou para o meu antes de lançar outro frustrado ao idiota na cadeira.

— Ele não deveria abrir a boca até eu falar com você sobre tudo.

— Por quê? — deixei escapar.

Ela soltou um longo suspiro de pura exasperação — eu estava familiarizada com esse som — e seus olhos se voltaram para o homem na cadeira quando ela respondeu:

— Estamos tentando fazer você se juntar à equipe, não relembra-la do porquê de você não querer fazê-lo.

E então eu não pude deixar de virar a cabeça para rir do idiota sentado na cadeira do escritório. Seu sorriso malicioso não iria levá-lo a lugar algum, nem mesmo quando ele me encarou fazendo uma careta.

Burro, eu murmurei antes que pudesse me impedir e lembrar que deveria ser uma pessoa melhor.

Almôndega, ele murmurou de volta.

Isso arrancou o sorriso do meu rosto muito rápido, como sempre acontecia.

— Tudo bem — a treinadora Lee disse com uma risada curta que não foi nada divertida, enquanto eu ficava lá, os olhos fixos no demônio na cadeira, brava comigo mesma por deixá-lo me afetar. — Vamos voltar ao planeta Terra por um momento. Jasmine, por favor, ignore *você-sabe-quem* por um momento. Ele não deveria abrir a boca e estragar a *importante conversa que sabia que teríamos*.

Apaguei tudo para deslizar meu olhar de volta para a mulher em vez de focar na pessoa à minha esquerda.

A treinadora Lee me deu um sorriso que eu poderia classificar como desesperado e seguiu em frente.

— Ivan e eu gostaríamos que você fosse sua nova parceira. — As sobrancelhas dela se ergueram, e aquele sorriso estranho em que eu não confiava permaneceu em seu rosto. — Se você estiver interessada.

Ivan e eu gostaríamos que você fosse sua nova parceira.

Se você estiver interessada.

Eles — aquelas duas pessoas que pareciam e soavam como a treinadora Lee e Ivan — queriam que eu fosse sua nova parceira?

Eu.

Isso era uma piada, não era?

Por uma fração de segundo, pensei que Karina tivesse algo a ver com isso, mas depois decidi que não. Já fazia mais de um mês desde a última vez que nos falamos. E ela me conhecia muito bem para tentar fazer algo assim. Especialmente com este Lukov, entre todas as pessoas.

Mas era uma piada... certo? Ivan e eu? Eu e Ivan? Apenas um mês atrás, ele me perguntou se algum dia eu iria sair da puberdade. E, em resposta, eu disse a ele que sairia quando suas bolas decidissem cair.

Tudo porque nós dois tentamos entrar na pista ao mesmo tempo. Ela estava lá. A treinadora Lee nos ouviu. Eu sabia disso.

— Eu não entendo — disse aos dois lentamente, confusa, um pouco irritada e sem saber para quem diabos eu deveria estar olhando, ou que diabos eu deveria estar fazendo, porque isso não estava acontecendo, porque não fazia nenhum sentido. Nem um pouco.

Não deixei de notar como os dois se entreolharam antes de a treinadora Lee perguntar, sua expressão quase tensa:

— O que você não entende?

Que havia milhares de pessoas a quem eles poderiam recorrer, a maioria delas mais jovens do que eu — o que naquele esporte era o que todos procuravam. Não havia nenhuma razão lógica para me chamarem... além do fato de eu ser melhor do que qualquer outra garota. Pelo menos tecnicamente, e por tecnicamente eu queria dizer saltos e giros, as duas coisas que eu fazia melhor. Mas, às vezes, ser capaz de saltar mais alto e girar mais rápido não era suficiente. Outros

detalhes — habilidades em patinação, transições, desempenho e execução, coreografia e interpretação — eram igualmente importantes para a pontuação total.

E eu nunca me saí muito bem nessas coisas. As pessoas culpavam minha coreógrafa. Meus treinadores, por escolherem músicas ruins. A mim, por *não ter alma* e por não ser *suficientemente artística* e *não ter nenhuma emoção*. Meu ex e a mim, por não termos aquele fator de *unidade*. A mim, por não confiar nele tanto quanto deveria. E talvez todas essas coisas tenham sido uma parte importante do motivo pelo qual não me saí bem.

Isso e eu me sentir sufocada.

Então...

Engoli a amargura — pelo menos por um momento — e levei um tempo olhando para as duas pessoas que eu conhecia e não conhecia ao mesmo tempo.

— Você quer que eu tente ser — aponteí meu polegar na direção de onde Ivan estava sentado para ter certeza de que estávamos falando a mesma língua — parceira *dele*? — Respirei fundo pelo nariz para acalmar minha pressão arterial. — Eu?

Ela assentiu. Sem hesitação. Sem olhares de canto. Apenas um assentir limpo e nítido.

— Por quê? — Parecia mais uma acusação do que uma pergunta, mas o que diabos eu ia fazer? Agir como se não fosse nada?

Ivan bufou quando se mexeu na cadeira onde estava sentado, puxando as pernas estendidas até que seus pés estivessem plantados no chão acarpetado. Um de seus joelhos tremeu.

— Você quer uma explicação?

Não o provoque. Não o provoque. Não faça isso, Jasmine.

Eu não faria isso. Não faria.

Não faça isso.

— Sim — eu disse secamente, mas era muito melhor do que ele merecia, e um sentimento de inquietação inundava todo o meu corpo. Às vezes, as coisas eram boas demais para serem verdade. Eu nunca esqueceria disso. Não podia. — Por quê? — perguntei novamente. Não iria recuar até que tivéssemos resolvido essa merda.

Nenhum deles disse uma palavra. Ou talvez eu estivesse apenas impaciente, porque continuava falando antes de qualquer um deles.

— Todos sabemos que existem patinadoras mais jovens por aí — acrescentei, porque qual seria o dano se era exatamente o que eu pensava? Ou seja, uma mentira total. Um truque. Um pesadelo. Uma das coisas mais idiotas que alguém já fez comigo... se não fosse real.

E o que diabos estava acontecendo com a minha pressão arterial? De repente, eu comecei a me sentir mal. Segurando minha pulseira com os dedos da mão oposta, engoli em seco e olhei para aqueles dois estranhos, tentando manter minha voz firme e minhas emoções sob controle.

— Quero saber por que você está me convidando. Além de haver garotas cinco anos mais novas do que eu, há algumas com mais experiência em patinação de pares. Vocês dois sabem por que não consegui encontrar outro parceiro — soltei antes que pudesse me impedir, deixando o *motivo* em aberto como uma bomba-relógio criada especificamente para mim.

O silêncio dizia que eles estavam cientes de tudo isso. Como não estariam? Anos atrás, conquistei uma reputação de merda e não consegui apagá-la, não importava o que tivesse feito. Não era minha culpa que as pessoas repetissem apenas as partes que queriam ouvir em vez de toda a história.

É difícil trabalhar com ela, Paul dissera para qualquer um que se importasse com patinação de pares e quisesse lhe ouvir.

Talvez as coisas fossem diferentes se eu tivesse explicado cada uma das minhas ações no momento em que aconteceram, mas não o fiz. E não me arrependi. Eu não ligava para o que as outras pessoas pensavam.

Pelo menos até as coisas se voltarem contra mim.

Mas já era tarde demais. Tudo o que me restava era aceitar. E foi o que fiz.

Eu tinha dado um empurrão em um patinador uma vez por apertar a minha bunda, e saí como a errada da história.

Chamei a mãe de uma das companheiras de pista de puta uma vez depois que ela fez um comentário sobre minha mãe *ter que ser ótima em boquetes* para ter um marido vinte anos mais novo do que ela, mas saí como a idiota rude da história.

Eu era, sim, difícil, porque me importava demais. Mas como diabos eu não me importaria quando aquele esporte era o motivo que me fazia acordar todas as manhãs animada?

As coisas foram se acumulando até o meu sarcasmo — e tudo o que passou a sair da minha boca — ser tomado como um comentário rude. Minha mãe sempre me avisou que algumas pessoas gostavam de acreditar no pior. Essa era uma porra de uma verdade.

Mas eu sabia quem eu era e o que fazia. Não conseguia me arrepender. Pelo menos na maior parte do tempo. Talvez a vida tivesse sido muito mais fácil se eu fosse meiga como a minha irmã ou se tivesse a personalidade da minha mãe, mas não era o caso e nunca seria.

Você é quem é na vida; ou vive o tempo todo tentando se dobrar para fazer outras pessoas felizes, ou... não.

E eu com certeza tinha coisas melhores para fazer com o meu tempo.

Eu só queria ter certeza. Se estava mesmo acontecendo o que eu pensava que estava, queria entrar com os olhos abertos. Nunca mais os fecharia esperando o melhor. Especialmente quando isso envolvia a mesma pessoa, que, depois de todas as competições, em meus dias de patinação solo, descrevia todos os erros que cometi em meus programas — as coreografias com as quais competia, uma curta e outra mais longa, chamada de programa livre — para que eu soubesse o que diabos tinha perdido. Como uma idiota maldita.

— Você está assim tão desesperado? — perguntei diretamente a ele, encontrando aqueles olhos cinza-azulados. Minhas palavras foram rudes, mas não me importava. Eu queria a verdade. — Ninguém mais quer trabalhar com você?

Os olhos gelados não se desviaram de mim. O corpo musculoso e longo não vacilou. Ele nem fez uma careta como normalmente fazia toda vez que eu abria a boca e dirigia palavras a ele.

Assim, como alguém que era muito seguro de si, de seus talentos, de seu lugar no mundo, do fato de ser ele quem estava em posição de poder, Ivan apenas me encarou como se estivesse me avaliando também. E então o idiota que eu conhecia veio à tona.

— Você sabe bem como é, né?

Aquele filho da...

— Vanya — a treinadora Lee quase gritou, balançando a cabeça como uma mãe repreendendo seu bebê por apenas dizer o que ele estava pensando. — Sinto muito, Jasmine...

Em circunstâncias normais, eu teria dito que *queria chutar a bunda*

dele, mas consegui me controlar. Ao menos um pouco. Em vez disso, olhei para aquele rosto com a estrutura óssea perfeita... e me imaginei envolvendo as mãos em torno do seu pescoço e sufocando-o. Eu nem seria capaz de contar a ninguém sobre a quantidade de controle que estava demonstrando, porque não acreditariam em mim.

Talvez eu estivesse amadurecendo.

Então olhei para Ivan por mais um segundo e pensei: *vou cuspir na boca dele na primeira chance que tiver*, e decidi que talvez a coisa de amadurecimento fosse um exagero. Felizmente, tudo o que decidi dizer foi:

— Eu sei como é isso, cara de merda.

A treinadora Lee murmurou algo baixinho que eu não ouvi claramente, mas, quando ela não me disse para não falar assim com Ivan, continuei:

— Na verdade, Satã — suas narinas se dilataram, algo que percebi muito bem —, tudo o que quero é saber se você está vindo a mim porque ninguém mais quer lidar com você, porque isso não faz sentido, então, não me julgue como uma idiota a ponto de não saber disso; ou se há outro motivo oculto que não seja tão claro. — Algo como a piada mais cruel de primeiro de abril da história. Eu poderia finalmente matá-lo, se fosse o caso.

A treinadora Lee soltou outro suspiro que chamou minha atenção para ela. Ela estava balançando a cabeça e, honestamente, parecia querer arrancar os cabelos, o que era uma expressão que eu nunca tinha visto em seu rosto antes, e isso me deixou nervosa. Provavelmente estava percebendo a verdade: Ivan e eu éramos como óleo e água. Nós não nos misturávamos. Não a menos que não precisássemos nos falar, mas mesmo assim haveria olhares raivosos e dedos do meio trocados. Vários jantares na casa de seus pais haviam acontecido dessa maneira.

Mas, depois de um momento que fez a sensação de enjoo no meu estômago chegar quase ao limite, a treinadora Lee ergueu os ombros. Olhando para o teto, ela assentiu, como se fosse mais para si mesma do que para mim, antes de finalmente dizer:

— Vou confiar que o que eu disser ficará entre nós.

Ivan fez um barulho que ela ignorou, mas eu estava muito ocupada percebendo o fato de que ela não tinha me dito para não chamar Ivan de Satã ou cara de merda para me importar.

Deixei isso de lado e foquei.

— Não tenho ninguém para quem contar — disse a ela, e era verdade. Eu era boa com segredos. Eu era muito boa com segredos.

Ela baixou o queixo e fixou o olhar em mim antes de continuar:

— Nós...

O idiota na cadeira fez outro barulho antes de se endireitar e interrompê-la:

— Não há mais ninguém.

Ele continuou:

— Seria apenas por um ano...

Espera aí.

Um ano?

Filho da *puta*, eu sabia que era bom demais para ser verdade. *Sabia* disso.

— Mindy vai tirar... a temporada de folga — explicou o homem de cabelos escuros, em um tom tenso e um pouco irritado ao se referir à parceira que teve nas últimas três temporadas. — Eu preciso de uma parceira por enquanto.

Claro. *Claro*. Ergui meu queixo para olhar para o teto e balancei a cabeça, sentindo que a pontada de decepção me cutucava bem no estômago, lembrando-me de que estava sempre lá, apenas esperando o momento perfeito para dizer que nunca iria embora.

Porque não iria mesmo.

Não conseguia lembrar da última vez que não me senti decepcionada com algo — principalmente comigo mesma.

Droga. Eu deveria ter imaginado. Por que mais ele recorreria a mim? Para ser sua parceira permanente? Claro que não.

Deus, eu era tão idiota. Mesmo que eu tivesse considerado a possibilidade por um segundo... eu era uma idiota. Eu deveria ter imaginado. Coisas boas assim não aconteciam comigo. Nunca aconteceram.

— Jasmine. — A voz da treinadora Lee estava calma, mas não olhei para ela. — Esta seria uma grande oportunidade para você...

Eu deveria apenas sair porta afora. Qual era o motivo de eu ainda estar ali, perdendo tempo, me atrasando mais e mais para o trabalho? *Jasmine idiota, idiota, idiota*.

— Você ganharia mais experiência. Estaria patinando com o atual campeão nacional e mundial — ela continuou, jogando palavras que eu estava ignorando.

Talvez estivesse na hora de pendurar meus patins. Que sinal melhor eu precisava? Deus, eu era uma idiota.

Droga. Droga, droga, droga.

— Jasmine — disse a treinadora Lee, quase docemente, quase, quase gentilmente. — Você poderia ganhar um campeonato ou pelo menos uma Copa...

E isso me fez inclinar o queixo para olhá-la.

Ela ergueu uma sobrancelha, como se soubesse que isso chamaria a minha atenção, e por boas razões.

— Você poderia facilmente encontrar um parceiro depois disso. Posso ajudar. Ivan poderia ajudar.

Eu ignorei a parte de Ivan me ajudar a encontrar um parceiro, porque eu duvidava que isso fosse acontecer, mas... mas... o que eu não ignorei foi o resto.

Um campeonato. Porra, um *uma Copa*. Qualquer Copa.

Na verdade, eu não ganhava um desde os meus primeiros anos antes de mudar para o nível sênior, que era onde eu estava naquele momento — e estava há anos.

E havia outra coisa: a treinadora Lee iria me ajudar a encontrar um parceiro.

Mas principalmente: uma porra de um campeonato. Ou pelo menos uma chance disso, uma possibilidade real. *Esperança*.

Era como um estranho oferecendo um doce a uma criança para que ela entrasse em seu carro, e eu era a criança idiota. Exceto que, em vez de doces, aquela mulher e aquele merdinha estavam me oferecendo as duas coisas que eu queria mais do que qualquer coisa na vida. Era o suficiente para eu parar de pensar e ficar de boca fechada.

— Pode parecer um grande esforço, mas, com muito trabalho duro, achamos que funcionaria — continuou ela, seu olhar direto. — Não vejo como não poderia funcionar, se for totalmente honesta. Ivan não teve um ano ruim em quase uma década.

Espera.

A realidade se instalou em minha mente, e eu comecei a pensar no

que ela estava realmente dizendo e assumindo.

Nós teríamos que ganhar um campeonato em menos de um ano?

Deixando de lado o fato de que ela disse que Ivan nunca teve um ano ruim, enquanto eu tive tantos anos ruins que era como se pudesse estragar tudo para ele.

Ela estava dizendo que teríamos que ganhar um campeonato em menos de um ano.

Merda. A maioria das novas equipes de patinação de duplas tirava uma temporada inteira para aprender a patinar um com o outro, para trabalhar em elementos técnicos — de saltos a levantamentos e arremessos — até conseguirem executá-los sem problemas... e, mesmo assim, as coisas poderiam ficar difíceis depois de doze meses. Patinação de duplas tinha a ver com unidade, confiança, tempo, antecipação e sincronização. Tratava-se de duas pessoas quase se tornando uma, mas ainda, de alguma forma, mantendo sua individualidade.

E o que eles estavam pedindo era algo que só tínhamos meses para fazer — para aperfeiçoar — até que a coreografia fosse aprendida e depois dominada. Meses para fazer o que normalmente levaria um ano ou mais.

O que era quase impossível. Mas era isso que eles queriam.

— Você quer um campeonato, não quer? — Ivan questionou, como uma adaga diretamente no meu peito.

Eu olhei para ele, sentado ali, de calça e suéter grosso, o cabelo que era mais comprido no topo e raspado nas laterais, com um estilo perfeito na nuca, a estrutura óssea maravilhosa graças a gerações de criação seletiva, o que o tornava o menino de ouro que ele era, e eu engoli o nó na garganta que parecia do tamanho de uma toranja... se esta fosse coberta por espinhos.

Será que eu realmente queria a única coisa pela qual sacrifiquei a maior parte da minha vida?

Será que queria a oportunidade de continuar? Para ter um futuro? Para finalmente deixar minha família orgulhosa?

Claro que sim. Eu queria tanto que minhas mãos estavam suadas, e tive que escondê-las nas costas para que nenhum deles pudesse me ver limpando-as nas calças de trabalho. Eles não precisavam saber o quanto eu necessitava daquilo.

Mas que se *fodesse*.

Um ano para a coisa que eu mais queria. Para um campeonato. Algo pelo qual minha mãe quase faliu, pelo que toda a minha família sempre sonhou para mim. O que eu sempre esperei que acontecesse, mas que sempre falhei.

E agora, por um ano, eu poderia me juntar àquele idiota, alguém que poderia me dar a melhor chance que já tive de conseguir o que comecei a acreditar que estava perdido.

Voltando à realidade.

Não tinha certeza se venceríamos. Não havia promessas de que, mesmo se vencêssemos alguma coisa, qualquer coisa, eu conseguiria um parceiro definitivo. Não havia garantias de que as coisas funcionariam. Tive sorte na minha carreira por não me machucar regularmente, mas poderia acontecer e, às vezes, esses ferimentos arruinavam a temporada.

Além disso, eu só podia começar a imaginar todo o trabalho que teríamos para ficarmos prontos.

Planos que interfeririam em outros planos que eu fiz e dos quais não poderia desistir porque fiz promessas. E eu levava minhas promessas a sério.

— Queremos que seja uma transição fácil. São negócios. Mindy gosta de manter sua vida privada em particular. Ivan também — disse ela, como se eu não soubesse disso. Karina nem tinha uma conta no Picturegram e usava um nome falso no Facebook.

— Nosso foco seria o esporte. — A treinadora Lee demorou a explicar, me observando atentamente enquanto eu ficava ali parada, tentando processar tudo e falhando miseravelmente. — Sobre você, Jasmine, é bom que esteja treinando na mesma instalação que Ivan há anos. Você também é amiga da família. É um rosto conhecido no meio e é talentosa. Você tem a experiência necessária para competir neste nível sem precisar começar do zero, o que não podemos nos dar ao luxo de fazer com esse prazo. Podemos trabalhar com o que você tem a oferecer. — Ela fez uma pausa, olhou para Ivan e lançou uma última cartada. — A diferença de idade entre vocês dois também ajuda. Sinto fortemente que você seria uma boa parceira para Ivan.

Ah.

A diferença de idade. Meus vinte e seis em relação aos quase trinta de Ivan. Este era um ponto no qual eu não havia pensado. Seria estranho se aquele homem crescido fizesse parceria com uma

adolescente. Isso provavelmente o machucaria mais do que o ajudaria.

Depois, houve o comentário dela sobre eles serem capazes de *trabalhar* com o que eu poderia oferecer para aquela parceria, mas pensaria nisso mais tarde. Bem mais tarde. Quando eu não estivesse ali, como o centro das atenções, sentindo como se meu mundo inteiro tivesse sido arrancado de mim, ao mesmo tempo em que parecia ter sido devolvido.

Seria muito trabalho. Não havia promessas. Eu tinha uma vida fora dali, que construí lentamente, embora não necessariamente a desejasse; uma vida que eu ainda estava construindo e que não podia simplesmente ignorar.

Aqueles eram todos os fatos. Mas...

Eu precisava pensar. Pensar primeiro, responder depois, ou algo assim, certo? Já sabia quais problemas poderia ter quando abria a boca antes de perceber o que sairia dela.

Respirei fundo pelo nariz e perguntei a primeira coisa que me veio à mente.

— Seus patrocinadores concordariam com isso? — Porque eles poderiam tentar me recrutar se quisessem, mas, se os patrocinadores dissessem não, será em vão. Não que eu tivesse tido mais do que um punhado de patrocinadores em toda a minha carreira, isso se eu não incluísse todos os vestidos que minha irmã fez para mim, o que consistia em todos eles. Ainda consegui meus patins de graça, mas sabia como funcionava para as pessoas que venciam, que eram os patinadores que as pessoas realmente gostavam. Ivan não precisava de ajuda financeira, mas eles ainda eram necessários.

Os patrocinadores e a FAP, a Federação Americana de Patinação, poderiam odiar a ideia de nós dois juntos, e eu não iria permitir que construíssem essa ilusão na minha cabeça e depois a arrancassem de mim.

A treinadora Lee encolheu os ombros quase imediatamente.

— Não seria um problema. As pessoas podem se recuperar de situações ruins, Jasmine.

Por que aquele comentário me fazia sentir como uma viciada em drogas?

Ela continuou a falar antes que eu pudesse refletir sobre sua escolha de palavras.

— Você pode recuperar sua imagem. Isso não seria um problema. Com as decisões corretas, funcionaria bem. Nós apenas precisaríamos que você... se alinhasse às mudanças que faremos.

Sua última frase era espinhosa. Ela estava admitindo que havia algo de errado comigo, mas eu sabia disso. Ainda assim, uma coisa era reconhecer que eu tinha problemas, outra era ela fazer isso.

— Mudanças de que tipo? — perguntei, demorando-me em minhas palavras enquanto olhava entre ela e Ivan em busca de dicas. Porque, se eles me dissessem que eu precisava de uma repaginada no visual, ou que eu teria que começar a beijar bebês... ou me tornar uma esnobe, como se fosse uma santidade... não ia rolar. Nunca. Tentei ser uma princesa do gelo uma vez, quando era muito jovem para entender as coisas. Meiga, apropriada, angelical e doce. Durou cerca de trinta minutos. Agora, eu estava velha demais para fingir ser essa perfeita rainha da beleza que não xingava e que cagava arco-íris no café da manhã, tudo para as pessoas gostarem de mim.

A treinadora Lee inclinou a cabeça para o lado.

— Nada absurdo. Podemos conversar sobre isso depois.

Depois?

— Vamos falar sobre isso agora. — Eu não iria pensar em proposta alguma antes de saber no que estava me metendo.

Ela franziu o nariz antes de fazer um ruído.

— Eu não sei. Só estaria fazendo suposições...

— Ok.

Ela desviou os olhos por um segundo antes de voltar para mim.

— Ok. — Seu encolher de ombros quase parecia desconfortável. — Talvez você possa sorrir mais.

Pensei ter ouvido Ivan bufar, mas não tinha certeza.

— Vocês poderiam fazer sessões de fotos juntos, uma de gala ou duas. Sua presença nas redes sociais precisa ser melhorada, ser mais ativa, mesmo que seja publicar uma foto da sua vida fora das pistas de vez em quando, faria uma grande diferença.

Ela queria que fizéssemos tudo isso sendo que só seríamos uma dupla por um ano? Ela estava brincando comigo?

Então foi quando percebi.

Um sentimento quase doentio fez minha nuca coçar quando finalmente processei seu pedido por melhoras nas minhas redes

sociais. Eu já tive contas diferentes, mas acabei excluindo todas depois de começar a perder o sono. *Eu deveria contar isso a ela*, talvez, mesmo que minha cabeça me dissesse que não seria nada bom postar fotos minhas on-line.

Eu provavelmente também deveria admitir para ela que ia precisar de... ajuda extra. Mas não consegui. Não se isso significasse que eu perderia essa oportunidade, o que poderia acontecer.

Aquela era a minha chance. Provavelmente a última.

Poderia ser seguro. Não poderia? Eu poderia tomar cuidado com o que postava. Ser mais cuidadosa. Ficar em alerta se as coisas voltassem a acontecer. Especialmente se essa oportunidade fosse real.

Eu poderia gravar nossos treinos para praticar mais tarde, sozinha. Já tinha feito isso antes. Minha mãe e irmãos ajudariam se eu pedisse. Eu poderia ficar mais focada e fazer Ivan patinar primeiro e só depois começarmos a coreografia. Eu poderia conseguir. Poderia fazer funcionar sem dizer a eles.

Tudo era possível... não era? Eu era forte, inteligente e não tinha medo de trabalhar.

Só de falhar.

Então, eu mantive minha boca fechada.

— Não vamos pedir para você mudar nada importante, Jasmine. Eu te juro que não será o caso. Só preciso saber se você está disposta a fazer o melhor para a equipe. Isso vai dar muito trabalho para todos nós, mas é possível.

Eu faria qualquer coisa para ganhar. Até criar outra conta em rede social se fosse preciso. Eu mentiria, trapacearia e roubaria... até certo ponto.

Quero dizer, eu não passaria por cima de um concorrente, nem tomaria esteroides, nem faria um boquete em Ivan, mas todo o resto eu provavelmente toparia se fosse uma chance real. A julgar pelo olhar da treinadora Lee e a expressão quase dolorida no Ivan... eu estava começando a pensar que era.

Ivan era o patinador de duplas mais bem-sucedido e altamente condecorado das últimas duas décadas. Eu nem tinha conseguido passar para a Final do Grande Prêmio na última temporada. Competi e fui péssima nos nacionais. Meu ex e eu ficamos em quinto e sexto lugar nas duas competições em que participamos.

Aquela era uma oportunidade melhor do que qualquer outra que eu poderia esperar depois de ficar sem parceiro.

— Você está interessada? — a treinadora perguntou, sua expressão e tom frios e impassíveis, como se não fosse exatamente o que eu queria.

Se eu estava interessada? Dãã.

Era tudo que eu não podia ignorar.

Todas as duplas de patinadores do mundo sabiam que era preciso confiar plenamente em seu parceiro. Uma patinadora — *especialmente* do sexo feminino — praticamente colocava sua vida nas mãos do seu parceiro todos os dias. Eu não precisava dizer isso à treinadora Lee ou a Ivan. A confiança era a base de todas as parcerias. Fosse a confiança de que alguém poderia até te odiar, mas queria tanto ganhar que não poria em risco a chance, ou a confiança pura e simples que você entregava às pessoas que a conquistaram, e só podia esperar que não saísse pela culatra.

Mas eu queria ganhar. Queria *muito*. Sempre quis. Eu tinha sangrado por isso, chorado por isso, me machucado por isso, quebrado ossos, sofrido concussões, distendido quase todos os músculos do meu corpo, nunca tinha feito amigos, nunca fiz faculdade, nunca amei alguém, ignorei minha família, tudo por *isso*. Por esse amor que era maior do que quase tudo e qualquer coisa que eu já conheci. Por esse esporte que me deu a confiança de saber que eu poderia me levantar depois de cada queda.

Há um ano... seis meses atrás... aquela teria sido a resposta para todas as orações da minha vida.

Olhei para os dois, dividida entre ficar animada ou não com a chance, mesmo que fosse com a versão reencarnada de Lúcifer — e isso já mostrava o quanto eu queria, para estar disposta a não levar isso em consideração. Mas como minha mãe dizia quando nós éramos crianças e não queríamos comer o que ela tinha feito para o jantar: mendigos não podem escolher — e, ainda assim, eu ainda não podia deixar de me preocupar com o fato de que isso fosse algum tipo de jogo deles. Não seria algo inédito. De fato, não. Algumas pessoas no mundo não se importavam com o que ou quem machucavam para conseguir o que queriam.

Eu não aguentaria ser usada. De novo, não. Eu não diria a eles, mas daria tudo de mim se me dessem essa chance. *Tudo*.

Mas...

Eu assumi compromissos. Compromissos e promessas que não queria quebrar. Por mais que eu quisesse dizer sim! Sim! Sim! Eu precisava pensar sobre o assunto. Não só por minha causa, e precisei de muito, muito tempo para aceitar isso.

Eu ainda estava aceitando.

— Se isso é algum tipo de truque, ou se você vai tentar me usar para fazer ciúmes em outra patinadora do seu interesse. — Eu não podia ficar animada. Não confiava que aquelas duas pessoas não estivessem brincando comigo, independentemente de dizerem o contrário. — Nem pensem nisso. — Ivan já deveria saber que eu o mataria. Porra, sua irmã o mataria se ele fizesse isso comigo.

Houve um silêncio na sala, e eu não sabia o que isso significava. Culpa? Ou o reconhecimento de que era uma merda que eu tivesse que trazer a hipótese à tona?

— Não — disse a treinadora Lee, depois de um momento tão longo que a sala foi preenchida por uma sensação pesada que não pude ignorar. — Não é isso. Não é um truque. Queremos que você trabalhe conosco, Jasmine.

Meu coração se apertou ao ouvir que queriam que eu trabalhasse com eles, mas eu não focaria nisso.

Olhei para o homem sentado em frente à mesa, quieto, tão assustadoramente quieto e vigilante... e me perguntei o que havia feito sua outra parceira decidir tirar um ano de folga. Talvez ela fosse se casar. Talvez alguém estivesse doente. Talvez ela não aguentasse mais esse idiota e precisasse de um descanso. Eu gostaria de ter o telefone dela para poder mandar uma mensagem e perguntar. Ela sempre foi legal.

— Você pode tirar uma foto se quiser continuar olhando — falou Ivan secamente, recostando-se na cadeira.

Revirei os olhos e foquei na treinadora Lee, para esperançosamente me impedir de dizer qualquer coisa para aquele merda que arruinasse esta oportunidade. Eu poderia guardar para mais tarde.

Felizmente, a treinadora Lee revirou os olhos também, como se não estivesse surpresa com o comentário idiota dele, e se concentrou em mim, a tensão no rosto dela dizendo que estava tentando manter as coisas em um nível profissional.

— Você não precisa nos dar uma resposta agora. Pode tirar um tempo para pensar, mas precisamos saber o mais rápido possível. O tempo está passando e, se vocês dois vão competir na próxima temporada, precisamos de cada minuto para podermos nos preparar.



— Que porra há com você? — meu irmão, Jonathan, perguntou, nem cinco minutos depois de eu me sentar ao lado dele com um prato de frango à parmegiana da nossa mãe. Era algo que, um ano atrás, eu não seria capaz de comer, a menos que fosse minha refeição hipercalórica da semana. Agora, quase todos os dias eram assim. Todas as minhas calças, além de sutiãs, roupas íntimas e camisas, mostravam essa realidade. Meus malditos seios tinham aumentado um número, não que isso significasse muito. Minha mãe amaldiçoara todas as mulheres da família com picadas de mosquito do invés de seios, sendo nossa genética mais favorecida nos traseiros. Meus peitos um pouco maiores e minha bunda ainda maior eram os únicos benefícios de diminuir meu treinamento em patinação artística competitiva. Passar de seis ou sete horas por dia sobre os patins para apenas duas fazia uma diferença gigantesca.

E agora... bem, agora eu posso estar prestes a voltar a esse ponto. Talvez.

Fazia quase doze horas desde a reunião, e eu não tinha tomado uma decisão.

Se — e era um se muito grande — eu dissesse sim à proposta da treinadora Lee e de Ivan, eu teria que me despedir do pacote de M&Ms que estava comendo três vezes por semana. Era um sacrifício que eu voluntariamente faria. *Se eu aceitasse.*

Mas eu estava me precipitando. Talvez eu realmente pensasse melhor, como prometi à treinadora Lee, e decidisse que não queria arriscar tudo de novo por uma mera possibilidade. Eu precisava considerar e pesar todas as opções. Não conseguia parar de pensar nisso. Nem durante o trabalho, nem depois, durante a minha segunda sessão de treino, nem durante a aula de pilates que ainda fazia uma vez por semana.

Não me surpreendi quando entrei na garagem e encontrei um carro familiar estacionado na rua meia hora atrás. Minha família vinha

sempre que queria; não era limitado apenas a fins de semana ou feriados. Com dois irmãos mais velhos e duas irmãs mais velhas, alguém sempre vinha. Meus irmãos apareciam aleatoriamente para jantar, embora todos tivessem se mudado anos atrás, me deixando sozinha com meus colegas de quarto... ou seja, minha mãe e seu marido.

Minha mãe, meu irmão Jonathan e o marido dele, James, estavam na sala quando entrei.

A primeira coisa que qualquer um deles me disse foi:

— Vá tomar banho!

Dei ao meu irmão o dedo do meio, porque ele foi o primeiro a gritar sobre o chuveiro, e morde minha língua enquanto subia as escadas e seguia em direção ao meu quarto. Não demorei muito tempo para pegar roupas, tomar banho e me vestir — o tempo todo pensando na conversa que tive no escritório antes do dia mais distraído do trabalho que tive desde que descobri que meu último parceiro me abandonaria. Desci as escadas para encontrar minha família na cozinha, enchendo os pratos com o que mamãe fizera para o jantar. Dei um beijo na bochecha de cada um e, em troca, recebi um beijo molhado irritante do meu irmão, um beijinho de seu marido e um tapa na bunda da minha mãe, antes de começar a me servir.

Esforçando-me para não pensar constantemente em Satã e sua treinadora, eu tinha enchido meu prato com uma porção generosa de macarrão e parmegiana de frango antes de pegar um banquinho ao redor da ilha da cozinha onde estávamos todos comendo. As únicas vezes em que a sala de jantar era usada era em feriados. Eu só dei três garfadas, mastigando devagar, quando meu irmão fez a pergunta que eu deveria ter previsto. Eu estava quieta demais, e isso não acontecia com frequência.

Antes que eu pudesse pensar no que diabos lhes dizer, minha mãe fez um barulho enquanto andava pela ilha, uma mão segurando um prato, a outra mão com uma taça de vinho tão grande que ela deveria ter despejado pelo menos meia garrafa dentro dela.

— Droga, mãe. Você deveria ter trazido a garrafa ao invés de sujar uma taça. — Eu ri quando ela pousou a taça com mais cuidado do que provavelmente me manipulara quando bebê.

Ela revirou os olhos enquanto colocava o prato ao lado.

— Não é da sua conta. Eu tive um longo dia e é bom para o

coração.

Eu bufei e ergui as sobrancelhas quando finalmente tive a chance de dar uma olhada em suas roupas: jeans skinny, que eu tinha certeza de que era meu, e uma blusa vermelha que me lembrava da minha irmã usando antes de se mudar.

— *Enfim*, Zangada, como está essa sua bunda? Teve problemas no CL? — ela perguntou enquanto se sentava, alheia aos olhares que eu estava lançando a ela por ter pegado minhas roupas *emprestadas*.

Ela tinha me enviado uma mensagem no meio do dia perguntando como foi a reunião. Não respondi. Nem sequer tive a chance de pensar se queria contar a eles alguma coisa sobre a minha oferta ou não. Não que eu mentisse regularmente. Não era o caso. Mas... e se não desse certo? E se eu os empolgasse sem motivo? Já os tinha decepcionado bastante ao longo dos anos.

Sim, esse pensamento me provocava a sensação de um pedaço de vidro cortando a minha traqueia.

Desviando o olhar da mulher que fora paquerada mais em uma semana do que eu em toda a minha vida, concentrei-me novamente no meu prato, girando os dentes do meu garfo no macarrão.

— Nada — respondi rápido demais, ciente de que tinha estragado tudo ao dizer isso.

Houve três tossidas de chacota diferentes ao redor da ilha. Eu não precisava olhar para cima para saber que estavam trocando um olhar como se pensassem que eu era uma mentirosa de merda — o que eu era —, mas foi meu irmão quem finalmente bufou.

— Droga, Jas, você nem *tentou* inventar alguma coisa.

Fiz uma careta para a minha comida antes de olhar para ele e aproximar do meu rosto o dedo do meio mais perto de Jonathan e fingir esfregar meu olho com ele.

O único membro da minha família que mais se parecia comigo, com a pele bronzeada, cabelo preto e olhos escuros, colocou a língua para fora. Trinta e dois anos, e ele me deu a língua. Que putinha.

— Poderíamos ter acreditado em você se não tivesse dito “nada”. Agora sabemos que está mentindo — nossa mãe o incentivou. — *Você não vai nos contar se tem algo te incomodando?* — Ela praticamente bufou, sua atenção voltada para o frango que estava cortando em pedaços. — Ha! Desde quando você faz isso?

Era isso que eu ganhava por torná-los meus melhores amigos ao

longo dos anos. Além de Karina, com quem eu conversava cada vez menos nos últimos anos, e algumas outras pessoas com as quais não me importava, minha família era tudo para mim. Minha mãe dizia que eu tinha sérios problemas de confiança, mas, honestamente, quanto mais pessoas eu conhecia, mais não queria conhecer outras.

— Você está bem, Jas? — James, a metade muito melhor do meu irmão nos últimos dez anos mais ou menos, perguntou, com um tom preocupado.

Girando os dentes do garfo no macarrão um pouco mais, olhei para o homem mais bonito que eu já tinha visto na minha vida e assenti. Com cabelos escuros, olhos claros cor de avelã e pele em um tom de mel marrom que não dava a ninguém uma pista sobre sua herança, ele poderia namorar qualquer um. Qualquer um. Literalmente. Já vi homens heterossexuais dando uma boa olhada nele inúmeras vezes. Se ele tivesse decidido ser modelo, teria arruinado a carreira de todos os outros modelos masculinos do mundo. Até minha irmã, que era toda lésbica, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, dissera que se casaria com ele, se ele pedisse. *Eu* me casaria com ele, mesmo se ele não pedisse. Era o homem mais gentil, bonito, bem-sucedido e com os pés no chão do mundo. Todos nós o amávamos.

Ele nos amou também, mas não da mesma maneira que amava meu irmão, Jojo.

As pessoas gostavam de dizer que o amor era cego, mas não havia como o amor ser *tão* cego. Parei de tentar entender o relacionamento de Jonathan e James há muito tempo. Como ele acabou com o maior idiota da família, eu não entendia. Meu irmão tinha orelhas de Dumbo gigantes e um espaço entre os dois dentes da frente que minha mãe alegava ser tão adorável a vida toda que ele nunca se preocupou em usar aparelho. Eu tinha a mordida um pouco cruzada e usei aparelho por três anos.

Não que eu estivesse reclamando ou algo assim.

— Estou bem. Não dê ouvidos a eles — falei para James, soando distraída, o que os faria saber que estava estragando tudo de novo. Então tentei mudar de assunto e escolhi o mais óbvio: o marido da minha mãe, que deveria estar à mesa conosco... mas não estava. — Onde está Ben, mãe?

— Ele saiu com os amigos — a mulher ruiva que me deu à luz

explicou rapidamente antes de erguer o olhar e apontar o garfo na minha direção. — Não mude de assunto. O que você tem?

Claro que não deu certo.

Apenas contive um gemido enquanto enfiava um pedaço de frango na boca e mastigava lentamente antes de responder.

— Estou bem. Apenas... pensando nas coisas, e isso está me deixando de mau humor.

Meu irmão riu ao meu lado.

— Você? De mau humor? *Não diga.*

Estendi a mão antes que ele soubesse o que estava acontecendo e o belisquei na coisa insignificante que ele chamava de bíceps.

— Ai! — ele gritou, puxando o braço para longe e segurando-o.

Tentei fazer novamente, mas ele agitou o cotovelo para me impedir.

— Mãe! Olha ela! — meu irmão choramingou, gesticulando na minha direção como se houvesse alguém mais o atacando. — James, me ajude!

— Chorão — sussurrei, ainda tentando beliscá-lo.

— Cadela.

Seu marido riu, mas não escolheu lados. Não era à toa que eu gostava tanto dele.

— Pare de machucar seu irmão — disse mamãe, provavelmente pela milésima vez em toda a minha vida.

Quando ele moveu as mãos para me bloquear na área da cintura, estendi a minha, bem rápido, e o acertei no pescoço antes que ele virasse a boca para tentar me morder.

— Filhinho da mamãe — sussurrei, puxando minha mão de volta.

Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro com um sorriso, zombando de mim como sempre fazia quando mamãe ficava ao seu lado. Ela sempre ficava. Aquele babaca era seu filho favorito, mesmo que ela nunca admitisse, mas o resto de nós sabia. Eu amava meus dois irmãos, mas entendia por que minha mãe o amava mais. Se você ignorasse as semelhanças entre ele e o Pluto, ele sempre era o responsável por colocar um sorriso no rosto de alguém. Aquelas orelhas gigantes tinham esse efeito nas pessoas.

— Menina, até eu sei que algo está acontecendo com você pela forma como está falando. O que há de errado? — meu cunhado perguntou, inclinando-se sobre a mesa com uma expressão tão cheia

de preocupação que me fez sentir mais culpada do que qualquer coisa que minha mãe ou Jojo pudessem ter dito.

Eu queria contar a eles. Mas...

Eu me lembrava, e provavelmente sempre me lembraria claramente de como meu irmão chorara lágrimas de raiva quando descobrimos que fiquei sem um parceiro. Minha mãe nunca admitiria que ficara arrasada, mas eu a conhecia muito bem para não ver os sinais. Vi os mesmos sinais depois de cada casamento fracassado, quando ela sabia que sua vida mudaria para sempre e não havia como voltar a como as coisas eram antes.

Logo depois que parei de treinar para competir — porque não era possível praticar muitos elementos da patinação de duplas patinando sozinha, e eu estava totalmente ciente de quão pequenas eram minhas esperanças nos individuais femininos —, eu me fechei emocionalmente. O termo certo poderia ser depressão, mas eu não queria pensar nisso. Não era a primeira vez que acontecia; eu era uma péssima perdedora.

Não era um segredo quão triste tinha sido ver o meu sonho desaparecer... Quão brava, magoada e chateada eu fiquei. Quão brava, magoada e chateada eu ainda estava. Honestamente, parte de mim temia que eu nunca superasse isso. Eu guardava rancores como uma filha da puta. Mas toda a minha família ficava ao meu lado, ano após ano, em mais baixos do que altos, uma e outra vez.

Mais importante de tudo, todos eles ficaram ao meu lado conforme eu tentava construir essa nova vida que eu tinha fora das pistas, me forçando a fazer pequenas coisas, como jantar com a minha família enquanto tudo que eu queria era ficar sozinha no meu quarto, me obrigando a sair com eles e usando a culpa para me levar a fazer coisas para as quais não tinha tempo antes. Eles fizeram isso várias vezes até que começou a parecer natural. Todas aquelas coisas que eu não tinha feito o suficiente no passado, mas que enfim pude, uma vez que disse à minha mãe que ela não teria que continuar pagando as taxas astronômicas do meu treinador, porque não havia mais nenhum. Ele também me abandonou.

Uma coisa era eu ficar triste e com o coração partido, mas não queria que eles se sentissem assim também. Nunca mais. Não se eu pudesse impedir.

E eu ainda não tinha certeza do que ia fazer.

Minha parte egoísta queria. Dãã.

Mas a outra parte, aquela minúscula que não queria ser uma merda egoísta, não queria decepcionar minha família, voltando a ser a pessoa que eu era antes. Aquela que nunca estava por perto. Aquela que todo mundo achava que não se importava... provavelmente porque eu realmente não me importava o suficiente.

Então havia toda a parte que não tinha certeza de que eu poderia lidar com as coisas não dando certo... e isso me tornava uma covarde.

E ainda tinha o lance de ter que lidar com Ivan.

Ivan. Aff. Eu queria tanto uma chance que nem disse não imediatamente à possibilidade de passar a maior parte dos meus dias com ele. Fora nessa direção que minha vida caminhara. Ter que, possivelmente, passar tempo com aquele merda arrogante.

Eu realmente não tinha ideia do que fazer, caramba!

Então, naquele momento... eu menti.

— Acho que é só a minha menstruação chegando.

— Ahh. — Foi a resposta de Jonathan, porque falar sobre menstruação era algo comum para ele, depois de compartilhar um banheiro com três irmãs durante os primeiros dezoito anos de sua vida.

Minha mãe, por outro lado, estreitou os olhos um pouco, me observando por dois momentos muito longos. Tanto tempo que pensei que ela iria me dizer que eu estava mentindo, mas, assim que presumi isso, ela deu de ombros e depois jogou outra bomba.

— Então, é verdade que Lukov e a parceira se separaram?

Não sabia por que fiquei surpresa.

Ela sempre sabia de tudo sobre todo mundo. De alguma forma.

Foi James, marido do meu irmão, quem suspirou alto primeiro. Ele está há tanto tempo com Jonathan que esse nome já significava alguma coisa para ele. Eu me lembrava de uma época, muitos, muitos anos atrás, em que James não sabia nada sobre patinação artística. Mas agora é membro da família há tempo suficiente para saber mais sobre o esporte do que aposto que ele jamais imaginou um dia saber.

— Ele não está mais com a parceira? — Jonathan se animou, ajeitando os óculos no nariz, como se fosse a melhor fofoca que ouvia em algum tempo.

Mamãe levantou as sobrancelhas e assentiu.

— Pelo que ouvi, aconteceu alguns dias atrás.

Fiz questão de enfiar um pedaço grande de frango na boca para não fazer uma careta dizendo: *não foi bem o que aconteceu*.

Felizmente, meu irmão intrometido ofegou.

— Eles não estão juntos há alguns anos? — Jojo perguntou, direcionando a pergunta para a nossa mãe, porque ele sabia que ela tinha a fofoca completa.

— Ah-hã. A parceira antes dela caiu duas vezes na final do Grande Prêmio. Eles ganharam um bronze, mas com essa garota ele ganhou um título nacional e um mundial.

O Grande Prêmio. Mundiais. Nacionais. Eram três das competições de maior prestígio no mundo da patinação artística, e só ele conseguia estragar tudo em uma competição e ainda ganhar alguma coisa depois. Isso deveria me tranquilizar de que eu estaria fazendo uma boa escolha se aceitasse a oferta dele, mas tudo o que fez foi me deixar ressentida comigo mesma por ter me fodido tantas vezes que não tinha nada.

— Karina não contou nada sobre isso? — Minha mãe voltou sua atenção para mim.

Eu me assegurei de ainda ter frango na boca enquanto balançava a cabeça e dizia com a boca cheia:

— Ela ainda está no México. — Eles sabiam que ela estava na faculdade.

— Envie um e-mail para ela e descubra — ela pediu.

Eu fiz uma careta.

— Envie você um e-mail para ela e pergunte.

Mamãe bufou como se dissesse: *deixa comigo*.

— Vou fazer isso.

— Sempre esqueço que Karina é irmã dele — observou James, inclinando-se sobre a mesa. — Ele é tão bonito de perto, pessoalmente?

Eu ri.

— Não.

Jojo bufou.

— Tá bom! — Mas o tom me deixou tensa e me fez olhar em sua direção só para vê-lo encostado no ombro de James. Ele fingiu que estava tentando sussurrar, mas o idiota olhou para mim quando

acrescentou: — Jasmine costumava flertar com ele. Você tinha que ter visto.

Engasguei com o frango que ainda não tinha engolido antes de tossir.

— O que você acabou de dizer?

O *ha!* dele me fez erguer meu dedo do meio.

— Não minta. Você sempre voltava para casa falando sobre ele. — Aquele homem de um metro e setenta, que sempre foi um equilíbrio perfeito entre um irmão mais velho solidário e um chato irritante com problemas de limites, falou: — Você gostava dele. Todos nós sabíamos. — Ele olhou para James e ergueu as sobrancelhas. — Nós sabíamos.

Ele estava me zoando? Ele estava zoando comigo, não estava? Eu flertando com Ivan? *Ivan?*

— Não — eu disse calmamente, só porque, se fosse muito agressiva, eles diriam que era mentira. Eu os conhecia. — Eu não flertei com ele. — E, apenas para que James soubesse, enfatizei: — Nunca.

Mamãe fez um barulho que basicamente dizia: *Tá bom!*

Olhei para ela e balancei a cabeça.

— Não. Não, não flertei. Sim, ele é bonito — eu só revelei isso porque, se dissesse que ele não fazia o meu tipo, eles assumiriam que eu estava tentando esconder alguma coisa, e não estava —, mas nunca foi assim. Nem um pouco. Ele é meio idiota. A irmã dele e eu somos amigas. Só isso.

— Ele não era um idiota — minha mãe interrompeu. — Ele é sempre muito educado. É muito gentil com seus fãs. Parece ser um garoto muito legal. — Ela me lançou um olhar. — E você gostava dele, sim.

Um garoto legal? Em que diabo de mundo eles viviam?

Sim, todo mundo o amava, e todos pensavam maravilhas dele. O bonito e talentoso Ivan Lukov, que havia conquistado o mundo como o lindo adolescente, que dava piscadinhas e era arrogante. Ele sabia como jogar, eu precisava admitir. Mas nunca gostei dele. Nunca.

— Não, não, eu não gostava — argumentei, balançando a cabeça, mal acreditando que eles estavam tentando me convencer daquele tipo de besteira. Estavam mesmo falando sério? — Você está

imaginando merda. Mal trocamos uma frase uma vez por mês, e é sempre sarcástico e um pouco cruel.

— Algumas pessoas podem considerar isso preliminares — meu irmão começou a dizer antes que eu o interrompesse.

Fiz um barulho horrível novamente, ainda balançando a cabeça.

— De jeito nenhum...

Jonathan começou a rir.

— Por que o seu rosto está ficando vermelho, Jas? — ele perguntou, batendo com a palma da mão na minha cabeça e balançando-a antes que eu pudesse empurrá-la para longe de mim.

— Cale a boca — eu disse a Jojo, pensando em uma dúzia de respostas diferentes e sabendo que não poderia usar nenhuma delas, porque todas eram muito defensivas e me fariam parecer culpada. Ou pior, acabaria dizendo a eles sobre a oferta que recebi naquela manhã. — Mas eu não gostava dele. Não sei por que vocês dois acham isso.

Mamãe riu.

— Tudo bem admitir que você tinha uma queda por ele. Muitas garotas ao redor do mundo têm. Até eu posso ter tido uma quedinha por ele um dia...

Esquecendo que estivemos discutindo minutos atrás, Jojo e eu ficamos boquiabertos.

Mamãe gemeu.

— Oh, parem. Não foi isso que eu quis dizer!

É claro que a mulher que era casada com um homem que tinha pouco menos de dez anos a mais do que eu teria que esclarecer aquele comentário. Mamãe não era apenas uma papa-anjo, ela era A Papa-anjo. Todas as outras papa-anjos faziam reverências para ela.

— Eu vou fingir que você não disse isso para que eu possa dormir à noite, mãe — Jojo murmurou com uma expressão de mal-estar antes de estremecer. Então ele me deu uma cotovelada. — Você costumava falar muito sobre ele, Jas.

— Eu tinha dezessete anos e era só porque ele era um idiota.

Mamãe abriu a boca, mas continuei:

— Não, não. Ele era. Eu juro que ele era. Vocês nunca o ouviram falar merda, mas acontecia. Ele só se certificava de nunca ser pego. Karina sabe disso.

— O que ele fez pra você? — James perguntou, o único que parecia ainda estar do meu lado. Pelo menos porque não estava negando minha alegação e parecia interessado em realmente ouvir os fatos.

Eu também contaria a eles, porque a última coisa que eu queria era que mamãe e Jonathan continuassem acreditando nessas ideias loucas. Especialmente com o que *poderia* estar prestes a acontecer. Talvez. Possivelmente.

Então, eu contei a eles.



A merda atingiu o ventilador no dia em que Ivan Lukov usou a roupa mais feia que eu já vi na minha vida até aquele momento.

Eu tinha dezesseis anos naquela época, e Ivan tinha acabado de completar vinte. Lembrava-me disso porque sempre me surpreendeu que ele não fosse nem quatro anos mais velho do que eu, mas que já estivesse muito mais à frente em sua carreira. Já havia vencido vários campeonatos como júnior com sua parceira de longa data antes de entrar no nível sênior aos dezessete. Aos vinte anos, as pessoas já o bajulavam há anos. Mal sabia eu que nada mudaria na próxima década.

Àquela altura, sua irmã e eu éramos amigas há alguns anos. Já tinha passado a noite na casa dela mais de um punhado de vezes. Ela já havia passado a noite na minha mais do que algumas vezes. Ivan tinha se tornado aquele membro da família que eu via nos aniversários dela e aleatoriamente em sua casa quando ele aparecia para visitar. Ele nunca tinha *falado* comigo diretamente até então, além de me atirar expressões relutantes só porque seus pais esperavam que ele fosse educado.

Então, naquele dia, anos atrás, enquanto ele patinava no gelo e eu me alongava no chão, não consegui esconder meu horror nem me dei ao trabalho de tentar. O que ele estava vestindo lembrava algo que a Chiquita Banana usaria. Babados, amarelos, vermelhos, verdes... havia até uma flor em algum lugar, e aquelas calças amarelas horríveis que faziam suas pernas parecerem bananas de verdade em seu corpo na transição de menino para homem daquela época.

Aquela roupa era a pior. A pior absoluta. Eu usei alguns collants

que minha irmã me fez que foram... experimentais, mas não queria magoar os sentimentos dela, então os vesti mesmo assim.

Mas os que eu usara não eram nada comparados ao que diabos ele estava vestindo naquele dia.

Ivan começou a patinar com sua parceira, uma garota com quem ele patinava há anos, mas não durou muito mais tempo depois disso. Bethany alguma coisa. O que quer que ela estivesse vestindo não era tão ruim quanto o traje dele. Eu vira partes do programa deles quando não estava ocupada; ouvi a música que iriam usar também, obviamente. Mas não tinha visto as roupas até então. Era como ver alguém dançar break com Mozart. Não fazia sentido. E, na minha opinião, os destroços do trem que ele usava estavam estragando a coreografia que ele e sua parceira estavam realizando, que não era exatamente um mambo.

Eu diria que essa foi a razão pela qual abri minha boca grande. Pensei que ele estava fazendo um desserviço à sua carreira. Então, achei que poderia ajudá-lo se dissesse algo.

Tenho certeza de que não pensei no que estava fazendo antes de ir até ele, pois ele estava saindo do gelo após o final do seu treino, prendendo o protetor nas lâminas dos patins pretos. E, naquele momento, eu falei para o garoto, que nunca me dirigira a palavra antes:

— Você deveria mudar sua roupa.

Ele nem sequer piscou quando virou a cabeça para olhar para mim e perguntou, na única frase educada que disse para mim:

— Perdão?

Talvez eu pudesse culpar a minha mãe ou mesmo meus irmãos por não brigarem o suficiente comigo, me mandando calar a boca e guardar minhas opiniões para mim. De todas as coisas que eu poderia ter dito para suavizar minhas palavras, não escolhi nenhuma delas.

— É feia. — Foi exatamente isso que saiu da minha boca.

Nada de: *ela tira a atenção do seu alinhamento e da altura dos seus saltos*. Nada de: *é um pouco chamativa demais*.

Eu não disse nenhuma dessas coisas para tornar meu comentário menos idiota.

Depois, para que ele soubesse que não era *apenas* horrível, acrescentei:

— É feia *pra caramba*.

E tudo mudou depois disso.

O garoto de vinte anos piscou para mim como se fosse a primeira vez que me via — o que *não era* verdade — e depois recuou. Ele reagiu em voz baixa, naquele tom de menino-homem:

— Não é com o *meu* traje que você deveria se preocupar.

Lembro-me do meu primeiro pensamento: *filho da puta*.

Mas, antes que eu pudesse dizer uma palavra, aquelas sobancelhas negras, que eram um completo oposto às castanha-claras de sua irmã, se ergueram em sua testa lisa de uma forma que me lembrou a maneira como outras meninas me olhavam às vezes... como se eu fosse inferior a elas porque não usava as mesmas roupas extravagantes ou os patins novos. Minha mãe não podia pagar por essas coisas, e ela evitava pedir dinheiro ao meu pai, sempre que possível... mas eu achava que tinha mais a ver por ela estar preocupada que ele não lhe desse o dinheiro porque era para patinação artística, e não apenas porque estava sendo mesquinho. Eu teria patinado de calcinha naquela época, desde que tivesse tempo no gelo. Não ter roupas elegantes não era um problema, uma vez que ela me explicou que era tudo pelo que podia pagar.

Mas o fato era que ninguém nunca me fez sentir mal por não usar vestidos e roupas de grife. Pelo menos não na minha cara. Nas minhas costas, era uma história diferente. Não era possível ocultar as expressões ou movimentos dos olhos de uma pessoa. Você não conseguia tampar os ouvidos ao escutar o que as pessoas pensavam que estavam sussurrando, mas não estavam, de fato.

Naquela época, outras meninas não gostavam de mim porque eu era competitiva e, às vezes, grossa, quando as coisas não aconteciam do jeito que eu queria.

Eu recuei como ele, pensando em minha irmã que fizera minha roupa — um collant azul bem claro, com strass no decote e nas mangas — e fiquei chateada. Então eu disse a única coisa que me veio à mente:

— Estou apenas dizendo a verdade. Essa roupa te faz parecer um idiota.

Suas bochechas ficaram um pouco mais escuras do que o tom pêssego usual. Não era um rubor ou algo parecido, mas, para ele, acho que era basicamente a mesma coisa. Ivan Lukov se inclinou em

minha direção e sibilou um alerta que me perseguiria pelos próximos dois anos:

— Tome cuidado com o que fala, anã! — E seguiu para os vestiários ou para onde diabos ele fosse.

Duas semanas depois, em sua roupa de mambo, ele venceu seu primeiro campeonato nacional de duplas. As pessoas tinham falado muita merda sobre o traje dele, mas, mesmo que fosse tão berrante, não fora suficiente para esconder seu talento. Ele merecera ganhar. Mesmo que tivesse machucado os olhos das pessoas que assistiram.

Uma semana depois disso, em seu primeiro dia de volta ao CL, enquanto eu estava me sentindo muito mal pelo que fiz, e Karina não me dizia o que eu poderia fazer para consertar as coisas, porque ela achava que fora hilário, Ivan foi falar comigo. E, por falar, quero dizer nada mais do que um murmúrio ao passar, algo como:

— Você deveria desistir. Está muito velha para chegar a algum lugar.

Mesmo eu, com minha boca grande, fiquei chocada demais com o que ele disse para ter tempo de responder antes de ele se afastar, ainda patinando.

Pensei nas palavras dele o dia todo, porque a verdade nelas machucou meus sentimentos e me deixou com raiva ao mesmo tempo. Naquela época, era difícil não me comparar às meninas que patinavam desde os três anos e eram mais avançadas do que eu, mesmo que Galina tivesse me dito que eu era naturalmente talentosa e que, se trabalhasse bastante, poderia ser melhor do que elas um dia, em breve.

Mas não contei a ninguém o que ele havia dito. Ninguém mais precisava dessa ideia em suas cabeças.

Eu não disse nada até um mês depois, quando aquele idiota veio em minha direção, para dizer na minha cara depois do treino:

— Esse collant está pequeno demais ou...? — E ele disse por nenhuma maldita razão.

Daquela vez, eu soltei:

— Seu merda. — E ele desapareceu.

E o resto é história.



Quando terminei de contar as únicas partes da história que eles precisavam saber, meu irmão jogou a cabeça para trás e bufou.

— Você é a rainha do drama.

Se eu tivesse algo além de macarrão no meu prato, teria jogado nele.

— O quê?

— Você é a rainha do drama — afirmou a terceira maior rainha do drama da família, depois de nossa mãe e irmã mais velha. — Você disse que ele faz da sua vida um inferno, mas nada foi tão grave assim. Ele estava mexendo com você — explicou, balançando a cabeça. — Nós fizemos coisas piores do que isso com você em apenas uma hora.

Ele tinha razão. Mas era diferente porque éramos família. Provocar um ao outro era praticamente obrigatório.

O irmão da minha amiga, meu colega de pista, me infernizando... não era.

— Sim, Zangada. Não pareceu tão ruim assim — minha mãe falou. Traidores do caralho.

— Ele me disse uma vez que eu precisava perder peso antes que minhas lâminas quebrassem.

O que as três pessoas sentadas ao redor da ilha da cozinha fizeram? Elas riram. Muito.

— Você era robusta naquela época. — Meu maldito irmão riu, seu rosto ficando vermelho.

Estendi a mão novamente para tentar beliscá-lo, mas ele se afastou, praticamente caindo no colo de James.

— Por que eu nunca pensei em te dizer isso? — Jonathan continuou, quase a ponto de chorar de rir, a julgar por sua linguagem corporal, enquanto se envolvia em seu marido, para ainda mais longe de mim. Eu já o vi fazer aquilo vezes suficientes para reconhecer os sinais.

— Eu não acredito em vocês — falei, sem saber por que diabos eles ainda conseguiram me surpreender. — Ele me disse uma vez antes de uma competição: *Quebre uma perna. Literalmente.*

Repetir outra coisa rude que ele me disse não ajudou a convencer minha família de que Ivan era um idiota; tudo o que fizeram foi rir mais. Até James, que era o mais legal, perdeu a batalha. Eu não

podia acreditar... mas provavelmente deveria.

— Ele me chama de Almôndega há anos — eu disse, quase sentindo minha pálpebra começar a tremer com aquele maldito apelido que me deixava louca; não importava o quanto eu dissesse a mim mesma que deveria superá-lo. Paus e pedras poderiam quebrar seus ossos, mas eu não deixava as palavras das pessoas me machucarem.

Normalmente, não.

Eles estavam todos rindo de passar mal. Todos os três.

— Jasmine, querida — James resmungou, a palma da mão cobrindo os olhos enquanto ele perdia a compostura. — O que eu quero saber é: o que você disse para ele?

Pensei em fechar a boca e não dizer nada, mas, se alguém no mundo me conhecia, eram essas pessoas — e meus outros irmãos. Deus, como eu poderia trabalhar com Ivan depois de dez anos daquela história que tínhamos? Sua própria treinadora o obrigara a manter a boca fechada para que ele não ficasse tentado a dizer algo que poderia me fazer negar a oferta deles.

Provavelmente começaríamos uma briga depois de uma semana. Se é que iríamos demorar tanto tempo.

Honestamente, era apenas questão de tempo. Nós construímos aquele relacionamento ao longo dos anos.

Eu tinha muito em que pensar.

— Coisas. — Foi tudo o que eu disse, propositadamente, não pensando em toda a merda que falei a ele.

— Que tipo de coisa? — James perguntou, seu rosto bronzeado ficando vermelho enquanto ele beliscava a ponta do nariz.

Olhei para ele pelo canto do olho e dei um pequeno sorriso que ele não viu, enquanto repetia:

— Coisas.

James riu e mal conseguiu falar:

— Tudo bem. Vou deixar passar por agora. Vocês dois não falam mais um com o outro?

— Nós ainda nos falamos. Eu o chamei de Satã hoje.

— Jasmine! — minha mãe sibilou antes de cair no banquinho vazio ao lado dela, rindo.

Sorri tanto que minhas bochechas doíam... pelo menos até me

lembrar do que estava escondendo deles.

Eu estava disposta a acordar antes que o sol nascesse para treinar por seis ou sete horas por dia com o mesmo homem que me perguntou se eu tinha sido escolhida para o elenco de Betty, A Feia? Com a intenção de ganhar um campeonato?

Eu não tinha certeza.

¹ Diminutivo de Ivan, em russo. (N. da T.)



Capítulo Quatro

Não fiquei surpresa por ter dormido mal pra caralho naquela noite.

Eu poderia culpar o café que tomei depois do jantar — normalmente não tomava cafeína à tarde ou à noite porque arruinava minhas noites de sono, e eu precisava de toda a energia que tinha para passar o resto do dia —, mas não fora culpa do café.

Fora da minha mãe. E da treinadora Lee. Mas principalmente da minha mãe.

Mas isso era o que acontecia quando ela jogava uma bomba em mim; eu deveria ter previsto, mas não previ. Desde quando eu era capaz de prever algo em relação ela, e por que eu esperava ser capaz de fazer isso naquele momento?

Foi quando ela veio se sentar ao meu lado no sofá depois que meu irmão e seu marido foram embora, passando o braço por cima do meu ombro, que eu soube, sem dúvida, que não podia esconder nada dela. Éramos muito afetuosos na minha família... se você pudesse chamar assim machucar um ao outro, puxar a roupa íntima e fazer piadas, mas não éramos do tipo que constantemente abraçávamos e beijávamos, a menos que alguém precisasse. Da última vez que abracei aleatoriamente meu irmão mais velho, ele perguntou se eu estava indo para a prisão ou morrendo.

Então, naquela noite, quando mamãe me abraçou no sofá e apertou meu joelho, aceitei que cometi o mesmo erro que a maioria das pessoas cometia com ela: eu a subestimei. Meus irmãos me conheciam muito bem, seus companheiros também — eu não era tão complicada —, mas ninguém me conhecia como minha mãe. Minha irmã Ruby chegava perto, mas ainda não estava no nível dela. Eu duvidava que alguém estivesse.

— Diga-me o que há de errado, Zangada — disse ela, chamando-

me pelo apelido que me deu quando eu tinha quatro anos. — Você ficou tão quieta hoje à noite.

— Mãe, eu conversei metade do jantar — rebati, com os olhos focados no programa *Mistérios sem Solução*, que voltara a passar na televisão, e balancei a cabeça, não confiando em mim mesma para olhá-la nos olhos e manter meu dilema em segredo.

Ela descansou a cabeça contra a minha depois de colocar uma taça de vinho tinto de tamanho normal na mesa de café, quase caindo em cima de mim, como se estivesse esperando que eu a segurasse.

— Sim, com seu irmão e James. Você mal disse três palavras para mim; nem me contou como foi sua reunião. Você acha que eu não sei quando algo está acontecendo com você? — ela acusou, parecendo insultada.

E foi onde ela me pegou. Mamãe apertou meu ombro novamente.

— Só porque eu não disse nada na frente de Jojo e James não significa que não percebi. — Ela me deu mais um aperto antes de sussurrar, me fazendo arrepiar: — Eu sei de *tudo*.

Isso finalmente me fez bufar e olhar para ela pelo canto do olho. Eu juro, ela não tinha envelhecido um dia sequer nos últimos quinze anos. Era como se o tempo tivesse parado para ela. Preservando-a. Isso, ou ela havia encontrado um gênio da lâmpada há muito tempo, que a tornara imortal ou algo muito próximo disso.

Estiquei as pernas para descansar os calcanhares na mesa de café e torci o nariz, ainda olhando para longe dela enquanto murmurava:

— Ok, Mãe Diná...

Ela se aconchegou mais perto, da mesma maneira que sempre fazia quando estava sofrendo, e eu me inclinei um pouco para mexer com ela.

— *Diga-me o que há de errado com você* — ela insistiu diretamente no meu ouvido, sua voz enganosamente suave; e falsa pra caralho. Sua respiração, que cheirava a vinho, flutuou até meu nariz. — Vou te dar um bombom de cereja com cobertura de chocolate ao leite do estoque do meu dia dos namorados...

Nem mesmo um bombom de cereja me faria abrir a boca. Eu me afastei dela ainda mais, mas ela apenas me seguiu, atingindo o nível 100 de proximidade enquanto jogava uma coxa sobre a minha.

— Meu Deus, mulher, você quer que eu injete vinho na sua veia a partir de agora? Um desses conhecedores de vinhos provavelmente

poderia adivinhar o ano que a bebida foi engarrafada pelo seu hálito.

Ela me ignorou e me abraçou com mais força.

— Quanto mais cedo você falar comigo, mais cedo vou deixar você em paz — minha mãe tentou me subornar.

Eu não pude deixar de bufar. Como se tudo fosse tão fácil com ela.

— Nem mesmo você acredita em si mesma quando diz isso, não é?

Isso a fez bufar e recuar um centímetro.

— Dê um tempo e desabafe. Você vai me contar em algum momento, de qualquer maneira — ela me informou, o que era verdade.

Mas...

Havia apenas um número limitado de fracassos que eu podia carregar nos ombros... e na maioria dos dias eu parecia ter atingido a carga máxima um ano atrás.

Minha mãe era a pessoa que eu mais queria proteger, porque ela fora quem pagara por tudo sozinha, conforme eu crescia, porque meu pai pensava que era um desperdício de dinheiro e sempre perguntava: *não há mais nada que Jasmine possa fazer?*, sem saber que ela geralmente deixava a ligação no viva-voz e que eu, intrometida, estava ouvindo. Quando ele aparecia, minha mãe dizia a ele que não precisávamos ou não queríamos o apoio dele... mesmo que isso significasse que ela atrasasse as contas constantemente. Eram anos em que, olhando para trás, eu não tinha certeza de como ela conseguira fazer tudo funcionar; como conseguira manter a casa, pagar as contas e nos alimentar.

Eu não tinha certeza se seria capaz de fazer o mesmo. Mas ela fez isso por mim. E a única maneira que consegui retribuir foi *conquistando* o segundo lugar em alguns campeonatos.

Eu nunca consegui vencer depois de passar para o nível sênior e ninguém realmente sabia o porquê, exceto eu.

Ela merecia mais, e eu gostaria de ter dado isso a ela.

— Jasmineeeee — mamãe brincou choramingando ao lado da minha orelha enquanto se aconchegava mais perto de mim, ignorando meu resmungo enquanto ela fazia isso. — Apenas me conte. Eu sei que você quer. Não vou contar a ninguém. *Prometo*.

— Não — zombei, obviamente sentindo-me uma merda e sabendo

que ela estava ciente disso. — E você é uma mentirosa.

— Eu sou uma mentirosa? — Ela teve a coragem de perguntar como se honestamente acreditasse em suas próprias promessas de que iria guardar algum segredo. Eu tinha uma boca grande, mas a havia herdado de um lugar: dela.

— Não sou eu quem promete manter segredo — insisti com um olhar de lado, tentando me dar mais tempo para pensar no que poderia dizer antes de me enterrar em um buraco mais profundo.

Será que eu devia contar? Ela já sabia que eu estava escondendo alguma coisa.

Eu sabia que a tinha pego na mentira quando ela fez um barulho, por saber exatamente o que era: uma grande mentirosa.

— Tudo bem, mas eu só direi... para uma pessoa. Combinado?

— Quem?

Ela fez uma pausa. Uma prova de para quantas pessoas ela costumava tagarelar. *Tinha até que escolher*. Deus!

— Ben.

O marido dela número quatro. Eu só conseguia ver os cabelos ruivos pelo canto do olho, mas sabia que era o máximo que conseguiria. Ela não ia deixar passar. Especialmente depois de eu dizer que sabia que ela iria espalhar para todo mundo.

Suspirei. Era agora ou nunca, certo?

— Eu não quero que você fique animada...

— Oh, meu Deus — ela praticamente gritou, me fazendo perceber que era tarde demais.

Revirei os olhos e virei meu corpo inteiro para o lado para que pudesse dar uma olhada nela.

— Não, mãe. Não. Não fique animada. Eu nem ia dizer nada...

— *Conte-me* — ela sussurrou com uma voz rouca que quase a fez soar como uma criança possuída em um filme de terror.

— Só se você prometer que nunca mais fará essa voz.

Minha mãe gemeu e voltou a fazer sua melhor representação de macaco-aranha, me sufocando com os braços.

— Tudo bem. Eu prometo. Conte-me.

— Eu... — Fiz uma pausa e olhei para ela, tentando escolher minhas palavras para poder explicar o que estava acontecendo da

maneira mais calma possível. — Ok. Mas não fique animada.

— Eu já disse que não vou ficar. — Ela não acreditou em suas próprias palavras.

— Eu tive uma reunião...

— Eu sei. Você me disse. Para quê?

Suspirei, lançando-lhe um olhar que ela não podia ver, pelo qual fiquei grata, porque ela poderia me bater. Eu nem sabia ao certo por que pensei que poderia guardar segredo. Havia apenas algumas coisas que eu nunca tinha contado a ela e que consegui guardar para mim.

— Lembra da treinadora Lee?

Ela paralisou.

— Sim.

— A treinadora Lee perguntou se quero fazer parceria com Ivan na próxima temporada.

Silêncio.

Ela não disse nada. Nem uma única coisa. Poderia ser a primeira vez que ela ficava calada na vida.

Balancei o ombro no qual sua cabeça estava apoiada, percebendo que ela ainda não estava se mexendo nem dizendo nada.

— Pensei que ainda faltava alguns anos até que você chegasse àquela idade em que começa a adormecer do nada.

— Eu deveria ter deixado você no quartel dos bombeiros — ela jogou de volta sem perder o ritmo, e sua cabeça não se moveu de cima do meu ombro.

Então, ela não disse mais nada.

O que diabos tinha acontecido?

— Por que você não está dizendo nada? — Inclinei minha cabeça apenas o suficiente para o lado para que pudesse ver o topo da dela. Eu não era alta, tinha apenas um metro e sessenta, mas minha mãe era ainda mais baixa, com um metro e meio de altura, e eu tinha certeza de que ela exagerava nesse número.

— Estou pensando — ela respondeu, parecendo verdadeiramente distraída.

Que Deus me ajudasse.

— No que você está pensando?

Ela ainda não se mexeu.

— Sobre o que você acabou de dizer, Zangada. Você jogou a informação como se eu estivesse pronta, e eu não estava. Pensei que você finalmente iria me contar que eles ofereceram uma posição de treinadora no CL.

Fiz uma careta mesmo que ela não pudesse ver. Como ela sabia da oferta para ser treinadora? E por que não disse algo sobre isso antes?

Como se sentisse minha confusão, ela se levantou e inclinou o corpo para poder me encarar. Éramos praticamente opostas em aparência, exceto que nossos rostos tinham o mesmo formato, não éramos altas e tínhamos sardas. Ela tinha longos cabelos ruivos em um tom alaranjado natural, sua pele era basicamente pálida, ela era magra, bonita, mandona, mas simpática, inteligente, adorável... e eu não era nada disso. Eu não era feia, mas não era minha mãe e irmãs. E o resto... bem, eu também não era nenhuma dessas características, exceto ser mandona às vezes.

O ponto era: ela não estava animada ou muito feliz com esta oportunidade. Meia hora atrás, eu apostaria minha vida que ela ficaria toda animada.

Mas ela não estava. E eu não entendi o porquê.

— Entããã? — desenhei a palavra.

Aqueles olhos azul-escuros que me lembravam da safira do colar do Titanic se estreitaram, e a boca da minha mãe se curvou para o lado.

Estreitei meus olhos para ela, curvando a boca para o lado também.

— O quê? Diga alguma coisa.

Ela fechou só um olho para mim.

— Eu pensei que você ficaria animada. O que houve? — perguntei antes de um pensamento invadir minha cabeça tão inesperadamente que quase roubou meu fôlego. Será que ela...

Eu não sabia dizer. Não conseguia pensar nisso. Eu não queria.

Mas eu tinha que pensar.

Ignorando aquela sensação horrível e desconfortável no meu estômago, me preparando para a resposta dela — eu poderia lidar com isso, eu lidaria com isso —, enquanto perguntava com uma voz

firme, da qual eu podia me orgulhar, mesmo quando minhas mãos estavam úmidas de suor.

— Você acha que eu não posso mais fazer isso?

Às vezes, me arrependia de quão brutalmente honestas minha mãe e eu éramos uma com a outra. Ela podia escolher suas palavras para minha irmã mais velha, Pequenina, e de vez em quando podia tentar dizer coisas de maneira mais agradável para o resto dos meus irmãos, mas comigo ela nunca o fez. Pelo menos não que eu conseguisse me lembrar.

Se ela dissesse sim...

Sua cabeça se ergueu bruscamente, aliviando a dor que instantaneamente se formou no meu peito com a ideia de que ela achava que eu não era mais capaz.

— Não busque elogios. Você é melhor do que isso. — Ela revirou os olhos. — Claro que você é capaz. Ninguém é melhor do que você, não aja como se não soubesse disso. Caramba!

Eu não tinha percebido que estava prendendo a respiração.

— O que estou pensando — enfatizou ela, ainda com olhos estreitos — é que não tenho certeza se é uma boa ideia.

Hummm...

Foi a minha vez de olhar de soslaio para ela.

— Por quê?

Ela me olhou de volta.

— Você disse que eles pediram para você ser a parceira dele na próxima temporada... o que isso significa?

— Significa apenas por uma temporada.

Aquele rosto atemporal se enrugou em confusão.

— Por que apenas uma temporada?

Dei de ombros.

— Eu não sei. Tudo o que me disseram foi que Mindy iria tirar a temporada de folga. — Ela sempre foi bastante decente comigo. Esperava que ela estivesse bem.

A expressão da minha mãe não mudou.

— Então, o que vai acontecer depois disso?

Claro que ela iria perguntar. Apenas segurei um suspiro e contei a parte mais promissora do que eu obteria de uma parceria com Ivan.

— Eles disseram que me ajudariam a encontrar outro parceiro.

O silêncio dela era tão rígido e estranho que eu não pude deixar de encarar minha mãe, tentando descobrir no que estava pensando.

Felizmente, ela não me fez esperar muito tempo.

— Você falou com Karina sobre isso?

— Não. Não falo com ela há um mês. — E não ia ligar para perguntar sobre seu irmão. Que tipo de conversa de merda seria? Nós nunca falamos sobre Ivan. Além disso, não conversávamos tanto quanto costumávamos antes de ela começar a faculdade e se ocupar com os estudos. Ainda gostávamos e nos preocupávamos uma com a outra, mas... às vezes, a vida afasta as pessoas. Não tinha nada a ver com se importar menos com alguém. Só acontecia. E não era culpa dela que eu não estivesse tão ocupada como sempre estive. Antes disso, eu não tinha percebido como vínhamos nos distanciando.

Minha mãe murmurou, e sua boca se curvou para o lado oposto, como se ela ainda estivesse pensando profundamente.

Eu a observei com cuidado, ignorando a sensação estranha no meu estômago.

— Você não acha que eu deveria fazer isso?

Ela olhou para mim e inclinou a cabeça para o lado, hesitando por um momento.

— Não é que eu não ache que você deva fazer isso, mas quero garantir que eles não estejam tirando vantagem de você.

O quê?

— Mal consegui sobreviver ao ano passado sem ser presa, Zangada. Acho que não vou conseguir me segurar se alguém mais te ferrar — explicou, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Você estava defendendo Ivan duas horas atrás.

Ela revirou os olhos.

— Isso foi antes de eu ouvir que ele pode ser seu parceiro.

Como isso fazia algum sentido?

Então ela piscou.

— O que quero saber é por que você não concordou automaticamente com isso.

Tudo o que eu pude fazer foi responder com duas palavras.

— Porque não.

— Porque não o quê?

Encolhi o ombro mais próximo dela. Não queria contar sobre minha preocupação em não ganhar e tudo o que resultaria disso, então guardei essa parte para mim.

— Estou trabalhando mais horas para Matty agora, mãe. Fiz planos com Jojo de ir à academia duas vezes por semana, apesar de ele não se esforçar nos treinos. Eu fiz planos com Sebastian. Vou fazer escalada com Tali uma vez a cada duas semanas. Não quero desistir deles. Não quero que pensem que não são suficientes para mim. — Especialmente quando eles já deviam pensar que eu não cumpria minhas promessas e não me importava com eles, quando era o contrário.

A testa da minha mãe se enrugou e seu rosto estava em alerta.

— É só por isso?

Ergui meu ombro novamente, as mentiras e as verdades congestionando minha garganta, tentando sair pela boca.

Ela não parecia acreditar totalmente em mim, mas não fez outro comentário, quando normalmente faria.

— Então, você está preocupada com o tempo?

Engoli em seco.

— Não quero voltar atrás na minha palavra. Já fiz isso vezes demais. — Eu não tinha percebido o quanto sentia falta deles: dos meus irmãos, dela. Mas agora percebia. Era fácil não pensar no que você não tinha quando se ocupava com outras coisas.

Um pequeno sorriso triste curvou sua boca, mas ela sabia que não devia tentar me tratar como um bebê ou arrulhar. Porém, as palavras que saíram de sua boca em seguida foram totalmente opostas à expressão em seu rosto.

— Isso me parece um monte de besteira, Zangada, mas tudo bem. Por enquanto, podemos nos concentrar em uma coisa de cada vez.

Estreitei os olhos para ela.

— Fale com Matty sobre o seu horário. Você não trabalhava tanto antes, e ele estava sobrevivendo. Converse com seus irmãos. Se começar a treinar novamente, ainda poderá passar algum tempo com eles, Jasmine. Tudo o que eles querem é estar com você, não importa o que façam juntos.

Meu estômago se apertou de frustração, mas, provável e

principalmente, por culpa por suas palavras.

— Eles não precisam de seis horas por semana cada um. Nem precisam de três. Apenas algumas. Também nem toda semana, aposto.

Cerrei os dentes para não estremecer, mas não tinha certeza se estava funcionando.

Ela sabia o que eu estava pensando e sentindo, mas não dava a mínima, porque continuou:

— Você pode ter uma vida fora da patinação artística. Pode fazer o que quiser, sabe disso. Só precisa fazer dar certo.

Quantas vezes ela disse exatamente aquelas mesmas palavras para mim no passado? Cem? Mil?

Engoli em seco, mas não desviei o olhar.

— O que você está tentando dizer?

Ela me lançou outro olhar.

— Você sabe o que estou tentando dizer. Pode fazer o que quiser nesta vida, Jasmine. Mas quero que seja feliz. Quero que você seja valorizada.

Meu nariz começou a arder, mas não pude deixar de perceber a cautela em sua voz.

— Então você não acha que eu deveria fazer isso?

A mulher que fora a todas as competições que pudera pagar, que se certificou de que eu teria carona para as aulas que precisei ir, que me animou mesmo quando eu fodi tudo, inclinou a cabeça para o lado e ergueu um ombro.

— Acho que você deveria tentar, mas não acho que deva se vender a um preço baixo. Não há mais ninguém que ele possa convidar que seja melhor do que você. Mesmo que seja apenas por um ano. Ele não está te fazendo um favor. Você está fazendo um favor a ele. E se ele for burro o suficiente para estragar tudo de alguma forma... — Ela sorriu. — Eu serei seu álibi se algo acontecer com aquele carro chique dele. Sei qual carro é.

Não queria sorrir para a oferta dela, mas não pude evitar.

O rosto da minha mãe suavizou, e ela tocou minha bochecha com as pontas dos dedos.

— Eu sei que você sente falta.

Sentir falta? Aquela onda de emoção, ou alguma merda muito

próxima a isso, fazia minha garganta se fechar e me dava vontade de chorar. Logo eu. Querendo chorar. Fazia muito tempo que não pensava nisso.

Eu sentia mais do que falta de competir. Da patinação artística em geral com um propósito. No último ano, senti que uma parte de mim havia sido roubada sem meu consentimento numa noite, quando eu menos esperava. E, desde então, toda noite era como se eu esperasse que fosse devolvida para mim. Mas não acontecera.

E meus olhos deviam concordar com o quanto eu sentia falta, porque começaram a queimar enquanto eu tentava me manter parada. E se minha voz falhou, nenhuma de nós prestou atenção, mas eu disse à minha mãe a verdade que ela não precisava ouvir:

— Eu sinto muita falta.

Aquele rosto bonito se desmanchou e as pontas dos dedos dela se voltaram para as palmas das mãos enquanto ela tocava minha bochecha.

— Quero minha velha Zangada normal e feliz de volta — disse ela com cuidado. — Então, se ele tentar fazer algo com você como aquele filho da puta... — Mamãe esticou o dedo e levou-o até o pescoço, arrastando uma linha imaginária através dele, seu sorriso tão fraco quanto o café que Ben fazia.

Sorri para ela quando uma pequena lágrima brotou no meu olho direito, mas felizmente a bastarda não caiu, envergonhando-me. Minha voz soava aguada, enquanto eu praticamente grasnava:

— Você andou assistindo a O Poderoso Chefão de novo?

Ela ergueu as sobrancelhas claras e abriu o sorriso assustador e louco que geralmente usava com seus ex.

— O que eu sempre digo?

— Se você conquistou, ostente?

Ela revirou os olhos.

— Além disso. Sempre fazemos o que temos que fazer nesta família. Você sempre se esforçou mais em tudo do que qualquer um dos seus irmãos juntos, e eu nunca te pedi isso, mas não foi um impedimento. Se eu dissesse: *não pule na cama*, você enrolaria um lençol no pescoço para pular do telhado. Talvez você tome decisões terríveis às vezes...

Bufei.

— Grossa.

Ela continuou, estendendo a mão para pegar a minha.

— Mas você sempre se levantou depois de uma queda. Você não sabe fazer diferente. As coisas nem sempre funcionam da maneira que queremos, mas nenhuma das minhas garotas, especialmente você, é uma desistente — ela me disse. — E, aconteça o que acontecer, você é maior do que esse esporte. Está entendendo?

E o que eu podia dizer depois disso? Nada. Ficamos lá por mais meia hora antes que ela desistisse, alegando que precisava de seu sono da beleza, deixando-me pensar em tudo o que conversamos e tudo o que não tínhamos falado.

Mas uma coisa era certa: minha mãe não me criou para desistir.

Eu tinha uma decisão séria a tomar.

Então, em vez de dormir, tentei pensar em todos os prós e contras da proposta da treinadora Lee e de Ivan enquanto estava deitada na cama naquela noite.

O que coloquei como prós foi: eu competiria novamente. Óbvio. Meu parceiro seria alguém que não tinha apenas uma chance real de ganhar, mas alguém que provavelmente queria tanto quanto eu. Mesmo se eu não tivesse outra chance de continuar depois que nosso ano terminasse, seria a melhor oportunidade que já tive. Mas se eu conseguisse um parceiro depois...

Um arrepio percorreu minha espinha com a possibilidade.

Quando tentei pensar em contras, não consegui pensar em nenhum além do meu orgulho ferido se não vencêssemos. Talvez eu não conseguisse um parceiro no final das contas. Talvez ficasse sem nada.

Mas que diabos eu tinha agora, afinal?

O que eu tinha para me orgulhar? Minhas falhas? O segundo lugar? Ser lembrada por ter sido descartada?

Nada mais sobre a situação me preocupava. Nem todo o trabalho que eu teria que fazer para aprender o modo como Ivan se movia e segurava, e a velocidade e o comprimento de cada deslizamento de suas lâminas no gelo. Eu não estava preocupada com todas as quedas que provavelmente sofreria até descobrirmos como trabalhar um com o outro fazendo levantamentos e arremessos — que são exatamente como parecem, quando um parceiro lança sua parceira no gelo com a expectativa de que ela faça algumas rotações e pouse

sozinha. Eu também não me importava em ter que cuidar da minha dieta novamente. Claro, eu amava queijo e chocolate, não ter hematomas e não estar dolorida diariamente, mas havia algo que eu amava mais. Muito mais.

Além disso, talvez desta vez, se eu fosse realmente boa, pudesse descobrir como equilibrar um pouco de vida pessoal com o enorme trabalho que teria pela frente. Tudo na vida exigia um sacrifício. Ser capaz de ver minha sobrinha com mais frequência significava que, em vez de ir para casa e fazer minha melhor representação de uma baleia enalhada a cada chance que tivesse, eu poderia vê-la por uma hora.

Eu poderia fazer dar certo.

Quando você quer muito algo, sempre pode fazer acontecer.

Acordando antes de o sol nascer, me vesti e segui perfeitamente minha rotina matinal habitual. Eu não sabia se Lee ou Ivan estariam na pista tão cedo, mas se estivessem... então eu conversaria com eles. Pensei em escrever um e-mail para minha amiga, mas não o fiz. Não que ela fosse me dizer para não fazer parceria com ele.

Tomei o café da manhã, preparei meu lanche e almoço, examinei minha lista para ter certeza de que havia feito tudo o que precisava e guardei as coisas que iria precisar no dia antes de entrar no carro. Quando sentei ao volante, liguei meu telefone para ouvir uma das minhas playlists, mantendo meus nervos calmos, até chegar na pista. No estacionamento, havia apenas oito outros carros, incluindo um Tesla preto brilhante que eu sabia que devia pertencer a Ivan, porque ninguém mais podia pagar um, e um Mercedes dourado que reconheci como sendo da treinadora Lee.

Mas, quando entrei, não os encontrei no escritório da gerência geral. Então, decidi seguir minha rotina como estava acostumada, encontrando meu pequeno local de silêncio ao lado da pista mais distante dos vestiários. Depois de quarenta minutos de alongamento sólido e depois vinte minutos praticando meus saltos em solo, observei o gelo limpo e pouco usado. E senti meu peito apertar; era o mesmo efeito que a pista sempre teve em mim.

Eu poderia procurá-los depois da minha patinação matinal.



Eu estava no gelo há 45 minutos quando notei as duas figuras

bem-vestidas sentadas nas arquibancadas, observando.

Observando-me, especificamente.

Assistindo-me passar pela mesma seção do único programa curto que eu conseguia me lembrar dos meus dias de individual, provavelmente porque os dois minutos e cinquenta segundos de coreografia eram os meus favoritos. Para mim, memorizar programas — uma das rotinas que você aperfeiçoava e, depois, competia a cada temporada — já era bastante difícil. Eu tinha que confiar na memória muscular mais do que realmente pensar no que estava fazendo, o que significava que tinha que fazer todos os movimentos e sequências repetidamente, porque minha mente podia lutar para lembrar do que viria a seguir, mas meus músculos, não. Não depois de repetições suficientes.

Minha antiga treinadora, Galina, costumava dizer que o programa específico que eu estava fazendo era uma extravagância de saltos. Era um salto pesado após o outro; e eu não quis me segurar. Claro que nunca fiz a coreografia perfeitamente, mas, se tivesse feito, teria sido mágico. Eu era muito teimosa para ouvi-la quando disse que era muito difícil e que eu não era consistente o suficiente quando importava.

Mas, como minha mãe sempre dizia, geralmente balançando a cabeça ou revirando os olhos, eu *saía fazendo as coisas da maneira mais difícil*, porque decidi, quando nasci, que meus pés saíam primeiro. E, desde então, nada havia sido fácil para mim.

Mas estava tudo bem. Os desafios eram difíceis apenas se você entrava neles esperando não ter sucesso.

Então, quando reconheci Ivan Lukov, por causa do seu suéter cinza e aquele cabelo da cor do preto mais puro — que ele provavelmente passava quinze minutos modelando todos os dias até que todos os fios estivessem perfeitos —, e a mulher muito mais baixa e de cabelos escuros ao seu lado, eu continuei. Girei meu corpo para patinar de costas para poder entrar em um Lutz triplo, um dos saltos mais difíceis de fazer, principalmente porque você tinha que girar o corpo na direção oposta da que estava na entrada do salto. Era o meu favorito, mesmo sabendo que era um grande culpado por todas as minhas dores nas costas ao longo dos anos. Seu corpo não quer mudar de direção em relação ao resto. Era estranho e difícil, especialmente quando você tem que fazer o mais rápido possível.

Eu não conseguia pousar perfeitamente há dias, mas naquele, graças a Deus, *aleluia*, naquele momento, eu pousei tão bem quanto antigamente. Aí vai um fato sobre patinação artística: tudo tem a ver com memória muscular, e a única maneira de fazer seu corpo memorizar qualquer coisa é fazê-la milhares de vezes. Não centenas. Milhares. Então, uma vez que consegue, tem que fazer parecer sem esforço, quando é totalmente o contrário. E trabalhei naquele Lutz triplo duas vezes mais do que em qualquer outro salto, porque estava determinada a torná-lo meu ponto forte, e consegui. Eu era capaz de fazer um Axel triplo decente em um bom dia, e conseguia quádruplos nos treinos quando os tentava loucamente, mas no 3L — como chamávamos o Lutz triplo —, era nisso que eu focava toda a minha energia nos meus dias de individuais. Era uma coisa linda que ninguém poderia tirar de mim. Ou fazer tão bem, pensei.

Embora tivesse percebido que era estúpido reduzir meu tempo porque já pagara por ele, decidi seguir em frente e encerrar essa conversa. Eu não queria trabalhar até tarde, se não fosse necessário.

Trabalho. Merda.

Eu precisaria conversar com o amigo de longa data da minha mãe sobre minhas horas novamente. Não que isso fosse um problema, mas eu odiava deixá-lo na mão depois de me comprometer a trabalhar mais, meses atrás. Ele entenderia e até ficaria muito feliz, mas ainda me fazia sentir péssima. Além disso, eu precisava do dinheiro. Teria que dar um jeito. Mais dinheiro e menos horas. Não seria fácil.

Com meu coração ainda acelerado pela série de saltos que tinha acabado de fazer antes do 3L, fui em direção à saída da pista, passando pelos outros patinadores, mas mantendo meus olhos voltados para baixo. Foi só quando cheguei à parede ao lado da abertura que olhei para cima e vi Galina inclinada sobre a borda a alguns metros de distância, com os olhos fixos em mim.

Ergui meu queixo em direção a ela.

Depois de um momento, ela balançou a cabeça para mim, com uma expressão estranha em seu rosto que eu não conseguia me lembrar de ter visto antes. Parecia muito pensativa. Talvez até triste.

Hum.

Guardando meus patins, peguei minha garrafa de água e me perguntei se eu tinha certeza — realmente muita certeza — se era

isso que eu queria. Se queria voltar a este mundo com um parceiro que provavelmente não aceitava erros muito mais do que eu. Um parceiro com quem eu não conseguia conversar sem discutir. Um mundo com pessoas julgando cada pequena coisa a meu respeito. Um mundo com zero garantias. Eu teria que trabalhar mais do que nunca para conseguir isso em uma temporada. Será que eu estava pronta?

Com certeza estava.

Minha mãe estava certa. Havia muito poucas coisas piores do que arrependimento. E eu definitivamente me arrependeria de não ter aproveitado essa chance — mesmo que isso significasse me alongar três vezes — muito mais do que se aceitasse e não ganhasse nada com isso.

Além do mais, eu nunca fui tão covarde antes. Há dez anos, eu nem pensaria duas vezes em aproveitar esta oportunidade, mesmo que não tirasse nada de bom dela. Agora... bem, as queimaduras deixavam cicatrizes às vezes, e eu não esquecia.

Com adrenalina nas veias e ainda um pouco sem fôlego, caminhei até a parte das arquibancadas onde Ivan e a treinadora Lee ainda estavam sentados. Eles nem estavam tentando ser discretos com seus olhares. Uma última chance para garantir que eles soubessem o que iriam enfrentar? Provavelmente.

Minhas mãos não tremiam e meus joelhos não pareciam fracos quando me aproximei; era apenas a minha respiração agitada e irregular, mas meu estômago revirou de nervoso, algo ao qual eu não estava acostumada e com certeza nunca admitiria.

— Espero que você não se importe por termos vindo vê-la — a treinadora Lee começou a conversa enquanto eu ainda estava a alguns metros deles, confirmando minhas suspeitas.

Balancei a cabeça quando meu olhar deslizou brevemente na direção de Ivan, vendo aquele rosto frio, mas de alguma forma ainda presunçoso, antes de olhar rapidamente para ela. Eu não poderia estragar tudo, abrindo minha boca e discutindo com ele. Pelo menos ainda não.

— Nem um pouco — disse a ela. Entendia por que tinham feito aquilo. Eu teria feito o mesmo.

— Bom dia.

Os cantos de sua boca se ergueram apenas o suficiente para

mostrar uma fração de um sorriso.

— Bom dia.

Ivan não disse nada.

Bom. Talvez ele estivesse fazendo a mesma coisa que eu: mantendo a boca fechada para que pudéssemos passar por isso da maneira mais indolor possível. Isso me tranquilizou mais do que eu gostaria, porque, se ele não estava discutindo comigo, talvez quisesse mesmo ser meu parceiro.

Ok, *querer* era a palavra errada para usar. Necessitar poderia chegar mais perto. Tanto faz.

Eu não tinha ideia de qual era a situação e, honestamente, não dava a mínima. Tudo o que importava era essa oportunidade. Eu não estava disposta a estragar tudo sozinha.

Levantando-se, o que a deixava alguns centímetros mais baixa do que eu, a treinadora Lee cruzou os braços contra o peito e disse algo que eu não esperava.

— Seu Lutz triplo é lindo. Sua altura, sua velocidade, a quantidade de gelo que você cobre e sua técnica... esqueci que esse era sua marca registrada até que o fez. É perfeito, Jasmine, sério. Você deveria ficar orgulhosa. — O sorriso dela se transformou em um sorriso de verdade. — Ele me lembra o de Ivan.

Ignorei a parte sobre Ivan e foquei no resto. Eu tinha orgulho. Mas não foi o que eu disse. Dissequei aquele salto para aperfeiçoá-lo. Assisti e reassisti aos melhores patinadores fazendo-o para ver o que havia de tão espetacular para que eu pudesse fazer também. Havia horas de filmagens em casa de mim repetindo várias vezes, apenas para que pudesse ver como melhorar meus movimentos. Minha mãe queria me matar naquela época por forçá-la a gravar a mesma coisa repetidamente por horas e dias. E, depois que descobri, ela tentou levar todo o crédito por isso.

— Quando você apresentou essa última combinação? Não me lembro de nenhuma competição — disse ela, pensativa. — Achei que Paul não era muito bom em Lutzes...

Ele não era. E eu disse a ela que estava certa.

— É de um antigo programa curto dos meus dias de individual — expliquei.

As sobrancelhas dela se ergueram ao mesmo tempo em uma expressão de “ah”.

— É uma pena. Você terá que me contar um dia a história por trás de você ter mudado de individual para duplas. Sempre tive curiosidade.

E foi esse comentário que me fez dar de ombros e dizer, de forma simples e suave:

— Não é uma história tão interessante, mas um dia eu conto.

Foi o “um dia” que a fez arregalar os olhos.

— Você tem certeza?

Será que eu tinha? Tinha mesmo?

Olhei para ela, apenas ela, e disse:

— Tenho algumas perguntas e algumas estipulações.

— Estipulações? — Ivan fez a pergunta de onde estava no banco, todo preguiçoso e com aquela voz esnobe que dizia que não achava que eu estava em posição de barganhar.

Errado.

Olhei para ele por um segundo e depois voltei meu olhar para a treinadora antes que dissesse algo estúpido.

— Nada absurdo. — Usei as mesmas palavras que ela usou para mim no dia anterior, quando basicamente disse que eu teria que concordar em não ser irredutível a mudanças.

A treinadora Lee lançou um olhar para Ivan, que eu não absorvi, antes de concordar.

— Gostaria de conversar aqui ou devo ver se o escritório está aberto?

Não precisava olhar em volta para saber que tínhamos privacidade.

— Podemos fazer isso aqui e economizar tempo.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas assentiu.

Movi minha mão esquerda para o pulso direito sem pensar, girando minha pulseira para me acalmar. Eu podia fazer aquilo. Podia fazer tudo dar certo.

Eu tinha que tentar.

Ivan podia ser um patinador incrível, mas eu tinha trabalhado tão duro quanto ele. Talvez não por tanto tempo, porque não tinha começado a andar de patins antes dos três anos, mas, de todas as maneiras que importavam, eu tinha feito quase tudo o que pude. Ele não estava me fazendo um favor. Seria uma parceria igual ou não

seria nada. Eu não aceitaria menos.

— O que você tem em mente? — a treinadora Lee finalmente perguntou.

Girei a pulseira no meu pulso novamente. *Eu posso fazer qualquer coisa*, lembrei a mim mesma. Então comecei.

— Quero garantir que você não me peça uma repaginada no visual ou que comece a beijar bebês em público, se eu concordar em ser a parceira de Ivan.

Pronto.

Eu tinha certeza de que sua bochecha tremeu, mas sua expressão era tão neutra que poderia ser minha imaginação.

— Sem beijar bebês e sem repaginadas no visual. Isso não é um problema. O que mais?

Eu poderia realmente começar a gostar daquela mulher e de sua franqueza. Então continuei:

— Você não pode se livrar de mim antes do fim da temporada.

Pelo canto do olho, pude ver Ivan se remexendo no banco, mas ainda não olhei para ele. Em vez disso, observei a mulher com quem estava praticamente fechando negócio, nossa mediadora. Ela não se intimidou com a minha demanda, mas sua sobrancelha fez um movimento peculiar que ela não conseguiu disfarçar rápido o suficiente.

— Por que você acha que terminaríamos o contrato antes do final do ano?

Naquele momento, olhei para Ivan. De propósito. Depois, apontei para ele com o polegar, para que não houvesse dúvidas.

— Porque não tenho certeza se ele e eu vamos nos dar bem.

Ele zombou e abriu a boca como se estivesse discutindo, mas não deixei.

— Estou apenas tentando me proteger. Sei como sou e também como ele é. — Eu o chamei de “ele” porque, embora estivesse olhando para o dito cujo, estava, na verdade, falando com Lee. — Se alguma coisa for minha culpa, vou me esforçar para consertá-la. Prometo a você isso, mas se a culpa for dele...

Ele mudou de postura de sentado em uma posição relaxada para inclinar-se para a frente, abrindo os joelhos e apoiando os cotovelos neles. Seus pálidos olhos azuis estavam tão intensos que parecia que

estavam tentando abrir um buraco dentro de mim. A ponta da língua estava cutucando a parte interna da bochecha. Ele já tinha feito aquela cara para mim vezes suficientes no passado para que eu já a reconhecesse.

Ele estava me lançando um olhar mortal.

Que bom.

Teria sido estranho se ele fingisse que estava tudo bem e perfeito.

— Se for culpa de Ivan... — Olhei para ele naquele momento. — *Sua* — enfatizei, porque ele precisava entender que não era perfeito e que ele e sua treinadora não poderiam me culpar por tudo. — Vou confiar que você vai se arrepender para não cometer o mesmo erro novamente. Se algo der errado, nós dois trabalharemos nisso. Nós concordamos em fazer o que for necessário para que dê certo.

Como eu ainda estava olhando na direção dele, pude ver sua mandíbula se mover de um lado para o outro o tempo todo em que falava e pude sentir a discussão pairando no ar.

— Tudo o que quero é garantir que a responsabilidade seja dividida igualmente entre nós. Somos uma equipe ou não somos. Não serei tratada como coadjuvante. Não pode ser apenas O Show do Ivan.

— O Show do Ivan? — ele repetiu, ainda me lançando seu olhar mortal.

Dei de ombros, sentindo meu nariz começar a enrugar em um desdém que mal consegui controlar antes que ele se manifestasse por inteiro. Voltei meu olhar para a treinadora Lee apenas por um instante.

— E, quando a temporada terminar, quero a palavra dos dois de que vão encontrar outro parceiro para mim. Não apenas me ajudar a encontrar um, mas realmente encontrar um. — Engoli em seco e disse: — É tudo o que quero. Farei qualquer coisa que pedirem, mas quero essas duas coisas e quero ter certeza de que não é discutível.

Houve um momento de silêncio.

Eu não precisava olhar para saber que eles estavam me observando e não um ao outro.

Eeeee. Por que diabos eles estavam demorando tanto para dizer que sim? Eu não estava pedindo muito.

Estava?

Parada ali, olhando para os dois, perguntei o que parecia ser a questão mais importante da minha vida, porque eu só queria acabar

com a situação. Ou íamos fazendo aquilo ou não. Eu não era boa lidando com ansiedade. Não era paciente.

— Nós temos um acordo?

Houve outra pausa, e a treinadora Lee finalmente olhou na direção de Ivan por mais ou menos meio minuto, antes que ela fizesse um barulho divertido. Sua boca se curvou para o lado e depois voltou à expressão anterior. Ela demorou a voltar sua atenção para mim e depois piscou.

E pensei: *não temos um acordo.*

E meu estômago se revirou.

Pela primeira vez na vida, pensei que ia vomitar e quis socar a mim mesma.

— Tudo bem. — Veio a resposta inesperada diretamente da boca de Ivan, sem parecer que ele estava animado com isso... e ainda me observando atentamente. Sem fazer careta. Não prestar atenção em tudo isso foi uma decisão importante, por mais que eu quisesse totalmente o oposto.

Mas não deixei que a cara dele me distraísse do que diabos tinha acabado de acontecer.

Ele tinha concordado.

Ele tinha concordado.

Putá merda.

Eu ia competir novamente.

Uma vez, quando eu era mais jovem, de férias, fui com meu irmão à praia e decidimos mergulhar de penhascos. Lembro-me de pular de um lugar tão alto que minha mãe me mataria se visse. Até meu irmão tinha se acovardado no último minuto. Mas eu não.

Eu não sabia o quão longe iria quando mergulhei na água. Tive que prender a respiração enquanto lutava para alcançar a superfície, tanto que achei que nunca conseguiria. Por talvez meio segundo, pensei que iria me afogar. Mas, quando emergi, provavelmente me lembraria para sempre de como era respirar pela primeira vez. Tomar o primeiro fôlego e pensar que *tinha conseguido*.

Às vezes, é fácil considerar algo tão essencial à sua existência como garantido.

Mais do que nunca, entendi isso enquanto eu estava lá, revezando-me entre olhar para a treinadora Lee e Ivan, sentindo... sentindo-me

exatamente como eu deveria estar sentindo. Como se estivesse viva novamente. Como se estivesse *certa*.

Mas...

Havia mais uma coisa que eu não tinha levado em consideração enquanto me preocupava com todo o resto. Algo que era tão importante quanto as outras duas coisas. Talvez até mais.

Era algo que poderia me levar ao rompimento do acordo. Algo que meu orgulho não queria nem considerar, mas precisava. Eu estava tentando ser uma adulta.

— Há mais uma coisa. — Engoli em seco e lutei contra a tentação de manter a boca fechada. — Quanto serão as taxas de treinamento e coreografia?

Eu não pediria à minha mãe para contribuir mais do que já contribuía. Mas eu também tinha uma vaga ideia de quanto Ivan pagava aos coreógrafos. Liguei para um certa vez e fiquei com raiva quando me passou o valor de suas taxas.

Já estava encolhida por dentro, esperando o pior. Também não havia como a treinadora Lee ser barata. Meus dois últimos treinadores não eram os mais caros, mas também não eram os mais baratos, porque treinavam outros patinadores ao mesmo tempo em diferentes níveis de suas carreiras.

Então, quando Ivan piscou para mim e a treinadora Lee não disse nada, meus pensamentos foram guiados diretamente para um cenário de *merda*.

Teria que pedir a eles que me deixassem adiar meu pagamento até a temporada terminar, para que eu pudesse vender um rim. Que se fodesse, eu poderia usar uma peruca e fazer strip. Eu não tinha nenhuma marca de nascença para me denunciar.

— Ivan cobrirá as taxas de treinamento e coreografia, mas você será responsável pelas viagens e pelo seu guarda-roupa — disse ela, depois de um momento longo demais.

Os músculos dos meus ombros ficaram tensos, meu olhar foi para Ivan e perguntei a ele, quando absorvi a informação:

— Você vai?

Aqueles olhos cinza-azulados piscaram preguiçosamente antes de ele dizer:

— Você pode pagar a metade, se quiser.

Eu não era tão orgulhosa.

— Não.

Ele se endireitou em seu assento, e aquele rosto, que já fora usado em um comercial de protetor labial, permaneceu perfeitamente uniforme.

— Tem certeza? — ele insistiu, aquele tom irritante formigando com suas palavras.

— Tenho.

— Absoluta?

Aquele filho da puta. Estreitei meus olhos.

— Absoluta.

— Eu não me importo de dividir — ele continuou, o canto da boca se transformando em um sorriso malicioso com o qual eu estava familiarizada demais.

Rangi meus molares.

— Não — repeti.

— Porque nós...

— *Ok* — a treinadora Lee entrou na conversa, balançando a cabeça. — Acho que vou precisar de um aumento para lidar com vocês dois.

Isso nos fez virar a cabeça em sua direção.

— Estou bem. A culpa é dele — eu disse ao mesmo tempo em que Ivan acusou:

— A culpa é dela.

Lee balançou a cabeça um pouco mais, dando-nos uma expressão que dizia que ela já estava farta das nossas idiotices.

— Vocês são profissionais e principalmente adultos.

Principalmente adultos?

Só porque eu ainda não conhecia a treinadora Lee que mantive a zombaria para mim.

— Isso vai ser muito trabalhoso, e vocês dois estão cientes disso. Essas briguinhas bobas? Guardem-nas para a noite, quando terminarmos, se vocês não conseguirem superar. Não temos tempo a perder — determinou, usando o mesmo tom da minha mãe quando estava cansada das merdas que fazíamos.

Eu mantive minha boca fechada.

Ivan, não.

— Eu sou profissional — ele murmurou.

Ela apenas olhou para ele.

— Nós conversamos sobre isso.

Ele a olhou, e ela continuou encarando-o.

Eu quase sorri... até entender o que estavam dizendo... e o que não estavam.

Sobre o que diabos eles tinham conversado? Como sempre discutimos e precisávamos superar isso se quiséssemos fazer a parceria funcionar? Porque isso realmente faria muito sentido. Essa era uma das minhas maiores preocupações, mas eu sabia que poderia me controlar.

Pelo menos a maior parte do tempo.

Ela virou a cabeça para olhar para mim.

— Jasmine, isso será um problema?

Eu não confiava em mim mesma para olhar para Ivan, então mantive meu olhar focado na minha nova treinadora. Deus, era estranho pensar nisso.

— Guardar para depois. Posso fazer isso. — Provavelmente seria mais difícil do que os treinamentos exaustivos, mas eu poderia fazê-lo.

— Ivan?

Se ele olhou para mim ou não, eu não fazia ideia, tudo o que ouvi foi basicamente um resmungo:

— Sim.

— As críticas construtivas também não serão um problema — continuou ela, afirmando, sem perguntar.

Merda, poderíamos lidar com críticas construtivas...

— Um do outro — ela terminou.

Naquele momento, olhei para Ivan, mas ele já estava olhando para mim, com as pálpebras semicerradas, como se estivesse pensando a mesma coisa que eu. Nós mal conseguíamos conversar um com o outro. Quase não nos falávamos, porque nós dois sabíamos o que acontecia quando abríamos nossas bocas, direcionando palavras um para o outro.

Mas...

Eu estava tentando melhorar, e conseguiria. Não deixaria minha língua grande estragar nada para mim. Muito menos meu orgulho. Eu disse a eles que faria qualquer coisa por isso, e faria.

Mesmo que significasse lidar com aquele idiota.

Então eu assenti, por que o que mais poderia fazer? Arruinar algo que no futuro poderia me dar tudo o que eu queria? Possivelmente levar a outras grandes coisas? Eu não era tão burra.

— Tudo bem. — Foi a resposta econômica do único homem do grupo.

— Bom, fico feliz que tenha resolvido agora antes de continuarmos.

Olhei para Ivan novamente, mas ele me venceu. Ele já estava olhando para mim...

E eu não gostei nadinha do seu olhar.

Pare de olhar para mim, eu murmurei.

Não, ele murmurou de volta.

A treinadora Lee suspirou.

— Excelente. Murmurem o que quiserem um com o outro, desde que eu não precise ouvir.

Juro pela minha vida que ele estalou os lábios.

Eu queria bater nele.

Então ele abriu a boca para falar:

— Você precisará fazer exames médicos antes de começarmos.

O quê? Ele estava falando sério? Eu estava em excelente estado de saúde...

Cale a boca, Jasmine. Não é grande coisa. E talvez eu não estivesse exatamente no meu auge, mas nenhuma das minhas contusões me atrapalharia.

Fechei a boca e baixei o queixo como se estivesse *tudo bem, hum-hum*. O que era um pequeno check-up quando tinha aquela oportunidade novamente? Não era nada.

— Precisamos garantir que você não tenha condições pré-existentes que não esteja nos contando, que possam atrapalhar mais tarde — continuou ele, lentamente, ainda fazendo a mesma expressão, como se toda aquela conversa e situação estivessem lhe custando caro.

O xingamento rastejou pela minha garganta, não indo a lugar

algum, especialmente depois que a mão dele se ergueu e seu dedo médio coçou a ponta do nariz. Babaca.

— Foi o que imaginei que você queria quando disse que eu faria exames, não saber o meu peso ou níveis de colesterol — murmurei, controlando-me antes de dizer algo mais agressivo.

Aparentemente, era sua vez de agir como um cretino.

— Falando no seu peso...

Não, ele não ia fazer isso.

A treinadora Lee pigarreou quando comecei a erguer a mão para apontar para ele. Com o meu dedo do meio.

— Tudo bem — disse ela firmemente. — Vamos nos concentrar. Acabamos de falar sobre isso. Nós teremos um contrato que você precisará assinar, Jasmine. Fora isso, o treino será seis dias por semana, duas vezes por dia. Isso será um problema?

Precisei de cada grama do meu autocontrole para desviar o olhar do idiota que estava prestes a dizer algo sobre o meu peso. Eu podia sentir minhas narinas se dilatarem quando engoli em seco e foquei de volta na treinadora.

— Não. — Ela não tinha que me dizer que precisávamos de todo o treinamento que pudéssemos receber estando a menos de seis meses do início da próxima temporada. — Que horas? — perguntei, minha mão girando a pulseira.

Foi Ivan quem respondeu quando se virou no banco.

— Quatro horas a partir das quatro da manhã no CL e um treino de três horas à uma da tarde.

Merda.

Isso me daria apenas quatro horas para trabalhar, o que não seria nada bom, mas eu não podia pedir demissão. Nem pensar. Talvez eu pudesse pegar um turno aqui ou ali também nos meus dias de folga. Eu daria um jeito. De alguma forma.

Consegui concordar antes de entender algo que ele disse.

— Você disse no CL. Haverá mais treinos em outro lugar?

Lee nem tentou esconder o olhar que lançou na direção de Ivan. Um olhar que novamente me deixou tensa. Eu odiava segredos e olhares secretos. Queria perguntar o porquê daquelas expressões, mas decidi esperar. Paciência. Eu poderia ser paciente. Se tentasse muito.

Felizmente, ela não me fez esperar muito tempo.

— Você entende que discutimos seus pontos fortes e fracos antes de pedirmos para você ingressar na equipe?

— Sim. — Será que eu gostava do fato de terem conversado sobre mim? Não. Mas fazia parte da situação, e eu não podia culpá-los. Antes de chegar a esse ponto de desespero, eu teria feito o mesmo.

— Você é uma atleta forte, Jasmine — ela começou, e eu me certifiquei de vestir a minha armadura para poder lidar com qualquer crítica que eventualmente saísse de sua boca. Era o que os treinadores faziam. Eles destruíam todas as coisas nas quais você era ruim e o ajudavam a tentar consertá-las. Pelo menos esse era o objetivo. — Sempre achei que você tinha um potencial incrível.

Um “mas” estava prestes a sair de sua boca. Eu podia sentir. Sempre havia um “mas” quando alguém te elogiava.

Ou talvez fosse só comigo.

Mantive meu rosto calmo, mas era um pouco mais difícil do que eu gostaria que fosse.

— Mas há coisas nas quais você pode trabalhar para levá-lo a um nível acima, especificamente sua capacidade de exibição. Eu falei com Galina, e ela confirmou que você não treinava muito o balé. Acho que sua patinação realmente se beneficiaria com isso.

Quando diabos ela falou com Galina?

— Queremos que você faça um treinamento individual com o instrutor que Ivan usou no passado para ajustar alguns maus hábitos... — Maus hábitos? — E que trabalhe para melhorar o que já é bom, mas poderia ser melhor. Além disso, você fará aulas com Ivan ao mesmo tempo. Sempre há espaço para melhorias. Tenho certeza de que você está familiarizada com isso.

Ela estava dizendo isso apenas para me fazer sentir melhor quando basicamente queria me dizer que não tenho a graça que uma boa formação no balé proporciona? Eu sabia que Ivan fazia. Karina só teve aulas de patinação artística até os quatorze anos — e foi assim que nos conhecemos —, mas ela se concentrava na dança antes e depois. Além disso, havia algo realmente elegante e gracioso nos movimentos de Ivan, que só poderiam vir de um instrutor de balé com um coração de sargento. Ele tinha dinheiro. Podia pagar alguém para lhe ensinar tudo o que precisava saber.

Minha mãe só conseguira pagar por duas aulas em grupo por

semana de uma hora cada, e foi o que fiz durante anos. Não ia me desculpar por isso. E eu disse que faria o que fosse necessário para que as coisas dessem certo. Então, tudo o que eu disse foi:

— Ok.

Os cantos da boca da treinadora Lee se curvaram por um momento antes de sua expressão voltar ao normal.

— Que bom. Liguei amanhã e verei o que há de disponível para que você possa escolher os horários que mais se adequam à sua programação. Ivan faz nas manhãs de segunda e sábado das nove às onze. Isso será um problema?

Era, mas eu teria que fazer dar um jeito. Eu acabaria deixando meu emprego e tendo que trabalhar como stripper. Jesus Cristo.

— Não, não é um problema. — Meu estômago doeu por um momento, mas deixei a dor de lado e foquei no que era importante. — Também faço aulas de pilates uma vez por semana para trabalhar na minha flexibilidade. Estou pensando em mantê-las.

— Ótimo, continue fazendo isso — ela respondeu com um lento movimento de cabeça.

Tentei colocar todos os meus pensamentos em ordem.

— Como você quer que seja a temporada? — perguntei.

Foi Ivan quem respondeu.

— Faremos o Discovery Series, o Grande Prêmio, nacionais e mundiais. — Ele piscou. — Podemos pular o resto.

Fiz as contas na minha cabeça e engoli meu nervosismo ao perceber que seriam sete eventos diferentes nos quais estaríamos competindo. Pelo menos. Duas ou três competições na Série Discovery. Três no Grande Prêmio, se chegássemos à final. Em seguida, um para cada, nacionais e mundiais.

Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. E mais dinheiro.

Mas eu nem me importei. Eram mais chances de ganhar.

Ou falhar, a voz negativista na minha cabeça sussurrou até eu empurrá-la para longe. Eu precisava parar de pensar dessa maneira. Isso nunca me fez nenhum bem, e nunca faria. Eu não conseguia me empolgar tão cedo.

— Ok — soltei, com outro aceno de cabeça, sentindo um aperto no peito do qual eu não gostava nem um pouco.

A treinadora Lee baixou o queixo.

— Agora que está tudo resolvido, você pode começar amanhã?
Amanhã? Porra.

Eu estava tão preocupada com a minha voz soar alta e aguda, revelando o quanto estava sobrecarregada com o que iria acontecer, que decidi ficar de boca fechada e assentir novamente. Precisaria conversar com meu chefe. Puta merda.

— É isso então? Você não quer que eu faça um teste? —
questionei, só para ter certeza.

— É isso — ela confirmou. A expressão da treinadora Lee não era exatamente um sorriso, mas parecia... satisfeita. Ela estendeu a mão na minha direção, e eu a peguei.

— Que bom. Amanhã começamos a trabalhar, então. Vou agendar seu exame hoje e informar para onde ir e a que horas.

— Amanhã — concordei, arfante, sentindo um peso sair do meu peito por um segundo antes de afundar novamente. Sentindo-me pesada, puxei minha mão de volta e me virei para onde Ivan estivera sentado o tempo todo. Ele não se mexeu. Seus cotovelos ainda estavam apoiados nos joelhos, as mãos pendendo frouxamente entre as pernas, e sua atenção ainda estava em mim. A linha longa e contundente de sua mandíbula estava firme, e era uma expressão que eu já tinha visto o suficiente.

Tive a sensação de que continuaria vendo muitas coisas ao longo do próximo ano.

O próximo ano. Merda.

Eu disse à treinadora Lee que poderíamos superar nossos problemas, ou pelo menos tolerar um ao outro, e eu não ia recuar ou faltar com a minha palavra. Não seria eu a estragar tudo. Eu poderia ser a pessoa madura de nós dois... e pensar nisso colocou um sorriso no meu rosto.

Hesitando por um momento, estendi minha mão para ele.

E esta ficou pairando lá. Por um segundo. Por dois segundos. Por três segundos.

Mais três segundos e eu lhe daria um tapa na cara.

Ivan estava me olhando de volta quando se levantou, subindo a toda a altura que o deixava quase trinta centímetros mais alto do que eu... e colocou a mão na minha pela primeira vez.

Seus olhos encontraram os meus, e eu sabia no que ele estava

pensando, porque estava pensando a mesma coisa.

Uma vez — apenas uma vez — anos atrás, caí feio depois de um salto. Ele estava na pista comigo na hora. Eu estava deitada no gelo, com os olhos turvos, tentando recuperar o fôlego, porque até meu cérebro doía depois de atingir o gelo com tanta força. Aquele filho da puta veio patinando na minha direção por algum motivo. E estendeu a mão para mim, com um sorriso no rosto.

Eu nem pensei. Tudo o que vi foi uma mão estendida na minha direção, então tentei pegá-la. Como uma idiota.

Meus dedos provavelmente estavam a centímetros dos de Ivan quando ele recolheu a mão, sorrindo ainda mais, e me deixou lá. No gelo. Bem assim.

Filho da puta.

Então ele só podia culpar a si mesmo quando levei um minuto para fechar meus dedos em torno dos dele, olhando-o fixamente o tempo todo, esperando o pior. Mas nada aconteceu. A palma da sua mão era fria e larga, e os dedos eram mais longos do que eu esperava. Em todos os anos em que nos conhecíamos, nunca nos tocamos, exceto no Dia de Ação de Graças que passei na casa de sua família e ele se sentou ao meu lado e pegou minha mão durante a oração. Passamos os três minutos inteiros apertando a mão um do outro o mais forte que pudemos, pelo menos até Karina chutá-lo debaixo da mesa, provavelmente vendo minhas pontas dos dedos ficando brancas.

Se ele estava esperando que eu diria alguma coisa, esperaria para sempre, porque não havia nada que eu precisava lhe dizer. Ok, talvez eu simplesmente não confiasse em mim mesma para não dizer algo estúpido que nos levasse a um ponto do qual não poderíamos mais voltar. Aparentemente, não havia nada que ele precisasse me dizer também. Por mim tudo bem.

Esta era a melhor parte da patinação artística. Você não precisava falar para exercê-la.

Ivan apertou meus dedos com força.

E eu apertei os deles o mais forte que pude de volta.



Capítulo Cinco

Eu esqueci o quanto doía cair.

— Você está bem? — a voz da treinadora Lee surgiu de... algum lugar.

Eu estava de olhos fechados, ainda deitada, agradecida pelo fato de alguém ter decidido, em algum momento da história, que o mundo precisava de tapetes acolchoados. Porque, se não fosse por eles, mesmo que tivessem apenas 2,5 centímetros de espessura, eu provavelmente teria quebrado três vezes mais ossos do que tinha quebrado na minha vida.

Ainda assim.

Porra.

Tentei respirar, mas, por causa da pancada, meus pulmões ainda estavam em choque. As mãos de Ivan tinham escorregado — ou o que diabos tinha acontecido —, resultando em uma queda de cerca de dois metros e meio no ar e aterrissando direto no chão nas minhas malditas costas.

Porra.

— Estou bem — sussurrei, ofegante, tentando forçar uma respiração outra vez, mas apenas conseguindo completar uma como um bebê faria, que não era nem próxima o suficiente do que seria necessário.

Engolindo em seco, tentei tomar outro fôlego e consegui apenas metade de um antes de a minha coluna dizer: *Ainda não, otária.* Arrastando meus calcanhares nus pelos tapetes, plantei meus pés no chão e tentei respirar fundo, sendo um pouco mais bem-sucedida dessa vez. O bom era que minhas costelas não estavam quebradas. A outra coisa boa era: pelo menos, ele me deixou cair aqui e não no gelo, que parecia o equivalente a cimento quando você o atingia.

Engoli em seco novamente, respirei fundo e, quando tudo correu bem, lembrei-me de que não era nada. Não de verdade, pelo menos.

Abri os olhos e imediatamente vi a mão grande que me segurara acima do chão — a mão grande que falhara e me deixara cair — estendida em minha direção.

Por um segundo, pensei em pegá-la para me ajudar, mas depois me lembrei da outra vez que ele havia feito a mesma coisa. Balancei a cabeça e senti sozinha.

— Estou bem — murmurei, apenas fazendo uma careta enquanto dizia isso.

— Você precisa de um minuto? — a treinadora Lee perguntou de onde ela estava, quando me ajoelhei e lentamente fiquei de pé, respirando mais algumas vezes, o que fez minhas costas doerem um pouco. Eu sentiria ainda mais dor no dia seguinte, com certeza.

— Estou bem. Vamos fazer de novo. — Gesticulei para ela quando inclinei a cabeça para trás e respirei fundo para recuperar o que a queda havia tirado de mim. Quando minha respiração estava sob controle e eu estava pronta para recomeçar, virei-me para encarar aquele que era meu parceiro novinho em folha há quatro horas.

Quatro horas.

Passamos a manhã fazendo o básico, e eu realmente queria dizer o mais básico dos básicos. Eu não tinha dormido bem na noite anterior, principalmente por conta da ansiedade do que viria na manhã seguinte — nosso primeiro treino —, mas, quando acordei, estava pronta.

Quando nos encontramos ao lado da pista às quatro da manhã, eu já tinha um E preto no dorso da minha mão esquerda e um D vermelho na direita, alongava-me sozinha, e ele também. A treinadora Lee ficou patinando ao nosso lado... por horas. Tudo para que encontrássemos nosso ritmo juntos. Suas pernas eram mais longas do que as minhas, mas nós dois ouvimos as correções da treinadora, mantivemos nossas bocas fechadas, e tudo deu certo. Acho que nem olhamos um para o outro, de tão ocupados que estávamos nos concentrando nos pés... e apenas algumas vezes eu tive que olhar para as minhas mãos.

E quando ela nos disse para darmos as mãos e fazermos tudo de novo, nós o fizemos. Depois, repetimos e repetimos, de mãos dadas e sem mãos dadas até acertarmos. A passos de bebê, mas eles eram

importantes. Aquelas eram todas as coisas que deveríamos ter descoberto se tivéssemos feito um teste.

Então, quando chegamos à pista de tarde, depois que fui trabalhar — e explicar ao meu chefe que eu teria que trabalhar menos horas dali em diante —, a treinadora Lee nos disse que começaríamos a treinar levantamentos nos tapetes, senti-me animada o suficiente para avançar um pouco mais.

Pelo menos até as coisas ficarem estranhas quando ele me pegou em um levantamento em que suas mãos ficavam no ponto entre a parte inferior da minha barriga e logo acima da virilha, os braços travados acima da cabeça, que está a um metro e noventa do chão, enquanto eu mantinha minhas pernas juntas e estendidas, costas arqueadas para trás e cabeça erguida. Eu já tinha feito aquilo mil vezes antes com meu ex-parceiro.

Mas, assim como tinha me esquecido o quanto doía cair, esqueci como cada parceiro tinha uma maneira diferente de segurar. Ou foi o que me disseram. Eu só tive um parceiro na minha curta e péssima carreira de duplas.

Talvez eu pesasse mais do que a última parceira de Ivan.

— Deixe-me ver onde você está colocando as mãos, Ivan — gritou a treinadora Lee. — Então erga-a o mais devagar possível, para que eu possa ver o movimento de Jasmine também.

Assentindo, eu olhei para Ivan depois que me posicionei diretamente à sua frente. De calça de moletom cinza ajustada e afunilada e uma camiseta tão branca que parecia ser nova, seu cabelo penteado e cortado da maneira perfeita que sempre foi, ele mais parecia prestes a fazer uma sessão de modelagem para calças de moletom do que para realmente se exercitar.

Com o queixo encostado no peito, ele olhou para mim com aqueles olhos azul-acinzentados quase claros e assentiu para mim como quem diz *vamos lá*. Até aquele momento, não tínhamos dito nada um para o outro. Não tínhamos sequer murmurado.

Ainda.

Também encostei o queixo no peito para dizer *vamos lá*. Então nós fizemos. Suas mãos se posicionaram em um lugar onde não deixei muitos caras me tocarem, e nós entramos no movimento.

Eu soube, no momento em que ele me colocou no nível de sua cabeça, que algo estava errado, e eu precisava descobrir o que era.

— O que foi? — a treinadora Lee perguntou, como se lesse minha mente.

— A palma da mão dele é estranha — eu disse a ela imediatamente, tentando não me contorcer muito antes de acabar no chão novamente.

— Não há nada de errado comigo — afirmou Ivan debaixo de mim, soando tão insultado quanto eu imaginava que ele ficaria.

Revirei os olhos. Prometi que não falaria nada, mas isso não significava que eu não poderia revirar os olhos, principalmente quando ele não pudesse me ver.

— Eu não sei o que é. Acho que as mãos dele são maiores... — Comecei a explicar à treinadora Lee antes que o homem embaixo de mim emitisse um som risonho que me fez revirar os olhos novamente. — Parece estranho. — O levantamento foi o mais alto possível, e eu estava na mesma posição em que ele me deixou cair. Contraí minha barriga e cerrei os dentes, tensionando meu bíceps enquanto tentava mover um pouco o peso nas palmas das mãos e nos dedos. Eu poderia fazer isso.

— Eu sei o que estou fazendo — rebateu o idiota debaixo de mim.

— Vou me acostumar com isso — falei para a treinadora Lee, fingindo que não ouvi Ivan.

— Coloque-a no chão e faça de novo — instruiu.

Ivan fez o que ela mandou, me colocando no chão muito mais rápido e com o menor cuidado possível. Idiota. Eu o olhei, mas ele estava muito ocupado olhando para a treinadora Lee para perceber.

Então fizemos de novo.

De novo e de novo e de novo.

Isso foi tudo o que fizemos pelas próximas três horas, o levantamento, uma vez após a outra e após a outra, até que parou de parecer tão estranho... e meus braços — e os de Ivan — tremiam de exaustão. Meus ombros estavam doloridos, e eu não conseguia imaginar como ele deveria se sentir. Mas nenhum de nós reclamou ou pediu uma pausa.

Quando as quatro horas terminaram, os músculos abdominais que eu tinha esquecido que possuía estavam exaustos, e eu tinha 90% de certeza de que haveria um hematoma gigante na minha barriga no dia seguinte.

— Mais uma vez e vamos encerrar o dia — disse a treinadora, do local em que ela havia sentado, de pernas cruzadas no tapete, a alguns metros do círculo de espaço onde Ivan e eu estávamos. Nem chegou ao ponto em que ele teria que andar comigo sobre a cabeça; ainda estávamos fazendo o mesmo levantamento.

Eu não olhei para cima quando dei um passo para trás antes de me inclinar para frente, ao mesmo tempo em que as mãos de Ivan se posicionaram. E ele me ergueu, um pouco mais rapidamente — mesmo sabendo que devia estar cansado —, um pouco mais fácil e consistente. Levou eternos vinte segundos até que eu estivesse de pé novamente, evitando uma careta pela dor no meu abdômen. Eu precisaria aplicar a pomada de arnica que estava na minha bolsa depois que tomasse banho, para que não estivesse morrendo no dia seguinte.

— Coloque gelo no seu abdômen esta noite, Jasmine. Não podemos permitir que você sofra — gritou a treinadora Lee quase imediatamente depois de eu ser colocada de pé. Olhei para ela e assenti. — Bom trabalho hoje.

Sério? Parte de mim achava que poderia ter sido melhor, ou pelo menos mais rápido, mas eu não tinha algo ou alguém para comparar. Não ia me deixar sobrecarregar. Um passo de cada vez. Eu sabia disso. Um pequeno passo de cada vez, para construir outro passo e outro até subirmos uma escada inteira.

— Descansem, coloquem gelo onde for necessário e vejo vocês amanhã — completou. Eu já sabia, por experiência própria, que ela tinha seus patinadores mais jovens, nos quais costumava se concentrar quando a temporada de Ivan terminava. Eu a observei quando ela se virou e foi embora.

Ok.

Eu também não queria ficar muito tempo ali.

Erguendo minhas sobancelhas para mim mesma, fui em direção ao local onde tirei meus sapatos e meias. O silêncio na sala enorme era estranho; era um dos dois espaços de prática diferentes criados no CL que qualquer patinador poderia usar. Inclinando-me, peguei as meias e calcei, percebendo que tinha uma lasca no esmalte rosa-choque do meu dedão do pé. Talvez naquela noite eu conseguisse consertar, se isso não me fizer chorar. A cor nunca durava mais do que alguns dias e, especialmente, não acompanhava esse novo

cronograma de treinamento, mas eu gostava de mantê-las pintadas. Gostava mais de ir a pedicure do que de fazer eu mesma, mas isso não iria acontecer tão cedo.

Pelo menos não por um ano.

Tinha acabado de endireitar minhas costas para calçar os sapatos quando ouvi um suspiro profundo atrás de mim.

Fingi que não o ouvi.

Mas não podia fingir que não ouvi quando ele disse, naquele tom de voz que estava entre o profundo e o barítono:

— Precisamos trabalhar para que você confie em mim, se quiser que eu a ajude a encontrar outro parceiro quando isso acabar no próximo ano.

E... eu parei, com as mãos nos cadarços, e olhei por cima do ombro para encontrar Ivan parado onde ele esteve na última vez que o vi: descalço no meio dos tapetes; exceto que, daquela vez, suas mãos estavam nos quadris e sua atenção estava focada em mim.

— O quê? — Franzi a testa.

O músculo ao longo do maxilar de Ivan se contraiu.

— Nós. Precisamos. Trabalhar. Para. Que. Você. Confie. Em. Mim. Se. Quiser. Que. Eu. Te. Ajude. A. Encontrar. Outro. Parceiro — repetiu o espertinho.

Eu pisquei, e se meu olho começasse a tremer, não era intencional. Lee tinha ido embora, não tinha? Nós só conversamos sobre nos controlarmos durante o treino. Certo?

— Eu. Ouvi. Da. Primeira. Vez — respondi, fazendo pausas, assim como ele. — Eu. Quero. Saber. O. Que. Você. Quis. Dizer. Com. Isso.

— Eu. Quis. Dizer. Que. Você Precisa. Confiar. Em. Mim. Ou. Isto. Nunca. Vai. Funcionar.

Filho da puta. *Acalme-se, Jasmine. Fale com ele normalmente. Seja a pessoa madura.*

Mas não consegui.

— Você está me ameaçando?

Foi a vez dele de erguer as sobrancelhas. A vez dele de dar de ombros.

— Faz um dia e você já está ameaçando não me ajudar? — perguntei, demorando em cada palavra.

— Tudo o que estou dizendo é que isso não vai dar certo se você

não confiar em mim, e até você sabe disso.

Meu olho estava tremendo, e juro por Deus que meus dedos doíam com a necessidade de puxar o cabelo de alguém.

— Você me deixou cair.

— Uma vez, e não será a última. Você sabe disso. — Era a desculpa dele.

Sim, eu sabia disso. Não esperava nada diferente.

Mas...

Ainda assim, fora ele quem me deixara cair.

Ivan piscou.

— Eu não fiz de propósito. — Sim, eu não acreditava muito nisso, e ele deve ter percebido, porque balançou a cabeça, e as narinas finas, naquele nariz perfeitamente reto, se dilataram, e ele repetiu. — Não fiz.

Eu não disse nada.

— Não vou arriscar machucá-la — ele tentou dizer antes de seu maxilar se contrair de novo. — Não enquanto você for minha parceira.

— Isso é realmente reconfortante.

Sua bochecha tremeu.

— Eu confio em você o suficiente — falei, mas a acusação de *mentirosa, mentirosa, mentirosa* fazia cócegas na base da minha garganta. — Só não estou acostumada com a maneira como você me segura, só isso. — E era difícil confiar em alguém que eu chamava de merdinha há anos, mas...

A ponta da língua dele foi parar no interior da bochecha, e aqueles olhos azul-gelo se estreitaram em mim. Tudo sobre ele tinha que ser imaculado o tempo todo?

— Você é uma péssima mentirosa, sabia disso?

— Você é um mentiroso de merda — eu disse, antes que pudesse me conter.

Ele balançou a cabeça e notei que nem uma mecha de seus cabelos negros se moveu.

— Você disse que faria o que fosse necessário para que pudéssemos vencer, não é?

Assenti lentamente.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Então, estou lhe dizendo o que há de errado e você precisa corrigir.

Oh, meu Deus.

— Faz um dia, e eu lhe disse o que há de errado. O posicionamento das suas mãos é estranho.

— *O posicionamento das minhas mãos não é estranho.*

— É, sim.

— Ninguém mais se queixou.

— Ninguém mais teve coragem de reclamar — rebati. — Eu vou me acostumar com isso. Tenho certeza de que você está fazendo certo...

— Estou. Quer ir ver os troféus na saída do complexo?

Soltei um suspiro e sacudi meu pulso... porque estava um pouco dolorido, não porque eu já queria dar um soco nele. Não mesmo.

— Você os admira quando entra e sai todos os dias? Fica polindo-os todos os domingos? Dá um beijinho?

A boca de Ivan abriu e depois fechou.

Eu sorri.

— Vou me acostumar com isso.

Ele piscou.

— O problema não é você se acostumar com isso. Você não confia em mim. Eu posso sentir.

— Confio em você para não me deixar cair de propósito — falei lentamente, não gostando da linha que estávamos seguindo. — Eu acho que você deve estar querendo resolver as coisas o mais rápido possível. Não quer perder tempo.

— Não brinca, Sherlock — disse ele, instantaneamente provocando um calafrio na minha espinha.

— Olha, Satã, como você espera que eu passe a confiar em você depois de só seis horas de treino? — rebati, antes que pudesse me controlar.

Isso atraiu aquele sorriso esquisito e alegre que eu só via em seu rosto quando estávamos brigando.

— Eu sabia.

— Não brinca, Sherlock. Eu sei que você não vai me deixar cair de propósito, mas o que quer que eu faça? Nós não gostamos um do

outro. Estou constantemente esperando que você não tome cuidado comigo, não importa o que diga a mim mesma.

Ele ergueu uma sobrancelha, e eu não deixei passar a forma como ele não argumentou sobre o fato de não gostarmos um do outro. Idiota.

— Você precisa confiar. Lee acha que podemos fazer isso em um ano, e eu sei que posso fazer isso em um ano...

Revirei os olhos porque tinha certeza de que ele pensava que poderia fazer ou dominar qualquer coisa nesse tempo.

Ok, talvez eu pensasse a mesma coisa sobre mim, mas era diferente. Eu não agia como uma idiota sem motivo, apenas com uma pessoa.

— ... mas precisamos superar isso e precisa ser logo. Você está hesitando porque não confia em mim por causa daquele idiota do seu ex-parceiro, então o que quer que eu faça? Ou o que você precisa que eu faça para que possamos chegar onde queremos chegar?

Naquele momento, foi a minha vez de piscar, porque quem diabos era aquela pessoa? *O que você precisa que eu faça?* Que porra era aquela? E por que ele estava citando Paul?

O fato de ele ter me pegado desprevenida deveria estar estampado no meu rosto porque ele suspirou.

— Eu não tenho o dia todo.

Oh, Deus.

— Nem eu. — Eu não o chamei de *cara de merda*, mas pensei em fazê-lo. — Olha, não sei. Eu já disse, minha cabeça sabe que você não vai me deixar cair de propósito, mas o resto de mim não confia nisso. Há uma semana, eu não teria confiado em você para me pegar nem em um exercício de confiança, quando eu caísse. Não sei como resolver isso.

Ivan piscou.

— Você não é minha primeira nova parceira, e será apenas por um ano, então vamos descobrir como juntos. Você quer minha palavra?

— Você percebeu que não respondeu quando eu disse que não me pegaria no exercício de confiança?

— Eu não teria pegado mesmo.

Porra, eu *sabia*.

— Isso foi antes, agora é diferente, Almôndega. Você quer a minha

palavra de que não vou deixar que se machuque de propósito?

Eu quase ri.

— Sua palavra? Você se lembra de todas as outras palavras que me disse ao longo dos anos?

Seu queixo ficou tenso, fazendo o rosto perfeitamente esculpido parecer carrancudo.

— Foi o que pensei.

— O que quer que eu faça? Lee vai perguntar o que fiz para resolver o problema e quero dizer a ela que fiz tudo o que precisava. Diga-me.

Dizer a ele?

Olhei para o lado antes de olhar de volta em sua direção.

— Conte-me algo embaraçoso.

Ele nem hesitou.

— Não.

Eu teria sorrido se fosse alguém diferente dele.

— Hum. Quem é que está com problemas de confiança agora, imbecil? — Balancei minha cabeça. — Não se preocupe com isso. Eu vou superar. Tudo vai ficar bem. Preciso disso mais do que você. Vou descobrir como e tudo ficará bem.

Tinha que ficar.

— Ótimo.

Olhei de volta para baixo e terminei de amarrar o catarro antes de me levantar. Deus, eu realmente precisaria usar gelo naquela noite. Talvez até tomasse um banho em uma banheira de gelo. Porra. Eu não sentia falta disso.

Revirando os ombros, que não percebi que estavam tão tensos, olhei para Ivan, que havia se mexido em algum momento e estava ocupado deslizando os pés em direção ao que pareciam pantufas estilo botinha.

Tanto fazia. Eu queria ir para casa.

Dei um passo em direção à porta e hesitei. Nós éramos parceiros. Por um ano. Eu poderia tentar ser melhor. Gostaria disso. Então, olhei por cima do ombro e gritei:

— Até mais.

Eu nem adicionei um palavrão ao final. Isso devia significar alguma

coisa.

Esprei talvez dois segundos antes de perceber que ele não iria responder — idiota — e fui em direção à porta, dizendo a mim mesma que não importava que ele não falasse nada. Que diabos mais eu estava esperando? Ele realmente ser amigável? Eu sabia o que aconteceria e o que não aconteceria.

Ele já tinha dito. Um ano. Era tudo o que precisávamos juntos.

E ele queria tanto que desse certo que chegara a conversar comigo sobre o que havia de errado para que pudéssemos consertar.

Ao menos eu podia confiar nele o suficiente para saber que sempre tomaria a melhor decisão nos negócios.

Eu confiava nele? De jeito nenhum. Pelo menos não o suficiente. Mas para o que importava? Sim.

Puxando o cós da minha calça, que tinha esticado no treinamento, revirei os ombros, encolhi minha barriga para ver se estava realmente tão dolorida quanto eu pensava — estava sim — e decidi que poderia passar na loja de conveniência e pegar dois sacos de gelo. Os banhos de gelo eram uma tortura e havia muito poucas coisas que eu odiava mais do que eles, mas... odiaria sentir ainda mais dor. Só precisava ser corajosa e lidar com isso.

Mas, ainda assim, meus ossos já doíam só de pensar.

Com um arrepio percorrendo minha espinha, que me fez sentir como uma chorona, segui pelo corredor o mais rápido que pude. Quanto mais rápido chegasse em casa, melhor. Eu ainda poderia encaixar uma noite de cinema com minha mãe e Ben.

Ninguém ficou olhando muito para nós naquela manhã, enquanto patinávamos juntos, mas achei que era só porque todo mundo que frequentava pela manhã estava focado demais em si para se importar. Eram as outras pessoas, as da tarde, que fofocavam.

E se eu ainda não tivesse contado à minha mãe sobre a situação, ela com certeza descobriria de alguma forma.

Eu não ia contar aos meus irmãos com antecedência, principalmente porque gostava quando todos perdiam a cabeça por causa das coisas e faziam birras. Era o que me fazia rir. E me deixava feliz ver que eles se importavam.

Continuando a girar meus ombros para que voltassem ao lugar enquanto caminhava, virei outro corredor e parei. Porque, no corredor, perto das portas, havia uma figura que eu conhecia muito bem e outra

que era familiar, mas não tanto. Eram Galina e a garota por quem ela havia me substituído, e, pela sua linguagem corporal, eu poderia dizer que Galina estava um pouco contrariada. Passei tempo suficiente com ela ao longo dos anos para saber exatamente como era.

E, pelo jeito como a garota estava esfregando as bochechas, eu podia dizer que estava chorando.

Ela nunca me fez chorar, mas fazia isso com outras pessoas que não a entendiam.

Continuando pelo corredor, desejei estar com minha bolsa para pegar meus fones de ouvido, colocá-los e fingir que não ouvia nem via Galina falando com a garota mais nova em uma voz baixa que só me permitia entender alguns trechos de seu sotaque russo. Algo sobre expectativas, objetivos e não desistir.

Eu estava mais ou menos no meio do corredor quando as duas se viraram para olhar para mim.

— *Yozik* — minha ex-treinadora me cumprimentou com um aceno severo.

— Galina — digo, antes de desviar o olhar para a garota e dar um aceno para ela, que provavelmente parecia exatamente com o da sua treinadora. — Latasha.

— Olá — a garota respondeu, parecendo que estava prendendo a respiração enquanto baixava a cabeça. Talvez para que eu não pudesse ver seus olhos e saber que estava chateada por ser repreendida por alguma coisa.

Mal sabia ela que eu não ligava, mas não seria eu a lhe dizer.

— Parabéns pelo novo parceiro — falou Galina. — Estou feliz por você. Sempre soube que era questão de tempo.

E isso quase me fez tropeçar.

Ela estava feliz e sempre soube? O que ela sempre soube?

— Seus Lutz triplos ficarão lindos juntos — ela continuou, e eu só conseguia olhar para ela como se não a conhecesse.

De onde diabos vinham todos esses elogios e por quê?

— Quantas vezes você trabalhou neles? — Galina indagou, e sua pergunta era inútil, porque ela sabia muito bem o quanto eu tinha trabalhado neles. Ela esteve presente. Conteí a ela sobre todas as vezes que minha mãe me ajudou a filmá-los para que eu pudesse ver como estavam.

Mas não precisava perguntar por que ela estava me questionando sobre isso. Passamos tempo suficiente juntas para que eu soubesse como o cérebro dela funcionava e qual era o objetivo. Era para fazer algum tipo de observação para a garota mais jovem.

— Cinco mil vezes? — falei com um encolher de ombros, porque não poderia precisar. Os números não eram o meu ponto forte e perdi a conta depois de um tempo.

— Você chorou fazendo-os?

Ela sabia que eu nunca tinha chorado e, por mais que eu não quisesse incomodar a garota mais do que ela já tinha perturbado, eu também não mentiria. Então tudo o que fiz foi sacudir a cabeça, porque, na verdade, dizer as palavras parecia brutal demais. Mudei de assunto antes que Galina pudesse continuar me questionando sobre coisas que só deixariam a outra garota ainda mais chateada. — Lina, posso perguntar uma coisa em particular?

Ela inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse pensando, e me deu outro de seus acenos decisivos.

Quando caminhei um pouco mais pelo corredor, ela me seguiu e parou ao mesmo tempo que eu. Fui direto ao assunto.

— O que Nancy Lee perguntou a você sobre mim?

A expressão dela não mudou, como se não estivesse surpresa por eu estar perguntando. E não deveria estar. Ela sabia que nunca tive problemas em ser direta.

— Se eu achava que você estava aposentada. Foi o que ela perguntou.

— Se você era boa em ouvir. Se trabalhava duro. Se eu te treinaria de novo — continuou ela, aquele rosto duro como aço focado no meu. — Eu disse que sim. Que você deveria ter um parceiro. Você tem os ombros. Os braços. Fui eu que não te segui. Disse a ela que você era a melhor que já treinei...

— ... mas que vive dentro dessa sua cabeça demais, *yozik*. Sabe disso. Você se importa muito. Também sabe disso. Eu falei para ela tudo isso. Ninguém merece uma chance tanto quanto Jasmine, eu disse.

Seu olhar estava concentrado no meu quando ela terminou.

— Eu também avisei que você e Ivan irão se matar se você falar demais.

Ela...

— De nada. Você não vai fazer com que eu me arrependa disso, vai?

Ela...

Engoli em seco. E, antes que eu pudesse dizer outra palavra, Galina me deu um tapa na parte de trás da cabeça como havia feito mil vezes antes e falou:

— Eu tenho coisas a fazer. Nos falamos mais tarde.



Capítulo Seis

Consegui manter segredo por três dias, até que as mensagens de texto começaram a chegar numa tarde, enquanto tentava terminar o aquecimento antes do treino da tarde. Cheguei ao CL mais tarde do que o habitual e fui direto para a sala de treinamento, agradecendo a Deus por ter decidido trocar de roupa antes de sair da lanchonete, porque, uma vez que vi que horas eram, me lembrei que o trânsito da hora do almoço era bem ruim. Estava alongando meus quadris quando meu telefone tocou em cima da bolsa. Peguei-o e ri imediatamente da mensagem depois de demorar um tempo para absorvê-la.

Jojo: MAS QUE PORRA É ESSA, JASMINE?

Eu não precisava perguntar o que meu irmão estava querendo dizer. Era apenas uma questão de tempo. Era realmente difícil manter um segredo na minha família, e a única razão pela qual minha mãe e Ben — que era a única pessoa, além dela, que sabia — mantiveram a boca fechada foi porque ambos concordaram que seria mais divertido irritar meus irmãos ao não dizer nada e deixá-los descobrir da pior maneira que eu iria competir novamente.

A vida era toda feita de pequenas coisas.

Então, coloquei meu telefone de volta na bolsa e continuei me alongando, sem me preocupar em responder, porque isso o deixaria mais louco.

Vinte minutos depois, enquanto ainda estava ocupada me alongando, peguei meu telefone e não fiquei surpresa ao ver mais mensagens.

Jojo: POR QUE VOCÊ NÃO ME DISSE?

Jojo: COMO VOCÊ PÔDE FAZER ISSO COMIGO?

Jojo: OS OUTROS ESCONDERAM ISSO DE MIM?

Tali: O que aconteceu? O que ela não te contou?

Tali: OH, MEU DEUS, Jasmine, você está grávida?

Tali: Eu juro, se você engravidou, vou te dar uma surra. Falamos sobre anticoncepcionais quando você atingiu a puberdade.

Sebastian: Jasmine está grávida?

Rubes: Ela não está grávida.

Rubes: O que aconteceu, Jojo?

Jojo: MAMÃE, VOCÊ SABIA DE TUDO?

Tali: Você pode nos dizer do que está falando?

Jojo: JASMINE ESTÁ PATINANDO COM IVAN LUKOV.

Jojo: E eu descobri indo no Picturegram. Alguém na pista postou uma foto deles em uma das salas de treinamento. Eles estavam fazendo levantamentos.

Jojo: JASMINE, EU JURO POR DEUS QUE VOCÊ VAI TER QUE EXPLICAR TUDO AGORA MESMO.

Tali: VOCÊ ESTÁ BRINCANDO COMIGO? ISSO É VERDADE?

Tali: JASMINE.

Tali: JASMINE.

Tali: JASMINE.

Jojo: Vou no site do Lukov agora para confirmar isso.

Rubes: Acabei de ligar para mamãe, mas ela não atendeu.

Tali: Ela sabia disso. QUEM MAIS SABIA?

Sebastian: Eu não. E pare de escrever o nome de Jas repetidamente. É irritante. Ela está patinando de novo. Bom trabalho, Jas. Fico feliz por você.

Jojo: ^^ Você gosta de cortar nossa onda.

Sebastian: Não, eu só não estou enlouquecendo porque ela conseguiu um novo parceiro.

Jojo: ELA NÃO NOS CONTOU PRIMEIRO. Qual é o sentido de sermos parentes se não sabemos das coisas antes de todo mundo?

Jojo: EU DESCOBRI NO PICTUREGRAM.

Sebastian: Ela não gosta de você. Eu também não diria.

Tali: Não consigo encontrar nada sobre isso na internet.

Jojo: JASMINE.

Tali: JASMINE.

Jojo: JASMINE.

Tali: JASMINE.

Tali: Conte-nos tudo ou vou à casa da mamãe hoje.

Sebastian: Vocês são chatos. Vou silenciar o grupo até eu sair do trabalho.

Jojo: Desmancha-prazeres.

Tali: Desmancha-prazeres.

Jojo: Pega no verde.

Tali: Pega no verde.

Sebastian: Chatos.

Sorri para mim mesma enquanto lia as mensagens lentamente, esfregando a palma da mão em cima de cada uma das mãos. Eu não precisava olhar para baixo para saber que o D vermelho e o E preto que eu aplicava todos os dias ainda estavam lá. Eu realmente não tenho esfregado com tanta força. Provavelmente levaria meses até que conseguisse lavá-los completamente. Eu tinha pensado em outros jeitos de saber qual lado era qual, mas demoraria muito, então optei por canetinhas e letras... por enquanto.

Digitei uma resposta, porque, conhecendo-os, se não o fizesse, da próxima vez que olhasse meu telefone, eu teria uma coluna interminável de JASMINE escrita até que recebessem notícias minhas.

Isso não significava que minha resposta tinha que ser o que eles queriam.

Eu: Quem é Ivan Lukov?

— Por que você está sorrindo, Almôndega?

Meus ombros ficaram tensos por um segundo antes de me lembrar que não valia a pena me irritar com esse idiota. Pelo menos não quando ele podia ver minha reação. Ele não merecia isso. Colocando meu telefone próximo ao joelho, olhei ao redor e vi que a treinadora Lee não estava na sala. Huh. Inclinei-me para frente, costas retas, solas dos pés pressionadas juntas. Eu nem sequer lhe dei o benefício de um olhar quando ele se abaixou ao meu lado por algum motivo.

— Apenas checando fotos suas pelado. — Inclinei-me ainda mais enquanto minhas mãos se esticavam para frente até minha testa

pairar a apenas um centímetro acima do chão. — Eu precisava rir.

O *hum* dele me fez sorrir em direção ao tapete e, felizmente, ele não conseguiu vê-lo.

— Você sabe para o que eu olho quando preciso rir?

Meu sorriso imediatamente desapareceu. Não respondi sua pergunta idiota.

— Vídeos das suas coreografias com aquele cara que não lembro o nome — ele respondeu à própria pergunta.

Babaca. Virei a cabeça para o lado apenas um pouco para que pudesse espia-lo enquanto ele se sentava ao meu lado.

— Tenho um vídeo de você caindo, fazendo a espiral da morte na Copa da Rússia do ano passado.

Ele tentou esconder seu sibilar, mas o reconheci imediatamente. Não pude deixar de sorrir também. Virei a cabeça de volta para onde estava antes e compartilhei meu sorriso com o tapete. Mas eu deveria ter esperado que ele retrucasse quase imediatamente.

— Você assistiu ao vivo em casa, hein?

Virei a cabeça para olhar para onde ele estava sentado a alguns metros de distância, com as pernas estendidas. Sua cabeça estava virada para mim. Claro que sim. Ele estava sempre olhando para mim, tentando obter uma reação.

— Eu assisti. Eles te deram alguma coisa pelo quarto lugar naquele dia ou...

Ele não perdeu tempo.

— Eles não tinham nada para me dar pelo quarto lugar. Disseram algo sobre como ficaram sem faixas de consolação depois que você decidiu trocar para patinação de duplas.

Seja uma pessoa melhor. Seja uma pessoa melhor. Seja uma pessoa melhor.

— Sempre a dama de honra, nunca a noiva — ele murmurou.

— Este ano não vai passar rápido o suficiente — sussurrei mais para mim mesma, mas um pouco para ele também, porque... porra, por que não?

Os cantos da sua boca se curvaram em um sorriso presunçoso que realmente fez a palma da minha mão coçar.

— Vou contar os dias, Almôndega. Acredite em mim. Um ano, e provavelmente pagarei alguém para fazer dupla com você para que

eu possa me livrar.

Uma raiva das mais feias, e talvez até um pouco de mágoa, borbulhou no meu peito por um segundo antes de eu esmagá-la. Um ano. Eu sabia. Ele sabia disso. Fazia parte do acordo. Não era uma surpresa.

— Em um ano, vou tirar meu boneco de vodu da caixa e voltar a enfiar agulhas no seu coração podre.

Suas pálpebras pendiam baixas sobre os olhos.

— A que eu fiz de você ainda está na minha mesa de cabeceira.

— Espero que seu cabelo caia.

Ele piscou.

— Eu espero que...

— *O que há de errado com vocês dois?* — a treinadora Lee sibilou. Inclinei-me um pouco mais para vê-la balançando a cabeça enquanto ficava entre nós, nos observando com uma expressão quase horrorizada. — Estou alguns minutos atrasada, e vocês... — Ela fechou os olhos e balançou a cabeça antes de reabri-los. — Querem saber? Me ignorem. Eu disse para vocês não falarem um com o outro durante nosso tempo juntos, mas podem fazer o que quiserem, desde que não estejamos treinando.

Nenhum de nós disse uma palavra, mas nossos olhos se encontraram.

E eu murmurei: *você não presta.*

E ele sussurrou de volta com sua boca rosa pálida: *você é pior.*

Houve outro suspiro, mas parecia ainda mais resignado.

— Meus olhos funcionam. Posso ler seus lábios. Dos dois.

Não *ignorei* a treinadora Lee, mas tinha prometido não falar nada. Então, não me preocupei quando movi os lábios para Ivan novamente: *Vá comer merda.*

Sua língua tocou a parte interna da bochecha. Então ele abriu a boca. *Estou olhando para a merda.*

— Faremos o que for preciso para fazer isso funcionar, lembram?
— a treinadora Lee enfatizou, obviamente ainda nos observando.

Ivan e eu estávamos olhando um para o outro enquanto murmurávamos

— *Ãh-hã.*



Faremos o que for preciso eram palavras infames.

Não que eu fosse me arrepender, mas...

Putá merda.

Seria quase isso.

— Novamente!

— Novamente!

— *Novamente!*

— Não! *Novamente!*

Se eu nunca mais ouvisse a palavra *novamente* na minha vida, eu não me importaria. Porra, de verdade. Porque começar do que parecia ser zero — não exatamente zero, mas quase isso — era um saco.

Principalmente porque era com Ivan. Ivan, que eu poderia dizer que estava ficando tão irritado quanto eu.

Foi só quando a treinadora Lee inclinou a cabeça para trás e suspirou, olhando para o teto, que ela finalmente mudou suas palavras:

— Ok, é isso por hoje. Suas velocidades pararam de melhorar há meia hora, e seu tempo melhorou muito de leve. Estamos só perdendo tempo agora. Não estamos melhorando em nada. — Ela nos lançou um olhar acusador, como se não entendesse por que estávamos ficando sem energia.

Eu não estava mais acostumada com isso. Essa merda básica exaustiva que não fazia desde que iniciei a dupla com o *pedaço de merda*, quatro anos atrás.

Porra.

Apesar do banho de gelo que tomava todas as noites na última semana, tudo ainda doía. Minhas costelas. Meu abdômen inteiro. Meus ombros. Meus pulsos. Meus quadris. Minhas costas.

A única coisa que não doía era a minha bunda, e só porque minhas nádegas não se desacostumaram a serem o alvo das minhas quedas. E isso porque elas tinham menos nervos do que as outras partes do meu corpo. Eu tinha certeza de que havia matado esses nervos enquanto tentava trabalhar nos meus 3Ls — meus Lutzes triplos —

naquela época.

Eu estava colocando gelo na minha lombar várias vezes ao dia, nos joelhos, quadris... tudo. Eu sabia que era apenas questão de tempo até me acostumar novamente. Pelo menos eu esperava que sim. Havia uma razão para as meninas mais novas desistirem da patinação artística antes de se tornarem maiores de idade. A capacidade de recuperação do seu corpo diminui mais e mais a cada ano que você envelhece, e o fato de eu ter causado mais danos a ele em 26 anos do que a maioria das pessoas causaria no dobro dessa idade não ajudava em nada.

As pontas dos dedos dela estavam esfregando o alto do nariz quando suspirou e disse em voz baixa:

— Vamos repassar algumas coisas antes desta tarde, ainda temos tempo.

Ela estava de mau humor ou...?

— Vamos nos encontrar no escritório em quinze minutos — gritou a treinadora Lee, bufando de exasperação quando se virou e se afastou.

Sim, eu não estava imaginando.

Quero dizer, não acho que o treino tivesse sido *tão* ruim. Não foi o melhor, mas também não foi o pior. As coisas estavam melhorando a cada dia que passava.

O comportamento de Ivan não mudara, nem o meu. Não conversávamos a menos que estivéssemos falando com a treinadora Lee ao mesmo tempo. Não discutíamos quando ela nos dava instruções ou um de nós fazia alguma crítica ao outro...

Eu precisava me esforçar muito para manter a boca fechada, e eu podia apostar que ele estava fazendo o mesmo.

Mas nós conseguimos. Porque tínhamos que conseguir.

Isso e porque ela não nos deixou mais sozinhos.

— Bem, então — murmurei para mim mesma, esfregando o osso do quadril com a palma da mão para aliviar a dor por causa da posição em que eu estava para fazer os giros de Cammel, em que você praticamente contorcia seu corpo para formar uma gota de lágrima, levando o calcanhar da bota dos patins em direção à parte de trás da cabeça. Era muito mais fácil quando eu tinha dezesseis anos. Agora... era mais difícil, e era uma merda.

Sem esperar Ivan, nem mesmo me virando para ver o que ele estava fazendo naquele momento, patinei até a saída da pista, coloquei meus protetores de patins e depois fui para o vestiário, para que pudesse me trocar e ir à reunião. Talvez eu saísse mais cedo do que o normal e pudesse conseguir outra mesa no trabalho. Cheguei ao meu armário, ignorei o ícone piscando no meu telefone, me esfreguei com um lenço umedecido, como eu estava tendo que fazer todos os dias, já que não tinha tempo para tomar banho, me vesti e passei maquiagem suficiente para parecer decente.

Não costumava demorar muito para me arrumar, mas, quando terminei, apenas dez minutos tinham se passado. Eu não fazia ideia sobre o que ela queria falar, mas não ia me preocupar com isso. Fosse o que fosse, eu lidaria.

Arrastando-me pelos três corredores diferentes necessários para chegar ao lado direito do prédio, encontrei o escritório do CL facilmente. Batendo na porta, esperei até ouvir a voz familiar da treinadora Lee dizendo:

— Entre!

Obedeci e descobri que ela estava sozinha lá dentro, seu celular pressionado ao ouvido. Ela levantou o dedo indicador, e eu assenti, sentando-me na cadeira mais próxima à parede.

— Não foi o que pedi — ela falou baixinho ao telefone, sua mão cobrindo o rosto enquanto sua voz ficava ainda mais baixa para sussurrar.

Merda, eu sabia quando alguém precisava de privacidade. Procurando na minha bolsa, peguei meu celular e dei uma olhada na tela. Tinha recebido novas mensagens. De um único grupo, para ser específica. Era o **papai, Jojo, Tali + 2**. O único outro grupo que eu tinha. O que era menos usado, aquele que tinha meu pai e não a minha mãe. Quase pensei em ignorá-lo até mais tarde, mas, quando a voz da treinadora Lee ficou ainda mais baixa, eu o abri logo.

A primeira mensagem era dele.

Pai: Comprei minha passagem para visitar vocês em setembro.

Rubes: Oba!

Jojo: Que dia?

Rubes: Você pode ficar conosco.

Pai: Ok.

Pai: 15-22

Rubes: Com sorte, Jasmine estará aqui.

Pai: Para onde ela vai?

Jojo: Ela tem um novo parceiro.

Pai: Pensei que ela tinha desistido.

Jojo: Não...

Rubes: Jasmine não desistiria, pai. Você sabe disso. Talvez ela tenha alguma competição em setembro. Eu vou descobrir.

Ele pensou que eu tinha desistido.

Balancei a cabeça e soltei um suspiro antes de travar a tela e jogar o telefone de volta na bolsa.

Ele realmente pensou que eu tinha desistido. Claro que pensou. Na última vez que falei com ele, três meses atrás, eu lhe disse especificamente que ainda estava treinando... e ele perguntou: *Por quê? Você não tem mais um parceiro.*

— Você está bem? — a treinadora Lee perguntou, tirando-me dos meus pensamentos.

Engolindo de volta a frustração e o que eu tinha quase certeza de que era amargura, ergui a cabeça e assenti para ela.

— Estou bem. — Porque eu estava.

Ela levantou as sobrancelhas, o rosto parecendo cansado. Mais cansado do que eu já tinha visto nos anos em que olhei de relance na direção dela.

— Ok. — Foi tudo o que ela disse com outro suspiro que me dizia que não estava tudo ok.

E, mesmo que eu não quisesse, não pude deixar de perguntar, soando como me sentia, hesitante como o inferno:

— Você está... bem?

Seus olhos escuros brilharam de surpresa antes de virar a cabeça de lado por um momento e depois voltar para mim com um empinar de queixo.

— Sim — ela mentiu.

O suspiro que ouvi foi totalmente inesperado antes de ela balançar a cabeça.

— Vida pessoal. Não se preocupe com isso.

Sim, eu sabia o que *não se preocupe com isso* normalmente

significava.

Eu não queria me preocupar, e com certeza não queria falar sobre isso, mas não era insensível.

— Podemos conversar sobre isso. — Girei minha pulseira em volta do pulso e a olhei, secretamente esperando que ela não quisesse. Eu era a última pessoa no mundo que poderia dar conselhos a alguém ou saber o que dizer em situações desconfortáveis. — Se você quiser.

Seu bufar e seu sorriso me pegaram totalmente de surpresa.

— Oh, Jasmine, isso é fofo, mas tudo bem. Estou bem.

Eu? Fofa?

Ela bufou novamente, seu sorriso crescendo um pouco mais.

— Não se sinta insultada. Agradeço por você perguntar. Eu não esperava, só isso — ela disse cuidadosamente, passando a mão na testa. Então ela ergueu as sobrancelhas. — Em vez disso, vamos falar sobre você, ok?

Merda.

— Nada de ruim — acrescentou a treinadora Lee, como se soubesse que eu não queria necessariamente fazer isso, mas sabia que precisava.

Assenti.

Ela parou de sorrir quando se inclinou na mesa, apoiando o cotovelo nela.

— Primeiro, você abriu novas contas nas redes sociais?

Porra. Claro que ela começaria por aí.

— Não — respondi honestamente, e um sentimento estranho, quase de enjoo, tomou meu estômago por um momento antes de eu engolir a merda de volta. Eu ficaria bem. Tudo ficaria bem. Ficaria, sim. — Ainda não arranjei tempo para isso. Mas vou fazer no fim de semana.

Ela assentiu, mas havia algo hesitante em sua expressão.

— Posso te perguntar uma coisa?

Eu odiava quando as pessoas me falavam isso, mas não podia dizer não.

— Por que você excluiu suas contas, para início de conversa? Eu costumava te seguir no Picturegram. Você tinha um bom número de seguidores lá. Sua página do Facebook também era popular, mas você excluiu as duas ao mesmo tempo — continuou ela, sua

expressão atenta.

Droga.

— Isso foi o quê? Quase dois anos atrás? Você saiu delas enquanto ainda estava com Paul — ela acrescentou, como se eu não soubesse disso. Como se eu não tivesse ido lá cancelar pessoalmente as contas. Eu não tinha um relações públicas ou uma equipe de pessoas trabalhando nos bastidores da minha vida. Era só eu. E, às vezes, minha irmã ajudava.

Pelo menos tinha sido minha irmã até que eu lhe dizer para parar, porque estava preocupada que ela descobrisse o que estava acontecendo. Ela ficou amedrontada o suficiente na primeira vez que recebi uma mensagem assustadora. Se tivesse visto o resto delas, teria piorado. Talvez minha família nunca tivesse sido superprotetora em relação a mim, mas poderia se tornar. Eu simplesmente não queria nem precisava disso. Eles tinham coisas melhores para fazer.

E eu também não queria contar à treinadora Lee, mas...

Eu queria começar aquele relacionamento com uma mentira?

Droga. Eu sabia a resposta. E simplesmente não gostei dela.

— Eu tive uma situação com um... fã — contei a ela, fazendo uma careta ao usar a palavra fã, porque deveria ter dito algo mais parecido com *perseguidor assustador*. — Era desconfortável, então acabei cancelando minhas contas porque elas estavam me distraindo muito.

Sua testa franziu e foi ficando ainda mais franzida quanto mais eu falava.

Merda.

— Você foi à polícia? — ela finalmente perguntou.

— Nunca houve ameaças reais contra mim, então não havia nada que pudessem fazer — disse honestamente, me sentindo uma idiota. — Tudo estava on-line. — Nisso, eu menti um pouco. Quando fui à polícia pela primeira vez, isso era verdade, mas não foi sempre assim.

Sua expressão ainda não mudara, mas havia algo a respeito dela, talvez seus olhos, que a fazia parecer mais pensativa do que antes.

— Você vai me contar se houver algum problema?

Ergui um ombro e obriguei meu rosto a demonstrar a coisa mais próxima de um sorriso que não parecia genuíno.

A testa dela voltou ao normal e os cantos da boca se contraíram um pouco.

— Fico feliz que não tenha mentido para mim. Pelo menos me mantenha informada se as coisas começarem novamente. Prefiro que você esteja confortável e segura do que sendo assediada, entende?

Eu aceitaria isso como se estivesse me dizendo que preferia que eu não tivesse uma conta do que receber vídeos de alguém se masturbando com as fotos que publiquei.

Balancei a cabeça para a treinadora Lee, afastando essa lembrança.

Ela não pareceu acreditar em mim exatamente, mas não me chamou a atenção.

— Deixe-me pensar um pouco, mas, por enquanto, publique as coisas básicas no CL. Uma vez por dia está bom e verifique se são fotos de boa qualidade. Em algumas semanas, comece a misturar o conteúdo. Ivan e eu estávamos conversando...

Quando diabos eles conversaram? No telefone? Eu nunca os vi sussurrando um com o outro ou qualquer coisa assim.

— ... e, depois do que você acabou de dizer, acho que seria uma boa ideia criar uma conta dedicada a vocês dois.

— Para...? — Nós ficaríamos apenas um ano juntos. — Por quê?

Sua expressão quase me fez sentir como uma idiota.

— Quanto mais os fãs gostarem de vocês, quanto mais torcerem por vocês, mais fácil será conseguir doações para cobrir o resto de suas despesas, Jasmine. Se você precisar da ajuda...

Fiz uma careta.

— ... ou mesmo que não precise — ela falou, provavelmente vendo minha expressão —, você pode pensar em iniciar uma daquelas páginas de captação de recursos on-line para cobrir suas outras despesas.

Claro. Como se isso fosse dar certo. Eu poderia contar todas as pessoas que doariam, e eu era parente de todas elas. Estava acostumada a isso, mas a última coisa que minha treinadora precisava era que as pessoas rissem por ninguém dar a mínima para mim.

Não, obrigada, porra. Trabalhar como stripper ou vender um rim no mercado negro teria que servir.

Quando eu não disse nada, ela continuou:

— Também é uma boa ideia vocês darem algumas entrevistas

juntos em um futuro próximo. Eu estava pensando que deveríamos convidar um repórter ou dois para tirar algumas fotos de vocês dois treinando. Nós podemos contar a história muito bem. Dois companheiros de pista se unindo. Ficaria ótimo.

Eu e Ivan dando uma entrevista juntos? Hum...

— Uma frente unificada — ela continuou. — Conhecidos há tanto tempo e depois se juntando...

Eu engasguei.

Uma frente unificada? Conhecidos há tanto tempo? Havia um vídeo nosso de alguns anos atrás que deve ter sido uma gravação do treino de outro patinador, mas me pegou dizendo a Ivan para chupar meu pau depois que ele veio me aconselhar que a única forma de melhorar uma coreografia na qual eu estava trabalhando era se eu reencarnasse. Mas o microfone não pegou essa parte. Apenas o que eu disse, porque era assim que minha sorte funcionava.

Eu não era exatamente a pessoa mais esperta do mundo, mas não era burra. Então eu sabia que havia algo no tom da voz dela e no jeito como estava falando que eu não gostava. E eu não estava errada.

— Você quer tentar fazer parecer que estamos namorando?

Ela contraiu os lábios por um momento.

— Não. Não namorando...

Hum...

— Mais como... se vocês fossem muito amigáveis. Como se respeitassem e gostassem um do outro...

Oh, Deus.

— Quanto mais unificados, melhor...

O quê?

— As pessoas iriam devorar a história — ela terminou, com o rosto calmo e impassível.

O olhar vazio que eu estava lançando a ela deveria dizer exatamente o que eu pensava, porque ela ergueu as sobrancelhas de uma maneira que não gostei.

— Nós só não precisamos que pareça que vocês mal conseguem se suportar. Você me entende?

Não me mexi no meu lugar quando disse com cuidado:

— Você quer que eu aja como se fôssemos todos risinhos, fofinhos e amiguinhos.

Ela suspirou como Galina costumava fazer, mas não me concentrei nisso.

— Não, não é isso que estou dizendo. Respeito e admiração...

— Eu não o admiro.

Ela fechou os olhos por um momento, e eu podia apostar a minha vida que estava rezando por paciência.

— Você pode fingir.

— Ele também não me admira.

— Ele pode fingir também. Mas é importante, e ele sabe disso. Vocês mal conseguem se olhar. Vocês fingem quando estão no gelo e tenho certeza de que essas emoções se traduzirão bem na coreografia que será montada em alguns meses. Não estou preocupada com isso. Nós encontraremos as composições musicais certas para lisonjear sua química. Vocês também têm se saído bem durante os treinos e estou muito orgulhosa.

Por não nos matarmos? Bom Deus. Foi a esse ponto que minha vida chegou? Pessoas se orgulhando de mim por manter a boca fechada?

— Mas vocês dois precisam manter a farsa fora da pista, pelo menos onde outras pessoas possam ver... e ler seus lábios. — Ela me lançou um olhar.

Tudo que consegui fazer foi ficar lá parada, piscando. De fato, eu sabia que ela não estava pedindo algo ultrajante ou até mesmo inédito. Ela não nos queria matando um ao outro, era o que estava tentando dizer.

Mas parecia algo completamente diferente.

Parecia que ela estava me pedindo para fingir amá-lo ou algo assim. E eu sentia muitas coisas por Ivan Lukov, mas amor não era nenhuma das mil palavras que eu usaria para descrever meus sentimentos por ele. Não mesmo.

Exatamente como ela vinha se mostrando capaz de ler a minha linguagem corporal e meu rosto, a treinadora Lee suspirou e abriu outro pequeno sorriso.

— Jasmine, sou ateia. Eu não acredito em milagres. Não estou pedindo nada que acho que vocês dois não sejam capazes.

Eu não disse uma palavra. Eu era uma idiota por não ter previsto. Realmente era. Admitia. Por que diabos não tinha pensado que

precisaríamos fingir sermos bem-comportados aos olhos do público era algo que eu não conseguia entender.

Eu era uma atriz muito ruim. E odiava mentiras.

E odiava ainda mais que estávamos tendo aquela conversa, para começar.

Pressionando forte minha têmpora com o indicador e o dedo médio, soltei um suspiro lento que não era normal para mim. A pergunta pairava nos meus lábios e no meu coração, e eu não queria uma resposta, mas precisava.

— Minha reputação é tão ruim que temos que fazer isso?

— Ninguém nega que você é uma patinadora de classe mundial, Jasmine...

Aqui vamos nós.

— ... mas há pequenas preocupações com as coisas do passado que queremos melhorar o máximo possível para ajudar a todos. Você entende.

Aquela era a parte de merda: eu entendia. Eu entendia completamente.

Minha reputação era tão ruim que as pessoas pensavam que a única maneira de salvá-la era fazer com que o queridinho do mundo da patinação fosse meu amigo. Se ele pudesse gostar de mim, todo mundo também poderia. Porque, se ele não gostava, então havia algo errado comigo.

Não havia nada de errado comigo. Eu só me defendi. Defendi outras pessoas. Não peguei nada dos outros. Era assim tão errado? Até Jonathan, meu irmão, havia me dito uma vez que, se eu fosse homem, ninguém pensaria tanto nisso. As pessoas achariam que eu era algum tipo de herói idiota com um coração de ouro.

— Não precisa exagerar. — Ela fez uma careta que dizia que, se eu quisesse exagerar, ninguém reclamaria. Eu tinha entendido. — Mas sejam amigáveis um com o outro. Sejam uma equipe. Guardem as opiniões que um tem do outro para longe dos holofotes.

A porta se abrindo me impediu de dizer mais alguma coisa. Então aquele cabelo em um tom puro de preto apareceu na fresta da porta e um rosto com o qual eu estava ficando cada vez mais familiarizada a cada segundo apareceu.

— Eu tive que dar alguns autógrafos — ele se desculpou antes de

entrar e fechar a porta atrás de si, antes de parar e olhar para nós duas como se não soubesse no que pensar.

É claro que ele daria autógrafos nas mesmas instalações em que treinava quase diariamente. Foi só porque a treinadora Lee estava ali que não abri a boca e disse algo sarcástico sobre ele pagar as pessoas para pedirem seu autógrafo.

Mas consegui tirar isso da cabeça e me concentrar nas palavras de Lee.

— Você sabia sobre isso? — perguntei a ele, minha voz soando estranha e até um pouco rouca para os meus ouvidos.

Aqueles intensos olhos azuis foram da treinadora Lee para mim e de volta para ela, e ele respondeu, fazendo uma careta em minha direção por algum motivo.

— O quê?

— Nós agirmos como se estivéssemos namorando — retruquei, lançando um olhar para a treinadora Lee, que estava fazendo uma expressão como se eu estivesse exagerando.

— Eu não disse para agirem como se estivessem namorando — ela começou a explicar antes que Ivan a interrompesse.

— Devemos agir como se estivéssemos namorando? — Ivan ficou lá parado, seus olhos saltando entre a treinadora Lee e mim, tão rápido que eu soube que não havia chance de ele saber. Sua carranca também me ajudou a concluir isso.

— Tudo bem, seria mais como parecermos *melhores amigos*. — Em algum lugar no fundo da minha mente, eu percebi que estava exagerando totalmente e agindo como uma rainha do drama... mas sem me importar com isso, na verdade.

— Não. Nem mesmo melhores amigos, eu me contentaria apenas com amigos — a treinadora tentou esclarecer.

— Que se respeitam e se admiram — murmurei.

Ivan não disse nada pela primeira vez na vida.

— Vocês não precisam... se beijar... nem algo assim. Apenas... sejam amigáveis, sorriam um para o outro, não ajam como... tipo... se achassem que o outro tem piolhos — ela sugeriu, como se isso fosse melhor. Eu ia ignorar o fato de ela ter usado a palavra piolhos para descrever o que pensávamos um do outro. Eu realmente achava que ele era o diabo, ou pelo menos um membro direto da família do

demônio... mas não achava que Ivan tinha piolhos.

Eu estava olhando para ele com a boca levemente aberta e não tinha certeza se Ivan estava ouvindo ou não, mas não me importei.

A treinadora lançou a Ivan um olhar que eu não tinha certeza do que queria dizer. Estava... frustrada? Brava?

— Vocês dois vão agir como se isso fosse impossível?

Ivan piscou.

Então eu pisquei também.

— Será bom para vocês dois, e sabem disso.

Isso era discutível.

Minha mente estava acelerada. Será que ele tinha atuado com todas as outras parceiras antes? Eu não conseguia lembrar. Paul e eu éramos um pouco afetuosos um com o outro, mas não tão próximos quanto as outras duplas. E, pelo menos na metade do tempo, eu não olhava para ele como se quisesse matá-lo, pensei. Mas Ivan e as parceiras antes de mim? Eu realmente não tinha certeza, mas achava que não. Porém, talvez eu não tivesse prestado tanta atenção neles, porque estava sempre muito focada na minha irritação por ele.

Pelo canto do olho, vi Ivan levantar a mão e segurar a parte de trás da cabeça, mas estava ocupada demais com a expressão que a treinadora Lee estava lançando para ele para realmente absorver suas ações no início.

Seu rosto estava ficando rosa... e ela estava arregalando os olhos para ele?

— Ivan — disse a mulher, devagar, com cuidado, parecendo esconder uma mensagem nas entrelinhas do seu nome.

Ele piscou. Aqueles cílios pretos compridos pairavam sobre seus olhos, e eu pude ver uma respiração pesada fazendo sua garganta e peito subirem e descerem.

Algo me disse que havia algo errado naquilo. A maneira como eles estavam se olhando... eu não conseguia entender, mas...

— Claro — ele bufou inesperadamente, me lançando um olhar que quase perdi, mas parecia que eu o estava obrigando a fazer algo que ele preferiria não fazer.

— De verdade? — resmunguei.

Ele assentiu, parecendo irritado.

— Sim. De verdade. Eu posso fazer isso.

— O que diab... — Fechei a boca e apertei meus lábios. *Pense. Pense, Jasmine.* Eu tinha dado a eles minha palavra.

— Não é a melhor ideia que já ouvi, mas podemos conseguir — murmurou Ivan. Então ele olhou na minha direção e sua testa franziu. — Só falta um ano para eu me livrar de você.

Filho da puta.

A treinadora Lee soltou um gemido, mas controlei minha necessidade de chamá-lo de imbecil.

Ele suspirou e inclinou a cabeça em direção ao teto.

— Eu posso fingir um sorriso — ele continuou quando me inclinei na cadeira e coloquei o cotovelo no apoio de braço. — Ela não precisa se casar comigo ou ter um filho meu... certo, Lee? Ou eu entendi algo errado?

Isso me fez me remexer para sentar direito, para que pudesse olhar para ele.

— Eu não teria um filho seu nem se você me pagasse um milhão de dólares.

Algo estranho aconteceu com seu queixo antes de suas feições suavizarem.

— Eu não estou te pedindo isso. Não é grande coisa. Posso fazer isso. — Aquelas sobancelhas escuras e grossas dele se ergueram apenas um centímetro, no máximo. — Você não pode fazer algo tão simples? — ele perguntou, e eu jurei que estava propositalmente tentando me desafiar.

Se essa disputa não foi o suficiente para me acalmar e colocar meus pensamentos em ordem, eu não sabia o que poderia ser. Claro que não havia nada que ele pudesse fazer que eu não seja capaz de fazer melhor. Exceto um quádruplo — um salto com quatro giros —, mas isso não vinha ao caso. Eu não estava disposta a deixar o diabo pensar que eles eram melhores do que eu. Então, mantive minha voz agradável e equilibrada, tentando explicar:

— Eu posso fazer isso, mas não sou boa em fingir, está bem?

Nenhum deles disse nada.

— Não sou — reiterei.

Eles estavam me pedindo para ser carinhosa. Tudo bem, talvez não carinhosa, mas... pelo menos não agir como se eu não pudesse suportá-lo. Era o que eu achava.

Claro que eu poderia fazer isso. Só não sabia se queria. Nunca fui uma boa atriz. Nunca vi sentido em fingir sentir algo que não era verdade ou gostar de alguém que não suportava. Eu já tinha lidado com muitas merdas como essa na minha vida.

— Você não faz exatamente o meu tipo, se é que isso ajuda — Ivan falou, forçando-me a virar a cabeça lentamente para olhá-lo. — E, mesmo assim, posso olhar para você e fingir que não te odeio.

— Boa. Você também não faz o meu tipo.

E então a treinadora Lee soltou um ruído desconfortável.

— Fico feliz que nenhum de vocês seja o tipo um do outro. Então, podemos concordar que podem ser legais em público? Tenho uma entrevista marcada para vocês na próxima semana.

Ivan deu de ombros enquanto eu o encarava, seu olhar não indo a lugar algum.

— Eu posso fazer isso. Cabe a ela decidir se pode ou não.

Anos depois, eu me lembraria desse momento e veria como eles me enredaram em uma teia. Quão bem Ivan me conhecia depois de tanto tempo. Porque eu caí direitinho. Meu orgulho fez isso comigo.

— Claro que posso fazer isso.

E, com um bater de palmas, foi acertado.

— Que bom. Vamos para o próximo assunto.

— A The Sports Network quer vocês na revista — disse a treinadora Lee, as unhas coçando o pescoço de uma maneira que me dizia que estava ansiosa.

E ela nunca estava ansiosa.

Olhei para Ivan e o encontrei em seu assento, com os braços cruzados contra o peito, parecendo totalmente imperturbável... até que vi o jeito como ele estava balançando o pé.

— Tudo bem — falei devagar, ainda observando Ivan, enquanto este estava lá parado, parecendo *quase* inocente.

Mas eu conhecia muito bem sua forma de maldade. Ele não era inocente.

A treinadora Lee abriu um leve sorriso estranho, que me deixou alerta.

— Ela quer vocês dois.

Uma ova que eles queriam nós dois. Por que iriam me querer quando o babaquinha ali que era o mais conhecido de nós? Havia

mais coisas nisso, eu podia sentir no meu âmago.

Ela estava demorando a me contar por algum motivo.

Então esperei. E não disse nada enquanto a olhava, pronta para ouvir o resto.

Quando os olhos da treinadora Lee se viraram na direção de Ivan, isso apenas confirmou tudo. A voz dela estava mais alta do que o habitual quando disse:

— É uma questão especial.

O idiota no assento tossiu.

— É a revista mais vendida todos os anos...

Oh.

Oh.

Eu sabia exatamente do que ela estava falando.

Mas fiquei de boca fechada e não a deixei saber que eu sabia, porque qual seria a graça, sendo que ela estava nervosa e talvez até um pouco envergonhada por tentar me convencer a algo que exigiria que eu ficasse nua? Ela não sabia que eu não era tímida, mas deveria. Eu me despiria naquele momento, se fosse necessário. Sempre troquei de roupa na frente de outras pessoas desde criança, quando comecei a competir.

— Seria uma grande publicidade se vocês fizessem isso...

Continuei observando-a. Mantive um olhar impassível também.

— Só levaria uma manhã ou uma tarde.

Concordei com a cabeça bem devagar.

— Possivelmente um dia, no máximo, mas não mais do que isso — ela terminou seu discurso com um sorriso tenso.

Pisquei para ela, parecendo tão inocente quanto eu era capaz de fingir.

— Qual é o problema? — perguntei, mantendo meu tom leve.

Seu rosto ficou vermelho, e seu olhar voltou-se para Ivan rapidamente.

— Você já sabe que é para a edição de Anatomia, Almôndega, deixe de ser um pé no saco, arrastando a situação. — Ivan riu, balançando a cabeça.

Lá estava a porra da Almôndega novamente. *Foco. Seja a pessoa melhor.*

Lancei-lhe um olhar brando e dei de ombros.

— Desculpe — eu disse, sendo verdadeira apenas pela metade.

Seu rosto imediatamente ficou carrancudo.

— Você sabia?

— Imaginei quando você começou a fazer muito rodeio.

Ela ainda não parecia feliz, mas também não parecia brava, apenas... surpresa.

— Tudo bem para você?

Dei de ombros.

— Tudo o que eles precisam fazer é tirar fotos minhas de patins?

A treinadora Lee piscou.

— Sim.

— Consigo esconder minhas partes íntimas, certo?

Ela assentiu devagar, com o rosto ainda retorcido em uma expressão apreensiva.

— E apenas o pessoal necessário ficará por perto?

Ela fez o mesmo gesto, sua expressão não mudando.

— Tudo bem para mim, então. Sei que isso seria uma boa publicidade. — Além disso, sempre esperei secretamente ser convidada. Era praticamente uma honra em um esporte com tantas pessoas talentosas.

Os olhos da treinadora se estreitaram, quase desconfiados, e ela demorou a dizer:

— Não me leve a mal, mas estou tendo dificuldade em aceitar que você está sendo tão compreensiva com isso.

— Fico nua na frente de vários estranhos nos vestiários. As pessoas que tirarão as fotos e o *staff* já viram corpos melhores e piores do que o meu. Todos nós temos celulites e órgãos genitais. Não vejo qual é o problema. E ninguém vai ver meus mamilos ou algo assim. Nenhum de vocês precisa estar lá, certo?

Ivan tossiu novamente, e o rosto da treinadora Lee ficou vermelho. Provavelmente, seu pigarrear poderia ser ouvido em todo o mundo enquanto ela respondia:

— Jasmine... as fotos não serão de você sozinha. Eles querem você e Ivan juntos.

Eu e Ivan juntos.

Nus.

— Seria ótimo para vocês dois fazerem isso —, acrescentou, tentando colocar entusiasmo em seu tom, como se isso fosse me convencer. — Seria uma sessão de fotos rápida. Conhecendo os dois, vocês conseguiriam o mais rápido possível.

— Eu teria que ficar nua na frente *dele*? — Usei meu polegar para apontar para o idiota que estava sorrindo do seu lugar. Eu não precisava olhar para ele para saber disso. Eu apenas sabia que ele estava.

Ela assentiu.

Eu nem pensei duas vezes.

— Não.

A risada de Ivan, aquela coisa preguiçosa e retumbante que me irritava toda vez que eu ouvia, preencheu a sala.

— Você disse um segundo atrás que fica nua na frente de estranhos.

Olhei para o idiota, que vestia um pulôver de lã e uma calça de moletom azul-marinho.

— Sim, *estranhos*. Não pessoas que eu preciso ver todos os dias — zombei. — Não na sua frente.

Ele torceu o nariz, claramente gostando da situação.

— Sim, você me conhece. Sabe que pode confiar em mim...

Eu ri.

— *Não*.

— O que eu vou fazer? Tirar uma foto sua e postar na internet? — Ele fez uma careta.

Ele tinha razão, mas...

— Não.

— Eu confio em você para não postar uma foto minha nu — ele ofereceu, como se isso fosse ajudar.

Lancei outro olhar para ele.

— Por que eu faria isso? Ninguém quer te ver.

Ele revirou os olhos e fez um ruído exasperado na garganta que eu já o tinha ouvido fazer algumas vezes ao longo dos anos, quando ele não sabia o que dizer, o que sempre me fazia pensar que eu tinha ganhado a briga.

— Eu não entendo qual é o problema — ele mudou de assunto. — Ela estava preocupada que você nos dissesse não, mas eu tinha certeza de que diria que sim. É a revista mais vendida.

Foda-se.

Ivan inclinou a cabeça para o lado e virou aquele rosto presunçoso na minha direção novamente.

— Fizemos um acordo.

Droga.

— Eu sei que fizemos um acordo — sibilei, sentindo-me estranha.

— Temos que fazer isso.

Eu queria levantar as mãos para cobrir meus olhos, mas não o fiz. Não naquele momento. Mas... merda. *Merda*. Olhei para o teto e soltei um suspiro.

— Você sabe que eu já vi mulheres nuas antes, certo? — ele perguntou, com o que poderia parecer com um tom bem-humorado ou de zombaria.

Balancei a cabeça e mantive meu olhar voltado para cima. Como diabos eu entrei nisso? E como poderia me livrar?

Uma coisa era um monte de outras garotas me verem nuas.

Uma coisa era um total estranho me ver como vim ao mundo.

Mas era uma coisa completamente diferente que aquele homem, que passou anos me provocando por causa do meu corpo, me visse sem roupas.

Eu teria que olhá-lo nos olhos pelo próximo ano. Ouvi-lo por esse período de tempo.

Uma das últimas pessoas no mundo para a qual eu gostaria de ser tão vulnerável seria Ivan. Ele não precisava de mais munição para o seu arsenal. Que Deus não permitisse que ele fizesse um comentário sobre o tamanho da minha bunda quando eu não estivesse usando calcinha. Eu provavelmente tentaria puxar o pau dele.

Mas...

Eu tinha dado a eles a minha palavra. Faria o que fosse necessário para aproveitar aquele tempo que teríamos juntos. E se isso significava ter que ouvir merdas sobre o meu peito pequeno ou a forma do meu umbigo ou meus lábios vaginais... o pau dele seria arrancado.

Filho da puta.

— Então sim? — a treinadora Lee sondou, parecendo esperançosa.

Eu ainda não os olhava quando a realidade da situação me atingiu bem no peito.

— Eu não tenho escolha, tenho?

— Não fique tão irritada. Faremos isso o mais rápido possível. Segurá-la completamente vestida já é ruim o suficiente, não quero fazer isso quando você estiver nua.

Não hesitei em lhe mostrar o dedo do meio, mesmo com minha atenção voltada para o teto. Abaixando meu olhar, dei-lhe um sorriso malvado.

— Também não quero ver sua porcaria.

O idiota piscou.

— Ah, não é porcaria, Almôndega. É dos bons.

Eu fiz barulho de vômito.



PRIMAVERA / VERÃO

— *Você pode parar?* — Ivan sibilou para mim ao mesmo tempo em que bateu a perna contra a minha debaixo da mesa.

— Você é que tem que parar. Estou do meu lado, mantenha as pernas juntas. — Eu bati meu joelho contra o dele, apesar de ter *dito* a mim mesma que me comportaria e passaria a próxima hora agindo com maturidade.

Porque eu poderia fazer isso.

E eu faria.

Com certeza teria feito, se ele não se sentasse ao meu lado.

Não seria eu a estragar a entrevista que a treinadora Lee havia marcado para nós. Se alguém fosse fazer isso, seria aquele idiota ao meu lado. Tínhamos nos saído muito bem desde a nossa reunião, na qual Lee nos pediu para tentar não odiarmos um ao outro e guardar nossos olhares e palavras agressivos para quando estivéssemos sozinhos... ou pelo menos não tão perto de outras pessoas. Ela ainda não cometera o erro de nos deixar sozinhos também, então poderia ser isso.

Mas aquele fora o dia em que teríamos mesmo que nos comportarmos da melhor forma. Jurei que não seria um problema. Sobrevivi a coisas piores por uma hora.

Então Ivan decidiu se sentar ao meu lado e comecei a duvidar de mim mesma. Eu já estava sentada no banco na sala de descanso dos funcionários do CL quando ele entrou. Estávamos esperando a jornalista ou blogueira, ou quem quer que fosse chegar para nos fazer perguntas, em preparação para o anúncio *oficial* de que Ivan e eu estávamos competindo juntos.

Exceto que não deveríamos dizer que era apenas por uma

temporada. Lee me informou sobre isso no dia anterior. *As únicas pessoas que precisam saber somos nós.* Ótimo.

Trocando minhas pernas de lugar, para que as partes internas das minhas coxas ficassem pressionadas uma contra a outra e eu não tocasse em Satã, e não fôssemos surpreendidos no meio de uma discussão quando a mulher chegasse, olhei em volta da área vazia da cozinha e tentei ignorar o calor do corpo de Ivan que não estava sequer a dois centímetros de distância.

Então sua coxa bateu no meu joelho. *Novamente.*

— Por que você está me tocando? — sussurrei, mal movendo os lábios, olhos fixos na porta. Não confiava em mim mesma para olhá-lo.

— Você está me tocando. — Foi sua resposta espertinha e estúpida, porque tinha sido ele a se mexer, não eu.

Ainda não olhei para ele.

— Por que você se sentou ao meu lado?

— Porque eu posso.

— Você está muito perto.

— Já estive mais perto de você.

Olhei para ele.

— Porque somos obrigados. Vá sentar ali. Longe de mim.

Ele já estava me olhando com aqueles assustadores olhos azul-claros.

— Não.

Babaca.

— Então saia do meu caminho para que eu possa me sentar do outro lado da mesa.

— Não.

Virei a cabeça para dar uma olhada completa nele. Seu cabelo estava arrumado e penteado para trás, sem um fio fora do lugar. Naquele dia, ele estava vestindo um suéter que eu reconhecia, em um tom de cinza tão claro que era quase branco. Ele fazia seus olhos se destacarem... se eu reparasse nesse tipo de coisa.

— Mexa-se — eu disse.

Ele não obedeceu.

— Mexa-se ou eu vou fazer você se mexer.

Naquele momento, ele balançou a cabeça.

— Por quê?

— Porque dará uma impressão melhor se estivermos sentados juntos.

Abri a boca para dizer que ele era estúpido, mas... a fechei.

Os cantos da boca dele se flexionaram um pouco, apenas um pouco.

Franzi o nariz e me obriguei a olhar para a porta. Um minuto se passou. Talvez dois.

Onde estava a mulher? Tivemos que encurtar nosso treino para dar essa entrevista. Mal começamos a avançar com o treinamento. Estávamos fazendo saltos lado a lado juntos e... estava indo muito bem. Nós nos movíamos de maneira semelhante, especialmente com saltos, e quase não havia correções a fazer. Eu poderia dizer que a treinadora Lee estava satisfeita. Eu sabia que eu estava.

Ivan bateu a perna contra a minha do nada mais uma vez, me fazendo olhar em sua direção. Ele estava fazendo uma careta para mim.

— Pare de fazer isso. Você está fazendo todo o banco tremer.

O quê...?

Oh. Eu nem percebi que estava balançando o joelho. Parei e enfiei minhas mãos sob as coxas.

Então eu comecei a mexer os tornozelos. Onde diabos estava a mulher? Ela com certeza estava atrasada.

Uma mão pousou em cima do meu joelho.

— Pare. Com. Isso — Ivan murmurou naquela voz perfeitamente equilibrada que era profunda, mas não muito profunda, apenas perfeitamente irritante. — Não sabia que você ficava tão nervosa.

Parei de mover meus tornozelos e lhe lancei um olhar pelo canto do olho, prestando atenção na pele impecável. Acho que nunca o vi com uma única espinha ou cravo. Nunca. Aff.

— Eu não estou nervosa.

Ivan bufou tão alto que virei toda a parte superior do corpo em sua direção. Ele estava sorrindo. Aquele rosto magro, com poros microscópicos, maçãs do rosto altas e mandíbula angular e dura, estava todo iluminado. Ele estava sorrindo, e não havia acabado de vencer uma competição e também não estava com a família.

Nunca o tinha visto sorrir antes.

Quem diabos era aquela pessoa? A perna dele bateu na minha coxa quando perguntou:

— É por isso que você não para de balançar a perna?

— Estou sacudindo a perna porque poderíamos estar treinando agora ao invés de esperar — eu disse, acreditando apenas parcialmente nas minhas próprias mentiras. — Por que você está tão incomodado, afinal? E por que está tão falador?

A verdade era que eu não conseguia parar de sacudir alguma parte do meu corpo desde o momento em que acordei, por saber que aquela entrevista estava chegando. Não tinha problemas em conversar com as pessoas, mas responder perguntas era diferente, e minhas respostas seriam registradas e mantidas para sempre para serem julgadas até o fim dos tempos. E eu teria que fazer isso ao lado de Ivan. Ivan, que já estava me dando nos nervos e ninguém sequer começou a nos fazer perguntas. Sem pressão.

— Você está me enchendo o saco — ele murmurou de volta, remexendo-se ao meu lado para que seu quadril pressionasse o meu.

Olhei para a porta e falei:

— Você está me enchendo o saco.

Ele fez um barulho na garganta.

Outro minuto se passou.

Talvez mais dois ou três. E a mulher ainda não apareceu.

Assim que desse a hora, eu iria embora. Não ia ficar aqui sentada esperando.

— Posso falar, se você estiver preocupada de dizer algo errado — sugeri Ivan em um quase sussurro, como se também não quisesse que fôssemos ouvidos.

Fiz uma pausa por um segundo após sua oferta, depois zombei:

— Eu não estou preocupada.

— Mentirosa — ele respondeu imediatamente.

Eu não conseguia pensar em uma única resposta, caramba. Então optei por:

— Cale a boca.

A risada que saiu dele me pegou desprevenida, e isso só me deixou mais furiosa com toda a situação.

— Do que você está rindo?

Isso apenas o fez rir mais.

— De você. Jesus! Nunca te vi tão tensa. Não achei que você ficasse assim.

Tirando as mãos de baixo das coxas, eu as coloquei em cima da mesa e comecei a tamborilar as pontas dos dedos nela.

— *Relaxe, Almôndega* — Ivan continuou falando, parecendo divertido demais.

Ignorei o *almôndega*, mesmo que me fizesse estremecer.

— Estou relaxada — menti novamente.

— Alguém já te disse que você é péssima em mentir? Nem está tentando. — Ele riu.

Revirando os olhos, mantive meu olhar na porta e deslizei as mãos para trás das coxas. Eu estava prestes a começar a balançar o tornozelo para cima e para baixo quando percebi que começaria a tremer novamente. Era mais difícil do que eu esperava ficar parada.

— Ela não deveria estar aqui às dez?

— Sim. São dez e seis. Dê um desconto — murmurou meu novo parceiro.

— Eu tenho coisas para fazer — expliquei, apenas parcialmente mentindo. — E por que a treinadora Lee não está aqui conosco?

— Porque ela não precisa estar? — ele respondeu, tentando me fazer sentir como uma idiota com seu tom.

Hã.

— Que tipo de coisas você precisa fazer, afinal? Roubar cobertores de bebês por diversão? — Deus, ele parecia se achar tão engraçado. Idiota.

— Não, Satã. Eu não faço mais isso — falei secamente.

— Empurrar pessoas idosas que usam andadores?

— Ha, ha — respondi, rangendo as palavras enquanto olhava para a porta pela décima vez.

— Então? O que você vai fazer depois?

— Por que você se importa?

— Eu não me importo — ele respondeu facilmente, e algo fez meu peito se apertar, mas afastei a sensação.

— Bom, você não deveria se importar mesmo.

— Ainda quero saber.

Olhei para ele novamente, sentindo uma coceira entre minha boca e nariz.

— Tenho que ir trabalhar, idiota intrometido. Está bom para você?

Sua expressão parecia confusa.

— Você tem um emprego?

— Sim.

— Por quê?

— Porque as coisas custam dinheiro e o dinheiro não nasce em árvores? — zombei, ainda piscando.

Ha, ha, foi sua resposta seca quando cruzou os braços contra o peito e me lançou outro daqueles olhares preguiçosos que me deixavam louca.

— Onde você trabalha?

Isso realmente me fez rir.

— Não, não vai rolar.

Uma sugestão do que poderia ter sido uma risada ou um sorriso cruzou suas feições.

— Você não vai me dizer?

— Para quê? Para você aparecer no meu trabalho e tirar sarro de mim?

Ele nem tentou negar que faria algo assim. Apenas olhou para mim. Eu poderia jurar que algum músculo em sua mandíbula também se contraiu.

Ergui minhas sobrelanceiras como se dissesse: *está vendo?* Obviamente ele faria isso, porque não se incomodou em discutir. Em vez disso, sua mandíbula se contraiu e depois voltou ao lugar antes que ele olhasse para a mesa e novamente para mim.

— Qual é o seu problema, afinal? — ele perguntou, movendo-se ainda mais para que toda a lateral do meu corpo, coxa, braço e meu ombro, estivessem alinhados ao lado dele. — É apenas uma entrevista.

Era apenas uma entrevista, como ele disse.

Mas ainda me fazia sentir *quase* enjoada.

— Só vou rir pouco de você se me disser por que isso te assusta tanto — ele ofereceu, como se isso fosse algum tipo de consolo. Ele

riria dos meus medos, mas só um pouco. Ah, tudo bem. — E então? — insistiu.

Olhei direto para aqueles olhos sugadores de alma e não respondi. Ele deu uma piscadinha, então eu pisquei de volta. Aquele sorriso estúpido não desapareceu, e foi isso que me fez inclinar para o lado para pressionar levemente a parte mais ossuda do meu cotovelo no meio da sua coxa em um aviso.

Ele não vacilou ou se moveu quando apliquei pressão. Em vez disso, levantou a perna para pressioná-la propositalmente contra o meu osso, tentando conseguir uma reação.

— Será mais difícil segurá-la mais tarde se eu tiver uma contusão na perna — ele tentou me ameaçar.

— Muito mais difícil. — Revirei os olhos. — Foda-se. Você poderia fazer isso com hematomas na coxa toda.

Ele riu, e isso me pegou desprevenida novamente.

— Diga-me qual é o seu problema antes que ela chegue aqui.

— Eu não tenho um problema.

— Você tem um problema.

— Eu não tenho um problema. Estou bem.

— Nunca te vi tão nervosa antes e não sei se é irritante ou meio fofo.

Olhei para ele por usar a palavra fofo, mas nada no rosto dele confirmava que ele havia dito algo assim, para início de conversa. Eu não acho que ele usaria essa palavra para mim. Foda, *talvez*. Fofa, de jeito nenhum.

— Vamos ficar com o irritante — ele continuou, ainda deixando a palavra em aberto. — Vou continuar perguntando até você me responder.

Deus. O que há com todas essas pessoas na minha vida que não podiam e não aceitavam não como resposta? Aquele era o mesmo jogo da minha mãe quando queria algo. Na verdade, era o mesmo jogo de todos da minha família quando queriam algo que eu não queria dar a eles.

— Almôndega.

— Você é o irritante. Espero que saiba disso. — Olhei para o batente da porta novamente. — E não me chame de Almôndega na frente da repórter. Não preciso de mais ninguém me chamando assim.

— Não vou, se você me disser o que há de errado com você.

— Você é um idiota.

Ele soltou um pequeno suspiro pelo nariz.

— Eu não vou fazer isso. Conte-me.

Suspirei e revirei os olhos, sem vontade de ouvi-lo me encher o saco pelo resto do dia — ou dias — se eu me recusasse.

— Olha, eu não gosto da mídia. Não gosto da maioria das pessoas. Ponto final. Eles estão sempre distorcendo e mudando as palavras para torná-las controversas. E as pessoas engolem essa merda. Eles querem o drama. Querem acreditar em todas as coisas ruins que ouvem.

— E?

Aquele bastardo acabara de dizer “E?” como se não fosse uma coisa ruim?

— E... uma vez eu disse que achava que o sistema de julgamento ainda não estava correto, e eles mudaram minhas palavras para fazer parecer que eu achava que a pessoa que venceu o tal campeonato não o merecia. Recebi cartas de ódio por meses depois disso. Outra vez, eu disse que alguém tinha um belo giro em Y e, de repente, colocaram que eu disse que a pessoa não era boa em nada além disso — contei, lembrando-me dessas duas coisas porque me incomodaram por meses. E isso era apenas uma pequena fração das coisas que foram distorcidas e mudadas até se tornarem algo que não era o que eu pensava ou diria. Eu odiava as pessoas por fazerem esse tipo de coisa. Realmente odiava. Deus. — E nem me fale de vídeos.

Ivan não disse nada por tanto tempo, então, eu tive que olhar para ele. Sua coxa ainda estava contra a minha, mas ele estava franzindo a testa. Pensei em mover minha perna, mas que se fodesse. Ele estava invadindo o meu espaço. Eu não iria mais discutir. Sua pergunta veio tão inesperadamente que me surpreendeu.

— Então, você nunca disse que achava que a Taça WHK foi fraudada?

Merda.

Inclinando a cabeça para o lado, olhei para ele e dei de ombros.

— Não, eu disse isso.

Ele olhou para mim e fez uma careta.

— Nada foi manipulado desde que eles mudaram o sistema de pontuação.

Eu sabia disso. O sistema de pontuação fora alterado quando eu era criança, depois que as coisas foram *mesmo* manipuladas. O que antes era um sistema de pontos subjetivo, baseado em uma pontuação “perfeita” de 6,0, foi destruído e reformulado com base em um sistema de pontos mais rigoroso, em que cada elemento valia uma certa quantidade de pontos que seriam deduzidos se o patinador não tivesse um bom desempenho. Não era um sistema sem falhas, mas era melhor.

Mas eu estava brava com a Copa WHK naquela época, e quem diabos poderia ser responsável pelo que dizia quando se estava irritado pra caralho?

— Sua parceira caiu com os dois pés e você quase a deixou cair dando um giro triplo. Foi fraudado. — A segunda frase era uma mentira, mas o resto não era. Lembrava-me perfeitamente do incidente.

Ele bufou, e daquela vez foi ele quem girou o corpo inteiro para me encarar.

— Não foi fraudado. Nossa pontuação base foi muito maior do que a sua, e ela completou todas as rotações.

Eu sabia disso, mas preferia morrer a admitir que a coreografia dele continha elementos muito mais difíceis que igualavam uma pontuação muito maior do que a minha e do meu ex. Além disso... não fomos perfeitos. Quase, mas não. Eu provavelmente me lembrava de todos os erros que já cometi em todas as coreografias de todos os tempos. Algumas noites, eu ficava revisando tudo, até coreografias de quando eu era adolescente. Se não tivesse sido tão arrogante ou se tivesse me saído um pouco melhor... Quão diferente poderia ser minha vida se tivesse explorado meu potencial e não tivesse arruinado quase todas as coisas?

— Ok, não foi fraudado — concordei, só porque eu seria mais idiota se continuasse tentando dizer que sim. Por algum milagre, eu me impedi de sorrir. — Um dos seus funcionários pagou aos juízes. Pode chamar do que você quiser, tudo bem para mim.

Ivan piscou, e eu pisquei de volta para ele.

A ponta da sua língua tocou o interior da bochecha, e sua expressão estava suave quando ele disse:

— Eu ganhei de forma justa.

— Ganhei o terceiro lugar naquela noite e fiz tudo muito bem.

Ele piscou novamente.

— Você pousou bem, mas sua coreografia era péssima, e você recuou nas sequências de salto depois do sei-lá-o-nome falhar no 3S anterior. Você também agia como um robô, e seu parceiro parecia que estava prestes a vomitar o tempo todo.

Ele tinha razão, mas...

Ivan encolheu os ombros tão casualmente que eu queria revidar.

— Sua música também foi péssima.

O único som que ouvimos naquele momento vinha de mim, da minha respiração.

— Ah, tá. O que você é? Um gênio musical?

Ele levantou um ombro.

— Eu tenho um ouvido melhor do que o seu. Não fique brava. Ou você nasce com isso ou não.

Eu teria ficado boquiaberta, mas não queria que soubesse que ele era capaz de causar essa reação em mim.

Então ele continuou:

— Você está louca se acha que vou deixar você escolher a música para qualquer uma das nossas coreografias.

Aquilo me fez virar todo o meu corpo no banco para lançar a ele um olhar que dizia “*que diabos você disse*”? Meu joelho estava praticamente em cima da sua coxa enquanto eu me inclinava para ele. Não que não o tocasse cem ou trezentas vezes por dia há semanas. Eu poderia encontrá-lo em uma multidão apenas pelo cheiro, aposto.

— O quê?

Sua boca rosa-clara se contorceu pela segunda vez naquele dia.

— Você me ouviu. Nancy, os coreógrafos e eu escolhemos. Vai ser perfeita. — Então sua boca se contraiu novamente. — Confie em mim.

Eu tive que jogar minha cabeça para trás e rir.

— Ha!

— Está tudo bem, Jasmine. Eu sempre escolhi. Provavelmente é mais importante do que a coreografia. Você quer ganhar, não quer?

Eu obviamente queria ganhar, e, honestamente, ele tinha um ótimo gosto musical. Seus arranjos sempre me surpreenderam. Eles eram

bons, mas eu não admitiria isso.

— Não há “eu” em uma equipe, sabia?

O filho da puta teve a coragem de piscar.

— Mas há um “eu” na vitória e, se você quiser vencer, precisa me ouvir.

Eu zombei. Então eu ri, mesmo que não quisesse.

— Isso nem faz sentido, seu idiota. E pare de fazer isso com seus olhos. Está me enlouquecendo.

Aqueles ombros largos se curvaram sem o menor pedido de desculpas, forçando as costuras do seu lindo suéter que eu não precisava tocar para saber que devia ser macio pra caramba.

— Para mim, faz.

— Porque você é um idiota. Você não é o meu chefe. Somos parceiros. Também não há “eu” em parceiros.

Ele piscou.

— Podemos discutir sobre figurinos e coreografias, mas eu vou escolher a música.

Meeeeerda.

Eu poderia aceitar, mas o que eu iria fazer? Dizer ok? De fato, eu não me importava com a música. Eu patinaria com qualquer coisa. Agora o figurino...

— Lembra do seu pesadelo de figurino de Chiquita Banana Mambo? Tenho certeza de que não vou deixar você escolher as roupas sem vê-las primeiro. E eu já tenho alguém que fará as minhas.

Um músculo em sua bochecha se contraiu por um segundo antes de parar, e ele ignorou meu comentário sobre nossas roupas.

— Quem é campeão nacional, mundial e olímpico? — ele teve a coragem de perguntar.

Revirei os olhos. E então não consegui formar uma única porra de palavra. Nenhuma expressão além de uma que começava com filho, terminava com uta e não era nada educada.

Até que um lento sorriso apareceu em sua boca.

Então eu disse:

— Você é um chato de *merda*. Deus, eu só quero dar um soco na sua cara às vezes. *Quem é o campeão?* Cala a porra da boca.

O que ele fez? Como respondeu? Ele riu. Ivan Lukov riu alto.

— Você provavelmente pagou aos juízes com o dinheiro da máfia russa — continuei, o que me rendeu outra risada tão alta que quase sorri de volta para ele. Quando Karina e eu éramos bem mais jovens, perguntei a ela como seus pais ganhavam tanto dinheiro para poderem morar em sua mansão gigante, e ela disse que achava que eram da máfia. Eles não eram, mas ainda me fazia rir.

— Você é uma perdedora com dor de cotovelo — ele soltou depois de um momento. — Eu pensei que era um mau perdedor, mas você é pior.

— Oh, por favor. — Não era eu quem me livrava das parceiras toda vez que uma delas falhava.

Mas eu não disse isso.

— Você provavelmente se senta no seu Tesla e chora toda vez que amassa um dos seus suéteres.

Ivan soltou outra risada que provavelmente ecoou no teto.

— Do que você está rindo? Não estou tentando ser engraçada — falei, vendo-o perder a cabeça pela primeira vez em mais de dez anos em que nos conhecíamos. O máximo que eu já vi dele foi um sorriso ou dois em torno de sua família, especificamente Karina.

Mas só isso.

Eu nem podia imaginar que ele sabia rir... A menos que estivesse fazendo alguma merda, como sugando a alma das pessoas e outras coisas.

— Ah, isso é legal — uma nova voz ecoou, quase se perdendo no volume de Ivan sendo um pé no saco.

E assim ele parou, o som de sua risada substituído pelo silêncio.

Nós dois olhamos para a porta ao mesmo tempo. Havia uma mulher parada lá, segurando uma bolsa estilo mensageiro em uma mão e uma mais elegante na outra.

— Vocês não precisam parar porque eu cheguei — disse ela, sorrindo.

Eu não disse nada, nem Ivan.

Ela manteve o sorriso no rosto.

— Sinto muito pelo atraso — continuou, sem oferecer uma explicação.

Se ela estava esperando um *tudo bem* de mim, não iria conseguir. Eu não suportava atrasos. Aparentemente, Ivan também não era fã,

mas, pelo canto do olho, eu o vi balançar a cabeça.

— Estamos prontos quando você quiser começar. Nós dois temos outros compromissos e não podemos ficar até tarde.

Ele tinha algo para fazer também? Desde quando? Não tinha emprego. Eu achava que também não teria um se tivesse a oportunidade de ficar em casa, mas a verdade era que provavelmente iria enlouquecer sem ter o que fazer. Eu mal conseguia ficar parada por dez minutos.

Mas... o que diabos Ivan fazia?

A mulher assentiu e começou a entrar na sala de descanso, com uma bolsa em cada mão.

— Entendo, tudo o que preciso é de um minuto para me arrumar — disse ela, deixando cair a bolsa sobre a mesa entre o banco no qual Ivan e eu estávamos sentados e as cadeiras do lado oposto. Ela devia ter trinta e poucos anos, talvez até um pouco mais. Nunca fui boa em adivinhar a idade das pessoas porque meus pais não aparentam a idade que têm.

— Amanda Moore — se apresentou, estendendo a mão em minha direção primeiro.

— Jasmine — respondi, pegando a mão dela e cumprimentando-a.

Ela fez o mesmo com Ivan, que disse:

— Ivan. Prazer em conhecê-la.

Prazer em conhecê-la? Que babaca! Mas mantive minha atenção voltada para a mulher, porque, por mais que eu quisesse dar uma olhada de soslaio para Ivan, não havia como eu esconder minha expressão de *você é um merdinha*.

Ela deu um sorriso tenso para nós dois antes de começar a vasculhar sua bolsa. Pegou um laptop, um pequeno aparelho preto que devia ser um gravador e um caderno amarelo e uma caneta.

— Um minuto — pediu, enquanto abria o laptop.

A perna de Ivan tocou a minha debaixo da mesa, mas não olhei para ele.

Não muito tempo depois, após arrumar suas coisas, a mulher nos deu um sorriso tenso.

— Ok, estou pronta agora.

O idiota ao meu lado encostou a perna na minha mais uma vez. Naquele momento, bati meu joelho na lateral da sua coxa, ao mesmo

tempo em que cruzava as mãos e as enfiava entre as minhas coxas, fora de vista. Não seria eu a estragar tudo. De jeito nenhum. Lee não teria a chance de me culpar.

— Eu já agradei à sra. Lee por ter procurado a Ice News para a entrevista, mas queria agradecer a vocês dois. Quando começaram a surgir os boatos de que você e Mindy não iriam mais patinar juntos, estávamos pensando em quem a substituiria — começou Amanda, seu olhar mudando para Ivan enquanto falava com ele.

Bom, eu não sabia o que eles pensavam ou sabiam sobre a situação de Ivan, além de quererem manter os detalhes em sigilo. Eles poderiam descobrir e lidar com a situação. Tudo que eu queria era competir.

— Então — ela continuou, olhando para o caderno por um momento. — Vou gravar esta conversa, se estiver tudo bem para vocês dois.

Eu balancei a cabeça ao mesmo tempo em que Ivan disse:

— Sim.

A mulher sorriu.

— Tenho aqui que vocês treinam juntos no Complexo Lukov há uns quatorze anos? — ela perguntou, voltada para mim.

— Sim — nós dois respondemos ao mesmo tempo. Ele estava tentando responder por mim?

Ela balançou a cabeça.

— E, Ivan, você está aqui desde que foi construído, vinte e um anos atrás?

— Sim. Antes disso, eu morava e treinava na Califórnia — falou ele, como se tivesse respondido a essa pergunta inúmeras vezes no passado, e talvez fosse isso mesmo.

A repórter voltou sua atenção para mim.

— Vocês se conhecem desde que começaram a treinar aqui?

Eu poderia fazer isso.

— Não. — Tentei não pensar instantaneamente no quanto aquelas perguntas eram idiotas. Não era de conhecimento geral que Ivan fazia isso há mais tempo? — Ele era mais avançado do que eu. Nós nos conhecemos um ou dois anos depois. — Ela não precisava saber que havíamos nos conhecido na casa dele, e não no CL.

A mulher me deu um pequeno sorriso.

— Mas você é amiga íntima da família, não é?
Como diabos as pessoas sabiam disso?

— Sim.

— Você fazia as mesmas aulas que... — Ela fez uma pausa e olhou para o caderno. — Karina Lukov, irmã de Ivan. Correto?

Assenti. Ao contrário de Ivan, seus pais não a colocaram na patinação artística até que ela fosse muito mais velha. Ela fazia aulas de dança ao invés disso. A única razão pela qual a colocaram na patinação artística foi porque Ivan ganhou um ouro no nível júnior e ela quis tentar. Sabe como é, já que a família dela já possuía uma pista de gelo e tudo. Por que não? Balancei a cabeça na primeira vez que ela me contou essa história.

— Quanto tempo durou?

Felizmente, Ivan decidiu responder essa. Eu não queria. Não queria nem que Karina fosse citada em nossa conversa. Ela não gostava de chamar atenção, e eu respeitava isso.

— Minha irmã parou aos catorze anos. Ela decidiu seguir outros caminhos.

Sua voz soou estranha ou era minha imaginação? Talvez ele também não gostasse de falar dela.

— Mas vocês duas eram melhores amigas?

Eu balancei a cabeça novamente e não deixei de reparar no olhar divertido que a mulher me deu. Talvez ela quisesse mais do que respostas monossilábicas e acenos de cabeça, mas era tudo o que iria receber, até que eu precisasse dizer mais.

— Esta parceria está em construção há uma década?

Eu congelei. *Não olhe para Ivan. Não olhe para Ivan. Não...*

Seu joelho bateu no meu, e foi só porque eu estava familiarizada com sua voz — principalmente sua voz espertinha, mas tanto fazia — que eu notei como ela soou quase engasgada, um pouco grave... estranha.

— Acho que é uma forma de ver as coisas — ele disse lentamente naquela voz estranha.

Eu não ia rir. Eu não ia rir daquele idiota. Então tudo que fiz foi assentir. Lentamente. Muito lentamente, concordando.

Os olhos de Amanda Moore deslizaram na minha direção para me ver concordando, e um pequeno sorriso surgiu em sua boca.

— Tenho certeza de que já viu o vídeo em que você — ela apontou para mim — diz a Ivan *algumas coisas*. Houve muito feedback dos fãs dele em relação a você depois disso...

Ela estava trazendo aquilo à tona, não estava? Ótimo. Agora, quem não soubesse da história iria procurá-la.

Merda.

— ... então, tudo foi simplesmente vocês dois brincando?

Fiquei tensa. Eu tinha muita certeza de que meus olhos estavam quase saindo das órbitas, e o fato de eu estar pressionando meus lábios provavelmente deixava meu rosto ainda pior. *Cale-se. Não diga nada. Cala a boca.*

Então eu assenti. Lentamente de novo. Sentindo como se estivesse prestes a explodir por causa da mentira.

Ao meu lado, o babaca, o idiota completo, bateu sua perna contra a minha novamente, e ele falou, naquela voz rouca que definitivamente não pertencia a ele:

— Sim. Nós brincamos o tempo todo.

Droga. *Droga*. Eu não ia rir. Eu não ia negar. Não podia.

Prometi a Lee que faria isso. Que poderia fingir que éramos amigos.

— Jasmine é maravilhosa — Ivan basicamente engasgou, de alguma forma não explodindo em gargalhadas enquanto falou. — Que senso de humor.

Eu tive que apertar minha mão e cavar as unhas na palma para não reagir. Que mentiroso de merda. Meu Deus. E ele tinha me zombado por eu ser péssima mentindo.

Limpei a garganta e dei um sorriso que parecia borracha derretida enquanto dizia:

— Ivan é ótimo — quase cuspi, acrescentando uma risada no final, quando me lembrei da nossa conversa há pouco tempo sobre termos bonecos de vodu um do outro.

A perna debaixo da mesa bateu no meu joelho, e eu precisei de todo o meu autocontrole para não dizer uma única palavra, porque obviamente ele estava pensando em algo semelhante. *Não ria. Não engasgue. Controle-se. Seja profissional.* Unidos e toda essa merda.

Mas o fato de estarmos mentindo deve ter ficado muito evidente, porque a repórter quase imediatamente franziu o cenho e olhou para

Ivan — e eu não fazia ideia de que tipo de expressão ele tinha no rosto, porque poderia morrer se realmente olhasse para ele — e depois olhou para mim.

— Algo engraçado?

Pelo canto do olho, vi Ivan balançar a cabeça.

— Não. Nada. Nos respeitamos e nos admiramos muito.

Oh, meu Deus.

Meus ombros tremeram por dois segundos antes de eu conseguir controlá-los.

Respeitamos e admiramos. De todas as coisas que ele poderia ter dito, isso era um exagero. Naquele momento, fui eu que bati minha perna na dele debaixo da mesa.

Algo, que eu tinha quase certeza de que eram as costas da mão dele, também atingiu meu antebraço.

— Muito respeito e admiração — resmunguei, quase engasgando enquanto assentia.

— Sempre fui um grande fã de Jasmine — continuou o idiota.

— Eu também — falei, tentando sorrir de novo e me esforçando para não parecer uma assassina em série. — Ivan é um cara muito simpático.

Ela nos lançou um olhar divertido por um momento antes de decidir deixar para lá ou acreditar em nós. Eu não me importava.

— Quais são seus pontos fortes favoritos na patinação de Jasmine?

— Ah, você sabe...

Eu nem sequer mexi o joelho dessa vez, apenas o chutei. Direto na canela. Não com muita força, mas o suficiente.

— Ela é uma tremenda atleta — ele finalmente soltou, batendo no meu antebraço novamente.

— E você, Jasmine, o que a levou a querer fazer parceria com Ivan? Além do fato de ele ser o atual campeão mundial.

— O que mais poderia ser? — soltei com um encolher de ombros, seguindo o caminho mais fácil, apesar de o comentário dela me levar ao caminho errado.

— Eu sei que vocês não estão juntos há muito tempo, mas, se houvesse uma coisa que quisessem dizer um ao outro, como crítica, o que seria?

Eu me apressei, porque não confiava em Ivan.

— Criticar esse cara? — Alterei o tom de voz, batendo meu calcanhar no dele, levemente como um aviso e um lembrete. — Ah, não há nada. Nada mesmo. Tudo o que ele faz é... perfeito.

Eu quase engasguei com o esforço que precisei usar para proferir essas palavras.

O sorriso que apareceu no rosto da repórter foi quase um raio.

— Isso é fofo.

O calcanhar de Ivan bateu no meu.

— E você, Ivan? Sobre Jasmine?

Bateu novamente.

— Uma crítica? Jasmine é... legal demais.

A mulher piscou ao mesmo tempo que eu.

— Legal demais? — ela perguntou, nem mesmo me ofendendo... porque *sério*? Essa era a resposta dele?

Eu olhei para ele a tempo de vê-lo assentindo.

— Sim. Legal demais.

Ela provavelmente nem esperava o “huh” que saiu da sua boca, porque foi muito rápido. Eu olhei para ela e pisquei. Então ela piscou também... como se não pudesse acreditar que aquilo tinha escapado.

Vadia.

Talvez não fosse a pessoa mais calorosa e fofo do mundo, mas eu era legal.

Ou, como minha mãe diria, *quando eu queria ser*. Mas isso é minha mãe. Ela conquistara meu amor e o merecera. Poderia dizer o que quisesse para mim.

— O que você acha do seu antigo parceiro e Mary McDonald anunciando que estarão competindo juntos nesta temporada?

Apenas a menção do meu *antigo parceiro* e depois da vaca Mary McDonald arruinara tudo que consegui até aquele momento. *Simples assim*. Meu corpo inteiro ficou tenso.

Então Ivan me chutou. Literalmente me chutou.

Mas isso me ajudou. Levei apenas um segundo para reunir meus pensamentos e dizer:

— Eu não acho nada. — Talvez eu devesse ter dito que lhes desejava boa sorte ou algo assim, mas eu não era tão boa mentindo.

— É verdade que você não fala com ele desde a última temporada juntos?

Eu não contaria sobre a noite em que liguei para ele bêbada e magoada logo depois que me abandonou. Ele não atendeu, mas me aproveitei disso. Podia jurar que o havia chamado de uma vadiazinha fraca, mas... não tinha certeza disso. Tudo o que eu sabia era que não me arrependia de nada que saíra da minha boca. Fosse o que fosse, ele merecera.

— É, não nos falamos.

— É verdade que ele lhe enviou uma mensagem de texto informando sobre a separação? — Ela teve a coragem de perguntar sobre o boato que circulava por algum motivo que eu não entendia. Eu nunca tinha contado a alguém que não fosse minha família, então sabia que não tinha saído de mim.

Além disso, a verdade era... ele não chegara a me falar. Ponto final. Eu descobri quando ele anunciou que Mary e ele iriam treinar juntos na próxima temporada. Foi assim que descobri. Por um artigo. Dois dias depois de termos começado o intervalo planejado de um mês.

Idiota covarde.

— Podemos conversar sobre Jasmine e mim? Pensei que a treinadora Lee havia mencionado que não queríamos falar sobre nossos ex-parceiros — Ivan interrompeu repentinamente, usando seu tom de merda arrogante que eu geralmente odiava.

... até aquele momento.

O rosto da mulher ficou vermelho e ela assentiu rapidamente.

— Sim, claro. — Mas ela não se desculpou por mencionar um tópico que eles já haviam dito para não mencionar. Não sabia que eles tinham conversado com ela sobre isso, mas eu gostei. Muito mais do que pensava. — Quais são suas expectativas para a temporada? — continuou, sem perder o ritmo.

— Vamos nos sair bem — Ivan respondeu quase imediatamente. — Melhor do que bem.

— O que você quer dizer com isso?

O calor e os músculos da sua coxa descansaram totalmente contra os meus, mas não me mexi.

— Isso significa que não espero que esta temporada seja diferente de qualquer outra.

Os olhos da mulher se arregalaram.

— Você acha?

Eu estava observando-o enquanto ele dava seu lento aceno de cabeça.

— Eu sei.

— Vocês não vão tirar a temporada de folga?

Mal sabia ela que só teríamos uma temporada juntos. Não tínhamos tempo de sobra.

— Não.

— Você é tão confiante assim? — ela perguntou com um sorriso divertido, como se amasse a confiança dele.

— Sim — Ivan respondeu imediatamente.

Ela inclinou a cabeça para o lado como se dissesse *ok* e olhou para mim.

— O que você acha? É possível?

Talvez normalmente eu tivesse feito uma piada, mas ela já havia me insultado mais do que eu merecia. Então não fiz.

— Acho que Ivan é um dos melhores competidores desse esporte. Penso que já aprendi muito com ele e continuarei aprendendo muito.

Porra, souu muito bem. Até eu quase acreditei.

— Mas você acha que é possível pular um período de aprendizado?

— Sim. — Ao menos eu esperava que sim. Mas ninguém acreditava em alguém que parecia hesitante.

Os olhos dela se estreitaram.

— Você acha que conseguirá superar o nervosismo que te atormentou no passado?

Lá estava ela de volta com aquela merda? E tão rápido? Maldita!

Seja a pessoa melhor. Seja a pessoa melhor. Seja a pessoa melhor. Você consegue.

Eu poderia fazer isso. Mas simplesmente não queria.

— Eu acho que tenho um parceiro em quem posso confiar, então tenho menos motivos para me estressar — disse lentamente, observando-a nos olhos enquanto falava isso, para que soubesse que eu não ia fingir que estava sendo educada quando ela, com certeza, não era.

— Então você acha que seus problemas no passado foram por causa de...

Ivan passou a mão pelo cabelo.

— Podemos nos concentrar em Jasmine e mim? Por favor.

— Eu não...

— A culpa é minha — falei rapidamente. — Eu não deveria ter dito isso. Não sei se vou conseguir superar meu nervosismo, mas me sinto mais confiante agora do que no passado, e acho que parte disso é por causa do histórico e dos recordes de Ivan. Espero que ele me contagie. — Vaca.

A mulher fez uma careta como se não acreditasse em mim... mas olhou para suas demais perguntas.

— Ok. Podemos mudar de assunto e passar para outra coisa. Que tal um jogo do tipo vinte perguntas? — Ela olhou para Ivan. — Se estiver tudo bem para você.

Ivan respondeu, com uma voz quase hesitante:

— Tudo bem.

— Vai ser divertido — acrescentou ela, como se estivesse tentando nos convencer de que não seria uma tortura.

Eu provavelmente tinha uma visão diferente do que ela achava divertido, mas tudo bem. Contanto que as perguntas não envolvessem Paul e sua parceira idiota, ou eu tendo que mentir, eu aguentaria. Assenti.

Ela sorriu.

— Vocês não são parceiros há muito tempo, mas já que se conhecem há um tempo, vai ser divertido.

Ivan me chutou.

E eu o chutei de volta.

Porque uma coisa era fingir que poderíamos nos tolerar, mas uma totalmente diferente era *nos conhecermos*.

— Ok — a mulher continuou, olhando para o laptop.

Dei uma olhada para Ivan, mas ele já estava me observando.

Que porra é essa?, falei sem emitir som.

O homem, que eu nunca vi ficar perturbado, encolheu os ombros. *Adivinha*, ele respondeu sem emitir som.

— Ok, eu tenho uma boa — ela anunciou, totalmente alheia a nós,

imaginando como diabos estávamos prestes a passar por aquilo, pois ela tinha os olhos na tela enquanto digitava alguma coisa. — Qual é a cor favorita de Ivan?

Olhei para Ivan e fiz uma careta.

— Preto — eu respondi, mas acrescentei sem emitir som: *como seu coração*.

Ele revirou os olhos.

— Isso é verdade? — ela perguntou, movendo o olhar do computador de volta para nós.

— Eu não tenho uma cor favorita — respondeu Ivan.

— Qual é a favorita de Jasmine?

Ele olhou para mim ao mesmo tempo em que a mulher desviou o olhar.

— Vermelho. — Então adicionou: *como o sangue das criancinhas que você come*.

Eu não ia rir.

Eu não ia rir.

Especialmente quando ele parecia tão satisfeito com a porra de si mesmo. Idiota. Idiota.

Então ele teve a coragem de piscar, e eu tive que me forçar a olhar para a mulher. Chutei-o depois de meio segundo.

— Ele acertou? — Ela olhou para cima. Neguei com a cabeça. — Não. É rosa.

— Rosa? — ele resmungou ao meu lado.

Olhei para ele pelo canto do olho.

— Sim. Por que é tão estranho?

— É só que... — Ele piscou, depois piscou novamente. — Acho que nunca vi você usar rosa.

Por que diabos ele notaria ou prestaria atenção ao que eu vestia?, pensei.

— Eu não uso. Ainda assim, é minha cor favorita.

A testa dele franziu, mas tudo o que ele disse foi:

— Ah...

Isso me ofendeu.

— É uma cor divertida — expliquei, provavelmente um pouco rude. Tudo o que ele disse foi *Ah* novamente.

— O salto favorito de Ivan?

Essa era fácil.

— O Lutz triplo.

— É isso aí — o homem ao meu lado concordou.

— O favorito da Jasmine?

Ivan não hesitou.

— Fácil. O 3L.

— Podemos esperar ver alguns Lutzes triplos no futuro? — perguntou Amanda.

Nós olhamos um para o outro e dissemos ao mesmo tempo:

— Sim.

Ela assentiu enquanto olhava para a tela.

— Comida favorita de Ivan?

Eu murmurei *rola*, mas na verdade disse:

— Escargot. — Por nenhuma outra razão, a não ser por parecer chique.

Ele não teve tempo de segurar uma gargalhada. E isso o fez bater a perna na minha.

— Não.

— Não?

— Não — ele insistiu. — Por que você pensaria isso? Não.

Apertei meus lábios e dei de ombros.

— Pizza.

Olhei para o corpo ao lado do meu. Seu suéter era grosso, mas não tanto. Não havia gordura corporal nele. Ele era todo elegante e musculoso, sólido como rocha, braços e pernas longas. Não era um corpo que conhecia pizza.

— Não me olhe assim — disse ele, usando o mesmo tom de voz que eu provavelmente havia usado quando ele não acreditou que eu gostava de rosa.

— Que tipo de pizza? — perguntei, esperando que ele dissesse algum sabor de merda sem gordura.

Ele piscou para mim, e jurei por um segundo que ele podia ler minha mente.

— A boa e velha pepperoni.

Foi a minha vez de dizer:

— Ah.

E ele sabia o que aquilo significava, porque ergueu as sobrancelhas.

— Qual é a comida favorita de Jasmine?

O idiota ao meu lado não perdeu tempo.

— Bolo de chocolate.

Como diabos ele sabia disso?

— Isso é verdade? — Amanda perguntou.

Eu estava tentando não olhá-lo como se ele fosse um louco por saber disso, e, de alguma forma, consegui concordar. Ele provavelmente tinha adivinhado, já que era o favorito de Karina também.

— Se Ivan não fosse patinador artístico, o que mais ele faria?

Eu tive que fazer uma pausa. Ivan não sendo patinador artístico? Eu não podia imaginar isso como uma possibilidade em qualquer universo alternativo. Pelo que Karina me contou quando éramos adolescentes, ele patinava desde os três anos. Seu avô o levou a uma pista de gelo, e foi amor à primeira vista. Tornara-se sua vida inteira. Ela me disse uma vez que ele nunca teve uma namorada. Ele saía com algumas garotas, mas nada sério. Não quando havia algo que ele amava mais.

Eu entendia bem. Realmente entendia.

Não que eu admitisse o quanto tínhamos em comum, mas entendia. Tive alguns namoros curtos, mas nada sério, e isso foi há anos. Um deles fora o cara que escolhi para finalmente perder a virgindade no banco de trás do seu SUV quando eu tinha dezenove anos, e o outro, um jogador de beisebol que era como eu: muito focado em sua carreira. Todos os outros caras com quem saí se resumiram apenas a um encontro aqui e outro ali.

Nada nem ninguém jamais ficaria entre meus sonhos e mim.

E imaginar Ivan não sendo o rei da patinação no gelo não era uma realidade que eu conseguisse imaginar, porque ele era como eu. Só que maligno. Bem, irritante e maligno.

— Não consigo imaginá-lo fazendo mais nada — respondi honestamente, para minha infelicidade.

Ao meu lado, até ele deu de ombros como se não tivesse ideia do

que mais faria.

Amanda deve ter visto isso, porque perguntou:

— E Jasmine?

Não houve hesitação antes de sua resposta.

— Não imagino mais nada.

— Não há mais nada — confirmei, deixando o lembrete de que não havia um plano B para mim. Já tinha surtado por causa disso o suficiente. Eu não precisava pensar em outra realidade mais do que já pensava. Olhei para Ivan e o encontrei me olhando com uma expressão presunçosa em seu rosto estúpido e perfeito.

Então o filho da puta murmurou: *Ceifadora*.

Eu nem me incomodei em revirar os olhos.

— Se Ivan pudesse conhecer uma pessoa viva ou morta, quem seria?

Eu queria dizer Jeffrey Dahmer, o famoso assassino em série, mas Amanda estava olhando para mim, então, escolhi:

— Jesus.

Houve uma pausa e um:

— Correto.

Guardei meu sorriso para mim mesma. Ele era tão babaca.

— E Jasmine?

Eu olhei para ele, vendo como ele fez uma expressão pensativa antes de responder:

— Stephen King.

Não esperei que a mulher me perguntasse se era verdade e, em vez disso, franzi a testa ao virar para ele:

— Por quê?

— Ele escreveu seu livro favorito.

Eu pisquei.

— Misery: Louca obsessão.

Ele não saberia que, na verdade, eu não era uma leitora. Pegava audiolivros da biblioteca, mas era o máximo que eu fazia. Mas não consegui corrigi-lo, então tudo o que fiz foi assentir e dizer:

— Uh-huh. — Eu poderia dar uma olhada no livro mais tarde ou perguntaria ao marido da minha mãe. Ele lia muito.

Amanda tinha um olhar divertido no rosto, mas continuou:

— O que Ivan gosta mais, livros ou revistas?

— Revistas.

— E Jasmine?

Ivan riu.

— Livros ilustrados.

Senti algo feio e defensivo no meu peito.

— Por que livros ilustrados? — perguntei a ele, a feiura crescendo dentro de mim enquanto eu me preparava para o pior.

Ele sorriu.

— Acho que nunca vi você ler nada. Minha irmã geralmente lê tudo, até cardápios para você.

Se eu corasse, eu tinha a sensação de que tudo, desde o meu umbigo até a cabeça, ficaria vermelho pra caralho com o comentário dele. Karina sempre lia as coisas para mim. Eu nem precisava pedir para ela fazer isso, ela sempre fazia. Não sentia vergonha, porque ela não o fazia por pena, mas porque era mais rápido do que eu ler devagar, no meu tempo.

Mas eu nunca tinha notado que alguém estava prestando atenção, me julgando e fazendo suas próprias suposições. Ele não era a primeira pessoa, mas... eu não gostei. De jeito nenhum.

Engoli em seco e desviei os olhos para Amanda, lançando-lhe uma expressão tensa quando dei de ombros.

— Eu gosto de audiolivros — corrigi.

— Eu também — ela concordou rapidamente.

Não havia por que me envergonhar disso, falei para mim mesma pela milionésima vez desde que tinha quatro anos. Eu tinha percorrido um longo caminho. Não havia nada de vergonhoso em ter dificuldade de aprendizagem. Nada mesmo. Precisava me esforçar muito na leitura... e, ainda assim, demorava demais; e essa era apenas a única parte que me frustrava. Não gostava de ler porque demorava muito tempo. Também não gostava de sequências numéricas. Eu aprendia ouvindo e fazendo. Não era burra.

E, com certeza, de todas as pessoas do mundo, eu não gostava de ver Ivan fazendo piada sobre isso.

Gostava tão pouco que não olhei para ele depois disso. Não pelos próximos vinte minutos, quando mal respondi as perguntas com

apenas uma palavra, só para me safar. Deixei Ivan conduzir a entrevista e responder quase tudo. Amanda não fez mais perguntas sobre o meu ex e manteve tudo leve.

A certa altura, Ivan bateu a perna na minha duas vezes, mas não bati de volta. Não estava com vontade.

Quando o tempo acabou e meu telefone tocou, dizendo que a hora que tínhamos reservado para a entrevista havia terminado, Ivan se levantou, batendo o cotovelo no meu para que eu pudesse fazer o mesmo. E eu fiz. Mas não olhei para ele. E também odiei isso.

— Foi um prazer conhecê-la — disse Ivan, apertando a mão dela.

Eu apenas assenti e peguei a mão dela também.

— Obrigada — murmurei, parecendo uma idiota, mas nem me importei.

Nunca esperei que Karina contasse a alguém que eu tinha problemas... com algumas coisas. Uma vez, minha mãe chegou a sugerir que eu contasse a todos que eu tinha dificuldades de aprendizado, mas eu disse que não. Não queria que ninguém tivesse pena de mim. Já consegui pena suficiente quando era mais nova e eles descobriram por que eu tinha tanta dificuldade para aprender o alfabeto e ler e escrever. Nunca deixei minha família me mimar por isso. Minha mãe costumava dizer que eu preferia ficar acordada a noite toda estudando a pedir ajuda a alguém.

Ivan saiu do banco, e eu o segui, exceto quando ele parou ao lado da mesa, fazendo-me passar por ele em direção à porta, enquanto saía. Minhas mãos instantaneamente foram para o meu pulso, e eu girei minha pulseira.

Não há nada para se zangar. Ele não te chamou de burra. Ele não disse que você não sabia ler.

Ele estava apenas brincando. Do mesmo jeito que você estava brincando com ele, e ele não reclamou ou chorou por isso. Não seja burra. Não seja a sensível e mimizenta. Você já ouviu coisas piores.

E tinha mesmo.

Então, por que eu estava tão irritada, e talvez um pouquinho... magoada?

— Almôn... Jasmine — a voz familiar de Ivan chamou de algum lugar atrás de mim.

Não parei porque estava com o horário apertado, não porque

estava fugindo dele.

— Preciso trabalhar — respondi por cima do ombro, sem diminuir a velocidade.

— Espere um segundo.

Levantando minha mão direita, observando o grande D vermelho sobre ela, estremeci e acenei, de qualquer maneira.

— Vejo você de tarde — eu disse antes de virar no corredor que levava ao vestiário. Entrei porque realmente precisava trabalhar, não porque estava evitando o que diabos iria sair da boca de Ivan.

Deus, eu era uma idiota tão fraca.

Por que não falei com ele?

Felizmente, havia apenas mais uma pessoa no vestiário naquele momento, e ela e eu apenas nos entreolhamos, mas só isso. Abrindo meu armário, peguei minha bolsa e tirei as roupas de trabalho, desodorante, maquiagem e lenços umedecidos. Mas foi a luz verde piscando na tela do meu celular que me fez parar. Peguei-o e desbloqueei, para descobrir que eu tinha duas mensagens de texto esperando por mim. Uma era do meu pai.

Enviei uma msg pra você na semana passada. Vou para aí em setembro. Espero poder te ver.

Aquela sensação estranha que me acometeu desde a sala de descanso atravessou a parte superior do meu corpo novamente, mas eu a afastei. Digitei **Ok** e pressionei enviar, me sentindo um pouco culpada por não dizer mais nada. Mas então eu rolei para cima e vi que a última mensagem que recebi dele fora há quatro meses e, de repente, não me senti tão mal.

Então chequei minha próxima mensagem e vi que era da minha mãe.

Boa sorte com sua entrevista. Não fique inquieta, não faça caretas nem revire os olhos se houver uma câmera. Também não xingue.

Isso abriu um pequeno sorriso no meu rosto que substituiu a dor, e eu digitei de volta:

Tarde demais...

Nem trinta segundos depois, enquanto eu estava calçando as meias e os sapatos de trabalho, meu telefone vibrou com outra mensagem da minha mãe.

Mãe: Vou fingir que não te conheço.



Capítulo Oito

— Não que eu me importe, mas você está com raiva de mim?

Eu tinha acabado de dar uma volta no gelo para me aquecer, após minha sessão de alongamento de uma hora, quando Ivan começou a patinar ao meu lado, fazendo sua pergunta idiota.

Eu nem me incomodei em olhar para ele quando respondi.

— Não.

— Não, você não está brava? — ele perguntou.

Pelo canto do olho, pude ver o contorno do pulôver branco com zíper que ele usava e a calça de moletom azul-marinho enfiada em seus patins pretos. Por que ele sempre tinha que se vestir todo perfeito? Aff. Eu estava com minha roupa habitual: calça desbotada e camiseta desbotada de mangas compridas com alguns buracos. O bom de não ser alta é que eu não perdia minhas roupas há mais de dez anos.

— Não — repeti.

Ele não disse nada por um segundo, enquanto se mantinha ao meu lado, conforme eu dava outra volta, ganhando um pouco mais de velocidade conforme perdia a preguiça.

— Não mais?

Por que diabos ele estava me perseguindo? Ele não tinha visto meu rosto no dia anterior e eu não acho que agi como se algo estivesse errado.

Ou agi?

Então me lembrei do seu comentário *não que eu me importe* e revirei os olhos.

— Não, eu nunca fiquei brava com você, para início de conversa.

— Eu não fiz nada para você ficar com raiva.

— Ok — respondi rapidamente.

Houve uma pausa.

— Você não estava brava?

Eu estava brava? Não. Ele brincou sobre algo que me deixava sensível? Sim. Se eu falasse isso a ele, Ivan entenderia que pegou uma das poucas feridas que ainda me incomodavam, mas admitir poderia fazê-lo usá-la mais vezes contra mim.

Porque era isso que fazíamos, e a única pessoa que eu poderia culpar era a mim mesma. E a ele.

Nós construímos essa base para nosso... relacionamento de trabalho — ou do que mais poderia ser chamado.

— Não — eu disse. Com meus olhos ainda voltados para frente, joguei suas palavras de volta para ele: — Eu teria que me importar com o que você pensa para ficar brava.

Ele olhou para mim por cima do ombro, sem responder quando terminamos outra volta ao redor da pista de gelo, tendo-a completamente para nós, por ser tão cedo. Na tarde anterior, fomos direto ao treinamento quando chegamos. Talvez eu o tivesse ignorado mais do que o habitual? Não. Apenas o tratei como precisava: como se tivéssemos um tempo limitado para nos prepararmos, e eu precisava tirar o melhor proveito disso.

— Será apenas por um ano — ele me lembrou de repente, como se eu tivesse esquecido.

Eu nem me incomodei em revirar os olhos.

— Eu ouvi da primeira vez que você falou sobre isso, imbecil.

— Estou apenas me certificando de que você não esqueça — ele acrescentou naquele tom grave.

— Como eu poderia esquecer quando você me lembra dia sim e dia não? — rebati antes que pudesse me controlar. Eu precisava parar. Sabia no que estava me metendo.

Isso o fez olhar para mim.

— Alguém está sensível.

Revirei os olhos.

— Você está me incomodando, dizendo algo que sei e que não esqueci. Não estou sensível.

— Você está sensível.

— *Você* está sensível.

— Tudo o que estou fazendo é garantir que você não se decepcione mais tarde — disse ele, com um tom calmo e estranho, e isso me fez parar de patinar para que eu pudesse realmente dar uma boa olhada nele.

— De que diabos você está falando? — Eu fiz uma careta, vendo como ele parou um momento depois de mim e se virou na minha direção. Queria que ele não fosse tão mais alto do que eu. Era irritante como ele literalmente tinha que inclinar o queixo para olhar para mim.

— Você me ouviu — disse ele em um tom que fez minha palma coçar.

— Por que diabos eu ficaria decepcionada? — Provavelmente meus olhos já estavam arregalados ou próximo disso.

E o idiota piscou.

— Por não conseguir manter a parceria comigo por mais tempo.

Olhei para ele, pensando que estava brincando, mas sabendo que, com um ego do tamanho do dele, estava realmente me dizendo o que sua cabeça fodida pensava.

— Eu vou ficar bem, Lúcifer. Não se preocupe comigo. Não vou ficar *apegada* a você. Sua personalidade não é assim tão incrível.

Não fiquei surpresa quando ele genuinamente pareceu ofendido.

— Sabe, muitas pessoas adorariam essa oportunidade.

— Sim, muitas pessoas gostariam dessa oportunidade, mas sabem que você não caga ovos de ouro, amigo.

Suas pálpebras pendiam baixas sobre seus olhos azuis quase transparentes.

— Ovos de ouro?

— Sim, você nunca ouviu falar da Mamãe Ganso?

Ele piscou completamente.

— Um livro ilustrado?

Isso tornou minha expressão impassível, pelo menos até eu estreitar meus olhos para ele.

— E se eu gostar de livros ilustrados e que sua irmã leia cardápios para mim? — soltei, antes que pudesse me lembrar de não me envolver naquela merda.

Ivan pareceu recuar por um momento antes de piscar. Então, ele balançou a cabeça.

— Eu sabia que você estava brava. *Sabia*.

Droga.

— Eu não estou brava, idiota.

Ele balançou a cabeça de cabelos escuros.

— Você literalmente gritou comigo quinze segundos atrás.

Fechei minha mão com força sem nem perceber.

— Porque você me dá nos nervos.

— Porque falei sobre você gostar de livros ilustrados. Já te disse coisas piores e você não deu a mínima, mas...

Ele estava certo? Claro que estava. Eu ia admitir? De jeito nenhum.

— Eu não estou brava — repeti, tentando manter a calma para não deixá-lo me irritar mais ainda e porque não valeria a pena. Não valia. Não mesmo.

— Você está brava — ele insistiu.

Olhei para ele.

— Não, não estou.

— Sim, você está — ele continuou, sem perceber que estava me irritando cada vez mais... ou talvez ele soubesse e simplesmente não se importasse. Era o Ivan. Poderiam ser ambas as opções. — Você não é a primeira mulher a mentir para mim e dizer que não está brava quando realmente está.

Eu ia dar um soco nele um dia desses, e ele mereceria.

Mas eu só podia fazer isso quando não estivéssemos em público. Não poderia me esquecer desta regra.

— Não me compare com suas ex — eu disse.

Algo estranho surgiu em seu rosto tão rápido, e desapareceu tão depressa quanto, que eu poderia pensar que estava imaginando. Mas não estava.

Antes que ele pudesse me encher mais o saco ou tentar citar suas ex-namoradas, ou ex-parceiras, ou a quem diabos ele estava se referindo, continuei:

— Eu não ligo para o que você pensa de mim, Ivan. Se fosse o caso, seria uma história diferente, mas não é. Não há nada que você possa me dizer que vá magoar meus sentimentos.

A forma como ele piscou daquela vez foi diferente. Mais lenta. Mais longa. Mas ainda durou apenas três segundos antes que sua

expressão facial voltasse ao normal.

— Eu te conheço bem o suficiente.

— Você não sabe porra nenhuma sobre mim — retruquei.

Mas aquele homem nunca foi de recuar, e eu duvidava que fizesse isso. Ele olhou para mim por um momento, respirando fundo e depois soltando o ar.

— Eu te conheço melhor do que você pensa.

Foi a minha vez de inspirar e expirar. *Não importa o que ele pensa*, eu disse a mim mesma. Não importava. Eu não importava. Sabia o que era. Um ano. Uma possibilidade de vencer. A possibilidade de obter um parceiro permanente depois.

— Não. Você não me conhece — afirmei, certificando-me de que meu tom soasse agradável e suave em vez de instável. A última coisa que eu queria era que ele soubesse que estava exercendo algum efeito sobre mim.

— Eu deixo vocês dois sozinhos por quatro minutos e já começam a discutir — a voz familiar da treinadora Lee ecoou por toda a pista, enquanto ela tirava seus protetores de lâmina para se juntar a nós no gelo. — Vocês dois vão conseguir se dar bem?

Ivan disse:

— Sim — ao mesmo tempo em que eu falei:

— Não. — Enquanto lhe lançava um olhar mal-encarado ao falar.

A treinadora Lee suspirou, nem mesmo erguendo os olhos.

— Esqueçam que eu perguntei. Vamos começar, sim?



Eu deveria saber que aquele seria o dia em que isso aconteceria, pensei comigo mesma, girando a chave na ignição e não ouvindo nada. Nem o estrangulamento do motor tentando ligar. Nada. Apenas um clique.

— Droga — sibilei quando bati os braços no volante e resmunguei:

— Caralho-puta-que-pariu! VÁ SE FODER!

Por quê? Por que isso tinha que acontecer? Se eu chorasse, seria totalmente justificável.

Eu estava cansada. Meu tornozelo, pulso e joelhos doíam por Ivan me deixar cair na porra do gelo enquanto treinamos giros — o que

significava que ele me jogava direto no ar, enquanto eu tentava fazer pelo menos três voltas no pico de altura e depois ele me pegava na volta. Ele só me deixou cair três vezes, mas poderia muito bem ter sido uma dúzia. Eu caí o dobro dessa quantidade nos tapetes, senão mais.

Tudo que eu queria fazer era ir para casa. Era sábado à tarde, cedo o suficiente para que alguém chegasse ao CL para aulas vespertinas e noturnas, e era minha noite de folga do pilates e das corridas que eu vinha fazendo várias vezes por semana, geralmente com meu irmão, que mal começara a me perdoar por não lhe contar sobre Ivan. Era a minha noite para jantar sem pressa, porque precisava ir para a cama ou tomar um banho de gelo, ou o que mais houvesse para fazer.

E tudo o que eu queria era comer a lasanha e o bolo de chocolate que minha mãe disse que ia fazer. Eu vinha sonhando com os pães de alho do marido dela nos últimos dois dias desde que ela me avisou que sábado seria o *dia*, então eu poderia planejar ter minha refeição hipercalórica com carne vermelha e queijo.

E eu estava presa aqui.

Claro que eu ficaria presa.

Tirando meu telefone da bolsa, tentei pensar em para quem eu poderia ligar. Eu havia recusado a assistência na estrada no meu seguro porque o encarecia. Eu poderia ligar para o meu irmão mais velho, mas, de acordo com a sua mensagem no grupo de bate-papo, ele havia saído para uma viagem para fora da cidade naquela manhã com uma garota com quem estava saindo. Jonathan me diria para procurar o que fazer no YouTube, e o marido da minha mãe era inútil com carros. Minha mãe, no entanto, me diria para ligar para o meu tio, que tinha uma oficina mecânica e um caminhão de reboque.

Então...

Procurei nos meus contatos o número certo e pressionei ligar. Três toques depois, sua voz baixa surgiu do outro lado.

— Garotinha, como você está?

Não pude deixar de sorrir. Ele e meu avô eram os únicos que me chamavam de coisas assim.

— Oi, tio Jeff. Estou viva, e você?

— Ainda na luta, querida.

— Desculpe incomodá-lo...

Ele soltou uma risada abafada.

— Quantas vezes eu disse que você não me incomoda? O que está acontecendo?

— Meu carro não liga — disse imediatamente. — O motor não está girando; há apenas um clique. Não deixei minhas luzes acesas.

Ele fez um ruído.

— Quantos anos tem sua bateria?

Merda.

— Não faço ideia.

Ele riu.

— Provavelmente o problema é a bateria, mas eu gostaria de dar uma olhada. Seus terminais podem estar corroídos e eu posso limpá-los para você, mas não saberei até dar uma olhada. O problema é que estou em Austin hoje e só volto amanhã. Onde você está?

— No estacionamento do Complexo Lukov.

— Você poderia deixá-lo aí até eu voltar à cidade amanhã?

Amanhã... Tudo o que eu precisava fazer era correr, me alongar e fazer compras semanais. Eu poderia pegar emprestado o carro da minha mãe para isso.

— Sim, posso deixar aqui.

— Ok. Amanhã posso encontrar você, dar uma olhada e dizer o que está acontecendo, está bem?

Era isso ou pagar a um reboque centenas de dólares, que eu precisava para outras coisas, para rebocar o meu carro para casa ou para a oficina dele, que estava fechada, de qualquer maneira.

— Está bem. Obrigada. Desculpe incomodá-lo.

— Garota, o que eu acabei de dizer? Você nunca me incomoda. Até amanhã, querida. Será no início da noite, então mantenha essa agenda ocupada aberta para mim. Já era hora de eu aparecer para ver a sua mãe também. Já faz tempo, ela precisa de alguém para lembrá-la de que parecia um troll mendigo antes de atingir a puberdade. — Ele riu.

Eu sorri.

— Você é o único que pode fazer isso. Ela quase me bateu da última vez que eu disse a ela que pensei ter visto uma ruga no seu rosto.

Ele riu mais.

— Tudo bem, falo com você amanhã. Desculpe novamente por não poder ajudá-la hoje.

— Está bem. Tchau, tio Jeff.

— Tchau, Jasmine querida — ele disse antes de desligar.

Eu me senti melhor quando desliguei o telefone.

Então lembrei que ainda tinha que chegar em casa.

Merda.

Abrindo a porta, saltei do carro e fui para o outro lado, decidindo quem me encheria menos o saco se eu pedisse uma carona. Estava abrindo a porta do passageiro para pegar minha bolsa, debatendo entre Ruby ou Tali quem seria a melhor opção quando um carro buzinou. Ignorei quando peguei a bolsa e a ergui, fechando a porta com o quadril quando o som de um carro buzinando novamente me fez olhar por cima do ombro... e me arrepender.

Porque em um carro preto com linhas elegantes e a janela do lado do motorista aberta, estava um rosto que eu conhecia muito bem.

— Quer um doce, garotinha? — o idiota perguntou enquanto colocava um antebraço na porta e posicionava os óculos escuros de armação preta em cima de seus cabelos igualmente escuros.

Dei um passo para trás e deixei minha bunda descansar contra a porta do passageiro cor de mostarda do meu Subaru.

— Não de você — respondi, observando o cara com quem eu tinha evitado ao máximo falar a tarde toda.

Ele não vacilou nem fez uma careta, mas ergueu as sobrancelhas.

— Precisa de uma carona?

Como diabos ele sabia que eu precisava de uma carona?

— Eu vi você entrar no seu carro e começar a bater no volante — continuou, como se soubesse no que eu estava pensando. — Não tenho cabos de bateria.

Claro que ele não teria. Seu carro não tinha nem um ano, porque antes era um BMW azul-escuro, que não tinha mais de três anos.

— Entre — ele continuou.

— Eu...

— Vou te dar uma carona. Pare de pensar demais. Você nem precisa me pagar.

Oh, Deus. Eu o odiava. Eu o odiava ainda mais quando ele sorria como se achasse que a situação era engraçada.

Eu poderia ligar para Jojo, Tali, Ben, James ou Ruby. Eles viriam me pegar. Eu sabia que viriam. Mesmo se já estivessem na casa da minha mãe.

— Você realmente quer esperar aqui até que alguém venha te pegar? — ele perguntou, erguendo as sobrancelhas novamente.

Foi aí que ele me pegou.

Mas eu também não queria entrar no carro com ele, então...

— Entre, perdedora.

E isso me fez piscar.

— Você acabou de citar...

— Eu não tenho o dia todo. Vamos lá. Você não quer esperar, e eu também não — ele terminou antes de inclinar a cabeça em direção ao banco do passageiro.

Merda.

Dois outros carros haviam parado no estacionamento enquanto discutíamos, e eu pude ver as famílias saindo de seus veículos. Eu queria ficar ali, brigando com Ivan enquanto as pessoas assistiam? Talvez. Mas eu disse que poderíamos ser pessoas melhores e continuarmos com nossa fachada, então...

— Tudo bem — murmurei, plenamente consciente de que parecia uma idiota ingrata e apenas me sentindo ligeiramente mal por isso. Dei um passo em direção ao seu Tesla e depois parei, estreitando os olhos para ele. — Você promete que não vai me matar?

Ele sorriu.

— Prometo que, se fizer isso, será rápido e indolor.

Eu pedi por essa.

— Vou tirar uma foto da sua placa, para que, se meu corpo desaparecer, procurem meu DNA nele.

— Eu tenho água sanitária — ele retrucou imediatamente.

Por que ele estava agindo... não *legal*, mas, ainda assim... não como um idiota total?

Eu fiz uma careta para ele enquanto andava até a traseira do carro para tirar uma foto da placa, porque, embora eu soubesse que Ivan não iria me matar, alguém ainda deveria saber onde eu estava. Pelo menos era exatamente o que eu diria para minhas irmãs fazerem se

estivessem na minha posição. Não era seguro confiar em ninguém.

Circulando de volta para a frente do carro, depois de enviar à minha mãe uma foto da placa de Ivan — porque, se havia alguém que faria um inferno para me recuperar, era aquela mulher —, entrei no carro e coloquei minha bolsa no chão, depois afivelei o cinto de segurança.

Então, encolhendo-me por dentro, virei-me para olhar para Ivan e forcei um quase sorriso no meu rosto enquanto murmurava lentamente:

— Obrigada. — Era como se cada palavra estivesse sendo arrancada da minha boca com um alicate.

— Não parece muito animada — respondeu ele. Então sorriu. — Debaixo de que ponte você mora e como chegamos lá?

— Eu não suporto você.

Ele riu quando posicionou os óculos escuros sobre o nariz e olhou para a frente.

— Para onde?

Franzi o nariz, mas dei a ele as instruções para prosseguir, observando em silêncio enquanto ele virava para um lado e depois para o outro antes de guiar o belo carro silencioso pela estrada. Revezei-me olhando pela janela, depois para a enorme tela embutida no painel e para Ivan, quando achei que ele não podia me ver. A última coisa que eu queria era que me pegasse observando como seu nariz era perfeitamente moldado e como se encaixava em seu perfil, combinando com o resto de sua estrutura óssea. A mandíbula dele era uma coisa sobre a qual eu ouvia as adolescentes mais velhas balbuciarem. As maçãs do rosto e os ossos da testa eram proporcionais ao resto. Para mim, seu rosto poderia pertencer a um príncipe ou algo assim. Alguém da realeza.

Não que eu fosse admitir isso.

E não que eu me importasse, porque, sob aquele rosto e pele bonitos, estava o mal encarnado.

— Tire uma foto, ela dura mais — Ivan falou de repente.

Pensei em desviar o olhar, mas decidi que seria ainda pior.

— Eu vou tirar. Acho que a enciclopédia precisa de um registro a respeito de idiotas e poderia usar sua foto como exemplo.

Sua mão direita soltou o volante e cobriu um ponto sobre seu coração.

— Ai.

Eu bufei.

— Oh, por favor.

Ele olhou para mim com os óculos escuros cobrindo seus olhos.

— O quê? Você não acha que poderia me machucar?

— Você precisa de um coração para sentir dor.

A mão dele não se moveu.

— Ai, Jasmine. Sério. Eu tenho coração.

— Não vale quando é feito de paus e pedras e pintado de vermelho.

O único canto da boca que eu podia ver se curvou um pouco.

— Eu o fiz de barro, Almôndega. Me dê algum crédito.

Eu não queria, realmente não queria, mas eu ri e virei o rosto, achando que, se ele não estava conseguindo ver, era porque não estava acontecendo de verdade.

— Sabe, poderíamos nos dar bem se tentássemos — disse ele depois de um momento, enquanto eu ainda estava com o rosto virado.

Eu queria olhar para ele... porque havia muita coisa que o rosto de uma pessoa não podia esconder, especialmente um que eu achava que conhecia tão bem quanto o de Ivan... mas me certifiquei de manter o olhar voltado para a janela. Porque... Ivan e eu amigos? Por que ele estava trazendo isso à tona e perguntando? Eu não tinha certeza de quais eram seus motivos.

— Não tenho tanta certeza — falei honestamente.

Houve uma pausa enquanto ele continuava dirigindo.

— Você gosta da minha irmã.

— Mas você não é a sua irmã. Suas personalidades são totalmente diferentes. — E são mesmo. Karina era meiga na maioria das vezes, mas tinha uma força de caráter que eu respeitava muito. Ela não levava a maioria das coisas a sério, a menos que realmente se importe com elas. Ela me equilibrava. Ela era calorosa e descontraída enquanto eu... não era.

Ele resmungou alguma coisa, mas disse:

— Acho que você está arranjando desculpas.

Isso me fez olhar para ele.

— Eu não estou arranjando desculpas.

Ivan olhou para frente enquanto falava:

— É o que parece para mim.

— Não estou... — Será que estava? Merda.

— Você sempre diz que pode fazer tudo...

— Porque eu posso. — Então fiz uma careta. — Lee apenas nos pediu para sermos gentis um com o outro. Nós estamos... lidando com isso.

Ele não disse uma palavra, apenas deu de ombros como se estivesse me incentivando. Mas por que diabos faria isso?

— Seria mais fácil se você não me odiasse — acrescentou.

Eu fiz uma careta enquanto olhava para o para-brisa.

— Eu não te odeio.

Dessa vez, ele olhou para mim com uma expressão impassível, mas algo nela ainda era duvidoso.

— Não te odeio — repeti, olhando para ele, mesmo que tivesse desviado o olhar. — Por que diabos você acha isso?

— Porque você disse: *Eu te odeio*.

— Isso não significa que eu realmente te odeie. Eu não sabia que você era tão sensível. Não gosto de você, mas não te odeio.

Sua risada era irritante.

— Eu realmente não me *importo* se você me odeia.

Isso me fez revirar os olhos.

— *Vamos ser amigos, mas eu não me importo se somos ou não, ok?*

Eu zombei dele, balançando a cabeça, porque isso não fazia nenhum sentido.

— Então?

Ele ia *continuar* insistindo?

— E daí?

— Então, sim ou não?

Sim ou não? Para nós sermos amigos quando eu não entendia por que ele estava se incomodando em tentar? Quando ele fazia parecer que não se importava se éramos ou não? Que porra era aquela?

Era assim que as pessoas se tornavam amigas na vida real? Eu não sabia, como diabos eu saberia? Todos os amigos que tinha eram antigos, de quando eu não desconfiava de todas as pessoas que

conhecia.

E Ivan?

— Quero dizer...

— Se você acha que não é capaz... — Ele se interrompeu com um encolher dos mesmos ombros nos quais eu colocara minhas mãos cinco mil vezes em apenas alguns meses.

Se eu não achava que era capaz...

Merda.

Olhei para o rosto dele, mas nada mudou; Ivan apenas continuou olhando para a frente. Eu me senti... distante e estranha.

— O que significa se formos? Temos que fazer alguma coisa ou...?

— Eu não sei. — Foi sua resposta brilhante e inesperada. Como ele não sabia? Eu o vi centenas de vezes cercado de pessoas, sorrindo, abraçando, agindo como se gostasse de atenção e tivesse nascido para ser o centro disso a cada minuto da sua vida.

Mas já o tinha visto falar com as pessoas por mais de alguns minutos?

Hum.

Não tinha certeza.

— Vou pensar — eu disse antes que pudesse me conter.

Isso o fez olhar para mim e, se sua voz estava mais rouca do que o normal, eu não percebi.

— Ok.

O que diabos isso tudo significava? O que eu deveria fazer? Eu não era do tipo que abraçava sem motivo e não tinha tempo para sair para curtir ou o que quer que os amigos fizessem.

— Eu não menti. Não te odeio. — Eu odiava meu ex e algumas outras pessoas, mas simplesmente não gostava de Ivan. Ele era crítico, arrogante, grosso...

Acabei de me descrever, não foi? Merda.

Nunca iria funcionar. Era por isso que eu não tinha amigos, ou mais de dois...

Então me lembrei de que era Ivan. Ivan, que tinha os mesmos compromissos que eu. Ivan, que também não tinha tempo. Ou ele tinha? Eu não sabia o que ele fazia quando não estávamos juntos.

Poderíamos ser amigos? Ou pelo menos tentar brigar menos?

O que eu realmente queria saber era: será que ele realmente queria?

— Será apenas por um ano — lembrei-o de algo que ele já sabia. Eram as mesmas palavras que ele usava comigo toda vez que queria. As mesmas que literalmente usara comigo horas atrás, naquela manhã, antes do treino e do balé.

— Eu sei disso — ele murmurou.

— Então, qual é o objetivo?

— Tudo bem, esqueça — ele resmungou, virando o carro na rua que levava ao bairro da minha mãe.

— Foi você quem levantou a questão — murmurei em retorno.

— Bem, eu mudei de ideia.

— Bem, não acho que você realmente é do tipo que muda de ideia depois de ter dito alguma coisa.

— Eu mudei.

Não gostei do tom de insulto que senti de repente por ele ter *mudado de ideia*. Eu nem queria ser amiga dele. Teria sido a última coisa que eu iria querer ou esperar, mas agora...

Não gostava dele me dizendo o que fazer. Era isso. Ele não poderia decidir o que eu fazia com a minha vida e com meu tempo mais do que já fazia.

— Que pena, cara de merda. Acho que podemos tentar. — Eu poderia ter suado só por dizer isso.

Ele fez um barulho ao girar o volante.

— Você *acha*?

— Sim, eu acho.

Ele fez uma careta, mas falou:

— Vou pensar nisso.

Eu zombei, forçando-me a olhar para a frente.

— Você vai *pensar*... — Me interrompi quando vi a casa de dois andares à direita. Havia três carros que eu reconhecia estacionados na garagem. Porra. — Chegamos. — Apontei para a casa.

Ivan dirigiu o carro até o espaço aberto em frente à casa e, no segundo em que o fez, apressei-me em dizer, uma das mãos já na porta, a outra nas alças da bolsa:

— Ok, obrigada por me trazer.

Eu o vi desligar o carro mais do que realmente ouvi.
Que porra ele estava...?
Ivan ergueu as sobrancelhas depois de se virar para mim.
— Posso usar o banheiro?



Eu pisquei.

A cada palavra que aprendi ao longo da minha vida deixou de existir. Porque, naquele momento, sentada sobre o assento de couro liso, com a mão na maçaneta da porta de um carro que custava mais do que a maioria das casas das pessoas, eu não tinha certeza do que dizer. Nem tinha certeza se o tinha ouvido corretamente.

— Como é que é? — eu basicamente coaxei pelo que eu tinha certeza de que era a primeira vez na minha vida.

O homem sentado atrás do volante nem se deu ao trabalho de responder. O que ele fez foi se inclinar... e abrir a porta. Então ele disse:

— Posso usar o banheiro?

Ele...?

Ele queria que eu o convidasse? Era isso que estava realmente me perguntando? Ele estava me dizendo de forma completamente sutil que queria entrar na minha casa? Onde minha família estava? Para fazer xixi?

Pisquei novamente, com um *não* na ponta da língua, enchendo a parte de trás da minha garganta em um nó tão grande que desceu pelo meu esôfago também. Foi uma resposta idiota, uma que eu sabia que provavelmente me arrependeria, mas, de qualquer maneira, eu dei. Porque: *seja uma pessoa melhor*.

— Se você quiser.

A resposta de Ivan foi sair do carro e fechar a porta com força, enquanto eu continuava sentada ali, imaginando o que diabos tinha acontecido. Então, tão rapidamente quanto Ivan saltou, eu fiz o mesmo, pegando todas as minhas coisas e fechando a porta o mais suavemente possível. Ele já estava me esperando no meio do

caminho pavimentado que levava à porta da frente, as mãos enfiadas nos bolsos da calça de moletom, o pulôver de lã preto combinando perfeitamente com seu tênis discreto. Principalmente incomodava-me o fato de que ele talvez não tivesse tomado banho, porém, eu parecia precisar de um, enquanto ele... não.

— Quem está aqui? — o canalha intrometido perguntou.

Lancei-lhe um olhar de soslaio enquanto passava por ele na grama para ir até a porta da frente, enfiando meu braço no zíper aberto da bolsa para procurar as chaves. Eu já tinha visto os carros estacionados na entrada. O Cadillac era de James, marido do meu irmão. O 4Runner, da Tali, e o Yukon era do marido da Pequenina.

— Minha mãe, seu marido, Ben, meu irmão e seu marido, minhas duas irmãs, Aaron, o marido da minha irmã, e seus filhos.

— Qual irmã?

Olhei para ele novamente enquanto deslizava a chave na fechadura, imaginando em uma escala de um a dez o quão merda aquela ideia tinha sido. Com a minha sorte, provavelmente a nota seria trinta. Porque aquele seria exatamente o dia em que Ivan se convidara para usar o banheiro.

Que Deus me ajudasse.

— A ruiva ou a meiga e tranquila? — ele indagou, como se eu não soubesse a diferença entre minhas irmãs.

— Aaron é o marido de Ruby; ela é a legal — respondi, minhas palavras saindo agitadas e ofegantes, porque não sabia quando diabos ele tinha prestado atenção suficiente para conhecer minhas duas irmãs. Fazia anos desde que Ruby, a mais nova das duas, tinha ido comigo para a pista. Desde que ela engravidara do primeiro filho. Tali ainda ia lá de vez em quando para me julgar, mas não tão frequentemente quanto antes. E eu não conseguia me lembrar de nenhuma delas terem ido à casa dos pais dele para me buscar depois que eu saí com Karina.

— Você tem outro irmão, não é? — ele perguntou, assim que eu puxei a chave da fechadura e girei a maçaneta.

Como diabos ele sabia que eu tinha outro irmão? Talvez Karina já tivesse mencionado isso. Ela costumava dizer que tinha uma queda por Seb.

— O mais velho. Sebastian.

Ivan baixou o queixo antes de dar um passo à frente, para mais

perto da porta — e de mim — enquanto eu a empurrava. Instantaneamente, ouvi risadas baixas vindas da direção de onde era a cozinha.

Eu ia me arrepender. Tinha certeza de que me arrependeria de deixá-lo entrar. Mas, se dissesse que não queria que ele entrasse, isso me faria parecer fraca ou como se houvesse algo que estava tentando esconder. Além disso, seria meio cruel.

Gesticulei para Ivan quando abri espaço para ele passar e fechei a porta.

— Deixe-me mostrar o banheiro — ofereci.

Ele fez uma careta, sua atenção voltada na direção das risadas.

— Você não deveria dizer oi para eles primeiro?

Eu deveria, talvez. Eu queria? Não.

— Eu deveria dizer olá para a sua mãe, não deveria?

Oh, Deus.

Havia uma razão para eu nunca ter levado um namorado para casa para conhecer minha família. E, naquele momento... bem, naquele momento, eu iria levar uma das pessoas mais importantes que conhecia e com quem tinha uma ligação para conhecer aqueles loucos, mesmo que fosse apenas por um instante para cumprimentar minha mãe.

Pensar em todas as coisas horríveis que eu disse na frente dos antigos namorados dos meus irmãos ao longo dos anos foi quase o suficiente para eu me arrepender pelo inferno com o qual eles provavelmente me fariam pagar naquele instante.

Eu não era tola o suficiente para pensar que eles iriam se comportar melhor porque um medalhista de ouro estava chegando para dizer oi.

Pelo menos eu, com certeza, esperava que isso fosse tudo o que ele iria fazer. Com uma única fungada, poderia dizer que o jantar estava quase pronto. Cheirava tão bem.

Com um encolher de ombros, inclinei a cabeça para o lado, para que ele me seguisse. Passei pela sala e a encontrei quase vazia, exceto por Ben, que estava parado no armário de bebidas, enchendo três copos diferentes com o que pareciam ser gin e tônica.

— Oi, Ben — cumprimentei, parando atrás do sofá.

Ele não olhou para trás enquanto fechava a garrafa.

— Oi, Jas — ele sussurrou, olhando por cima do ombro antes de seus olhos cor de uísque se arregalarem e ele parar de falar, assim que me viu, e eu sabia que ele tinha plena consciência de quem estava parado a menos de quinze centímetros de distância.

— Por que você está sussurrando? — perguntei.

Ele apontou para o andar de cima.

— As crianças estão dormindo no nosso quarto.

Ah! Decidindo dar uma espiada no quarto da minha mãe mais tarde, foquei na pessoa ao meu lado.

— Ben, este é meu parceiro, Ivan. Ivan, este é o marido da minha mãe, Ben — apresentei os dois, sem saber o que fazer com o jeito que Ivan piscou lentamente antes de finalmente dar um passo à frente e dizer:

— Prazer em conhecê-lo. — Como um ser humano normal e educado.

Notei Ben deslizar os olhos em minha direção, querendo dizer *que merda é essa, Jasmine?*, antes de pegar a mão estendida de Ivan.

— Prazer em conhecê-lo também. — Ele fez uma pausa. — Quer uma bebida?

— Estou dirigindo, mas obrigado.

— Avise-me se você mudar de ideia — respondeu Ben, lançando-me outro olhar arregalado.

Ivan assentiu ao mesmo tempo em que acenei para ele, para que me seguisse até a cozinha. Reconheci o riso da minha irmã, seguido por Jojo dizendo:

— Cale a boca.

Entrando pela ampla porta, encontrei meus irmãos e os outros sentados ao redor da ilha e me concentrei demais em algo no meio dela. Minha mãe, por outro lado, estava olhando um dos fornos duplos de parede e cutucando algo dentro dele. Olhando de volta para Ivan, ergui as sobrancelhas para ele e entrei, esperando que me seguisse. Jonathan jogou as mãos no ar, uma fração de segundo antes de o som de algumas coisas caindo no granito preencherem o cômodo.

— Não! — meu irmão sibilou ao mesmo tempo em que minha irmã Tali disse:

— Como você pode ter estragado tudo?

— Você sabe que ele é péssimo em Jenga — falei, chegando atrás

do corpo que eu sabia que pertencia à minha irmã. Ela se virou quando toquei o topo da sua cabeça.

— Jasmine! — Ruby, minha irmã um pouco mais velha, gritou, suas mãos se movendo em minha direção antes de parar a meio caminho entre nossos corpos, como se estivesse hesitando. Ela sempre fazia isso.

Eu nem suspirei, apenas passei meus braços em volta dela e notei que levou um segundo antes de me abraçar de volta.

— Eu venho aqui o tempo todo, e você nunca me abraça assim — Jojo disparou do seu lugar do outro lado da ilha.

Eu ainda estava abraçando Ruby quando olhei para ele e falei:

— Porque ela nunca entrava no banheiro enquanto eu tomava banho e jogava uma jarra de água gelada em mim.

— Você ainda está brava por isso? — meu irmão perguntou, plantando os cotovelos na ilha e sorrindo tão largo que o buraco no seu dente apareceu.

— Você fez isso na semana passada — lembrei a ele. — E duas semanas antes disso.

— Eu só estava tentando ajudá-la — ele começou a dizer até que James, que estava sentado ao lado dele, deu-lhe uma cotovelada no braço forte o suficiente para chamar sua atenção. — O que foi?

Os olhos de James se voltaram para um ponto atrás de mim quando ele deu uma cotovelada no seu marido de novo.

Agora ou nunca, certo?

— Ivan me deu uma carona para casa, porque meu carro não ligava — expliquei, vendo todos, até minha mãe que estava no forno, se virando, tentando olhar para trás. — Todo mundo, Ivan. Ivan, esses são todo mundo.

Meu irmão chiou. James deu-lhe outra cotovelada. Minha irmã, Tali, piscou. A mão que Ruby tinha na minha lombar estremeceu. Minha mãe não fez nada, assim como o lindo marido loiro da minha irmã, que estava sentado no banco diretamente à minha direita.

— Olá — cumprimentou Ivan, que aparentemente estava ostentando sua versão polida.

Foi minha mãe quem respondeu:

— Olá, Ivan. — Ela deu a volta na ilha, limpando as mãos no avental. — É bom ver você de novo.

Ele respondeu algo que eu não pude ouvir quando a mão de Ruby se moveu, e ela se inclinou para sussurrar no meu ouvido:

— Ele é tão alto e bonito pessoalmente.

Olhei para o homem ao seu lado, que se virou para encarar a ilha e começou a recolher os blocos de madeira espalhados por todo o balcão.

— Vou dizer ao bonitão do seu marido que você está de olho em outro cara.

Ela fez uma careta e se afastou.

— Você é uma chata, Jasmine.

Eu sorri para ela e toquei o topo de sua cabeça novamente. Ela foi a última dos meus irmãos a se mudar, e mesmo que já tivessem se passado seis anos desde que isso aconteceu, eu ainda sentia falta dela como se fosse ontem. Embora minha idade batesse mais com a de Jonathan, era de Ruby que sempre fui mais próxima. Minha mãe dizia que era porque éramos opostas e nos equilibrávamos. Como com Karina. Eu sempre pensei que era só porque ela tinha mais paciência comigo, e eu sempre fui muito protetora, apesar de ela ser cinco anos mais velha do que eu.

Com as costas da mão, cheguei à direita e bati no ombro do marido dela, olhando a babá eletrônica que estava à sua frente, na mesa. Era uma daquelas extravagantes com vídeo e tudo.

Ele olhou para mim enquanto coletava peças de Jenga e sorriu.

— Jasmine.

Imitei seu sorriso. Era difícil não fazê-lo.

— Aaron.

— Eu queria te dizer o quanto fiquei feliz quando Rubes disse que você tinha outro parceiro — respondeu ele, com seu sotaque doce da Louisiana. — Eu sabia que seria apenas uma questão de tempo.

Meu sorriso ficou um pouco maior, e assenti para ele, batendo em seu ombro mais uma vez para dizer obrigada. Em troca, o homem com quem meu irmão brincava, dizendo que jurara tê-lo visto na capa de um livro, sorriu para mim, como se fosse o suficiente. Aaron levava apenas cinco minutos para me convencer de que merecia ser o primeiro namorado da minha irmã. Eu estava preparada para odiá-lo por inteiro. Mas, naqueles primeiros cinco minutos depois que ela o levou à nossa casa para apresentá-lo a todos nós — seis

meses antes de ir morar com ele, e seis meses e meio antes de descobriremos isso —, ele pediu que ela lhe mostrasse todas as roupas de cosplay que fizera ao longo dos anos, então eu soube que ela havia encontrado um homem gentil e decente.

Se ele não fosse, minha mãe e eu estávamos prontas para cortar suas bolas, em uma noite escura e chuvosa, quando ele não pudesse nos identificar.

— Ei aí, cara? — disse meu irmão Jonathan, de perto.

Espreitando por cima do ombro, descobri que Jojo havia se levantado da ilha e estava em pé ao lado da minha mãe, a mão já apertando a de Ivan.

— Como vai? Sou Ivan.

Como se Jojo não soubesse quem ele era.

— Jonathan — meu irmão falou, parecendo totalmente descontraído, e nem um pouco como ficara quando havia mencionado sobre a *bunda de patinador* de Ivan no passado. — Este é o meu marido, James — continuou ele, usando o polegar para apontar para a ilha. James acenou.

— Você é o meu quarto patinador artístico favorito — disse James, dando-me uma piscadela.

Quarto?

Até Jojo estava se perguntando a mesma coisa.

— Quem são os outros três?

— Jasmine.

— Dois e três?

— Jasmine.

Meu coração morto se incendiou de emoção e, se eu fosse o tipo de pessoa que mandava um beijo para alguém, eu teria feito isso para ele.

— Eu salvaria a sua vida, se você estivesse prestes a ser atropelado — declarei para ele, e falava sério.

Ele sorriu e piscou para mim novamente.

— Eu sei que você faria isso, Jas.

Sorri de volta para ele antes de olhar para Ivan e vê-lo me olhando também. Eu estava prestes a perguntar por que diabos estava me encarando, mas parei quando me lembrei de que havia concordado em tentar ser amiga dele. Que porra eu estava pensando quando fiz

isso?

— Você me salvaria de um atropelamento? — Jojo perguntou.

— Não. Mas eu compraria algumas flores bonitas para o seu funeral.

Ele fez uma careta e mostrou a língua para mim. Mostrei a minha também. Ele coçou a ponta do nariz com o dedo médio. Também ergui o meu e o esfreguei na minha sobrelha.

— Jasmine, por favor! — minha mãe gemeu. — Não na frente dos convidados.

— Mas ele... — comecei a dizer, apontando para Jonathan antes de parar e balançar a cabeça.

O *hehe* do meu irmão foi muito baixo, mas eu ainda o ouvi.

— O jantar está quase pronto. Você vai tomar banho, Jasmine? — minha mãe perguntou quando Tali se aproximou de Ivan e se apresentou. Pelo menos foi o que achei que ela fez quando o abraçou.

Eu os observava enquanto assentia. *Hum-hum*.

Ivan lançou à minha irmã um sorriso que eu nunca tinha visto antes... e isso me fez sentir estranha. Tali era uma versão mais jovem da minha mãe. Bonita, esbelta, com aquele cabelo ruivo, pele pálida e estrutura óssea que nenhum cirurgião plástico no mundo poderia replicar. Eu não conseguia pensar em uma única vez em que estive com ela e não peguei alguém a admirando. Ela estava tão acostumada que nem percebia mais. E eu parei de me importar que ela fosse tão bonita há muito, muito tempo.

Alguns eram mais bonitos do que outros. Talvez eu não fosse tão bonita quanto minha irmã, mas eu conseguia lhe dar umas boas porradas se quisesse, e isso sempre me fez sentir melhor. Mas Tali seria aquela que me ajudaria a enterrar um corpo... se eu precisasse.

— Vá tomar banho, então — minha mãe exigiu. — Eu não quero que a lasanha queime.

Balancei a cabeça e olhei para Ivan, que ainda estava conversando com minha irmã.

— Ivan, eu vou te mostrar onde fica o banheiro.

— Você quer jogar esta próxima rodada de Jenga? — Jonathan perguntou enquanto eu ainda estava falando.

Eu pisquei.

No intervalo de tempo, Ivan respondeu:

— Claro.

O quê?

— Vá tomar banho, fedidinha, para que possamos comer — continuou Jojo.

Ivan olhou para mim e deve ter visto minha expressão de *puta que pariu*, porque aquela sugestão de sorriso sorrateiro apareceu em sua boca naquele tom rosado de algodão-doce.

— Sim, fedida. Vá tomar banho — ele repetiu como um idiota.

— Ele também não tomou banho — eu os informei.

— Eu não estou fedendo — disse Ivan.

— Eu também não.

— Isso é discutível — rebateu Tali, tossindo.

Eu ignorei, porque sabia o que ia acontecer se não assumisse o controle da situação.

— Ivan, você não precisa ficar se não quiser. Tenho certeza de que tem coisas melhores para fazer. Eu posso te mostrar onde fica o banheiro.

— Gostaria de jogar Jenga. — Foi a resposta dele.

O que eu ia fazer? Dizer a ele que não? Ia me arrepender disso. Realmente ia.

— Vou mostrar para você onde fica o banheiro — Jojo ofereceu.

Merda.

— Ok — eu murmurei antes de me inclinar para Ruby e sussurrar: — Por favor, certifique-se de que nada de ruim aconteça. — Eu a ouvi rir e senti que ela concordava. Tocando sua cabeça novamente, dei uma última olhada na cozinha e vi Ivan se sentar ao lado de James.

Então eu saí de lá, passando por Ben no caminho da escada como se minha bunda estivesse pegando fogo. Tomei o banho mais rápido da minha vida, imaginando toda a merda aleatória que eles provavelmente estavam dizendo a Ivan sobre mim. Seria exatamente o que eu merecia. Eu me vesti, parecendo mais decente do que em qualquer outra noite da semana. Os jantares de sábado à noite eram meu momento de ser preguiçosa e comer o que eu quisesse.

Depois de esfregar loção de aloe vera nos meus pobres e cansados pés, descí as escadas, forçando os ouvidos para escutar o que diabos eles poderiam estar falando na cozinha. O problema era

que, pela primeira vez, parecia que todos estavam cochichando e não conversando, porque eu não conseguia ouvir nada claramente.

Pelo menos até chegar à porta. Então ouvi todos eles rindo muito, muito baixinho.

— Eu não entendo por que isso faz todo mundo rir. — Ouvi Aaron, marido de Ruby, falar.

Foi Jojo quem respondeu.

— Você já viu fotos dela antes que atingisse a puberdade?

Isso foi o suficiente para eu saber do que estavam falando. Bando de idiotas.

Mas ainda não me mexi.

— Não. — Foi a resposta do outro homem.

Alguém bufou, e eu soube que era Tali.

— Jas atingiu a puberdade muito tarde. Com que idade? Tipo dezesseis?

Eu estava prestes a fazer dezesseis anos, mas não iria confirmar isso.

Mas minha mãe não pensou duas vezes.

— Algumas meninas ficam com corpo de criança por um tempo, vocês sabem — continuou Tali, ainda falando muito baixinho. — Por acaso, foi o caso da Jas, que só chegou à puberdade aos dezesseis. — Ela riu.

— Não — Aaron tentou negar, que Deus abençoasse seu coração.

— Sim — confirmou Tali. — Ela era um pouco robusta.

Jojo bufou.

— Um pouco?

— Ah, agora vocês estão sendo malvados — Ruby falou. — Ela era tão fofa.

— Ela tinha uma bunda tão grande que odiava usar collants porque eles sempre ficavam entrando no bumbum — minha mãe decidiu compartilhar. — Quanto mais tentávamos dizer a ela para usar roupas mais folgadas, mais ela usava aquelas malditas malhas e macacões, mesmo que se sentisse desconfortável.

Ouvi uma risadinha que eu sabia que pertencia a Ivan.

— Isso é a cara dela.

— Você não tem ideia. Essa garota sempre fez questão de fazer o

oposto do que as pessoas querem dela. Ela faz isso por princípios. Sempre fez. A única vez que um *não* a impediu foi quando ela assistiu àquele filme... como era o título? Aquele de hóquei pelo qual ela era obcecada...

— *Nós somos os campeões* — Ruby respondeu.

— *Nós somos os campeões*, isso mesmo. Ela me implorou para colocá-la no hóquei, mas não havia aulas de hóquei que permitissem meninas. Eu discuti com um treinador para deixá-la experimentar, e ela foi convidada para uma festa na Galleria, e a única razão pela qual a convenci a ir foi porque eu havia dito a ela que muitos jogadores de hóquei faziam patinação artística para desenvolver suas habilidades.

— Eu não sabia disso — disse James.

— Oh, Deus, ela assistiu àquele filme um milhão de vezes. Eu tentava jogar a fita no lixo pelo menos uma vez por semana, mas mamãe sempre a recuperava — grunhiu Tali.

— Ela não te viu fazer isso uma vez e vocês brigaram por isso? — Ruby perguntou.

Isso me fez sorrir, porque eu conseguia me lembrar daquele dia perfeitamente. Nós tínhamos brigado. Eu tinha dez anos. Tali, dezoito, eu acho. Felizmente para mim, ela era uma pessoa muito pequena e não fora tão difícil tentar espancá-la por jogar meu filme fora.

— Sim. Ela me deu um soco na porra do nariz — respondeu minha irmã.

Minha mãe começou a rir.

— Você sangrou tanto.

— Como você pode rir de mim, se eu que fui atacada? — Tali ofegou, lembrando-me de que ela era a segunda maior rainha do drama da família.

— Sua irmã de dez anos deu um soco na sua cara. Você sabe o quão difícil foi para mim não rir quando aconteceu? Você mereceu. Eu te avisei, ela te avisou, mas você fez mesmo assim. — Mamãe gargalhou, soando como se estivesse orgulhosa de mim da maneira mais errada possível.

Isso me fez sorrir.

— É mentira, mãe.

— Ah, fique quieta. Ivan, você não se importa de saber que uma garotinha agrediu a irmã mais velha, não é? — mamãe perguntou.

Houve uma pausa e, em seguida:

— Tenho certeza de que você não foi a primeira pessoa em quem Jasmine já deu um soco. Nem a última.

Houve outra pausa e, em seguida, Tali acrescentou:

— Não fui. — Então houve um barulho que parecia muito com um grunhido. — Ela sempre foi uma merdinha brigona. Não tinha nem três anos quando bateu naquele garoto na creche, não foi?

— Até onde eu sei, ela chutou o garoto porque ele tentou olhar debaixo da saia dela quando ela tinha três anos. Não foi isso? — Jojo lembrou.

— Foram dois — minha mãe começou a dizer antes de Ivan rir.

O quê?

— Ela recebeu sua primeira advertência por ter chutado um garoto que a empurrou. Então, ela foi expulsa da creche quando deu um soco no mesmo garoto quando ele tentou levantar sua saia. Para ser justa, tenho certeza de que Sebastian disse a ela para fazer isso quando o chute aconteceu.

— Então ela recebeu detenção duas vezes no jardim de infância. Uma garota puxou o cabelo dela, e ela puxou o cabelo da garota...

Eu reconheci o riso de James.

— Então a outra garota comeu seu lanche, e ela ameaçou cuspir nos olhos dela, e a professora ouviu — mamãe continuou. — Na primeira série, ela foi suspensa por puxar a cueca de um menino. Jasmine disse que era porque ele estava mexendo com outro garoto. Na segunda série, ela ficou em detenção duas vezes. Ela derramou leite sobre...

E isso foi o suficiente. Eu era uma merda. Isso não deveria surpreender ninguém.

— Ok, Ivan, Aaron e James não precisam saber de todas as vezes que tive problemas quando era pequena — falei quando finalmente entrei na cozinha.

Minha mãe se sentou entre Ivan e Ruby e me deu um sorriso enorme.

— Eu estava prestes a chegar nas coisas boas.

— Eu não me importaria de ouvir todo o resto — James falou com uma piscadela.

Suspirei e parei atrás de Ruby.

— Mamãe pode contar sobre o período de cinco a dez anos no próximo sábado.

Mamãe empurrou o banquinho para trás.

— Vamos comer, crianças. — Então ela olhou para Ivan. — Você vai comer conosco? Não é um prato digno de uma medalha de ouro, mas... — Ela deu de ombros. — Está bom.

Eu deveria saber que mamãe o convidaria para ficar e comer. Merda.

Ivan pareceu pensar nisso por um momento, enquanto eu estava ali, prestes a rezar para que ele dissesse não, antes que olhasse na minha direção e perguntasse:

— Você vai comer?

Porra.

— Sim. É o meu dia de comer coisas hipercalóricas. — Não sabia por que expliquei isso.

Aqueles olhos cor de geleira permaneceram no meu rosto por um momento.

— Ok. — Então ele se virou para a minha mãe. — Se você tiver o suficiente, eu ficarei, mas, se não tiver, eu vou entender.

Mamãe riu.

— Nós temos o suficiente. Não se preocupe com isso. — Então foi a vez dela de fazer uma pausa. — Nós comemos na cozinha.

Ivan piscou.

— Ok.

— Isso foi estranho — murmurou Tali antes de empurrar o banco para trás e se levantar. — Estou pronta para comer.

Como havíamos feito nos últimos vinte anos, os pratos foram pegos e entregues. Em seguida, entramos na fila para nos servirmos nas panelas que mamãe e Tali espalharam no balcão. Esperei no final da fila por Ivan enquanto ele dava a volta pela ilha e o deixei ir na minha frente.

— Não fiquei muito surpreso por você tocar o terror desde a creche. — Foi a primeira coisa que ele sussurrou.

Revirei os olhos.

— Eu tenho praticado muito desde então.

Ele ergueu as sobrancelhas naquele rosto irritante.

— Vou ter isso em mente na próxima vez que alguém me incomodar.

Hã.

Isso era tentar ser diferente? Eu não tinha certeza.

— Ok. — Então eu o chutei na panturrilha. Suavemente. Ou quase.
— Não pare a fila. Estou faminta.

Ele deu um passo para o lado, para eu ver que ele estava logo atrás de James, que ainda estava parado na fila, antes de olhar para mim e sussurrar:

— Você não se importa que eu esteja aqui, não é?

Sim. Eu me importava. Eu não sabia o que fazer com isso. Com ele. Com Ivan Lukov, que menos de uma hora atrás disse que deveríamos tentar ser amigos por algum motivo.

Depois de todas as coisas que dissemos um ao outro e todas as coisas que havíamos feito um ao outro, aquele era o homem que decidira que poderíamos agir de forma amigável.

Não gostava de não saber o que fazer ou como reagir.

Mas não falei nada disso para ele, principalmente porque minha família estava por perto, e eu sabia que pelo menos alguns deles estavam ouvindo. Em vez disso, menti:

— Eu não ligo.

Ele estreitou os olhos.

— Você tem certeza?

Eu realmente era uma péssima mentirosa. Ergui minhas sobrancelhas e achei que não havia sentido em tentar.

— Isso importaria?

Isso fez sua boca rosada se curvar nos cantos... me assustando um pouco.

— Não.

Foi o que pensei.

— Sua família é engraçada — ele continuou.

— Claro que é.

— Você já conhece a minha, é justo.

— Justo para quê?

— Para nós. Para sermos amigos.

Eu nem percebi que minha mão tinha ido parar na pulseira,

pegando o pingente entre os elos, até que o metal cravou na ponta do meu polegar com a força que eu subconscientemente comecei a brincar com ela. Olhando em volta, tive a certeza de que ninguém da minha família estava nos olhando quando sussurrei:

— Não entendo o significado de toda essa coisa de ser amigo.

Ele piscou.

— O que você quer dizer?

Não olhei para ele quando expliquei:

— Exatamente o que disse. Não sei o que você espera de mim.

— O que quer que amigos façam.

Foi a minha vez de piscar. E como ninguém estava olhando para nós, continuei dizendo a verdade, porque não era um segredo. Também não era como se eu tivesse vergonha. Porque eu não tinha.

— Entendi. Mas você sabe que sua irmã é a única amiga de verdade, de quem não sou parente, que consegui manter ao longo dos anos. — Eu tinha orgulho disso. Não tinha tempo para as besteiras de outras pessoas. Sempre pensei que essa era uma das minhas características mais admiráveis, honestamente.

Tudo que Ivan fez foi olhar para mim.

Ergui um ombro.

Então ele piscou novamente.

— Você tem falado com ela recentemente?

Balancei a cabeça.

— E você?

— Não. — Ele se virou e deu um passo à frente no momento em que chegou ao balcão. Por cima do ombro, ele perguntou: — Você não contou a ela que somos parceiros?

Merda.

— Não. — Eu parei. Pensei que ele diria. — Você não contou a ela também?

— Não.

— E seus pais?

— Eles estão na Rússia. Não falo com eles há tempos. Minha mãe me envia algumas mensagens com fotos, mas essa tem sido toda a nossa comunicação.

Merda duas vezes.

— Eu pensei que você contaria a eles.

— Eu pensei que você contaria a Karina.

— Eu não falo com ela tanto quanto costumava. Ela está ocupada com a faculdade de Medicina.

Eu só conseguia ver a parte de trás da cabeça de Ivan enquanto ele assentia, lenta e pensativamente, como se estivesse pensando a mesma coisa que eu. E suas próximas palavras confirmaram.

— Ela vai nos matar.

Porque ela iria. Ela com certeza iria.

— Ligue para ela e conte — tentei jogar para ele.

— Ligue você e conte a ela — ele zombou, sem olhar para mim.

Eu o cutuquei nas costas.

— Ela é sua irmã.

— E é sua única amiga.

— Idiota — murmurei. — Vamos jogar uma moeda para ver quem deve fazer isso.

Naquele momento, ele olhou para mim.

— Não.

Sem. Chance.

— Não vou fazer isso.

— Nem eu.

— Não seja medroso e faça logo — sibilei, tentando manter minha voz baixa.

Sua risada fez surgir uma carranca no meu rosto.

— Parece que eu não sou o único medroso — ele retrucou.

Abri minha boca e a fechei. Ele tinha me pegado. Tinha me pegado bonito.

— Uma dúvida: vocês dois concordam em alguma coisa? — Jojo perguntou, de onde ele estava alguns metros à frente de Ivan, diante do balcão, segurando um prato cheio de comida.

Viu? Curioso. Bisbilhoteiro.

— Não — respondi ao mesmo tempo em que Ivan falou:

— Sim.

O sorriso lento que apareceu no rosto do meu irmão me disse que ele tinha ouvido tudo. Ou pelo menos quase tudo.

— Eu não estava *tentando* ouvir, mas não pude evitar. Se vocês estão com muito medo de ligar para Karina, por que não ligam enquanto estão aqui, para que ela não fique brava ou, se ficar, será com os dois ao mesmo tempo? Hein? hein? — ele sugeriu, como se ouvir algo que não tinha nada a ver com sua vida não fosse grande coisa.

E não era. Eu não esperava menos dele ou de qualquer outra pessoa com quem eu me relacionava. Não achava que meu pai era intrometido, mas... eu não sabia ao certo e, honestamente, não importava. Ele nunca esteve por perto, de qualquer maneira.

O que eu destaquei foi que Jojo tinha razão. E Ivan deve ter reconhecido isso, porque olhou para mim e ergueu as sobrancelhas. Eu queria me preocupar com Karina ficando brava porque nenhum de nós disse a ela algo muito importante? Não.

Mas...

— É uma boa ideia, se você quer saber — Jojo murmurou, antes de passar por nós e ir para o assento que havia deixado vago na ilha.

Ivan avançou na fila e imediatamente se ocupou, colocando comida no prato, quando disse, alto o suficiente para apenas eu ouvir:

— Não é uma má ideia.

— Não é, mas não o deixe ouvir você dizer isso. Ou ele anotar em seu diário e vai mencionar o feito nos próximos cinco anos.

O homem alto à minha frente me entregou a faca de servir a lasanha. Peguei a porção que eu queria, uma que me preenchesse, mas não tanto que me fizesse engordar cinco quilos depois de passar a acompanhar minha dieta nas últimas semanas. Depois disso, peguei duas fatias de pão de alho e uma pequena porção de salada, porque, mesmo sendo uma refeição hipercalórica, eu ainda precisava de vegetais.

No momento em que me virei, havia apenas dois bancos vagos, diferentes, lado a lado; Ivan pegou um e eu peguei o outro, ficando entre ele e Ruby. Olhei para ele enquanto pegava o rolo de papel toalha que alguém havia deixado no centro da ilha. Ele arrancou uma, deixou sua mão pairar lá por um momento e depois rasgou outra. Assim que comecei a cortar minha lasanha, algo branco caiu no meu colo.

Era uma das toalhas de papel.

— Eu não tinha certeza se você conseguiria alcançar o rolo — ele

sussurrou, bancando o espertinho.

Olhei para ele pelo canto do olho, minhas mãos ainda acima do meu prato de comida.

— Você sabe, porque é baixinha.

Mordendo o interior da bochecha para não reagir, murmurei:

— Sim, eu entendi o que você quis dizer. — Mas, principalmente, olhei para o guardanapo e disse a mim mesma que ele havia feito algo de bom sem motivo. Ele não cuspiu nele. Eu vi. Mas ainda não sabia o que fazer com o gesto, além de dizer um *obrigada* que foi quase doloroso. Apenas quase.

Ele deve ter percebido isso porque, pelo canto do olho, vi a parte superior do seu corpo girar, e tive certeza de que ergueu as sobrancelhas como se não pudesse acreditar que acabei de dizer a palavra começada com o.

Eu também não podia acreditar que acabara de fazer isso. Já a tinha dito uma vez naquele dia. Não queria ultrapassar minha cota.

— Então, Ivan, como vão os treinos? — minha mãe perguntou do seu lugar do outro lado da mesa, enquanto eu ainda tentava descobrir o que estava acontecendo, o que estava fazendo e qual era o plano de Ivan para essa merda de sermos *amigos*. — Tudo o que Jasmine me diz é que estão indo bem.

Empurrando uma garfada de lasanha na minha boca, eu olhei para a minha mãe. Bebezona. Ela queria um relatório, mas não havia nada a dizer. Simplesmente não acreditava em mim por algum motivo, mesmo sabendo que eu sempre acabava contando tudo a ela.

— Estão indo bem. Ainda não começamos nenhuma coreografia; estamos tentando resolver outros problemas. É provável que comecemos com os coreógrafos na primeira semana de junho — respondeu o homem ao meu lado com facilidade, as mãos apoiadas em cada lado do prato, uma segurando uma faca e a outra, um garfo.

Houve alguns acenos de cabeça ao redor da ilha, então mordi o pão de alho e observei os membros da minha família para ver quem iria continuar colocando os holofotes em Ivan. Porque era isso que era, e era o que ia acontecer. Era o que eu vinha tentando evitar. Não importava que ele não fosse meu namorado; ele era apenas uma figura importante na minha vida, se não for o mais importante. Na verdade, ele era definitivamente mais importante do que qualquer um daqueles desperdícios de tempo.

— Isso é bom — minha mãe respondeu conforme eu terminava de mastigar. Então ela sorriu, seu rosto estranhamente calmo e agradável, e eu sabia que o que estava prestes a sair da sua boca seria algo errado. Juro que até Ben ao lado dela deve ter visto ou sentido, porque tinha certeza que ele murmurou:

— Oh, não.

— Por que você só será parceiro de Jasmine por um ano? — ela perguntou com aquele sorriso assustadoramente sereno.

Eu bufei, o que fez o pão na minha boca voar para o fundo da minha garganta. Comecei a engasgar quando Ruby sibilou:

— Mãe!

Engasguei um pouco mais, e o grão úmido ficou preso *bem* na minha traqueia ou em qualquer lugar do inferno e não se moveu. Algo pesado e grande me deu um tapa nas costas com força, soltando o pão. Agarrando a toalha de papel que Ivan acabara de me entregar, cuspi o pedaço de comida nela e chiei, depois tossi. Meus olhos lacrimejaram quando alguém praticamente jogou um copo de água no meu peito, e eu o peguei quase cegamente, engolindo em seco e tossindo na minha mão um pouco mais até que estivesse tudo sob controle.

Tinha que ser a mão imbecil de Ivan a me dar um tapa nas costas novamente, tão forte quanto da primeira vez.

— Eu já estou bem. — Tossi.

Não fiquei surpresa quando ele me deu outro tapa nas costas.

— Você está bem? — Ruby perguntou ao meu lado.

Tomando outro gole de água, assenti, piscando para afastar as lágrimas que caíram enquanto eu estava sufocando.

— Então? — minha mãe insistiu, com aquele jeito dela que não me surpreendia.

— Ahh — Ivan começou a falar antes de eu levantar a mão e balançar a cabeça.

Eu queria ouvir a resposta? Por mais covarde que isso me tornasse... Não. Pelo menos não na frente da minha família.

— Não, você não precisa responder isso. — Olhei para a minha mãe e dei de ombros. — Não, mulher. É problema dele.

Mamãe fez a mesma cara que sempre fazia quando pensava que eu estava sendo idiota.

Virando a cabeça para a frente, ela decidiu seguir um caminho diferente.

— Como estão seus pais, Ivan? Eu não os vejo desde a festa de Natal, há alguns meses.

— Eles estão visitando a família em Moscou, mas estão muito bem.

— Seu avô está melhor? Sua mãe mencionou que ele teve um ataque cardíaco no outono passado.

Aqueles ombros largos se ergueram um centímetro.

— Ele está melhorando, mas é um velho teimoso que se recusa a aceitar que está na casa dos oitenta e tem pessoas que dirigem suas empresas para ele agora. Ele não deveria se colocar mais em situações estressantes, mas... — Um sorriso mais caloroso apareceu em seu rosto, e eu também não sabia o que fazer com isso. — Ninguém pode dizer a ele o que fazer.

Do outro lado da mesa, ouvi Jojo murmurar:

— Nós temos um na família. — Então James se virou para ele, balançando a cabeça para fazê-lo calar a boca.

Eu, por outro lado, deixei o comentário fluir. Tínhamos mais de um na família, e ele sabia muito bem disso. Começando com a mulher que estava fazendo todas as perguntas.

— Algumas pessoas não sabem como se aposentar ou se acalmar, isso não me surpreende — respondeu minha mãe.

Ivan assentiu.

— Eles me disseram que queriam que você se mudasse para a Rússia — ela prosseguiu.

Parei o movimento de corte que estava fazendo com a faca para captar suas palavras.

Ivan se mudar para a Rússia? Minha mãe não me contou sobre isso. Mas também, por que ela o faria? Antes de tudo isso, não havia razão para trazermos o nome de Ivan à tona. Ela sabia que eu não era sua maior fã. E que ele não era o meu maior fã.

Mas...

Ivan se mudar para a Rússia? Ele nasceu nos Estados Unidos. Sua irmã me contou a história, uma vez, sobre como seus pais haviam imigrado por causa de ameaças contra a família pelos negócios do avô de Karina. Não estavam casados há tanto tempo, mas não queriam que seus filhos corressem perigo e decidiram recomeçar,

longe de um dos homens mais ricos da Rússia.

Uma vez, e apenas uma vez, Karina mencionou o desapontamento do avô pelo fato de o neto, vencedor de medalha de ouro, não ter competido pelo país onde o avô vivera durante toda a vida. Ela havia mencionado como ele tentara subornar Ivan para se mudar e como não funcionou. Apesar disso, Karina riu e disse que aceitaria o dinheiro e iria se ele lhe oferecesse... mas ele não o fez. Porque Karina não era uma atleta talentosa que poderia deixar seu país orgulhoso. Ela era apenas uma pessoa inteligente com um grande coração que queria ser médica. Nada de mais.

— Ele me pede a cada dois anos para me mudar — Ivan a informou, seu tom infalivelmente educado.

Mas eu poderia dizer que sou baixo.

E talvez ele fosse a última pessoa no mundo que eu pensava que precisava ser cuidada ou protegida, mas, se alguém sabia como era ruim ser forçado a falar sobre algo que preferia não falar, era eu. E aquelas pessoas eram minha família. Então, em um movimento no qual não pensei muito, decidi fazer com que eles prestassem atenção em mim, mesmo que provavelmente fosse me arrepender.

— Vamos tirar fotos em alguns dias — eu soltei vagamente, já me arrependendo de tentar ser legal.

Foi James quem perguntou:

— Para um site ou jornal?

Enfieei outro pedaço de lasanha na boca e esperei até mastigar a maior parte antes de responder.

— Uma revista.

— Qual revista? Farei com que todos que conheço comprem uma.

Todo mundo que ele conhecia? Que se fodesse. Do que eu precisava ter vergonha? De porra nenhuma.

— TSN — respondi, referindo-me à revista The Sports Network.

Foi o marido da minha irmã que falou em seguida.

— Rubes me deu uma assinatura no Natal.

Fechei os olhos, lembrando-me do mesmo fato que me levou a concordar em fazer as fotos em primeiro lugar: todo mundo tinha bundas. Não iam me fazer me inclinar e abri-la bem.

Mas...

— Sim, você pode pular a página em que estaremos — eu disse ao

meu cunhado, principalmente porque, embora não ligasse que James visse a minha bunda, porque ele obviamente não dava muita importância à aparência, já que era casado com Dumbo, com Aaron era diferente. Talvez porque ele fosse hétero. E muito, muito bonito.

E eu não tinha certeza de como Ruby se sentiria a respeito.

E, do jeito que era a minha mãe, ela perguntou desconfiada:

— Por que isso?

Enfiei mais lasanha na boca antes de contar toda a verdade.

— Porque eu vou ficar nua, e Ivan também.

Vi Ivan olhando para mim e pensei ter visto um sorriso parcial em seu rosto.

— Para a edição da anatomia? — Aaron perguntou, aparentemente sabendo exatamente do que se tratava.

Eu balancei a cabeça para ele antes de morder outro pedaço de pão de alho.

— Isso é ótimo, Jas — James falou depois de um segundo. — Você se importa se eu comprar?

Ao lado dele, meu irmão bufou.

— Essa pervertida não se importa.

Oh, aqui vamos nós.

— Só porque eu não sou tímida, não significa que sou uma pervertida. — Então, voltando minha atenção para James, acrescentei: — E não, não me importo. O pior que eles vão mostrar é a minha bunda... — Pelo menos foi o que eu permiti. Não havia como eles mostrarem meus mamilos em uma revista. Não é? Podia jurar que a treinadora Lee tinha confirmado que não, mas agora não conseguia me lembrar com certeza. Virei-me para Ivan e perguntei: — Certo?

— Veja como ela parece desapontada que o máximo que eles vão mostrar na revista será o seu bumbum — Jojo falou para James, fazendo uma careta.

Eu o ignorei. Todo mundo sabia que meu irmão, além de todas as outras coisas, era muito autoconsciente. Tinha cicatrizes de uma lesão de quando era fuzileiro naval. Até onde eu sabia, ele poderia sempre ter sido um puritano, mas não tinha certeza. Mamãe e eu achávamos fofo ele ser tão conservador, mas com certeza nunca diríamos isso a ele.

Ivan fez uma careta que me dizia que queria fazer uma piada, mas que iria guardar para si.

— Você quer que eles mostrem mais? — o idiota ao meu lado perguntou.

— É bem impróprio para menores de 13 anos, pelo que vi — disse ele. — Ninguém, além da fotógrafa e da equipe, verá... tudo.

Além dele.

Eu não tinha vergonha do meu corpo. Talvez não estivesse tão magra quanto estaria perto da competição, mas estava controlando o que comia desde que entramos nisso, e não ficava envergonhada com os genes que me foram dados. Eu era vaidosa, mas não *tanto*.

Ainda não tinha certeza se era uma boa ideia aquele idiota ao meu lado me ver nua, independente da conversa que tivemos semanas atrás, quando a treinadora Lee trouxe a questão à tona.

— Mãe, você não vai dizer para ela não fazer isso? — meu irmão indagou.

— Por que eu faria isso? — Mamãe ergueu uma sobrancelha enquanto bebia um gole da taça gigante de vinho que aparecera do nada como mágica.

— Porque sim. — Jojo deu de ombros. — Sua filha vai aparecer nua em uma revista em que milhões de pessoas poderão vê-la pelada.

— E? — Foi uma resposta que não me surpreendeu totalmente. Mamãe ainda usava biquíni, com as estrias e sua pele de sessenta anos de idade. — Qual é o problema nisso?

Os olhos castanho-escuros de Jojo deslizaram de um lado para o outro antes de dizer:

— Ela vai ficar nua?

O piscar de olhos da minha mãe me fez pensar se era assim que eu ficava quando fazia a mesma expressão.

— Você não fica nu?

Jojo gemeu, recostando-se no banquinho.

— Não para milhões de pessoas verem e se masturbarem!

Algo nas palavras dele acionou um clique na minha cabeça.

Então me lembrei de qual seria o problema com “milhões de pessoas” me vendo nua.

Merda.

Merda, merda, merda.

— Você está dizendo que há algo de errado com o corpo da sua irmã?

— Não é isso que estou tentando dizer.

— Se fosse Sebastian fazendo a sessão de fotos, você diria alguma coisa? — mamãe insistiu, tomando outro gole, ou cinco do seu vinho, mas eu estava muito ocupada ainda pensando no comentário de Jojo, sobre as pessoas que eu não gostaria que me vissem pelada.

Você já disse que sim, eu me lembrei. Eu já tinha dito que sim. O que eu ia fazer? Parar de viver minha vida por causa de alguns idiotas?

Não. Mas eu queria.

Mas não consegui. Deixaria minhas preocupações para mais tarde. Não precisava de ninguém lendo meu rosto e percebendo que estava preocupada com algo que não queria que eles soubessem.

Jojo suspirou, depois murmurou:

— Não.

Isso fez mamãe piscar.

— Então, não seja hipócrita ou sexista. O corpo humano é uma coisa natural. O que ela está fazendo não será sexualizado... será, Ivan?

A perna de Ivan embaixo da ilha bateu na minha, mas ele disse:

— Não, senhora. É pela arte.

— Viu? É pela arte. David está nu. A Vênus de Milo está quase nua. Na minha juventude, eu tinha um namorado que era artista. Eu posei para ele uma ou duas vezes. Nua como no dia em que nasci, Jojo. — Ela sorriu. — Você acha que sua irmã não é tão boa quanto Ivan? Você acha que ela não merece...

— Oh, Deus. Sinto muito. — Jonathan apressou-se em balançar a cabeça, como se finalmente se lembrasse de com quem diabos ele estava falando. — Eu não deveria ter dito nada.

— Sua irmã é uma mulher bonita e forte que faz coisas que milhões de outras pessoas não podem fazer. Seu corpo é aperfeiçoado por milhares de horas de exercícios. Ela não tem nada do que se envergonhar. Todos nós temos mamilos. Eu te amamenteei e você não reclamou.

Na metade do caminho, Jojo começou a balançar a cabeça rapidamente como *não, por favor, não*.

Foi isso que ele conseguiu.

— Desculpe, eu disse que estava arrependido. Finja que não disse nada...

— Não há nada para se envergonhar.

— Mãe, eu disse que sinto muito.

A perna de Ivan bateu na minha novamente, mas eu estava muito ocupada tentando não rir da expressão facial de Jojo para reagir.

Minha mãe ignorou meu irmão.

— Seios são naturais.

— Eu sei, mãe. Eu sei que eles são. Eu amo e respeito as mulheres. Seios. Só não os quero na minha cara...

— Eles representam feminilidade, beleza...

Tenho certeza de que Jojo começou a engasgar.

— Mãe, por favor...

— São mentalidades sexistas de uma cabeça fechada que pensam que, apenas porque temos vaginas e seios, as mulheres são o sexo fraco...

— Você não é fraca. Nenhuma de vocês é fraca, eu juro...

— Você sabe como é...

A perna de Ivan bateu na minha outra vez, e eu não pude deixar de girar o tronco o suficiente para enfrentá-lo, pressionando meus lábios para não começar a rir. Dois olhos cinza-azulados vítreos encontraram os meus, e era óbvio que ele estava tentando não rir também. Especialmente quando minha mãe falou sobre o quão degradante era não ser vista como igual.

— As mulheres marcharam, se uniram e foram agredidas para tornarem suas mães e suas irmãs seres humanos que não eram propriedade de seus maridos. — Mamãe finalmente foi finalizando a conversa depois de alguns minutos. — Se sua irmã quer mostrar seu corpo dado por Deus, ela pode, e eu não vou impedi-la. Nem você nem ninguém vai impedi-la.

Ela então apontou o garfo e piscou.

— Eu te ensinei melhor do que isso, Jonathan Arvin.

Eu quase perdi o controle com o nome do meio dele.

Jojo tinha baixado a cabeça minutos atrás e não a ergueu ao gemer:

— Sim. Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Mamãe sorriu e me deu uma piscadela, que me fez rir.

— Foi o que pensei. Podemos comprar todas as edições disponíveis e garantir que ela se esgote. Vou emoldurar e colocar na lareira.

Eu não gostava muito dessa ideia, mas mantive minha boca fechada.

Aaron riu.

— Acho que não haverá problemas com as vendas. Essa revista geralmente tem boa saída.

— Viu? Todo mundo aprecia nudez. Não há nada de errado com isso. Até parece que você não assistia pornografia pensando que não sabíamos disso.

Todos nós gememos.

— Nunca mais diga pornografia — pedi, tentando apagar da minha memória aquela palavra saindo da boca da minha mãe.

— Fique quieta, Jasmine Imelda.

E fiquei quieta antes que ela me revirasse ainda mais e trouxesse à tona algo que eu havia feito ou dito no passado. Então, aproveitei a oportunidade para mudar de assunto ou arriscar que ela focasse em outro discurso que eu secretamente amava, mas queria poupar todo mundo que não estava acostumado.

— Você quer ligar agora para Karina e dar com a língua nos dentes? — perguntei a Ivan de repente.

Jojo emitiu um som ofegante e guinchado do outro lado da ilha, como se ele estivesse acordado agora.

Ivan, por outro lado, fez uma cara estranha, como se não entendesse por que mudei de assunto de repente. Talvez ele não me desse crédito ou percebesse o que eu fiz, mas não seria a primeira vez.

— Claro...?

Seus *claro* sempre pareciam mais com *eu acho*, mas isso era apenas parte da sua personalidade.

Eu não ia morrer por comer lasanha fria e pão de alho, disse a mim mesma, olhando o que restava da minha comida com pesar. Puxando

meu telefone do bolso, coloquei-o na ilha e fui até o ícone dos meus contatos, encontrando o nome de Karina. Apertei o botão de chamada.

— O que você está fazendo? — mamãe perguntou.

— Ninguém contou a Karina que Ivan e Jas são parceiros — respondeu meu irmão, colocando o garfo e a faca em cima do prato, depois entrelaçou os dedos e enfiou as mãos sob o queixo com os cotovelos apoiados no balcão, de volta ao normal.

Coloquei o telefone no viva-voz assim que começou a discar. Provavelmente ela não iria atender. Mas havia chances de que sim. Eu não conhecia mais sua agenda. Da última vez que conversamos, foi ela que me ligou.

— Ligue para Karina! Ligue para Karina! — Jojo começou a cantar baixinho, seguido por minha mãe que fez o mesmo.

— Ligue para ela! — a idiota intrometida da Tali torceu, com a boca cheia.

— Eu estou ligando — sussurrei, observando a tela enquanto mostrava que a ligação ainda estava conectada.

Eu pude ver Ivan olhando para mim, mas ele não disse nada.

Assim que o telefone fez uma última tentativa de discagem, um segundo antes de emitir o último sinal sonoro necessário para que eu pudesse deixar um correio de voz...

— Alô? — uma voz ofegante soou na linha.

Ivan e eu nos olhamos. Por que diabos ela estava respirando assim?

— Jasmine, você está aí? — a voz familiar de Karina ecoou através da linha.

— Sim. É uma hora ruim?

— Eu estava na esteira e pulei o mais rápido que pude — explicou ela, ainda respirando com dificuldade. — Eu sinto muito. Um segundo.

Meus olhos castanhos encontraram os azuis de Ivan, no que achei que era alívio por ela não estar fazendo outra merda que irmãos não deviam saber.

— Ok, voltei. Desculpa. Eu tive que pegar um pouco de água. O que está acontecendo? Você finalmente lembrou que costumava ter uma melhor amiga ou o quê? — ela brincou, ainda respirando com dificuldade.

— Você também tem o meu número.

Ela fez um som de zombaria.

— Eu tenho andado tão ocupada...

— Não tem problema. Olha, estou jantando com minha família agora...

— Estou no viva-voz?

Eu parei.

— Sim.

Então ela fez uma pausa.

— Você está grávida?

Do outro lado da mesa, Tali bufou e eu dei a ela um olhar desagradável.

— Por que diabos você acha isso?

— Por que mais você me colocaria no viva-voz? — ela exigiu antes de acrescentar: — Olá, minha outra família. Saudades de todos vocês.

— Olá, Karina! — Tali, minha mãe e Jojo gritaram para ela, e Ruby adicionou uma saudação mais baixa.

— Oi! — ela exclamou alegremente antes de sua voz voltar ao normal. — Mas, Jas, sem brincadeira, você está grávida?

— Não — rebati. — Claro que não.

— Oh, graças a Deus. Eu pensei que sua vida estava prestes a acabar. Ufa.

— Eu tenho cinco filhos — minha mãe falou.

— Você é diferente, mãe — respondeu Karina, chamando minha mãe, como sempre, de mãe. — Mas a de Jasmine acabaria. De qualquer forma, por que você está ligando, se não é apenas para dizer oi à sua melhor amiga e para provar que não esqueceu que ela está viva?

Revirei os olhos e falei com Ivan: *esta é a sua irmã.*

— Estive ocupada e me esqueci de lhe dizer uma coisa — comecei.

Houve uma pausa.

— Continue.

— Ivan também, o que fiquei sabendo hoje.

Outra pausa.

— Ivan? Meu irmão Ivan?

— O único irmão que você tem, gênio — eu disse. — Em março, ele me convidou para ser sua nova parceira.

Ela não respondeu. Nem por dez segundos, nem por vinte ou trinta. Pode até ter sido um minuto inteiro de silêncio com Ivan e eu trocando olhares antes da risada alta de Karina ecoar.

— *Oh, minha nossa* — ela praticamente gritou no telefone.

— Por que ela está rindo? — Ouvi Aaron perguntar a Ruby.

Minha irmã deu de ombros.

— *Ahhh!* — Karina começou a gritar de rir.

— Pare de rir — repreendi, sabendo muito bem que ela estava muito perdida em seu momento para prestar atenção em mim.

— *Você e Ivan?* — ela gritou.

— Ele está aqui — eu a informei.

— Oi, Rina — ele cumprimentou.

Ela começou a rir. De novo.

— *Eu não acredito!* — Ela começou a uivar novamente.

— Quem a machucou para ela agir assim? — eu perguntei a Ivan sem nem perceber.

— Ela nasceu assim — respondeu ele, com os olhos colados na tela em branco.

— Isso está indo melhor do que eu pensava — disse James.

Jojo suspirou.

— Estou desapontado. Eu pensei que ela ia ficar brava porque vocês se esqueceram dela.

— *As duas pessoas mais teimosas que eu já conheci patinando juntas?* — Karina gritou. — *HAHAHAHAHA!*

— Você tem problemas — eu disse.

— *Por favor! Por favor! Diga-me que alguém gravou seus treinos juntos. Ooh! Diga-me que você está fazendo um vídeo ao vivo deles. Eu assistiria a cada minuto. Me informe todas as datas de suas competições com antecedência. Serão os Jogos Vorazes no gelo. Comprarei todos os assentos da primeira fila da família* — ela gritou, sua voz cheia de risadas.

Revirei os olhos e balancei a cabeça.

— Nós estamos... — O quê? Nos dando bem? Era um pouco cedo

para afirmar uma merda como essa. — Estamos indo bem.

— *É como se meu sonho se realizasse catorze anos mais tarde.* —
Houve uma pausa e depois mais: — *Você e Ivan! HAHAAAA!*

Eu não sabia por que isso me surpreendia... mas surpreendeu.
Claro que ela pensaria que era hilário.

Dois anos atrás, eu teria pensado a mesma coisa.

Eu e o Ivan. Jantando. Na minha casa. Com minha família.
Tentando ser amigos. Ou o que quer que isso significasse.

Mas ali estávamos nós.

E, aparentemente, Karina estava adorando aquela merda.



— Não sei se quero mais fazer isso — disse à treinadora Lee uma semana depois.

Uma semana depois, eu não conseguia parar de pensar em todas as razões pelas quais fazer aquilo era uma ideia estúpida, incluindo, entre outras, mostrar todo o meu corpo para Ivan.

Nossa amizade de uma semana estava indo... bem. Nós não dissemos nada que nos ofendesse naquele período. Ele até sorriu para mim uma vez quando concordei com ele que fizemos algo certo quando a treinadora Lee afirmou o contrário.

Tudo bem. Totalmente bem.

E talvez esta fosse parte da razão pela qual eu não queria que ele começasse a me provocar. Pelo menos não enquanto eu estivesse sem roupas. Eu não dava a mínima para o que a fotógrafa ou sua equipe pensavam... Ivan era o único que tinha o poder de realmente me irritar.

Então lá estava eu, depois de uma noite inteira estressada com a ideia das fotos. Galina teria dito que eu estava agitada, mas não era o caso. Apenas... estressada. Por causa das consequências. A longo e a curto prazo. Com Ivan e sem.

Já não tinha ficado entusiasmada com a ideia desde o início, e se meu instinto dizia que alguma merda poderia dar errado... havia uma razão para isso. Toda vez que eu o ignorara antes, pagara por isso.

Então...

A treinadora Lee virou-se para mim, de onde estávamos paradas ao lado da pista quase vazia do CL. Seu rosto se fechou instantaneamente e sua boca torceu para o lado, mas foram os dedos que ela imediatamente começou a mexer que a denunciaram.

Isso e o sorriso tenso que forçou nos lábios quando quase grasnou:

— Há algo que eu deva saber?

Havia algo que ela deveria saber?

Nervosismo, nervosismo real, nervosismo ruim, que fez meu interior se contorcer e meu estômago quase doer, praticamente dominou meu corpo inteiro, mas tudo o que eu podia fazer era encolher os ombros.

— Eu não sei se quero fazer isso com Ivan — eu disse a ela. — Uma coisa é fazermos todos os nossos levantamentos totalmente vestidos, mas quanto mais penso em ter que fazer isso nua... não sei — menti parcialmente.

Porque eu sabia. Eu sabia qual poderia ser o maior motivo. E estava hesitando novamente.

Três dias atrás, tive que começar a excluir comentários e mensagens de caras aleatórios na minha página do Pictogram. Foram apenas dois, mas já eram demais. Eles disseram que “me foderiam” e “arregaçariam minha bunda”. Depois, houve as mensagens privadas, que foram duas fotos de pau e outra me pedindo para postar um vídeo dos meus pés descalços. E isso foi o que me fez pensar no que meu irmão havia dito durante o jantar, sobre estranhos se masturbando com minhas fotos.

Eu não era uma puritana, mas também não era fã de ter que, depois de postar fotos de uma das minhas aulas de balé com Ivan que a treinadora Lee havia me enviado por e-mail — para esse fim específico —, lidar com aqueles tipos de comentários e mensagens. Eu estava familiarizada com pênis. Mas eu queria escolher quando desejava vê-los. Com certeza não gostava de me lembrar de quando outras pessoas me enviaram fotos e vídeos muito piores. Fotos e vídeos que me fizeram perder o sono por causa do quão indefesa me fizeram sentir. Que nojo.

E foi isso que começou a acontecer, a menos que eu estivesse exausta. Eu comecei a perder o sono. Mais e mais sono.

Então aqui estava eu, neste momento, estressada com coisas assim acontecendo cada vez mais. Eu não queria ver esse tipo de merda. Tudo o que eu queria era a patinação artística. Eu não me importava com o resto.

Mas não era assim que as coisas funcionavam mais.

Uma expressão engraçada surgiu no rosto da treinadora Lee quando ela absorveu minhas palavras.

— Ivan disse alguma coisa?

Merda. Eu não tinha pensado nisso bem o suficiente, tinha? A única coisa que eu podia fazer era ser vaga. Só um pouco. Apenas o suficiente.

— Ele sempre diz alguma coisa, mas não é isso.

Ela estreitou os olhos.

— Você sabe o que eu quero dizer. Ele disse alguma coisa sobre fazer as fotos com você? Eu vou ser sincera, não sei como isso poderia te aborrecer.

Eu era tão óbvia? Porque ela estava certa, os comentários de Ivan geralmente não me incomodavam. Irritavam-me, sim. Faziam-me querer matá-lo, sim. Mas incomodar? Não muito. Mas ficar nua na frente de alguém, especialmente alguém como Ivan, que constantemente me julgava com aqueles olhos azul-claros, parecia uma troca de poder que me deixava impotente. Ele saberia algo sobre mim que muitas pessoas não sabiam. E essa pessoa me provocava acima de tudo.

— Não sei se quero ficar na frente dele nua. Isso é tudo. Se fosse sozinha, não seria tão difícil. Até mesmo com estranhos, claro, mas fazer isso na frente dele, sendo que nos encontramos o tempo todo, eu não sei.

A mão dela subiu até os olhos e ela beliscou o alto do nariz, claramente exasperada antes de finalmente concordar com a cabeça lentamente.

— Ok. Tudo certo. Deixe-me falar com ele, conversar com a fotógrafa e ver o que podemos fazer.

Por um momento, pensei em me desculpar por mudar de ideia, mas que se fodesse. Eu não queria mostrar a Ivan meu corpo nu. Aposto que ninguém mais gostaria. Era a minha escolha. Minha decisão. Meu corpo.

Eu não estava disposta a pedir desculpas por ser inconveniente, porque não estava sendo.

Mas me senti um pouco mal quando a treinadora Lee girou nos calcanhares, esfregando o pescoço e indo para onde a fotógrafa estava com Ivan e um assistente, envolvidos em conversas. Chegaram cedo para fazer algumas imagens da pista, uma com fundo cinza e outra com fundo branco, cercadas de luzes. Ficou chique.

Observei enquanto a boca da treinadora Lee se movia e depois vi o queixo de Ivan cair por um momento antes de seus olhos deslizarem

na minha direção. Depois, ele os focou novamente em Lee para ouvir o que mais ela estava dizendo.

E eu não podia dizer que fiquei totalmente surpresa quando, talvez um ou dois minutos depois, Ivan começou a balançar a cabeça, claramente ignorando o que Lee estava dizendo, e começou a patinar em minha direção, o nó do roupão sendo a única coisa que me impedia de ver mais do que apenas um pedaço de suas coxas, panturrilhas e peito enquanto ele fazia isso.

— Eu não vou fazer isso — declarei antes que ele dissesse uma única palavra. — Se você quiser fazer isso sozinho, faça. Eu vou fazer sozinha também. Mas não quero fazer junto com você.

Ele remexeu os ombros no segundo em que a última frase saiu da minha boca. Mas foi o modo como o rosto dele ficou sério, como tensionou o maxilar quadrado, como franziu a boca e estreitou as sobrancelhas... Eu vi tudo isso.

— Eu não quero fazer isso, Ivan, e você não vai me culpar, certo? Sei que é um grande problema, mas não quero fazer as fotos com você.

Aqueles olhos azul-acinzentados pálidos não se afastaram de mim quando ele deslizou até os painéis e parou na entrada, encarando-me como se não soubesse quem eu era.

Ele estava me observando de perto enquanto perguntava lentamente, desenhando cada letra:

— Por quê?

Eu nem hesitei.

— Porque eu não quero ter meus seios e minha vagina na sua cara.

Pronto. Era isso.

A respiração dele era tão irregular que eu podia vê-la nos movimentos do seu peito.

— Você estava se gabando de não ser vaidosa há alguns dias e agora está desistindo? — ele perguntou, me observando perto demais. — Você topa fazer as fotos sozinha, mas não comigo?

Quando ele falava assim...

— *Sim* — confirmei, assentindo.

— Por minha causa?

— Sim, por sua causa. — Amigos eram honestos um com o outro.

Ele não poderia me culpar por isso. Talvez eu não estivesse sendo completamente honesta, mas era alguma coisa.

Ele piscou, ainda absorvendo minhas palavras.

— Eles querem que façamos juntos, não separados.

Dei de ombros, totalmente sem desculpas.

— Bem, existe uma coisa chamada Photoshop; eles provavelmente podem nos mesclar para parecer que estamos juntos — sugeri.

Seu queixo se moveu de um lado para o outro.

Eu só olhei para ele.

Uma daquelas mãos grandes e fortes, que podiam segurar meu corpo inteiro de mais de quarenta e cinco quilos sobre a cabeça, foi parar na parte de trás do pescoço. Sua mandíbula tremeu novamente. A respiração dele tornou-se mais cadenciada. E o pomo de Adão se moveu.

— O que eu fiz para que você não queira fazer comigo? — ele questionou devagar. — Você sempre me zoa também. Eu pensei que havíamos concordado em sermos amigos. — Aqueles olhos analisaram o meu rosto, que estava coberto por uma maquiagem que eu demorei quase uma hora para aplicar. — Jantamos juntos — ele me lembrou, como se eu tivesse esquecido que ele passou três horas na cozinha da minha mãe, jogando Jenga com minha família, comendo lasanha, devorando a menor fatia de bolo de chocolate possível, enquanto eu comia três vezes a quantidade, porque... por que não, certo?

Ele pegou uma toalha de papel para mim — talvez porque realmente pensasse que eu não conseguiria alcançá-la sobre a mesa, talvez não. Ele me levou para casa. Ele pediu para ser meu amigo, embora, quanto mais eu pensasse nisso, mais começasse a imaginar que ele não estava tão familiarizado com o que diabos isso significava.

Gentil. Seja a pessoa melhor.

Então eu tentei.

— Ivan, eu tenho que olhar para você todos os dias. Não é esse um motivo suficiente para não querer ficar nua na sua frente? — eu perguntei, mantendo minha voz o mais distante possível da agressividade para parecer uma adulta.

Ele não hesitou.

— Eu não me importo que você me veja nu.

Merda.

Ok. Eu teria que ser mais direta.

— Bem, eu não me importo se o mundo inteiro me veja nua também, mas eu não quero que você veja, está bem? Você pode respeitar isso?

— Mas por quê? — ele insistiu, honestamente parecendo confuso.

Exasperação, ou talvez frustração, atingiu-me com força. Muita força. A última coisa que eu esperava era que ele quisesse uma explicação.

— Porque sim. Eu já te disse.

— Não, você não disse.

— Sim, eu disse.

— Não. Você. Não. Disse.

— Sim. Eu disse.

— Não. Eu quero que você me diga. O que eu fiz na última semana para que você não queira mais tirar as fotos comigo?

Ele não deixaria isso passar. Tentei não ser uma idiota. Mas ele queria uma explicação, então eu dei a ele:

— Ivan, você acha que eu quero que você me provoque sobre não ter saído da puberdade depois de ver meus peitos? Porque eu não quero. Nem um pouco, está bem? É isso que você quer ouvir? Que eu não quero que você olhe para mim e me julgue, quando sou obrigada a vê-lo todos os dias. Eu gosto de mim mesma. Não quero ouvir você tirar sarro de mim, de coisas que não posso mudar. Eu tenho peitos pequenos. Ok. Nós dois sabemos disso. E se você achar que meus mamilos são grandes demais, ou que são pequenos demais, ou se rir das minhas estrias, ou me dizer que já sabe de onde vem todo o meu peso! Das minhas coxas!

— *O quê?*

Dei de ombros novamente, sentindo meu estômago revirar de forma desconfortável conforme prosseguia com a minúscula verdade que eu estava compartilhando:

— Eu gosto do meu corpo, está bem? Não quero que você me faça não gostar. Eu sei que não sou... — Balancei a cabeça, não terminando a frase. — Estou bem com quem eu sou e com a minha aparência, e vou emagrecer um pouco mais antes do início da

temporada.

Eu não tinha certeza se não notei a mudança gradual ou se aconteceu em um piscar de olhos, mas, em algum momento, seu rosto ficou pálido e, no seguinte, ele estava fora do gelo, próximo à barreira e parado a um metro de mim, parecendo total e completamente ferido, como se eu o tivesse esfaqueado.

— Jasmine — ele disse meu nome devagar e quase em um silvo, em um dos raros momentos em que não me chamou de Almôndega. — Por favor, né?

Eu só olhei para ele.

— Nada de *por favor*, Ivan. Eu odeio o fato de me importar com o que você pensa, ok? Você não precisa ficar se achando com isso. Estou tentando... ser sua amiga — tentei fazer uma piada, mas não funcionou quando nada nele mudou nem um pouco.

Ivan parecia surpreso.

— Jasmine — ele repetiu meu nome, sua voz baixa e quase rouca.

— Não vou fazer isso. — Foi a minha vez de repetir. — Desculpa. Nada que você diga ou faça me fará mudar de ideia, então saia daí, tigrão, e termine sua parte para que eu possa fazer a minha. Tenho certeza de que tudo ficará bem, e se não ficar... só lamento. — Se eu pudesse lhe contar a outra metade da verdade, ele entenderia. Eu sabia disso.

Mas não o fiz.

Ivan, porém, não se mexeu. Não desviou o olhar, apenas olhou para mim, sua respiração uniforme, a pele lisa entre os peitorais claramente visível na forma de V do roupão. Aqueles olhos azuis analisaram todo o meu rosto, e eu odiava isso. Odiava o fato de ter admitido que não ia me despir por causa dele, porque não queria ouvir brincadeiras mais tarde sobre a forma dos meus seios ou o tamanho da minha bunda ou o milhão de outras coisas que ele poderia escolher. Porque havia muitas. Eu não era perfeita. Eu não era a minha mãe, nem Tali, nem Ruby.

— Almôndega — ele falou devagar, ainda não se mexendo. Ele engoliu em seco. Lutava com suas palavras, se é que a expressão estranha em seu rosto podia me dizer alguma coisa. — Eu só estou brincando com você quando te zoo — afirmou, observando-me. — Você sabe disso, não é?

Eu desviei o olhar e assenti, mal suprimindo o desejo de revirar os

olhos.

— Sim, sei que você está me sacaneando. Eu dou conta. Às vezes... — Deus, me doeua dizer isso a ele, mas que se fodesse. — Às vezes, você quase me faz rir. Mas eu não quero que me zoe ao me ver nua. Parece muito pessoal. Nós estamos mais... próximos.

Eu o ouvi respirar fundo. Mas o que senti foi ele dando outro passo para mais perto de mim.

— A única razão pela qual eu te falo tanta merda é porque você era um pé no saco, e porque devolvia as provocações. Você sabe que é linda.

Eu ri e revirei os olhos dessa vez, porque... pelo amor de Deus. Sério? Lá estava ele exagerando. Por favor. Deus.

— Se acha que me lisonjear vai me convencer a alguma coisa, você não me conhece, Lukov.

— Não Lukov. Ivan — ele respondeu com facilidade, seu tom tão gentil que me deixou desconfortável, porque não era isso que eu queria dele. Muito menos o que esperava dele. — Tenho certeza de que você é perfeita debaixo de tudo isso.

Eu bufei, porque... *porra*, ele estava mentindo demais para me convencer. Jesus.

Mas ele continuou:

— Tenho certeza de que não há nada sob o seu roupão que não deixaria cada homem aqui dentro com tesão. Algumas das mulheres também, aposto.

Eu olhei para ele, surpresa por ter usado a palavra com T, e me sacudi. Ele estava mentindo. Eu sabia. Ele sabia disso. Até a treinadora Lee saberia disso se pudesse ouvi-lo. Com quem diabos ele pensava que estava falando? Alguém que não o conhecia há mais de uma década e que tinha sido o foco de seus comentários mesquinhos e idiotas aquele tempo todo? Ele estava começando a me irritar.

— Você poderia calar a boca? Não preciso ouvir você dizendo isso, está bem? — estourei.

A mão dele tocou meu pulso e, por algum milagre, não a tirei do alcance dele.

— Não estou mentindo — ele disse em um tom tão calmo, tão... eu não sei, meigo ou algo assim, que me deixou desconfortável. Eu

nunca pensei que alguém pudesse falar comigo assim. Nem mesmo James, o cara mais legal do mundo. Então Ivan continuou: — Estou apenas brincando quando digo que você não passou pela puberdade. Vamos lá — ele insistiu, ainda usando aquela voz com a qual eu não sabia lidar. Nem sabia o que pensar. — Eu não achei que você fosse tão sensível.

— Eu não sou tão sensível.

— *Jasmine* — ele suspirou, envolvendo os dedos em volta do meu pulso com força, mas não dolorosamente. Aquela cabeça de cabelos escuros e aquele rosto impecável, que parecia estar um pouco maquiado ou não, se aproximou de mim quando ele perguntou: — O que diabos está acontecendo com você?

— Nada — insisti.

— Você está cheia de merda na cabeça. Sabe bem quem você é e o que você é. Eu não vou te falar e explodir seu ego enorme, me dê uma folga — ele quase vociferou. — Eu quero fazer isso com você, não sozinho. Contigo. *Como uma equipe*. Será ótimo para nós dois começarmos a temporada.

— Eu sei quem eu sou e tenho um grande ego, *claro*. Ok. Olha, chega, vá logo fazer o que tem que fazer. Eu farei logo depois. Não quero mais falar sobre isso. Não estou com vontade de discutir agora.

No momento em que as duas mãos pousaram em meus ombros, eu pulei inesperadamente. E, quando sua boca baixou, fazendo com que seus lábios pairassem próximos demais dos meus, eu definitivamente também não me movi. Passávamos sete horas por dia, seis dias por semana juntos. Não havia limites físicos entre nós, porque não poderia haver.

Mas aquilo...

Eu não sabia o que fazer. Eu não conseguia pensar na última vez em que alguém esteve tão perto de mim.

— Estou falando sério — ele sussurrou com toda a força e determinação do mundo.

Eu não pude deixar de olhá-lo de tão forte e exigente que soou.

Ele estava olhando para mim com aquela cara de merda, parecendo mais sério do que já vi antes, mesmo antes de competir.

— Eu nunca zombaria de você.

Fiz uma careta.

Ele balançou meu pulso gentilmente, cobrindo o local onde minha pulseira normalmente estava. Eu a tinha tirado e deixado no meu armário.

— Eu não faria isso com você nua — ele me disse. — E quem zombaria de você sem roupa? Aposto que nenhum daqueles homens ali já viu pernas e uma bunda capazes de lançar uma pessoa no ar como as suas.

Eu não iria levar aquele comentário em consideração. Em vez disso, perguntei:

— Por que você tem olhado para a minha bunda?

Os cantos de sua boca rosada inclinaram-se um pouquinho.

— Porque está lá, na minha cara, o dia todo.

Eu acho que ele tinha razão. Eu também olhava para o traseiro dele de vez em quando. Porque estava lá.

— Então não olhe. Amigos não olham para a bunda um do outro.

A maneira como ele revirou os olhos provocou uma sensação desconfortável no meu estômago.

— Jasmine, esse corpo, essas coxas das quais você acha que vou tirar sarro, e essa bunda da qual você pensa a mesma coisa, vão nos fazer conquistar o primeiro lugar a partir de agora. Eu não zombaria deles. Eu não zombaria de você. Faremos isso como sempre fazemos. Quando pisamos no gelo, é trabalho. Estamos nos concentrando, não brincando.

Prendi a respiração, observando suas feições enquanto fazia isso.

— Eu não acredito.

— Que não vou tirar sarro de você?

— Sim.

Houve uma pausa e depois:

— Você quer me ver nu primeiro?

Caí na gargalhada. Imediatamente. Sem querer. Era a última coisa que eu gostaria de fazer.

— *Não!*

E, pelo sorriso que ele me deu, ele sabia disso também.

— Tem certeza de que não? Eu tenho um sinal na coxa que parece o mapa da Flórida. Talvez você encontre algo para tirar sarro de mim, mas acho que não.

Eu ainda estava rindo, apesar de não querer — realmente não querer —, quando olhei para ele e balancei a cabeça.

— Deus, você é um idiota arrogante.

O sorriso dele era suave.

— É a verdade. Você pode olhar o quanto quiser e, se encontrar alguma coisa, pode falar, mas eu malho o tempo todo. Eu tenho cerca de... sete por cento de gordura corporal. Olhar-me no espelho não é um sacrifício.

Eu ri ainda mais, mas como não riria enquanto ele estava agindo daquela forma? Aquele cara, eu não conhecia.

— Você pode tirar sarro de mim, mas eu preferiria que não, honestamente. Não gosto quando as pessoas dizem que sou magro, porque não sou — ele falou quase gentilmente, e foi a minha vez de piscar.

Quem diabos pensaria que aquele homem era magro? Não havia nada de *magro* nele. Eu o vi malhar uma vez, anos atrás. Ele estava pegando duas vezes o que eu imaginava que era o peso dele. Nadadores e corredores não tinham um corpo como o de Ivan. Não mesmo.

Não que eu fosse admitir essa merda.

A mão no meu pulso nu o balançou.

— Vamos, Almôndega. Você e eu. Vamos deixar todo mundo com inveja das obras de arte que são nossas bundas.

Era assim que era a amizade? Assim que deveria ser? Ele me provocando? Eu falando merda de volta, mas fazendo isso com um sorriso no rosto? Se fosse...

Se fosse, poderia dar certo. Eu pensei. Talvez.

— Eu te odeio. — Suspirei, olhando para ele novamente porque era uma idiota.

Então ele me olhou profundamente, com aqueles olhos azuis encarando diretamente os meus castanhos.

— Faça isso por Paul, então. Para que ele possa ver e se arrepender de nunca ter feito uma sessão de fotos nu com você para a TSN. — Ele novamente balançou o meu pulso. — Ou qualquer sessão de fotos.

E lá estava ele, provando que me conhecia melhor do que eu pensava.

Porque maldito Paul, filho da puta. Aff! Aff!

Eu não queria que as pessoas se masturbassem com a minha foto. Mas se fosse uma chance de esfregar algo épico na cara daquele idiota... valeria a pena. Valeria totalmente a pena.

— Aí está a minha Almôndega — disse ele, em um tom que era quase um sussurro, seus dedos afrouxando no meu pulso até deslizarem entre os meus, mantendo nossas mãos unidas como se tivéssemos feito isso milhares de vezes. Porque nós tínhamos. — Vamos fazer isso, certo? Juntos? Não vou tirar sarro de você, mas você pode tirar sarro de mim um pouco, ok?

Eu não sabia quem diabos estava parado na minha frente naquele momento. Aquele cara legal, engraçado e gentil. Mas apertei sua mão e assenti.

— Sim, vamos fazer isso juntos — resmunguei, sabendo que era a coisa certa. Sabendo que talvez eu me arrependesse de algumas partes, mas não de tudo. Pelo menos não se ele não fizesse uma piada sobre o meu corpo.

— Foi o que pensei — falou, parecendo quase alegre quando deu um puxão na minha mão.

E então estávamos no gelo, vestidos, com a maquiagem pronta — pelo menos eu com certeza —, e a treinadora Lee e a fotógrafa imediatamente pararam de falar no segundo em que nos viram patinando em direção a eles. Ela ergueu as sobrancelhas finas e negras e perguntou, hesitante:

— Você mudou de ideia?

Assenti.

— Só quero fazer isso se você estiver confortável — avisou a fotógrafa rapidamente. — Todos temos respeito por você e seu corpo, Jasmine. Podemos trabalhar em alguns ângulos se você mantiver a calcinha...

Balancei a cabeça.

— Está tudo bem. — Eu não ia dizer que não queria ficar nua por causa de Ivan. Muito menos por causa de idiotas estranhos que não tinham nada melhor para fazer. Pequenos pedaços de merda.

— Tem certeza de que...? — a fotógrafa perguntou, sem parecer que ficaria chateada se eu dissesse que não.

Mas eu ficaria. Então eu falei:

— Sim, tenho.

Ela encolheu os ombros.

— Ok. Vamos começar se os dois estiverem prontos.

Ivan apertou minha mão — ele não a soltou — e disse alto o suficiente para que eu ouvisse:

— Eu subestimei o frio, então você não pode tirar sarro de... certas partes do meu corpo se elas estiverem tentando rastejar de volta para dentro de mim para se protegerem.

Eu apenas segurei um sorriso quando a sensação de bem-estar cobriu toda a parte superior do meu corpo.

— Não vou zombar de Peter, se você não zombar de Mary e Maggie. Essas duas putas não estão se escondendo porque está frio. Elas já vivem escondidas.

Ele assentiu, mas sua boca inclinou-se um milímetro.

— Você sabe que agora estou esperando que você tenha três mamilos, certo?

Revirei os olhos.

— E eu estou esperando que seu pau tenha uns três centímetros. Estamos quites.

Ivan fez uma careta, seus dedos apertando os meus.

— Talvez três centímetros seja muito. — Eu gemi, mas ele continuou: — Vamos acabar com isso, ok?

Nenhum de nós disse nada quando soltamos as mãos e patinamos para onde os dois cenários haviam sido montados no centro da pista, os refletores de luz ligados, prontos para começar. A treinadora Lee se aproximou de nós, parecendo cética.

— Prontos?

Ivan assentiu e eu disse:

— Pronta. — Porque eu estava mesmo.

Ficaria bonito e faria sentido para as pessoas com quem eu não deveria me importar, mas precisava. Valeria pela outra merda.

Respirando profundamente, o que eu não estava acostumada a fazer, deixei o ar escapar e observei a fotógrafa passar por trás de sua câmera, acenando para nós em sinal de encorajamento, enquanto seus assistentes se posicionavam.

— Façam o que quiserem primeiro, podemos começar por onde

vocês preferirem. Qualquer posição elevada ou fixa seria ótima.

Sim. Aparentemente, eu não conseguiria evitar tirar minha virilha do rosto de Ivan, mas havia uma razão pela qual eu a depilava regularmente.

Estávamos prestes a nos conhecer em um nível totalmente novo, imaginei. *Eu poderia fazer isso*. Claro que poderia. Eu era forte, inteligente e podia fazer qualquer coisa, como minha mãe sempre me disse.

— Levantamento mão a mão? — perguntei ao meu parceiro, meu Ivan, quando minhas mãos foram até o nó do meu roupão e começaram a abri-lo.

— Claro — ele respondeu com muita facilidade, suas mãos no mesmo lugar que as minhas.

Ou ele estava realmente tentando ser legal comigo ou estava tramando algo. Eu não tinha certeza. Mas duvidava que fosse fazer algo escroto na frente das câmeras, especialmente depois da conversa que tivemos.

Ao menos era o que eu achava.

— Quando estiverem prontos — a fotógrafa avisou.

Sou eu ou as luzes parecem muito brilhantes?, eu me questionei. Todo mundo sabia que a câmera engordava pelo menos cinco quilos, mas, com todas aquelas luzes, eu tinha a sensação de que ia parecer mais de dez. Ah, bem. Deixe-os julgarem. Eu não tinha nada a provar para pessoas que não importavam ou significavam nada para mim.

Parada na frente de Ivan, com as mãos ainda no roupão, pronta, perguntei a ele:

— Você está pronto?

Já em posição, ele assentiu.

Era hora da festa, eu acho.

Desfazendo o nó, eu me controlei, juntei toda a minha confiança e dignidade, lembrei-me de que nenhum corpo era perfeito e esperei que eles usassem a merda do Photoshop em qualquer coisa que não parecesse correta, embora eles provavelmente não fizessem isso, já que a sessão da revista tinha a ver com anatomia, para começar. Mas que se fodesse. Se as pessoas quisessem fazer uma lista dos meus defeitos, que fizessem. Eu cresci com três das mulheres mais bonitas do mundo. Há muito tempo, aceitei que não era uma delas, e tudo

bem.

E então tirei o roupão.

Ninguém disse nada, mas eu tinha colocado uma fita adesiva branca sobre meus mamilos, deixando o resto descoberto. Quero dizer, eles não podiam postar fotos minhas totalmente de topless, então não pensei que fosse um grande problema. Minha bunda nua e vagina, tudo bem. Todos nós saímos de uma.

Eu poderia fazer isso. Eu realmente poderia.

E então, pelo canto do olho, vi o movimento de outro roupão sendo tirado e entregue, um lampejo de pele e mais pele, apenas um segundo antes de uma mão ser estendida para pegar a minha.

Era hora de acabar com isso, pensei comigo mesma, e me virei para encarar Ivan pela primeira vez, talvez, meio que prendendo a respiração. Eu ergui minhas sobrancelhas para ele no segundo em que meus olhos encontraram os dele, esperando que, de repente, eu não tivesse decidido começar a corar pela primeira vez na minha vida, porque isso seria realmente humilhante.

— Porra. — Ouvi Ivan murmurar baixinho enquanto eu olhava para o rosto dele... só para descobrir que seus olhos estavam fechados.

— O quê? — gemi.

— Nada — ele retrucou imediatamente.

— O quê? — insisti, tentando descobrir por que sua pele ficou ainda mais pálida... e por que ele não estava olhando para mim.

— *Nada* — respondeu ele, parecendo o Ivan que eu conhecia: um pé no saco. Ele balançou a cabeça e engoliu em seco. — Vamos acabar logo com isso.

— Acabar com isso? — perguntei, sem me sentir insultada. Talvez ele estivesse se arrependendo. Ah, porra, que ótimo. — Foi você quem quis fazer isso — lembrei-o.

— Bem, estou começando a pensar que foi uma ideia de merda, então vamos fazer isso — ele murmurou, os olhos ainda fechados.

— Puritano — sussurrei, sem entender por que ele não estava olhando para o meu rosto, pelo menos.

Ele estava começando a me fazer sentir que havia algo de errado comigo.

Então eu olhei para ele. Porque ele estava na minha frente.

E de repente comecei a me arrepender de novo.

Porque o corpo de Ivan...

Porra.

Talvez porque eu fosse atleta — independentemente do que as outras pessoas pensassem estupidamente —, eu apreciava todas as diferentes formas que os atletas masculinos mantinham. Nunca fui uma grande fã de modelos masculinos com seus músculos perfeitamente esculpidos que precisavam ser trabalhados regularmente, um de cada vez. Eu gostava de força bruta em todas as suas formas. Realmente gostava.

Mas Ivan, em particular, tinha sido basicamente pintado por um mestre. Os músculos dos ombros eram esculpidos a mão, os esbeltos e rígidos de seus antebraços e bíceps eram fortes. Havia também os peitorais firmes, o abdômen plano com oito pequenas formas quadradas. Havia músculos definidos nos quadris e longas filas de estrias musculares nas coxas e panturrilhas.

Eu não precisava olhar para o traseiro dele para saber que era firme e perfeito.

E eu seria uma porra de uma mentirosa se dissesse que não tinha olhado para o pênis dele, mas, assim como eu, ele decidiu cobrir *alguma coisa*, algo que estava oculto pelo que parecia uma meia de cor nude, deixando apenas de fora os pelos aparados da virilha.

Eu não ia me abaixar para ver as bolas dele.

Olhei para Ivan novamente e quase não pude conter um balançar de cabeça. Ele era seriamente um trabalho de perfeição. Honestamente. Verdadeiramente.

Mas eu morreria antes de dizer isso a ele, então precisava parar de pensar nisso. Precisávamos acabar com aquela merda.

— Vamos lá, garoto tímido, antes que suas bolas comecem a recuar também.

Isso o fez abrir os olhos para me encarar, com o rosto franzido.

— Espero que minha mão não escorregue.

— Espero não perder o equilíbrio e meu pé subir pela sua bunda.

— Ok! Tudo certo! Vamos começar — a treinadora Lee gritou, e eu não precisava olhar para ela para saber que estava balançando a cabeça.

Enquanto estávamos lá, nus pra caralho, eu disse:

— Vamos lá, Minha. Vamos fazer isso. Talvez acabemos na capa.

— E não senti náusea ou preocupação ao dizer isso.



Eu deveria saber que algo estava acontecendo quando cheguei em casa naquela noite e encontrei minha mãe na cozinha, um prato de comida em frente ao banquinho onde geralmente eu me sentava, esperando por mim. Ela não fazia isso há anos. Na verdade, não conseguia me lembrar se ela já havia feito nossos pratos... com exceção de Ruby. Geralmente era uma coisa livre para todos. Mamãe sempre dizia que não era nossa criada e que deveríamos agradecer por ela ter cozinhado.

Então, eu deveria saber que algo estava acontecendo. O problema era que eu estava exausta após a sessão de fotos que durou a manhã toda. *Não sorria. Pareça natural. Faça isso. Pose novamente. Você pode segurar um pouco mais? Mantenha sua perna nessa posição estranha e antinatural por mais um minuto. Fique aí e congele sua bunda. Incline a cabeça dessa maneira — não, para o outro lado — e segure-a aí. Ivan, coloque suas mãos congelantes no corpo de Jasmine e deixe-as por dois minutos.*

Porra, porra e porra duas vezes.

Ele não sorria quando me tocava, e eu precisava respirar fundo porque me magoava, mas eu sabia que ele queria.

Meus mamilos ainda estavam duros por causa do gelo, cobertos apenas com os mínimos pedaços de fita, e eu tinha certeza de que minha vagina nunca iria esquentar novamente. Meu clitóris provavelmente se transformara em uma uva passa. Eu nem sequer olhei para a meia que cobria o pau de Ivan depois da primeira vez, porque estava frio como o inferno. Eu não julgaria um homem pela aparência do pau dele no frio.

Além disso, havia outras coisas para olhar.

Tudo ao norte do Equador e tudo ao sul do Equador. Músculos,

músculos e músculos belamente esculpidos. Não foi exatamente difícil, mesmo que toda vez que suas mãos me tocavam eu quisesse dar um soco no estômago dele.

E, uma vez, acidentalmente, vislumbrei enormes bolas penduradas entre as pernas, que, por um segundo, me fizeram pensar em que diabos ele fazia com elas quando estava em seus trajes de competição.

Mas não era da minha conta, então deixei essa questão de lado para mais tarde.

A parte importante foi que conseguimos. No final do dia, isso era tudo o que importava. Nós tínhamos conseguido e não nos matamos ou zombamos um do outro. Demorou muito tempo. Felizmente, tirara uma folga, mesmo que minha conta bancária não permitisse esse tipo de perda. Especialmente quando íamos competir em tantos eventos.

As coisas não tinham sido embaraçosas durante o treino da tarde, mas eu mentiria se dissesse que não olhei para a parte superior do corpo de Ivan uma ou duas vezes e me lembrei de como ele era sem camisa. Tão rápido quanto comecei a pensar, forcei-me a parar. Felizmente, ele não teve o mesmo problema; Ivan realmente não me disse nada diretamente durante o treino da tarde, mesmo depois de ter sido tão estranhamente legal naquela manhã.

— Oi, Zangada — minha mãe me cumprimentou no segundo em que me ouviu entrar na cozinha.

— Oi, mãe — eu disse, indo atrás dela para beijar sua bochecha. Eu já tinha guardado minhas coisas. — Como foi o trabalho?

Ela encolheu os ombros magros quando desligou a água da pia e pegou um pano de prato à esquerda.

— Bem. Coma antes que sua comida esfrie. Coloquei no micro-ondas quando vi a luz na entrada da garagem.

— Obrigada — falei, ainda não prestando atenção, mas me virando para me sentar. Eu devorei o frango assado, arroz jasmim, batata doce e salada, como se fosse explodir se não o fizesse. Almocei seis horas atrás entre as fotos e o intervalo de uma hora que fizemos entre o treino da tarde, e pareciam ter se passado mais de cem horas desde então. Ivan e eu trabalhamos em arremessos e giros lado a lado por três horas e, depois, malhei na academia do CL por três horas, incluindo treinos intervalados de alta intensidade na esteira para preparar meu coração para o programa livre, quando bateria de 180 a

200 vezes por minuto por quase cinco minutos.

Pelo canto do olho, vi minha mãe se sentar na ilha também. Quando estávamos em casa ao mesmo tempo, sempre comíamos juntas, ou pelo menos fazíamos companhia uma para a outra. Então, não pensei muito nisso.

Até que ela olhou para cima, com uma caneca de chá na boca, e arruinou o meu dia inteiro.

Minha boca se abriu no instante em que dei uma boa olhada no rosto dela e gritei:

— O que diabos aconteceu com o seu rosto?

Minha mãe piscou completamente indiferente.

E eu não dei a mínima para sua indiferença quando vi o curativo sobre o nariz dela e dois círculos inchados roxo-avermelhados ao redor de cada um de seus olhos.

E o lábio estava arrebitado ou eu estava imaginando?

Ela não disse nada quando olhei por todo o rosto, milhares de cenários passando pela minha cabeça do que diabos havia acontecido com ela, quando perguntei:

— *Quem fez isso com você?* — Eu ia matar alguém. Porra, eu ia matar alguém, e ia gostar muito disso.

— Calma — ela disse, como se não houvesse razão no mundo para eu ignorar o fato de que metade do seu rosto estava machucado.

Claro que eu a ignorei.

— O que aconteceu com você?

Os olhos azuis da minha mãe nem se moveram na minha direção enquanto ela contava, palavra por palavra, logo antes de tomar outro gole do que eu sabia que era chá.

— Eu sofri um acidente de carro. Está tudo bem.

Ela sofreu um acidente de carro e estava tudo bem.

Fiquei atônita quando a vi pegar o telefone no balcão como se não fosse grande coisa e começar a ler algo na tela. Eu, por outro lado, fiquei parada e tentei processar as palavras dela e o significado... e não consegui. Porque eu entendi que foi um acidente. O que não entendi foi por que diabos ela não ligou para me contar sobre isso. Ou por que pelo menos não enviou uma porra de mensagem.

— Você sofreu um acidente de carro? — As palavras saíram da minha boca tão lentamente quanto eu as estava processando.

Ela sofreu um acidente. Minha mãe estava em um veículo e já era ruim o suficiente que ela estivesse péssima. Foi o que ela disse sem sequer olhar na minha direção.

Mas. Que. Porra!

Minha mãe ainda não olhava para mim.

— Não é grande coisa — ela continuou. — Eu tive uma concussão. Eles colocaram meu nariz no lugar novamente. Meu carro teve perda total, mas o seguro do outro motorista cobrirá porque ele bateu em mim e havia testemunhas. — Então, a mulher que, mesmo com os dois olhos roxos, não parecia ter dado à luz a cinco filhos e, definitivamente, não parecia que tinha uma caçula de 26 anos, finalmente olhou na minha direção. Minha mãe ficava totalmente imperturbável quando franzia os lábios daquela maneira com a qual eu me tornei familiar desde adolescente quando eu respondia grosseiramente a ela, e ela quase gritava comigo. — Não conte aos seus irmãos.

Não contar aos meus...

Peguei a toalha de papel que estava posicionada ao lado do meu prato e a segurei debaixo do meu queixo enquanto cuspi meu arroz nela — desperdiçando comida preciosa e não dando a mínima —, enquanto meu batimento cardíaco e a pressão arterial aceleravam muito, bem rápido. Era um milagre que eu estivesse tão saudável quanto jamais estivera na minha vida naquele momento... menos alguns detalhes físicos... porque qualquer outra pessoa teria tido um ataque cardíaco naquele momento. Pelo menos qualquer uma que se importasse com alguém — e eu me importava demais com minha mãe. Meu coração não deveria estar batendo tão rápido enquanto eu estava tecnicamente descansando.

Mamãe gemeu, sentando-se ereta, exatamente quando coloquei a toalha de papel ao lado do meu prato.

— Não, não. Não cuspa sua comida.

Não me preocupei em pensar na última vez que cuspi minha comida; eu não precisava ficar ainda mais chateada.

— Mãe — eu disse, minha voz mais alta e estridente do que nunca, parecendo nem um pouco comigo mesma e, talvez, um pouco como uma adolescente prestes a fazer uma birra.

Mas não era uma birra. Era sobre minha mãe se machucar e não me contar. E não queria que eu contasse a mais ninguém.

A mulher que praticamente me criou sozinha inclinou a cabeça para o lado e arregalou os olhos como se estivesse tentando me dizer que eu precisava diminuir o drama. Mas o que mais chamou minha atenção foi o fato de ela nem ter pousado sua caneca de chá enquanto basicamente chiava:

— Jasmine, não comece.

— Não começar? — reagi, mais alerta do que nunca após um treino. Há apenas um minuto eu estava olhando para a bancada de mármore da ilha da cozinha, pensando em como queria entrar no chuveiro e ir para a cama... sem nem mesmo pensar em treinos, patinação artística e no futuro... e agora eu estava a cerca de dois segundos de perder a cabeça. Simples assim.

Porque... Que. Porra. É. Essa. Mãe?

— Não comece — ela exigiu novamente, tomando um gole de chá, o mais calma possível, como se não tivesse acabado de me dizer para deixar para lá seu acidente, a concussão e o nariz quebrado, e que eu não podia contar aos meus irmãos por qualquer motivo que ela achasse certo. — Estou bem — disse, antes que eu ignorasse seu *não comece* e me inclinasse para frente, piscando para ela, como se eu tivesse os olhos mais secos do mundo.

— Por que você não ligou e me contou? — perguntei, usando um tom que definitivamente me deixaria de castigo dez anos atrás, enquanto a raiva retorcia minhas entranhas. *Por que ela não tinha me contado?*

Minhas mãos começaram a tremer.

Minhas mãos nunca tremiam. Nunca. Nem quando eu ficava brava por ter me ferrado com pessoas em quem eu confiava. Nem quando estava esperando para começar uma apresentação. Nem depois de ter patinado. Nem quando perdia. Nem quando vencia. Nunca.

Mamãe revirou os olhos e focou em seu celular novamente, tentando ao máximo ser desdenhosa. Eu sabia o que ela estava fazendo. Não seria a primeira vez.

— Jasmine — ela disse meu nome com força suficiente para eu não fazer outro comentário espertinho. — Acalme-se.

Acalme-se. Acalme-se?

Abri minha boca e ela focou em mim aqueles olhos azuis — que eu seria capaz de reconhecer em uma roda de cores com os olhos fechados — na minha direção, mais uma vez.

— Estou bem. Um idiota não prestou atenção quando saiu da autoestrada e bateu na minha traseira, e eu bati no carro na frente do meu — ela continuou, e eu sabia por que ela pensara em guardar segredo. — Não vale a pena se exaltar por isso. Você não precisa ficar brava. Estou bem. Se eu pudesse esconder de todos, eu teria feito. Ben já sabe. Seus irmãos também não precisam se preocupar com isso. — Ela bufou com desdém. — Não se preocupe comigo. Você tem coisas mais importantes para se concentrar.

Minha mãe não queria que eu me irritasse com ela porque eu tinha coisas mais *importantes* para me concentrar.

Levando as duas mãos ao rosto, pressionei as pontas dos dedos nas têmporas e disse a mim mesma para me acalmar. Disse mesmo. Tentei repassar todas as técnicas de relaxamento que aprendi ao longo dos anos para lidar com meu estresse e... nada. Nada disso funcionou. Nenhuma das técnicas.

— Eu não quero que você se distraia comigo — mamãe insistiu.

Eu jurei que meus ouvidos tinham começado a zumbir.

— Uma ambulância teve que levá-la ao hospital?

Ela fez um som irritado.

— Sim.

Pressionei meus dedos mais profundamente nas têmporas.

— Oh, abaixe as mãos e tire sua calcinha da bunda — ela tentou brincar. — *Estou bem.*

Meus ouvidos definitivamente começaram a zumbir. Com certeza.

Eu não conseguia nem olhar para ela enquanto falava, minha voz soando mais baixa e rouca do que o normal... nem parecia pertencer a mim.

— Você poderia ter me ligado, mãe. Se fosse eu que sofresse um acidente...

— Você também não me ligaria — concluiu ela.

— Eu... — Ok, talvez eu também não ligasse, mas essa informação não aliviou minha raiva nem um pouco. Só me deixou mais irritada. Minhas mãos tremiam tanto que precisei esticar os dedos por muito tempo e os coloquei dos lados do rosto, sacudindo-os. Louca, tão louca que queria gritar. — Essa não é a questão!

Ela suspirou.

— Você teve um grande dia. Eu não queria incomodá-la.

Ela não queria me incomodar.

Minha mãe não queria me incomodar.

Abaixei as mãos e inclinei o rosto para o teto, porque, se olhasse para a minha mãe do jeito que eu queria, ela provavelmente daria um tapa na minha cara. E então me perguntei onde eu havia aprendido a guardar tantos segredos. Puta merda.

— É apenas uma pequena concussão e um nariz fraturado, Zangada. E não levante a voz para mim — ela disse pela segunda vez e, pela segunda vez, teve efeito nulo na minha pressão arterial. — Eu sei o que este ano significa para você. Quero que o aproveite. Você não precisa se preocupar comigo.

Repeti suas últimas frases na minha cabeça e quase explodi. Um sentimento doentio subiu do meu estômago para chegar ao fundo da minha garganta.

Talvez eu estivesse sendo dramática, mas acho que não. Era a *minha mãe*. Minha mãe. A mulher que me ensinou pelo exemplo como me levantar toda vez que eu caía. Ela era a mulher mais forte que eu conhecia. A mais forte, mais inteligente, mais bonita, mais leal, mais prestativa...

Minha garganta doía. Anos atrás, ela nos assustou dizendo que haviam encontrado um caroço no seu seio, que acabou não sendo nada, então eu ouvi ou vi praticamente todos os meus irmãos chorando. Eu só fiquei chateada. E assustada. Admito. Fiquei aterrorizada pela minha mãe e, por mais egoísta que fosse, por mim. Por que o que diabos eu faria sem ela?

O pior de tudo foi que agi como uma idiota na época. Mas culpei o fato de ser adolescente — e minha mãe, por ser a maior âncora da minha vida —, porque eu dei o fora e tentei culpá-la, como se ela pudesse ter prevenido de alguma forma. Agora... bem, agora eu estava chateada de novo, mas não com ela.

Bem, talvez com ela, sim, mas apenas porque ela teria evitado me contar que se machucara, se pudesse, e... e porque ela não queria me distrair. Não queria *me incomodar*. Eu fechei meu punho e, se minhas unhas estivessem maiores, provavelmente eu teria arrancado sangue.

— Ben se encontrou comigo no hospital — explicou, sua voz lentamente começando a voltar a um tom calmo e uniforme. — Você não precisa se exaltar.

Tudo que pude fazer era encará-la.

— Quero que você se concentre — acrescentou. — Eu sei o quanto isso significa para você. Se o acidente tivesse acontecido há três meses, eu te ligaria, mas você está ocupada novamente, Jasmine. Eu não queria tirá-la das suas coisas.

Não queria me tirar das minhas coisas? Se ela tivesse se machucado antes de eu começar a treinar tanto novamente, ela teria me ligado, mas agora não?

Olhei para o teto e abri meu punho, esticando os dedos o máximo possível. Não consegui encontrar as palavras. Não consegui pegá-las, escolhê-las, encontrá-las, inventá-las. Eu estava muito presa a ela. *Eu sei o quanto isso significa para você.*

Meu peito se juntou à minha garganta em um jogo dolorido.

Ela não entendia que eu fazia qualquer coisa por ela? Que eu a amava e a admirava e pensava que ela era o maior ser humano do mundo? Que não tinha ideia de como ela havia criado cinco filhos, com meu pai apenas nos bastidores até os meus três anos? Que eu não entendia como ela podia ter se casado três vezes antes de Ben, tendo seu coração partido a cada vez, mas, de alguma forma, ela não perdera a esperança e não deixara nada disso prejudicá-la?

Havia muitas coisas que eu não deixava me abalar. Tantas vezes que eu caí e me machuquei, mas continuei. Mas as pessoas tinham sido idiotas comigo quando eu era mais jovem, uma vez, talvez algumas vezes, fazendo observações e comentários, e isso por si só me fez desistir de estranhos.

Mas minha mãe nunca deixava nada derrubá-la.

Como eu poderia não pensar o melhor dela? Como eu poderia não amar quem me criou para pensar que eu era invencível, mais do que tudo? Como ela pôde acreditar que não era uma prioridade para mim?

— Você não precisa se preocupar comigo — ela insistiu casualmente. — Eu vou ficar bem. Quando Ben e eu formos ao Havaí em algumas semanas, não o deixarei tirar fotos do meu rosto. Assim, terei uma desculpa para irmos de novo — ela disse brilhantemente.

Isso não mudou nada para mim.

Aquilo era culpa minha. Tudo culpa minha. Ela pensava e se sentia assim porque eu havia lhe dito mil vezes que patinar era o que me fazia sentir especial. O que me dava um propósito. O que me fazia finalmente sentir que havia algo no qual eu era boa. O que me dava

vida, me fazia feliz e forte.

Mas, na realidade, era a minha mãe — toda a minha família — que me dava a base para essas coisas. Eu sabia que todas essas emoções eram por causa deles. Por causa dela.

Sempre imaginei que ela soubesse.

Mas talvez eu tivesse sido muito idiota e egocêntrica para entender isso até agora.

Meu peito doía ainda mais e minha garganta apertou tanto que eu não consegui engolir enquanto continuava sentada, encarando o rosto que eu amava com todo o meu coração.

— Mãe. — Foi a única coisa que eu pude falar.

Foi então que seu celular começou a tocar. Ela nem me disse nada quando o pegou e atendeu.

— Garotinha — ela disse imediatamente, e eu sabia que era Ruby.

Esse foi o fim da conversa. Era assim que minha mãe fazia. Ela terminava quando queria.

E ela sabia, com razão, que, se continuássemos falando sobre isso, eu provavelmente teria feito um discurso retórico. Sob circunstâncias normais, pelo menos.

Aquele nó na minha garganta dobrou de tamanho quando a olhei enquanto ela falava com minha irmã com um sorriso no rosto, como se não tivesse acabado de me contar que tinha sofrido um acidente de carro, alegando que não era grande coisa. E depois ainda sugerira que não era tão importante para mim quanto, de fato, era.

Será que eu tinha mesmo me tornado tão sem coração?

Alguma coisa que parecia muito com uma lágrima surgiu no meu olho direito, mas pressionei a ponta do dedo no canto e ignorei a umidade nele, porque minha garganta e meu coração doíam muito, e eles dominaram todo o resto.

Fiquei sentada lá. Completamente parada, fiquei olhando para minha mãe e me perguntando que tipo de pessoa ela realmente pensava que eu era. Eu sabia que ela me amava. Sabia que ela queria que eu fosse feliz. Eu tinha plena consciência de que ela conhecia todos os meus pontos fortes e fracos.

Mas...

Será que *ela* achava que eu era uma merda egoísta?

Meu apetite desapareceu e minha exaustão também. *Pronto.*

Tchau. Simples assim.

— Oh, querida, você não deveria estar fazendo isso... — Minha mãe arrastou o banco para trás, deu-me um sorriso que deve ter machucado seu rosto e depois saiu da cozinha, imagino que para a sala de estar.

A raiva inundou minhas veias quando fiquei sentada no mesmo lugar com um prato cheio de comida à minha frente, ouvindo o som da risada baixa da minha mãe. Ela estava bem, e era isso que importava.

Mas...

Minha mãe realmente achava que a patinação artística era mais importante para mim do que ela.

Eu amava patinar. Claro que amava. Não conseguia respirar sem isso. Não sabia quem eu era sem isso. Não sabia quem seria no futuro sem isso.

Mas eu também não conseguia respirar sem a minha mãe. E, se eu tivesse que escolher entre os dois, não haveria concorrência. Nem um pouco.

Era minha culpa ser uma filha de merda. Uma pessoa de merda. Por não abrir minha boca e dizer as coisas que ela precisava ouvir. Mais eu te amo e menos sarcasmo. Por estar tão de coração partido por Paul ter me deixado que não apreciava o suficiente ela e meus irmãos tentando me puxar de volta à vida real, mesmo quando eu era uma putinha mal-humorada e zangada.

Tudo o que eles sempre quiseram era que eu fosse feliz. Que eu ganhasse, porque era isso que eu queria. Sempre.

E eu não tinha dado a eles merda nenhuma. Não os deixei orgulhosos, não importava em quê. Eu não tinha nada para dar em troca.

Foi minha culpa por me sentir sufocada. Por pensar demais. Por ser obsessiva e um pouco difícil.

O nó no meu corpo triplicou, sufocando-me, esmagando-me.

Deus.

Eu não conseguia ficar sentada ali e fingir que estava tudo bem quando não estava. Tudo que eu queria era chegar em casa e relaxar enquanto comia, mas agora... agora não havia como eu fazer isso. De jeito nenhum.

Eu era uma idiota.

Deus, eu era uma idiota, e era tudo minha culpa. Se eu fosse uma pessoa melhor, uma atleta melhor, talvez tudo fosse diferente. Mas não era.

Eu tinha que fazer alguma coisa.

Arrastando meu banco, quase fui direto para a porta da frente, pronta para sair, mas parei por um segundo, embrulhei minha comida em um plástico e coloquei na geladeira.

Então peguei minhas chaves e saí dali, sentindo um gosto de culpa e desespero encher minha boca, deixando-me inquieta... me fazendo sentir uma merda.

Eu não sabia para onde estava indo.

Eu não sabia o que queria fazer.

Mas eu tinha que fazer alguma coisa, porque aquela... merda... dentro de mim estava crescendo e crescendo e crescendo.

Minha mãe era a minha melhor amiga e achava que a patinação era mais importante para mim do que ela.

Todos que eu amo pensavam assim? Essa era a impressão que eu dava?

A patinação artística me deixava mais feliz, mas isso não significaria nada para mim sem minha mãe e meus irmãos me apoiando, me dando força, se importando e me amando mesmo quando eu estava na pior. Quando eu não merecia.

Minha garganta e olhos ardiavam enquanto eu dirigia, e minha boca ficou seca enquanto eu continuava dirigindo. Antes que eu percebesse, antes de me deixar fazer mais do que sentir minha garganta e meus olhos se estreitarem, estacionei no CL. Eu nem percebi até chegar lá.

Claro que seria para lá que eu iria.

Era a única coisa que eu tinha além deles. E eu com certeza não queria falar com Ruby, Tali, Jojo ou Sebastian sobre nada disso. Não estava pronta para me sentir pior, e isso era o que provavelmente aconteceria se eles tentassem me consolar ou me dissessem que estava tudo bem.

Porque não estava.

Eu tinha que fazer todos os sacrifícios que já foram feitos por mim valerem a pena.

E aquela era a única maneira que eu sabia.

Em pouco tempo, eu estava indo em direção às portas da frente, em uma missão para chegar ao vestiário. Esqueci minha bolsa em casa, mas sempre deixava meu último par de patins no meu armário como reserva. Eu também não usava minhas roupas favoritas para treinar, mas... precisava disso. Precisava daquilo que sempre afastava minha mente de tudo... mesmo que fosse a mesma coisa que destruía meu corpo e fazia toda a minha família pensar que eles estavam em segundo plano para mim.

A percepção de que eu não deveria ter deixado minha mãe depois que ela confessou algo tão grande finalmente pairou no meu cérebro, mas... eu não conseguia voltar. O que diabos eu diria a ela? Pediria desculpas? Falaria que não pretendia fazê-la pensar que não era importante?

O vestiário estava quase vazio quando entrei; havia duas meninas mais novas do que eu, mas não muito, conversando, e as ignorei enquanto colocava a combinação e abria meu armário. Em tempo recorde, tirei os sapatos, peguei as meias extras que sempre deixava lá e enfiei os pés nelas e nos patins, ignorando o fato de que eu poderia me arrepender de não colocar as bandagens que geralmente usava. Protegi minha pele da borda superior da bota que estava bem quebrada.

Mas eu precisava gastar um pouco de energia, clarear minha mente, melhorar. Porque senão... eu não sabia o que faria. Provavelmente me sentiria mais um pedaço de merda do que já sentia. Se isso fosse possível.

Ignorando as outras meninas que estavam olhando na minha direção, confusas porque eu nunca aparecia no complexo tão tarde, caminhei o mais rápido que pude em direção à pista. Felizmente, havia apenas outras cinco pessoas no gelo às oito da noite. As mais jovens já estavam em casa e na cama, e os adolescentes estavam indo para lá.

Mas eu não dava a mínima para nenhuma delas.

No instante em que minhas lâminas tocaram o gelo, eu comecei a patinar perto das paredes, apenas milímetros me separando delas. Fui cada vez mais rápido, precisando afastar aqueles pensamentos. *Fora. Fora, fora, fora.* Eu precisava lembrar por que isso valia tanto a pena.

Não sei quantas vezes circulei, ganhando velocidade, e não tinha

certeza de quando comecei a saltar. Saltos para os quais não havia me aquecido. Saltos que eu não tinha como fazer depois que meu corpo já tinha passado por um treino duro e sem descanso. Fiz um triplo Salchow — o que chamamos de salto edge porque você sai do gelo sem auxílio da ponta do pé da sua lâmina e aterrissa com a borda externa traseira do pé oposto —, seguido por outro. Um toe loop quádruplo, no qual eu tropecei e depois repeti várias vezes até pousar. E então fui para um Lutz triplo para o qual eu estava muito cansada e desgastada, arrebatando minha bunda com força em cada pouso. Caindo e caindo, uma vez após a outra e depois outra, meu traseiro *doendo*, e senti em algum lugar na parte de trás da minha cabeça, mas eu não estava focando nisso.

Eu tinha que pousar direito.

Eu tinha que fazer isso.

Meu quadril doía. Meu pulso doeu ao tentar interromper a queda como uma idiota. A pele acima do meu tornozelo começou a ficar irritada.

E eu continuei caindo. Repetidamente. Eu caía.

E quanto mais eu falhava, mais irritada ficava comigo mesma.

Foda-se isso. Foda-se tudo. *Foda-se eu mesma.*

Foi em outra queda tão ruim que a parte de trás da minha cabeça roçou o gelo que eu finalmente fiquei deitada lá e fechei os olhos, respirando com dificuldade, sentindo-me uma merda, a raiva me queimando por dentro tão intensamente que eu a sentia por toda parte. Fechei minhas mãos em punhos. E cerrei meus dentes com tanta força que minha mandíbula doía.

Eu não ia chorar. Eu não ia chorar. *Eu não ia chorar.*

Eu amava a minha família. Eu amava patinação artística.

E eu amava as duas.

— Levante-se, Almôndega.

Eu acho que nunca abri meus olhos mais rápido quanto naquele momento.

E, quando o fiz, um rosto familiar estava lá, pairando, olhando para mim com duas sobrancelhas negras arqueadas. No tempo que levei para piscar, havia dedos lá também, balançando na minha direção. As sobrancelhas se ergueram ainda mais quando eu não disse nada nem me mexi.

O que ele estava fazendo aqui?

— Vamos lá — disse Ivan, enquanto olhava para mim com uma expressão que eu não conseguia ler naquele rosto que já tinha visto tantas vezes.

Eu não me levantei.

Ivan piscou.

Eu engoli em seco enquanto o fazia, sentindo como se minha garganta pegasse fogo.

Com um suspiro, Ivan enfiou a mão no bolso e depois estendeu-a novamente, segurando um Kiss da Hershey's entre o indicador e o dedo médio. Ele ergueu as sobrancelhas novamente, enquanto balançava o doce entre os dedos. Por que diabos ele tinha um chocolate no bolso era incompreensível para mim.

Mas eu o peguei, mantendo meus olhos nele o tempo todo. Desembrulhei-o como uma profissional e o coloquei na boca. Levou apenas três segundos para a doçura aliviar a dor na minha garganta, só um pouco, mas era alguma coisa.

— Você está pronta para se levantar agora? — ele perguntou depois que eu mantive o chocolate na boca por alguns segundos.

Empurrando-o na bochecha, balancei a cabeça, não confiando nos meus lábios para formar as palavras certas e realmente não sentindo vontade de sacrificar o pouco de alegria e conforto que revestia minha língua. Pelo menos ainda não. Minhas têmporas latejavam tanto que eu nem havia notado antes.

Ivan piscou para mim duas vezes.

Continuei sem dizer nada enquanto o chocolate derretia na minha boca.

— Eu não vou trabalhar com você se ficar doente — ele falou depois de mais um minuto, cruzando os braços contra o peito enquanto o fazia, ainda me observando. Esperando algo, pensei.

Ainda assim, eu não disse uma palavra. Apenas continuei saboreando o chocolate, ignorando o frio nas minhas costas que finalmente estava começando a arder.

— Jasmine, saia do gelo.

Lambi meus lábios enquanto o encarava.

Ele suspirou e inclinou a cabeça para trás para olhar para as vigas, provavelmente observando as faixas com seu nome nelas e se

perguntando onde sua vida havia dado errado para chegar ao ponto em que ele precisava estar ali comigo naquela noite.

Deus. Todo mundo achava que eu era uma porcaria egocêntrica? Até ele?

O latejar na minha cabeça piorou quando ele suspirou novamente.

— Você tem três segundos para se levantar ou eu vou te arrastar para fora daqui — ele decretou, ainda olhando para o teto e provavelmente fechando os olhos, se eu o conhecia realmente bem.

Foi a minha vez de piscar.

— Gostaria de ver você tentar.

Mas, no meu íntimo, eu sabia que, se ele estava dizendo que me arrastaria do gelo, provavelmente o faria.

Aqueles olhos cinza-azulados se estreitaram em mim, e ele disse, ainda falando com cuidado:

— Tudo bem. Eu não vou te arrastar. — Algo naquele rosto clássico, no qual crescera apenas a menor sombra de barba, me deixou irritada, como se eu não pudesse confiar nele. Como um lembrete de como éramos antes. — Mas você tem dois segundos para se levantar.

O *ou então* pairou no ar.

A dor do frio nas minhas costas estava ficando mais aguda, machucando minha pele e minha bunda, e, sinceramente, eu queria me levantar. Teria me levantado se estivesse sozinha. Provavelmente, estaria a caminho do vestiário se estivesse sozinha.

Mas agora eu iria congelar, porque com certeza não obedeceria a um pedido dele.

E Ivan pareceu sentir isso porque aqueles olhos cor de iceberg se estreitaram até parecerem fendas.

Então ele começou a contar.

— Dois — Ivan começou, nem mesmo me dando um aviso.

Eu não me mexi.

— Um.

Ainda não me mexi. Que se fodesse. Eu não dava a mínima.

Seu suspiro foi profundo, forte e intenso, e ele até balançou a cabeça ao dizer:

— Última chance.

Olhei para ele.

Ele olhou para mim e finalmente deu de ombros.

— Você pediu. Lembre-se disso.

Esse bastardo ia me arrastar para fora do gelo? Mas que...

Ivan curvou-se, com os olhos fixos em mim, e quando ele alcançou minha cabeça com um braço — inclinei minha boca para o lado para morder o que pudesse alcançar, se ele decidisse tentar puxar meu cabelo —, sua palma enfiou-se sob meus ombros e o gelo. O outro braço dele ficou embaixo dos meus joelhos, e, em um movimento tão rápido que eu esqueci que aquele homem havia passado anos erguendo mulheres para ganhar a vida, fui jogada por cima do ombro dele, bunda no ar, cabeça e braços balançando e pendendo nas costas dele.

Aquele patife.

Seja uma pessoa melhor. Seja uma pessoa melhor. Seja uma pessoa melhor. Não dê um chute em suas bolas gigantes. Pelo menos ainda não.

— Ivan — eu disse a ele, parecendo mais calma do que me sentia, mal percebendo que ele havia colocado seus patins antes de sair para me caçar. Ele estava patinando em direção aos painéis, e eu não sabia para onde estávamos indo. — Ivan, me largue agora ou eu vou te chutar na cara e não me sentirei mal com isso.

— Almôndega — ele começou, tão calma e silenciosamente quanto eu estava falando. — Gostaria de ver você tentar — afirmou o imbecil, repetindo minhas palavras, com o antebraço trancado sobre minhas panturrilhas, segurando-as contra seu peito antes que eu pudesse fazer o que ele imaginava que eu era capaz.

E ele estava certo.

— Ivan — avisei novamente, ainda calma, parte de mim meio que querendo ser o tipo de pessoa que gritaria e tentaria morder sua bunda para que ele me soltasse. Mas eu prometi. Prometi me comportar em público. Então minha voz ainda estava calma quando eu disse: — Por favor, me largue neste segundo.

A resposta dele? Um suave *não*.

— Ivan.

— Não — ele repetiu, saiu do gelo, pegando algo que eu não conseguia ver, e continuou andando... para algum lugar. Eu não podia

ver. O que conseguia ver era que ele também não colocara seus protetores de patins.

— Não estou brincando com você — insisti, começando a ficar realmente brava.

— Eu também não — respondeu ele, apertando minhas panturrilhas com mais força. — Eu te dei uma chance. Te dei várias chances, e você não quis ouvir ou seguir o caminho mais fácil, então não fique chateada comigo porque você é teimosa.

Minhas mãos se fecharam, de onde estavam penduradas, e eu considerei seriamente morder sua bunda se pudesse alcançá-la. Que se fodesse. Ele merecia. Eu era mais uma pessoa de puxar cuecas do que uma pessoa de morder traseiros, mas não estava a fim de enfiar a mão na parte de trás da sua calça.

— Eu não sei o que há de errado com você, mas vim dirigindo até aqui, então você não vai agir como uma criança mimada comigo — ele me avisou antes de me ajeitar em seu ombro e bufar. — Jesus Cristo, você é pesada.

— Vá se foder — vociferei, tentando me convencer de não mordê-lo.

— Vá se foder você também — respondeu ele, sem perder o ritmo, parecer zangado ou frustrado, o que me incomodou ainda mais.

— Coloque-me no chão.

— Não.

— Eu vou te dar um chute na cara.

— Se você me fizer sangrar, teremos que tirar uma folga dos treinos, e nós dois sabemos que você não quer fazer isso.

Ele tinha razão, droga.

— Vou te dar uma surra na primeira chance que tiver quando a temporada terminar — sibilei, arqueando as costas no momento em que o sangue que descia para a minha cabeça começou a fazer meu nariz arder.

— Você pode tentar.

— Você tem tanta sorte por eu não querer fazer uma cena — rosnei.

Seu *eu sei* só me incomodou mais quando ele deu a volta por um corredor.

Para onde estávamos indo?

— Por que estamos aqui? — Tentei erguer a parte superior do meu corpo novamente para dar uma olhada no corredor onde estávamos.

Ivan não disse uma palavra. Ele apenas continuou andando, antes de virar para outro corredor pelo qual nunca me incomodei em passar porque não usava.

— Ivan.

Nada ainda.

Que se fodesse. Eu não queria machucá-lo... porque não queria atrasar os treinos... então não podia chutá-lo... e morder sua bunda era muito mais pessoal do que o necessário... então alcancei seu traseiro, que percebi tardiamente que estava coberto por uma calça de moletom diferente daquela que ele usara no treino da tarde e alcancei a curva que eu sabia que estava por baixo... e a belisquei. Com força.

Ele nem sequer vacilou.

Então, eu fiz de novo. Em um local diferente.

Ainda sem reação.

Que porra de ciborgue ele era? Eu beliscava meu irmão com metade da força e ele agia como se tivesse levado um tiro.

Antes que eu pudesse descobrir se ele era um alienígena, ele nos virou para a esquerda e parou. Espiei por entre suas pernas para ver que ele estava em pé na frente de uma porta, e, naquele momento, apertava botões em um teclado numérico acima da maçaneta. Onde diabos estávamos?

— O que é isso?

Ele apertou um botão que eu só podia presumir que era um *enter*, conforme respondia:

— Meu quarto.

Quarto dele?

E então, com a mão livre, ele girou a maçaneta, abriu a porta e deu um passo à frente, sua única mão livre tocando o que deveria ser o interruptor da luz, porque, uma fração de segundo depois, tudo estava aceso. E, por *tudo*, eu queria dizer o ambiente de seis metros quadrados com o que parecia uma cozinha ao longo de uma parede, um sofá no meio com uma pequena mesa de café em frente e quem sabia o que mais do outro lado, que eu não conseguia ver de onde estava pendurada, arqueando o pescoço de um lado para o outro para

dar uma olhada.

— Desde quando você tem o seu próprio... *caramba! Que diabos foi isso?* — gritei com a dor repentina e aguda na minha nádega direita. — Você acabou de me beliscar? — choraminguei, esticando a mão para tocar onde doía pra caralho.

— Isso foi por ter me beliscado. — Então o filho da puta fez de novo, e eu tentei chutá-lo, esquecendo-me de que não queria machucá-lo. — E é isso que você recebe por não prestar atenção — ele respondeu simplesmente, ainda de pé comigo por cima do ombro.

— Por não prestar atenção? — gritei novamente, esfregando minha bunda machucada. — Isso doeu, Ivan. — Tinha doído mesmo. Jesus Cristo, ele era forte.

— Você tentou me machucar também. Estou apenas dando exatamente o que você planejava me dar. — Ele tinha razão, mas ainda assim... — Se você prestasse mais atenção, saberia que eu caio do lado direito, de bunda. Eu sei que você cai do esquerdo.

Merda.

Ele tinha acertado de novo. Eu tinha menos sensação na bunda esquerda do que na direita, depois de tantas quedas. Aposto que metade dos nervos da minha bunda estavam mortos.

E era irritante ele saber disso e usar contra mim.

E foi ainda mais irritante quanto tentei beliscar sua bunda com a mesma força e falhei. *Droga.*

— Estamos quites — disse ele, antes de se agachar e me deixando cair de bunda no tapete, como se eu fosse um saco de batatas sem valor.

Eu olhei para ele.

Suas sobrancelhas completamente negras se ergueram.

— Você tem sorte por eu estar de bom humor — ele me avisou antes de se ajoelhar na minha frente. Aqueles olhos intensos permaneceram em mim por um momento antes que ele olhasse para baixo e suas mãos fossem parar em um dos meus patins. Puxei minha perna, mas ele não deixou que isso o impedisse. Seus dedos foram para os cadarços das botas, e ele começou a puxar os nós duplos e apertados que eu sempre fazia.

Uma parte de mim queria perguntar o que diabos ele estava fazendo... mas não falei nada. Apenas fiquei lá, com a bunda doendo,

e vi como ele desatou um cadarço, puxou a bota do meu pé e depois fez o mesmo com a outra. Não dissemos uma palavra, nem enquanto ele se sentava e tirava seus patins, colocando-os ao lado dos meus. Ivan olhou para mim quando se levantou e foi à cozinha, que ocupava uma parede inteira ao longo da parte de trás da sala.

Esfregando minha bunda, fiquei sentada, perguntando-me o que diabos estava acontecendo, e depois olhei ao redor do cômodo, observando aquele lugar que eu não conhecia. Há quanto tempo existia? Alguém mais sabia sobre ele?

Mas fiz a pergunta mais importante que surgiu na minha cabeça.

— O que você está fazendo aqui?

Ele estava curvado, remexendo no que parecia uma pequena geladeira embutida nos armários, quando respondeu:

— Eu vim ver como você estava.

O quê?

Ivan não olhou para mim quando se levantou, com uma caixa de leite na mão, e chutou a porta da geladeira para fechá-la.

— Galina ligou para Lee, que me ligou — continuou, como se estivesse lendo a minha mente.

Galina? Onde diabos Galina estava? E por que ela ligaria para Lee?, eu me questioneei antes de deixar as perguntas de lado e focar.

— Você não precisava vir — soltei, estremecendo depois com o quão idiota eu parecia e meio que me arrependendo. Só um pouco.

Meu parceiro não disse nada quando abriu mais armários e começou a tirar coisas deles.

Belisquei o alto do meu nariz com uma das mãos enquanto a outra foi para minha bunda novamente para esfregar no local onde ele beliscou.

— Eu nem sei por que ela ligou. Estava tudo bem — falei, cerrando os dentes com o quanto minha bunda doía.

O riso dele foi alto.

— O que foi?

Ele estava de costas para mim enquanto dizia:

— *Estava tudo bem.* Claro, Jasmine. Me engana que eu gosto.

Endireitei-me no chão e tentei dizer a mim mesma para manter meu temperamento sob controle. *Seja a pessoa melhor.* Eu posso ser melhor.

— Estava tudo bem.

Talvez não.

Eu pude vê-lo balançar a cabeça enquanto misturava o que havia tirado dos armários.

— Então você volta a treinar depois de se exercitar por horas e, em vez disso, trabalha em seus saltos, caindo e se levantando como se estivesse possuída, mas está tudo bem? — ele diz, mexendo em algo na bancada.

— Sim — menti.

Ele bufou.

— Você é a pior mentirosa que já conheci.

— Não sei do que você está falando — respondi, parecendo muito amarga, mas decidindo ignorá-lo. Eu me virei para colocar as pernas debaixo de mim e me levantei.

Ivan suspirou ao mesmo tempo em que algo abriu, fechou e apitou.

— Estou bem — continuei, enquanto me endireitava e esfregava minha bunda, olhando as coisas ao redor pelo canto do olho.

Ele se virou e encostou-se ao balcão atrás dele, erguendo as sobranceiras, com uma expressão... irritada. Muito irritada. Hãã.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

Desviei o olhar, decidindo ver o resto do quarto. Havia prateleiras de roupas ao longo da parede à direita, e muitas eram vagamente familiares. Eu sempre me perguntei o que ele havia feito com todas elas. Eu guardava as minhas enfiadas em todos os armários que tinham espaço na casa da minha mãe.

— Jasmine.

Ignorei a frustração em sua voz e continuei olhando o quarto pintado de cinza-claro, vendo como tudo estava organizado e limpo. Isso não me surpreendia. Ivan era meticuloso em tudo. Suas roupas, cabelos, técnica, carro. Claro que ele não seria bagunceiro.

Eu não poderia dizer nada. Eu era quase uma obsessiva por limpeza. *Quase*. Eu definitivamente era uma obsessiva por contar tempo.

— Jasmine, me diga o que há de errado.

Eu mantive meus olhos grudados em suas fileiras de trajes, xingando-me mentalmente por não verificar se a treinadora Lee ou Galina estavam por perto quando cheguei. Eu nem olhei para ver se

os carros delas estavam no estacionamento. Erro de principiante.

— Você pode me dizer qualquer coisa. Sabe que eu sei como é essa vida — ele murmurou as palavras que eu não esperava ouvir dele. Palavras que cravaram profundamente no meu âmago.

Porque ele estava certo. Se alguém sabia, era ele. Claro que sabia. Ele podia até saber mais do que eu, já que fazia isso há mais tempo.

Exceto que ele fazia o que queria e continuou fazendo o que queria.

Enquanto eu não.

Havia uma razão para ele ter seu nome em faixas por todo o CL, e eu não.

O micro-ondas apitou e eu finalmente me senti derrotada e... triste. Tão triste que quase me deixou sem fôlego. De pé com apenas um lado do quadril contra o balcão, ele estava segurando uma caneca em uma mão e uma colher na outra, mexendo alguma coisa. Mas estava olhando para mim com expectativa. Esperando.

E isso me deixou mais triste por ser essa pessoa que ele esperava que brigasse com ele por tudo.

Seja melhor. Nunca é tarde demais, certo?

Apertei meus lábios por um momento e tentei juntar tudo, minha raiva, essa porra de tristeza, minha decepção. E eu pensei que tinha feito um trabalho decente, quando eu disse, quase fraco e definitivamente estranho:

— Eu não sabia que você tinha seu próprio quarto. — Engoli em seco. — Deve ser legal.

Isso soou tão falso quanto eu pensei ou...?

O rosto dele não mudou nada. Nem aquele tom em que eu não sabia o que pensar.

— Eu nunca trago pessoas aqui.

O “hãã” que saiu da minha boca parecia tão monótono quanto eu me sentia.

Ele continuou mexendo a colher, seus olhos não indo a lugar nenhum.

— É o meu lugar tranquilo.

Isso me fez olhar rapidamente para ele, surpresa por seu comentário.

— Era uma sala de conferências e um almoxarifado, mas o

reformei alguns anos atrás, quando fãas entraram nas instalações e no vestiário enquanto eu tomava banho.

— O quê?

— Elas tiraram fotos minhas. Georgiana, a gerente geral, teve que chamar a polícia — ele contou, seu olhar firme em mim, mesmo depois de dar de ombros. — Era uma questão de tempo, de qualquer maneira. Algumas noites naquela época, eu estava cansado demais para ir para casa, então ficava aqui — explicou, me pegando ainda mais desprevenida. — Não faço mais isso.

Eu me perguntava o porquê.

Então lembrei que não era da minha conta. Amigos, ou o que diabos nós éramos, ou não.

Ivan não disse outra palavra quando veio em minha direção, a caneca ainda na mão, a colher na outra. Eu também não disse nada, apenas o observei, tentando descobrir o que ele estava fazendo.

Quando parou na minha frente, tão perto que, para quem não estava acostumada com a falta de espaço pessoal, seria perto demais, eu ainda não disse nada.

Ele não suspirou ou fez uma careta quando estendeu a caneca na minha direção e a manteve ali, a apenas um centímetro ou dois do meu peito. O fato de eu não ter perguntado se ele o envenenou entrou na minha cabeça tão rapidamente quanto saiu. Eu não estava com disposição para ser um pé no saco. Realmente não estava. Não mais.

E foi assim que eu soube que havia algo errado comigo.

Espiei dentro da caneca, vendo o líquido marrom leitoso lá dentro... e depois cheirei. E olhei de volta para ele.

Ivan ergueu a sobrancelha e aproximou a caneca um pouco mais de mim.

— É mistura pré-pronta — ele explicou em um maldito murmúrio, como se não quisesse dizer as palavras ou algo assim. — Não tenho marshmallow, se você gosta desse tipo de coisa.

Ele...

Ele...

Oh, inferno.

— E eu fiz com leite de amêndoa e coco. Você não precisa de mais lactose — ele continuou, ainda segurando a maldita caneca a um centímetro do meu peito enquanto eu ficava lá parada.

Ele me fez chocolate quente.

Ivan me fez a porra de um chocolate quente. Sem marshmallows, de acordo com ele, mas ele não poderia saber que eu só fazia chocolate quente com marshmallows em ocasiões muito raras.

Como ele sabia — e por que até mesmo tinha a mistura —, eu não fazia ideia. Simplesmente não conseguia processar.

Foi como no momento em que Ivan e Lee me pediram para fazer parceria com ele, como se eu estivesse drogada e não percebesse.

Ivan Lukov, o maior inimigo da minha vida, depois dos meus irmãos, me fez chocolate quente.

E, de repente, por alguma maldita razão que eu nunca entenderia, mesmo anos depois, oficialmente me senti o maior pedaço de merda do planeta. Aquela foi a gota d'água. Estava nos livros de recordes.

Meus olhos começaram a arder quase instantaneamente, e minha garganta subitamente pareceu mais seca do que nunca.

Ele foi até lá porque a treinadora Lee ligou para ele.

Ivan me deu um chocolate Hershey's.

Me carregou para o quarto dele.

E então fez chocolate quente para mim.

Minha mão se ergueu sozinha, minha boca ainda fechada, enquanto envolvia meus dedos em torno da caneca quente e a afastava dele, olhando para frente e para trás entre a caneca e aquele rosto que era tão bonito, tão irritantemente perfeito, que ficava difícil até pensar. Quando ele afastou a mão, tomei um gole, mesmo enquanto meus olhos ardiam mais do que antes. Não era tão doce com o leite sem lactose que ele usava, mas tinha um ótimo sabor.

E ele ainda estava parado lá, me olhando.

E eu senti... eu senti vergonha. Senti vergonha de mim mesma por aquela pequena gentileza que ele acabou de me fazer e que não precisava. Uma pequena gentileza que eu não tinha certeza se faria em situações opostas, e isso me fez sentir pior, pior, pior. Minha garganta ficou mais apertada do que antes, e era, honestamente, como se eu tivesse engolido uma toranja gigante.

— O que aconteceu? — ele repetiu, paciência pontuando cada letra.

Desviei o olhar e depois olhei de volta para ele enquanto apertava meus lábios e lutava contra a merda do tamanho de uma bola de

softball que pressionava minhas cordas vocais. *Você é uma bosta, Jasmine*, uma parte do meu cérebro sussurrou, e meus olhos arderam ainda mais.

Eu não queria contar a ele. Não queria. Não queria dizer nada.

Mas...

Você é uma idiota, aquela voz me lembrou. *Uma idiota egocêntrica*.

Eu me afastei dele, tomando um gole, e o líquido quente suavizou o aperto ao longo das cordas vocais, e então eu disse, parecendo tão rouca que quase parei de falar:

— Você se sente culpado por tornar *isso* — ele sabia o que esse *isso* era: tudo — uma prioridade?

Ivan fez um barulho que demonstrava que estava pensando, e eu fiquei quase tentada a me virar e ver sua expressão facial antes de ele responder:

— Às vezes.

Às vezes. Às vezes era melhor do que nunca.

Você não se importa com ninguém ou nada além de patinação artística, meu ex-parceiro havia me dito um dia, semanas antes de me abandonar. Eu lhe passei um sermão quando ele me mandou uma mensagem na noite anterior para dizer que estava ficando resfriado, uma semana antes dos nacionais. *Você é tão fria*.

Mas eu não era fria. Tudo o que eu queria era vencer, e sempre disse a mim mesma que não havia nada que não fizesse por isso. Eu não esperava nem queria ser medíocre. Quando não estava me sentindo bem, eu deixava isso de lado e ainda aparecia. Seria assim tão errado?

Seria tão errado amar algo ao qual você dedicou sua vida, que você queria tanto? Ninguém nunca se tornou bom em algo sem trabalhar repetidamente, como Galina me disse uma vez quando ficou realmente brava comigo, quando era adolescente, *o talento natural pode levá-la longe*, yozik. E, como tantas outras coisas, ela não estava errada.

Eu tinha acabado de tomar algumas decisões estúpidas. Decisões realmente idiotas que tornaram tudo muito sombrio.

— E você? — Ivan perguntou quando eu não disse mais nada após a resposta dele.

Merda.

Tomei outro gole da bebida quente e saboreei o gosto, sentindo uma mentira se construir no meu peito, pronta para ser dita... E eu odiava isso. Então disse a verdade, mesmo que ela quase arranhasse minha garganta como uma lixa.

— Eu não. Não por muito tempo, mas agora... — Sim. *Sim*.

Houve uma pausa. Então:

— Porque você começou a fazer outras coisas quando tirou a temporada de folga?

Tirou a temporada de folga. Era a maneira mais bonita de encarar as coisas.

— Isso foi o que começou a abrir meus olhos — admiti, mantendo o olhar na caneca, mesmo quando meus olhos começaram a arder novamente. — Talvez seja por isso que agora enxergo melhor as coisas do que antes. Que vejo o quanto perdi.

— Como o quê? — ele indagou gentilmente, e eu não pude deixar de rir.

— Tudo. A merda do ensino médio. Formatura. Namorados. — Amor. — A única razão pela qual eu fui à formatura da faculdade da minha irmã foi porque minha mãe me obrigou ir, você sabe. Eu deveria treinar naquele dia e não queria perder. Dei um ataque. — Agi como uma idiota, mas tinha certeza de que ele poderia chegar a essa conclusão sozinho. — Eu esqueço quão obsessiva sou.

Eu podia ouvir a respiração suave que ele soltou.

— Você não é a única. Todos somos obsessivos nesse esporte — Ivan respondeu suavemente. — Eu desisti da minha vida inteira.

Dei de ombros e engoli em seco, ainda sem encará-lo. Ele estava certo. Se pensasse nisso, eu perceberia, mas não facilitava engolir a verdade.

Eu era obsessiva. Tinha ignorado minha família nos últimos dez anos ou mais. Nada nem ninguém importava tanto quanto a patinação artística... pelo menos era o que eu passava para as pessoas. Dera tudo como garantido até achar que não tinha mais chances naquele esporte. Nada mais importava tanto quanto a chance de ganhar *alguma coisa*. Ser alguém. Para deixá-los orgulhosos. Para fazer tudo valer a pena.

Mas, principalmente, tudo o que eu tinha feito fora para mim. Pelo menos a princípio. Tudo fora para mim e a maneira como isso me fazia sentir. Boa, forte e poderosa. Talentosa. Especial.

Isso compensava todas as outras coisas que eu não tinha e nas quais não era boa.

Pelo menos até eu ter entrado no final da adolescência, e então tudo deu errado, e eu me tornei minha pior inimiga. Minha própria juíza mais crítica. A única pessoa culpada por me sabotar.

Girei a pulseira no meu pulso e esfreguei a ponta do dedo sobre a inscrição.

— Eu costumava me arrepender de não ir à escola como todo mundo — acrescentou Ivan, quase hesitante. — A única vez que realmente ficava com outras crianças era quando ia visitar meu avô no verão. Minha única amiga por muito tempo foi minha parceira, mas, mesmo assim, não era realmente uma amizade. Só sabia o que era um baile porque vi na televisão. Eu costumava assistir a reality shows para saber como conversar com as pessoas.

Algo fez cócegas no meu globo ocular, e eu estendi a mão para limpá-lo com a ponta do indicador. Ele ficou molhado, mas não me assustou nem me deixou irritada. Eu não me sentia fraca.

Eu me sentia patética.

Eu me sentia uma merda.

— Todo mundo, Jasmine, todo mundo que é atleta, que é bem-sucedido, teve que desistir de muitas coisas. Alguns de nós mais do que outros. Você não é a primeira pessoa nem a última que percebe isso e se sente mal — ele começou a dizer, sua voz firme e uniforme. — Você não se torna bom em uma coisa sem sacrificar algo para ganhar tempo.

Eu não olhei para ele enquanto pressionava meu dedo do meio no mesmo olho, sentindo a umidade novamente. Abri a boca e me senti sufocar, então selei meus lábios. Eu não ia chorar na frente de Ivan. *Não ia*. Quando os abri novamente, me obriguei a dizer “eu...” e minha voz apenas... falhou. Apertei meus lábios, fechei os olhos e tentei novamente.

— Pessoas de sucesso, Ivan. Vale a pena se você tiver sucesso, não se não tiver.

E nós dois sabíamos que eu não tinha. Todo mundo sabia que eu não tinha. Nem um pouco.

Mais umidade se formou nos cantos dos meus olhos, e foram necessárias as pontas de todos os outros dedos para limpar o líquido.

Fora tudo por nada, eu disse a mim mesma um ano atrás, quando

Paul me abandonou. E isso me quebrou.

E era a mesma coisa novamente, naquele momento.

Foi tudo por nada, e eu não podia mais justificar todos os meus sacrifícios.

O fungar que saiu de mim me envergonhou. Humilhou-me, mas não pude fazer nada para impedi-lo, mesmo que meu cérebro dissesse: *não faça isso. Porra, não faça isso*. Eu podia ser melhor e mais forte.

Mas funguei novamente, de qualquer maneira.

Eu queria sair. Não queria mais falar sobre isso. Mas, se fosse embora, pareceria que estava fugindo de Ivan. E eu não fugia. Nunca.

Talvez, virar as costas para que não vissem algo não fosse exatamente o mesmo que fugir, mas, no final das contas, era sim.

E eu não era o meu pai.

— Nunca ganhei nada — disse, ciente de que minha voz parecia aguada e despedaçada, mas o que eu ia fazer? Esconder? O que diabos eu tinha para me orgulhar? De fazer minha mãe sentir que não queria me incomodar depois de sofrer um acidente e ter que ir ao hospital? *Você é uma merda, Jasmine*. Eu não tinha motivos para manter meu orgulho. Nenhum. E tinha consciência de que Ivan sabia disso. Ele estava ciente de quão perdedora eu me tornei. Quão perdedora eu realmente era. Provavelmente era por isso que só ficaríamos juntos por um ano. Por que ele iria querer ficar preso *comigo*? O talento natural só te levava até certo ponto. Eu era a porra da garota-propaganda disso. A garota-propaganda de como ser um ser humano decepcionante, assim como filha, irmã e amiga.

E isso me queimava por dentro. Oh, inferno, queimava tanto que eu não conseguia impedir que as palavras saíssem da minha boca. Eram como pequenos pedaços de vidro afiados ao longo de cada borda irregular e quebrada.

— Então, de que valeu tudo o que eu fiz? Segundo lugar? Sexto lugar? — Balancei a cabeça, sentindo a amargura inchar dentro de mim, afastando tudo; tudo, tudo, tudo. Meu orgulho, meu talento, meu amor, fodendo tudo. — Não parece valer a pena. — Eu não valia a pena. Valia?

Não houve resposta, mas, quando houve, veio na forma de duas mãos grandes pousando em meus ombros, curvando-se em volta deles.

Minha vida inteira foi por nada. Todo objetivo por nada. Todo sonho

quebrado e promessa por nada.

As mãos apertaram meus ombros e tentei afastá-las, mas elas não me largaram. Elas só me apertaram ainda mais.

— Pare com isso. — O pedido de Ivan soou áspero nos meus ouvidos. Ao mesmo tempo, senti o calor e o comprimento do corpo dele atrás de mim.

— Eu sou uma perdedora, Ivan — soltei e tentei dar um passo à frente, mas as mãos que me tocavam me impediram de me afastar sequer um centímetro. — Eu sou uma perdedora e desisti muito da minha vida e do meu tempo com as únicas pessoas que já me amaram, por nada.

Eu era um fracasso. Em tudo. Em cada maldita coisa.

Meu peito *doía*. Muito. E, se eu fosse dramática, teria pensado que estava sendo partida ao meio.

— Jasmine — ele começou a dizer, mas balancei a cabeça e tentei afastar suas mãos novamente, enquanto meu peito doía ainda mais ao pensar na forma como minha mãe tentara minimizar o acidente. Como se ela estivesse bem com o fato de eu não fazer dela uma prioridade.

Como se minha mãe pensasse que não era importante para mim.

Minha garganta *queimava*. Meus olhos ardiam. E eu... eu era uma grande idiota. Uma perdedora.

E a única pessoa que eu poderia culpar era a mim mesma.

Quase não reconheci minha voz quando continuei falando por algum maldito motivo que nunca entenderia.

— Minha própria família acha que não importa para mim, e para o quê? — Minha voz falhou conforme a raiva e alguma outra merda que eu não sabia classificar cresciam dentro de mim. — Por nada! Por nada, porra! Eu tenho 26 anos. Não tenho diploma universitário. Tenho duzentos dólares na minha conta bancária. Ainda moro com minha mãe. Não tenho nenhuma habilidade funcional além de garçoneiro. Não sou campeã nacional, campeã mundial ou campeã olímpica. Minha mãe quase faliu por *nada*. Minha família pagou milhares de dólares em competições para que eu subisse ao pódio no segundo lugar, terceiro lugar, quarto lugar, sexto lugar. Eu não tenho nada. Eu não sou nada...

Eu estava morrendo?

Era assim que se sentia quando se tinha o coração partido? Porque, se fosse, eu tinha certeza de que estava feliz por nunca ter me apaixonado antes, porque *maldição*. Meu Deus.

Parecia que meus órgãos estavam apodrecendo.

Minha boca ficou aguada e minha garganta estava dolorida, mas, por algum milagre, eu realmente não comecei a berrar. Mas senti vontade. Estava berrando por dentro. Desmoronando. Caindo aos pedaços. Sentindo-me como um pedaço de merda sem valor, sem valor, sem valor.

Você pode ter todo o talento do mundo e, ainda assim, não valer nada, meu pai havia me dito uma vez, quando tentou me convencer a ir para a faculdade em vez de praticar patinação artística em período integral.

Fechei os olhos e preendi a respiração quando a dor no peito ficou tão forte que eu não tinha certeza se conseguiria respirar se tentasse. E funguei. Um fungar pequeno, que eu mal ouvi.

— Venha aqui. — Foi um sussurro suave junto à minha orelha enquanto as mãos nos meus ombros se apertavam.

O *não* que saiu da minha boca soou como duas pedras deslizando uma contra a outra.

— Me deixa te dar um abraço. — Sua voz soou ainda mais próxima, e seu corpo ficou mais quente.

A vergonha me queimou, virando-me do avesso, e tentei dar outro passo à frente, mas as mãos em mim não me deixaram ir a lugar algum.

— Deixa — ele exigiu, ignorando-me.

Apertei meus olhos ainda mais e disse, antes que pudesse me conter:

— Não quero um abraço, Ivan. Ok?

Por quê? Por que eu fazia isso comigo mesma? Por que fazia isso com outras pessoas? Tudo o que ele estava fazendo era tentar ser legal e...

— Bem, que pena para você — Ivan respondeu um momento antes de as mãos nos meus ombros começarem a se mover, deslizar, atravessando a parte superior do meu peito, logo abaixo da clavícula, até que seus antebraços ficaram cruzados sobre mim em um X, e então Ivan me puxou, fazendo-me cambalear, até minhas costas

baterem contra seu peito, carne contra carne.

E ele me abraçou. Ele me abraçou com tanta força que eu não conseguia respirar e me odiava por isso. Eu me odiava por ser uma hipócrita. Por não ser melhor. Por esperar o pior o tempo todo. Eu me odiava por tantas coisas que não tinha certeza se poderia perceber todas elas e sobreviver.

E os braços ao meu redor de alguma forma ficaram ainda mais apertados, até que todos os ossos da minha coluna se curvaram contra cada osso da parte superior do corpo dele.

— Você é a melhor patinadora artística que já vi — sussurrou diretamente no meu ouvido, e seu abraço era o mais forte que já senti na minha vida. — Você é. A mais atlética. A mais forte. A que treina mais duro...

Inclinei-me para me afastar dele porque não queria ouvir aquela merda... mas não fui a lugar algum.

— Você não sabe nada disso, Ivan. Nada disso significa alguma coisa se você não ganhar.

— Jasmine...

Inclinando a cabeça para a frente, apertei meus olhos ainda mais porque a ardência neles só piorou.

— Você não entende, Ivan. Como poderia? Você nunca perdeu. Todo mundo sabe que você é o melhor. Todo mundo te ama — resmunguei, incapaz de terminar as palavras, incapaz de dizer que *ninguém me amava da mesma forma, exceto as pessoas que decepcionei várias vezes.*

O calor atingiu meu rosto ao mesmo tempo em que os braços em volta de mim me acolhiam. Ivan sussurrou, seus lábios contra o lóbulo da minha orelha:

— Você vai ganhar. Nós vamos ganhar...

Eu engasguei.

— ... e, mesmo se não ganharmos, você está o mais longe possível de ser uma perdedora, então cale a boca. Tenho certeza de que sua mãe não acha que não valeu a pena. Eu já a vi observando você. Já te vi antes. Não há como alguém te ver no gelo e pensar que há um limite de preço nisso.

Apertei meus olhos e controlei o próximo nó de sufocamento que subia pela minha garganta, e senti como se estivesse morrendo de

novo.

— Ivan...

— Nada de Ivan. Nós vamos vencer — ele sussurrou no meu ouvido. — Não me venha com essa besteira sobre você ser uma perdedora. Eu não ganho sempre. Ninguém ganha. E, sim, não é divertido, mas apenas um desistente diz coisas assim; ele desiste e faz esse tipo de afirmação se tornar realidade. Você será uma perdedora apenas se desistir. Vai desistir agora? Depois de tudo? Depois de todos esses ossos quebrados e quedas, você vai desistir agora?

Eu não disse nada.

— Você vai desistir, Almôndega? — perguntou, embalando-me contra ele.

Eu não disse nada.

— Conheci umas garotas que desistiram logo após ganharem medalhas de ouro porque tinham medo de perder depois disso. Você diz que ninguém se lembra do segundo lugar, mas ninguém se lembra das garotas que vencem uma vez e desaparecem depois. A garota que eu conheço, a Jasmine que conheço, não tem medo de porra nenhuma. Ela não desiste, e essa é a garota da qual as pessoas sempre se lembram. Aquela que está lá uma e outra vez. Você venceria e continuaria tentando vencer depois. Essa é a garota que eu conheço. Aquela com quem fiz parceria. A que eu acho melhor, e é bom você nunca me pedir para repetir isso, porque eu não vou. Não sei o que aconteceu hoje, mas seja o que for, você precisa superar. Precisa se lembrar do que é capaz. O que você é. Você faz todo sacrifício valer a pena. Você faz cada centavo valer a pena. Você me entendeu?

Entendê-lo?

— Apenas me solte — resmunguei. — Por favor. — *Por favor.* Por favor. Aquilo saiu da minha boca? Jesus Cristo.

Ele não me soltou. Claro que não.

— *Você me entendeu?*

Abaixei meu queixo e mantive a boca fechada, meus órgãos queimando e derretendo.

O suspiro de Ivan tocou minha orelha e ele me apertou ainda mais naquele abraço que eu não desejava, mas do qual não queria sair naquele momento.

— Jasmine, você não é uma perdedora. — O que imagino que seja seu queixo tocou minha orelha, porque formigou. — Não foi anos atrás, não foi na semana passada, nem hoje, nem amanhã. Nunca. Ganhar não é tudo.

O bufar que saiu dentro de mim me queimou. Era tão fácil para ele dizer isso. Pensar nisso.

E Ivan parecia saber o que eu estava pensando, porque disse:

— Alguns dos momentos mais infelizes da minha vida foram depois de grandes vitórias. Sua família te ama. Tudo o que eles querem é que você seja feliz.

— Eu sei disso — sussurrei, odiando quão fraca eu parecia, mas incapaz de fazer qualquer coisa para mudar isso.

Eu estava infeliz. Mais infeliz do que depois que Paul me abandonou. Mais infeliz do que talvez depois que percebi que meu pai estava indo embora.

— Você e eu lhes daremos isso. Entendeu?

Um soluço tentou sair da minha garganta, mas o mantive lá dentro e o enterrei tão fundo que não correria o risco de arruinar essa chance ao responder. Porque isso era suficiente. Era demais.

E eu estava infeliz.

— Naquela noite que jantei na sua casa, a segunda coisa que sua mãe me disse foi: *posso te ferir e fazer parecer um acidente* — ele murmurou, e eu congelei. — Quando eu estava saindo, o marido do seu irmão me disse que te considerava uma irmãzinha e que ele esperava que eu te tratasse com o mesmo respeito que eu trataria a minha irmã. E sua irmã Ruby sussurrou aleatoriamente que seu marido estava no exército há mais de dez anos. Acho que ela quis que soasse como uma ameaça. E seu irmão e sua outra irmã disseram que você tem experiência em cavar buracos para esconder corpos — ele terminou, sua voz ainda suave. — Eles pareciam orgulhosos disso. Muito orgulhosos, Jasmine.

Aquilo... alguma coisa que eu não sabia o que era começou a substituir a queimação dentro de mim. Não muito, mas foi o suficiente para o peso no meu peito ser aliviado, apenas o suficiente para que eu sentisse que talvez pudesse respirar novamente em breve. Talvez dali a um ano. Talvez dois. Porque aquela era minha família.

E as próximas palavras de Ivan destruíram um pouco mais esse sentimento que me devorava lentamente.

— Eles entendem, Jasmine — continuou. — Como você pode pensar que não fez nada quando eles se preocupam tanto com você? Eles te admiram. Estavam se gabando sobre o quão forte você é. Como você é resiliente. Há garotas na pista que se iluminam toda vez que você passa. Você provavelmente mudou a vida delas e as inspirou aparecendo aqui dia após dia, mantendo-se fiel a si mesma, sem deixar ninguém falar de você. Nem mesmo eu. Não sei o que você considera um perdedor, mas essas não são os tipos de características que me vêm à minha mente quando penso nessa palavra.

Baixei a cabeça e mordi o lábio, minhas palavras perdidas, minha mente muito lenta para processar tudo.

E então ele acabou comigo.

— Você e eu, Almôndega. Nós vamos ganhar, se é disso que você precisa. Entendeu?



Capítulo Doze

— Acho que terminamos por hoje — a treinadora Lee gritou de onde estava, a alguns metros de onde eu tinha aterrissado depois de ser lançada para o alto.

Respirando pelo nariz e expirando pela boca, tentando evitar ofegar depois de um treino que me fez suar tanto que o E e o D nas minhas mãos começaram a desaparecer, eu assenti. Já era hora. Eu estava cansada e sabia que Ivan também. Eu senti o quanto ele teve que se esforçar para me lançar na última vez.

Além disso, não ajudava em nada que eu tivesse tido uma noite de merda. Também não ajudava que tivéssemos ficado tão ocupados no restaurante naquela manhã que nem tive a chance de fazer uma pausa. Eu exagerei na noite anterior. Por dentro e por fora, e meu corpo não me perdoou por não tratá-lo tão bem quanto eu normalmente fazia.

Eu não conseguia parar de pensar nas minhas escolhas — no que eu queria e precisava fazer — e... se fosse honesta comigo mesma, estava pensando mais na bondade de Ivan do que jamais teria esperado. Ele me manteve em seu abraço por cerca de dez minutos enquanto eu me acalmava e, lentamente, pedacinho por pedacinho, fui me recuperando.

Ele não perguntou o que me chateou. Ele não tinha me provocado por isso. Em algum momento, acabou me soltando para que eu terminasse de beber meu chocolate quente e tirou a caneca das minhas mãos para lavar e colocar ao lado da pia. Então ele me seguiu até o vestiário vazio, esperou que eu pegasse minhas coisas...

E me seguiu até em casa.

Nós não tínhamos conversado muito, e eu não tinha certeza se era apenas porque ele compreendia que eu estava com a cabeça cheia

ou se ele não sabia o que pensar sobre eu ter desmoronado daquela forma. Honestamente, eu também não tinha certeza. A única coisa que eu sabia era que, se Ivan achava que eu iria ficar envergonhada no dia seguinte, ele deve ter ficado muito surpreso por não ser o caso.

Eu podia ver em sua expressão toda vez que ele olhava para mim. Aqueles olhos cristalinos, quase azul-céu, vagavam pelo meu rosto toda vez que estávamos na frente um do outro. Por um pequeno milissegundo, na primeira vez que o peguei me observando, pensei em desviar o olhar.

Mas não o fiz. Eu me recusei a fazê-lo.

Porque fazer isso mostraria que eu tinha vergonha de ele ter me encontrado daquela forma, por ter me ouvido e me visto quase chorar, o que era ruim. E uma das melhores lições que já aprendi sobre patinação artística era que, quando você caía, deveria voltar e agir como se nada tivesse acontecido. Você dava importância demais às coisas ou não. E se você se levantasse, sorrisse e erguesse a cabeça... ainda manteria sua dignidade.

E eu ia espremer a merda da minha dignidade com as duas mãos.

Pelo menos o que restou dela.

Nós éramos amigos. E às vezes os amigos perdiam a cabeça perto do outro. Pelo menos, era o que eu imaginava.

— Vá com calma e descanse um pouco, Jasmine — disse a treinadora Lee enquanto patinava em minha direção e me dava um olhar sério.

Esqueci que fora para ela que Galina ligara na noite anterior. Eu só consegui concordar. O que mais eu poderia dizer ou fazer?

— Vejo você amanhã cedo — ela terminou, tocando as pontas dos dedos no meu ombro por um breve momento antes de tirá-las e patinar para longe.

Colocando as mãos nos quadris, continuei tentando recuperar o fôlego enquanto olhava ao redor da pista, observando as outras seis pessoas ainda praticando, aproveitando os últimos minutos antes que o tempo privado no gelo terminasse e se abrisse para as aulas em grupos. Vi Galina quase imediatamente sentada no mesmo lugar onde costumava quando éramos só eu e ela, com o queixo apoiado nas mãos cruzadas nos painéis. Seu olhar estava na adolescente que realizava uma sequência de movimentos de braço a alguns metros de distância.

— Serei convidado para jantar esta noite? — A pergunta de Ivan veio de trás de mim.

Me virei para olhá-lo por cima do ombro. Ele começou a treinar vestindo um pulôver de lã verde-escuro, mas o tirou cerca de uma hora atrás, ficando só com uma calça de moletom preta justa e uma camisa cinza-claro de mangas compridas com manchas escuras no peito e no abdome. Talvez eu não tivesse dormido bem, mas, pela falta de olheiras sob os olhos dele, ele não teve o mesmo problema. Seu rosto estava tão claro e radiante como sempre.

Sortudo de merda.

Respirando pelo nariz, pressionei meus lábios por um momento e, quando estava prestes a dar de ombros, assenti. Eu devia isso a ele. Ele merecia.

— Se você não tiver mais nada para fazer — falei, certificando-me de que minha voz soasse agradável e uniforme.

Ivan assentiu.

— Não até mais tarde.

O que ele teria para fazer depois? Eu gostaria de saber.

— Vou segui-la até em casa — disse ele, soando como sempre vinha fazendo... sem o sarcasmo. — Se você conseguir não dirigir como uma psicopata, seria ótimo.

E lá fomos nós.

— Eu dirijo no limite de velocidade.

Aqueles cílios grossos e escuros piscaram sobre seus olhos.

— É assim que você chama?

Eu fiz uma careta.

— Eu nunca recebi uma multa.

— Ah-hã.

Revirei os olhos e mal consegui não lhe lançar um olhar carrancudo.

— Vou esperar por você na porta da frente, sr. Eu-sigo-todas-as-regras.

Um canto de sua boca estremeceu... mas ele baixou o queixo.

Ele piscou para mim.

E eu pisquei de volta para ele.

Então o outro canto de sua boca também se contraiu.

— Você é um merda — xinguei antes que pudesse me conter.

— Você é mais — ele respondeu antes de começar a patinar para trás. — Te encontro em dez minutos.

Torci o nariz e segui meu caminho para sair do gelo, chegando à abertura nos painéis logo após Ivan. Coloquei meus protetores de patins, observando-o me olhar, percebendo pela minha visão periférica as famílias começando a aparecer a caminho das arquibancadas.

Mas não discutimos. Eu saí e fui em direção aos vestiários, não querendo ser a última a chegar às portas da frente. Preferiria esperar por ele do que fazê-lo esperar por mim. Provavelmente seria uma boa ideia mandar uma mensagem para minha mãe antes de eu sair, para que ela soubesse que iria levá-lo.

Eu não a via desde a noite anterior, quando ela me contou sobre o acidente e, embora quisesse falar com ela sobre o que havia acontecido, não sabia exatamente o que dizer. Eu não tinha certeza do que seria mais eficaz do que *eu te amo*.

E ela merecia muito mais do que isso.

Dobrei a primeira esquina, onde Ivan virava para seu quarto especial, e segui em linha reta. Vi as duas adolescentes do lado de fora imediatamente. As duas garotas sempre foram legais comigo. Então, assim que me aproximei da porta, elas se viraram e me deram sorrisos tímidos.

— Oi, Jasmine — cumprimentou uma delas enquanto a outra gritou:

— Oi.

Pensei nas palavras de Ivan na noite anterior e sorri para as duas enquanto passava por elas.

— Oi. — Minha mão foi até a porta para abri-la... e parei antes de dizer: — Tenham um bom treino.

— Obrigada! — a segunda basicamente gritou quando entrei.

Assim como todo sábado à noite, o vestiário estava cheio de adolescentes entre 13 e 18 anos. Elas estavam falando tão alto que meus ouvidos doíam. Fui para o meu armário, lançando um olhar de soslaio ao redor e vendo que eram todos rostos familiares sem nome, e depois dei as costas para elas. Não demorou muito para abrir meu armário e tirar minhas botas, bolsa e colocar meus patins em sua capa protetora antes de pegar meu telefone, mexer os dedos dos pés

e girar meus doloridos tornozelos enquanto desbloqueava a tela.

Encontrei o nome da minha mãe e digitei a mensagem o mais rápido possível, certificando-me de que minhas palavras fossem escritas corretamente, enquanto tentava ignorar as vozes das meninas.

Estou levando Lukov para o jantar, enviei antes de largar o telefone no banco vazio ao meu lado.

Tirando minhas meias e depois meus envoltórios, senti meu telefone vibrar e o peguei. Apenas dizia: **Ok.** ;)

Não ia nem focar no emoji de piscadinha. Coloquei meu telefone de volta no banco e me inclinei para começar a procurar os chinelos de dedo na bolsa, quando prestei atenção nas meninas por algum motivo e ouvi: *mãos e pés grandes*.

— *Como você sabe que isso é verdade? Há muitos caras com mãos e pés grandes que não são pauzudos.*

Que porra aquelas crianças estavam falando sobre paus grandes?

— *Como quem?*

— *Como...* — A garota baixou a voz para um sussurro, como se eu ainda não pudesse ouvi-la depois que ela fez isso. Idiota. — *Ivan Lukov. Nunca vi nada sob os figurinos dele, se é que você me entende.*

Por que diabos elas estavam citando Ivan? E o que aquelas pequenas pervertidas estavam fazendo olhando para a virilha dele? Ele ficara 99,99% nu na minha frente, e eu não olhei por mais de um segundo para ver se estava coberto ou não.

E por que diabos elas estavam falando que ele não tinha um? Isso não significava nada. A maioria dos caras escondia, pensei. Eu perguntei a Paul sobre isso uma vez, e ele ficou vermelho e gaguejou enquanto ria, evitando a pergunta, como se eu não soubesse que ele tinha um pênis debaixo das roupas. Outro idiota.

— *As mãos e os pés dele são enormes* — outra garota tentou sussurrar, mas foi ainda pior.

— *Mas alguém já viu alguma coisa?* — uma merdinha perguntou antes de rir.

Eu me virei no banco o mais rápido que pude e escolhi minhas palavras da melhor maneira possível.

— Vocês poderiam parar? Vocês gostariam de ter os caras falando

sobre suas... partes pelas costas?

Todas se calaram e coraram em um tom de vermelho que eu pensava que apenas Ruby era capaz de conseguir.

Foi o que pensei.

Fiz questão de olhar para cada uma delas antes de balançar a cabeça e me virar para frente outra vez. Ninguém mais disse nada, e eu não me preocupei com elas fofocando sobre mim, porque o que fariam? Admitiriam que estavam falando sobre a virilha de Ivan?

Colocando meus chinelos e mexendo os dedos dos pés enquanto esticava as costas, peguei minhas chaves, a bolsa e me levantei, curvando-me para agarrar a alça da mochila. Olhei para as meninas do outro lado do vestiário que pareciam estar putas, mas não dei a mínima. Coloquei o cadeado de volta no meu armário e fui em direção à porta, abrindo-a muito mais asperamente do que o necessário.

Deus, o que havia de errado com os adolescentes? Não me lembrava de comentar sobre o pau dos caras quando eu tinha a idade delas. Dezesete, tudo bem. Mas, porra, quatorze anos?

— ... feia e gorda naquele collant.

E lá estava.

Crianças.

De treze, talvez quatorze anos, do lado de fora da porta. Duas adolescentes que se pareciam muito com as duas que estavam falando merda sobre mim semanas atrás.

Estavam em pé na frente das duas meninas que sempre me cumprimentavam. As meninas meigas, mas engraçadas, que sorriram para mim cerca de cinco minutos atrás, agora estavam de costas para a parede e tinham olhos vidrados que pareciam muito como se estivessem à beira das lágrimas.

Droga. Por que isso tinha que acontecer comigo?

Eu queria ir embora. Eu realmente queria. Já tive a minha cota de merdas e não queria entrar nelas de novo e arriscar-me a ter problemas.

Mas...

Minha amiguinha simpática tinha lágrimas nos olhos, e uma daquelas filhas da puta havia acabado de chamá-la de gorda e feia, e eu não concordava com esse jogo de intimidação.

Então, parei e fiz contato visual com minhas duas amigas,

levantando uma sobrancelha.

— Vocês duas estão bem?

A mais extrovertida das duas secou o que pareciam ser lágrimas, e a ação instantaneamente fez um sentimento estranho subir pela minha espinha, então eu estreitei os olhos enquanto olhava para as duas garotas malvadas que pareciam se arrepender do que tinham feito enquanto eu estava no vestiário.

Quando nenhuma das duas meninas mais agradáveis concordou que estava bem, a sensação desagradável se intensificou, e eu reconheci como sendo: proteção. Eu odiava valentões. Eu *realmente* odiava valentões.

— Elas estavam implicando com vocês? — perguntei calmamente, mantendo meu foco nas duas meninas legais.

— Não estávamos fazendo nada — uma das idiotas tentou argumentar.

Deslizei meu olhar para quem havia falado e disse:

— Eu não estava perguntando a você. — Então, voltando à que estava com lágrimas nos olhos, indaguei novamente: — Elas estavam provocando vocês?

Elas hesitaram um pouco antes de concordar. Ambas. E esse sentimento no meu peito só ficou mais forte.

Mordi o interior da minha bochecha antes de perguntar:

— Você está bem?

Seus pequenos acenos de cabeça quase partiram meu coração.

Mas o que elas conseguiram fazer com sucesso foi que eu focasse nas duas idiotas, quando minha melhor expressão de vadia surgiu enquanto eu dizia beeemm devagar, usando aquele sorriso que Jojo chamara de medonho em mais de uma ocasião:

— Se eu ouvir ou ver vocês mexendo com elas, ou com alguém deste complexo, *de novo*, vou fazer com que as duas se arrependam do dia em que decidiram ter aulas aqui, entenderam?

Nenhuma delas assentiu ou disse que sim, e isso só fez o formigamento na minha coluna tornar-se mais forte. Uma pessoa melhor teria acrescentado alguma merda inspiradora. Mas não eu.

Voltei minha atenção para as duas meninas simpáticas.

— Se acontecer de novo, venham me dizer, ok? Eu vou lidar com isso por vocês. Amanhã, no próximo mês ou daqui a um ano, não

fiquem com vergonha, se eu estiver aqui, cuidarei disso.

Eu sabia muito bem. Já tinha passado por isso o suficiente. Em troca, recebi dois olhares vazios, mas, se estavam com medo ou não, eu não fazia ideia. Então as duas garotas assentiram bem rápido.

E eu sorri para elas, dizendo que estava tudo bem. Eu cuidaria delas. Nem todo mundo era terrível, mas os mais cruéis tornavam fácil esquecer isso. Eu deveria saber.

Mas então olhei de volta para as duas merdinhas e deixei o sorriso desaparecer enquanto focava em seus rostos mesquinhos.

— E vocês duas, se eu as pegar fazendo isso de novo, vou jogar um pote de bosta inteiro em vocês, suas m...

— Jasmine! — Ouvi uma voz masculina familiar gritar perto, mas não tão perto.

Obviamente, erguendo os olhos, encontrei Ivan no corredor, uma das mãos contra a parede. Ele estava longe demais para eu ver mais dele, mas sabia pela silhueta e comprimento que era ele. Isso, e eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

— Vamos, estou com fome — ele falou sem motivo, pensei, até que me dei conta.

Ele me ouviu. Foi por isso que gritou e me impediu de chamar essas garotas de merdinhas, como eu havia planejado.

Não teria sido uma boa ideia, mas, bem, tanto fazia. Elas mereciam.

— Não sejam idiotas — apontei para as duas merdinhas antipáticas, depois me virei para as outras garotas —, e vocês me avisem se elas as atacarem novamente.

Quando recebi dois acenos em resposta, certifiquei-me de lançar às outras um olhar desagradável, como se eu estivesse de olho nelas, antes de seguir pelo corredor em direção a Ivan, que ainda estava lá esperando, exceto que eu podia vê-lo balançando a cabeça por alguns instantes, a metros de distância. No segundo em que cheguei perto o suficiente, percebi que ele estava sorrindo. Aqueles dentes brancos e brilhantes estavam todos de fora, enquanto ele perguntava:

— Hoje é o seu dia de implicar com crianças pequenas?

Revirei os olhos quando fiquei na frente dele, tendo que inclinar a cabeça para trás para olhá-lo nos olhos.

— Aquelas são monstros, não crianças.

Seus olhos estavam focados nos meus quando o sorriso dele se alargou, e ele disse:

— O que eu quero saber é...

Sem saber o que estava prestes a perguntar.

— Onde posso conseguir um pote inteiro de bosta?

Eu não queria sorrir. Eu realmente não queria.

Mas não pude evitar.

Sorri tanto que minhas bochechas doeram instantaneamente e disse a única coisa que me veio à mente:

— Você é um idiota.



Uma hora depois, eu estava descendo as escadas na casa da minha mãe, tentando torcer a água do meu cabelo para que não ensopasse a blusa que eu vesti. Eu odiava lavar meu cabelo todos os dias — e meu cabelo me odiava por ser lavado todos os dias, se o quanto ele estava seco fosse um indicativo disso —, mas, com o quanto eu estava suando com dois treinos por dia, ficava muito oleoso se eu passasse mais de vinte e quatro horas sem lavar. Eu estava gastando um tubo de condicionador a cada duas semanas.

Ao chegar ao primeiro andar, pude ouvir as vozes na cozinha.

Quando estacionamos na minha casa meia hora atrás, vi os carros de Jonathan e Aaron na garagem. Eu não tinha perguntado o que meus irmãos estavam fazendo ali, mas os vi alguns dias atrás, quando apareceram de surpresa para o jantar.

Eu só tive a chance de dar um beijo na minha mãe, à direita do nariz machucado e inchado, antes que o bundão dramático do Jojo aparecesse reclamando: *Jas, como você não me ligou contando sobre o acidente da mamãe?* Eu quase a coloquei no fogo, dizendo que ela não queria que eu dissesse nada... mas não era fofqueira. Então eu disse que estava cansada demais na noite anterior para lidar com isso. Foi a melhor resposta que pude encontrar, e corri para tomar banho cinco minutos depois, vendo Ivan me lançar um olhar curioso que dizia que ele poderia estar juntando as peças do que acontecera na noite anterior, ao ver o rosto da minha mãe.

E... eu não me importava se ele descobrisse.

Conforme atravessasse a sala em direção à cozinha, as vozes se tornaram mais claras e mais altas. Eu reconheci o som da minha irmã e mãe rindo... e pensei ter ouvido a risada leve de Ivan misturada. Pensar naquele momento no corredor, com as meninas, me fez sorrir de novo, mas escondi a expressão feliz. Ele realmente era um idiota.

— E eles fizeram você cobrir tudo? — Ouvi Jojo perguntar.

Oh, Deus.

— Jonathan — seu marido sibilou. — O que isso importa?

— Estou curioso. Olhei a revista esta semana. Não vi nenhum sinal de bola nem nada nas fotos, e não parece possível pelos ângulos em que as fotos foram tiradas. Eu não me importo com quão apertadas estão as bolas de alguém, mas não é fisicamente possível que não exista um pequeno sinal de saco em algum lugar. Entendeu o que estou dizendo?

Eles estavam conversando sobre a sessão de fotos para a edição de Anatomia, e é claro que seria Jojo perguntando isso.

— Talvez eu precise comprar a revista... — minha mãe começou a dizer, antes de Ruby e Jojo quase lamentarem:

— Pare! Ninguém quer ouvir isso!

— Vocês dois são tão sensíveis — minha mãe murmurou, mas não continuou a frase. — Eu tenho olhos. Vocês têm olhos. O corpo humano é uma coisa maravilhosa, não é, Ivan?

Ivan não hesitou quando respondeu:

— É.

— Tenho certeza de que a Zangada estava linda.

Mas houve uma pausa antes de Ivan perguntar:

— Quem é a Zangada? Jasmine?

— Sim.

Ninguém disse nada por um segundo antes que Jojo se intrometesse:

— Ela odiava a Branca de Neve quando era pequena.

— Por quê?

Foi minha mãe quem respondeu.

— Porque ela... como ela costumava chamá-la? Uma peidona preguiçosa que se aproveitava dos homens?

Jojo começou a rir daquele jeito que me fazia sorrir.

— Ela costumava ficar tão brava assistindo. Lembra? Ficava sentada em frente à televisão, conversando com ela mesma. Ela odiava, mas ainda assim assistia repetidamente.

Então Ruby começou a rir.

— Ela andava por aí dizendo que a Branca de Neve não era tão bonita e, mesmo que fosse, precisava ter um pouco de respeito por si mesma. Ela nem sabia o que isso significava, mas ouviu você, mãe, dizer isso uma vez e ficou gravado na memória dela.

Então minha mãe começou a rir.

— Foi por isso que começamos a chamá-la de Zangada. Ela disse que ele era o único inteligente de todos os anões, porque sabia que tinha um motivo para estar de mau humor. Trabalhavam na mina o dia todo e depois tinham que cuidar de uma garota que não fazia nada. — A risada dela aumentou. — Oh, aquela garota. Todos podem se culpar pelo que ela se tornou. Jasmine tem um pouco de vocês. Ivan, a culpa é deles.

Houve outro momento e, em seguida:

— Ela é meu ídolo — falou Ruby, que ganhou uma risada rouca que tinha que ser Aaron.

— Aquela é a minha garota — minha mãe ecoou.

Meu nariz coçou, e meus olhos podem ter começado a arder.

Ok, mais do que um pouco.

Eu tive que piscar e ouvi-los rir enquanto me recompunha e sentia aquela sensação agradável e quente no meu peito crescendo, crescendo, crescendo. Isso me fez sentir melhor. Melhor do que eu me senti na noite anterior, depois que Ivan foi tão gentil.

Depois de mais algumas engolidas em seco e piscadelas que garantiram que eu voltasse ao normal, fui para a cozinha e encontrei todo mundo, exceto o marido da minha mãe, na ilha. Ben estava ocupado mexendo no fogão o que eu sabia que era uma panela gigante de seu chili incrível, de costas para o grupo. Havia um assento vazio entre Ivan e minha irmã, e outro entre Aaron e Jonathan.

Sentei-me ao lado de Ivan.

E, por algum motivo que eu não compreendia, enfiei a mão do meu lado até a coxa mais próxima da minha e a apertei. Não era um aperto cruel, apenas um normal, não muito duro nem muito leve. Amigos faziam isso, não faziam?

— Jas — Ruby começou a dizer enquanto se inclinava sobre a ilha e me lançava um sorriso cuidadoso que me deixou desconfiada. — Eu sei que você está realmente ocupada...

Por que meu estômago revirou?

— Mas lembra que conversamos sobre você ficar com as crianças há algumas semanas? Você acha que ainda pode? — Ela sorriu. — Tudo bem se não puder.

Meu estômago revirou. Era cedo demais. Era muito cedo. Mas eu poderia lidar com isso. Gostaria, aliás. Eu poderia ser uma pessoa melhor.

— Eu não esqueci — disse a ela, tentando ignorar a tensão em torno do centro do meu corpo. — Posso cuidar deles.

— Você tem certeza? Porque...

Tentei sorrir para ela. Tentei dizer que a amava e que, sim, eu também amava os filhos dela. Faria qualquer coisa por eles. Mas, em vez disso, eu disse o mais suavemente possível:

— Sim. Com certeza. Eu posso.

— Nós podemos também — Jojo falou.

Eu olhei para ele.

— Não. Eu posso tomar conta deles. Arrume seus próprios sobrinhos.

Jojo revirou os olhos e voltou-se para Pequenina.

— Eu posso cuidar deles quando você quiser, Rubes. Eles não precisam do bebê de Rosemary ali esfregando-se neles.

— Você realmente quer que o Shrek Junior aqui seja quem Benny vai encontrar quando acordar? — perguntei à minha irmã, olhando para o meu irmão.

— Eu tenho altura média — afirmou Jojo.

— Claro, bebê — retruquei, sorrindo para ele de verdade. — De qualquer forma, você não disse que não se parece com Shrek, então...

Jonathan decidiu coçar a testa. Com o dedo do meio.

— Vocês dois poderiam parar? — Mamãe finalmente suspirou.

— Você não se parece com Shrek, Jojo — acrescentou Ruby. — Mais como o Burro, eu acho.

Jonathan apenas piscou para ela antes de deslizar os olhos para

mim e dizer:

— Você é uma péssima influência.

— Sua mãe.

Meu irmão olhou para Ivan ao meu lado, seu dedo médio coçando a testa — para mim, é claro —, e disse:

— Ivan, se você acidentalmente tropeçar e deixá-la cair, nenhum de nós o culpará. De verdade.

O lado de uma coxa tocou meu joelho e, um segundo depois, a palma da mão que eu conhecia muito bem também me tocou.

— Vou manter isso em mente. Talvez durante um campeonato mundial — meu parceiro disse.

E eu não podia nem ficar brava ou magoada.



— Você não precisa vir comigo — eu disse a Ivan quando saltamos do carro dele, estranhando o formigamento na minha garganta que estava me incomodando o dia todo. Eu me culpei por deixar minha garrafa de água no carro e não ter a chance de correr para pegá-la, ou então enfrentar a ira de Nancy Lee.

Ele bufou, e eu jurava por Deus que ele revirou os olhos.

— Eu já disse que faria.

— Eu sei disso, espertinho, mas você ainda pode desistir. Minha irmã ou o marido dela podem me dar uma carona mais tarde, se você quiser ir embora — sugeri, esperando por ele no caminho até a casa da minha irmã, já que o lado do passageiro estava mais perto do meio-fio.

Ivan deu de ombros e balançou a cabeça de cabelos negros.

— Eu não estou desistindo. É só... quanto tempo você disse que seria? Três horas?

— Quatro horas — eu o corriji.

Ele pareceu pensar nisso quando se aproximou de mim antes de inclinar a cabeça para o lado, chegando a qualquer conclusão.

— Eu passo quatro horas te erguendo, são apenas duas crianças, não pode ser tão difícil.

Obviamente, aquele homem nunca havia tomado conta de uma criança antes, se achava que não era tão difícil, mas eu não estava disposta a dizer isso a ele. Eu estava ansiosa para vê-lo lidar com uma criança e um bebê.

— Tudo bem, não diga que eu não te avisei.

Ivan torceu o rosto perfeito e simétrico quando paramos em frente à porta.

— Me dê algum crédito, vamos apenas cuidar de crianças. Não é ciência de foguetes.

Eu o cutuquei com o cotovelo antes de estender a mão e bater na porta.

Ele me deu uma cotovelada de volta.

Como diabos chegamos a esse ponto?

Meu maldito carro não pegou. *De novo*. E meu tio não atendeu ao telefone quando liguei e eu não podia me dar ao luxo de ligar para um reboque. Havia passagens de avião e quartos de hotel para os quais eu estava tentando economizar, e comida, seguro, uma conta de energia elétrica que pagava como minha parte nas despesas de casa e outras contas diversas que recebia todos os meses. Bem na mesma hora que eu estava debatendo sobre para quem ligar para ir me buscar, surgiu o desagradável som de buzina que durou talvez dez segundos e me fez pular quando tocou pela primeira vez, vinda de um carro preto elegante. Seguindo a buzina, uma janela do lado do motorista estava sendo aberta e um rosto muito familiar espiou por cima da borda do vidro.

— Problemas com o carro de novo? — Ivan perguntou do seu lugar ao volante com os óculos escuros cobrindo os olhos.

Suspirei, depois assenti.

— Você precisa de um novo.

Eu só olhei para ele.

— Ok, isso eu já entendi.

Ele fez uma careta de volta.

— Entre.

— Eu não vou para casa — disse a ele.

Aqueles óculos de sol pretos foram apontados diretamente para mim quando sua mandíbula se contorceu em uma careta. Então, ele falou:

— O quê? Você tem um encontro?

— Não, idiota. Vou ser babá hoje à noite.

A expressão no rosto dele mudou instantaneamente, mas não pensei nisso.

— Vou para a casa da minha irmã — terminei, lembrando-o sobre o que Ruby e eu conversamos na frente dele há uma semana.

Ivan empurrou os óculos logo acima dos olhos com a ponta do

dedo.

— Entre, então.

— É mais longe do que a casa da minha mãe.

— Quanto mais longe?

Eu disse a ele de que lado da cidade ficava e vi que ele fez uma careta.

— Quanto tempo você vai ficar lá?

— Cerca de quatro horas — disse, ouvindo a hesitação na minha voz, principalmente porque eu me perguntava para onde diabos ele deveria estar indo que estava tão preocupado com quanto tempo levaria.

Então ele fez uma cara pensativa e falou:

— Tudo bem. Um segundo. — Ele deve ter pegado o telefone, porque a próxima coisa que percebi foi que estava concentrado em algo em seu colo, dizendo:

— Mais um segundo.

Para quem ele estava mandando mensagens? E quais eram as mensagens?

Eu mal comecei a me fazer as perguntas, quando ele olhou para trás e declarou:

— Tudo bem. Se forem apenas quatro horas, eu posso levá-la até lá e deixá-la em casa depois.

Espere. Depois?

— Você vai voltar para me buscar? — perguntei com uma careta.

Ele beliscou a boca daquele jeito que costumava me deixar louca porque parecia que ele pensava que eu era uma idiota.

— Não. É do outro lado da cidade de onde eu moro, gênio. Vou tomar conta das crianças com você e depois te levo de volta... contanto que sejam apenas quatro horas. Eu preciso estar em casa depois disso.

Por que ele tinha que estar em casa? Alguém estava esperando por ele? Ele... tinha namorada?

— Você vai entrar? — ele continuou.

Não era da minha conta. Não mesmo.

Não, não era da minha conta.

E eu não iria pensar demais no aperto que senti no meu peito.

— Você pode só me deixar lá e um deles me leva para casa depois. Não precisava ver os olhos dele para saber que os estava revirando.

— Cale a boca e entre. Eu posso levá-la desde que não demore mais do que isso.

Ele tinha namorada, não tinha?

— Você não precisa ficar — comecei a dizer antes que ele me cortasse.

— Entre, Almôndega — ele exigiu, já fechando a janela.

E, com um olhar duro e um lembrete de que o que ele faria depois não tinha nada a ver comigo, eu entrei. Ele nos levou até a casa da minha irmã, onde estávamos naquele momento, e eu estava esperando na calçada, argumentando com ele depois de termos discutido se ele dirigia devagar ou eu que dirigia rápido.

Ele dirigia devagar.

Foi assim que me encontrei na frente da casa de Ruby com Ivan ao meu lado.

— Estou indo! — Ouvi minha irmã falar do outro lado da porta. Um segundo depois, esta se abriu e ela surgiu com um grande sorriso que me fez sentir como se eu fosse capaz de matar alguém e comer seu coração por ela. — Jas. — Ela hesitou apenas um segundo antes de dar um passo à frente e passar os braços em volta de mim.

Abracei-a de volta, decidindo manter minha boca fechada sobre a pausa que ela fez antes de me tocar. Eu nunca quis que ela me abraçasse? Não conseguia lembrar, e a possibilidade de eu tê-la feito pensar duas vezes antes de fazer algo como me abraçar fez meu estômago se revirar.

Eu poderia consertar isso. Poderia trabalhar nisso.

Recuando, inclinei a cabeça em direção a Ivan ao mesmo tempo em que seus olhos se voltaram para ele.

— Eu trouxe reforços para cuidar dos seus bandidinhos.

O rosto da minha irmã ficou corado instantaneamente e ela assentiu com força, seus olhos passando de mim para Ivan e voltando novamente.

— Oi, Ivan — ela conseguiu dizer.

Ivan sorriu gentilmente. Então, ele estendeu a mão para ela, e, quando ela fez o mesmo, ele a pegou e cumprimentou-a.

— Prazer em vê-la novamente, Pequenina. — Ele deu um sorriso encantador que me deixou desconfortável por algum motivo. — Você não se importa se eu te chamar assim, não é?

Minha irmã piscou, e eu também. Mas eu sabia que a reação dela não era porque Ivan era bonito ou algo assim. Seu marido era gato de uma maneira completamente diferente, mas tanto quanto Ivan. E ela estava loucamente apaixonada por ele.

Ela era apenas tímida.

E ninguém a chamava de Pequenina além da família. Pelo menos até onde eu sabia, nem Aaron a chamava assim.

— Eu não me importo — ela sussurrou, seus olhos indo para mim e depois para ele. — Você é quase da família agora, certo?

Quase da família? Afastei a ideia assim que Ivan me cutucou e dei uma cotovelada nele de volta.

— Entre — Ruby convidou, dando um passo para trás. — Estamos prontos para sair. Vamos apenas jantar e ir a... eh, uma loja depois. — Por loja, eu podia apostar meu rim que se tratava de uma de quadrinhos, mas eu sabia que ela não iria admitir porque Ivan estava ali. — Não devemos demorar muito.

Dei de ombros e entrei na casa onde estive várias vezes no ano passado, desde que ela se mudou de volta para Houston, depois de passar os últimos quatro anos vivendo em Washington com o marido enquanto ele estava no exército. Ele se formou nos últimos anos e conseguiu um emprego no Hospital de Veteranos fazendo... algo com veteranos. Eu era uma cunhada de merda por não saber exatamente o que ele fazia. Realmente precisava perguntar a Ruby.

— Está bem. Faça o que você quiser. Não tenho mais nada a fazer hoje além de dormir — disse a ela, sem mencionar que Ivan precisava ir embora antes de quatro horas para fazer o que quer que ele precisasse fazer.

— Oi, Jasmine — uma voz agradável chamou do corredor um momento antes de o homem alto e loiro caminhar em nossa direção.

— Oi, Aaron — eu disse, apoiando-me nos calcanhares. — Aaron, você se lembra de Ivan.

O bonitão, que eu jurei que poderia ter tido uma carreira de sucesso como gigolô se não estivesse no exército, estendeu a mão para mim, e eu o cumprimentei. Ele então se virou para Ivan e estendeu-a também, e Ivan a apertou.

— Prazer em vê-lo novamente — falou meu cunhado, dando um passo para trás para ficar lado a lado com minha irmã. — Obrigado por cuidar das crianças.

Dei de ombros, mas Ivan respondeu:

— Sem problema.

— Vamos indo para voltarmos mais rápido — Aaron nos informou, inclinando-se para beijar minha irmã na testa.

Ruby assentiu.

— Você sabe onde está tudo. Os dois estão lá em cima agora. Eles comeram. Benny está dormindo na nossa cama. Eu não quis movê-lo para não acordá-lo. Ainda estamos trabalhando no uso do penico com ele...

Gesticulei para ela.

— Não se preocupe com isso. Eu dou conta. — Olhei para Ivan parado ali e tentei imaginá-lo trocando uma fralda... e não consegui. — Nós podemos lidar com isso.

Talvez. Pelo menos eu poderia.

Com outro beijo na testa que Aaron deu em Ruby, eles saíram, trancando a porta. A fechadura mal fechou quando ouvi um choro no andar de cima.

— Vamos ao trabalho — eu disse, apontando para as escadas.

Ivan assentiu, depois me seguiu pelas escadas da bela e grande casa de quatro quartos no subúrbio.

Os bebês da minha irmã dividiam o mesmo quarto. Havia dois berços montados em lados opostos, um branco e o outro em tom de madeira. Fui direto para o branco, vendo o corpo pequeno e contorcido deitado de bruços. Jessie estava chorando tão alto que eu estremeci quando a peguei e a trouxe para o meu peito, embalando-a. Ela era tão pequena... e mesmo assim chorava tão alto.

Eu a balancei, sussurrando:

— Shh, shh, shh. — Balancei-a um pouco do jeito que ela gostava, antes de me virar e encontrar Ivan parado na porta, sorrindo como um idiota.

— O que foi?

Jessie continuou chorando.

— Você a pegou como se não fosse nada — explicou, seus olhos indo de mim para o bebê e voltando, como se fosse um milagre ou

algo assim.

— Ela é apenas um bebê, não uma granada — falei, ainda sussurrando *shh, shh, shh* e andando de um lado para o outro para tentar acalmar meu neném favorito. Sempre usava esse truque. Eu sorri para o rosto bonito e chateado.

— Eu não sabia que você gostava de crianças — Ivan murmurou, ficando ao meu lado, arqueando o pescoço para olhar a criança nos meus braços.

Sorri para Jess, sabendo que ele não podia me ver, e torci o nariz.

— Eu amo crianças.

O *Sério?* que ele disse não me surpreendeu nadinha.

Levantei o bebê um pouco mais, seu choro diminuindo até que se tornasse apenas um gemido. *Bingo. Jasmine, a encantadora de bebês.*

— Oh, sim — eu disse suavemente, mantendo minha voz leve. — Eu gosto de crianças. Simplesmente não gosto de adultos.

— Você não gosta de adultos? Eu não acredito nisso. — Ivan bufou, virando o pescoço para me dar um sorriso antes de se concentrar novamente no bebê. Seu dedo subiu e tocou uma das bochechas de Jessie docemente, provavelmente absorvendo a suavidade, como se fosse uma das primeiras vezes que ele ficava perto de um ser humano tão pequeno.

— Cale a boca.

Eu podia ouvi-lo respirar suavemente.

— Ela é tão suave e pequena. Eles são sempre tão pequenos?

Observei o rostinho dela, sabendo que sob as pálpebras havia olhos azuis brilhantes que um dia poderiam ser do mesmo tom dos da minha mãe.

— Ela nasceu com mais de três quilos; isso é muito grande para o quão pequena minha irmã é — expliquei. — Benny também é um garoto grande, eles puxaram ao pai. — Baixei minha cabeça para dar um beijo na testa de Jessie enquanto ela dava um gritinho de bebê agitado. — As crianças são inocentes. Elas são meigas, honestas. São fofas. Elas sabem o que é certo e errado melhor do que os adultos. Como não gostar?

— Elas são barulhentas.

Olhei para ele pelo canto do olho e limpei a garganta, tentando

ignorar o formigamento que vinha dela.

— Você é barulhento.

Seu olhar já estava em mim quando ele disse:

— Elas fazem birras às vezes.

Olhei para o teto.

— Ainda parece que você está se descrevendo.

Ivan riu o mais silenciosamente possível.

— Elas choram.

Fiz uma careta para ele, que o fez sorrir — aquele sorriso puramente branco.

— Cale a boca. Eu nunca choro — ele sussurrou.

— Reclamar... chorar... a mesma coisa.

— Você é uma mentirosa.

Balancei a cabeça e olhei para Jessie, minha sobrinha.

— Eu amo bebês, especialmente esses. Meus bebês — sussurrei, movendo-a ainda mais nos meus braços. Jessie deu um gemido, e eu a movi novamente para segurá-la e sentir o cheiro da sua fralda. Cheirava bem. Ela puxou à minha irmã, seu cocô era bem fedido quando saía.

— Estes são seus únicos bebês? — Ivan perguntou do nada.

— Não, tenho outra sobrinha, do meu irmão mais velho. Ela é adolescente agora.

— Vocês são próximas?

Olhei para Jessie novamente, pensando em todas as maneiras que falhei com minha outra sobrinha. Eu não tinha participado muito da vida dela. Ela tinha uma tia favorita e não era eu. A única pessoa que eu poderia culpar era a mim mesma.

— Mais agora, mas não o suficiente. Eu era muito nova quando ela nasceu e, uma vez que não estava... não passei tempo suficiente com ela, entende o que quero dizer? Ela era um bebê, e rapidamente deixou de ser. Era tarde demais quando percebi.

Claro que ele sabia o que eu queria dizer com tempo perdido. Eu não sabia como. Mas ele sabia.

— Sim, eu sei — ele concordou. — Isso faz parte. — Pelo canto do olho, eu podia vê-lo olhando para mim. — Não se apegue a isso. É inútil e você sabe.

Dei de ombros.

— Você diz que é fácil, mas sabe que não é. Eu não deveria me importar se minha irmã mais velha é a tia favorita dela, mas isso me incomoda — eu disse a ele por algum motivo. — Sou uma má perdedora, provavelmente é isso.

Algo tocou meu ombro e vi que era a mão de Ivan.

— Você é uma má perdedora mesmo.

O sorriso que dei a ele não era um que eu estava totalmente sentindo.

— Você provavelmente será a favorita desta. — Ele tocou a bochecha de Jessie novamente.

— Estou trabalhando nisso. É o meu objetivo. Pela primeira vez, posso ser a favorita de alguém.

O jeito que ele virou a cabeça devagar me deixou cautelosa. Então ele sussurrou:

— O que isso quer dizer?

Dei de ombros novamente, afastando aquela sensação pesada que surgira dentro de mim. Eu estava tentando consertar as coisas. Tudo ficaria bem.

— Nada. Só que eu posso ser a favorita de alguém da minha família, então escolhi Jessie porque ela é como uma lousa em branco.

Sua expressão deveria me dizer algo, mas não disse.

— Ainda não entendi. Explique.

Revirei os olhos.

— Eu disse o que eu disse. O favorito da minha mãe é o meu irmão Jonathan. A favorita do meu pai é minha irmã Ruby.

— *O quê?*

Dei de ombros.

— Eles têm favoritos. Todo pai e mãe têm. A pessoa favorita de Ruby é minha irmã, Tali. A favorita de Tali é Ruby. A favorita de Sebastian e Jojo também é Ruby. Está tudo bem!

Não é que Ivan tivesse feito uma careta — porque não fez mesmo —, pelo menos não uma careta que 99,99% das pessoas teriam notado. Mas era isso mesmo. Eu era o 0,01% que notava. Porque notava mesmo. O que ele fez, e eu sabia que era mais um reflexo do que algo intencional, foi flexionar os músculos da mandíbula. Foi rápido. Apenas uma flexão rápida que foi o movimento mais breve e

insignificante que eu provavelmente já tinha visto.

Mas eu vi.

— O que foi? — perguntei a ele, ainda fazendo a mesma cara.

Ele não pareceu surpreso ao ser pego e, daquela forma bem típica de Ivan, ele não tentou me enganar nem mentir.

— Quem é o seu favorito? — ele quis saber, com aquele olhar cinza-azulado intenso.

Olhei para o bebê em meus braços e sorri para seu rostinho.

— Ambos os bebês.

Ivan engoliu tão áspero que eu notei, e o que também notei foi quão rouca sua voz soou quando ele me fez outra pergunta.

— Na sua família, Almôndega. Na sua família imediata, quem é o seu favorito?

Eu nem precisava pensar nisso. Nem por um segundo. Nunca. Eu com certeza não precisava olhar para ele enquanto respondia.

— Todos eles.

Não havia descrença em seu tom quando ele jogou minhas palavras de volta para mim.

— Todos eles?

Dando um beijo na testa da neném, eu disse:

— Sim. Todos eles. Eu não tenho um favorito.

Ele fez uma pausa. Então perguntou:

— Por quê?

A dor no meu peito foi tão abrupta que quase me deixou sem fôlego.

No entanto, foi dolorido. Só um pouco. Apenas o suficiente. Mas, sim. Não importava o quão raro acontecesse, sempre sentia o mesmo.

Então, não olhei para aquele homem com quem passava quase o dia todo, todos os dias, enquanto respondia.

— Porque eu amo todos igualmente.

Mas aquele bastardo não deixou passar.

— Por quê?

— Como assim por quê? Eu simplesmente amo — disse, ainda evitando contato visual, tentando me fazer de indiferente, olhando para Jessie como se eu não tivesse memorizado o rosto minúsculo

em meus braços.

O problema dos atletas — das pessoas em geral que têm essa necessidade de vencer tudo e qualquer coisa — é que eles não sabem o significado de desistir... de deixar as coisas acontecerem. Esse conceito é estranho para eles. Então, por que eu esperava que o homem que era ainda mais competitivo do que o mais competitivo que eu conhecia — que era eu — fosse deixar algo de lado, eu simplesmente não entendia.

Então, eu não deveria ter ficado surpresa quando ele continuou e fez a única pergunta que eu absolutamente não queria responder.

— Mas por que, Jasmine? — Ele fez uma pausa, deixando as palavras realmente serem absorvidas. — Por que você os ama igualmente?

O problema de odiar mentiras era que, quando você queria usar uma, doía como um filho da puta pegá-la, segurá-la e decidir o que fazer com ela... sabendo que iria doer. Talvez isso me tornasse uma idiota fraca, mas eu reconhecia e aceitava. Então disse a verdade.

— Porque todos têm coisas boas e más. Eu não guardo rancor contra eles — expliquei a Ivan, não querendo de verdade, mas precisando. O que havia de tão errado com a verdade, exceto o fato de ela doer loucamente?

Olhei para Ivan antes de continuar, porque não queria que ele pensasse que eu estava envergonhada. Eu não queria fazer isso parecer algo maior do que era. Caso contrário, ele consideraria mais do que deveria, e eu definitivamente não desejava isso. Então disse a ele:

— Quero que eles saibam que os amo do jeito que são. Não quero que nenhum deles se sinta mal pensando que gosto mais de um do que do outro.

E então era isso. Eu não conseguiria retirar o que disse.

As palavras pairavam no ar, entre Ivan e mim. Girando, girando, girando, elas ficaram lá.

Ele não disse nada.

Ele não disse uma palavra enquanto permaneceu parado, todo grande e perfeito, encarando-me com aqueles olhos azuis por tanto tempo que eu me senti inquieta, mas ele era a última pessoa no mundo para quem eu demonstraria isso, fôssemos amigos ou não. Ele já vira a pior versão de mim. Não precisava perceber o quanto falar

sobre favoritismos realmente me fazia sentir.

Então, em vez disso, revirei os olhos e perguntei:

— Que tal você olhar para outra coisa agora? Está me fazendo sentir estranha.

Como aquele idiota respondeu?

— Não.

Eu o ignorei.

Felizmente, Benny entrou no quarto, com as roupas amarrotadas, o rosto inchado e fofo, e disse:

— Estou com fome, Jazzy.

Salva pelo gongo, agarrei a oportunidade antes que ela escapasse e eu acabasse presa falando sobre coisas sobre as quais não queria pensar mais do que já o fazia.

— Ok, Benny. — Olhei para Ivan e perguntei: — Você quer o bebê ou a criança?

Seu rosto ficou alarmado tão rápido que me fez rir.

— Eu preciso escolher um?

— Por que você acha que eu te trouxe? Sim.

Ivan piscou antes que seu olhar deslizasse de Benny, que ainda estava meio adormecido na porta, para o rosto adormecido de Jessie.

— Os dois são bebês — disse ele, como se fosse novidade.

Foi a minha vez de piscar.

Ivan mordeu o lábio rosado e olhou para o menino ali, de pé, tão sonolento que provavelmente nem mesmo compreendia totalmente que não éramos seus pais. Então ele decidiu:

— Eu vou escolher o bebê.

Não deixei a surpresa aparecer no meu rosto. Eu tinha certeza de que ele escolheria Benny ao invés de Jessie.

— Ok. Aqui. — Fiquei na frente dele, já estendendo meus braços.

Seu rosto *quase* me fez rir.

— Eu nunca peguei um bebê antes — ele murmurou, seu corpo todo tenso.

— Você consegue.

Isso o fez olhar para mim enquanto ele arrumava seus braços da mesma forma que eu.

— Claro que consigo.

Eu ri, e isso o fez sorrir. Foi muito fácil transferir o bebê dos meus braços para os dele. Ele agiu naturalmente, deslizando a dobra do cotovelo sob a cabeça dela e depois aproximando-a do seu corpo.

— Ela é tão leve — ele comentou no segundo em que Jessie estava totalmente em seus braços.

— Ela tem apenas alguns meses — expliquei, já me virando para Benny.

Ivan riu.

— Isso não significa muito. Você também é pequena, mas é pesada pra caramba.

— Ah, cale a boca. Eu não sou tão pesada. — Eu me virei para olhá-lo por cima do ombro enquanto estendia meus braços para o meu sobrinho.

— Você é. Você é a parceira mais pesada que já tive.

— São músculos.

— É assim que vamos chamar?

Eu ri quando Benny veio em minha direção, ainda esfregando o rosto.

— Ok, Sininho, você também não é exatamente leve — rebati antes de envolver meus braços em volta do meu menininho de três anos favorito, pegando-o no colo.

Ivan riu baixinho enquanto erguia o bebê até seu rosto da mesma maneira que fiz momentos atrás.

— Eu não tenho que ser. É tudo músculo.



— Não sei por que as pessoas reclamam tanto. Isso é fácil — Ivan declarou, segurando a mamadeira na boca de Jessie enquanto ela sugava com fome.

Eu odiava admitir o quão fácil essa merda de ser babá era com Ivan. Provavelmente não deveria ter sido. Mas era.

A segunda vez que Jessie começou a chorar, daquela vez em seus braços, ele meio que deu um pulo, franziu a testa, lançou-me uma expressão de pânico, e, antes que eu pudesse lhe dizer o que fazer, ele começou a cantarolar e balançá-la por conta própria. Seu *shh*,

shh, shh soava estranho. Eu não tinha cronometrado nem nada, mas, mais ou menos um minuto depois, seus gritos de gatinho se transformaram em gemidos e, mais um minuto depois, ela parou completamente. Eu quase poderia dizer que era um talento natural, mas ele não precisava daquela merda inflando seu ego. Já se achava demais.

E então ele me surpreendeu um pouco mais.

Quando ela chorou não muito tempo depois disso, e eu disse a ele que ela provavelmente precisava de uma troca de fraldas, tudo o que ele disse foi:

— Tudo bem. — Então, quando me ofereci para trocar, enquanto ele pegava Benny, ele declarou: — Eu posso fazer isso. Diga-me o que fazer. — E foi isso. Ele trocou a fralda e só fez careta duas vezes.

Ele era infinitamente paciente. Não se cansava. Não reclamava.

E não deveria ter me surpreendido. Realmente não deveria. Eu o via ser paciente, incansável, sem reclamar, todos os dias durante semanas e semanas. Ele conseguia isso com a patinação artística. Mas não pude deixar de pensar que talvez eu não o conhecesse tão bem quanto pensava.

— Já passei a noite sozinha com eles antes. Faça isso e depois me diga se é fácil. Não sei como minha irmã não é um zumbi — falei enquanto estava deitada no chão ao lado de Benny, entregando-lhe blocos com os quais ele estava construindo um castelo. Ou algo que parecia um castelo.

— Eles acordam muito de madrugada, né?

— Sim, especialmente quando são tão pequenos. Ruby e Aaron são extremamente pacientes; são bons pais.

— Eu poderia ser um bom pai — Ivan sussurrou, ainda alimentando Jess.

Eu poderia ter lhe dito que ele seria bom em qualquer coisa que quisesse, mas não fiz isso.

— Você quer ter filhos? — ele me perguntou do nada.

Entreguei a Benny outro bloco.

— Daqui a muito tempo, talvez.

— Daqui a muito tempo... tipo quanto?

Isso me fez olhar para Ivan por cima do ombro. Ele tinha toda a atenção focada em Jessie, e eu tinha certeza de que estava sorrindo

para ela. Hãã.

— Com uns trinta e poucos anos, talvez? Eu não sei. Vou ficar bem se não tiver nenhum também. Nunca pensei muito nisso, exceto por saber que não quero tê-los tão cedo. Entende o que quero dizer?

— Por causa da patinação artística?

— Por que mais? Eu mal tenho tempo suficiente agora. Não conseguiria me imaginar tentando treinar e tendo filhos. O pai do bebê teria que ser rico e ficar em casa para que isso funcionasse.

Ivan torceu o nariz para minha sobrinha.

— Conheço pelo menos dez patinadoras que têm filhos.

Revirei os olhos e cutuquei Benny na lateral do seu corpinho quando ele estendeu a mãozinha para outro bloco. Isso me rendeu um sorriso banguela.

— Não estou dizendo que é impossível. Só não quero fazer isso tão cedo. Não quero ser descuidada nem me arrepender. Se eles vierem, quero que sejam minha prioridade. Eu não gostaria que pensassem que estão em segundo plano para mim.

Porque eu sabia como era isso. E já cometi muitos erros ao fazer adultos crescidos que eu amava pensarem que não eram importantes. Se eu fosse ter um filho, queria fazer o meu melhor e dar tudo a ele.

Tudo o que ele disse foi:

— Humm.

Um pensamento veio à minha cabeça e fez meu estômago revirar.

— Por quê? Você está planejando ter filhos logo?

— Eu não estava — ele respondeu imediatamente. — Mas gosto deste bebê e daquele. Talvez eu precise pensar sobre isso.

Eu fiz uma careta, a sensação no meu estômago ficando mais intensa.

Ele continuou tagarelando.

— Eu poderia começar a treinar meus filhos muito jovens.... Eu poderia ser o treinador deles. Humm.

Foi a minha vez de torcer o nariz.

— Três horas com dois bebês e agora você quer ser pai?

Ivan olhou para mim com um sorriso.

— Com a pessoa certa. Eu não vou tê-los com qualquer uma e contaminar minha linhagem.

Revirei os olhos para aquele idiota, ainda ignorando a sensação estranha na minha barriga que eu não conseguia reconhecer.

— Deus permita que você não tenha filhos com alguém imperfeito. Idiota.

— Não é? — Ele bufou, olhando para a bebê antes de me olhar com um sorriso do qual eu não era fã. — Eles podem sair baixos, com maldosos olhos pequenos e boca grande, ossos pesados e um temperamento ruim.

— Espero que você seja sequestrado por alienígenas.

Ivan riu, e o som me fez sorrir.

— Você sentiria a minha falta.

Tudo o que eu disse, enquanto encolhia os ombros, foi:

— Meh. Sei que voltaria a vê-lo algum dia...

Ele sorriu.

— ... no inferno.

Isso mudou a expressão dele.

— Eu sou uma boa pessoa. As pessoas gostam de mim.

— Porque não te conhecem. Se conhecessem, alguém já teria te chutado.

— Elas poderiam tentar — ele respondeu, e eu não pude deixar de rir.

Havia algo errado conosco. E eu não odiava isso. Nem um pouco.



Capítulo Quatorze

— O que você tem? — Ivan disparou cerca de cinco segundos depois de sairmos de um giro sentado, o mesmo no qual tropecei um segundo antes, aterrissando de bunda. O mesmo no qual perdi o equilíbrio nas últimas seis vezes que fizemos. O mesmo giro que eu normalmente fazia repetidas vezes, uma variação após a outra, um giro voador quase sentado, uma queda mortal com um giro... Normalmente não era grande coisa.

A menos que seu corpo inteiro estivesse queimando, todos os músculos desde os joelhos até o queixo doessem e sua cabeça parecesse que estava prestes a explodir.

Além disso, minha garganta parecia que eu tinha mastigado uma lixa, e apenas me levantar do chão estava exigindo um grande esforço.

Eu me sentia uma merda.

Uma merda total e completa. Estava assim a manhã toda. Tinha certeza de que havia acordado no meio da noite — o que nunca acontecia —, porque minha cabeça doía e minha garganta queimava como se eu tivesse engolido um copo de lava por diversão.

Mas não contei a Ivan ou a Lee sobre isso.

Com apenas um dia antes de começarmos a trabalhar na coreografia, não tínhamos tempo para eu ficar doente. Desde a manhã do dia em que Ivan e eu cuidamos dos filhos de Ruby, uma coisa após a outra apareceu. Minha garganta formigou, depois um pouco mais. No outro dia, minha cabeça parecia estranha. Então comecei a ficar cansada. Então tudo passou a doer, e pronto. A febre veio. E todo o resto decidiu ficar doente de verdade.

Droga!

Deitada de costas, o gemido que saiu de mim foi uma

consequência do quanto minha cabeça estava latejando. Não conseguia me lembrar da última vez que meu equilíbrio esteve tão ruim. Talvez nunca?

— Você está de ressaca? — Ivan perguntou de onde diabos ele estava.

Comecei a sacudir a cabeça e imediatamente me arrependi quando a vontade de vomitar me chutou bem no estômago.

— Não.

— Você ficou acordada ontem à noite, não foi? — ele acusou, o zunido silencioso de suas lâminas no gelo me dizendo que ele estava chegando mais perto. — Você não pode treinar quando está exausta.

Girando e depois ajoelhando-me, tudo que eu tinha energia para fazer era mexer os dedos da mão.

— Eu não fiquei acordada, imbecil.

Ele bufou, o preto de suas botas aparecendo.

— Você está cheia de... — Eu vi a mão dele alcançando meus braços muito tarde. Tão tarde que não havia nenhuma maneira, nenhuma porra de maneira, levando em consideração o quanto eu me sentia uma merda, de que eu pudesse ter me movido antes que ele me tocasse. Suas mãos me agarraram logo acima dos cotovelos e rapidamente me soltaram.

Eu estava com tanto calor que tirei o pulôver que vestia sobre minha blusa há mais de uma hora, deixando meus braços expostos. Se eu pudesse ter tirado todo o resto também, teria feito isso.

As mãos de Ivan foram para os meus antebraços, agarrando-os por um segundo e depois os soltaram também.

— Jasmine, que porra é essa? — ele sussurrou, suas mãos indo para as minhas bochechas enquanto eu apenas esperava, sentada no gelo, porque não tinha energia para mais nada. Se pudesse me deitar no gelo em posição fetal, faria isso. Ele segurou meu rosto por um momento, depois moveu a outra mão para cima, para tocar minha testa, xingando tão baixinho em russo que eu ficaria impressionada, se fosse qualquer outro dia. — Você está queimando.

Eu gemi com a frieza de suas mãos em mim e sussurrei:

— Não brinca.

Ele ignorou meu comentário espertinho e apalpou a parte de trás do meu pescoço, ganhando um gemido direto da minha boca. Jesus,

a sensação era boa. Talvez eu pudesse me deitar no gelo por um minuto.

— Ela está com febre? — Ouvi fracamente a treinadora Lee perguntar quando comecei a me abaixar lentamente, das mãos fui me apoiar nos cotovelos, depois os cotovelos se abriram até que eu estava esparramada como uma águia no gelo, com a bochecha colada nele, braços e palmas das mãos também.

Estava frio pra caramba, mas era incrível.

Eu podia ouvir Ivan conversando com Lee, suas palavras se tornando cada vez mais fracas a cada segundo.

— Me dê um minuto — pedi o mais alto que pude, sentindo a frieza em meus lábios e seriamente tentada a lambê-la.

Mas não estava doente o suficiente para esquecer como as lâminas de algumas pessoas eram sujas.

Eu ouvi algo que soou como *teimosa*.

Virando o rosto para o outro lado, deixei o frio beijar minha bochecha e suspirei. Uma soneca parecia uma boa ideia. Bem ali. Naquele momento.

— Deixa pra lá, cinco minutos, por favor — sussurrei, entorpecida, tentando alcançar meu pescoço com uma das mãos, mas cansada demais para fazer isso.

— Ok, tudo bem, vire-se, Jasmine — uma voz feminina que eu tinha certeza que pertencia à treinadora Lee disse de algum lugar acima da minha cabeça.

— Não.

Três minutos. Se eu pudesse fechar meus olhos por três minutos...

Houve um suspiro e depois algo que pareciam ser dedos estavam em um dos meus ombros, puxando-o. Eu não lutei contra isso. Não me mexi, mas, de alguma forma, eles me giraram, e eu apenas permiti, caindo quase dolorosamente até que eu estava de costas, com as luzes brilhantes do teto forçando-me a fechar os olhos, porque pioravam a dor na minha cabeça. Eu tive que cerrar os dentes para não gemer.

— Dois minutos, por favor — sussurrei, lambendo meus lábios.

— Dois minutos uma ova — Ivan respondeu um momento antes de algo começar a forçar meu ombro para cima, cruzando minhas omoplatas ao mesmo tempo em que outra coisa passava por trás dos

meus joelhos, fazendo o mesmo.

— Só um minuto. Vamos. Eu vou me levantar, prometo — falei, quando me senti sendo levantada. Eu não podia ver. Ainda estava com os olhos fechados e provavelmente ficaria assim até que as luzes não estivessem me cegando.

— Eu sei que há um termômetro na sala dos professores. — Parecia a treinadora Lee falando. — Vou pegar.

— Encontro você no meu quarto. — Ouvi Ivan responder, puxando-me do gelo contra seu peito.

Oh, Deus. Ele estava me carregando.

— Coloque-me no chão. Eu estou bem — resmunguei, sentindo-me qualquer coisa menos bem, especialmente quando um arrepio percorreu meus braços e coluna, fazendo-me tremer.

— Não. — Foi a única coisa que saiu de sua boca.

— Eu estou. Eu posso treinar... — Parei de falar, fechando meus olhos bem apertados enquanto a dor de cabeça piorava e a vontade de vomitar também. — Porra, Ivan. Coloque-me no chão. Eu vou vomitar.

— Você não vai vomitar— disse ele, carregando-me e patinando ao mesmo tempo, a julgar pelos movimentos que meu corpo fazia contra seu peito.

— Eu vou.

— Não, você não vai.

— Eu não quero vomitar em você. — Ofeguei, *quase* engasgando quando a bile se revolveu no meu estômago.

— Eu não me importo se você vomitar, mas não vou colocar você no chão. Engula, Almôndega — ele disse com todo o conforto e cuidado que minha mãe usaria para falar comigo. Ou seja, nenhum.

Minha cabeça *latejava*.

— Eu vou...

— Você não vai. Segure — meu parceiro exigiu, ajeitando-me em seu colo quando começou a andar e não patinar.

— Vou me sentir melhor se vomitar — sussurrei, o som da minha voz me irritando. Minha garganta me irritando ainda mais. Mas eu não podia estar doente. Não tínhamos tempo. — Me põe no chão para que possamos voltar a treinar. Eu posso tomar um Tylenol...

— Não vamos mais treinar hoje — ele me contou com aquela voz

irritante e esnobe. — Nem amanhã.

Isso me fez gemer quando tentei levantar a cabeça, que estava contra seu ombro, e percebi que não podia fazer isso. Eu estava *arruinada*. Jesus Cristo.

— Nós precisamos...

— Não, nós não precisamos.

Engoli em seco e lambi meus lábios, mas não adiantou de nada.

— Não podemos tirar uma folga.

— Sim, podemos.

— Ivan.

— Jasmine.

— Ivan — eu basicamente gemia, sem disposição para essa merda. Minha merda ou a dele.

— Não estamos mais treinando, então pare de falar.

Só nos restava um dia. A coreografia deveria começar *amanhã*. Tentei me soltar dos braços dele, com músculos abdominais que haviam decidido tirar férias e... não consegui. Oh, meu Deus, eu não podia fazer nada.

Ivan suspirou.

— Eu vou te soltar em um minuto. Pare de se contorcer — ele ordenou, ainda me carregando, ainda andando sem esforço, sua respiração firme mesmo enquanto me segurava em seus braços.

Eu ia culpar o fato de estar tonta e exausta por fazer o que ele disse. Por ter deixado minha cabeça encostar na curva entre seu ombro e pescoço. Eu não precisava envolver meus braços em volta do pescoço dele. Não havia chance no mundo de ele me deixar cair. Isso não era nada para ele.

— Sua mãe está no trabalho? — Ivan me perguntou calmamente um momento depois.

— Não, ela... ela viajou de férias com Ben para o Havaí — respondi fracamente, apenas observando com que rapidez eu tinha enfraquecido. Outro calafrio passou por todo o meu corpo e tremi ainda mais do que antes. Droga. — Me desculpa, Ivan.

— Pelo quê? — ele perguntou, inclinando a cabeça para baixo para olhar para mim de um jeito que eu senti sua respiração contra a minha bochecha.

Eu pressionei a testa em seu pescoço frio e soltei minha

respiração, ignorando seu franzir de sobrancelhas, percebendo que não estava conseguindo parar de tremer.

— Por ficar doente. É minha culpa. Eu nunca fico doente. — Outro calafrio forte começou nos meus ombros e chegou à minha espinha.

— Está tudo bem.

— Não está. Não podemos tirar uma folga. Talvez eu possa dar um cochilo e possamos treinar novamente de noite — ofereci, cada palavra soando mais e mais longa do que a anterior. — Ficarei o tempo que você quiser.

Pela maneira como seu pescoço se moveu, ele deveria estar balançando a cabeça.

— Não.

— Sinto muito — sussurrei. — Eu realmente sinto muito.

Ele não disse uma única palavra. Não me disse que estava tudo bem. Não me disse para calar a boca novamente. E eu estava grogue demais para continuar discutindo com ele.

Mas não demorou muito para que ele nos levasse para o seu quarto no Complexo Lukov e, então, gentilmente — muito gentilmente — colocou-me no sofá para que eu pudesse ficar deitada. Estremeci novamente, sentindo calor e frio ao mesmo tempo, minhas costas doendo ainda mais do que alguns segundos atrás. Erguendo minhas mãos para cobrir meu rosto, segurei um gemido.

Era assim que se morria. Tinha que ser.

— Você não está morrendo, idiota — Ivan disse um segundo antes de algo ser colocado sobre o meu corpo e dois segundos antes de algo frio e úmido cair sobre minha testa.

Ele tinha acabado de...

Sim, ele me cobrira com um cobertor e colocou uma toalha molhada na minha testa.

— Obrigada — tive a clareza de dizer enquanto estava deitada lá, sabendo que deveria pensar no que ele havia feito, mas me sentindo mal demais para fazê-lo. Mais tarde, *mais tarde*, eu poderia apreciar o quão gentil ele estava sendo. Mas, naquele momento, parecia que minha cabeça ia explodir.

Ivan não respondeu, mas ouvi outros barulhos em segundo plano e, algum momento depois, talvez segundos, talvez minutos, houve movimento próximo aos meus pés. Alguns segundos depois, um dos

meus patins saiu e depois o outro. Não pedi para ele tomar cuidado com eles. Eu não disse nada.

Então ele falou:

— Sente-se, Almôndega.

Obviamente, ele não se sentia mal o suficiente para não me chamar assim.

Eu tentei me sentar, mas meu corpo não estava funcionando. Precisava de algumas coisas: descanso. Dormir. Um bom vômito. Um Tylenol. Um banho frio e depois um banho quente. Todas essas coisas sem uma ordem específica.

Ele fez um som que saiu como um bufar, então sua mão foi para a parte de trás do meu pescoço, levantando e colocando minha cabeça mais alta.

E então ele se acomodou no sofá.

E deitei minha cabeça de volta... em sua coxa.

— Beba isso — ordenou quando algo suave e duro tocou meu lábio inferior.

Abri o olho para vê-lo segurando um copo contra a minha boca. Inclinei-me em direção a ele, fraca, tão, tão fraca, pegando-o, porque uma coisa era colocar minha cabeça em seu colo, mas outra era deixá-lo segurar um copo de água para mim. Tomei um gole e depois outro, minha garganta se fechando em torno de cada gole em protesto contra a sensação de dor.

— Engula isso também — disse ele depois, mostrando dois comprimidos brancos na mão.

Olhei para o seu rosto bonito e estúpido.

E ele revirou os olhos.

— Não é arsênico.

Continuei olhando para ele.

— Eu não vou envenená-la antes do campeonato, certo? — ele acrescentou, não parecendo nem um pouco espertinho como costumava fazer.

Fechando os meus olhos de uma só vez, de uma maneira que eu esperava que o fizesse entender que *tudo bem*, abri a boca e deixei ele soltar os comprimidos na minha língua, engolindo-os com três goles dolorosos. Baixando minha cabeça na coxa de Ivan, fechei os olhos.

— Obrigada — murmurei.

Houve um “uh-huh” que eu definitivamente ouvi em resposta. O que pareciam ser dedos tocaram meu cabelo, movendo-se em volta da minha cabeça. Gentil, gentil... até que eles começaram a puxar.

— Aiiii — sibilei, abrindo um olho para encontrá-lo debruçado sobre mim, olhando com uma expressão frustrada, enquanto puxava meu cabelo novamente.

— O que é isso? — ele sussurrou, puxando um pouco mais.

Estremeci quando ele fez de novo.

— Um elástico?

Ele puxou, mas não perdi tantos cabelos nessa tentativa. Só uns cem.

— Está muito apertado.

— Não brinca — resmunguei, sem saber se ele sequer me ouviu.

Ele fez uma careta e deu um último puxão no meu cabelo antes de tirar o elástico — e mais uns duzentos fios de cabelo —, segurando-os vitoriosamente.

— Como você não tem dores de cabeça usando isso? — ele perguntou, olhando para o elástico preto como se fosse uma merda louca que ele nunca tinha visto antes.

Como ele nunca tinha visto um elástico antes em mulheres com as quais se relacionou ao longo dos anos? Aff. Eu poderia me preocupar com isso mais tarde.

— Às vezes sinto — sussurrei. — Mas não tenho exatamente uma escolha.

Ele franziu a testa com a minha explicação e abaixou a mão, fazendo o elástico desaparecer por um momento antes de voltar e estar de mãos vazias. Fechando meus olhos mais uma vez, senti seus dedos voltarem para o meu cabelo e começarem a afastá-lo do meu rosto e os que deveriam estar sobre seu colo. Era bom, a coxa dele sob a minha cabeça, os dedos no meu cabelo, e eu não pude evitar o suspiro que soltei enquanto ele fazia isso.

Eu poderia estar um pouco fora de órbita, mas a próxima coisa que percebi foi algo cutucando meus lábios, e abri os olhos para encontrar minha cabeça ainda no colo de Ivan e uma mão grande segurando um termômetro próximo ao meu rosto. Ele ergueu as sobrancelhas com expectativa, então abri a boca e deixei que ele colocasse o bastão

azul, fechando meus lábios depois.

— Ela precisa ir ao médico — afirmou Ivan, olhando para onde a treinadora Lee estava sentada... em cima da mesa de café, com uma expressão preocupada.

Eu não a ouvi entrar.

Depois processei a palavra que Ivan havia usado: médico.

— Concordo — nossa treinadora respondeu, já vasculhando o bolso em busca do telefone. — Vou ligar para o Dra. Deng e depois para os Simmons para reagendar.

Ivan olhou para baixo e me lançou um olhar severo.

— Não peça desculpas. — Então, antes que eu pudesse falar uma única palavra, ele disse à outra mulher: — Avise que é urgente. Vou levá-la assim que tiver uma vaga. E diga aos Simmons para manterem seus horários abertos. Vou compensar o tempo deles.

Ela assentiu, já puxando o telefone para tocar na tela.

Enquanto isso, balancei a cabeça, esperando o termômetro emitir um sinal sonoro para que eu pudesse falar. A treinadora Lee estava em espera quando o dispositivo finalmente chegou ao resultado. O visor indicava 39.8. Ótimo.

— Sem médico — eu disse, para os dois quando Ivan tirou o termômetro da minha mão para dar uma olhada na leitura.

Aqueles olhos azuis se voltaram para mim por dois segundos antes de olharem para o termômetro.

— Ivan, sem médico.

— Você vai ao médico — ele me avisou, com o rosto tenso enquanto observava o número antes de dizer a Lee: — Diga que a febre dela é de quase 40 graus.

Lambi meus lábios inutilmente e olhei para ele, aquela coisa de sentir calor e frio me fazendo querer chutar o cobertor de cima de mim, mas também puxá-lo até o pescoço.

— Sem médico. — Engoli em seco, fechei os olhos por um momento e disse: — Por favor.

A mão de Ivan acariciou meus cabelos soltos, e ele olhou para mim.

— Você quer se sentir melhor ou não?

Tentei lançar-lhe um olhar feio, mas não consegui fazer meu rosto se mexer.

— Não, eu amo me sentir uma merda, perder o treinamento e estragar tudo.

Suas sobrelanceiras grossas se ergueram como se ele dissesse *não brinca*.

— Esqueça isso. Você vai ao médico. Se precisar de remédios, quanto antes, melhor. — Ele apertou os lábios por um momento e depois acrescentou: — Para que possamos voltar à coreografia. Quando você estiver pronta.

Aquele filho da puta. Ele sabia exatamente como me pegar. Jesus.

— Olha, eu não preciso hoje... Amanhã...

— Estamos tirando uma folga. — Ele piscou. — Por que você não quer ir ao médico? — Ele apertou os olhos. — Eu juro, se você tiver medo de agulhas...

Eu gemi e comecei a balançar a cabeça antes de parar quando a dor piorou minha náusea.

— Não tenho medo de agulhas. Quem você pensa que eu sou? Você? — sussurrei.

A treinadora Lee estava falando baixinho ao telefone, mas nenhum de nós prestava atenção nela.

— Tudo certo. Você vai ao médico.

Fechei os olhos e contei a verdade, porque ele acabaria descobrindo e eu não estava com disposição para suas reclamações.

— Eu não tenho plano de saúde. Não posso ir ao médico agora. Sério, eu vou ficar bem. Me dê apenas um dia. Vai passar. Meu sistema imunológico geralmente é ótimo.

Os lábios de Ivan se moveram. Ele piscou. Olhou para cima e depois para baixo antes de balançar a cabeça, sua voz subindo de um murmúrio.

— Sua idiota teimosa...

— Vá se foder — sussurrei.

Ivan *sussurrou*:

— Vá se foder você. Vou pagar a consulta e os remédios que a médica receitar. Não seja idiota.

Fechei a boca e engoli a dor na garganta e a facada dolorosa no peito com a escolha de palavras dele.

— Eu não sou uma idiota. Me chame como quiser, mas não de idiota.

Ele escolheu me ignorar ou simplesmente não se importou.

— Você é uma idiota, e nós vamos ao médico. Não deixe seu orgulho atrapalhar a sua recuperação.

Eu me sentia tão mal que nem discuti. Ele tinha razão, infelizmente. Apenas fechei os olhos e disse:

— Tudo bem. Mas eu pago de volta. — Engoli em seco. — Pode levar um ano.

Ivan murmurou algo que não parecia muito agradável, mas a palma da sua mão acariciou meu cabelo um pouco mais, deslizando pelos fios como se a última coisa que ele quisesse fazer fosse me machucar. Pela primeira vez. Foi agradável.

— Eles têm horário ao meio-dia — anunciou a treinadora Lee finalmente. — Precisamos reduzir a febre enquanto isso. Você já deu a ela um analgésico?

— Sim — respondeu o homem em cuja coxa a minha cabeça descansava.

Eles sussurraram algumas outras palavras, muito baixas para eu me importar enquanto estava ponderando se poderia me oferecer para pagar a Ivan para que ele continuasse passando os dedos pelos meus cabelos, quando senti um toque na minha bochecha.

— Humm?

— Hora de levantar — Ivan sussurrou. — Você precisa de um banho.

Levantar?

— Não, obrigada.

Houve uma pausa e depois:

— Não estou pedindo. Levante.

— Não quero — lamentei.

— Ok — ele concordou com muita facilidade. — Eu vou carregar você.

— Não, obrigada.

Sua mão acariciou minha cabeça, depois pegou o canto da toalha sobre minha testa e a arrancou, passando os dedos pela minha pele com aquelas mãos que eu conhecia tão bem e que nunca tinham sido tão gentis antes. Sua voz soou baixa quando ele disse:

— Eu sei que você não quer, e sei que está se sentindo mal, mas precisa se levantar, pequeno ouriço. Você precisa se acalmar.

Eu gemi e ignorei a forma como me chamou.

Ivan suspirou, mas sua mão ainda acariciava meus cabelos.

— Vamos. Levante-se por mim.

— Não.

Houve uma risadinha e outro golpe.

— Eu não sabia que você virava um bebê quando ficava doente — disse ele, parecendo divertido, mas eu não tinha certeza, porque estava muito ocupada tentando entender como me sentia uma merda.

— Uh-huh — concordei, porque minha mãe sempre dizia a mesma coisa. *Que bebê chorão*. Eu não adoecia com frequência. Não que eu tentasse chamar atenção... mesmo que ela sempre tenha me dado. Mas estava sempre mais preocupada com minha irmã do que eu tendo um pequeno resfriado ou tosse, e eu nunca me importei.

— Você vai se levantar? — ele perguntou, apalpando minha testa com um sibilo que eu não estava tão doente para não saber que isso significava que minha pele ainda estava quente.

— Não — falei novamente, virando de lado, de modo que minha bochecha estava pressionada em sua coxa e meu nariz, em seu quadril. Sua virilha estava *bem ali*, mas seu pau poderia estar para fora que eu não teria me importado.

— Você não vai se levantar por conta própria?

— Não.

Houve uma pausa e um som de diversão quando ele finalmente disse:

— Se você insiste...

Eu insistia. Eu realmente insistia, especialmente quando outro calafrio percorreu todo o meu corpo, e minha coluna doeu de uma forma que só acontecia depois de uma temporada ruim e de uma doença real. Eu não iria me levantar.

Mas Ivan tinha outros planos.

Os planos envolviam ele saindo de baixo de mim enquanto eu gemia em protesto pela perda do travesseiro mais desconfortável em que já deitei minha cabeça, mas os mendigos não podiam escolher, então eu escolheria a coxa de Ivan dura sempre. Esses planos foram seguidos por dois braços deslizando nos mesmos pontos em que estiveram minutos antes: apoiando minhas omoplatas e a parte inferior dos joelhos. Então, ele me levantou e começou a andar, em

passos sólidos e equilibrados.

E eu não discuti. Nem um pouco.

Poderia me envergonhar depois que eu nem tentei ajudá-lo com meu peso para aliviar a carga; em vez disso, fiquei ali deitada como uma criança sendo levada para a cama depois de uma longa viagem de carro, com a cabeça apoiada no ombro dele enquanto tremia um pouco mais. Eu poderia caminhar, é claro que poderia. Mas eu não queria, porra. Não quando ele estava tão disposto a me ajudar.

E só de sentir seu corpo quente e rígido contra mim já me deixou um pouco melhor.

Em pouco tempo, ele abriu uma porta que eu não havia notado antes, levando-nos a um banheiro. Não era nada chique, apenas um chuveiro com uma pia e um vaso sanitário. Ivan se agachou e lentamente me pôs de pé, quando uma pressão na cabeça me deixou tonta.

— Você precisa de um banho frio — disse ele, estabilizando-me com o braço em volta dos meus ombros.

— Ahh — murmurei, fechando os olhos. Ele estava certo. Nos raros momentos em que vi outras pessoas com febre alta, sabia quão perigoso poderia ser. Não precisava perder mais células cerebrais. Outro arrepio rasgou meu corpo, e isso fez Ivan me soltar e dar um passo para abrir a torneira do chuveiro.

— Vamos lá — ele insistiu.

Tentei levantar meus braços, mas os deixei cair quando não se afastaram mais do que um centímetro do meu corpo. Porra. Eu estava mais exausta do que me lembrava.

Engolindo em seco, abri meus olhos novamente e pensei: *Foda-se. Vou entrar completamente vestida.* Eu tinha outra roupa na minha bolsa. Lee ou Ivan poderiam pegá-la para mim. Fazendo a minha melhor representação de cada membro da minha família no Natal, cambaleei para frente, apertando os olhos porque a luz brilhante no teto era ofuscante pra caramba.

Dois passos antes de entrar no box ainda vestida, o braço de Ivan subiu, paralelo ao chão, e me impediu de ir mais longe.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

Olhei para ele.

— Entrando?

— Você está completamente vestida.

— Estou sem energia para tirar a roupa — eu disse, parecendo rouca.

Não senti falta da maneira como ele revirou os olhos.

— Vou te ajudar.

— Ok — sussurrei, sem pensar duas vezes. Por que eu deveria negar? Ele colocava as mãos por todo o meu corpo diariamente, já me via basicamente nua, me vira seminua e com roupas apertadas. Tínhamos passado desse ponto.

Ivan hesitou por um momento... e depois sorriu um pouco. Ele deu um passo para o lado para ficar na minha frente, um pequeno sorriso divertido em seu rosto, e ele segurou minha blusa. E, antes que qualquer um de nós pudesse pensar demais, ele puxou-a pela minha cabeça.

Ao contrário de outras garotas que eu conhecia na patinação artística, com pouco ou nenhum peito, eu sempre usava sutiãs esportivos. Gostava do apoio. Eles não se deslocavam quando eu estava de cabeça para baixo, mesmo que quase não houvesse algo para se mover.

E se Ivan ficou surpreso por eu não estar sem sutiã, ele não demonstrou.

Até porque eu mal mantinha os olhos abertos para ter percebido.

Mas suas mãos continuaram em movimento até que ele chegou ao cócs da calça e, ajoelhando-se, desceu-a pelas minhas pernas. Quando eu estava tentando tirar as meias com o pé, ainda agachado, ele pegou uma das minhas pernas com uma das mãos e, com a outra, tirou as meias e as ataduras finas que eu usara naquela manhã, arrastando o polegar sobre o arco antes de abaixar um pé e pegar o outro. Ele repetiu o movimento, seus olhos permanecendo nos meus dedos e, se eu estivesse vendo corretamente, se tivesse energia para isso, teria encolhido meus dedos com as unhas cor-de-rosa brilhante. O fato de ele ter olhado para mim e sorrido, meio que me assustou, mas não deixei meus pensamentos focarem nisso. Meu estômago revirou e eu mal consegui não vomitar o café da manhã que tinha me forçado a tomar naquele dia.

Ivan riu quando apertou meu calcanhar e soltou meu pé.

— Entre, campeã.



Eu estava dormindo quando algo — ou alguém — bateu na minha testa. Com força.

Então essa coisa — ou alguém — me atingiu mais três vezes, uma logo após a outra. Foi o fato de haver um ritmo constante que me fez abrir os olhos.

Alguém estava batendo na minha testa.

E esse alguém era Ivan.

Ivan, que estava debruçado sobre mim, seu punho a apenas alguns centímetros de distância do meu rosto. Ele estava sorrindo. Para mim.

— Acorde, macaquinha de *Epidemia*. Está na hora do seu próximo Tylenol.

Olhei para o teto atrás dele, tentando lembrar do que diabos estava acontecendo. Foi então, enquanto ainda estava pensando, que percebi que minha cabeça ainda estava doendo. *Ainda doendo*. Estremeci, lembrando que tive febre. Provavelmente ainda estava, se o tremor que atravessou meu corpo significasse alguma coisa.

Eu estava doente. A médica disse que era uma virose. Ivan me levou até lá e depois para a farmácia, onde eu fiquei sentada no carro, tremendo de calor e frio, para comprar uma caixa de Tylenol porque não conseguia me lembrar do quanto ainda tinha. Então, ele me levou para casa — uma casa vazia porque minha mãe e Ben viajaram e estavam curtindo a praia e fazendo merdas divertidas que eu adoraria fazer.

Em vez disso, eu estava no meu quarto, debaixo das cobertas, tendo minha testa usada como tambor por alguém que estava claramente gostando disso.

— Que horas são? — perguntei, tentando subir em direção à cabeceira da cama enquanto piscava, mal percebendo quão rouca e áspera minha voz soava. Estava ainda pior do que antes.

— Hora de você tomar seu Tylenol — ele respondeu, sacudindo o punho que estava usando para me bater.

Gemi e tentei virar de lado para voltar a dormir, mas ele agarrou meu ombro e me moveu de volta para continuar deitada do jeito que eu estava.

— Mais dois e então você pode voltar a dormir — ele tentou fazer

um acordo comigo.

— Não.

Aqueles olhos glaciais ficaram presos em mim, sua expressão ainda mais feliz do que eu jamais teria apostado. Sua voz, no entanto, não parecia tão divertida.

— Tome os comprimidos, Jasmine.

Fechei os olhos e gemi com o quanto minhas costas e ombros doíam.

— Não.

Eu podia ver seus ombros se movendo com o suspiro que ele soltou.

— Tome os malditos comprimidos. Sua febre ainda não baixou — ordenou, ainda segurando meu ombro porque sabia muito bem que, no segundo em que eu tivesse uma chance, tentaria me virar novamente. Aff. Eu era assim tão previsível?

— Minha garganta dói — sussurrei, usando isso contra ele.

Ele suspirou novamente, sacudindo o punho mais uma vez.

— Eu não vou comprar Tylenol infantil para você. Tome os comprimidos.

Fechei um olho e deixei o outro aberto enquanto sussurrava:

— Eu não quero.

Juro pela minha vida, Ivan deu um sorriso tão rápido que desapareceu em um segundo. De volta ao normal. Novamente tentando mandar em mim.

— Você precisa deles — ele me lembrou.

Apenas olhei para ele com um único olho aberto.

— Não?

— Não — eu disse, apenas alto o suficiente para ele ouvir.

Sua mandíbula tremeu e seu olhar se estreitou.

— Sua mãe me avisou que você é um pé no saco quando fica doente.

Ela dizia exatamente isso, o que não me surpreendia. Eu era uma chata chorona quando estava doente. Era verdade. Então não desperdicei minhas palavras e minha garganta ao concordar.

O que me perguntei foi... quando diabos ele falou com minha mãe?

E, assim que pensei nisso, decidi que não dava a mínima.

Então percebi algo.

— Eu esqueci de ligar para...

— Sua mãe já falou com seu chefe — ele me interrompeu. — Agora pegue-os.

— Não.

— Se você quer seguir neste jogo, nós podemos — ele respondeu facilmente, fazendo-me pensar, de repente, se eu estava estragando tudo. Ele continuou: — Você *vai* tomá-los.

Engoli em seco e estremei com a dor que veio em resposta a essa ação.

O piscar de olhos que ele me deu me irritou instantaneamente. Então suas palavras confirmaram a pequena preocupação que surgiu. Sua voz era baixa quando ele disse:

— Você vai tomá-los, ou eu vou fazê-la tomar à força.

Aff.

— Pé no saco — sussurrei.

Ele sorriu para mim, *sorriu mesmo*, ciente de que nós dois sabíamos que sua ameaça não era em vão. De modo algum. Nem um pouco.

— Você está pronta, então?

Abri minha boca, lançando a ele o olhar mais desagradável que eu era capaz, parecendo basicamente com um filhote de passarinho, e vi quando ele passou a mão pelo meu rosto e jogou os comprimidos na minha boca um momento antes de me entregar um copo de água. Três goles pequenos depois, engoli o remédio e devolvi o copo. Ele o pegou e o colocou sobre a mesa de cabeceira, antes de se virar para mim, de onde ele estava sentado na beira da minha cama o tempo todo.

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco — sussurrei, porque era a verdade. Só um pouco. Minha dor de cabeça não estava *tão* ruim e, mesmo sabendo que estava com febre, tinha certeza de que havia diminuído.

Pelo menos era o que eu esperava. Eu tinha que melhorar o mais rápido possível. Disso, eu não tinha esquecido.

Ivan me deu um sorriso microscópico, seus dedos voltando a tocar minha testa com as costas deles, muito, muito gentil.

— Sua febre diminuiu. Estava em 39 graus quando chequei uma

hora atrás.

Ele checkou uma hora atrás? Deus, eu estava completamente apagada.

Ivan virou a mão e tocou minha bochecha com as pontas dos dedos.

— Você quer outra toalha molhada para a sua cabeça?

— Não — respondi antes de acrescentar —, obrigada.

Ele me deu outro pequeno sorriso.

— Você quer alguma coisa?

— Só me sentir melhor.

— Você estará melhor amanhã — disse ele.

— Eu preciso.

Ele revirou aqueles olhos azuis brilhantes.

— Não precisa, mas você vai estar — afirmou ele, afundando o quadril ainda mais na cama. — Tem uma sopa para você lá embaixo.

Eu não conseguia parar de franzir a testa.

— Você fez?

— Não me olhe como se eu estivesse tentando envenenar você. Se eu quisesse, já teria feito isso. — Ele roçou minha testa com a ponta do dedo. — O marido do seu irmão trouxe.

Dessa vez, eu sorri, pensando no doce e maravilhoso James.

— Ele faz a melhor sopa do mundo.

— Está cheirando bem. Ele queria te ver, mas você estava dormindo.

Puxei a parte de cima do edredom, meus músculos protestando contra esse movimento, mas, de alguma forma, consegui subi-lo o suficiente para alcançar meu queixo.

— Ele é o melhor.

Isso o fez piscar.

— Você está dando favoritismo a alguém?

— Ele é o melhor — eu disse. — Mas minha mãe também é. Assim como minha irmã, Ruby. Minha irmã, Tali, quando não está tendo problemas femininos. — Eu pensei sobre isso e engoli em seco novamente. — Lee é bem legal. Meus irmãos também são, eu acho. Aaron é ótimo. Ele também pode entrar na lista.

Ivan fez um barulho, depois afundou ainda mais na cama. Eu o

observei e deslizei para o lado para dar-lhe mais espaço, imaginando o que diabos ele estava fazendo. Sua mão pousou no local sobre as cobertas onde meu cotovelo estava dobrado, e ele perguntou, quase hesitando, o que não era nada típico dele:

— E seu pai?

Eu me sentia tão péssima que não conseguia nem ficar brava com a menção ao meu pai. Ou decepcionada, o que dizia algo também. Mas falei a verdade.

— Não para mim.

Eu mal consegui dizer as palavras quando seus olhos se voltaram na minha direção.

Mas ele não perguntou por que eu pensava assim, então fiquei realmente aliviada. Ele era a última pessoa para quem eu queria falar. Se não fosse exatamente a última, estava entre as três. As quatro, com certeza.

— Mais alguém na lista? — ele perguntou depois de um segundo de silêncio, enquanto eu pensava no meu pai.

— Não.

Não perdi o olhar casual que ele me deu antes de mencionar:

— Ganhei duas medalhas de ouro.

— Não diga — murmurei sarcasticamente, vendo-o continuar a se mexer no meu colchão até seu lado direito estar de frente para mim.

— *Sim* — ele respondeu muito sarcasticamente. — Não uma. Duas. Alguns campeonatos mundiais também.

— O que isso tem a ver? — resmunguei, minha garganta exigindo água, quando ele começou a se mover para trás até que sua coluna se encontrou com a cabeceira da cama, exatamente como a minha.

Ivan ergueu as pernas no ar, tirando uma bota de couro preta e depois a outra, lançando cada uma no chão.

— Algumas pessoas pensam que eu sou o melhor.

— Quem? — Bufei fracamente enquanto o observava colocar as pernas na cama, cruzando um tornozelo sobre o outro, mostrando-me as meias listradas roxo e rosa que ele usava.

Ele inclinou a parte superior do corpo apenas o suficiente para que pudesse me observar, seu queixo no peito coberto pela camiseta.

— Muitas pessoas.

Ofeguei, imediatamente me arrependendo, porque isso fez minha

garganta doer.

— Tá... eu acho que você é bem legal também.

Aquelas sobancelhas de ébano subiram.

— Você acha?

— Eu acho. Você é muito bom no que faz. E foi muito legal comigo hoje. Ou ontem. Eu nem sei que dia é hoje — murmurei. — Você também pode estar na lista, se vai deixar a situação toda estranha assim.

— Não se anime tanto.

Eu ri, estremeçando ao fazê-lo, e olhei para o corpo comprido ao lado do meu, os dedos entrelaçados em seu peito, os mesmo que, em algum momento, acariciaram meu cabelo durante um dos meus piores momentos. E, sem pensar nisso, aproximei-me dele, querendo ser tocada de novo, querendo carinho, alinhando nossos quadris e descansando minhas pernas na lateral do corpo dele, mesmo debaixo das cobertas. Engoli em seco, sabendo que ele não me provocaria por querer estar mais perto, e inclinei a cabeça para o lado, descansando-a em seu ombro. Já tínhamos ficado mais próximos do que isso várias vezes nos últimos dois meses. Não significava nada, eu disse a mim mesma. Nadinha. E eu ia acreditar nisso, independentemente de saber que nunca tinha feito algo assim com o idiota do Paul.

— Você é o melhor — eu disse a ele, parecendo tão fraca quanto me sentia — em patinação de duplas.

Algo pousou suavemente na minha cabeça quando ele riu, e eu imaginei que estava descansando a cabeça ou a bochecha dele em cima da minha.

— Obrigado por esclarecer.

Eu ri um pouco mais, e a dor que isso causou até que valeu a pena.

— Você tem sido um bom amigo para mim até agora, mas eu realmente só tenho sua irmã para comparar.

— Humm — ele suspirou, mudando de posição ao meu lado, antes de deslizar o braço por cima do meu ombro inesperadamente. Não que eu fosse reclamar. Era quente e pesado, e gostei da maneira como me senti: protegida. Segura. Gostava disso. — É verdade.

— Ela costumava me emprestar roupas antes de crescer vinte centímetros e me deixar para trás. Mas ela não consegue me carregar no colo como você.

Sua risada foi suave quando ele concordou.

— Você tem razão, Almôndega. Eu sou mais bonito de se olhar. Não pude evitar o bufar do qual me arrependi instantaneamente.

— Você é tão chato.

— Você continua dizendo isso.

Eu sorri contra seu ombro e ouvi uma lufada de ar que me dizia que ele provavelmente estava fazendo a mesma coisa.

— Você não precisa ficar aqui, cuidando de mim.

— Eu sei. Sua mãe disse que sua irmã ou irmãos poderiam vir checar essa sua cara rabugenta até ela voltar.

Eu fiz uma careta.

— Ela acha que Tali vir comer bolachas salgadas com Gatorade no meu quarto, enquanto cuida de mim, vale de alguma coisa. Prefiro ficar sozinha.

— Sem Gatorade e sem bolachas salgadas. Essas são as últimas coisas das quais você precisa — disse ele. — Açúcar e carboidratos inúteis não te ajudarão em nada.

E agora Ivan iria julgar cada grama de alimento que entrava na minha boca.

— Agora mesmo é que eu definitivamente não posso ir embora, se é isso que vai acontecer caso eu vá embora — ele sussurrou.

Eu ri.

— Não me importo de ficar mais um pouco, mas preciso passar em casa mais tarde, pelo menos por uma hora.

Em algum lugar no fundo da minha mente, eu registrei que ele tinha que sair para fazer alguma coisa. Assim como quando tomou conta de Jessie e Benny comigo, e quando jantou na casa da minha mãe. Mas não foquei ou questionei o que e por que ele tinha que ir. Eu estava muito cansada.

— Você pode ir agora, se quiser.

— Não, ainda são cinco horas, Almôndega. Tenho um tempo. Está tudo bem.

— Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer.

O braço por cima do meu ombro se moveu, e a mão de Ivan foi parar no meu ombro, em concha, deslizando para cima e para baixo.

— Fique quieta e volte a dormir, ok?

Dormir? Parecia maravilhoso. Incrível pra caralho.

Sem discutir, fechei os olhos e perguntei com um suspiro, depois de sentir o cheiro da colônia leve que ele usava todos os dias sem falhar:

— Você faz isso com todas as suas parceiras? Ou apenas com aquelas com quem fica preso por um ano?

Sob minha bochecha, seu corpo ficou tenso, mesmo quando ele respondeu:

— Pare de tagarelar e volte a dormir, ok?

Movi a palma da mão apenas o suficiente para que ela caísse diretamente sobre as placas planas e sólidas que ele chamava de abdômen. Eu já o tinha visto centenas de vezes, sem querer, quando ele tirava o suéter ou estendia a mão para esticar ou coçar a barriga... mas nunca havia tocado. Nem uma vez em todas aquelas semanas. Mas era tão duro quanto parecia.

— Você realmente não precisa ficar — repeti, enquanto a exaustão pesava nos meus olhos, embora eu os tentasse abrir.

Ele suspirou, e eu o senti balançando a cabeça.

— Ninguém mais vai cuidar tão bem de você quanto eu. — Ele tinha razão, não tinha? Quanto mais rápido eu melhorasse, melhor seria para ele. Para nós dois.

Se o que senti revirar meu estômago foi decepção, eu ignorei. Não importava. Ele estava ali comigo, fazendo o que ninguém mais gostaria de fazer.

— Antes de você adormecer novamente, onde está o controle remoto?

Estendendo a mão para trás cegamente, peguei o controle na outra mesa de cabeceira e o joguei em sua barriga.

E desmaiei.



Algo quente tocou minha boca mais tarde, e eu juro que ouvi um sussurro:

— Beba, baby.

E eu bebi tudo. Seja lá o que diabos fosse.



Acordei em um momento, sentindo minha cabeça sobre algo duro, e espiei com meus olhos abertos o suficiente para descobrir que estava deitada em um colo, meu braço jogado sobre dois joelhos. A televisão estava ligada suavemente, e o edredom havia sido chutado para os pés da cama.

Eu estava suando. Quente. Mas de alguma forma consegui voltar a dormir.



— Jasmine — uma voz familiar sussurrou em meu ouvido, acariciando meu cabelo e depois o braço. — Eu preciso ir para casa.

Eu me sentia uma merda. Tudo o que pude fazer foi murmurar:

— Tudo bem.

A mão familiar de Ivan acariciou meu cabelo, meu braço e meu pulso, permanecendo ali.

— Seu celular está bem perto de você. Sua mãe disse que alguém virá te ver. Me ligue se precisar de alguma coisa, está bem?

— Uh-huh. — Foi tudo o que consegui falar antes que seus dedos, ou sua mão, me soltassem.

— Estarei aqui de manhã — disse ele, algo quente e úmido tocando minha testa com tanta leveza e rapidez que pensei ter imaginado.

— Obrigada — sussurrei, no meu único momento de clareza, sentindo minha garganta seca.

— Deixei água para você nas duas mesas de cabeceira. Beba.

Algo mais tocou minha testa, suspirei e disse:

— Ok, Vanya. — Então virei e voltei a dormir.



Foi a cutucada na minha testa que me acordou. O *é hora de levantar*, que veio depois disso, me fez abrir os olhos e vi o dedo pairando sobre o meu rosto. Mas foi a secura que vinha da minha garganta e a dor maçante na minha cabeça que me fez empurrar o lençol que puxei até o pescoço. Eu não tinha ideia de onde meu edredom estava.

Sentado com metade da bunda na cama e a mão acima do meu rosto, estava um Ivan de banho tomado e ótima aparência, vestindo uma camiseta azul que fazia seus olhos parecerem que estavam com lentes de contato.

— O que você quer? — gemi, arrastando-me na cama até minhas costas descansarem contra a cabeceira.

Ele ignorou minhas palavras rudes e sorriu.

— Vista-se. Você precisa de um banho e precisa sair deste quarto por um tempo.

Eu o observei o tempo todo, enquanto bocejava, estremecendo com a dor que vinha da minha garganta, e depois estendi a mão para o copo de água quase vazio que estava na mesa de cabeceira, o mesmo que Ivan deixara lá na noite anterior. Bebendo o que restava da água em temperatura ambiente, perguntei:

— E foi por isso que você me acordou? Para me mandar tomar banho?

— E para tirá-la de casa.

Mas eu não queria sair de casa. Muito menos da minha cama. E especialmente para tomar banho.

A ponta do dedo dele veio ao meu rosto tão rápido que não tive a chance de me afastar antes que ele me cutucasse na testa.

— Mexa-se. Lacey não é exatamente paciente.

— Quem é Lacey?

— Você a conhecerá em um minuto. Se apresse. Enquanto isso, vou pegar outro copo de água. — Ivan se levantou e fez uma careta.
— Escove os dentes também.

Por um segundo, pensei em soprar na sua cara só por este comentário, mas não tinha energia... e ele estava sendo gentil comigo a maior parte do tempo. Pelo menos vinha agindo completamente diferente comigo desde o dia anterior.

Eu poderia manter meu hálito horroroso para mim mesma daquela vez, mesmo que ele estivesse sendo um idiota.

Mas a pergunta permaneceu... Quem diabos era Lacey e por que eu teria que conhecê-la? Especialmente quando estava doente. Quando estava prestes a abrir a boca e discutir com ele, minha cabeça latejou para me lembrar que meu corpo estava ainda fazendo as pazes com aquele vírus, para compensar todos os meses e possivelmente anos que se passaram desde a última vez que estive doente.

Meu corpo inteiro dizia: *vá se foder*, enquanto eu jogava o lençol de lado e colocava as pernas para fora da cama. Eu não estava desacostumada com dores, mas havia certo tipo de inferno pelo qual seu corpo passava quando estava doente. Tudo, dos meus olhos até os dedos dos pés, doía e parecia ranger apenas com os mais simples movimentos, e mal contive um gemido quando levantei lentamente.

Ivan soltou um *huh*, talvez vendo meu rosto ou sentindo a rigidez nos meus movimentos, mas não disse mais nada.

Só isso já me cansou.

— Não estou com vontade de fazer nada.

— Eu não vou pedir para você fazer nada — respondeu Ivan. — Eu já disse que você precisa descansar.

Olhei os jeans que ele vestia.

— Então... para onde vamos?

Sua expressão não revelou nada.

— A nenhum lugar ruim.

— Você confia... — Ele fez uma careta. — Deixa pra lá. Apenas se vista.

O fato de eu não discutir ou fazer mais perguntas já dizia quão cansada eu estava. Arrastei os pés em direção à cômoda e peguei

calcinha e sutiã, ficando ainda mais cansada depois disso. Lançando um olhar de soslaio para Ivan, eu o encontrei ainda sentado na cama... me observando. Suspirei e ele ergueu as sobrancelhas novamente.

— Volto em dez minutos — basicamente choraminguei, arrastando os pés em direção à porta.

— Grite se precisar de mim. — Houve uma pausa e depois: — Eu já te vi quase nua duas vezes. Não é grande coisa.

Eu teria engasgado se tivesse energia, mas não tinha. Eu também teria lhe dado o dedo, mas isso também não aconteceu. Tudo o que consegui fazer foi pegar meu roupão de banho no gancho atrás da porta. Caminhei, bufando e xingando, para o banheiro do outro lado do corredor, que eu costumava compartilhar com Ruby quando ela morava aqui. Levei mais tempo do que o normal para tomar banho, e foi só porque minhas pernas estavam tão cabeludas que me forcei a depilá-las. Eu não tinha energia para passar loção ou algo assim. Mal consegui colocar minha calcinha e meu sutiã mais confortável.

Coloquei meu roupão e estava prestes a amarrar a faixa quando meus braços desistiram. Eu apenas o segurei na minha cintura enquanto me arrastava de volta para o quarto, perguntando-me mais uma vez: *Quem diabos era Lacey?* E para onde estávamos indo?

Eu mal tinha dado dois passos para dentro do quarto... mal tinha visto Ivan sentado na beira da minha cama diretamente ao lado da minha mesa de cabeceira... mal percebi o fato de que a gaveta superior estava aberta... mal me dei conta de que ele estava segurando folhas de papel brancas que *ele não deveria ter visto e não deveria saber que existiam*, quando a cabeça dele levantou, e eu vi, *eu vi*, seu rosto de uma cor que não deveria estar.

E então ele ficou descontrolado.

— Que porra é essa? — ele perguntou, sacudindo os papéis, irritado, tão bravo, tão feroz, que eu realmente me senti mal.

Só por um segundo. Mas, ainda assim, aconteceu.

O ar que eu não tinha percebido que havia deixado meus pulmões retornou antes que eu conseguisse sussurrar:

— O que diabos você está fazendo olhando as minhas coisas?

Ele não ter me respondido imediatamente era um sinal de quão irado estava.

Era minha culpa. Eu sabia que ele era intrometido. Sabia que ele

era curioso, porque eu também era curiosa. Mas *droga!* Aqueles papéis permaneceram em segurança por anos.

Ivan ignorou minha pergunta, esmagando os papéis na mão com tanta força que eles começaram a se amassar.

— Quem, quem...? — ele gaguejou, outro sinal de como estava furioso. Ivan nunca gaguejava. Nunca vacilava. *E até o pescoço dele estava ficando vermelho.* Ele sacudiu os papéis outra vez. — *Quem fez isto?*

Engoli em seco.

— *Quem enviou essa merda para você?*

— Ivan.

Ele balançou a cabeça, a mão que segurava os papéis fechou-se em punho e bateu contra sua coxa, a cabeça inclinada para o lado com raiva. Com tanta raiva que eu quase pude prová-la.

— Não venha com isso de Ivan. *De onde isso veio?*

Merda.

Merda, merda, *merda.*

Eu nem pensei que poderia tentar parecer idiota e agir como se os bilhetes que eu tinha escondido na gaveta fossem uma piada — minha mãe não olhava minhas coisas, porque já passamos desse estágio da minha vida. Eu conhecia Ivan muito bem. Sabia que ele não deixaria aquela merda de lado até eu explicar todos os detalhes.

E eu não poderia dizer que o culpava.

Se eu tivesse encontrado fotos de homens nus, com fotos dele coladas no lugar do rosto, com corações nelas, flechas apontadas para os órgãos genitais, ligadas a palavras como DELICIOSA e SIM, eu poderia rir por um minuto... e depois ficar preocupada pra caralho.

Deus, Deus, Deus, *droga.*

— Jasmine. — Ele começou a ficar nervoso de novo, o vermelho em seu rosto e em seu pescoço subindo até as pontas das orelhas. Meu Deus, eu nunca o tinha visto tão irritado. Eu nem pensei que ele era capaz de ficar tão bravo, a menos que estivesse no gelo e algo desse errado durante uma competição.

Segurei meu suspiro, lamentando seriamente ter achado que meus esconderijos estavam garantidos e por não ter enfiado aqueles papéis na minha gaveta de roupas íntimas... ou em outro lugar que fosse mais difícil de encontrar. Eu deveria tê-los jogado fora, mas não era

idiota; se alguma coisa acontecesse, eu precisava de provas.

Gesticulando, mantendo as palmas para baixo, tentei dizer a ele, com a voz mais suave possível, mas que provavelmente não era tão suave quanto precisava ser:

— Acalme-se.

Sim, aquela foi a pior coisa a fazer. Ele sacudiu a porra dos papéis novamente.

— Não me diga para me acalmar!

Ah, merda!

— Você tem um perseguidor, Jasmine! — ele gritou de novo, fazendo-me agradecer que minha mãe e Ben não estavam em casa.

Estremeci, tentando pensar no que dizer e sugerindo:

— Ele não me ameaçou...

Ivan inclinou a cabeça para trás e fez um barulho. Eu não tinha certeza de como chamá-lo. Um rosnado?

— *Que porra é essa?*

Eu finalmente estaquei.

— Não grite comigo!

Se olhares pudessem matar, eu estaria morta, de verdade.

— Vou gritar com você enquanto estiver recebendo coisas assim! Por que não me contou?

Ai. Meu. Deus. Eu não estava com disposição para aquela merda. Não naquele momento e definitivamente nunca.

— Eu não contei porque não é da sua conta!

— Você é da minha conta! Então isso é da minha conta!

— Não, não é!

— Sim, é!

— Não, não é! Isso vem acontecendo desde antes de nos juntarmos.

E... eu estraguei tudo. Estraguei tudo como sempre acontecia quando falava antes de pensar. Por deixar minha boca ir mais longe do que deveria.

O rosto de Ivan ficou literalmente vermelho-tomate. Tão vermelho que eu estava realmente preocupada com a saúde dele.

— Eu vou te matar. — Sua voz mudou de tom instantaneamente. Ele olhou para mim, com os olhos arregalados. — Eu vou te matar,

porra.

Eu não conseguia nem fazer piada sobre isso.

— Apenas pare, está bem? Eu não estou no clima.

Ivan balançou a cabeça e levantou o punho, largando os papéis na minha cama perfeitamente feita.

— Eu não dou a mínima se agora que você não está de bom humor, Jasmine — afirmou, e, antes que eu pudesse discutir mais, ele disse, em um tom que eu nunca o tinha ouvido usar: — Há quanto tempo isso está acontecendo?

Revirei os olhos e dei de ombros, brava comigo mesma por ser tão burra. Eu era mais esperta do que isso. Era sim. Eu deveria ter imaginado o pior, especialmente com esse imbecil implacável e teimoso por perto.

— Três anos — murmurei, com tanta raiva que mal conseguia falar por causa da dor na garganta.

Ele fechou os olhos azuis e abriu a boca, balançando a cabeça.

— Três anos — ele repetiu as palavras bruscamente. — Quantos desses você recebeu?

— Eu não quero falar sobre isso.

Um olho azul-gelo se abriu e focou diretamente em mim.

— Que pena. Quantos destes você recebeu?

Eu gemi, grunhi e inclinei a cabeça para trás mais uma vez em sinal de frustração. Não havia como escapar. Merda.

— Eu não sei. — Ele começou a me interromper, mas não deixei. — Não, sério. Eu não sei. Quando comecei a recebê-los, joguei os primeiros no lixo. Meu melhor palpite... vinte? Talvez? — Mais ou menos trinta, mas eu com certeza não admitiria isso.

Ele estava respirando com tanta dificuldade que eu quase não queria olhar para ele, mas não era covarde. Especialmente não naquela situação.

— Sua família sabe? — perguntou com uma voz assustadora e baixa.

Eu poderia ter mentido? Não. Aquele filho da puta me conhecia muito bem.

— Só de alguns do passado.

— O que isso significa? — ele exigiu, ainda me olhando com um olho só.

— Eles pararam de chegar quando eu excluí minhas páginas de redes sociais — expliquei, desejando não ter feito. — Eles sabem sobre alguns que recebi antes disso.

O outro olho azul se abriu e Ivan olhou para mim.

— Você ainda está recebendo?

Afastei meu olhar dele enquanto dei de ombros, que nem louca.

— Eu não sei. Não abro mais minhas correspondências.

Era verdade. Eu não queria me perturbar. Não queria pensar demais na minha situação.

Então, decidi bancar a ignorante. Mas não admiti isso para ele.

Também não ia mostrar os comentários e mensagens privadas que recebi.

O pensamento mal me ocorreu quando a mandíbula de Ivan tensionou e ele perguntou:

— E o seu Picturegram e Facebook? Você recebeu alguma coisa?

Putá merda.

Meu rosto deve ter dito tudo porque ele jogou a cabeça para trás e a girou de um lado para o outro, respirando alto o tempo todo.

— Não...

— Onde está o seu telefone?

— Por quê?

— Quero ver o que você recebeu.

— Não é da sua...

Foi sua vez de piscar para mim depois de inclinar a cabeça para a frente.

— Não termine essa frase — ele me disse lentamente. — Deixe-me ver seu telefone. Se não há nada de ruim, não tem problema, não é?

Eu odiava quando ele tinha um bom argumento.

— Deixe-me ver — Ivan repetiu, usando um tom de voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Droga. Não havia dúvida de que ele não estava disposto a deixar essa merda passar. Aff.

— Está na outra mesa de cabeceira — murmurei, irritada comigo mesma. — Deixe-me ver seu telefone também. — Não sei por que diabos essa frase saiu da minha boca, mas aconteceu.

Ele me lançou outro olhar matador antes de se levantar, jogando

seu telefone para mim e depois rastejando sobre a minha cama.

— Eu já desbloqueei — ele me disse com raiva.

Devolvi a mesma expressão facial, embora ele não pudesse ver.

— Minha senha é...

— Eu sei sua senha. Já te vi colocá-la — ele murmurou quando pegou meu telefone.

— Maldito perseguidor.

Ele me deu *outro* olhar de *eu vou te matar*, mas manteve a boca fechada quando se sentou na beira da cama mais uma vez e começou a bisbilhotar na tela.

Embora estivesse segurando o telefone dele, eu o observei. Rugas apareceram em sua testa duas vezes, e a mão esquerda foi para a parte de trás da cabeça e ficou lá. Então ele começou a respirar com dificuldade.

Merda.

— Que diabos é essa merda? — ele reagiu, olhando para baixo.

— Fotos de pau, mensagens de idiotas...

— Esse cara está se masturbando.

— Eu não assisti à porra do vídeo, Ivan. Você já terminou? — gritei para ele.

Ele olhou para mim por um momento e disse:

— Sim, terminei. — Aquela boca rosada se abriu e depois fechou novamente. Ivan explodiu. *Explodiu*. Seu rosto ficou ainda mais vermelho, e então ele decretou:

— Pegue suas coisas. Você não vai ficar aqui esta noite.

Foi a minha vez de explodir.

— O quê?

— Você não vai ficar aqui esta noite. Você arruma ou eu arrumo para você. Decida agora.

— Porra nenhuma que você vai fazer isso, e porra nenhuma que eu vou com você. Vou ficar aqui.

Ele piscou. Piscou com tanta firmeza que foi meio assustador o quão psicótico pareceu o movimento. Eu tinha certeza de que me lembrava Hannibal em *Silêncio dos Inocentes*, quando ele usava aquela máscara. Isso deu pesadelos em Ruby por meses. Sebastian comprou uma semelhante para mim no Halloween um ano depois de

eu ter implorado.

— Você não vai ficar aqui sozinha — afirmou Ivan, arrancando-me dos meus pensamentos. — Você vem comigo ou vai para a casa de um dos seus irmãos. Você escolhe. Já ia passar o dia na minha casa, de qualquer maneira.

— Você não é o meu chefe. Não pode...

O idiota me cortou.

— Você vem comigo ou eu vou ligar para seus irmãos agora e contar a eles por que você não vai ficar aqui até que sua mãe volte.

Naquele momento, minha boca realmente se abriu. Até a minha mãe voltar? Dali a duas semanas. E eu disse a Ivan exatamente isso.

O que ele fez? Deu de ombros, tensionando todos os músculos dos seus ombros e braços por baixo da camiseta que vestia.

— Escolha, baby. Eu ou seus irmãos.

Que diabos?

— Não!

— Sim! — ele gritou de volta.

Que porra estava acontecendo?

— Não!

Ele me observou, estranhamente quieto, mal respirando, antes de dar de ombros.

— Tudo bem.

E então ele pegou meu telefone. Quando percebi o que estava fazendo, era tarde demais para recuperá-lo. Mas ainda corri para ele, de qualquer forma.

— Ivan! — gritei, ficando na ponta dos pés enquanto ele se levantava e o segurava sobre a cabeça, tão alto que eu não estava nem perto de alcançar.

— Você tem três segundos, sua idiota cabeça-dura. Três segundos ou vou ligar para eles, e se você me der um chute nas bolas, vou ligar para todos.

Ele faria isso. Com certeza faria.

Idiota. Idiota. Idiota. *Porra.*

Cerrando os dentes, segurei o grito que realmente queria dar e soltei:

— Tudo bem. — Babaca. Aff.

— O que vai ser? — ele retrucou, parecendo talvez ainda mais irritado do que eu, se fôssemos comparar.

Mas eu não comparei.

Controlei-me para não mostrar o dedo do meio para ele e gemi.

— Você, seu idiota. Eu vou ficar com você. — Não havia como ficar com nenhum dos meus irmãos se eu pudesse evitar. E, assim, fiquei brava de novo. — Isso é besteira.

Ele bufou com raiva.

— Sim, é uma besteira eu me importar com você. Pegue tudo e arrume suas coisas, você tem muito o que explicar e precisa fazer as malas. Estou tão puto com você, não quero nem te olhar.

Eu poderia ter brigado com ele por isso. Bem, eu poderia ter tentado. Mas se havia uma coisa no mundo que eu aprendi nos últimos meses foi que Ivan não era o tipo de homem que não cumpria suas promessas. E se havia outra coisa que eu aprendi ao longo desse período também foi que, se eu não concordasse com qualquer besteira com a qual ele estivesse me ameaçando, provavelmente me arrependeria.

E, felizmente, para ele — e infelizmente para mim —, nas duas vezes que passei a noite na casa de Jonathan e James, aprendi que suas paredes eram finas. Finas demais. E, aparentemente, James tinha um pau gigante.

Então... não, obrigada. Eu amava meu irmão e James, mas havia algumas merdas no mundo que eu simplesmente não precisava saber. Não mesmo.

Quanto a Sebastian, se ele descobrisse sobre a correspondência, nunca pararia de falar sobre isso. Lidar com Ivan era uma coisa, mas Jojo ligaria para Tali e Seb, e então eu teria três pessoas fungando no meu pescoço, chamando-me de idiota por guardar um segredo.

Não, obrigada.

Eu teria que aceitar o mal menor... Ivan, que provavelmente era pior do que meus dois irmãos, mas definitivamente não tanto quanto meus irmãos e Tali.

Droga.

— Porra, isso é tão estúpido — resmunguei.

Meu parceiro deu de ombros, total e completamente sem arrependimentos.

— O que é estúpido é você não contar a ninguém sobre isso. Vá fazer as malas, Almôndega.

Eu sussurrei *imbecil* alto o suficiente para ele ouvir.

Se ele ouviu — e deve ter ouvido —, seu rosto não registrou. Mais do que provável, porém, ele simplesmente não deu a mínima. Deus. Era assim que era lidar comigo?

Dando as costas para o homem parado ao lado da minha cama, abri meu armário para pegar uma das minhas malas. Ficando na ponta dos dedos dos pés, tentei alcançá-la, mas não consegui.

Sem olhar para Ivan novamente, saí do meu quarto e fui para o armário do corredor pegar o banquinho.

Mas, quando voltei, a mala que eu tentava pegar já estava na minha cama.

E Ivan estava sentado de novo no colchão, de frente para a parede e olhando-a com uma expressão tão tensa que os ossos ao longo de sua mandíbula nunca pareceram mais visíveis.

Ok. Se ele não quisesse falar comigo, isso não me incomodaria em nada. Eu também não queria muito falar com ele.

Claro, eu não seria tão louca a ponto de querer ficar em casa sozinha enquanto estava doente — eu não era tão burra —, mas ele tinha que mandar em mim?

Nenhum de nós disse uma palavra enquanto eu pegava qualquer coisa que fosse preta ou branca e enfiava na mala, certificando-me de levar um uniforme de trabalho, só por precaução. Porque, assim como não posso tirar uma folga para treinar, não podia tirar uma folga do trabalho. Não demorei mais de dez minutos para pegar minhas roupas e produtos de higiene e enfiá-los na mala. Então peguei outro conjunto de roupas, vesti e calcei meus chinelos.

— Pronta — murmurei, olhando para o homem que não havia se mexido de onde estava sentado na cama.

Ele se levantou, ainda sem olhar para mim, e saiu do quarto, fingindo que não me via.

Filho da puta.

Eu o segui, apagando as luzes com um suspiro frustrado. Foi desagradável e silencioso, com Ivan indo direto pelo corredor enquanto eu acionava o alarme e trancava a porta da frente. Como fui tão estúpida em deixar aquela porcaria na minha mesa de cabeceira?

E por que diabos ele tinha que vasculhar as minhas coisas, afinal?

Droga.

Droga.

Minha cabeça estava latejando de novo, e eu voltei a ficar enjoada. Demorei um tempo para me virar e depois suspirei novamente, procurando o carro de Ivan. E só vi Ivan.

Não encontrei o carro dele.

Em vez disso, ele estava parado ao lado de uma minivan branca.

— Você vem ou vai dificultar isso também? — ele perguntou, com seu tom de merda condescendente.

Eu estava cansada demais para levantar meu dedo do meio e esperava que ele soubesse disso.

— Onde está o seu carro?

Ele gesticulou para o lado. Para a minivan. E ergueu as sobrelanceiras enquanto fazia isso.

A mão com a qual ele apontou não mudou de posição.

— Estou falando sério.

— Eu também. É minha. Entre.

Aquilo... aquela... era dele?

Eu não tinha nada contra minivans. Minha mãe tivera uma no passado, antes que todos, exceto Rubes e eu, nos mudássemos, mas... Ivan? Por que diabos Ivan tinha uma minivan?

Ele não poderia ter um filho. Ele disse especificamente que não sabia o que fazer com os bebês de Ruby. Eu conhecia os pais dele há muito tempo, e nenhum deles tinha uma minivan também.

Então...

— É pra hoje.

Fiquei perplexa, ainda sem me mover

— O que é isso? — perguntei lentamente.

Ele revirou os olhos e abriu a porta.

— É um carro.

— De quem?

Entrando no veículo, ele respondeu:

— Meu.

— Por quê?

Mantendo a porta aberta, ele respondeu:

— É eficiente em termos de combustível, baixo e tem muito espaço.
— Um lampejo de um sorriso brilhou em seu rosto antes que desaparecesse, como se lembrasse que estava bravo comigo. — E é um Honda. Entre.

Ele não foi o único que esqueceu que estava bravo.

— É... seu?

— É meu — ele continuou. — Entre. Eu não estou de bom humor agora — ele exigiu antes de bater a porta *com força*.

Por que diabos ele tinha que estar de mau humor? Aff.

A van ronronou levemente quando o motor foi acionado, e, antes que eu tivesse a chance de piscar, a janela do lado do motorista estava sendo aberta e Ivan repetiu:

— É pra hoje.

Franzi o nariz e lancei-lhe um olhar irritado enquanto olhava para o Honda como se fosse uma nave espacial que eu nunca tinha visto antes. Assim que abri a boca para falar algo sobre ele, que ele não poderia ouvir ou responder, algo na janela traseira da minivan se moveu, e a próxima coisa que vi foi uma cabeça marrom que se ergueu... para descansar no ombro de Ivan. Dois grandes olhos piscaram para mim. E eu perdi toda a vontade de falar novamente.

Ivan nem sequer olhou para a cabeça antes que gesticulasse para que eu entrasse.

— Não vou te matar e desovar seu corpo em um lugar qualquer. Pelo menos, não por enquanto. Entre. Até Russell está cansado de esperar. Eles estão aqui há meia hora aguardando você.

Abri a boca, fechei e depois abri novamente para falar:

— Você tem um cachorro?

Ele assentiu e a cabeça do cachorro se moveu com seu movimento.

— Russell. Vamos. Eu não estou no clima.

Quem diabos era aquela pessoa? *Que* diabos era aquela pessoa? Ivan não apenas tinha um cachorro, mas também uma minivan? Eu só o vira em seu Tesla. Não *naquele* carro.

Eu nem tinha visto pelos de cachorro em suas roupas antes.

Ou tinha?

— Não temos o dia todo. Entre antes que eu te coloque aqui à força

e alguém ligue para a polícia pensando que eu te sequestrei — ele disparou, puxando os óculos sobre os olhos, de forma brusca e irritada. — Se você entrar agora, posso pensar em perdoá-la eventualmente.

Como se estivesse totalmente ciente do que Ivan estava dizendo, o cachorro lambeu sua bochecha e olhou para mim com olhos que eu tinha certeza de que pareciam uma avelã dourada.

E então ouvi um pequeno uivo estridente vindo de algum outro lugar dentro da van, e Ivan virou a parte superior do corpo na direção oposta para olhar para o banco de trás e dizer:

— Agora não, Lacey. Nós já conversamos sobre isso. — Então, como se ele não estivesse apenas conversando com o que podia ou não ser um cachorro pequeno, com base no tom do latido, ele se virou para mim e ergueu as sobrancelhas. — *Rainha do drama*. Está pronta?

Pronta.

Eu estava pronta?

Para entrar em uma minivan com ele e dois cães, que eu não sabia que ele tinha. Um daqueles cães com quem ele conversava como se fosse com uma criança. Ambos tinham nomes humanos.

Lacey. Ele me falou sobre Lacey.

Não sabia o que dizia sobre mim o fato de querer entrar naquela van, mesmo que minha energia continuasse a desaparecer a cada segundo e minha raiva parecesse vacilar enquanto isso.

— Vou contar até quatro antes de sair deste carro e arrastá-la até aqui pela calcinha — gritou Ivan.

Franzi o nariz e, sem aceitar totalmente que tinha tomado uma decisão, disse:

— Você pode tentar, mas não estou usando nenhuma. — Então dei a volta pela frente curva do capô e abri a porta do passageiro. O ar-condicionado frio foi a primeira coisa que me atingiu. A segunda, quando me acomodei no banco do carona, foi o fato de que o focinho marrom que eu tinha visto acima do ombro de Ivan um momento atrás estava agora pairando sobre o encosto de cabeça do assento onde eu estava.

Os olhos do cachorro *eram* castanhos. Hã. E ele parecia... realmente interessado e curioso. Sobre mim.

— Oi — eu sussurrei, principalmente porque minha garganta doía depois de falar tão alto e gritar com Ivan.

— Ele não morde, mas baba — Ivan me informou. — Você pode acariciá-lo, se quiser.

O cachorro ainda estava olhando para mim a cinco centímetros de distância. Mas Ivan estava certo; ele não parecia nem um pouco agressivo. Parecia que queria que eu o acariciasse, e se seus sons diziam alguma coisa era que ele realmente queria que eu o afagasse.

Então eu fiz isso. Ergui a mão com o punho fechado e deixei que ele me cheirasse. E, quando tudo correu bem, abri a mão e acariciei o topo de sua cabeça suavemente; quando tudo ficou ainda mais tranquilo, acariciei o pelo macio em suas orelhas.

Então ele me lambeu.

E eu não pude deixar de sorrir, mesmo quando minha cabeça e garganta doíam e eu me sentia como uma idiota completa por ser pega.

Ivan não disse outra palavra enquanto eu olhava para o cachorro dele com o maior e mais bobo sorriso que já abri em muito tempo, mas finalmente, depois de alguns momentos, ele disse, com muita calma e muito friamente:

— Coloque o cinto, não quero receber uma multa por sua causa.

Olhei para o cachorro dele, Russell, mais uma vez, acariciei sua orelha, depois me recostei no banco e coloquei o cinto. Assim que encaixou, o mesmo latido que ouvi antes de entrar no carro ecoou dentro da van mais uma vez, e Ivan claramente gemeu quando começou a sair da minha casa.

— Lacey, juro por Deus, não comece — ele falou por cima do ombro.

Ele já estava dirigindo quando me virei para olhar para a segunda fileira de bancos, encarando Russell mais uma vez antes de me mover e dar uma boa olhada na passageira barulhenta. Russell estava parado no espaço entre os assentos, mas, presa no canto da segunda fileira... em uma coleira cor-de-rosa, que estava presa ao cinto de segurança, havia uma pequena cadela branca de pelo curto com orelhas pontudas e nariz arrebitado.

— Isso é...? — Comecei devagar, sentindo que era um sonho e, se não fosse, eu não sabia nada sobre Ivan. Absolutamente nada. Tudo o que eu achava que sabia era mentira, e não tinha certeza de como

isso me fez sentir. — Isso é um buldogue francês?

Nós já estávamos na estrada, indo para a rodovia principal mais próxima quando Ivan assentiu, com os olhos no espelho retrovisor.

— Sim. A diva nos fundos é a Lacey. Ela está de castigo. Eu deveria tê-la deixado, mas ela não consegue ficar em casa com nenhum outro além de Russ e hoje é o dia de ele dar uma volta.

Ele tinha acabado de dizer que seu cachorro estava de castigo?

Oh, meu Deus.

Quase não consegui tirar a dúvida, porque estava tão arrasada por conhecer a segunda vida e a segunda personalidade de Ivan que não fazia ideia do que essa pessoa com quem treinava seis dias por semana era capaz.

Mas, de alguma forma, eu consegui falar:

— Por que ela está de castigo? — praticamente sussurrei.

— Ela estava sendo insolente hoje de manhã, implicando com suas irmãs, tentando roubar comida, mijando em uma das camas porque se meteu em confusão — explicou ele, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu não sabia o que dizer. O cachorro estava lhe desrespeitando, implicando com as irmãs, tentando roubar comida e fazendo xixi por vingança. Simples assim. Então, eu não disse mais nada. Porque, o que diabos mais eu deveria dizer?

Eu não conhecia aquele homem. Não conhecia mesmo aquele homem, e isso me fez sentir horrível. Mais do que as merdas que ele dizia já me faziam sentir.

Como eu não sabia que ele tinha cachorros? E mais do que aqueles dois, pelo que dissera, porque de que outra forma Lacey teria *irmãs*?

Droga. Eu realmente não sabia nada sobre Ivan.

Mas talvez ninguém soubesse. Porque não havia como as garotas do vestiário evitarem falar sobre aquela buldogue francesa branquinha e arrogante se soubessem dela. Porra, seus fãs provavelmente jogariam brinquedos de cachorro para ele no final de suas apresentações se soubessem.

Ninguém sabia. Não tinha como.

Mas ali estava ele.

O som de um rosnado baixo, tão agudo, mas ao mesmo tempo tão

calmo, me fez olhar por cima do ombro para ver o corpinho branco na segunda fileira de assentos. Ela nem estava olhando para mim; honestamente, parecia que estava olhando para as costas do assento de Ivan. Mas era a coleira rosa que ela tinha presa ao peito e por um cinto de segurança que eu não conseguia superar.

E eu tinha quase certeza de que era uma coleira rosa com strass. Pelo menos eu achava que era strass.

Então foi a minha vez de olhar para Ivan, sabendo que não havia como evitar.

— Sua cachorrinha está com cinto de segurança — eu disse, como se não tivesse sido ele quem a prendeu.

Tudo o que ele fez foi abaixar o queixo por uma fração de segundo, o olhar focado à sua frente.

— Ela se mexe demais no carro. Não sabe ficar quieta. — Ele olhou para mim. — Como alguém que eu conheço.

Ignorei o comentário e olhei para a cachorrinha novamente. Ela ainda estava encarando o assento de Ivan.

Eu podia sentir a tensão e o drama saindo dela.

Hum.

— Não quero que ela voe pelo para-brisa se sofrermos um acidente — continuou ele, alheio a mim, espiando o cachorro. — Russ só se levanta quando não estou dirigindo — Ivan continuou explicando. — Ele é um bom garoto.

Isso me fez olhar para Russ, que eu pensei que poderia ser um labrador marrom, mas não tinha certeza. Ele estava deitado no chão entre os assentos, com a cabeça em cima das patas. Seu rabo fazia thump, thump.

— Não vi nenhum sinal de cachorro na sua casa — comentou Ivan, do nada.

Eu me movi para frente novamente para olhar pelo para-brisa.

— Não temos. A minha mãe é alérgica. — Então, sem querer, eu disse: — Minha irmã tinha um.

— Qual? A ruiva ou Ruby?

Olhei para ele novamente.

— Ruby — respondi. — Era o cachorro de Aaron. Ele faleceu há alguns anos. — Eu chorei, mas nunca contei a ninguém sobre isso.

Ivan assentiu devagar, como se isso dissesse tudo.

— Ela é a mais nova? — ele perguntou, seu tom ainda presunçoso.
— Da minha família?
— Ah-hã. — Foi sua resposta enquanto ele nos guiava pelo tráfego.
— Não. — Não era óbvio? — Eu sou. Ela é cinco anos mais velha do que eu.

Ele virou a cabeça para me dar uma expressão de *tá brincando*.

— *Ela é?*

Eu nem me ofendi.

— Sim.

— *Você é a caçula?* — Ele pareceu totalmente surpreso.

— Por que você está falando assim? Está me fazendo sentir como se eu precisasse ir para um asilo ou algo assim.

— É só que... — Ele torceu o nariz enquanto dirigia e até balançou a cabeça. — Eu não sei. — Ele olhou para mim e balançou a cabeça novamente.

Eu sabia o que ele queria dizer. Era o que minha mãe e todo mundo sempre diziam sobre mim. Fisicamente, eu parecia mais jovem do que Ruby, que ainda tinha um rosto de bebê como o da minha mãe. Mas eu tinha a *alma velha e mal-humorada de uma avó*.

— Entendi o que você está tentando dizer.

Pelo jeito como ele estava contorcendo o rosto, era como se ainda estivesse em negação.

— *Você é realmente tão mais nova do que ela?*

Deslizando minhas mãos pelas coxas, segurei um suspiro enquanto encostava a cabeça no assento.

— Sim. Ela teve um problema no coração durante um longo tempo. Éramos todos superprotetores com ela.

— Eu não sabia disso. Ela é fofa — ele soltou de repente, e minha cabeça virou de uma forma parecida com a da menina de *O Exorcista*. Juro por Deus que meu pescoço girou sem esforço, sem problemas, quando me volvei em sua direção para encará-lo.

— Não olhe para a minha irmã. Ela é casada.

Ivan riu.

— Eu sei. Já encontrei o marido dela quantas vezes? Tudo o que eu disse é que ela é fofa, não que quero sair com ela ou algo assim.

— Ótimo, ela é boa demais para você — joguei de volta, ainda

olhando para ele.

Isso o fez dizer:

— Ha!

— Ela é — eu disse lentamente, não deixando sua risada me contagiar.

— Sabe, existem muitas pessoas no mundo que acham que eu sou bom demais para elas — falou, seu tom soando... distante.

Revirei os olhos e me acomodei no assento, cruzando os braços contra o peito.

— Provavelmente. Mas você não seria bom o suficiente para a minha irmã, pica das galáxias. Então, guarde seu ego um pouco.

— Se eu estivesse interessado na sua irmã dessa forma, tudo bem, mas não estou, tudo o que eu disse é que ela é fofa, mas há um monte de garotas fofas no mundo.

— Minha irmã é a mais bonita. Ambas são. Não as compare com o resto das mulheres do mundo.

Ivan riu.

— *Tudo bem.* Jesus. O que estou tentando dizer é que, se eu estivesse interessado em uma de suas irmãs, *e não estou*, preste atenção, você realmente não me deixaria namorar com elas?

Um sentimento estranho, sobre o qual eu não queria refletir, provocou uma sensação desagradável no meu estômago, mas eu o ignorei.

— De jeito nenhum.

Sua risada me fez sorrir pelo quanto ele estava insultado.

— Você está falando sério?

— *Sim* — enfatizei.

— Por quê?

— Por onde você quer que eu comece?

Houve uma pausa.

— Eu sou um partidão.

— Ah, com certeza.

Ele gemeu, e eu não pude deixar de olhá-lo pelo canto do olho.

— Muitas mulheres gostariam de sair comigo. Você sabe quantas mensagens eu recebo no Picturegram por semana?

— As adolescentes que ainda não cresceram para perceberem o

quanto são burras não contam, nem as mulheres idosas com problemas de vista.

Aparentemente, ele iria ignorar minhas constatações, porque continuou:

— Eu sou rico.

— E daí?

— Eu não sou feio.

— Aos seus olhos.

Ivan bufou, e, se o canto de sua boca estava curvado em um sorriso parcial, eu iria ignorar.

— Eu tenho duas medalhas de ouro.

Eu fiz um som de *pffft* quando inclinei meus quadris e parte superior do corpo para observar Ivan.

— Uma delas é o ouro por equipe, e o babaca do meu ex-parceiro tem umas vinte dessas.

Ele abriu a boca por um momento, a ponto de dizer alguma coisa, e depois fechou-a antes de encolher os ombros, que eram capazes de sustentar meu peso durante metade de um dia. Ombros fortes e musculosos, muito mais fortes do que alguém jamais lhe dera crédito. Eu não era exatamente leve como uma pena. Eu era pesada para o meu tamanho, mas era cheia de músculos. Eu tinha certeza de que pesava mais do que a maioria das garotas baixas, e ele sempre me levantava como se não fosse nada.

A cabeça dele inclinou para o lado e as mãos flexionaram no volante. E então ele sorriu, embora estivesse olhando para a frente.

— Você tem razão — ele admitiu, não parecendo exatamente feliz com isso. — Mas quantas medalhas você tem?

O que aconteceu depois, eu nunca seria capaz de prever. Mas aconteceu.

Nós dois dissemos *Ohhhhhhhh* para as besteiras que saíram das nossas bocas, como se estivéssemos na quinta série e tivéssemos feito uma piada muito boa, como *tua mãe*.

Foi um *Ohhhhhhhh* tão longo e tão inesperado que durou talvez três segundos antes que caíssemos na gargalhada, minha cabeça latejando *não* do esforço e minhas costas doendo, mas eu ri de qualquer maneira.

Era uma merda da parte dele apontar que eu não havia

conquistado nenhuma medalha de ouro, mesmo sabendo que isso realmente me irritava? Dããã. Mas aquele era Ivan. Que diabos mais eu esperaria?

Além disso, eu teria dito exatamente a mesma coisa se estivéssemos em posições opostas.

Mas isso me fez rir. E o fez rir.

E eu ainda murmurei *idiota*, enquanto ria comigo mesma, cabeça latejando e me sentindo um caos, mas sorrindo.

— Vá à merda.

— Peguei você. — Ele riu, aquela boca aberta em um sorriso tão grande que parecia que seu rosto mal poderia comportá-lo.

— Cale a boca — respondi, balançando a cabeça. — Você é um pé no saco.

Ele riu.

— Isso nunca vai mudar.

— Vá se foder.

— Não, obrigado.

Eu não pude evitar, ri de novo e depois Ivan também, mas o peguei olhando furtivamente duas vezes em minha direção, um sorriso colado àquela boca rosada e pálida. Ele fez isso de novo. Então de novo.

— O que você está olhando? — perguntei, sem saber por que continuava olhando para mim, e não gostando nada disso.

Seu sorriso não desapareceu quando ele respondeu:

— Você.

— Por quê? — Ele olhava para mim todos os dias.

— Porque sim...

Havia algo de errado com o meu rosto?

— Porque o quê?

— É raro você rir.

Se houvesse qualquer sorriso no meu rosto, eu o fiz desaparecer.

— Eu rio.

— Só vi isso acontecer algumas vezes.

Tentei não bufar, mas não consegui. Ele não era a primeira pessoa a me dizer isso.

— Eu não rio a menos que ache algo engraçado, mas rio com

minha família o tempo todo. Eu ri com Karina um milhão de vezes. Só não vou fingir que acho engraçado se alguém fizer uma piada de merda ou disser algo estúpido. Não sou falsa. — Estava parecendo uma louca me defendendo ou estava imaginando isso?

Ivan ainda estava sorrindo quando disse:

— Você provavelmente é a pessoa menos falsa que conheço, Almôndega. Jesus. Gosto da sua risada, mesmo que pareça um pouco assustadora.

— Assustadora?

— Você parece uma psicopata quando ri, cheia de heh, heh, heh, heh.

Minha coluna ficou rígida e não foi por causa da febre.

— Como eu devo soar? *Hehehe*?

Ele ainda estava sorrindo.

— Não. Seu heh, heh é a sua cara, e nunca mais ria assim novamente. *Isso*, sim, é assustador. Eu posso ter pesadelos hoje à noite por sua causa. Deus. Você parece uma boneca possuída ou algo rindo em um canto escuro, esperando que eu durma.

Eu não pude deixar de rir de novo, mesmo que minha cabeça doesse.

Então ele arruinou tudo, olhando por cima do ombro e mudando de expressão.

— Ainda estou chateado com você, por sinal. Não pense que esqueci.

Eu tinha esquecido.

Tinha esquecido que estava brava com ele e que o que ele havia feito era uma idiotice total.

Mas, quando ele me lembrou, afastei-me e fechei a boca. Encostei a testa no vidro, pensando no quanto estraguei tudo, e não tive a intenção de adormecer, mas aconteceu.



Estávamos sentados um ao lado do outro após comermos um jantar que preparamos depois de termos trocado quatro palavras só: O. Jantar. Está. Pronto.

Ele me acordou quando chegamos à casa dele — a última que eu

imaginária que ele poderia morar — e ele disse talvez dez palavras para mim. Para completar, não brincou nenhuma vez enquanto dizia qualquer uma delas. O que foi bom para mim porque também não estava com disposição.

Felizmente, eu estava muito ocupada olhando a casa em estilo fazenda para realmente me importar. De um azul rico com venezianas brancas, não era nada parecida com o estilo loft ou mediterrâneo no qual eu pensava que ele moraria, em algum bairro elegante com segurança e um clube com um pequeno parque aquático. *Não*. Quando olhei em volta da propriedade, tudo o que vi foi grama verde e árvores ao longe. Ivan tinha muito terreno. Tanto terreno que eu não conseguia ver outra casa em lugar algum ou ouvir vozes à distância.

— Não surte quando eu abrir a porta — ele murmurou, parecendo irritado ou frustrado, ou provavelmente os dois. E as pessoas pensavam que eu que tinha um gênio ruim...

Eu não perguntei o que poderia me assustar quando ele saiu da van e deslizou a porta do banco do passageiro, que destravou sozinha.

— Venha, Russ. — Ovi-o murmurar antes que ele sussurrasse algo que parecia com “Lacey, seja boazinha”, quando soltou a cachorrinha branca do cinto de segurança e ela pulou do banco, saindo do carro, correndo em velocidade máxima em direção à frente da casa no segundo que pôde.

Saí também, pegando minha mala e quase gemendo com o peso antes de levá-la para dentro da casa, lamentando não ter pedido a Ivan para me ajudar. Não que ele estivesse de bom humor, mas quem sabe?

Eu estava olhando a casa, a garagem para três carros e a imensidão de grama.

Era bonita.

Não que eu fosse admitir, especialmente não naquele momento.

— Não se desespere — ele me lembrou mais uma vez, uma fração de segundo antes de ouvi-lo abrir a porta enquanto eu estava de costas para ela.

E então, todo o inferno se libertou.

O que eu descobri um minuto depois foi que cinco animais — três cães, um porco e um coelho gigante — haviam saído da casa como se tivessem escapado da prisão. Dois cães estavam encoleirados

juntos, e o outro tinha três pernas, mas corria pra caramba. Pulando em cima de mim. Abanando os rabos quando se juntaram a Russ e à pequena dama, Lacey. Eles estavam animados pra caralho enquanto me rodeavam, cheirando tudo e muito mais, como se não pudessem acreditar que eu estava ali.

Um pequeno porco rosa pisou nos meus dedos, e meu coração... fez um movimento que eu não conseguia descrever.

Eu não sabia o que diabos tinha acontecido com o coelho que eu tinha visto, mas estava muito ocupada vendo todos os rostos e rabinhos empolgados.

E se alguém pudesse ficar surpreso por eu ter passado duas horas do lado de fora brincando com cinco cães e um porquinho, ninguém ficaria mais surpreso do que eu. Porque eu tinha me sentido uma merda total nem dez segundos antes, mas era como se tudo tivesse desaparecido enquanto aqueles rostinhos se esfregavam contra minhas pernas e mãos.

Então, horas depois, quando Ivan saiu da casa e disse para todos nós entrarmos, não reclamei muito, principalmente quando percebi que ele ainda estava com seu humor de merda.

Ainda de mau humor, segurando contra seu peito o coelho que eu tinha visto.

E eu definitivamente não reclamei do seu humor quando ele se dirigiu para uma cozinha que minha mãe descreveria como rústica.

Ivan tinha um quadro branco na geladeira com seus planos de almoço e jantar. Então, considerando que era sábado, ele pegou um pacote de peito de frango, já que a refeição na geladeira dizia: GALINHA, ARROZ JASMIM, BETERRABAS, e achei que seria isso que comeríamos. Sempre imaginei que ele tivesse um chef ou algo assim, mas estava vendo que não o conhecia.

Então, encontrei o arroz jasmim em um armário depois de procurar — e vi também um pote de vidro no balcão cheio de Hershey's Kisses —, e peguei a panela de tamanho certo depois que ele continuou me ignorando enquanto eu procurava. E nós começamos a cozinhar. Eu o deixei preparar as beterrabas, porque não tinha certeza do que fazer com elas. Além disso, para começar, eu não era uma cozinheira tão boa, principalmente porque poderia viver com carne assada temperada com apenas sal e pimenta, qualquer grão que eu pudesse preparar em uma panela de arroz e legumes no vapor ou cozidos pelo

resto da minha vida, se dependesse de mim.

No momento em que eu media uma xícara e meia de arroz em cada prato — porque Ivan tinha medidas no quadro branco de tudo o que queria no prato —, seu celular tocou. Ele passou por mim para pegá-lo no balcão e imediatamente respondeu:

— Alô!

Eu terminei de medir quando o ouvi continuar falando.

— Sim, ela está aqui... Melhor, mas ainda está doente... — Obviamente eu era a *ela*. Eu acho que a questão era: com quem diabos ele estava falando? — Amanhã...? Depende do que teremos... Isso pode dar certo... Tudo bem. Parece bom. Nos vemos amanhã, então... eu também te amo. Tchau.

Eu disse a mim mesma que não era da minha conta com quem ele conversava.

Mas, se ele deixasse o telefone por aí e eu conseguisse descobrir a senha, eu verificaria.

Ivan não me disse nada sobre para onde iríamos ou o que faríamos, e eu com certeza não ia perguntar, então fiquei com a boca fechada e me afastei, quando Ivan terminou de colocar a comida nos pratos e depois também enquanto comíamos.

Eu tinha acabado de engolir a última garfada do frango com limão que ele fritara em óleo de coco quando Ivan empurrou o prato e finalmente se virou para mim, parecendo tão chateado quanto estava duas horas atrás. Até seus ombros estúpidos estavam rígidos e tensos.

Eu lhe lancei um olhar preguiçoso, esperando o pior.

Então, só porque estava esperando que ele fosse me passar um sermão, não antecipei o que realmente saiu da sua boca.

— Quero que você exclua suas contas novamente.

— O quê?

Ele repetiu:

— Quero que você exclua suas contas novamente. Ter alguns seguidores não vale a pena se você recebe coisas assim.

O que diabos estava acontecendo?

— Ivan — comecei a dizer, confusa. — Não sei se ainda estão chegando por correio, mas as mensagens e comentários privados não estão.

— Nós podemos excluir as redes da dupla também. Lee vai entender — ele disse, as palavras soando cada vez mais irritadas.

Bem, eu não era o tipo de pessoa que dedurava outras, *mas...*

— Ela sabe sobre as mensagens. Ou tem uma ideia sobre elas. Nós conversamos sobre isso meses atrás.

Aqueles olhos azuis brilhantes poderiam ter lasers, a julgar por quão desconfortável seu olhar estava me fazendo sentir.

— O quê?

— Quando concordei em ser sua parceira, conversamos sobre isso. Eu não contei muito, apenas dei uma ideia do porquê de ter cancelado minhas contas.

— Espere um segundo...

Eu o ignorei.

— Ela me disse para contar, se as coisas voltassem a acontecer, mas eu não fiz isso. Simplesmente parei de ler minhas correspondências, para começar.

Ele piscou.

— Você contou para ela. Mas não me contou. — Por que diabos suas palavras estavam saindo rígidas e robóticas?

— Sim. — Porque era o que eu tinha feito. — Não achei que você precisasse saber.

Sim, ele estava ficando todo chateado de novo.

— Você pensou que eu não precisava saber?

— Sim. Nós não estávamos exatamente conversando, então... Parecia inútil. Por que você se importaria? — perguntei a ele com um encolher de ombros, para não me sentir mal por fazer o que tinha feito.

— Por que eu me importaria? — ele murmurou para si mesmo, ainda tentando me matar apenas com o olhar.

— Agora eu entendo. Nós somos amigos. Somos parceiros. Mas relaxe. Está tudo bem. Nunca recebi mensagens agressivas ou ameaças. Sempre são apenas... as fotos e aqueles vídeos. Talvez eu nem esteja mais recebendo.

Em algum momento, enquanto eu falava, ele começou a inclinar a cabeça para trás e olhar para o teto. Ele não estava olhando para mim quando falou, sua voz ainda soando metálica:

— É por isso que você não queria fazer as fotos para a TSN?

Eu não queria contar a ele, mas assenti.

— Sim. Este era outro motivo. Eu não estava mentindo quando disse que também não queria que você zombasse de mim.

Seu gemido foi basicamente um murmúrio enquanto ele continuava olhando as vigas do teto alto. Ivan suspirou. Suspirou e balançou a cabeça.

Foi a minha vez de suspirar.

— Pare com isso. Está tudo bem. Eu sabia o que estava fazendo.

Isso fez seu queixo cair.

— Sim, foi uma burra teimosa, e não está tudo bem.

Escarneci.

Ele olhou para mim.

Ok, talvez ele tivesse razão.

— Olha, eu não quero ninguém se preocupando. Todo mundo tem estresse suficiente em suas vidas, ninguém precisa que eu acrescente mais. Eu não posso... eu não vou parar de viver a minha vida e de usar o que eu quiser ou não usar por causa de outras pessoas sendo idiotas. Odeio deixar que isso me incomode tanto agora e no passado, para começar.

Ele continuou me encarando.

— Se eu precisar de ajuda, vou pedir.

A risada que saiu dele foi forte. Falsa. Uma que me disse que sabia que eu estava mentindo pra caramba.

— Você pode precisar de um transplante de rim e mesmo assim não pedir a alguém que você conhece, Jasmine. — Ele balançou a cabeça, uma carranca cruzando sua boca. — Você acha que eu não te conheço?

Bem. Merda...

— Você é tão teimosa, mas tão teimosa que me deixa *louco*. Você sabe quantas vezes eu quis te esganar? — ele perguntou, balançando a cabeça com clara irritação.

— Provavelmente metade das vezes que eu quis te esganar também.

Ele não caiu na minha piada.

— O que temos é mais importante do que um casamento.

Revirei os olhos e deixei a palavra com C de lado.

— É, e você sabe que sim. Preciso de você saudável e focada.
Algo desconfortável revirou meu estômago.

— Entendi, Ivan. Sem mim, você não pode competir. Pode confiar, eu entendo. Sei disso. Não estou pensando em te ferrar. Eu não quis ficar doente e estragar tudo, começando por nossa coreografia. Você sabe que sinto muito.

O olhar que ele me deu...

— Você é minha amiga, Jasmine. Não é só a porra da minha parceira. Não me venha com essas besteiras.

Recuei com seu tom e vi seu rosto ficar *furioso*.

— Quero que você esteja segura porque é importante para mim. Você acha que eu trago minhas parceiras para a minha casa? Você acha que eu as deixo entrar na minha vida? Você acha que eu passo tempo com as famílias delas? Não, nunca. Aprendi a lição quando adolescente e minha parceira tentou chantagear minha família dizendo que eles pagaram para nós vencermos nossos campeonatos juniores. É por isso que faço contratos agora, para manter as coisas profissionais. Eu nunca mais quero ser tão infeliz como estava depois que minha primeira parceira fez isso comigo e com a minha família. Mas você...

Bem... eu não sabia, não é?

E, de repente, tive vontade de jogar duas latas de bosta na vadia da parceira dele de infância. Mas pensaria nisso mais tarde.

— Você. Importa. Para. Mim. Você. Eu não poderia me perdoar se algo acontecesse com você por minha causa — ele continuou, sua voz aumentando de volume. — Eu te conheço desde criança, quando ajudou minha irmã a sair do gelo quando ela caiu. Você não a tratou diferente por causa do sobrenome dela, como todo mundo. Você não perguntou a ela sobre mim. Você e Karina apenas se escolheram. Eu sei o que você fez, ela me contou. Ela nos contou sobre Jasmine Santos, que não tem medo de ninguém. *Sobre Jasmine, que não gosta de unicórnios porque gosta de Pégaso, porque ele pode voar.*

“Eu queria que você fosse minha parceira há anos, idiota. Quando Karina me disse que você estava pensando em mudar para duplas, pensei que você iria insinuar algo, mesmo de brincadeira. Pensei que você ia dizer que me daria uma surra, e eu tinha planejado falar com você. Mas você nunca fez isso. Depois descobri que você tinha *encontrado* um parceiro. Um merdinha que não era tão bom quanto

você.”

Eu estava usando drogas alucinógenas de novo?

— Você se lembra? Lembra que eu não falei com você por seis meses depois disso? — ele me perguntou, todo o seu foco em *mim*.

E eu assenti. Lembrava-me de como ele tinha se voltado para mim com uma vingança do nada, falando tanta merda pelos próximos dois anos que não tinha certeza de como meus ouvidos não sangraram e como consegui não quebrar o carro dele inteiro.

— Você está na minha vida há treze *anos*. Como pode pensar que não ligo para você? Nós zombamos um do outro porque nós dois gostamos disso. Porque não há mais ninguém com quem possamos brincar que consiga lidar com isso.

Quero dizer... ele estava certo. Ele me deixava louca, sempre fez isso, mas era o único com quem eu podia falar naquele nível. Ele me irritou por anos.

Mas...

Mas...

Minha boca ficou aberta e fiquei em silêncio.

Eu...

Ele...

Bem...

Sua mão pegou a minha sobre a mesa, e eu... fiquei chocada. Surpresa. Fui total e completamente pega de surpresa.

— Eu não quero que nada aconteça com você, sua teimosa, tagarela e idiota, sendo minha parceira ou não. Fui claro?

Que. Porra?

— Mas não vou deixar você se safar dessa merda. Eu quero que você esteja segura. E quero que seja feliz. Mas não estou suportando sua merda de segredos ou suas mentiras, então precisa se acostumar. Você poderia ter me falado sobre o acidente da sua mãe. Sobre as cartas e os comentários. Você poderia ter me dito que não estava se sentindo bem, Jasmine. Mas isso acaba agora. É assim que vai ser. Ok?

Segura. Feliz. Não aguentando mais minhas merdas.

Eu não disse uma palavra, mas ele deve ter entendido como se eu concordasse, porque soltou minha mão e sentou-se ereto, finalizando a conversa com um olhar que eu não tinha certeza do que significava.

— Agora que terminamos, vou levar os cães para passear. Quer vir? Se você cansar demais, podemos arrastá-la de volta.



Capítulo Dezesseis

— Não sei se é uma boa ideia.

Ao volante do seu Tesla, Ivan encolheu os ombros e pronunciou a segunda frase que ele escolheu para me estimular o dia inteiro.

— Você não vai deixar ninguém doente. Seu período contagioso já acabou.

Já que ele dizia...

Passei a maior parte do dia dormindo no quarto de hóspedes, onde Ivan havia colocado minhas coisas no dia anterior. Fiquei tão distraída com os animais de estimação dele que nem percebi quando ele voltou para pegar a mala que caiu no chão.

Depois do jantar, levamos os cães para uma longa caminhada. Aparentemente, ele tinha 41 hectares a quarenta minutos da cidade e levava os cães — e o porco — para passear todos os dias que podia. Duas vezes por dia, ele tinha uma mulher chamada Ellie para alimentar todos eles, dar-lhes os medicamentos e deixá-los correr enquanto ele estava treinando. Comigo.

Quem diabos teria imaginado?

Eu queria saber o que o levou a ter tantos animais, mas a verdade era que eu não sabia como falar com ele depois da noite anterior. Ninguém nunca tinha falado comigo daquele jeito antes. Pelo menos ninguém que não fosse minha mãe.

Ele disse que queria que eu estivesse segura e feliz. E que isso não tinha nada a ver com o fato de sermos parceiros.

E tinha a ver com o quê? Eu queria saber. Mas estava com muito medo de perguntar e descobrir, porque... e se a resposta dele arruinasse o que havíamos construído?

Não achei que a verdade valesse a pena.

Então, depois de uma caminhada, por mais ou menos um quilômetro e meio, segui-o silenciosamente até a sala e me sentei no lado oposto do sofá, ficando cercada por Russ e uma Husky de oito anos e três pernas chamada Rainha Victoria, que decidiu que gostava muito de mim. Após dez minutos no sofá com um cachorro no meu colo e um ao meu lado, desmaiei e acordei horas depois, quando Ivan me deu um tapa na testa e me levou meio adormecida ao meu quarto com a mão na minha nuca.

E eu não tinha dormido tanto assim para não lembrar que havia me arrastado para debaixo das cobertas e que fora ele quem as ergueu até o meu queixo, depois examinou minha testa antes de apagar a luz e sair.

Dormi até a manhã seguinte e não levantei até quase meio-dia, o que mostrava quão terrível eu me sentia. Ivan tinha saído, mas deixou um bilhete na geladeira dizendo que ele estaria no CL e retornaria por volta de uma hora, e que eu não deveria me preocupar se uma mulher entrasse em casa, porque era quem passeava e cuidava de seus animais de estimação — Ellie —, que geralmente ia às sete da manhã. Eu estava dormindo, obviamente.

Então tirei vantagem disso. Durante a hora seguinte, bisbilhotei sua casa e descobri mais coisas sobre Ivan que me surpreenderam.

O coelho tinha uma grande e divertida área de recreação e uma casinha em um dos cinco quartos só para ele. Era honestamente melhor do que meu próprio quarto.

Ele tinha quatro grandes camas de cachorro e uma pequena em seu quarto principal gigante, e eu tinha certeza de que eram colchões personalizados e ortopédicos. Eu me sentei com Russ, que estava deitado do lado de fora do quarto onde eu estava dormindo com a Husky, Rainha Victoria, e decidi que até as camas eram mais confortáveis do que as que eu tinha em casa.

Ivan mantinha um tubo de lubrificante em uma das mesinhas de cabeceira — e meu estômago revirou em um pavor que eu fingi não sentir.

A casa dele era imaculada.

Não havia produtos de beleza em seu banheiro, o que significava que a pele perfeita dele era naturalmente perfeita — uma merda isso. Mas encontrei um frasco de gel orgânico em uma das gavetas.

Não encontrei preservativo em lugar algum.

Mas encontrei uma sala cheia de troféus, placas e duas medalhas de ouro.

E um computador com uma senha que não consegui descobrir.

As únicas fotos que ele exibia eram dele com sua família, de seus animais de estimação e sua família em geral. Eu estava em duas delas.

Era tudo muito interessante.

A única coisa pela qual não fiquei totalmente surpresa foi o fato de ter 99,9% de certeza de que Lacey, a buldogue francesa, não gostava de mim. Ela me observava toda vez que fazíamos contato visual e me encarava o tempo todo. Eu gostava dela. Era esperta por não ter certeza do que pensar de mim.

Quando ele voltou para casa, eu já tinha vasculhado tudo. Abri gavetas e armários, porque não tinha ninguém olhando, mas nem me senti mal sobre isso. Ele me conhecia bem o suficiente. Devia esperar que eu fosse fazê-lo. E se não esperava, era culpa dele por ser tão confiante.

Minha febre voltou em algum momento enquanto eu bisbilhotava, e retornei para o quarto de hóspedes para tirar uma soneca enquanto ele levava os cães — e o porco — para fora. Eram quase seis horas quando algo molhado cutucou meu rosto e me acordou. Era o porco rosa sentado no meu peito, com Ivan parado ao lado da cama, observando-me, enquanto segurava seu enorme coelho em um braço.

— O que foi? — resmunguei, tentando acariciar o porquinho como já tinha feito mil vezes antes, e isso não era novidade.

Aqueles olhos cinza-azulados permaneceram no meu rosto quando ele disse:

— Você quase parece meiga quando está dormindo.

Pisquei, surpresa.

— Eu disse quase.

Ainda acariciando o porco, e não tendo certeza se eu estava fazendo isso corretamente, lancei a Ivan um olhar cauteloso enquanto a mão dele roçava o coelho.

— Por que você está aí me olhando, seu esquisito?

O olhar de Ivan mudou para o porquinho quando ele falou:

— Eu vim para acordar você. Vamos jantar na casa dos meus pais. Vista-se.

— Não me sinto muito bem.

— Tudo o que vamos fazer é comer. Pode ficar sentada por uma hora. Minha mãe está preocupada com você.

Merda.

— Eu não quero deixá-los doentes. — O que era verdade. Não queria mesmo. Os Lukov sempre foram maravilhosos comigo. De verdade. Eles eram ricos, muito ricos, se eu pudesse ser exata, e vinham de uma linhagem que tinha ligações com a realeza russa, segundo Karina, mas eram as pessoas mais gentis e bem-educadas que já conheci.

Além de me darem um grande desconto nas minhas taxas de CL. Tipo 90% de desconto. Tudo o que tive que pagar nos últimos dez anos foram basicamente só as minhas taxas de treinamento e coreografia. Eles insistiram.

— Eles vão ficar bem — disse ele, ainda de pé, segurando o coelho como se fosse uma segunda pele. — E é dia dos pais. Eu quero ver meu pai.

Era dia dos pais?

— O quê? Você não sabia? — Ivan perguntou, lendo minha mente.

Estive tão ocupada no último mês que não tive a chance de assistir televisão.

— Não. Eu não sabia.

As sobancelhas dele se uniram.

— Você quer ligar para o seu pai primeiro?

Não hesitei em balançar a cabeça em negativa, mesmo que ainda parecesse fraca e vacilante. Pesada.

— Você tem certeza?

— Tenho. — Ele não se importaria se eu ligasse ou não. Provavelmente nem notaria.

Mas...

Seja uma pessoa melhor.

Talvez esse fosse o ponto. Eu poderia pelo menos enviar uma mensagem. Ser uma pessoa melhor. Lembrá-lo do que eu era dele, independente de isso o decepcionar ou não.

— Vou mandar uma mensagem no caminho. — Dei de ombros. — Ele provavelmente deve ter saído com seus enteados para fazer algo divertido. — Um sentimento estranho inundou meu estômago por um

segundo, mas o empurrei para longe. Para bem longe. — Vou mandar uma para o meu irmão e Aaron também.

— Você vem, então?

Pelo sr. Lukov, eu iria. Mesmo que ainda me sentisse um buraco gigante. Ele disse uma hora. Eu poderia passar esse tempo na casa deles.

Seu aceno de cabeça foi um pouco lento, mas finalmente veio ao mesmo tempo em que seu olhar mudou para mim e o porquinho que tinha subido para abraçar meu pescoço, então ele sorriu.

— Ela vai tomar banho com você, se você deixar.

A pequena criatura deu dois bufos suaves na minha pele e senti meu coração formigar ligeiramente.

— Ela vai?

Ele pode ter concordado, mas tudo o que ouvi foi:

— ãh-hã.

— Você se importaria?

Eu olhei para cima naquele momento só para descobrir que seu olhar não tinha se movido para lugar algum.

— Não.

E, assim mesmo, apesar de sentir que metade da minha energia fora sugada de mim e que a dor de cabeça não tinha desaparecido, sentei-me, chutei o cobertor das minhas pernas e coloquei Charlotte de volta na cama antes de me levantar.

— Se sua cabeça ainda dói, deixei analgésicos na mesa ao lado da cama — Ivan me avisou.

Consegui assentir, depois peguei as pílulas e tomei com o que restava da água no copo ao lado da cama. E só depois que as engoli foi que percebi que ele as tinha levado para mim.

Olhei para Ivan, que não havia se movido do lugar com o coelho, a menos de um metro de mim, e disse, as palavras saindo mais fáceis do que nunca:

— Obrigada.

Ele não parecia surpreso... mas... estava, enquanto segurava o coelho gigante.

Um banho sem Charlotte, os três minutos mais desanimados da minha vida para me vestir, outro copo de água e uma pequena viagem depois, estávamos estacionando na casa dos pais dele. E eu estava

louca para tirar outra soneca.

A casa ficava em um condomínio fechado no sul de Houston, com alguns acres separando cada mansão. Os Lukov viviam em um estuque de dois mil metros quadrados e uma monstruosidade de propriedade com uma piscina infinita onde Karina e eu passamos muito tempo na adolescência. Bem, não muito tempo, mas mais do que passei em qualquer outro lugar que não fosse a escola, o CL ou a minha casa.

Ivan embicou o carro na entrada sinuosa que levava aos fundos e o estacionou do lado de fora da enorme garagem para quatro carros. Soltei um suspiro cansado quando saímos e segui em direção à porta dos fundos que eu já tinha atravessado várias vezes no passado. Ivan abriu-a com a chave, e eu finalmente aproveitei o tempo para observar a camisa de botão que ele vestia com calça cinza justa que eu tinha a sensação de que eram feitas sob medida, porque não havia como sua bunda redonda se encaixar perfeitamente em qualquer coisa que não esticasse, e sapatos de couro preto que quase pareciam botas. Então olhei para a camiseta e a legging que eu vestia e dei de ombros. Os Lukov já me tinham me visto em situação pior. Eles sabiam que eu não estava me sentindo bem. Não era como se eu estivesse conhecendo os pais do meu novo namorado.

Não que isso já tivesse acontecido. Eu tinha namorado um pouco antes de mudar para duplas, mas todos os caras com quem eu saí foram idiotas no segundo encontro. Havia apenas um cara com quem saí há alguns meses, mas não conseguia mais me lembrar de como ele era.

— Olá? — Ivan chamou no segundo em que entramos na cozinha, para onde a porta dava.

Fechei a porta atrás de nós, encostando-me nela por um momento quando a exaustão me atingiu com força mais uma vez. A cozinha era a mesma da última vez que a vi, quase... um ano atrás. A última vez que fui àquela casa foi no aniversário de Karina, e isso foi logo depois que o idiota de Paul me abandonou. Então ela partiu para mais um ano na faculdade de Medicina e agora estávamos aqui.

— Sala de estar! — a voz da sra. Lukov soou.

Ivan olhou para mim por cima do ombro e franziu a testa.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça, e mesmo isso pareceu consumir muita

energia.

Ele deve ter lido no meu rosto, porque franziu a testa.

— Deveríamos ter ficado em casa.

— Eu vou ficar bem — prometi, afastando-me da porta.

Ele não parecia acreditar em mim, mas também não disse nada enquanto eu caminhava em seu encalço.

Em vez disso, Ivan estendeu a mão, e não pensei muito nisso quando deslizei a minha na dele e me inclinei contra seu corpo sem refletir sobre minha reação. Era costume, eu poderia dizer a mim mesma. Estava acostumada a ficar próxima dele. Parecia mais natural do que deveria ser.

— Você está se sentindo mal de novo? — ele perguntou gentilmente, apoiando meu peso sem reclamar.

Balancei a cabeça contra seu ombro.

— Só cansada.

Sua mão apertou a minha.

— Quer mais um pouco de água?

— Estou bem.

Ele faz “hummm” antes de perguntar:

— O que dói?

Engoli em seco e fechei os olhos por um momento.

— Tudo.

Não houve dúvidas quando Ivan ofereceu:

— Quer um abraço? Você gostou antes.

Eu assenti.

Ivan ficou em silêncio enquanto girava seu corpo e envolvia aqueles longos e musculosos braços em volta de mim, puxando-me para si, de modo que meu rosto ficou colado ao espaço entre seus peitorais. Meu suspiro foi instantâneo. Uma das mãos dele se posicionou na minha coluna e começou a esfregar para cima e para baixo, ao longo das minhas costas, antes de parar no ponto mais alto, acariciando uma omoplata e logo em seguida a outra. Circulando, circulando, circulando, aliviando a dor de alguma forma, como se fosse mágico.

— Isso é bom — sussurrei, tentando me aproximar ainda mais dele.

Algo sobre estar doente me fez querer ser cuidada. E

especialmente quando era Ivan. Ele era grande o suficiente para realmente me abraçar, e não era enjoado ou estranho em relação a carinho ou contato. Ele estava acostumado a isso também, eu acho.

Uma daquelas mãos grandes foi para a minha nuca, começando a massagear os músculos, e eu juro por Deus que gemia.

Ivan riu baixo no topo da minha cabeça.

— Isso é bom?

— Muito — sussurrei, praticamente inclinando todo o meu peso contra ele. — Eu poderia adormecer assim.

— Eu vou esfregar mais suas costas quando voltarmos — ele disse, uma das mãos indo para o meu pescoço, a outra ainda esfregando as duas seções dos dois lados da minha coluna.

— Promete?

Ele riu um pouco mais.

— Prometo. Mas, quando eu ficar doente, você terá que retribuir o favor.

— Certo. ãh-hã.

— Promete? — o pé no saco perguntou baixinho, seu tom bastante divertido.

— Sim.

Suspirei contra seu peito, sentindo o cheiro daquela colônia sutil e doce que ele geralmente usava.

— Minha pobre, pobre Jasmine — soou uma voz familiar de algum lugar próximo.

Congelei, percebendo onde eu estava e o que a sra. Lukov veria e pensaria, e estava prestes a dar um passo para trás quando os braços ao meu redor ficaram mais apertados. Tão apertados que eu sabia que não havia nenhuma maneira de recuar, como se tivéssemos sido pegos nos beijando, quando tudo o que ele estava fazendo era me dar um abraço e esfregar minhas costas. Você sabe. Considerando que fiquei nua algumas semanas atrás na frente dele e que ele me tocara por *toda* parte.

Mas algo sobre ser pega recebendo um abraço de Ivan parecia me deixar ainda mais vulnerável e íntimo do que se estivéssemos nos beijando.

Pelo menos foi o que pensei.

— Ela não está se sentindo bem — Ivan murmurou diretamente

acima da minha cabeça, quase como se estivesse falando contra o meu cabelo.

— Você está tomando o antitérmico? — ela perguntou de algum lugar atrás de mim.

Ainda não me mexi quando disse:

— Oi e sim. Ivan tem me mantido abastecida com eles.

Como ela sabia que eu estava com febre?

— Pare de ser ganancioso, Vanya, e deixe-me abraçá-la também — exigiu a sra. Lukov.

Apertando-me contra seu corpo mais uma vez, com aqueles braços quentes, ele me soltou, e imediatamente senti o calor subir ao meu rosto, rezando para que parecesse mais como se estivesse superaquecida por causa da febre — se eu ainda estivesse com ela —, e não por ser pega recebendo carinho do filho dela. No momento em que eu estava fora do seu alcance, virei-me devagar e fiquei cara a cara com a sra. Lukov, que aparentemente estava bem atrás de mim.

Ela já estava sorrindo. Um pouco mais velha do que minha mãe, ela parecia uma mistura perfeita de seus dois filhos... exceto que mais velha. Cabelo muito preto, que ela vinha tingindo para a cor natural desde que eu a conhecia, alta, magra, com pele pálida e os mais brilhantes olhos azuis, que Ivan herdara. Ela era quase tão bonita quanto minha mãe.

Só não era tão doida.

— Você está péssima, Jasmine — afirmou, um momento antes de me envolver em um abraço. Como ela tinha cerca de um metro e setenta, quase me fez sentir uma anã.

— Eu me sinto terrível — eu disse a ela honestamente, abraçando-a de volta. — Obrigada por me convidar. Espero não te deixar doente.

— Oh, pare com isso. Eu tenho dito a Vanya para trazê-la desde que ele me contou que tinha ido jantar no sábado com sua família, mas ele finge não me ouvir — ela falou, balançando-me de um lado para o outro. — Fiquei tão animada quando ele me disse que você seria sua nova parceira. Petr e eu sempre achamos que era apenas uma questão de tempo.

Sim, seus pais eram doces. E um pouco ingênuos. Mas eu gostava muito deles.

— Sonhei uma vez, há muitos anos, que vocês dois estavam no pódio ganhando uma medalha de ouro — ela contou, ainda me embalando como se eu fosse um bebê, e eu estava aguentando aquela merda porque nem minha mãe fazia isso comigo. — Talvez seja um sinal, hein?

Não pude deixar de ficar tensa ao lembrar que isso não aconteceria comigo.

Pelo menos não com Ivan.

Mas eu sabia de tudo quando aceitei, não sabia? Eu não tinha motivos para me decepcionar. Algo era melhor do que nada. Esperava que ganhássemos algumas medalhas, mas não uma olímpica.

Mas teria que ser suficiente.

— Seria bom — eu disse a ela, minha voz soando desligada, e não por me sentir mal. — Tenho certeza de que Ivan ficará ótimo com quem quer que seja sua parceira.

Foi a vez dela de ficar tensa ao meu redor. Senti sua cabeça se mover, mas não ouvi nada sair da boca dela, exceto um “Humm”, que eu não sabia como interpretar.

E, por mais que eu dissesse a mim mesma para relaxar, não conseguia.

Porque eu não estaria ao lado de Ivan quando ele chegasse às Olimpíadas em dois anos, e eu teria que me acostumar com isso.

Mas ainda não tinha chegado nesse ponto.

E, pela vibração estranha que recebi por um momento da sra. Lukov, eu não sabia o que estava passando pela cabeça dela.

Mas, depois de um minuto, ela deu um tapinha nas minhas costas e me acariciou como Ivan havia feito, antes de dizer:

— Eu sei exatamente o que você precisa para superar esse vírus.

Tomei os chás da sra. Lukov uma vez antes, enquanto estava menstruada e quase vomitei. Ela jurou que iria parar as cólicas. O que tinha feito fora acabar com meu apetite.

— Suco de laranja espremido fresco para vitamina C...

Oh! Graças a Deus. Eu relaxei em seus braços, então.

— E vodca. Isso matará todos os germes ruins em você.

Então eu fiquei tensa de novo.

— Ah...

— Vanya disse que você não estava tomando antibióticos — ela falou, como se eu não soubesse. — Você não tem que treinar amanhã. Vai ser bom para você, Jasmine.

Onde diabos estava Ivan e por que ele não lhe estava dizendo que eu não podia beber? Eu não *queria*, não gostava do gosto da vodca, mas...

— Você vai me dizer não? — ela perguntou, mas soou mais como um desafio.

Eu tinha coragem de dizer não a ela?

Mal conseguia começar a contar a quantidade de vezes que discuti com as pessoas. Não era possível imaginar um número para quantas pessoas xinguei. Fazia muito tempo desde que eu me importava com o que alguém além da minha família pensava e, mesmo assim, aquela pressão geralmente não era suficiente para me impedir de fazer algo que os embaraçasse.

Se essa fosse minha mãe, eu não teria problemas em dizer não.

Mas ela não era.

E, pelo tom da sua voz, as chances eram de que eu magoasse seus sentimentos se não fizesse algo que ela pensava que iria me ajudar.

Porra.

— Não, senhora Lukov — eu disse, um momento antes de Ivan me chutar na panturrilha.

Eu levantei a perna para tentar chutar o idiota por trás, mas ele estava fora de alcance.

— Excelente — ela respondeu, afastando-se de mim com um sorriso e duas mãos nos meus ombros. — Vanya? — Ela olhou ao redor de repente, como se lembrasse de algo e estivesse confusa. — Não trouxe nenhum bebê?

Bebês?

— Eu os deixei em casa.

Ah. Ah.

— Você não trouxe minha pequena Lacey? — a senhora Lukov indagou, e senti o desapontamento transbordando em suas palavras.

— Não, especialmente Lacey.

Seus ombros caíram em decepção, e ela até franziu a testa antes de olhar para mim e balançar a cabeça.

— Ele sempre vem com pelo menos dois de seus bebês. Sempre. Eles fazem uma bagunça, deixam pelo por toda parte, mas sinto falta deles. Bobo, não é, Jasmine? — Ela lançou para Ivan um olhar terno que apenas uma mãe amorosa é capaz de usar.

— Vanya e seus resgates. Sempre pegando coisas que as outras pessoas não querem mais, desde quando era pequeno.

Algo estranho aconteceu na metade superior do meu corpo, e eu não pude deixar de olhar para Ivan, que estava encostado no balcão da cozinha com os braços cruzados contra o peito enquanto eu estava com sua mãe. Seus olhos encontraram os meus. E eles não foram a lugar algum.

— Da próxima vez, suponho. A sopa está pronta, deixe-me arrumar algo para você beber e podemos comer! — a senhora Lukov exclamou.



Acordei sabendo que não estava na minha cama. Acordei sabendo disso, principalmente porque não havia como acordar nua na minha cama.

E meu quarto não era pintado de azul-royal.

Mas, principalmente, nunca dormi sem blusa. Eu não confiava em ninguém da minha família o suficiente para não invadir meu quarto enquanto eu estava dormindo e fazer algo comigo. E não queria assustá-los por verem partes de mim quando eu preferiria não ver as deles.

E, quando abri os olhos no quarto semiescuro, outra coisa confirmou que eu não estava no meu quarto ou na minha casa.

Não havia nenhuma chance, em qualquer universo, ou em qualquer nível do inferno, de eu acordar na minha cama apenas de calcinha, *com uma porra de um braço ao redor da minha cintura.*

Eu poderia ter surtado no segundo em que percebi que o peso no meu quadril e curvado na minha barriga estava coberto de pelos. Eu poderia ter gritado quando senti o primeiro suspiro contra a minha nuca.

Eu poderia ter feito todas essas coisas depois de acordar.

Mas não o fiz.

Principalmente porque *conhecia aquele maldito tom de azul-royal.*

Eu já o vira quando bisbilhotei no dia anterior. E quando olhei para baixo e estreitei os olhos, *conhecia o tom de pele* do braço que descansava sobre a minha barriga. Mais claro do que o meu. Polvilhado com pelos escuros. O antebraço estava alinhado com músculos esguios e torneados. Se isso não bastasse, eu seria capaz de reconhecer os dedos na minha barriga mesmo se estivesse com os olhos vendados.

Mas, mesmo sabendo de tudo isso, eu ainda não pude deixar de me transformar em uma estátua, deitada ali, sem blusa ou sutiã, e basicamente nos braços do único homem do mundo que eu deixaria me tocar assim, porque confiava nele, mesmo que não lhe dissesse isso. Eu não tinha certeza de quando comecei a confiar, mas isso aconteceu em algum momento. Foi algo que percebi de repente, quando menos esperei.

Mas o que diabos aconteceu?

— Bom dia, Almôndega — a voz familiar sussurrou suave e bruscamente, os sopros da sua respiração tocando meu pescoço... junto com o que deviam ser seus lábios úmidos e macios enquanto formavam cada letra que saía de sua boca.

— Dia? — perguntei, franzindo a testa, horrorizada, mas não tanto quanto teria imaginado.

Que porra aconteceu? Eu tentei pensar... Mas tudo o que meu corpo pôde fazer foi reconhecer o fato de que eu me sentia uma merda e não conseguia me lembrar de nada depois de chegarmos à casa dos seus pais, e sua mãe começar a me empurrar sopa de beterraba e o que ela se recusava a chamar de chave de fenda — mas realmente tinha gosto de chave de fenda — sempre que meu copo ficava vazio, apesar de Ivan ter dito a ela para parar depois da segunda dose.

Mas, como a minha própria mãe, ninguém dizia à sra. Lukov o que fazer. Especialmente o filho dela.

E, depois disso, tudo foi um borrão.

O que diabos aconteceu?, eu me perguntei quando Ivan suspirou contra o meu pescoço.

— Pare de surtar. Você derramou Gatorade em si mesma ao sair do carro e se arrastou para a minha cama no meio da noite.

Oh, Deus. Eu gemi, horrorizada. Sério. Horrorizada. De onde diabos o Gatorade veio, e será que eu estava tão bêbada que o

derramei e decidi que a melhor coisa a fazer era me despir em vez de tomar banho? Havia uma razão pela qual eu raramente bebia, além da quantidade de calorias de algumas bebidas.

E Ivan devia saber exatamente disso porque riu, sua boca pousando no meu pescoço.

— Eu disse para você voltar para a sua cama, mas você continuou dizendo que estava morrendo...

Eu queria me surpreender.

Mas não conseguia.

— Então você ficava dizendo *eu o quebrei*, e eu perguntei o que você quebrou. — Sua voz desapareceu ao mesmo tempo em que aqueles sopros vieram mais rápidos e leves contra mim.

Idiota.

Ele estava rindo, meio adormecido e tentando não fazê-lo.

— E você disse que quebrou o seu... seu... — Ele tentou sufocar a risada, e aqueles sopros foram ficando cada vez mais rápidos, mostrando-me que ele estava rindo. Como se a parte superior do seu corpo estar tremendo tanto não dissesse exatamente isso e de forma muito mais eficaz.

Eu gemi.

— Cale-se.

Ele ainda estava tremendo.

— Você continuou insistindo que quebrou o fígado.

Ótimo. A sensação era realmente de que eu tinha quebrado alguma coisa. E feio. Eu não conseguia me lembrar de *porra nenhuma*. Bebi mais do que nunca. Mais do que poderia. Mas com que quantidade de vodca a Sra. Lukov estava combinando minha bebida? Não parecia que ela estava colocando muita, mas...

Porra.

Ivan continuou:

— E você queria que eu te levasse ao hospital.

Eu gemi. Gemi por dentro.

— Você disse que queria que eu segurasse seu fígado...

Oh, Deus.

— *Só um pouco, Vanya, só um pouco* — ele engasgou. — *Eu o quebrei.*

Eu o chamei de Vanya? Hããã? Deixei isso de lado e foquei na parte mais importante.

— Então você me deixou ficar na sua cama? Sem blusa? Para que você pudesse segurar meu fígado?

O braço ao meu redor se apertou.

— Você insistiu.

— Sem sutiã.

— Você veio pra cá assim. O que eu ia fazer? Forçar você a se vestir? Você sabe como é teimosa quando não está bêbada.

— Você poderia ter se vestido.

— Eu estava na minha cama, confortável, dormindo. Foi você quem apareceu.

Inclinei a cabeça para tentar olhá-lo por cima do ombro antes de lembrar que provavelmente não tinha escovado os dentes.

— Você está pelo menos de calça?

— Não.

— Você não poderia ter vestido uma?

— Estava muito quente aqui.

— Você poderia ter colocado uma camiseta em mim.

— E colocar as mãos em você sem permissão?

Prendi a respiração. Então revirei os olhos quando a mão pálida na minha barriga fez um pequeno movimento.

— Seu idiota, suas mãos estão em mim agora mesmo.

Sua risada foi lenta e impressionante, sem arrependimentos, como sempre.

— Ou vista você uma camiseta.

Ele fez uma pausa. Então disse:

— Não.

Eu ia matá-lo.

— Então você achou que seria bom nós dois ficarmos assim?

Senti, mas não vi, seus ombros se encolherem.

— Por que você não saiu da cama?

Ele bufou.

— Por que eu deveria? É minha. — Sua risada suave roçou a parte de trás do meu pescoço. — E até parece que eu nunca te vi nua...

Eu gemi.

— E meu trabalho é garantir que você esteja bem.

Essa era uma maneira de ver as coisas. Se você inclinasse a cabeça para o lado e fechasse os olhos.

— Não quando eu estou sem blusa.

— Mas eu já fiz isso, lembra?

Ele tinha razão? Claro que tinha. Eu me importava? Claro que não.

— Você deixou todas as suas parceiras virem para a sua cama bêbadas e nuas, seu maldito pervertido?

Ivan parou de respirar e riu atrás de mim por um momento, mas a tensão em seu corpo diminuiu rapidamente.

— Não. Você deixou todos os seus parceiros vê-la nua?

— Não. — Souu mais como um *porra, não!*, mas minha cabeça estava doendo tanto que eu não consegui proferir.

Nenhum de nós disse nada por um momento até Ivan decidir fazer uma pergunta que eu não esperava.

— Você sente falta dele? — Algo tocou minhas costas, e me esforcei para agir como se não fosse grande coisa, mas provavelmente era o pau dele coberto apenas por roupas íntimas, então, era, sim, grande coisa. Amigos não tocam o pênis de outros amigos, não é?

Amigos com benefícios tocam, uma pequena voz na minha cabeça sussurrou antes de eu fazer essa idiota calar a boca e perguntar:

— Quem?

Houve uma pausa.

— Paul.

Dessa vez, eu consegui dizer bem facilmente:

— Porra, não.

O que talvez fosse o pau dele ainda estava me tocando quando ele indagou:

— Tem certeza?

— Tenho. — Então não pude deixar de olhar por cima do ombro para vê-lo literalmente ali. Certo, porra. Que se danasse o hálito matinal. — Você sente falta das suas antigas parceiras? — joguei a pergunta como uma idiota completa, mesmo quando uma parte da minha cabeça me avisava que era uma ideia estúpida.

— Nem um pouco.

Hããã.

— Você se arrepende que Mindy tenha tirado um ano de folga e agora você esteja preso comigo? — Fiz outra pergunta idiota, me arrependendo na mesma hora.

Ele olhou para mim, por tanto tempo, a centímetros do meu rosto, enquanto nenhum de nós estava vestido, que eu tinha certeza de que não responderia. Mas ele o fez, e sua resposta de uma só palavra fez parecer com algo mais.

— Não.

Não.

Ok.

Nenhum de nós disse nada. Nem por um minuto nem por cinco, com base no relógio digital na mesa de cabeceira que eu podia ver por cima do ombro dele.

O órgão macio, mas duro, que estava provavelmente me cutucando, pareceu se mover, e eu jurei que meu clitóris sentiu. Eu estava prestes a me masturbar, pela sensação. Eu não fazia isso desde a manhã antes de eu ficar doente, e isso era quase um recorde mundial para mim.

— Ivan? — falei gentilmente.

— Humm? — Ele soava todo sonolento e preguiçoso de novo.

— Você vai mexer esse seu pau ou é esse tipo de amigos que vamos ser? — tentei brincar.

Sua risada era suave quando ele disse:

— É esse o tipo de amigos que vamos ser.

E, se foi decepção o que senti na minha barriga, tentei dizer a mim mesma que era apenas vergonha por ter ido para a cama dele, para início de conversa.



Capítulo Dezessete

VERÃO / OUTONO

Pequenina: Jantar no Margot às 19h com o papai.

Seb: Ok.

Jojo: Por mim, tudo bem. Eu e James estaremos lá.

Tali: Parece bom.

Mãe: Ben irá comigo.

Pequenina: Ok, mãe.

Mãe: Eu sei que você está fazendo uma careta, Rubéola. Não faça.

Mãe: Eu sou casada. Ele sabe isso. Ele é casado. Eu sei isso.

Pequenina: Eu não disse nada!

Mãe: Mas eu sei que você não aprova.

Pequenina: -_-

Mãe: Eu vou me comportar bem.

Pequenina: Promete? Não vai implicar com ele?

Mãe: Eu prometo. Nem uma palavra.

Pequenina: Você prometeu.

Pequenina: Jas, você vai, né?

Suspirei e esfreguei minha têmpora com as costas da mão. Eu sabia que meu pai havia chegado alguns dias atrás. Eu não tinha esquecido.

Acabei por escolher não ir até a casa de Ruby, onde ele estava hospedado, para dizer oi.

Estava cansada depois dos treinos de dois dias, balé, pilates, exercícios, corridas e trabalho. Faltando apenas duas semanas para a primeira competição, era a *hora da ação*. Estávamos ficando sem

tempo, e eu estava estressada pra caralho. Como estive nos últimos dois meses ou mais. Porque, desde o momento que melhorei e Ivan finalmente “me permitiu” ir para casa, começamos a aprender os passos da coreografia para o programa curto e o programa livre. Decidimos não nos preocuparmos em focar no programa habitual de exibição que a maioria das duplas montava para eventos de gala que ocorriam após as principais competições. Ivan e eu decidimos que nós três — incluindo a treinadora Lee — poderíamos montar algo.

Todos nós sorrimos quando ele decidiu a música.

E, apesar de ser cansativo aprender coreografia, para mim era mais difícil do que para Ivan. Não que eu tivesse dito isso a ele ou deixado transparecer. Porque eu tinha que fazer a mesma coisa que fazia desde o começo: praticar quinhentas vezes mais quando *não estava* com minha treinadora ou coreógrafo.

Se algum deles achou estranho eu ter levado minha câmera e tripé para os treinos, não disse nada. A treinadora Lee já tinha sua câmera configurada para gravar coisas que seus olhos não conseguiam captar. Meus olhos precisavam da câmera para rastrear os movimentos e elementos à noite, no meu quarto ou na sala de estar. E, durante a semana, eu convidava minha mãe, Tali ou Jojo para irem comigo ao CL à noite — das dez à meia-noite — para me observarem e me corrigirem enquanto eu fazia os passos tantas vezes que meus músculos eram forçados a memorizá-los.

Por quase um mês, sobrevivi só com três horas de sono, seis dias por semana.

Foi um inferno. Foi uma merda. E me deixou de mau humor.

Mas não podia reclamar. Mesmo que isso significasse que eu teria que começar a me maquiar antes dos treinos para que minhas olheiras não fossem tão óbvias.

Mas sobrevivi de junho a julho.

E eu sobrevivi à intensidade de julho a agosto e depois a setembro, quando nossos movimentos foram separados, reconstruídos com repetição e muita paciência. Perfeição era difícil de alcançar. Mas nenhum de nós esperava ou queria menos.

Então...

Nós continuamos.

Arranjei tempo para a minha família nas noites de sábado, quando Ivan geralmente se juntava a mim, a menos que um de seus *filhos*

estivesse doente. E, naqueles raros dias em que um deles não se sentia bem, eu ia visitá-lo no domingo, passávamos na casa dele e os levávamos para passear, ou assistíamos televisão em seu grande e confortável sofá. E, duas vezes, eu levei Jessie e Benny comigo, e fora tão divertido, porque Lacey poderia ser um pouco atrevida, com aquele olhar desconfiado que me impressionava, mas ela amava crianças.

Eu trabalhei. Eu treinei. Choveu. Eu fiz balé com e sem Ivan. Eu fiz pilates sem ele, às vezes com minha mãe. Eu corria, às vezes com Jojo. Fui escalar algumas vezes com Tali. Ruby e Aaron vinham jantar aleatoriamente.

Cada minuto da minha vida começou a contar. Medido, reservado e distribuído antes mesmo de o dia começar.

Mas adorava. Valorizava isso. Todos aqueles momentos espremidos eram apreciados e necessários para mim.

Eu estava fazendo as coisas funcionarem. Eu estava feliz. Muito feliz.

Então, a última coisa que eu queria ou precisava era ir ver meu pai.

Mas...

— Que cara é essa? — Ivan perguntou, de onde largou sua bolsa ao meu lado na academia onde íamos treinar naquela tarde, enquanto tentávamos fazer um salto quádruplo *porque... porra, por que não?* Eu perguntei quando a treinadora Lee mencionou quão fácil nossos lançamentos triplos haviam se tornado e como ela achava que poderíamos adicionar outra rotação *facinho, facinho*. Só que, na academia, poderíamos experimentar sem o medo de eu abrir a porra da minha cabeça no gelo.

Aparentemente, eles descobriram, graças ao meu check-up, que eu já tinha sofrido cinco concussões e precisava tentar evitar outra. Me ofereci para colocar um capacete de bicicleta, mas tudo que consegui foram dois olhares de reprovação.

Ivan foi o único que ganhou um dedo do meio em resposta.

Eles não gostaram da minha piada sobre tentarmos um giro Pamchenko também.

Então ali estávamos nós.

Não guardei meu telefone enquanto olhava para ele. Ivan usava uma camiseta branca fina que devia ser antiga, de tão esfarrapada, e calça de moletom preta desbotada que eu nunca tinha visto antes,

nem mesmo em sua casa, quando ele vestia o mesmo moletom com que treinava. E ele parecia ótimo. Eu não sabia por que isso me surpreendia.

— Meu pai está na cidade.

Ele piscou.

— Pensei que seu pai era completamente ausente.

O riso que saiu de mim foi mais triste do que engraçado.

— Não. — Eu torci o nariz e desviei o olhar. Ele não era.

Ivan murmurou, pensativo, e eu sabia que isso nunca significava nada de bom.

— Acho que você nunca o mencionou além do dia dos pais, quando disse que não ligaria para ele. Eu imaginei...

Olhei para o meu telefone no chão e me peguei balançando a perna. Meses atrás, eu teria mudado de assunto. Mas Ivan tinha crescido no meu conceito... ele se transformou em alguém para quem eu não mentiria mais. Nunca. Mesmo sabendo de tudo isso e aceitando, ainda contei apenas uma parte da história. Contar a ele *tudo* seria demais. Para mim. Eu estava feliz. Não queria estragar as coisas.

— Nós não moramos perto. Ele vive na Califórnia — expliquei.

— Então? Ele é um idiota? Não pagava pensão alimentícia todo mês? — ele perguntou sem rodeios.

Balancei a cabeça, buscando mais honestidade e percebendo que não era tão difícil quanto eu esperava.

— Não. Ele pagou pensão alimentícia, vinha nos visitar muito enquanto Rubes, Seb e Tali ainda estavam crescendo. Ele ainda vem nos visitar uma vez por ano. Telefona nos aniversários. Envia cartões com presentes de Natal... — Enquanto passava a data com seus enteados. Mas eu não disse isso. De que adiantaria?

Uma expressão divertida surgiu em seu rosto, mas ele não disse nada, e isso só me fez suspirar. Eu podia vê-lo tentando descobrir qual era a situação. E, ou ele arrancaria isso de mim naquele momento, ou me encheria o saco por tanto tempo que eu acabaria falando do mesmo jeito.

— Ele não me apoia muito na patinação artística, só isso. — Dei de ombros. — Você pode adivinhar como isso me faz sentir. De qualquer forma, ele veio nos visitar, e minha família irá jantar hoje à noite, e eu

não quero ir.

Ele se inclinou para a frente e me deu um tapa na testa.

— Então não vá. Diga que temos que treinar.

Olhei para ele de lado, mas mantive minhas mãos paradas.

— Eu costumava fazer isso toda vez que ele vinha nos visitar. Fiz por anos.

— E?

— Estou tentando não fazer mais isso — repeti. — E não gosto da ideia de fugir de ver meu pai só porque não quero ouvi-lo me chamar de decepção.

O piscar de olhos de Ivan foi lento. O tique que pulsava em sua mandíbula foi ainda mais, e ele abaixou a voz de uma maneira que eu não ouvia desde a manhã, há mais de dois meses, quando ele se sentou ao meu lado enquanto eu excluía minha conta do Pictogram após os comentários rudes e as mensagens que continuaram chegando. Quando ele me pediu para verificar minha caixa de correio comigo a partir de então, eu nem sequer discuti, mas nada de estranho devia ter chegado, porque Ivan não me mostrou nenhuma carta assustadora.

— Ele já te chamou disso alguma vez?

Merda.

— Não, mas algumas pessoas são realmente boas em deixar transparecer o que realmente pensam. — Suspirei novamente e esfreguei a testa mais uma vez. Será que eu devia ir? Deveria mentir e ficar em casa ou fazer alguma coisa com Ivan? Eu sabia o que realmente queria fazer.

Não foi nem uma escolha. Mas que se fodesse.

— Vai ficar tudo bem. Eu cresci. Posso ficar de boca fechada e não discutir com ele por duas horas.

Pelo menos era o que eu diria para mim mesma...

Ivan cutucou meu braço com o dele que usou para me abraçar várias vezes naquela semana, geralmente sem nenhum motivo, mas sempre quando acertávamos algum movimento ou apenas quando fazíamos um ótimo treino.

— Estou livre esta noite.

Eu bufei.

— Você está livre todas as noites.

Porque ele sempre estava. Além de mim e da sua família, a única outra coisa com a qual ele passava seu tempo eram seus bebês em casa. Ele me disse uma vez que ficava tanto tempo fora que agora só queria estar em casa o máximo possível.

Ele me cutucou novamente.

— Posso te beliscar se você começar a discutir com ele — ofereceu.

Não pude deixar de sorrir.

— Tenho certeza de que você me beliscaria mesmo que eu não discutisse com ele.

Seu sorriso me iluminou. Guardei a imagem e reservei para mais tarde, como sempre.

— Você quer que eu limpe minha agenda lotada com Lacey, então?

Oh, Lacey. A monstrelha fofa, desconfiada, que guardava rancor, que mal me deixava acariciá-la. Só deixava quando queria. E apenas por um segundo. E não na cabeça.

— Você não precisa fazer isso. Sei que prefere ficar com a galera em casa.

— Sim, porque é a única hora que as pessoas não ficam olhando para mim e fazendo fofocas — respondeu, com uma honestidade que me pegou desprevenida. — Mas eu não gosto que você tenha medo de sair com seu pai. — Ele me deu outro daqueles sorrisos radiantes. — Você sabe que posso te manter sob controle.

Eu bufei e revirei os olhos.

— Você pode tentar.

Ivan recostou-se nas mãos, seu sorriso aumentando.

— Almôndega, você sabe que eu posso. Não tenho medo de você. Você gosta demais do meu rosto para me dar um soco.

Que idiota. *Idiota*. E eu apenas o incentivei, sorrindo, porque não queria rir e incentivá-lo ainda mais.

— Um dia desses, vou enfiar meu pé na sua bunda para ver se você mantém isso sob controle.

Ele riu alto, sorrindo.

— Você pode tentar.

Revirei os olhos e fingi que não tinha um sorriso no rosto.

— Você já comprou a edição de Anatomia? — ele perguntou de

repente.

— Já saiu?

Ivan assentiu.

— Ontem — ele respondeu, já alcançando sua bolsa e puxando-a. Levou apenas um momento para que pegasse uma revista preta brilhante com um jogador de futebol de aparência familiar na capa e jogá-la no meu colo.

— Página 208.

Folheando a revista e observando pedaços de coxas, bíceps e costas esculpidas, encontrei a página e olhei-a por inteiro. Eu tinha certeza de que eles usariam uma das fotos que a fotógrafa tirou de nós fazendo um levantamento estrela, um movimento em que Ivan me colocava sobre a cabeça com a mão no meu quadril, enquanto eu parecia estar de cabeça para baixo em uma posição dividida. A fotógrafa nos mostrou quando terminamos o dia.

Mas a revista não escolheu essa imagem.

Em vez disso, foi a foto mais perfeita de nós fazendo uma espiral da morte. Bem, uma espiral da morte modificada, porque, em vez de ter meus braços presos às laterais do corpo, quase paralelo ao gelo, eu os coloquei sobre meus seios, cobrindo os dois pedaços que não queria mostrar: meus mamilos. Com Ivan na posição de pivô, que basicamente parecia estar sentado em uma cadeira imaginária com uma perna ligeiramente esticada para trás, de modo que o dedo do pé estava ancorado no gelo, uma de suas mãos estava segurando uma das minhas. Em movimento, ele teria me girado em círculo, com meu corpo paralelo ao gelo, minha cabeça nivelada com o joelho, então eu estava a centímetros de roçar a pista.

Era um dos meus movimentos favoritos.

Mas olhando para nós na revista... era incrível.

As linhas musculares nas coxas e panturrilhas de Ivan eram inacreditáveis. O braço que segurava o meu era longo e forte, seu ombro e pescoço visíveis eram graciosos pra caramba. Ivan estava incrível. Um exemplo físico perfeito de todas as coisas que compunham a patinação: elegância, poder e flexibilidade.

E eu parecia muito bem também. Jojo não choraria demais. O ângulo em que a foto foi tirada mostrava quase toda a coxa, o perfil de uma nádega e a pele dos quadris, alguns abdominais, costelas e carne até a mão que segurava a de Ivan.

Era uma obra de arte. Uma obra de arte que valeria qualquer merda que eu pudesse receber pelo correio que Ivan agora estava recebendo para mim. Estava bonito.

Eu precisaria pegar uma cópia e emoldurar.

— O que você achou? — Ivan perguntou.

Eu estava olhando para a cadeia de músculos que envolvia as costelas dele nas costas e respondi:

— Ficou bom.

Nem pude me surpreender quando ele me deu uma cotovelada em resposta.



Eu cometi um erro horrível.

Um erro terrível, terrível.

Eu deveria ter ficado em casa. Deveria ter ido à casa de Ivan. Eu deveria ter ficado no CL.

Eu deveria ter feito algo diferente de jantar com minha família para ver o meu pai.

Porque era fácil esquecer que o amor era complicado. Que alguém podia te amar e querer o melhor para você e, ao mesmo tempo, partilha ao meio. Havia algo muito peculiar em amar alguém da maneira errada. Era possível amar demais alguém. Com muita força.

E, comigo, meu pai dominava essa merda.

Eu estava sentada do outro lado da mesa, esforçando-me para não chamar atenção depois de dar meu primeiro abraço no meu pai em mais de um ano. Foi estranho, pelo menos para mim. Todos os meus irmãos e até minha mãe deram um nele, então eu também dei.

Meu objetivo era ficar calada o máximo possível para me impedir de dizer qualquer coisa que pudesse desencadear a palavra com F que surgia com muita frequência quando estávamos perto um do outro.

Mas surgiu, como sempre, não importava o quanto eu não quisesse.

E eu tinha que agradecer a Ruby por isso.

Ela, que citou meu *novo parceiro incrível* — que havia se sentado ao meu lado e do outro lado de Benny —, e como teríamos várias

competições nos próximos sete meses.

E, assim, sem me parabenizar por me unir ao homem que ele provavelmente não conhecia, que era um *medalhista de ouro*, um *campeão mundial*, que tinha fãs e até uma biografia não autorizada escrita sobre ele, meu pai pulou direto para uma conversa que nunca terminara bem entre nós.

Ele se inclinou sobre a mesa, um homem bonito, com a pele e o cabelo das cores exatas dos meus, e perguntou com um sorriso condescendente:

— Estou feliz por você, Jasmine, mas o que quero saber é o que você vai fazer depois?

Droga.

Mais tarde, eu diria a mim mesma que havia tentado. Eu tentei me fazer de boba e optar por uma brincadeira, apesar de odiar esse jogo. Eu odiava ter que dar uma chance a ele.

— Depois da temporada? — perguntei, esperando *muito* que ele não me envergonhasse ou insultasse Ivan por não dar a mínima para que ele fosse um patinador.

Mas, como em todas as outras vezes, ele não ligava ou ignorava os sinais que eu podia sentir que todos davam a ele para que calasse a boca.

— Não, depois que você se aposentar — respondeu, com uma expressão agradável no rosto de setenta anos. — Sua mãe me disse que você ainda está trabalhando em uma lanchonete. É maravilhoso você ganhar dinheiro depois de todos os anos que passou dizendo que não podia trabalhar porque *tinha que treinar*. — Ele riu.

Como se eu não tivesse dito essa merda aos dezesseis, dezessete e dezoito, quando eu estava lutando com a escola e tentando espremer a patinação em todos os outros minutos da minha vida, porque estava arrebentando na época. Eu havia dominado a cena dos juniores. Eu, com certeza, não queria trabalhar, porque um emprego de meio período teria significado o fim do meu sonho.

Minha mãe sempre soube disso e entendeu.

Mas ele, não.

E eu tinha me fodido aos dezoito anos e pedi dinheiro a ele, mesmo sabendo que não deveria tê-lo feito.

Você está um pouco velha para essa coisa de patinação, Jasmine,

não está? Concentre-se na escola. Concentre-se em algo no qual você sempre será boa. Esses sonhos tomam muito tempo.

Eu não era uma pessoa supersticiosa. De modo algum. Mas a temporada seguinte foi a pior que já tive. E cada uma depois disso não havia melhorado muito.

Os treinos foram bons. Tudo o que levou a todos os eventos foi ótimo. Mas no momento em que realmente importava... eu travei. Estraguei tudo. Perdi minha confiança. Todas as vezes. Às vezes mais do que outras, mas sempre.

E eu nunca disse a ninguém que culpava meu pai. *Concentre-se em algo no qual você sempre será boa.* Porque, segundo ele, eu nem sempre seria boa na única coisa do mundo na qual eu era realmente ótima.

E suas palavras, então, no restaurante com minha família, foram um soco no meu estômago, com o qual eu não era capaz de lidar ou evitar.

E ele continuou indo em frente.

— Mas você não pode trabalhar como garçõete para sempre, e não pode patinar pelo resto da vida, sabe? — disse meu pai, ainda sorrindo como se cada uma de suas palavras não estivesse enviando uma centena de agulhas direto na minha pele, cada uma ficando mais profunda a cada segundo, tão profunda que eu não tinha certeza de como diabos eu as tiraria de lá.

Cerrei os dentes e olhei para baixo, forçando-me a manter a boca fechada.

Para não mandar meu pai se foder.

Para não culpá-lo por todo o dano que suas palavras e ações haviam me causado.

Não contar ao meu pai que eu não tinha ideia do que faria depois de patinar e de alguma forma não admitir que a falta de resposta — ou mesmo de uma ideia — me dava pânico. Eu nem sabia o que faria dali a um ano, quando tudo terminasse com Ivan, mas não ia trazer essa merda à tona, assim como Ivan também não o fazia há meses. A última coisa que meu pai precisava saber era que Ivan não me queria por mais de um ano, mesmo que ele fosse meu melhor amigo e uma pessoa com quem eu gostava de passar o tempo.

Meu orgulho só podia suportar um pouco de cada vez.

— Acho que você deveria ter cursado a faculdade como Ruby. Ela

estudou e ainda fez o que queria — meu pai continuou, alheio ao fato de que estava me matando por dentro, e que minha mãe, sentada ao meu lado, estava segurando a faca como se precisasse dela para sobreviver. — Nunca é tarde para voltar e criar algo por si mesmo. Eu tenho pensado em fazer um MBA, sabe?

Fazer algo por mim mesma. *Fazer algo por mim mesma.*

Engoli em seco e apertei meu garfo com mais força, apunhalando meu ravióli como uma vingança e enfiando-o na boca antes que pudesse dizer algo do qual me arrependeria.

Mas provavelmente não.

Algo me tocou embaixo da mesa, deslizando sobre o joelho e segurando-o. Eu não tinha percebido que estava balançando a perna até ele me fazer parar. Olhando pelo canto do olho, pude ver o braço de Ivan parcialmente escondido sob a mesa. Mas o que eu com certeza podia ver era o fato de que ele estava me olhando de soslaio, com suas bochechas coradas.

Por que elas estavam assim?

— Você precisa se concentrar em fazer algo que te dê dinheiro quando for mais velha e não puder patinar no gelo — meu pai prosseguiu, alheio.

Eu segurei meu garfo com tanta força que meus dedos ficaram brancos ao redor dele. A mão no meu joelho apertou-o ainda mais antes de se mover para um pouco abaixo, na rótula, alisando-a. Ele tinha que dizer essas coisas na frente de alguém que havia dedicado sua vida inteira à patinação? Uma coisa era me insultar, mas outra era minar todo o trabalho duro de Ivan também.

— Você não era tão boa na escola, mas sei que pode conseguir algo — meu pai continuou falando, parecendo tão entusiasmado com a ideia de eu ir para a faculdade que foi isso que me instigou.

Jasmine não tem dificuldade de aprendizado, ele discutiu com minha mãe um dia na cozinha, quando eu tinha, talvez, oito anos e deveria estar na cama, mas tinha escapado do quarto e estava espiando pelas escadas. *Tudo o que ela precisa é se concentrar.*

Olhando para ele, para aquele homem que eu amava e queria que me amasse também, tudo o que senti foi uma raiva que não tinha enfrentado nos últimos vinte anos desde que ele se divorciou da minha mãe e foi embora. Quando me deixou. Deixou todos nós. *Só foi embora.* E eu engoli em seco, aceitando que ele não me conhecia e

que eu nunca o conheci. Talvez tivesse sido minha culpa. Talvez fosse dele.

Mas isso não significava que eu iria calar a boca como prometi a todos.

— Não, não fui tão bem na escola. Eu odiava — falei lentamente, tomando cuidado com cada palavra que saía da minha boca. — Eu me odiava por odiar.

Os olhos escuros do meu pai brilharam em minha direção, surpresos.

— Oh.

— Eu tenho uma dificuldade de aprendizado, pai. Foi difícil para mim, e eu não gostei — continuei, mantendo meus olhos nele e ignorando os olhares que eu tinha certeza de que meus irmãos estavam trocando. — Eu não gostava de ter que ir... como você chamava? *Ao tratamento especial para aprender o ABC enquanto todo mundo já estava lendo.* Não gostava de descobrir maneiras diferentes de aprender a soletrar porque meu cérebro tinha dificuldade de acompanhar as sequências de letras. Eu não gostava de nunca me lembrar das combinações dos meus armários, então eu precisava escrevê-las na minha mão todos os dias. Eu odiava que as pessoas pensassem que eu era burra.

Mesmo do outro lado da mesa, eu podia senti-lo engolindo em seco. Mas ele que criou aquela merda. Ele havia levantado um assunto que todo mundo, exceto Ivan e provavelmente Aaron, conhecia.

— Mas há aulas que você pode fazer, coisas que pode fazer para ajudar.

Contive meu suspiro, mas descontei no garfo que ainda estava segurando.

— Eu sei ler e escrever. Não é isso. *Eu aprendi como.* Não gosto de escolas e nunca vou gostar. Não gosto de pessoas me dizendo o que fazer e o que aprender. Eu não vou me formar e ter um diploma universitário. Nem amanhã, nem daqui a cinco anos, nem daqui a cinquenta.

A expressão do meu pai vacilou por um momento, seu olhar percorrendo a mesa como se estivesse procurando por algo, e eu não sabia o que ele pensava ter visto ou por que decidiu dizer as palavras que saíram dele um momento depois, mas ele selou seu destino com

uma voz muito suave. Brincando demais com algo que, para mim, não era nada engraçado.

— Jasmine, essas são as palavras de uma desistente.

Ouvi Jojo inspirar fundo e o garfo de Ivan tilintar contra a lateral do prato. Principalmente, porém, ouvi a raiva em mim agitando-se com suas palavras. De suas suposições idiotas.

— Você acha que sou uma desistente? — perguntei, totalmente consciente de que estava lançando a ele o mesmo olhar que dava a outras pessoas quando estava a três segundos de perder a cabeça.

— Jas, todos sabemos que você não é uma desistente — Jojo falou rapidamente.

Nós dois o ignoramos.

— Você não quer ir à faculdade porque é difícil para você. Essas são as palavras de uma desistente — afirmou meu pai, cortando meu coração ao meio ao mesmo tempo.

Ele não ouvira porra nenhuma do que eu acabei de dizer?

Ao meu lado, Ivan pigarreou, seus dedos deslizando ainda mais alto na minha coxa e me apertando, não com raiva, mas... outra coisa que eu não conseguia entender. E, antes que eu pudesse abrir a boca para me defender, gritar com meu pai que esse não era o ponto, ele me interrompeu.

— Sei que não sou membro desta família, mas preciso dizer algo — começou meu parceiro calmamente.

Eu não olhei para ele. Não podia. Eu estava... tão irritada, *decepcionada*, que queria vomitar.

Mas Ivan continuou.

— Senhor Santos, sua filha é a pessoa mais esforçada que já conheci. Ela é persistente ao extremo. Se alguém lhe disser para não fazer algo, ela só faz mais. Eu não acho que exista alguém no mundo que tenha caído mais do que ela e tenha levantado, nunca reclamando, nunca chorando, nunca desistindo. Ela se xingará, mas *só para si mesma*. Ela é inteligente e implacável — ele disse calmamente, apertando minha mão com mais força do que antes. — Ela chega ao complexo às quatro da manhã de segunda a sexta-feira e treina comigo até às oito. Então ela vai trabalhar e fica em pé até o meio-dia. Ela toma dois cafés da manhã e almoça no carro, depois entra e treina comigo até às quatro. Três dias por semana, ela tem três aulas de balé sozinha e uma comigo, de duas horas cada. Um dia

por semana, ela faz pilates das seis às sete. Quatro dias por semana, ela sai correndo e se exercita depois que treinamos. Ela vai para casa, come, passa algum tempo com a família e vai dormir às nove. Então ela acorda às três horas da manhã e faz tudo de novo. Por meses, ela continuou frequentando o complexo para praticar sozinha, das dez até a meia-noite. Porque ela é orgulhosa demais para me dizer que precisava de ajuda. Então ela voltava para casa, dormia por três horas e fazia tudo de novo. Seis dias por semana.

A mão na minha perna me apertou com mais força, não ao ponto de ser doloroso, mas... desesperada. E Ivan continuou falando:

— Se Jasmine quisesse ir à faculdade, ela se formaria com honras. Se ela quisesse se tornar médica, ela seria médica. Mas ela quer se tornar uma patinadora artística e é a melhor que já tive como parceira. Eu acho que, se você quer fazer alguma coisa, deve ser o melhor. E é isso que Jasmine é. Entendo que a faculdade é importante, mas ela tem um dom. O senhor deve se orgulhar dela por nunca desistir de seus sonhos. Você deveria se orgulhar dela por ser fiel a si mesma. — Ivan fez uma pausa e depois disse três palavras que me mataram. — Eu me orgulharia.

Porra. Porra.

Eu nem percebi que havia arrastado minha cadeira para trás até ficar de pé, largando o guardanapo, o garfo e as facas ao lado do meu prato. Algo no meu peito queimava. Incendiava. Esfolava-me até me virar do avesso.

Como Ivan me conhecia tão bem e meu próprio pai não?

Como Ivan podia saber todas essas coisas sobre mim e meu próprio pai se decepcionava com quem eu era? Eu sabia que não era inteligente com livros. Quando eu era mais nova, queria ter sido. Terminar o ensino médio já fora difícil o suficiente para mim, mas foi porque eu não estava nem aí, porque eu amava aquele esporte e queria ser como as outras meninas que estudavam em casa ou tinham professores particulares. Eu não estava mentindo quando disse que odiava a escola e não tinha interesse em fazer faculdade.

Mas já era bem difícil ser uma decepção na única coisa em que eu era boa, sem precisar lidar com a decepção do meu próprio pai, simplesmente por ser eu mesma.

Aquela sensação de ardência se ergueu até o meu rosto, e eu sinceramente senti que não conseguia respirar. Quase parecia que

estava me afogando quando passei pelas pessoas esperando na entrada do restaurante, e abri a porta enquanto eu tentava respirar. Cobri meus olhos com as mãos enquanto inspirava, tentando não chorar. Eu. Chorar. Por causa do meu pai. Por causa de Ivan. Por causa do lembrete de que eu era burra e fracassada, independentemente de como olhei para ele e de como estava feliz. Fora cedo demais. Ou talvez eu estivesse finalmente reconhecendo o quanto as crenças, desejos e ações do meu pai me afetavam.

Mas *porra!* Machucava. Era uma merda.

Eu poderia ganhar todas as competições naquela temporada, e eu ainda seria a burra, a Jasmine inútil para o meu pai. Decepcionante, a Jasmine bocuda. A Jasmine fria e irritada, com sonhos que eram uma perda de tempo e dinheiro.

Eu não era o suficiente quando ele foi embora e ainda não era o suficiente para ele agora.

Mas eu queria ser. Era tudo o que eu sempre quis. Eu queria ser boa o suficiente para a *porra* do meu pai. Mesmo agora, depois de toda aquela merda, eu ainda queria que ele me *enxergasse*. *Que me amasse*. Como todo mundo no restaurante amava.

Eu queria ser o suficiente do jeito que era, sem Ivan ter que contar ao meu pai todas as coisas sobre mim que ele deveria saber.

Minhas mãos ficaram molhadas, e eu respirei tão fundo que mais pareceu um soluço, mas senti como se uma lâmina de barbear estivesse raspando meu esterno.

O único homem que eu queria que me apreciasse e me respeitasse não o fazia.

E o outro homem, aquele cuja apreciação e respeito eu disse a mim mesma por tanto tempo que não importava, parecia pensar o melhor de mim.

Por que ele não sabia o quanto eu estava disposta a trabalhar todos os dias pelas coisas que queria?

Apertando ainda mais a palma das mãos nos olhos, plenamente consciente de que provavelmente estava borrando meu rímel e delineador, mas não dando a mínima, respirei fundo de uma forma que poderia ter sido ouvida no fim do quarteirão.

As portas ao meu lado se abriram e ouvi um "*você deveria lhe dar um minuto*" dito pelo meu irmão, seguido do som da porta se fechando.

Não senti ninguém por perto até que fosse tarde demais e dois braços envolvessem meus ombros. Eu reconheci quem era pelo cheiro.

A sensação de sufocamento alcançou meus pulmões, praticamente fazendo meu peito inteiro se contrair em um soluço. Os braços que me envolveram me puxaram para um peito com o qual eu estava familiarizada demais, enquanto eu abaixava meus braços e os deixava soltos nas laterais do meu corpo. E eu deixei isso acontecer. Deixei meu rosto cair para frente, diretamente entre os músculos peitorais que eu tinha visto inúmeras vezes, tocado outras tantas vezes e admirado mais e mais a cada dia, e cerrei os dentes para não fazer mais ruídos sufocantes.

Eu falhei.

O “porra” murmurado entrou em um ouvido e saiu pelo outro. E então o que deveria ser sua bochecha foi pressionada no topo da minha cabeça. A voz de Ivan ficou baixa, tão baixa que mal o ouvi.

— Por que você faz isso consigo mesma? Hein?

Meu coração bateu irregular, e um soluço comprimiu minha garganta de uma forma que me machucava ainda mais.

— Você sabe como é boa. Sabe como isso é raro. Sabe o quanto se dedica a tudo. Sabe quão forte você é — ele sussurrou, seus braços cruzados contra minhas omoplatas. — Seu pai não sabe nada sobre patinação artística, Jasmine. Pelo que parece, ele nem te conhece. Você sabe que não deve deixar o que ele pensa te atingir. *Você sabe.*

— Eu sei — sussurrei contra seu peitoral, apertando meus olhos com força para que não me envergonhasse ainda mais gritando com ele.

— Você me avisou, mas eu não acreditei em você — continuou ele, com uma parte do rosto ainda pressionada no topo da minha cabeça.

— Eu te disse — falei, o sentimento de angústia dentro de mim crescendo a cada segundo. — Eu te disse. Eu nem queria vir. Sabia que isso iria acontecer, mas sou idiota e esperava que desta vez fosse diferente. Talvez eu pudesse calar a boca e ele pudesse fingir que eu não estava lá, como sempre fez. Talvez, desta vez, ele não me criticasse e me dissesse todas as coisas diferentes que eu poderia fazer na minha vida, mas não aconteceu. É minha culpa. Eu sou uma idiota. Nem sei por que ainda me incomodo. Eu não vou ser uma

engenheira como Sebastian. Não vou trabalhar com marketing. Não vou ser gerente de projetos como a Tali, nem ser como Ruby. Eu nunca vou estar à altura dos meus irmãos. Eu nunca *vou*...

Minha voz falhou. Totalmente quebrada ao meio.

E foi quando a onda de lágrimas atingiu meus olhos que ofeguei, lutando para mantê-las dentro de mim. Para contê-las, porque eu não faria isso. Não faria isso, principalmente por causa dos comentários do meu pai.

Mas seu corpo nem sempre ouve o que você diz. Eu estava bem ciente disso. Mas ainda pareceu uma traição quando não consegui conter as lágrimas que estava tentando controlar.

E os braços de Ivan se apertaram ainda mais, puxando-me mais e mais até que ficássemos colados das coxas aos quadris e ao peito.

— Eu fui um erro, sabia? O relacionamento dos meus pais já estava à beira do precipício, e então minha mãe engravidou e meu pai ficou por mais alguns anos, esperando que as coisas melhorassem, mas não deu certo. E eu não fui motivo suficiente para ele ficar, então ele foi embora. Ele simplesmente partiu e começou a voltar uma vez por ano. Meus irmãos o amavam, e ele os amava, e...

— Você não é um erro, Jasmine. — A voz de Ivan soou no meu ouvido e meus ombros ficaram tão tensos que comecei a tremer. Eu. Tremendo.

E eu chorei. Por meu pai ter ido embora quando eu tinha três anos e, em vez de me ver crescer, em vez de estar lá para me ensinar a andar de bicicleta como ensinara a todos os meus irmãos, fora minha mãe que o fez.

— Seus pais terem se separado não teve nada a ver com você, e seu pai foi embora porque quis. Não era sua responsabilidade mantê-los juntos — continuou ele, a raiva pendendo na suavidade como um escudo.

E eu continuei chorando.

Seus braços pareciam de aço ao meu redor. Seu rosto, sua boca e toda a cabeça sobre a minha, fazendo parecer como se ele pudesse me bloquear e me proteger.

— Você é suficiente. Você sempre será suficiente. Está me ouvindo?

Mas continuei chorando contra ele, sua camisa de botão ficando molhada embaixo do meu rosto, mas eu não consegui parar. Não

podia evitar. Eu chorei como nunca tinha chorado... *nunca*.

Porque havia um milhão de coisas erradas comigo, e a única coisa certa era a mesma que mais decepcionava o meu pai... e todo mundo que eu amava.

Ivan xingou. Ele me abraçou mais forte. E xingou um pouco mais.

— Jasmine. Jasmine, pare. Você está tremendo — ele me avisou, como se eu não pudesse sentir por mim mesma. — Você disse uma vez em uma entrevista que patinava porque fazia você se sentir especial. Mas você sempre será especial. Praticando a patinação artística ou não. Com medalhas ou não. Sua família te ama. Galina te ama. Você acha que Galina desperdiça seu amor com pessoas que não o merecem? Lee a admira tanto que ela me mandou uma mensagem no carro para me dizer quão boa ela pensa que você é. Você acha que ela faz isso por alguém? Você tem mais coração do que qualquer um que já conheci. Seu pai também te ama, mesmo daquele jeito de merda dele.

Ele se inclinou no meu ouvido para sussurrar:

— E, quando ganharmos uma medalha de ouro, ele estará observando você, pensando que não poderia estar mais orgulhoso. Ele vai andar por aí dizendo a todos que sua filha ganhou uma medalha de ouro, e você saberá que fez isso sem ele. Que você fez isso quando tantas pessoas não acreditaram em você, mesmo que essas pessoas não importem. Os que importam são os que sempre souberam do que você é capaz. — Ele engoliu em seco, tão alto que ouvi. — Eu acredito em você. Em nós. Independentemente do que acontecer, você sempre será a melhor parceira que já tive. Você sempre será a pessoa mais batalhadora que já conheci. Sempre será só você.

Eu solucei contra ele. Aquelas malditas lágrimas que continuavam saindo de mim. Seu carinho, suas palavras, sua fé eram... demais. Eram tudo.

E eu era tão gananciosa que precisava delas. Eu precisava delas como precisava respirar.

— Eu daria a você todas as faixas, troféus, medalhas, qualquer coisa que tenho na minha casa ou no CL se isso significasse alguma coisa — ele me disse. — Vou dar o que você quiser se parar de chorar.

Mas não consegui. E não parei. Nem por todas as medalhas do

mundo, eu poderia parar. Nem por toda e qualquer honra na patinação artística pela qual sonhei por metade da minha vida, eu poderia ter parado.

Apenas continuei chorando. Pelo meu pai. Pela minha mãe. Pelos meus irmãos. Por mim.

Por não me sentir bem o suficiente. Por não me sentir suficiente. Por fazer o que eu queria, apesar de todos os não e reviradas de olhos e por todas as coisas das quais tive que desistir ao longo do caminho. Todas as coisas que perdi e que algum dia me arrependeria mais do que já havia me arrependido.

Mas, principalmente, eu chorei porque, embora não me importasse com o que a maioria das pessoas pensava de mim, me importava muito com as pessoas cuja opinião eu valorizava.

Ivan me segurou e continuou me abraçando o tempo todo que fiquei lá parada, deixando escapar coisas que eu nem sabia que tinha em mim. Talvez tivesse levado alguns minutos, mas, considerando que só chorei duas outras vezes nos últimos dez anos, provavelmente ficamos mais de meia hora do lado de fora do restaurante, ignorando as pessoas que entravam e saíam, observando-nos ou não, quem diabos sabia?

Mas ele não foi a lugar algum.

Quando os soluços já não eram tão fortes, quando finalmente comecei a relaxar e senti como se pudesse respirar novamente, um dos antebraços na minha coluna se moveu. A palma da mão de Ivan foi para a base das minhas costas e deslizou para cima, fazendo pequenos círculos, um, dois, três, quatro, cinco, antes de continuar sua jornada para cima e para baixo.

Eu odiava chorar. Mas não sabia que odiava mais ficar sozinha.

E eu não iria analisar demais o fato de ser Ivan a estar me proporcionando conforto, sendo que era ele que me entendia melhor do que qualquer outra pessoa naquele restaurante.

Lentamente, e com muito mais timidez do que o necessário, quando não havia senso pessoal de espaço entre Ivan e mim — já que ele tinha visto mais de mim do que qualquer homem e me tocava com mais frequência do que qualquer outra pessoa provavelmente faria, e me abraçara mais vezes do que qualquer outro —, passei meus braços em volta da sua cintura e o abracei de volta.

Eu não disse obrigada. Imaginei que ele iria considerar meu abraço

como suficiente. Um agradecimento simples e puro ao qual minha boca não poderia ter feito justiça. Sempre foi a minha boca que me causou problemas, mas as ações não podiam mentir.

Enquanto massageava minhas omoplatas com a palma da mão, Ivan disse — não perguntou:

— Você está bem.

Balancei a cabeça contra ele, a ponta do meu nariz tocando o músculo peitoral delineado e poderoso à minha frente. Porque eu estava bem. Porque ele estava certo sobre todas as coisas que havia dito. E muito de mim sabia que eu ficaria bem porque ele acreditava em mim. Ivan. Alguém. Finalmente.

Respirei fundo, sentindo-me uma merda, mas não mais tão patética. Alguma parte do meu cérebro tentava dizer ao meu sistema nervoso que eu deveria me sentir envergonhada, mas não conseguia. Nem um pouco. Eu nunca pensei que minha irmã fosse fraca porque chorava por causa de qualquer merda.

Meu pai me machucou.

A criança e a adulta Jasmine nunca souberam o que fazer com isso.

— Você quer sair daqui ou quer voltar lá para dentro? — ele sussurrou, ainda esfregando minhas costas.

Eu não precisava pensar a respeito enquanto continuava ali, sem mover um músculo além de manter meus braços em volta da cintura estreita à minha frente. E, quando minha voz saiu rouca e estrangulada, com certeza não me deixei sentir vergonha. Talvez parte de tudo aquilo fosse culpa minha, mas parte também era do meu pai.

— Vamos voltar lá para dentro.

Ivan fez um som divertido, com seu rosto ainda apoiado no topo da minha cabeça.

— Foi o que pensei.

— Já está estranho lá dentro, posso tornar as coisas mais estranhas ainda — eu disse asperamente, sem saber se era o certo.

O peito embaixo da minha bochecha tremeu, e a próxima coisa que senti foi que Ivan estava inclinado para trás, com as palmas fortes cobrindo minhas têmporas e os dedos compridos fixos na parte de trás da minha cabeça. Ele não piscou. Não sorriu. Apenas me olhou

bem fundo nos olhos, com uma expressão séria pra caralho, e disse:

— Às vezes, eu quero te dar um chute na bunda, e posso te dizer que é péssima quando vacila e quando não, mas sei que é apenas porque alguém precisa mantê-la sob controle. Mas eu falei sério. Você é a melhor parceira que já tive.

E um toque de sorriso, bem minúsculo, esticou os cantos da minha boca.

Pelo menos até ele continuar falando.

— Mas nunca vou admitir isso de novo, então é melhor você se lembrar disso nos dias ruins, Almôndega.

E assim, o pequeno sorriso no meu rosto sumiu pelo meio do caminho.

Ivan balançou minha cabeça gentilmente, sua boca se curvando, completa e totalmente.

— E se seu pai falar assim com você de novo ou disser alguma coisa, como se não fôssemos atletas de verdade, teremos um problema. Eu estava sendo legal porque ele é seu pai.

Eu assenti, porque era a única coisa que eu podia fazer naquele momento.

Ele abaixou as mãos, seus olhos nunca se afastando dos meus, e eu abaixei meus braços também, deixando dois centímetros de distância entre nós.

— Eu sempre vou te apoiar, você sabe disso — afirmou, sinceridade inundando seu tom de voz.

Balancei a cabeça novamente porque era verdade, mas também porque ele tinha que saber que eu sempre o apoiaria. Sempre. Mesmo dali a um ano, quando ele estivesse patinando com outra pessoa. Sempre.

Eu não precisei dizer *vamos lá para dentro*. Aquele homem conhecia minha linguagem corporal melhor do que ninguém, então, quando nos viramos para as portas do restaurante ao mesmo tempo, não foi uma surpresa. Limpei meus olhos quando ele abriu a primeira porta para mim e depois a segunda.

Eu sabia que parecia exatamente como se estivesse chorando há quase meia hora? Sim.

E não dava a mínima.

Quando a hostess sorriu para mim e Ivan, e depois parou

abruptamente, eu não evitei o contato visual. Apenas olhei para ela. Provavelmente, minha maquiagem estava borrada, meus olhos deviam estar inchados e vermelhos, e meu rosto também estava inchado. Mas continuei andando.

E, quando a mão de Ivan deslizou na minha, por dois segundos inteiros, apertando minha palma antes de soltá-la como se não tivesse feito isso em momento algum, eu engoli em seco e mantive minha cabeça erguida.

O constrangimento na mesa era perceptível mesmo à distância. A única pessoa cuja boca estava se movendo era minha irmã, Ruby, e pela expressão em seu rosto, nem parecia que ela sabia do que estava falando, mas todos os outros, incluindo meu pai, pareciam estar olhando diretamente para um buraco em seus pratos. Não fiquei surpresa por não me sentir bem por ter arruinado o jantar.

Eu não queria ter feito isso.

Fungando antes que eles pudessem me ouvir, eu me controlei quando cheguei à minha cadeira.

— Estou de volta, povo — anunciei na minha voz de merda quando puxei a cadeira.

Todos os olhos se voltaram para mim, surpresos, quando eu me acomodei, e Ivan fazia a mesma coisa.

— Fui garantir que ela só roubasse doces de crianças e não tentasse espancá-las — disse ele secamente, empurrando o assento para a frente antes de pegar o guardanapo e jogá-lo no colo. — Apenas uma delas chorou.

Um sorriso tremeu nos meus lábios, mesmo quando meus olhos estavam secos e meu rosto, quente.

Ninguém na minha família disse nada. Por um minuto inteiro. Talvez por dois minutos.

Até...

— Um marimbondo te picou nos dois olhos também enquanto você estava lá fora, hein? — meu irmão Jonathan falou, lançando-me uma expressão que demonstrava que não estava nada contente.

Ignorando o aperto no meu peito, eu disse:

— Depois ele te picou em todo o rosto, pelo que parece.

Jonathan riu, mas foi sem entusiasmo.

— Você parece um guaxinim.

Funguei e peguei meus talheres, ignorando o olhar que eu podia sentir meu pai me dando de seu lugar na mesa.

— Pelo menos a mamãe não me encontrou no lixo.

Meu irmão engasgou no exato momento em que uma das mãos de Ivan pousou na minha coxa pela segunda vez naquela noite e apertou-a.

Uma garganta pigarreou e um segundo depois, meu pai começou a dizer:

— Jasmine...

Mas Ruby praticamente o interrompeu, gritando:

— Estou grávida!



— Você quer que eu te leve para casa? — Ivan perguntou enquanto esperávamos o resto da minha família sair do restaurante.

Meu rosto ainda estava inchado e tenso, e eu tinha certeza de que parecia uma merda gigante, mas olhei diretamente para aquele rosto bonito e balancei a cabeça.

— Não, não é necessário. Eu sei que já passou da sua hora de dormir e você precisa do seu sono da beleza. Posso pegar uma carona com a minha mãe.

O homem que ficou quieto durante o resto do jantar assentiu, sem comentar minhas piadinhas. O que significava alguma coisa. Significava mais do que qualquer coisa. Ele ainda estava frustrado, mas, se era comigo ou com meu pai, eu não fazia ideia. Talvez eu estivesse imaginando isso também, pensando que tudo sempre tinha a ver comigo.

Sem pensar, estendi a mão e peguei a dele, apertando-a com força.

— Obrigada por vir e por tudo o que disse e fez. — Apertei sua mão mais forte, mais uma vez. — Você não precisava...

Seus olhos estavam em mim, firmes e fortes.

— Eu precisava.

— Não, não precisava.

— Sim. — Ele apertou minha mão de volta. — Eu precisava.

Olhei bem naqueles olhos que eu não podia dizer se estavam da cor de um céu azul naquele momento, mas sabia, no fundo do meu

coração, que eram.

— Se você tiver algum drama familiar e eu precisar me envolver, estarei lá.

O que poderia ter sido considerado um sorriso vincou suas covinhas e ele balançou a cabeça.

— Não. Sem drama familiar. Eles todos me apoiam. Mas meu avô te comeria viva, sabe. — Ele parou e suas covinhas se tornaram muito mais pronunciadas. — Por outro lado, ex-parceiras... tenho sorte de terem assinado acordos de confidencialidade. Facilitou as coisas.

Assimilando a explicação que dificilmente respondia alguma coisa, guardei meus pensamentos para mais tarde, disposta a me agarrar à leveza daquela conversa depois.

— Eu te entendo — disse a ele, com um aceno de cabeça.

Ele apertou minha mão novamente.

Naquele momento, as portas atrás dele se abriram e eu pude ouvir meu irmão e James discutindo, seguidos por minha mãe conversando com minha irmã sobre como ela não deveria esconder as coisas. A hipócrita.

— Eu vou indo, então — anunciou meu parceiro, meu amigo, deslizando a mão da minha com suavidade e sem esforço. — Vejo você amanhã. Descanse um pouco. Ligue se precisar de mim.

Eu balancei a cabeça, isso... ou alguma coisa... causou uma pressão bem no centro do meu peito.

E antes que eu pudesse pensar no que estava fazendo, subi na ponta dos pés e beijei o que consegui alcançar — o queixo de Ivan.

Ele olhou para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto antes.

Isso me agradou. Então, eu bati em seu quadril e disse:

— Dirija com cuidado, Satã.

Ele piscou. Uma vez. Duas vezes. E então assentiu, seus olhos parecendo vidrados por um momento antes de entrarem em foco novamente, então, ele girou nos calcanhares e se dirigiu para o carro, deixando-me ali parada, observando-o... antes que algo familiar batesse na minha bunda.

Meu irmão.

Um braço deslizou em volta da minha cintura, puxando-me para um corpo apenas alguns centímetros mais alto do que o meu. Jonathan

me puxou com força, me fazendo bater contra ele, antes de sussurrar no meu ouvido como se suas palavras o envergonhassem:

— Te amo, Zangada.

Deixando minha cabeça cair para o lado de forma que ela descansasse em seu ombro, coloquei meu braço em volta dele, em torno de suas costelas, e disse:

— Também te amo, imbecil.

Ele bufou, mas não me soltou. Na verdade, ele me segurou mais forte e sussurrou:

— Eu não gosto de ver a minha irmãzinha chateada.

Eu gemi e tentei me afastar.

Ele não me deixou.

— Minha irmãzinha chorona.

— Se você disser chorona mais uma vez...

Ele riu da forma mais chocha que já ouvi dele.

— Te amo, Zangada. E tenho orgulho de você. Se eu tivesse filhos e eles se tornassem tão dedicados e esforçados como você, mesmo que só a metade, não poderia pedir mais nada.

Suspirei e o abracei com mais força.

— Amo você também.

— Não deixe papai te anular, está bem? — Meu irmão virou-se, me deu um beijo na cabeça e me soltou, tão de repente que quase caí.

Eu podia ver meu pai pelo canto do olho conversando com James e Sebastian, mas, embora não quisesse fugir, com certeza não queria falar com ele.

— Vamos, Zangada — minha mãe chamou, passando um braço pelo meu e me arrastando para frente. Junto a nós; o marido dela, Ben, seguia atrás, um braço no meu ombro enquanto me empurrava para o estacionamento.

O que eu ia dizer? Não? Por favor, pare?

Meus irmãos brigariam pra caralho comigo por sair sem me despedir, mas entenderiam o porquê. Caminhando ao lado da minha mãe, praticamente correndo, nós três chegamos à BMW de Ben e entramos em tempo recorde, eu no banco de trás enquanto Ben entrava na frente e minha mãe, no passageiro.

No segundo em que as três portas foram fechadas, minha mãe

gritou.

Literalmente gritou tão alto e por tanto tempo que Ben e eu cobrimos nossos ouvidos e olhamos para ela como se estivesse louca.

— Eu não suporto o seu pai! — ela gritou no segundo em que seu grito cessou. — *O que há de errado com ele?*

Olhei pelo retrovisor ao mesmo tempo que Ben, e nós dois levantamos as sobrancelhas, um momento antes de ele começar a dar ré.

— Sinto muito, Jasmine, sinto muito — minha mãe se desculpou, virando no banco para olhar para mim.

Eu ainda estava com as sobrancelhas levantadas.

— Está tudo bem, mãe. Coloque o cinto de segurança.

Ela me ignorou.

— *Deus*, eu quero colocar fogo nele!

As coisas ficaram sombrias bem rápido.

— Você tem certeza de que está bem? — ela perguntou, ainda de frente para mim. Seu rosto era uma estranha mistura de devastação e fúria.

— Sim, estou bem. — *Agora estou.* — Coloque o cinto de segurança.

— Ele é sempre assim? — Ben perguntou enquanto dirigia pelo estacionamento.

— Um idiota? — minha mãe falou. — Sim, especialmente com as crianças.

Eu amava como ela nos chamou de crianças para um homem que era apenas alguns anos mais velho do que o meu irmão.

— Mas ao ponto de te dizer que você é uma desistente? Ele tem sorte de eu ter prometido a Pequenina que me comportaria ou teria lhe dado um belo soco.

Eu sabia que não deveria sorrir com isso, mas não pude evitar.

— Ela estava me beliscando debaixo da mesa — Ben me falou, como se isso me surpreendesse, mas não surpreendia.

Aquela era minha mãe. Minha defensora para todo o sempre.

— Desculpe por isso, Jas — o quarto marido da minha mãe murmurou.

— Está tudo bem.

— Não está bem. — Mamãe se virou para me encarar novamente. — Você é uma atleta de nível mundial, e ele faz parecer como se você fosse algum tipo de... menininha que faz isso por diversão nos fins de semana. E eu fiquei sentada lá, morrendo por dentro enquanto minha Zangada estava do lado de fora, chateada.

— Mamãe...

— Eu não quero vê-lo. É melhor não vê-lo novamente enquanto ele estiver aqui. Melhor não vê-lo novamente por mais uma década. Ruby pode sair com ele, se quiser. É melhor ele não esperar que você vá vê-lo.

— Ele nunca quer passar muito tempo comigo, mãe. Não é grande coisa. Até o jantar foi exagerado, e eu lamento. Obviamente.

Ela piscou aqueles grandes olhos azuis para mim que tinham o poder de deixar os homens fracos.

— Eu estou estressada. Não sei por que perdi a cabeça. Está tudo bem. Fiquei muito tempo vendo-o apenas uma vez ao ano por um dia; posso continuar assim. Ele nunca esteve por perto. E também não se importa ou perde o sono por isso. Só eu.

Minha mãe piscou um pouco mais.

Não gostei muito dela me olhando, principalmente quando sabia que eu me sentia uma merda.

— Mãe, coloque o cinto de segurança.

Ela não se mexeu. Então disse:

— Jas... você sabe que seu pai te ama, não sabe?

De onde diabos isso veio?

— Ele não ama ninguém mais ou menos do que ama você — ela continuou.

Eu *quase* ri. Quase. Mas consegui apenas olhar para ela, não concordando ou discordando, porque não queria mais falar sobre isso. Eu não queria mais falar sobre ele.

E eu não queria pena. Pelo menos não mais.

Minha mãe estendeu a mão e bateu no meu queixo.

— Ele foi um idiota hoje à noite, mas ele te ama à sua maneira. Não mais ou menos do que ninguém. Ele está... errado. Idiota. Mente fechada.

Naquele momento, eu não consegui segurar meu revirar de olhos

enquanto me recostava no assento.

— Todo mundo sabe que Ruby é a favorita dele, mãe. Não é grande coisa. Eu sempre soube disso.

O cenho dela franziu de forma genuína.

— Por que você acharia isso?

Eu ri.

— Quando foi a última vez que ele comprou para mim uma passagem para ir vê-lo? Todo ano, ele compra passagens para Ruby. Ele também comprou para Tali e Jojo algumas vezes. Mas e para mim? Quando?

Ela abriu a boca como se quisesse discutir, mas eu apenas balancei a cabeça.

— Está bem. Está tudo bem. Não quero mais falar sobre isso. Eu estou bem com tudo. Sei que ele tem a mente fechada e que pensa que me ama do seu jeito. Mas já chega. Se ele não pode me aceitar como sou, não posso forçá-lo a fazê-lo e não vou mudar meus sonhos por ele.

Sua boca abriu um pouco, apenas um pouco, e ela balançou a cabeça.

— Ah, Ja...

— Eu não quero falar sobre isso. Não mesmo. Nada é culpa sua. Isso é entre mim e ele. Não precisamos mais falar sobre isso — falei, fechando os olhos e encostando-me no banco.

E nós não falamos.

Mas mesmo assim não pude deixar de sentir aquela tristeza que, de alguma forma, se confundia com determinação enquanto continuava lá sentada, pensando.



Capítulo Dezoito

— Podemos conversar? — a voz do meu pai surgiu atrás de mim.

Congelei quando me inclinei contra os painéis, esperando Ivan e a treinadora Lee enquanto eles discutiam sobre se deveríamos mudar ou não um salto. Eu não me importava se sim ou não; estava deixando que eles resolvessem. Sentia-me muito cansada e emocionalmente exausta da noite anterior para me dar ao trabalho de brigar. Então, eu estava esperando lá, observando-os, bebendo água a uma distância confortável.

Então eu não estava prestando atenção. Não tinha visto meu pai dentro do CL, muito menos conseguindo se esgueirar atrás de mim.

— Jasmine, por favor — ele implorou baixinho quando me virei para piscar para ele por cima do ombro. Ele tinha um metro e setenta no máximo, com uma constituição esbelta e forte que eu sabia que tinha herdado. Cabelos e olhos escuros, e pele que era um tom oliva, que poderia ter vindo de pelo menos uma dúzia de lugares no mundo.

Eu me parecia com o meu pai. Nós compartilhávamos as mesmas cores. A mesma estrutura.

Mas eu recebi todo o resto da minha mãe... porque ele não estava por perto.

— Cinco minutos — ele pediu baixinho, olhando-me com paciência.

Fazia horas desde que o vi no restaurante e sabia que seu tempo em Houston estava acabando. Então levaria um ano até que o visse novamente. Possivelmente até mais. Não seria a primeira vez que ele viria para Houston e eu não o veria.

Ele nunca chorou por isso, e eu parei muito antes de perceber.

Eu queria dizer a ele que tinha coisas melhores para fazer. Queria dizer para me deixar em paz. E, talvez, alguns anos atrás, eu teria feito exatamente isso se ele fizesse alguma merda como no

restaurante, na frente de Ivan e do resto da família.

Mas se eu aprendi alguma coisa durante o último ano e meio foi a realidade de quão difícil era viver com meus erros. Eu aprendi o quão difícil era enfrentá-los e assumi-los. Todos nós fazemos coisas que lamentamos; todos dizemos coisas das quais nos arrependemos, e a culpa é um peso esmagador na alma de uma pessoa.

E eu queria ser melhor. Para mim. Não para mais ninguém.

Então eu assenti e não disse nada.

A respiração profunda que ele soltou de alívio, eu realmente não engoli tanto quanto poderia ter.

Seguindo meu caminho para a abertura no gelo, coloquei meus protetores de patins e olhei por cima do ombro para tentar chamar a atenção de Ivan. Mas ele ainda estava muito ocupado conversando com a treinadora Lee. Já no chão, fui em direção às arquibancadas, ao redor da parede. Sentando-me no meio de um banco, estiquei as pernas para frente e encarei a pista, vendo meu pai se sentar ao meu lado, a poucos passos de distância.

No gelo, Ivan havia se virado e estava olhando para nós com a testa franzida, além da treinadora.

Ele não disse uma palavra durante o treino naquela manhã, e fiquei agradecida por ele ter decidido não citar meu pai, muito menos que chorei por ele. Havia um limite para o quanto meu orgulho aguentava. Em vez disso, Ivan agiu como se nada de diferente tivesse acontecido, como se tudo estivesse normal.

Fiquei agradecida.

— Jasmine — meu pai disse, arfante.

Eu continuei olhando para a frente.

— Você sabe que eu te amo, não sabe?

Amor era uma palavra estranha. O que diabos era o amor? Todos tinham uma opinião tão diferente sobre o que isso significava; era difícil descobrir como usá-lo. Havia amor em família, amor amigo, amor romântico...

Uma vez, quando eu era mais nova, outra mãe patinadora tinha visto minha mãe me dando um tapa na parte de trás da cabeça, e isto a deixou realmente insultada. Mas, para mim, era assim que funcionava quando estávamos juntas. Minha mãe me deu um tapa porque eu banqueei a espertinha e mereci; eu era dela, e ela me

amava. Principalmente, porém, minha mãe sabia que eu não reagia a sibilos e ameaças.

Galina sempre foi da mesma maneira comigo. Ela me ensinou responsabilidade e prestação de contas. Ela não aceitava minhas malcriações. Também me dava tapas na nuca.

Mas o fato é que nunca duvidei que elas quisessem o melhor para mim. Eu queria honestidade. Precisava que elas amassem a mim mais do que meus sentimentos, porque eu *queria* ser melhor. Eu realmente queria ser a melhor.

Eu nunca quis que alguém me tratasse como um bebê. Eu não precisava disso; me deixava desconfortável.

Isso me fazia sentir fraca.

Amor para mim era honestidade. Ser verdadeiro. Conhecer alguém em seu melhor e pior. O amor era um impulso que dizia que alguém acreditava em você quando você não acreditava em si mesmo.

Amor era esforço e tempo. E, enquanto eu estava deitada na cama na noite anterior, ocorreu-me que talvez fosse por isso que eu tinha interpretado as coisas tão mal meses atrás, quando minha mãe fez parecer que eu amava patinar mais do que a amava. Porque eu sabia como era ruim não ser importante para alguém.

Eu tinha grudado esse rancor no meu coração com fita adesiva e supercola, sentindo-me uma grande hipócrita o tempo todo.

— Oh, Jasmine — meu pai sussurrou, parecendo magoado quando não respondi. Pelo canto do olho, eu o vi me alcançar, sua mão cobrindo a minha.

Não pude deixar de ficar rígida, e era impossível não reparar que meu pai notou e fez o mesmo.

— Eu amo você. Eu te amo muito — ele disse suavemente. — Você é o meu bebê...

Eu bufei, não me deixando levar por suas reivindicações de amor.

— Você é meu bebê — meu pai insistiu, sua mão ainda descansando na minha.

Tecnicamente, sim.

Mas eu não era. E todo mundo sabia disso. Ele estava apenas em negação, tentando se sentir melhor.

— Quero o melhor para você, Jasmine. Não vou pedir desculpas por isso — disse ele depois que eu não respondi.

Ainda me recusando a olhá-lo, falei:

— Eu sei que você quer o melhor para mim. Entendi. Esse não é o problema.

— Então qual é?

No gelo, Ivan começou a dar voltas realmente lentas, seu olhar permanecendo no meu pai e em mim, não importava onde ele estivesse. Ele estava assistindo para se certificar de que estava tudo bem. Eu não duvidava que, se eu precisasse, ele viria para cima do meu pai.

Mas eu não era esse tipo de pessoa. Eu tinha evitado lidar com isso o quanto podia. Já era hora.

— O problema é que você não me conhece, pai.

Ele escarneceu, e eu virei a cabeça apenas o suficiente para finalmente olhar para ele.

— Você não me conhece. Eu te amo, mas você não me conhece nem me entende. Nem um pouco. Não sei se é porque sou um pé no saco ou se você simplesmente não gosta de mim.

Ele soltou um suspiro de frustração, que eu ignorei.

— Por que você acha que eu não gosto de você?

Tentei afastar o sentimento de desapontamento e enjoo no meu estômago.

— Porque você não gosta. Quantas vezes passamos um tempo juntos, apenas nós dois?

A boca do meu pai ficou aberta por um momento antes de fechá-la.

— Você sempre esteve ocupada. Está sempre ocupada agora.

A resposta era nunca. Nunca passamos um tempo juntos, sozinhos. Ele passou um tempo com cada um dos meus irmãos, mas nunca comigo.

Eu estava, de fato, ocupada. Mas ele nunca *tentou*. Nunca foi à pista para sentar-se na arquibancada e me ver treinar, como todo mundo fez em várias ocasiões. E, se ele sequer se importasse um pouco, teria feito isso.

Então eu controlei minha respiração, controlei minhas feições e boca para poder responder a ele e não explodir.

— Estou, mas nenhum de nós conseguiu tempo um para o outro. A quantas das minhas competições você foi nos últimos... seis anos?

Por alguma razão, não gostei do desconforto que surgiu em seu

rosto.

— Você parou de me convidar.

A tristeza que ofuscava todas as outras tristezas que eu já havia experimentado na minha vida preencheu todo o meu corpo, mas principalmente a metade superior.

— Parei de convidar depois que você me fez sentir mal por pedir dinheiro. Eu me lembro. Você parou de ir a qualquer uma das minhas competições antes dos dezenove anos. Lembro-me do que você me disse na última vez em que foi: “*Talvez você devesse se concentrar na escola, não acha?*”. Você se lembra de me dizer isso logo depois que eu ganhei o primeiro lugar? Porque eu me lembro — eu disse, olhando para frente novamente para ver Ivan dar um giro shotgun com metade da velocidade que ele normalmente usava. A tristeza em mim ficou mais forte, mais espessa e talvez, de alguma forma, tivesse se transformado em resignação, de que as coisas acabariam assim e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Meu pai não disse nada.

— Você sabe por que eu comecei a patinar?

Houve uma pausa.

— Foi por causa de uma festa de aniversário. Sua mãe a obrigou a ir e você ficou brava porque não queria.

Fiquei perplexa porque foi exatamente isso que aconteceu. Mal conhecia a dona da festa, mas ela era filha da amiga da minha mãe. Só quando ela me disse que teria uma pista como em *Nós Somos os Campeões* foi que concordei em ir, ainda reclamando o tempo todo.

Pelo menos até eu entrar no gelo e meu corpo *saber* o que fazer.

Como um pato na água, minha mãe gritou do lado de fora.

— Isso é parte do motivo, mas não foi o que perguntei — disse, minha voz soando tão cansada quanto eu. Esgotada, tão esgotada. — Comecei porque adorei. Desde o primeiro momento em que entrei no gelo, parecia perfeito. E assim que comecei a não precisar mais me segurar nas paredes, isso me fez sentir... livre. Isso me fez sentir especial. Todos os outros naquele dia mal conseguiam se mover, mas eu aprendi assim — expliquei, estalando os dedos. — E, quanto melhor eu ficava, mais eu amava. Nada jamais me deixou mais feliz do que patinar. Eu senti como se fosse algo que me pertencesse. Você entende isso?

— Sim... mas você poderia ter praticado qualquer esporte.

— Mas eu não *queria*. Mamãe tentou me levar para natação, ginástica, futebol, karatê, mas tudo o que eu sempre quis foi isso. É a única coisa na qual sou boa, e você não enxerga nem entende. Eu trabalho tanto. Me arrebento todos os dias por isso. Tenho que fazer algo mil vezes para que saia decentemente, não apenas bom. Não sou uma desistente. Nunca desisti e nunca vou desistir. Mas você não vê isso. Você não entende.

O homem ao meu lado soltou um suspiro exasperado quando arrancou sua mão da minha e a levou à testa.

— Eu só queria o melhor para os meus filhos, Jasmine. Inclusive você.

— Eu sei disso. Mas tudo o que quero é que você me apoie. Nem todo mundo pode fazer o que eu faço, pai! É difícil. Isso é muito difícil...

— Eu nunca disse que não era difícil.

Cerrei minha mão em punho antes de sacudi-la. Paciência. *Seja uma pessoa melhor.*

— Sim, mas você basicamente diz que não tem orgulho de mim.

— Eu nunca disse isso!

— Você não precisa falar isso quando tudo o que faz é me dizer todas as coisas diferentes que poderia estar fazendo para ser... melhor. Para ser mais bem-sucedida. Sei que não atingi meu potencial, nunca me esqueço disso. Nem por um minuto. Coloco pressão suficiente em mim mesma todos os dias. Você sabe o quanto é difícil saber que você acha que eu sou uma decepção?

Papai praguejou e balançou a cabeça.

— Eu não acho que você seja uma decepção!

— Sim, mas você não acha que eu sou boa o suficiente. Você não acha que *eu* sou suficiente. Você não quer passar tempo comigo. Você não quer ir às minhas competições. Eu não ligo para você, mas você também não me liga! Tudo o que faz é me dizer o que poderia estar fazendo de diferente. Como se, pelo fato de eu não ir para a faculdade, eu fosse um fracasso. Não me sinto assim, pai. Não me arrependo, eu amo isso. Mas lamento não ter tido mais sucesso. Talvez você tivesse mais orgulho de mim se eu ganhasse algo grande. Talvez você entendesse por que eu amo tanto o que faço e ficasse bem com isso.

Meu pai xingou novamente, dessa vez com as duas mãos no rosto,

esfregando-o.

Mas ele não negou que ficaria mais orgulhoso de mim se eu ganhasse mais. Que talvez ele se sentisse melhor com isso. Que esqueceria a questão da faculdade.

Minha cabeça começou a latejar quase instantaneamente, e eu me levantei, sabendo que não havia mais nada a ser dito. Não olhei para ele, mas fiquei de pé de forma que a lateral do meu corpo ficou voltada para onde ele estava sentado, minha atenção direcionada para uma das paredes que tinha COMPLEXO LUKOV pintado nela.

— Amo você, pai, mas não posso mudar quem sou e o que quero para a minha vida. Sim, não sei o que diabos vou fazer quando não puder mais competir, mas vou descobrir. Não vou desistir do que amo, porque talvez não possa fazê-lo para sempre — eu lhe disse, triste e decepcionada, mas um pouco aliviada também.

Àquela altura, meu pai estava com as mãos na cabeça e revezava-se entre suspirar e murmurar.

Eu queria tocá-lo, dizer que estava tudo bem, mas não consegui. Não a ele.

— Faça uma viagem segura de volta à Califórnia e diga a Anise e às crianças que eu mandei um oi — falei, fechando minha mão contra a lateral do corpo.

Ele não olhou para cima e eu não fiquei completamente surpresa. Minha mãe sempre disse que herdei meu temperamento dele. Eu não o conhecia o suficiente para ter certeza. E era assim que as coisas eram.

Sentindo-me um pouco enjoada, voltei para o gelo, debatendo se devia ou não contar à minha mãe sobre o meu pai ter aparecido e tentado falar comigo.

Quando passei da metade do caminho em volta da parede, ouvi o som das lâminas no gelo ficarem mais altas e depois o som agudo delas parando. Havia apenas uma pessoa que fazia sons assim. Então, não fiquei surpresa ao ouvir:

— Pensa rápido!

Eu me virei a tempo de ver algo vindo voando para mim. Peguei a coisa brilhante instintivamente e abri a palma para encontrar um Kiss da Hershey's. Nem olhei para Ivan enquanto abria a embalagem, enfiava o chocolate na boca e murmurava:

— Obrigada.

— ãh-hã — ele respondeu antes de ir. — Quer comer algo antes do balé? Vou cuidar dessa sua bunda roxa.

Eu não pude evitar o sorriso que dei a ele, mesmo pensando em quão melhor eu gostaria que a conversa com meu pai tivesse sido, mas controlei o aceno de cabeça que dei depois.

— Vamos terminar aqui, e então podemos ir.

— Ok.

Ele assentiu, com aqueles olhos azuis fixos em mim, e disse:

— Tudo bem.

Eu ia ficar bem.

Eu *ia*.

Mas eu não tinha ideia do quão errada estava.

Voltando ao gelo, não conseguia me livrar da sensação desconfortável que meu pai deixou em mim. Talvez, se ganhasse algo naquela temporada, ele mudasse de ideia.

Mas, se ele não mudasse, o que eu ia fazer? Implorar para que me aceitasse? Que se fodesse.

— Vamos analisar essa parte com o combo triplo lado a lado — gritou a treinadora Lee quando eu me encontrei com Ivan na frente dela.

Ele bateu as costas da mão na minha perna e eu bati nele de volta.

Eu não precisava que meu pai me amasse, disse a mim mesma. Eu nunca precisei. Faria o que sempre quis fazer por mim. Para minha mãe. Para Sebastian, Tali, Jojo e Rubes. Eu faria.

— Tem certeza de que está bem? — Ivan perguntou quando nos colocamos na posição.

Balancei a cabeça para ele, pensando em como ia me sair bem por Ivan também.

— Positivo?

Assenti novamente. Tudo ia ficar bem... e, se não ficasse, eu faria o melhor possível. Saberria que tinha dado tudo de mim, e algumas pessoas simplesmente não foram feitas para certas coisas.

Ivan não pareceu acreditar em mim exatamente, mas assentiu. Não pensei na combinação que faríamos — dois saltos com três evoluções cada, de costas um para o outro.

Eu ia ficar bem. Não me deixaria abater, especialmente quando a

temporada estava prestes a começar.

A música iniciou algumas batidas antes de entrarmos no salto. Eu poderia fazer isso. Tudo ficaria bem.

Ivan e eu estávamos indo muito bem. Ficaríamos bem. Seríamos incríveis.

Começamos na mesma parte da música, alguns segundos antes dos dois saltos, com tempo suficiente para ganhar impulso para entrar neles.

O primeiro toe loop triplo foi tão bem quanto poderia ser. O equilíbrio foi correto, a velocidade estava certa e, pela minha visão periférica, vi Ivan no local exato em que ele precisava estar. Tudo ia ficar bem. Foi isso que nasci para fazer.

Fincando meu dedo do pé no gelo para entrar no segundo salto triplo da nossa combinação de saltos, fixei minha lâmina oposta firmemente no gelo e *pulei* para outro.

Mas eu não estava focada. Não o suficiente. Passei a dar como garantido quando me lembrei de que poderia fazer aquela merda com os olhos fechados.

Foi quando tudo deu errado. Equilibrei meu peso erradamente... estava muito solta no meu lado esquerdo... Não coloquei velocidade suficiente, pensando que era forte e que ficaria bem, mas não era. E, no instante em que soube que algo estava errado, tentei resolver.

Mas esperei muito tempo, quando tentei me segurar, então caí com o meu pé em vez de apenas bater no gelo.

Eu senti.

Soube no instante em que minha lâmina roçou o chão que eu tinha me ferrado.

Sabia que o pouso seria ruim.

Mas não havia como saber o quão ruim seria. Não até o resto do meu peso baixar, e então eu percebi como tudo estava arruinado, como o resto do meu corpo estava descentralizado. Mais tarde, poderia olhar as imagens e ver que fora uma porra de um erro gigantesco. Meu pé estava na posição errada, meu peso foi na direção oposta e meu tornozelo deu o melhor de si, mas não conseguiu fazer o impossível.

Senti meu pé ceder debaixo de mim. Senti que meu corpo tentava compensar, mas atingiu o gelo porque... *puta merda*. Puta merda.

Putá merda. Porra, putá merda.

Não doeu até eu já estar com a bunda no gelo, segurando a área logo acima do tornozelo sobre o couro da bota. Havia tanta adrenalina no meu corpo que eu estava em choque. Mas sabia, eu sabia que havia algo errado, pois a música do nosso set continuava tocando no fundo e eu fiquei parada lá, com uma dor horrível no tornozelo.

Pelo canto do olho, pude ver onde Ivan havia parado logo após o pouso, provavelmente tendo entrado na próxima sequência antes de perceber que eu não estava ao lado dele como deveria estar. Como sempre deveria estar.

Na minha cabeça, eu podia imaginar seu rosto quando percebesse que eu não estava ao lado dele, como havíamos praticado mil vezes no passado. Pude imaginar sua expressão quando percebesse que eu tinha fodido tudo. Podia imaginá-lo olhando para mim confuso sobre o porquê de eu não estar atrás dele, como costumava estar quando um salto dava errado e eu não pisava no patamar.

Mas eu caí.

Eu não estava com uma dor insuportável, mas sabia que havia algo errado.

Sabia que havia algo errado e que precisava me levantar, porque tínhamos muito trabalho a fazer. Deveríamos trabalhar para arrasar naquela merda. Nós deveríamos aperfeiçoar as coisas.

Eu precisava me levantar.

Levante-se, Jasmine. Levante-se. Levante-se, levante-se, levante-se, levante-se. Engula a dor e levante-se. Termine isso.

Ainda agarrando meu tornozelo, aquela voz me obrigou a girar, usando o meu joelho oposto para me levantar. Eu tinha que me levantar. Tínhamos falhas para corrigir. Posições de dedos para aperfeiçoar.

Eu poderia fazer isso. Poderia me levantar. Eu tinha patinado com contusões ósseas, fraturas por stress e pequenas entorses.

Então rolei de joelhos, tentando ouvir a música e descobrir onde estávamos para que eu pudesse alcançá-lo. Mas, assim que me apoiei no joelho machucado e comecei a puxar a perna na qual aterrissei, uma dor que nunca sentira na minha vida antes me inundou.

Abri minha boca... e nada saiu.

Não percebi que meus braços tinham cedido até que o gelo estava contra o meu rosto. Ouvi gritos horríveis ao meu redor, e a próxima coisa que senti foi algo tocando meu ombro, girando-me para que eu pudesse deitar de costas. Em seguida, vi Ivan ajoelhado ao meu lado, seu rosto pálido e de alguma forma corado ao mesmo tempo. Os olhos dele estavam enormes. Acho que me lembraria disso para sempre.

Eu não conseguia me levantar. *Eu não consigo me levantar.*

E meu tornozelo...

— Jesus Cristo, Jasmine, *fique deitada, porra!* — Ivan gritou contra o meu rosto, deslizando algo em volta dos meus ombros, seu peito pressionado no meu ombro enquanto eu reconhecia tardiamente que nossa música ainda estava tocando. Tínhamos escolhido *Van Helsing*. Eu estava tão empolgada, apesar de ter fingido indiferença. Fiquei aliviada que essa foi a música que Ivan havia escolhido. Falei um pouco de merda sobre isso, mas apenas porque era o que eu fazia com ele.

— Pare de tentar se levantar! — ele gritou novamente, sua voz embargada, seu rosto... frenético.

— Deixe-me tentar — consegui murmurar. Parecia que meu cérebro tinha algum tipo de atraso de trinta segundos do que queria dizer e do que realmente dizia. Eu tentei girar, tentei mover minha perna, mas a dor...

— Pare com isso, pare com isso — ele berrou para mim, sua mão esquerda descendo para segurar minha rótula, acariciando minha coxa.

A mão dele tremia. Por que sua mão tremia?

Eu não consigo me levantar. Eu não consigo me levantar.

— Jasmine, pelo amor de Deus, pare de tentar se levantar — Ivan gritou novamente, suas mãos em todos os lugares, mas eu não tinha certeza por que parecia que algo estava rugindo nos meus ouvidos e a dor abaixo do meu joelho piorava cada vez mais.

— Está bem. Me dê um minuto — protestei, tentando levantar a perna machucada, ele a segurou, apertando minha coxa dolorosamente.

— Pare com isso, Jasmine, porra, pare — ele exigiu, sua mão acima do meu joelho. — Nancy! — meu parceiro gritou em algum lugar, mas eu não tinha certeza, porque acho que comecei a encarar

minha perna...

Eu fiz algo no meu maldito tornozelo.

Eu tinha feito algo na porra do meu tornozelo.

Não, não, não, não, não, não, não.

Nem percebi que abri a boca até Ivan sussurrar com a voz rouca no meu ouvido:

— Não chore. Não se atreva a chorar agora, porra. Você está me ouvindo? Você não vai chorar no gelo, em público. Agente. Agente. Nem uma lágrima, Jasmine. Nem uma única lágrima. Você está me ouvindo?

Respirei fundo, meus olhos ficaram vidrados e tudo ficou embaçado.

Eu estava tremendo?

Por que eu sentia que estava prestes a vomitar?

— Não se atreva a fazê-lo — ele sussurrou novamente, o braço em volta dos meus ombros, apertando-os. — Você não quer que ninguém veja você fazer isso. Agente, baby, apenas agente...

Eu não sabia o que diabos ele estava dizendo ou por que estava dizendo, mas, por algum motivo, apenas preendi a respiração. Prendi a respiração quando a treinadora Lee deslizou no gelo do meu outro lado, rapidamente flanqueada por um corpo que reconheci como Galina e outra treinadora. Elas cercaram-me, rodearam-me.

Fizeram perguntas, tentei responder, mas ouvi Ivan responder por mim.

Porque não conseguia respirar. Não conseguia falar. Não consegui chorar.

Tudo o que eu podia fazer era olhar para o local onde estava a minha bota branca, mas mal conseguindo enxergar, e pensar, pensar, pensar, pensar.

Eu estraguei tudo.

Eu tinha estragado tudo.

Eu tinha fodido tudo.



Capítulo Dezenove

— O que você pensa que está fazendo?

Parando no meio do abdominal número 108, não precisava olhar para o meu lado para saber quem estava ali. Eu reconheceria aquela voz irritante, condescendente e mandona numa multidão de mil. Apenas uma pessoa conseguiria me irritar tão facilmente fazendo uma pergunta.

— Cuidando da minha vida. A única coisa que você não sabe fazer — murmurei, movimentando-me para continuar meu treino de abdominais.

— Jasmine. — Ouvi o tom cortante de Ivan novamente.

Eu o ignorei. Fazendo outro abdominal, vi pelo canto do olho quando ele fechou a porta atrás de si.

Fiz mais um quando ele veio andando na minha direção, aqueles pés grandes em tênis azuis brilhantes parando a centímetros do meu lado.

Eu não olhei para ele e não ia mesmo olhar. Eu sabia o que ele estava olhando. Não era meu corpo coberto de suor, e com certeza não era o fato de eu usar um short de basquete solto do meu irmão, que estava subindo pelas minhas coxas; o fato de estar usando apenas um top esportivo também não tinha nada a ver com o que ele queria focar.

Ele estava olhando para a bota que eu tinha no pé esquerdo. Apoiei o pé esquerdo em um travesseiro ao lado do direito, que está plantado no chão, com o joelho dobrado. A bota preta, que era um lembrete, a cada minuto, de que eu estava fodida.

Fiz mais quatro abdominais, olhando diretamente para o teto.

Engoli em seco tão forte que minha garganta doeu.

Eu fiz a mesma coisa tantas vezes nas últimas duas semanas que

fiquei surpresa por ainda conseguir falar. Não que eu tivesse falado muito desde que recebi alta do hospital. Eu não estava fazendo nada além de malhar no meu quarto, assistir aos treinos em vídeo de mim e Ivan *antes* de tudo acontecer e dormir.

A ponta do tênis de Ivan cutucou a minha costela, e eu a ignorei.

— Jasmine.

— Ivan — falei, fazendo minha voz parecer tão intransigente quanto a dele.

Ele me cutucou novamente. E, mais uma vez, eu não fiz nada.

Ele suspirou.

— Você vai parar para que possamos conversar ou o quê?

— Melhor não — respondi, forçando-me a manter o olhar longe dele.

Eu não deveria ter ficado surpresa quando ele rapidamente se agachou, pairando ao meu lado, tão perto que não havia como ignorá-lo. Infelizmente. Porque, quando subi para fazer outro abdominal, a palma da mão dele foi parar na minha testa, e ele gentilmente empurrou minha cabeça para baixo, para que eu ficasse deitada de costas.

Olhando ao redor e além dele, eu me concentrei no ventilador de teto.

— Almôndega, chega — disse ele, com a mão ainda no meu rosto.

Esperei um segundo e tentei fazer outro exercício, mas ele devia estar esperando por isso, porque não consegui me mover nem um centímetro do chão.

— *Chega* — ele repetiu. — Pare. Fale comigo.

Falar com ele?

Isso me fez desviar o olhar em sua direção, encarando o rosto que eu não via há mais de duas semanas. Aquele rosto que me acostumei a ver seis dias por semana, mas de alguma forma se tornou mais como sete dias, por todo o tempo extra que passávamos juntos. O rosto que, da última vez que vi, estava ao meu lado, sentado em uma mesa de exame, ouvindo o médico me dizer que, na melhor das hipóteses, poderia estar de pé em seis semanas. *Mas sem promessas. A entorse de grau 2 no seu ligamento talofibular anterior é problemática*, alertou o médico, antes de passar o período de recuperação para mim. Oito semanas nunca pareceram tão longas

antes.

Especialmente quando eu não conseguia me perdoar por ser uma idiota imprudente.

Precisei de todo o meu esforço para perguntar a ele, mantendo minha voz firme:

— Sobre o que você quer conversar?

Ele olhou para mim, aqueles olhos cinza-azulados mais intensos do que nunca, e vi seu peito se expandir com uma respiração que eu sabia que era profunda. Ele estava irritado.

Que pena, eu estava mais irritada do que ele.

— Tentei ligar para você — disse, como se eu não soubesse que ele me ligou pelo menos seis vezes por dia nos últimos doze dias. Até aquele momento, ele tinha ligado duas vezes. E, como sempre, quando meu telefone tocava, eu não atendia. E não atendi. Nem uma vez. Ninguém. Nem meus irmãos, nem meu pai que havia partido momentos antes da minha queda, nem a treinadora Lee, nem Galina. Ninguém.

Eu mantive meu olhar firme nele enquanto respondia:

— Não tenho vontade de falar. Nada mudou. Só vou tirar a bota daqui a dois dias.

E então, depois que o médico tirasse a bota, eu a substituiria por uma tornozeleira com células de ar da Aircast. O fisioterapeuta com quem eu estava me consultando nos últimos nove dias estava otimista de que eu estava me recuperando *muito bem*.

Mas muito bem nunca foi bom o suficiente para mim.

Especialmente quando fora por minha culpa que eu estava nessa situação.

Mas Ivan piscou e suspirou novamente, e eu sabia que ele estava muito perto de perder a cabeça. O problema era que eu não me importava. O que ele ia fazer? Gritar comigo?

— Eu sei que nada mudou, idiota.

Aquele babaca...

— Pegue suas coisas. Você vem comigo.

Foi a minha vez de piscar e depois encará-lo, impassível.

— O quê?

Um longo dedo indicador me cutucou bem na testa.

— Pegue suas coisas. Você vem comigo — ele repetiu, demorando-se em cada palavra. — Você machucou seu tornozelo, não seus ouvidos.

— Eu não vou a lugar algum com você.

— Sim, você vai.

— Não, não vou.

O sorriso que curvou sua boca basicamente me assustou e instantaneamente me deixou desconfiada.

— Você vai.

Olhei diretamente para ele, ignorando a sensação estranha no meu estômago enquanto isso.

Aquele sorriso assustador não desapareceu.

— Você não sai do quarto há duas semanas, exceto para fazer fisioterapia.

Eu não disse nada.

— Você cheira como se não tomasse banho há duas semanas.

Eu tinha tomado. Dois dias atrás.

— Você tem dormido? — Aquele dedo deu outra cutucada na minha testa. — Você está uma merda.

Foi isso que me fez gritar.

— Sim, eu tenho dormido. — Ele não precisava saber muito mais.

Ele não parecia acreditar em mim, mas disse:

— Você precisa sair daqui.

— Por quê? — perguntei antes que soasse tão brava quanto eu estava.

— Porque não há motivo para você ficar perambulando por aqui, agindo como Gl Jane, malhando aleatoriamente. Jesus Cristo, Jasmine.

Isso me levou a tirar sua mão do meu rosto e me sentar ereta, virando a parte superior do corpo apenas o suficiente para que eu pudesse olhá-lo nos olhos.

— Eu não estou deprimida, idiota. Eu tenho malhado. Não posso simplesmente ficar sentada aqui, descansando e me afundando.

— Você não está se exercitando para não *afundar*. Você está malhando porque está chateada e de mau humor. Acha que eu não te conheço?

Abri minha boca para dizer que *não*, não estava malhando por esse motivo, mas ele veria que era mentira. Em vez disso, eu disse:

— Não estou de mau humor. Não estou sendo grosseira com ninguém. Você não pode chamar de mau humor se eu não estiver sendo cruel com outras pessoas.

— Tudo bem, então como você chama quando está sendo cruel consigo mesma?

Odiava quando ele me perguntava coisas que eu não sabia como responder.

O rosto de Ivan se contorceu numa expressão frustrada.

— Sua mãe te convidou para fazer algumas coisas com ela, e você a tem ignorado.

— Eu não a ignorei. Só disse não. — Senti outra onda de irritação. — Ela me denunciou para você? Quando? Como?

— Ainda assim, foi um comportamento rude e cruel — explicou. — E seus irmãos tentaram ligar, mas você também está ignorando as ligações deles. Aposto que Galina ligou e você também não atendeu.

Era verdade. Tudo era verdade. Mas eu não queria admitir ou negar.

— Você não vai fazer isso consigo mesma, Jasmine — ele me informou. Como se tivesse tomado essa decisão por mim e eu fosse ouvir, porra.

Ele poderia dar o fora.

Algo inflou dentro de mim, quase me deixando sem fôlego.

— Eu não estou fazendo nada comigo, Ivan. Estou cuidando de mim. Lidando com tudo sozinha. Não vejo o que há de errado nisso. Estou me cuidando. Em repouso. Como todo mundo me disse para fazer.

O piscar de olhos que ele me deu me fez sentir mal. De verdade. Mas, antes que eu pudesse me desculpar por ter gritado com ele, ele voltou a franzir a testa.

— Não aja assim comigo. Nós dois sabemos que você está se escondendo, e eu não vou deixar você fazer isso por mais tempo. Fiquei esperando que você saísse dessa depressão por conta própria, assim que percebesse que não rompeu completamente os ligamentos nem teve uma fratura grave, como estávamos temendo... mas você não saiu, então vou te arrastar para fora dela, se for preciso. Já cansei

de esperar que você parasse de agir como um bebê e não vou te dar folga, mesmo que seja a primeira vez que você faça uma merda dessas.

Não era a primeira vez que eu fazia coisas assim. Ele não me viu quando Paul me deixou. Foi muito ruim, mas desta vez parecia pior do que antes.

Eu o cutuquei na testa da mesma maneira que ele fez comigo e disse:

— Não.

Ivan piscou aqueles brilhantes olhos azuis, as pálpebras semicerradas, e grunhiu:

— Jasmine, você vai se levantar, sair desta casa e ir para a minha. Vai fazer isso sozinha ou à força. Pode escolher.

— Eu não vou sair de casa.

Ele balançou sua cabeça.

— Vai sim.

— Não vou.

— Sim, vai. Você escolhe. Você faz ou eu faço.

Eu o cutuquei na testa novamente. Duas vezes.

— Não.

Suas narinas se dilataram.

— Vou contar até cinco, e você tem que tomar uma decisão agora, ou eu vou escolher por você, e você sabe o que vou escolher.

— Ivan, eu não quero ir.

— Eu não dou a mínima. Você poderia ter saído com alguém da sua família, mas, não, então agora você vem comigo.

A raiva me inundou em pouco tempo. De forma tão instantânea que eu sibilei:

— Não, eu não vou porra nenhuma!

Aparentemente, não fui a única a ficar chateada, porque ele sussurrou de volta:

— Sim, você vai!

— Eu não quero ir com você. Por que é tão difícil entender? *Eu não quero estar perto de ninguém agora ou tão cedo* — rebati, parecendo uma imbecil, o que me fez estremecer por dentro.

Suas pálpebras se estreitaram ainda mais, tornando seus olhos

apenas fendas.

— Por quê? Você está de saco cheio de mim?

Joguei minha cabeça para trás.

— Saco cheio de você? De que diabos você está falando?

Sua mandíbula tensionou.

— Você está de saco cheio de mim? Está chateada comigo e não quer mais ser minha parceira?

Do que porra ele estava falando? Fiquei boquiaberta. Pestanejei. Então fiquei um pouco mais boquiaberta, porque o que diabos havia de errado com ele?

— Eu não entendo o que você está tentando dizer, Ivan.

Suas narinas se dilataram e seus olhos ficaram semicerrados quando ele perguntou:

— Você não quer mais ser minha parceira?

— Por que eu não iria querer mais ser sua parceira? — indaguei, parecendo zangada.

— Por causa do que aconteceu! — ele gritou.

— Por que eu não iria querer ser sua parceira? Porque eu caí como uma idiota? Como isso pode ser culpa sua, imbecil?

Em que momento seu rosto começou a ficar rosa, eu não fazia ideia. Mas, quando percebi, ele estava completamente corado.

— Porque eu sabia que você estava distraída e não te dei a chance de se concentrar. Pousei muito perto de você.

Ele estava se culpando. Sério?

— Você não pousou tão perto de mim, idiota.

Ele me lançou um olhar que poderia ter queimado minhas sobrelhas.

— Eu pousei, Jasmine. Pousei muito perto de você.

— Ah, cale a boca. Não, você não pousou. Caí errado porque estava distraída. Porque estraguei tudo. Não foi culpa sua.

Ele olhou para mim com tanta intensidade que fez minha pressão subir. Por que ele pensaria em algo tão estúpido? Por que se culparia? Como isso fazia algum sentido?

— Você realmente pensou que eu não queria te ver porque estava te culpando? — reagi, olhando-o como se ele fosse um idiota, porque, de fato, era.

Ele olhou para mim, demonstrando que a resposta era sim.

— Você é tão burro.

— Eu sou burro? Então, por que você não atendeu ao telefone?

Foi a minha vez de fechar a cara e a boca e dar de ombros.

— Não. Você não vai dar de ombros para mim e achar que isso é suficiente. Eu te liguei várias vezes. Pensei que você estava chateada comigo. Pensei que não tinha atendido porque estava brava comigo, então agora eu quero saber por que você se culpa por estar distraída.

Revirei os olhos e desviei o olhar, balançando a cabeça.

— Não importa.

— Isto é importante. Isso importa muito.

Ergui meus ombros novamente.

— Jasmine.

Por que ele não podia me deixar em paz?

— Jasmine.

Por que ele pensaria em algo tão estúpido?

— *Jasmine*.

Eu resmunguei e me virei para ele, sussurrando:

— Por que o que diabos eu te diria, Ivan? Sinto muito? Sinto muito, porra? Que eu não pretendia torcer o tornozelo e estragar *tudo*? — Basicamente gritei com ele. Horror me inundou desde a ponta da língua até a boca do meu estômago. Por que eu estava gritando com ele? E por que diabos estava dizendo aquilo a ele? Por que ele não sabia?

Sua boca se abriu e ele olhou para mim como se eu tivesse lhe dado um soco no estômago.

— Jasmine.

— Sinto muito, Ivan — resmunguei, horror e impotência pulsando pelo meu corpo. — Estraguei tudo. Eu continuo estragando tudo. Não sei por que estou gritando com você. Você não fez nada. Fui eu. — Minha voz falhou, e eu senti minha mão fechar. Eu estraguei tudo. Foi minha culpa. Não sua.

Eu podia sentir um grito chegando, entupindo minha garganta. Rasgando-me de dentro para fora. E eu odiava isso. Não queria que escapasse.

— Pare com isso — disse ele, lentamente, seus olhos analisando

todo o meu rosto, algo neles ainda demonstrando choque. — Pegue suas coisas. Você vem comigo.

Eu olhei nos olhos dele e respirei fundo.

— Não.

— Não. Você quer me compensar? Pegue suas coisas e fique alguns dias comigo. Não vou embora daqui sem você nem que eu tenha que levá-la carregada, chutando e gritando. Se você gritar algo sobre estar sendo sequestrada, direi a qualquer um que ouvir que você está drogada.

Olhei para ele.

— Você me deve as próximas seis semanas, Jasmine. Pegue suas coisas agora. Estamos indo.

— Ivan...

Ele olhou para mim.

Raiva e dor retorceram meu estômago em mil nós.

— Eu realmente sinto muito.

Foi a voz dele oscilando que chamou minha atenção. Sua resposta foi lenta.

— Eu sei.

Eu tinha estragado tudo. Isso fez meu peito doer.

— Eu não queria.

Sua voz tremeu novamente.

— Eu sei.

— Eu já fiz aquele salto umas mil vezes.

Novamente.

— Eu sei, Jasmine.

— Eu não sei o que aconteceu.

Se não fosse pela respiração contra o meu queixo, eu não saberia que ele tinha soltado um longo suspiro.

— Eu sei que você não sabe — ele basicamente sussurrou, tão calmo quanto como acabara de falar comigo um segundo atrás.

Eu quase engasguei. *Quase.*

— Prometo que farei o que for preciso para melhorar.

Mas foi Ivan quem engasgou. Ivan que piscou, uma, duas, três, quatro, cinco vezes, rápido, rápido, rápido. Seus cílios tremeram com

a rapidez com que ele fazia isso. Como se algo estivesse preso em sua garganta, contra o qual ele não podia fazer nada.

— Tudo e qualquer coisa. Eu juro. Sei que teremos que pular a maior parte do Discovery Series e do WHK, mas talvez ainda possamos participar do Skate North America...

Foram as mãos dele que me interromperam. Aquelas mãos com as quais eu estava tão familiarizada, que eu podia distinguir entre uma multidão pelo toque. As mãos que seguraram as minhas, seguraram-me tantas vezes que eu não conseguia contar.

Mas elas nunca tinham segurado meu rosto antes. Pelo menos não do jeito como ele fez naquele momento. Porque suas mãos se posicionaram nas minhas bochechas e ele as segurou.

E então ele me calou.

Com sua boca.

Seus lábios pressionaram os meus. Com urgência. Eles os cobriram. Com força.

E então ele me beijou. Tomou meu lábio superior entre os dele enquanto eu ainda estava tentando descobrir o que diabos estava acontecendo.

Ivan estava me beijando.

Me beijando.

Sua boca foi parar nos meus olhos de repente, e ele pressionou os lábios em uma das minhas pálpebras e depois na outra, rápido, flutuando tão levemente que eu mal podia sentir. Uma sobrancelha e depois a outra. E apenas fiquei lá parada.

Fiquei lá parada e não me afastei nem o empurrei ou disse não.

Sua boca deslizou por minhas bochechas, cálida e tudo de maravilhoso no mundo.

— Você tentou se levantar — ele me disse com uma voz tão baixa que eu mal entendi suas palavras. — Você tentou se levantar e continuar patinando, e eu juro que quase comecei a chorar naquele momento.

Ele beijou uma bochecha e depois a outra, beijos suaves, sua boca roçando na ponta do meu nariz enquanto ele se movia.

— Só você torceria a merda do seu tornozelo e tentaria se levantar para continuar — ele disse, sua voz embargada. — Você continuou falando: *me desculpe, Ivan. Me desculpe, Ivan. Sinto muito*, e eu disse

para você calar a boca, porque, se você continuasse falando, eu não iria suportar. — Sua respiração saiu entrecortada e agitada, tocando todo o meu rosto, e suas mãos se moveram das minhas bochechas para segurar minhas orelhas.

Sua boca tocou a minha, tão leve e doce, apertando algo dentro do meu peito.

Amigos podiam se beijar por carinho. Ele não estava enfiando a língua na minha boca ou me fazendo sentir algo diferente. Ele estava feliz por eu estar bem. Ele estava apenas me beijando, porque... por que não?

Ele se importava comigo.

As pessoas se beijavam por muito menos, sem nem se conhecerem.

Eu deixei Ivan beijar os lugares que ele queria, dizendo a mim mesma que estava tudo bem, que ele sentira medo por mim, porque era verdade. Ele tinha sentido. E, com esse pensamento, tudo no que eu conseguia focar naquele momento eram as palavras dele. Sua mágoa. Toda a merda que eu tinha causado.

— Eu sinto muito. Sinto muito — repeti, porque sentia. Fiquei tão triste que chegava a doer por estarmos ali. Doía tê-lo decepcionado. — Você já teve que desistir de alguns eventos antes por mim, e agora estou obrigando você a fazer isso. Me desculpe, Ivan. Eu não quis cair.

A cabeça de Ivan balançou na minha frente.

— Pare de repetir isso.

— Mas é verdade — sussurrei. — É minha culpa.

— Foi um acidente — ele encerrou bruscamente. — Não há nada para se desculpar.

— Mas eu estraguei tudo.

— Você não estragou nada. Cale a boca.

— Ficamos fora por mais seis semanas, se tudo correr bem — lembrei-o, como se ele não soubesse.

— Por dois meses no total, Jasmine. Não é toda a temporada. Não para sempre — ele também disse, como se eu não soubesse.

— Mas nós trabalhamos tanto.

— Almôndega, isso não importa.

Respirei fundo com a lembrança de como estávamos perdendo

tanto tempo naquele único ano que tínhamos juntos. Oito semanas a menos perto daquele homem que significava o mundo para mim. Antes que ele me deixasse por outra pessoa, e eu ficasse novamente sozinha, como a capitã do meu próprio destino ou do que diabos fosse chamado.

— Não comece. Faz apenas dois meses e estávamos indo muito bem. Foi fácil para nós. Muito fácil. — Ele pressionou seus lábios quentes de algodão-doce cor-de-rosa nos meus como se ele já tivesse feito isso mil vezes antes e fosse fazer mais mil vezes. — Se alguém pode recuperar seis semanas é você.

Seria eu. Claro que sim. Mas eu não conseguia dizer as palavras, enquanto olhava nos olhos dele, nossos rostos a centímetros de distância um do outro. Tudo o que eu pude fazer foi assentir. E, depois de uma batida do meu coração, depois de cinco, eu disse:

— Vamos vencer.

Seu olhar ficou ainda mais intenso quando ele falou, sem hesitar:

— Você está certa, vamos sim. — Ele pressionou a boca, tão rápido, tão forte em mim, que não tive chance de reagir até que ele se afastou um centímetro e disse, rouco, seus dedos passeando pelos cabelos úmidos logo acima da minha nuca: — Vou te carregar de volta para o gelo, se for preciso, Jasmine. Juro pela minha vida.

Algo nas palavras dele me fez tremer por dentro. Talvez tivesse sido a convicção. Talvez a raiva. A paixão. A realidade de que ele não iria me dar espaço para não fazer o que ele disse.

Principalmente, porém, havia algo completamente diferente.

Eu o amava.

Eu amava tanto aquele homem que perdê-lo iria quebrar meu coração frio e morto em tantos pedaços que eu teria que colocá-los na mesma caixa onde mantinha meus sonhos e carregar comigo para sempre.

Eu não queria que alguém me desse um tapinha nas costas e me dissesse que tudo ficaria bem. Eu queria aquele homem que nunca iria me abandonar, que nunca iria me deixar desistir, e eu tinha um pressentimento de que nunca iria desistir de mim. Nunca. Nem se eu gritasse, se chutasse, se o mandasse comer mil montes de merda.

Aquele era o meu parceiro. Era mais do que meu parceiro. Ele era a minha outra metade.

E a única coisa que eu poderia fazer para agradecer por esse

presente que ele me deu, por achar que eu era invencível, era garantir que vencêssemos.

Eu daria a ele o que ele queria de mim em primeiro lugar.

Porra, eu daria tudo a ele.



OUTONO

Se eu pudesse descrever as quatro semanas seguintes da minha vida com uma conversa, teria sido assim:

Ivan: Fique quieta.

Eu: Não.

Ivan: O que você pensa que está fazendo? Quer melhorar ou não? Pare de andar tanto.

Eu: [Tentando andar normal — mas falhando — pela sala dele com uma nova tala] Deixe-me em paz.

Ivan: Eu nunca vou deixar você em paz. Venha sentar sua bunda teimosa de volta, e eu vou pegar o que você quiser.



Capítulo Vinte e Um

Eu tinha certeza de que não havia imaginado as palavras saindo da boca da maravilhosa médica, mas precisava ter certeza.

— Então... estou autorizada a patinar de novo? — perguntei a ela. Porque eu tinha que ter certeza. Precisava ter certeza.

A médica assentiu, sorrindo, olhando-me como se entendesse o quanto eu estava desesperada e o quanto suas palavras significariam para mim.

— Você está o mais curada possível.

Excitação, alívio e nervosismo se espalharam por mim. Mas eu tinha que perguntar. Só mais uma vez.

— Tem certeza?

O sorriso da médica se alargou quando seus olhos deslizaram para o lado brevemente antes de dizer:

— Sim.

Uma das mãos de Ivan pousou no meu ombro, áspera, sacudindo-me tão forte que eu podia sentir até os dentes e não pude deixar de sorrir para ele. Ele já estava com a outra mão voltada para mim, e eu bati minha palma contra a dele, ligando meus dedos aos dele, apertando-a. Sua cabeça se moveu para a frente, seu queixo pousou no meu ombro, bochecha com bochecha. Seu peito colado às minhas costas.

— Vamos conseguir, Almôndega — disse ele, abraçando-me, dizendo-me com seu corpo que poderíamos participar do Skate North America, a próxima competição para a qual nós, ele, foi convidado.

Nós iríamos conseguir.

Nós teríamos outra chance.



Capítulo Vinte e Dois

Foi bom que ninguém tivesse me dito que tirar oito semanas de folga no início da temporada seria fácil, porque não foi.

Absolutamente não.

As duas últimas semanas foram as mais exaustivas da minha vida, e isso incluía o mês que voltava ao CL todas as noites para treinar até meia-noite.

Mas, daquela vez, eu não estava sozinha. Eu tinha meu melhor amigo comigo o tempo todo.

E desfrutei de todos os momentos suados, cansativos, frustrantes e dolorosos.

Especialmente naquele instante, enquanto olhava pela janela da van que havia buscado Ivan, para que eu e seis outras duplas, com seus treinadores, fôssemos para a instalação onde competiríamos no dia seguinte. Um alívio, que eu nem sabia que existia em mim, preencheu meus pulmões, libertando-os, enquanto eu observava o edifício gigante com faixas ao redor.

SKATE NORTH AMERICA, 23 A 26 DE NOVEMBRO. Uma delas tinha uma imagem de Ivan — só ele — logo após dar um salto no ano anterior.

Nós estávamos ali e era real.

Estávamos prontos.

Ivan esteve mais quieto do que o normal nos últimos dias, enquanto fizemos as correções de última hora possíveis no CL. Pegamos um voo para Lake Placid dois dias antes, para o caso de o clima do inverno piorar, mas não aconteceu. O Skate North America oferecia apenas um dia de treino oficial; portanto, nos últimos dois, tínhamos aproveitado a gigantesca sala de conferências que a WSU — World Skating Union — reservara para todos que tinham os mesmos planos

que nós.

E, quando não estávamos na sala de conferências, Ivan, a treinadora Lee, eu e a equipe Simmons, marido e mulher — nossos coreógrafos —, fizemos um passeio de táxi pelo centro da cidade, visitamos o museu olímpico, almoçamos fora e depois voltamos para nossos quartos. Pelo menos até Ivan aparecer no meu para ver como era a minha vista e acabamos pedindo comida enquanto assistíamos a um programa sobre gatos infernais, e ele me contou sobre os três gatos que ele tivera até um ano atrás, quando o último faleceu de velhice.

Não precisava dizer a Ivan que essa viagem era diferente de todas as outras que já tinha feito antes, tanto sozinha quanto com Paul. Jurei que ele sabia. Eu estava empolgada — e nervosa pela primeira vez —, mas a empolgação dominava todo o resto.

E nós estávamos *ali*. Um passo mais perto. Um último treino de trinta minutos nos separava do começo do fim da dupla, no qual eu estava tentando tanto não me concentrar.

Tínhamos acabado de sair da van quando Ivan pegou minha mão do nada.

Olhei para ele, sem franzir a testa, mas me perguntando o que diabos estava fazendo. Não que eu me importasse. Eu pegava sua mão por razões aleatórias de vez em quando. Mas ainda não sabia por que ele estava fazendo aquilo. E isso me deixou um pouco mais nervosa.

— O que foi? — perguntei, ao perceber sua expressão quando ele virou seu corpo para encarar o meu.

Puxando minha mão, ele me levou para o lado para deixar as outras equipes da van passarem. Estávamos todos no grupo B nos horários de treino. A respiração de Ivan soltou uma névoa branca no ar frio de Michigan, e eu tremi, tentando descobrir que porra estava acontecendo e por que tinha que acontecer lá fora. Aqueles brilhantes olhos azuis estavam focados no meu rosto quando o homem que me levou a todas as sessões de fisioterapia depois de invadir meu quarto tantas semanas atrás disse:

— Preciso que você me prometa algo.

Isso era ruim, não era?

— Depende do que é — respondi, preocupada, tentando torturar meu cérebro em busca de qualquer coisa que fosse tão grave que ele

quisesse uma promessa minha primeiro.

Aquele rosto perfeito, com sua pele e estrutura perfeitas, não suspirou nem me deu uma expressão exasperada, como normalmente faria.

— Prometa-me, Jasmine.

Merda.

— Não antes de você me dizer o que é. Não quero quebrar minha promessa. — Fiz uma careta, e o medo rapidamente preencheu o vazio no meu estômago.

Provavelmente, eu faria o que ele pedisse, mas... e se ele me pedisse para não falhar ou não fazer uma cena se me apresentasse à próxima parceira que ele havia arrumado, caso não voltasse para Mindy? Não conversamos sobre o futuro. Nem uma vez.

Merda.

Os olhos de Ivan percorreram meu rosto lentamente. Sua respiração desacelerou e suas feições, já calmas, relaxaram ainda mais. Então, ele suspirou, olhou para o céu por um momento e depois voltou para mim, engolindo em seco, o que fez o pomo de adão dele vibrar.

— Por favor, me prometa. Não vou pedir nada que você não seja capaz de fazer.

Eu devo ter feito uma careta, porque ele apertou a mão que ainda estava segurando.

— Prometa-me, Almôndega. Você sabe que pode confiar em mim — ele pediu, não fazendo disso uma pergunta, mas um fato bem conhecido.

E ele estava certo.

Mas, ainda assim, eu odiava que ele estivesse tentando usar isso contra mim. Eu não queria quebrar uma promessa para ele. Nunca. Mas também não queria prometer algo que provavelmente não fosse capaz... como sorrir para a pessoa por quem ele iria me substituir em alguns meses. Desviei o olhar e talvez fosse minha imaginação que o ar estivesse esfriando a cada segundo. Estremeci.

— Tudo bem, eu prometo. O que é? — perguntei, ouvindo a marra na minha voz.

O sorriso que ele me deu em resposta, lento e pretencioso, deixou-me à vontade um pouco, mas só um pouco.

— Me prometa que, se você vir Paul e Mary, não tentará começar uma briga com ele...

Mas que porra? Era disso que se tratava? Paul e Mary?

Cai fora! Eu não pensava em nenhum desses dois idiotas há meses. Desde que ele me convencera a fazer a sessão de fotos.

Meu escárnio foi tão alto que arranhou minha garganta.

— Ah, qual é, é isso que você quer que eu prometa? Você acha que vou lá brigar com ele e correr o risco de arranjar problemas?

Ele piscou e sua mão apertou a minha.

— Você não me deixou terminar. Eu ia dizer que você deve guardar sua raiva para depois da competição. Vamos acabar com eles com nossas pontuações, e então você pode derrubá-lo com um soco.

Abri a boca e depois a fechei.

Aqueles olhos cinza-azulados permaneceram no meu rosto, mesmo quando suas sobrancelhas se ergueram, e ele cobriu o topo da minha mão com a outra.

— Fechado?

Eu só pude piscar antes de conseguir soltar:

— O que você acha?

Seu sorriso era de alívio.

— Eu acho que Lake Mirror, em frente ao hotel, é um local bastante conveniente.

— Você será meu álibi?

Ivan torceu o nariz.

— Eu sei que suas irmãs estão aqui e tal, mas pensei que você gostaria que eu ajudasse. Sou mais forte do que elas. Não poderíamos deixar rastros.

O que eu queria era tê-lo para sempre, mas aceitaria o que me oferecesse.

— Fechado — eu disse.

Ele sorriu.

— Mais uma coisa.

Droga.

— Eu quero saber, já que você nunca me contou, é o que tem contra Mary McDonald. Eu quero saber por que a odiamos.

Por que a odiamos. Ivan. Maldito Ivan. Tudo o que pude fazer foi

dar de ombros para não dizer mais nada que não deveria.

— Quando éramos mais novas, antes mesmo de eu começar a patinar em dupla, ela costumava falar mal de mim pelas minhas costas. Você pode perguntar a Karina. Mary não sabia que Karina era minha amiga, e ela falava sobre o meu peso, fez alguns comentários racistas e idiotas sobre eu ser meio filipina, e ela era uma vaca no geral.

Ivan piscou.

— Você disse alguma coisa para ela? — A pergunta tinha acabado de sair da sua boca quando ele bufou. — Essa é uma pergunta estúpida. Claro que você falou.

Eu puxei sua mão.

— Você já sabe que sim. Eu disse a ela que, da próxima vez que falasse de mim, eu lhe daria um chute na bunda.



— *Filho da puta!* — sibilei quando queimei meu couro cabeludo *novamente* tentando alisar meu cabelo o mais próximo possível da raiz. O Skate North America não era o evento mais televisionado da temporada, mas...

Isso não importava para mim.

O que importava era deixar meu cabelo o mais liso possível, mesmo que já fosse. Só que eu não conseguia ver ou alcançar bem a parte de trás. Tínhamos três horas antes do início do evento e não estávamos programados para patinar até *quase* o fim. Mas minha maquiagem estava pronta, assim como o vestido preto de renda de mangas compridas que Ruby havia terminado meses atrás, antes de eu me machucar.

Ivan decidiu trocar de roupa no banheiro dos homens porque não queria “nenhum tumulto” se as pessoas o vissem de cueca.

Que idiota.

E agora eu precisava da ajuda dele. Ele me ajudaria a arrumar o resto do meu cabelo. Eu sabia que sim.

Mas eu tentaria fazer o máximo que pudesse, esperançosamente, sem me queimar pela sexta vez. Virando para um dos três espelhos iluminados do cômodo que estávamos compartilhando com duas equipes, com as quais havíamos praticado na mesma hora do dia

anterior, eu me apoiei e tentei inclinar a cabeça o melhor que pude para ver o que estava fazendo. Vi as outras quatro pessoas contra as quais estávamos competindo — duas equipes que Ivan conhecia e que já havia dito que eram legais —, mas que ainda não haviam se trocado.

Eu já tinha feito duas partes do cabelo quando a porta se abriu, e eu pensei que não era nada.

Até que uma voz que reconhecia falou.

E não era a de Ivan.

— Jasmine, eu quero falar com você — a voz semifamiliar pediu quando me virei para encará-lo, instantaneamente me perguntando onde diabos Ivan estava.

Eu fiz uma promessa a ele.

Não vou falar merdas para o Paul. Não vou falar merdas para o Paul. Não vou falar merdas para o Paul. Ele me fez dizer isso sete vezes no dia anterior, quando eu jurei que o tinha visto enquanto estávamos esperando a van nos buscar após o treino, porque, aparentemente, uma vez que você faz algo sete vezes, não pode esquecer.

Prometi a ele que não começaria nem faria nada. Eu podia ser muitas coisas, e metade delas não eram boas, mas Ivan era.

E eu não voltaria atrás na minha palavra. Especialmente para ele. Não depois de tudo o que ele fez por mim.

Mas...

Não havia como nenhum de nós ter previsto que Paul seria burro o suficiente para tentar falar comigo antes da nossa primeira apresentação — nosso programa curto. Eu sempre pensei que ele não era tão inteligente quanto as outras pessoas, mas, aparentemente, aquele cara com quem passei três anos da minha vida era um verdadeiro idiota.

Mantendo o olhar no meu reflexo no espelho, coloquei a chapinha no balcão e fechei minha mão.

— Jasmine, por favor — o segundo homem na minha vida a fazer merda com o meu coração continuou, enquanto eu continuava me olhando no espelho.

Eu não achava que minha aparência estava tão diferente de quando tinha dezenove anos. Meu rosto estava um pouco mais

magro. Meu cabelo, mais comprido e eu estava mais musculosa. Mas, por dentro... bem, por dentro, eu com certeza estava diferente.

Porque a Jasmine de dezenove anos já teria jogado a chapinha em Paul, esperando que ela magicamente queimasse suas bolas através de seu traje.

— Jas, apenas... cinco minutos, por favor — meu antigo parceiro basicamente implorou, de onde quer que estivesse, fora do meu campo de visão do reflexo do espelho.

Apertei minha mão com mais força. Prendi a respiração. Então revirei os olhos porque que ele se *fodesse*. Repetidamente. Eu não pensava em Paul há tanto tempo que tinha realmente esquecido o quanto o odiava.

Mas lembrei-me bem rápido. Rápido pra caralho.

Você prometeu a Vanya, a parte calma do meu cérebro me lembrou.

E facilmente, tão facilmente, eu me controlei... e expirei.

— Você vai fingir que não estou aqui? — meu ex-parceiro perguntou, ficando tão perto de mim que finalmente pude vê-lo no espelho. Tão perto, que eu tinha certeza de que, se desse um chute para trás, seria fácil acertá-lo nos testículos.

Você imaginaria que, depois de três anos juntos, ele saberia quão perigosa era a posição em que ele estava se colocando.

Idiota do caralho.

Deus, Ivan seria mais esperto.

Alto, magro e de cabelos castanhos, ele parecia exatamente o mesmo de quase dois anos atrás, quando saiu do CL e nunca mais voltou.

Paul parecia pálido sob as luzes e no reflexo. Suas mãos estavam na frente do corpo, e eu podia dizer que ele estava ansioso.

Que bom.

— Olha, tudo que eu quero é conversar.

Não tive a intenção de bufar, mas aconteceu exatamente isso quando me endireitei. Eu era tão baixa que só tinha uma visão clara de mim mesma da cintura para cima. A frente da roupa tinha um decote no centro do peito, o tecido escuro cobrindo tudo o que era importante — sem miçangas na minha e na de Ivan porque elas ficavam presas em tudo —, com rendas sobrepostas em todo o resto,

mas terminando alguns centímetros acima do pulso para que a renda não atrapalhasse meu apoio. Eu amei. Quando Ruby me contou sua ideia para Drácula, não poderia ter escolhido um figurino melhor. Ivan concordara.

O idiota do Paul encarou aquele som pelo contrário do que era — um convite — e continuou tagarelando.

— Depois de todo o tempo que passamos juntos, você me deve.

E lá estava. As três palavras que ele não deveria ter usado. As três *exatas* palavras que me fizeram ficar furiosa e esperar que Ivan me perdoasse por ter quebrado minha promessa para ele.

Mas eu poderia dizer a ele que a culpa não foi minha, e que, por causa do que combinamos, não dei um chute nas bolas do meu ex desde o início. Se isso não fosse uma vitória, eu não sabia o que era. Ele entenderia.

Era o que eu ia dizer a mim mesma quando me virei lentamente na ponta dos pés e olhei para o homem com o qual eu havia perdido tanto tempo. Era alto, mas não tanto quanto Ivan, e com ombros que não eram tão largos, cabelos castanho-claros e uma pele quase bronzeada. Bonito, claro... ele estava exatamente como eu me lembrava. Fazia quase dois anos, afinal.

Filho da puta de merda.

— Eu não te devo merda alguma — eu disse a ele, parecendo tão calma que fiquei, juro por Deus, orgulhosa de mim mesma.

O idiota suspirou enquanto passava a mão pelo cabelo curto e dizia:

— Dá um tempo, Jas. Nós temos história...

Sim, se antes eu estava vendo tudo em vermelho à minha frente, comecei a ver em uma porra de um tom de magenta.

— Sim, essa história terminou no dia em que descobri que você ia se juntar a Mary, através de alguém que publicou um artigo sobre isso na internet.

Ele se encolheu. Paul hesitou. Então pareceu se afastar enquanto exigia:

— O que mais eu deveria fazer? — Ele balançou a cabeça, engoliu em seco e enrijeceu os ombros.

Mas foi inútil, porque ele já tinha me irritado.

Ele ia tentar me culpar ou me intimidar.

— Você poderia ter me contado como um ser humano normal que respeitava a pessoa que treinou com você por três anos — rebati, mal conseguindo não gritar com a lembrança do que ele tinha feito comigo. — Eu tentei ligar para você, Paul, liguei e liguei, e você nunca atendeu, seu filho da puta. Você não teve coragem de me avisar ou explicar merda alguma, nem uma única vez nos últimos dois anos.

— Não é...

Eu olhei para ele com o que eu sabia que era minha expressão de louca.

— Se você disser que não foi bem assim, eu vou te dar um soco agora, no pau, o mais forte que puder.

Ele fechou a boca, porque sabia que eu seria capaz.

Mas ele quebrou meu controle e agora teria que lidar com isso.

— Eu te dei três anos da minha vida, Paul. Três. Você era meu parceiro, eu teria feito quase qualquer coisa por você, e você me tratou como um pedaço de merda. Simplesmente fugiu e fez o que queria, sem me dizer. Não me diga que te devo algo. Eu não devo. Não te devo merda alguma — sibilei, apontando o dedo, porque não havia como impedir minha mão de fazer *algo* quando tudo o que realmente queria era cerrá-la em punho e quebrar o nariz. Ou o pau dele.

— Você faz parecer como se eu pudesse ter apenas... te contado. Como se tivesse sido assim tão fácil — ele respondeu, com a mão ainda no cabelo, sua expressão contorcida.

— Sim, teria sido assim tão fácil. *Ei, Jasmine, eu desisti. Vou fazer parceria com alguém que você não suporta. Boa sorte* — zombei, balançando a cabeça. — Pronto.

Sua risada tinha um tom de sarcasmo.

— Não é assim que as coisas seriam, e você sabe disso. Você teria gritado comigo, me chamado de desistente, cadela, maricas, todas essas coisas e muito mais. Você sabe que teria feito isso. Você não me deixaria sair tão facilmente.

Você prometeu a Ivan que não faria isso. Você prometeu.

E eu tinha.

E foi por isso que mantive minha mão parada na lateral do corpo.

— Sim, eu teria. Teria feito todas essas coisas. Nós dois sabemos disso. Mas você é um idiota por não entender o porquê. Eu teria

dificultado as coisas para você porque estávamos juntos nisso. Porque éramos uma equipe, e eu não desistiria de você como se não fosse nada. Mas você é um homem adulto que toma suas próprias decisões. Eu não teria te amarrado e te forçado a ficar. Dá um tempo, porra.

No momento em que as palavras saíram da minha boca, fiquei realmente surpresa por elas. Eu nem acho que já tinha pensado dessa forma antes. Muito menos me sentido assim.

Mas eu tinha.

Ele me machucou e eu queria que ele soubesse. Queria que entendesse que eu me importava, que teria lutado por ele.

Mas isso foi há dois anos.

Um ano atrás, eu teria apenas lhe socado. Seria orgulhosa demais para admitir todas essas coisas. Mas não naquele momento. Não mais. Àquela altura, tudo o que eu queria era tirar a horrível culpa e raiva do meu peito. Eu queria tirá-las da minha vida. Tirá-las de mim.

Eu queria seguir em frente. Talvez já até estivesse seguindo. Quase.

Ainda queria dar um chute nele, mas me contentaria em fazê-lo se arrepende do dia em que me conheceu. A única maneira de fazer isso era acabar com ele e com Mary no gelo. E eu faria isso. Eu e Ivan.

— Eu também me importo com você, Jasmine — disse ele, fazendo-me revirar os olhos. — Ainda me importo com você. Quando soube da sua lesão, fiquei preocupado. Eu queria ligar para você, mas... não podia.

Sim, ele conseguiu outro revirar de olhos por essa mentira de merda.

— Ok.

— Você não entende...

Eu levantei minhas mãos, mas as deixei cair de volta.

— Ok, Paul. Diga-me. Agora mesmo. O que você quer que eu ouça, hein? Que você me deixou porque queria uma chance maior de ganhar?

Ele engoliu em seco novamente, passando a mão pelo rosto e por cima do traje de elastano branco e azul que vestia.

— Por que você sempre distorce as coisas? Eu sinto sua falta, Jas.

Peguei o telefone para ligar para você pelo menos uma dúzia de vezes...

Tudo que eu queria era que ele calasse. A. Porra. Da. Boca.

— Sinceramente, eu juro pela minha vida, não quero mais falar com você. Nunca mais. O que quer que você tenha pensado, qualquer que seja sua desculpa para acreditar que justifica a maneira como me tratou... viva com isso. Lide com isso. Se você me conhece metade do que pensa, sabe que nunca vou perdoá-lo.

— Jasmine, eu...

— Não. Nem se incomode. Se você vir minha mãe, corra para o outro lado. Se você me vir, vire-se e finja que não viu — falei para ele, parecendo estranhamente calma. — Eu teria te perdoado se tivesse conversado comigo primeiro. Eu teria te perdoado por dizer toda essa merda sobre encontrar uma parceira com quem pudesse “realmente trabalhar”. E eu poderia ter te perdoado eventualmente por me tirar da sua vida. Mas não vou. Não sou tão boa assim. — Olhei para o lado, dando-lhe a minha melhor expressão de indiferença, e disse: — É melhor você ir. Tenho mais o que fazer e não quero você como público.

Paul Jones piscou. Podia jurar que até o queixo dele tinha tremido um pouco. Mas, daquela maneira, ele desviou o olhar e suspirou, pressionando os lábios.

— Jasmine, olhe...

— Apenas vá.

— Eu só quero te dizer...

— Eu não ligo. — Dei-lhe as costas novamente.

Ele era tão cheio de merda. Aff.

— Você sabe por que nunca liguei de volta em nenhum daqueles momentos em que você me deixou mensagens de voz me xingando? Ou naquela época que você me ligou bêbada, meses depois, gritando comigo?

— Eu não sei e realmente não me importo. — Minha voz era quase robótica quando olhei através dele em direção à porta e rezei para que Ivan aparecesse.

Ele franziu a testa tão profundamente que linhas se formaram. Aqueles olhos castanhos se afastaram de mim antes de voltarem a me olhar.

— Jasmine, foi porque Ivan me ligou uma semana depois e disse que “acabaria comigo” se eu entrasse em contato com você de novo.

O que diabos ele acabou de dizer?

— Pare de me olhar como se achasse que estou mentindo. Eu não estou. Ele me ligou e disse que, se eu sabia o que era bom para mim, deixaria você em paz, caso contrário, ele iria me ferrar tanto que eu me arrependeria do dia em que decidi começar a patinar.

Ivan.

Ivan tinha dito isso? Feito isso? Mas isso foi um ano antes de nos tornarmos uma dupla. Semanas depois de nós mostramos o dedo do meio um para o outro no corredor, eu tinha certeza.

Ivan tinha feito *isso*?

— Eu também disse que te destruiria. Você perdeu essa parte — disse uma voz familiar, fazendo com que nós dois nos virássemos e encontrássemos Ivan olhando para dentro da sala, a porta entreaberta, o cabelo perfeitamente penteado, o rosto barbeado, tudo nele brilhando. E ele estava sorrindo. E segurando rosas vermelhas.

Eu o amava.

Porra, eu não tinha ideia do que diabos tinha acontecido ou por que tinha acontecido, mas eu o amava tanto naquele momento que meu coração poderia ter explodido.

— Mas Jasmine também pode. Ela é toda pequenininha e fofa, mas isso engana quão forte ela é. E é estranho o quanto pode ficar brava. Ela é como um pequeno Gremlin; é melhor você não jogar água nela, porque enlouquece — ele continuou, sorrindo para mim com carinho enquanto entrava completamente, exibindo seu traje preto correspondente ao meu. — Mas você deveria saber disso.

Paul olhou entre mim e Ivan por um momento antes de dar um passo para o lado, longe de mim.

— Eu...

— Ela é minha parceira agora, Paul, e continuará sendo. E sabe de uma coisa? Eu não sou muito bom em dividir, então, talvez seja uma boa ideia você sair daqui antes que todas as coisas que eu ameacei se tornem realidade — Ivan o interrompeu, quando ficou ao meu lado.

Ivan não me tocou. Ele não precisava. Eu sabia que ele estava lá, e ele sabia que eu tinha consciência disso.

Isso era o que acontecia conosco. Nós nos entendíamos.

Sabíamos o comprimento e a profundidade de nossa confiança e lealdade. E isso significava mais do que qualquer palavra idiota jamais significaria.

— Você não tem algo que precise fazer? — Ivan perguntou com um piscar de olhos enganosamente preguiçoso.

Paul suspirou, depois deu um passo para trás. Ele olhou para mim por cima do ombro, e seu olhar persistente poderia me fazer sentir mal, se eu não quisesse matá-lo. Ele mal abriu a porta quando os dedos de Ivan deslizaram pelos meus.

— Você lidou com isso melhor do que eu esperava — disse ele, nem mesmo baixando a voz, considerando que Paul ainda não estava fora da sala.

Eu olhei para ele.

— Você acha?

Seu aceno de cabeça era tão entusiasmado que quase me fez rir.

— Sim. A treinadora Lee e eu pensamos que você iria, ao menos, dar um tapa nele.

— Você me disse para não fazer isso. — Droga.

— Não, eu disse para você esperar até depois que isso terminasse. Eu não imaginava que ele viria até você para tentar conversar. Ele não te conhece, não é? — Ivan riu. — Idiota. Aposto que ele não tem ideia do quão perto estava de morrer. Eu ouvi na sua voz e, assim que vi seu rosto, fiquei sinceramente preocupado que você fizesse alguma merda estilo John Wick com o pente que deixei no balcão.

Eu não pude deixar de rir. Não me lembrava de ter rido antes de uma competição. Nunca. Nem uma vez.

O puxão que ele deu na minha mão me fez olhar para ele enquanto eu continuava rindo.

— Você está bem? — Ele pressionou nossas mãos unidas em seu quadril.

Concordei e, depois que parei de rir, ainda tinha um sorriso no rosto quando estreitei os olhos nele.

— Você realmente ligou para ele e disse para não entrar em contato comigo nunca mais?

Ivan era assim. Ele não fazia besteira. Nunca. Também não achava que ele fosse capaz de ficar envergonhado. Porque não houve hesitação quando ele respondeu:

— Sim.

— Por quê?

O corpo dele não se moveu do lugar ao meu lado, e a mão dele também não soltou a minha quando disse:

— Porque Karina ligou e me contou o que aconteceu. Ela perguntou se havia algo que eu poderia fazer. Se eu conhecia mais alguém com quem você pudesse fazer dupla.

Um zumbido baixinho começou em meus ouvidos, mas eu indaguei:

— E o que aconteceu?

— Eu disse a ela que não. Então liguei para ele e lhe disse como seria; eu estava muito chateado — explicou ele com facilidade.

Eu me senti como uma garota idiota e patética pedindo garantias, mas não me importava o suficiente para parar.

— Você estava bravo por mim?

— Porra, claro, Sherlock. A ideia de você estar chateada com aquele desperdício de oxigênio me irritou. Você merece mais. — Ele sorriu e apertou nossas mãos com força na lateral do corpo. — Se você ia chorar por alguém, seria por mim.

— Você é um idiota.

— Eu sei.

Mas então Ivan remexeu seu corpo. Ele o moveu para me encarar, para ficar na minha frente, forçando-me a inclinar a cabeça para trás apenas o suficiente para que eu pudesse olhar nos olhos dele, o buquê entre nós. Lentamente, sem pressa, sua testa encostou na minha.

— Você se arrepende do que aconteceu?

Eu olhei direto para aqueles olhos azul-claros e disse:

— Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo.

— Comigo também, Jas.

E isso... essa coisa que eu sabia que era amor borbulhava dentro de mim, e eu entendia que era uma ideia estúpida e que eu precisava ficar calada. Mas, quando olhei naqueles lindos olhos e segurei a mão que me segurara tantas vezes, lembrei a mim mesma que não devia satisfações a ninguém.

Nem mesmo a mim.

— Vanya — comecei, estranhamente não me sentindo nervosa, tão perto que a respiração dele tocou meus lábios. — Não espero nada de você e não quero deixar as coisas estranhas, mas quero que você saiba.

Seu “Cale a boca” me pegou desprevenida.

— Não me diga para calar a boca. Eu quero te contar uma coisa.

De repente, ele largou nossas mãos, sorriu e deu um passo para trás.

— Eu tenho algo para você.

— Você me trouxe flores?

Ele balançou a cabeça enquanto as colocava no balcão ao meu lado.

— Não, elas são de Karina.

Eu sorri com o pensamento dela me mandando flores. Precisava enviar uma mensagem para ela mais tarde para agradecer.

— Mas eu trouxe mesmo uma coisa para você e uma pessoa também enviou outra.

Eu não pude deixar de estreitar os olhos.

— Quem?

Ivan sorriu.

— Patty.

— Quem é Patty?

O sorriso dele desapareceu.

— Aquela adolescente do CL que você defendia. Aquela que se parece com você e é realmente extrovertida.

— Ah. — Ela. Eu não tinha percebido que éramos parecidas. — Ela me enviou uma coisa? — Por quê?

— Um cartão.

Hã.

— Ela não precisava fazer isso.

— Não, não precisava, mas me encontrou um dia antes de partirmos e implorou que eu o desse a você — disse ele. — Mas eu também comprei uma coisa. Não são as almas de todos que já te irritaram, mas...

Isso me fez calar a boca. Por um segundo.

— Eu ia te dar depois, mas acho que deveria dar agora.

Apertei meus lábios e perguntei lentamente:

— O que é isso? — Ele se virou para sua mala gigante e enfiou a mão no bolso grande do lado de fora.

— Eu pensei que tínhamos passado da fase em que você acha que vou te matar a qualquer momento.

— Acho que nunca iremos superar isso.

Ivan riu de costas para mim.

— Meu plano é matar você depois do mundial. Para fazer as coisas do jeito certo.

— Vou anotar no meu calendário, então. Obrigada pelo aviso.

Sua cabeça balançava enquanto tirava a mão do bolso, segurando algo embrulhado em papel de seda e mais algo em um envelope branco.

— Eu estava esperando um escorpião, mas acho que você não arriscaria sua vida para me matar.

— Cale a boca, vou colocar o cartão aqui para você ler mais tarde — murmurou novamente, com sua voz divertida quando se virou para mim. — Me dê sua mão.

Estendi a mão direita, mas ele bateu nela suavemente. Então eu levantei a outra. E vi quando ele colocou a coisa embrulhada em papel de seda no balcão e pegou meu pulso com as duas mãos grandes. Ele puxou a manga da minha roupa cerca de sete centímetros no meu antebraço, expondo a pulseira que eu sempre usava. Eu havia apertado as tiras de couro naquela manhã para poder usá-la sob a roupa, como normalmente fazia.

Não pensei muito nisso até que o polegar dele roçou a fina placa de metal presa pelas tiras de couro que eu tinha que substituir uma vez por ano desde que a adquiri em uma feira, quando tinha doze anos. *Para Jasmine. De sua melhor amiga, Jasmine* estava gravado nela. Minha mãe revirou os olhos quando pagou por isso. Eu mostrei a ela o documentário sobre outra patinadora que eu admirava e usava a mesma coisa. Ela fora incrível na sua época, competitiva e nunca dera a mínima para o que as outras pessoas pensavam sobre ela. Ela fora a melhor, mas, principalmente, ela pensava que era a melhor.

Sempre fora meu lembrete de que eu tinha que acreditar em mim mesma.

E eu tenho usado com orgulho desde então.

Mas os dedos de Ivan tocaram as tiras que eu acabara de apertar, e ele começou a desfazer o nó minúsculo com os dedos longos e graciosos. Eu queria perguntar o que diabos estava fazendo e por que a estava tirando, mas... eu confiava nele. Então, mantive a boca fechada quando ele a tirou e colocou-a sobre o balcão ao lado do embrulho de papel de seda, ou o que quer que fosse.

Ok.

Ele pegou o presente no balcão no mesmo movimento e abriu o papel de seda, puxando algo que parecia quase idêntico. Uma placa de metal com uma tira de couro ao redor. Exceto que o couro era rosa brilhante.

— Eu não quero que você fique nervosa esta noite — ele começou a dizer enquanto segurava a pulseira em uma mão, seus olhos em mim.

Eu alternava entre olhar para ele e para a pulseira.

— Não estou nervosa.

Ele riu.

— Tudo bem, você não está nervosa. Mas quero que saiba que, independente do que acontecer hoje e amanhã, nada importa, Almôndega.

E isso me fez levantar a cabeça para olhá-lo nos olhos. De que merda ele estava falando?

— Claro que isso importa.

— Não, não — ele insistiu. — É apenas uma competição. Se vencermos ou perdermos, isso não muda nada.

O que diabos ele quis dizer com *nada*?

Ivan pegou minha mão com a que não segurava a pulseira e esfregou o polegar na parte de trás do meu pulso.

— Eu não vou ficar bravo. Não vou ficar decepcionado. Espero que você também não fique.

Eu o observei com cuidado, mas não disse nada.

Sua mandíbula se moveu, e suas pálpebras pendiam baixas sobre aqueles olhos espetaculares enquanto ele perguntava:

— Você vai ficar?

— Desapontada se não vencermos?

Não gostei do aceno de cabeça que ele me deu.

Mas pensei em suas palavras por um breve momento. Eu ficaria decepcionada se estragasse tudo ou se desse tudo errado e nós terminássemos em sexto lugar naquela noite e na próxima? Eu ficaria furiosa como no passado?

— Não. — Não mesmo. — Você estaria em sexto lugar comigo. Eu não estaria sozinha. Se eu vou falhar, pelo menos faremos isso juntos — sussurrei, sentindo aquela porra de sentimento engraçado percorrendo meu corpo.

Parecia... parecia alívio. Algo como aceitação. E foi a segunda coisa mais linda que eu já senti na minha vida.

Depois de amar aquele idiota e a minha família.

E aquela deveria ser a resposta que ele estava procurando, porque o sorriso que apareceu em seu rosto foi o melhor que já compartilhou comigo até aquele momento.

— Me dê seu pulso de volta, sua merdinha — ele ordenou, dando aquele sorriso que eu desejava com todo o meu coração que fosse meu e apenas meu.

E, exceto por seus cães, porco e coelho, poderia muito bem ser.

Então eu lhe dei o meu pulso.

E observei conforme ele amarrava as tiras de couro rosa, apertadas, mas não muito, e deixava a pulseira no alto do meu braço como eu usava a outra, no local perfeito para ser escondida pela manga da minha roupa. Ele mal terminou o nó quando levei meu antebraço ao rosto e li a pequena inscrição no metal.

Para Almôndega

Do seu melhor amigo, Ivan

E, no tempo que levei para ler a placa de metal cerca de quatro vezes, Ivan já havia amarrado minha pulseira no próprio pulso.

Mas não se encaixava na manga dele.

E, quando ele sorriu para mim, eu soube que ele nem se importava.



— Normalmente, eu não dou conselhos a Ivan antes de patinar, Jasmine, mas posso lhe dar um, se você precisar — ofereceu a treinadora Lee enquanto estávamos no túnel ao lado do gelo, assim que a equipe anterior iniciou seu programa curto.

Não me virei para olhá-la, do meu lugar na frente de Ivan e ao lado dela. Eu estava olhando em volta, para a multidão nas arquibancadas, mantendo minha respiração firme e meus nervos sob controle. Eu me sentia calma. Mais calma do que jamais havia me sentido.

— Estou bem.

Porque tudo ficaria bem de um jeito ou de outro. Como Ivan dissera. Não seria o fim do mundo se as coisas dessem errado.

Mas eu ainda esperava que não dessem.

— Você tem certeza? — a treinadora Lee insistiu.

Eu não olhei para ela, sabendo que estava assistindo à dupla também, enquanto balancei a cabeça e disse:

— Sim. Conversas motivacionais me deixam doida. — Olhei para ela nesse momento. — Mas obrigada por oferecer.

As duas mãos que estavam em meus ombros, desde o momento em que esperávamos nossa vez, massagearam-nos. O corpo de Ivan estava tão perto do meu que eu podia sentir o calor irradiando dele. Matamos as últimas três horas alongando e alongando mais ainda, depois relembando a coreografia no corredor com fones de ouvido, apenas fazendo alguns levantamentos para ganhar confiança, mesmo que os tivéssemos feito mil vezes nos últimos oito meses.

Éramos tão bons quanto podíamos ser com tudo o que havia acontecido antes disso.

Nós tentaríamos o nosso melhor, e não havia mais nada que pudéssemos pedir.

— Sua mãe acabou de acenar para mim — Ivan sussurrou no meu ouvido antes de levantar uma mão do meu ombro, muito provavelmente acenando para ela de volta.

Eu nunca tinha procurado minha família antes de patinar. Sempre me sentia mais pressionada por saber que eles estavam lá. Nem checava meu telefone por horas antes de uma competição. Eu queria estar focada.

Mas a menção da minha mãe, que eu não via desde que ela chegou a Lake Placid na noite anterior, me fez olhar de um lado para o outro.

A mão de Ivan subiu ao lado da minha cabeça e ele apontou para a direita. Então reconheci a ruiva em pé, agitando os braços sobre a cabeça como uma louca.

Também reconheci o homem de pele escura de um lado dela, a outra ruiva do outro lado, os cabelos ruivos de Sebastian e... havia um homem da sua altura exata ao seu lado. Cabelos mais escuros, não tão claros. Do outro lado daquele homem estavam a inconfundível cabeça gorda e orelhas grandes de Jojo, o cabelo castanho médio de James e um casal de cabelos pretos que deviam ser os Lukov.

Era o meu pai.

Era a porra do meu pai sentado lá.

— Sua mãe e Jonathan tentaram convencê-lo a não vir, mas ele insistiu que não iria incomodá-la — Ivan sussurrou no meu ouvido.

Engoli em seco. Engoli em seco porque não tinha ideia de como me sentia ao vê-lo lá. Não era empolgação como teria acontecido uma década atrás. Mas era alguma coisa. E não achei que fosse totalmente pavor.

— Você está bem? — ele perguntou em voz baixa.

Sem perceber, minha mão foi para o local do meu antebraço onde a pulseira estava amarrada. Minha *nova* pulseira. Toquei-a e o tecido rendado sobre ela.

— Estou — eu disse, voltando a olhar para minha mãe, que parou de balançar os braços no meio da coreografia da outra equipe, finalmente. Ela estava me observando e a Ivan, e eu podia dizer, mesmo à distância, que estava sorrindo.

Levantei minha mão, aquela com a pulseira, e acenei para ela. Só um pouco, só por um segundo.

E ela abriu a boca como se estivesse gritando. Ela poderia estar, se eu a conhecia bem. Mas ela parecia tão animada...

Eu tive que deixar minha culpa de lado e tentar me concentrar em ser melhor a partir daquele momento. Eu precisava.

A mão no meu ombro deslizou para descansar nos meus braços, e Ivan começou a mover as mãos para cima e para baixo nos meus bíceps e tríceps.

A música terminou um minuto depois, e vimos, do nosso lugar, os dois patinadores acenando para toda a arena antes de saírem da pista enquanto esperavam que suas pontuações fossem anunciadas.

A treinadora Lee se virou para nós e ergueu as sobrancelhas para Ivan e para mim.

— Vocês estão prontos.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação.

Porque nós estávamos.

— Vocês dois já superaram minhas expectativas para a temporada. Ivan, lembre-se de patinar com calma depois de sair do triplo-triplo, e, Jasmine... — Ela me deu um pequeno sorriso, e eu o senti nos meus ossos. — Seja você mesma, está bem?

Ser eu mesma.

Eu não sabia o que diabos ela quis dizer com isso, mas assenti de qualquer maneira.

Ser eu mesma.

— Vamos acabar com eles, baby — Ivan sussurrou no meu ouvido, apertando meus braços.

Eu dei-lhe um breve aceno de cabeça e juntei-me à multidão, aplaudindo quando as notas foram lançadas. Então seguimos em direção à abertura no gelo. A única pessoa com quem eu estava competindo naquela noite era... eu mesma. A pessoa que fui quando estava com Paul. Contanto que pudesse fazer melhor do que aquela versão minha... eu não poderia pedir mais nada.

Parecia uma lembrança distante que eu poderia analisar mais tarde — eu tirando meus protetores de patins e entregando-os à treinadora Lee antes que entrasse na pista e esperasse ao lado da parede quando Ivan veio atrás de mim, fazendo o mesmo. A treinadora Lee estava certa, ela não gostava muito de conversas animadas ou de sugestões de última hora, além daquelas que havia acabado de nos

dar e das que já dera em nossos treinos anteriores.

Honestamente, parecia surreal entrar no gelo naquela noite, ouvindo pessoas aplaudindo Ivan e cantando seu nome como se estivéssemos em um maldito jogo de basquete ou algo assim.

Ivan! Ivan! Ivan!

Lukov! Lukov! Lukov!

Eu já tinha ouvido e testemunhado antes à distância — do lado de fora ou da plateia —, mas nunca enquanto estava no gelo ao lado do homem pelo qual aquelas pessoas enlouqueciam.

Mas, enquanto eu estava lá, ouvindo, pude perceber um zumbido pequeno, minúsculo e tímido na multidão.

Jasmine! Jasmine! Jasmine!

E por mais que soasse exatamente como uma mistura das vozes de todos os membros da minha família... era mais do que suficiente para mim.

Era muito mais do que eu merecia, mas o sentimento familiar que tive quando Ivan me deu a pulseira e apenas alguns minutos atrás, quando a treinadora Lee me disse para ser eu mesma, fez com que eu me sentisse em casa. Parecia certo. Parecia pra caralho com amor.

Dedos apertaram a parte de trás do meu pescoço e olhei para cima para ver Ivan sorrindo para mim.

E eu sorri de volta para ele.

Nós nos viramos ao mesmo tempo em direção ao centro do gelo e, como havíamos feito, sem uma única indicação ou palavra, todas as vezes durante o treino, Ivan estendeu a mão para o lado, entre nós, observando-me. Olhei para ele e entrelacei minha mão na dele. E nós andamos em direção ao centro juntos, segurando as mãos um do outro enquanto os cantos da multidão se transformavam em gritos.

— Aconteça o que acontecer, certo? — perguntei a ele enquanto íamos para o ponto de partida e parávamos.

Ivan não soltou minha mão quando assentiu e deu um passo para trás para se colocar em posição.

— *Aconteça o que acontecer* — ele murmurou para mim. Mas então seus lábios continuaram formando palavras. Três palavras exatamente. *Eu te amo.*

Se eu estivesse usando algo diferente de patins, teria tropeçado,

caído ou algo assim.

Eu teria arreventado minha bunda e provavelmente rachado meu queixo.

Felizmente, eu estava sobre a única coisa em que tinha mais confiança do que tênis ou chinelos. Mas isso não me impediu de sentir todo o meu corpo tenso enquanto estava lá, sabendo que precisava ficar em posição, mas me sentindo estúpida pra caralho para fazer outra coisa senão sibilar: *O quê?*, pensando que não tinha lido seus lábios direito.

Ivan parou na minha frente, com um pequeno sorriso enquanto colocava braços, pernas e dedos onde precisavam estar. *Eu te amo*, ele repetiu como se fosse algo que havia dito mil vezes no passado. Como se não estivéssemos no gelo a ponto de iniciarmos nosso primeiro programa curto diante de uma audiência que incluía mais pessoas do que os outros patinadores amadores do CL.

Eu pisquei para ele, tentando colocar minhas mãos em posição, mas não consegui pensar em mais nada além da porra do *eu te amo* que tinha acabado de ouvir sair de seus lábios.

— Ivan — comecei a dizer, esquecendo que ele não podia me ouvir, engolindo em seco e olhando em seus olhos quando minhas mãos e joelhos entraram na posição que havíamos praticado tantas vezes, porque minha boca tinha parado de funcionar, mas meu cérebro, não.

O sorriso que apareceu em seu rosto era lento... e meigo.

E alarmante.

— Você é péssima, Almôndega — ele disse um segundo antes de eu perceber que a música estava prestes a começar. Mas *eu te amo* se formou em seus lábios.

Meu coração bateu forte. Bate. Então bateu um pouco mais.

Meu mundo não se moveu, minhas pernas não cederam debaixo de mim, mas aquela sensação que só se intensificou ao longo do dia cresceu, cresceu e cresceu até que parecia preencher cada centímetro meu, por dentro e por fora.

Ivan me amava.

Ivan me amava.

E ele não se importava se ganhássemos ou perdêssemos.

E tudo que eu pude fazer foi ficar brava porque ele me interrompeu

quando eu estava prestes a dizer a mesma coisa, e então ele venceu.

— Você não poderia ter escolhido um momento melhor para dizer isso? — perguntei alto, tentando tanto não mover meus lábios.

Juro por Deus que o idiota franziu os lábios e me enviou um beijo tão suave que não havia nenhuma maneira de que alguma das câmeras ao redor da pista pudesse ter capturado. *Não*, ele foi discreto.

E então a música começou.

Ele teve tanta sorte que eu era capaz de executar nosso programa curto sem pensar, porque, se não tivéssemos feito isso mil vezes juntos, e eu não tivesse feito isso outras quinhentas vezes sozinha, eu teria estragado tudo naquele grande momento.

E, felizmente para ele, Ivan ficou todo profissional quando a música começou e só me enviou piscadelas e sorrisos durante os dois minutos e quarenta segundos inteiros.

Por algum milagre, consegui me concentrar no que tínhamos que fazer, em vez das palavras que surgiram do nada... pelo menos até o segundo em que chegamos às nossas poses finais e a música terminou.

E então eu lembrei.

Lembrei-me do *eu te amo* que ele falou, e isso me irritou mais uma vez.

Porque... Mas. Que. Merda!

— Você tinha que me dizer antes de começarmos? — sibilei, ofegando e sem fôlego.

Seu peito estava inflando e desinflando enquanto ele ofegava.

— *Ãh-hã*.

Apenas *ãh-hã*.

— Você...

Antes que eu pudesse detê-lo, antes que eu pudesse perceber o que diabos ele estava fazendo, enquanto estávamos lá, ambos ofegantes, nossos rostos a centímetros de distância, ambos com muita adrenalina, poder e algo que eu tinha 99% de certeza de que era amor, ele abriu aquele sorriso suave e lento.

Ele se inclinou para a frente, rápido como um raio, e beijou a ponta do meu nariz.

Ivan Lukov me beijou na ponta do nariz no final do nosso programa

curto.

E o fato de algumas pessoas terem feito um barulho suave, um “Owwnn” que me faria estremecer na maioria das circunstâncias, nem sequer importou para mim.

Não me importei porque eu estava muito focada no fato de que ele nunca havia feito isso. Muito menos na televisão. Muito menos três minutos depois de dizer que me amava.

— O que há de errado com você? — sibilei um segundo antes de sair das nossas poses finais para fazer uma reverência.

Ele não deixou meu tom impedi-lo de me dar aquele sorriso lento e sincero quando se posicionou ao meu lado.

— Você.

— Chato — sussurrei no momento em que me curvava. Nunca gostei de reverências. Elas soavam muito falsas.

— Perdedora — rebateu ele, enquanto girávamos.

— Por que você faria isso? — perguntei, mal conseguindo pronunciar a frase quando nos viramos para o outro lado da arena para fazer o mesmo.

Sua mão deslizou na minha, entrelaçando nossos dedos enquanto nos curvávamos.

— Porque eu quis, Almôndega. — Ele apertou minha mão quando nos levantamos e acenamos para as pessoas, que jogavam bichos de pelúcia e flores no gelo. Eu nunca tinha visto tantos para mim antes. Nunca. — Sorria. Nós conseguimos — ele disse, ainda respirando com dificuldade.

Eu sorri, mas porque eu queria.

— Pare de me olhar como se quisesse me matar. Podemos conversar sobre isso mais tarde. Não seja esquisita — ele murmurou, puxando minha mão quando estávamos eretos novamente. — Nós dois sabemos que você me ama.

Eu queria negar. Realmente queria. Principalmente porque odiava o fato de ele parecer tão convencido.

Mas nós dois sabíamos que eu estaria mentindo.

Talvez eu nunca tivesse dito as palavras, mas ele sabia. Como sabia da minha dificuldade de aprendizado, mas nunca disse nada. Como sabia que chocolate era minha fraqueza e me enchia deles quando eu mais precisava.

Foi a minha vez de puxar sua mão enquanto eu tentava guiá-lo para fora do gelo, sussurrando com raiva:

— Não pareça tão convencido por isso.

— Tarde demais — ele sussurrou.



Pequenina: JASMINE, VOCÊ FOI INCRÍVEL

Pequenina: Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

Pequenina: Você parecia uma rainha lá.

Pequenina: Você voou!

Pequenina: Você parecia uma patinadora totalmente diferente.

Pequenina: Oh, meu Deus!

Pequenina: Eu chorei.

Pequenina: Eu gostaria de estar lá.

Pequenina: Vou aos nacionais. Aaron pode ficar com as crianças. Eu não posso perder isso.

De banho recém-tomado e ainda pilhada mesmo quatro horas depois, sentei na cama e examinei as mensagens que minha irmã enviara. Não pude deixar de sorrir. Apertando o ícone para ligar para ela, inclinei-me para trás e deitei, enquanto ouvia o tom de discagem.

No terceiro toque, ela atendeu.

— JASMINE! VOCÊ FOI A MELHOR QUE JÁ VI!

— Obrigada, Rubes — respondi, sentindo-me desconfortável, mas o que mais eu poderia dizer?

— Aaron e eu ficamos extasiados! Até Benny estava assistindo e perguntou se aquilo era a tia Jazzy na TV — continuou ela. — Estou tão orgulhosa de você, Jas. Estou tão orgulhosa de você. Não sei o que você fez, mas nunca vi você patinar assim. Estou chorando agora mesmo pensando nisso.

Isso me fez conter um gemido.

— Não chore.

— Estou tão feliz — ela chiou, realmente soando como se estivesse à beira das lágrimas.

— Eu também — eu disse a ela, olhando para o teto com um sorriso. — Acho que nunca fiquei tão feliz por estar em segundo lugar

após o programa curto.

Porque Ivan e eu ficamos em segundo lugar. E foi por menos de um ponto. O que não era... nada.

Nada porque nosso programa longo era o mais forte. Pelo menos eu achava que era. Patinar com trilhas sonoras de filmes sombrios fora a melhor coisa que poderíamos ter feito, enquanto a maioria dos outros pares se apresentava com músicas românticas ou coisas assim. Paul e eu tínhamos feito isso na época, mas acho que não era possível acreditar, porque eu era uma mentirosa e definitivamente não havia amor — e, a longo prazo, nenhum respeito — em nosso relacionamento.

Então, Ivan e eu provavelmente surpreenderíamos todo mundo quando fizéssemos nossa exibição de *A Whole New World*, da trilha sonora de *Aladdin*, porque... por que não?

Era estranho como coisas assim funcionavam.

— Bem, você estava linda, e Ivan também, e *eu não poderia estar mais feliz* — ela engasgou.

— Pare de chorar — eu disse com uma risada.

— Eu não consigo. Já assisti à sua apresentação cinco vezes seguidas. Nós gravamos. Até o pai de Aaron ligou para me dizer que você era a melhor de todas.

Como diabos o pai de Aaron sabia que deveria assistir? Eu não perguntei a ela, mas me questionei.

— Você conseguiu encontrar nossa família depois? — ela mudou de assunto.

E então eu estremei. Por mim mesma.

— Sim. Comemos no resort onde estamos. — Todos nós estamos. *Todos nós.*

Ruby hesitou e fez a pergunta na qual eu sabia que ela estava pensando. Ela devia saber que nosso pai fora me ver.

— Como foi com o papai? — Pude ouvir a tensão em seu tom.

Fechei os olhos e soltei um suspiro.

— Tudo bem.

— Tudo bem, você não brigou com ele, mas queria? Ou você o abraçou e ficou tudo bem?

Merda.

— Tudo bem... nós nos abraçamos, ele se sentou do outro lado da

mesa e não disse nada para mim. — E eu estava bem com isso. Realmente estava. Aliviada, honestamente. Fiquei tão empolgada com as pontuações que não queria que ele estragasse tudo.

E não era uma merda esperar que meu pai estragasse algo pelo qual trabalhei tanto?

— Oh, Jas. — Ruby suspirou suavemente.

— Foi tudo bem.

— Eu não quero discutir com você, ok?

Oh, Deus. Lá vamos nós.

— Papai te ama. Ele quer o melhor para você.

Eu não disse nada.

— Ele é... antiquado.

Era assim que íamos chamá-lo?

— Você deveria perdoá-lo. Ele está tentando. Sabe que estragou tudo, mas nenhum de nós é perfeito — continuou, me fazendo sentir um pouco culpada.

Só um pouco mesmo. Porque quantas vezes eu fiz algo a Ruby que acabou obrigando-a a ser hesitante em relação a mim?

Mas...

— Eu sei disso, Rubes. Entendi, mas você sabe quão difícil é ouvi-lo falar sobre patinação artística como se fosse um esporte que eu pratico apenas por diversão nos fins de semana? Você sabe como é quando... que palavra poderia usar?... menospreza meus sonhos? Ouvi-lo dizer que é melhor fazer algo que odeio? — perguntei a ela, não ficando nada irritada. Não sentindo nada, honestamente.

Eu podia ouvi-la respirando do outro lado da linha. Então ela disse:

— Sim, Jas. Eu sei. Sei exatamente como é, e eu entendo. Sei que não é divertido.

Meu corpo ficou instantaneamente em alerta máximo.

— Quem fez isso com você?

— Mamãe. Papai. Ambos.

Tentei pensar, mas não consegui me lembrar.

— Quando?

— Depois que me formei no ensino médio. Você era nova demais para se importar ou lembrar, mas aconteceu.

Que diabos?

— Eu queria ir para a faculdade para ser figurinista, e os dois, inclusive a mamãe, disseram quão inútil isso seria. Durante três meses, eles me encheram o saco sobre estudar algo que fosse um plano B. *Como um trabalho de verdade* — continuou ela, sem parecer insultada nem nada, porém mais resignada.

E isso me deixou triste, porque, até onde eu conseguia me lembrar, Ruby adorava desenhar e fazer figurinos. Sempre adorou. Era a paixão da sua vida. Sua versão de mim patinando.

Não a via fazendo mais nada.

E sempre me perguntei por que ela estudou Contabilidade, formou-se e nunca fez nada com isso.

— Mas eu não sou você — disse ela, ainda com a voz resignada.
— Mamãe não acreditou no meu sonho, como no seu.

— Rubes — comecei, de repente me sentindo terrível, porque como diabos isso deveria ter sido? Ela vendo minha mãe me apoiando e dizendo a ela que não podia fazer o que amava? Eu não fazia ideia. Nenhuma.

— Está tudo bem, Jas. Tudo deu certo. Só estou lhe dizendo porque quero que você saiba que mamãe e papai não são perfeitos. Que você não é a única que foi informada de que seus sonhos não faziam sentido, mas a diferença é que você nunca deixa ninguém te abater. Você não deixou ninguém te obrigar a fazer algo que não queria, e eu gostaria de poder ter feito o mesmo.

Eu fiquei atordoada. Honestamente, surpreendi-me.

Porque isso era uma merda gigante.

— O único motivo pelo qual fiz Contabilidade foi porque queria deixá-los felizes. Mamãe estava tentando me convencer a aceitar um emprego onde ela trabalhava até alguns anos atrás. Enfim, o que estou tentando lhe dizer é... que tenha a mente aberta. Perdoe-o. Você não precisa fazer isso hoje ou amanhã, mas dê uma chance a ele. Acho que papai nunca soube o que fazer com você quando era pequena. Você era muito teimosa e acho que lembrava demais a mamãe, mas eu não sei.

— Hã. — Foi a única coisa que consegui dizer quando pensei nas palavras dela.

Será que fui tão merda quando criança que ele não sabia o que fazer comigo? Eu tinha uma vaga lembrança de dizer a ele que o odiava. Chutá-lo na canela. Chorar. Não querer passar um tempo com

ele quando vinha nos visitar. Mas eu devia ser muito pequena. Talvez quatro anos. Cinco, no máximo. Logo depois que ele foi embora.

Hum.

— Não quero mais falar sobre isso. Eu não quero arruinar seu dia. Então, conte-me sobre o beijo fofo que Ivan te deu. Quando vocês vão se casar, ganhar todos os prêmios de todos os tempos e ter filhos que serão prodígios em todos os esportes que praticarem?

Eu engasguei.

— Do que diabos você está falando, Rubes? *Você está bebendo enquanto espera a minha próxima sobrinha?*

Ruby riu.

— Não! Eu nunca faria isso!

— Pois parece.

— Não! Estou fazendo uma pergunta séria. Vocês são tão perfeitos um para o outro que me deu dor de dente. Sem mentira. Pergunte a Aaron.

Revirei os olhos e balancei a cabeça, olhando para o teto, pensando novamente, *finalmente*, nas palavras que Ivan havia me dito enquanto estávamos no gelo. *Eu te amo*. Ele me amava. E ele sabia que eu o amava também.

E não conversamos sobre isso desde que saímos do gelo para receber abraços e tapinhas nas costas da treinadora Lee. Vi Galina nas arquibancadas enquanto esperávamos nossas pontuações e tínhamos acenado para ela, recebendo um aceno de volta, o que, vindo dela, era basicamente uma demonstração de amor.

Tudo depois disso foi uma bagunça louca de troca de roupas, entrevistas e um jantar tardio, porque estávamos todos morrendo de fome.

Ivan nem me levou de volta ao meu quarto de hotel. Ele estava muito ocupado no saguão conversando com outro patinador que parecia ser amigo dele do Canadá. Então...

— *Droga!* Jessie está chorando. Eu preciso ir. Boa sorte amanhã, mas eu sei que você não vai precisar! Te amo!

— Eu também te amo.

— Tchau! Você foi incrível! — minha irmã gritou antes de desligar sem me dar a chance de dizer adeus.

Eu mal deixei meu telefone cair na cama quando ouvi uma batida

na porta.

— Quem é? — gritei, sentando-me na beira da cama.

— Quem mais poderia ser? — a voz de Ivan soou do outro lado da porta.

Revirei os olhos e me levantei, indo para a porta. Demorei a abri-la e encontrei Ivan parado ali, as sobrancelhas erguidas, ainda vestido com as roupas com as quais jantamos. Uma camisa de botão cinza-carvão, calça preta que ele confirmou ter sido feita sob medida para ele porque seus glúteos e quadris eram grandes demais em comparação com sua cintura estreita, e as botas pretas de cadarço que eu já o vira usar algumas vezes.

— Você vai me deixar entrar? — ele perguntou.

Balancei a cabeça e sorri quando me afastei, observando-o entrar e imediatamente se sentar na beira da minha cama, curvando-se para mexer nos cadarços dos sapatos. Tranquei a porta novamente e fui me sentar ao lado dele, olhando-o enquanto ele tirava uma bota e depois a outra com um suspiro.

— Estou exausto — ele admitiu enquanto esticava as pernas.

— Eu também — respondi, ao ver suas meias listradas pretas e roxas. — Acabei de falar com Ruby e estava decidindo se estava cansada o suficiente para dormir ou não. Ainda não consigo relaxar.

Levantando o queixo, ele se virou para me dar um sorriso logo antes de deslizar um braço sobre os meus ombros, me puxando para o lado dele.

— O que ela achou?

— Bom. Ela disse que nunca me viu patinar tão bem. Então me deu um conselho sobre o meu pai, mas está tudo bem — contei, sem vontade de repassar os detalhes novamente.

Ivan assentiu como se tivesse entendido.

— Mas foi sua melhor apresentação mesmo. Pelo menos vinte pessoas que vieram falar comigo me disseram como você é boa. — Ele piscou. — Isso não me deixou com ciúmes. Não se preocupe.

— Não estou preocupada — eu disse secamente.

Ele me puxou ainda mais para perto, sua mão tocando o meu braço e deslizando para cima e para baixo.

— Você foi incrível, Almôndega. Você realmente foi... mas não espere que eu admita isso outra vez.

Pressionei minha cabeça em seu ombro e sorri, feliz por ele não poder ver minha expressão.

— Você foi incrível demais também.

— Eu sei. Mas eu sou notícia velha. Todo mundo já está acostumado.

Bufei.

— Você é um convencido de merda.

A resposta dele?

— É a verdade.

Como diabos eu poderia ter me apaixonado por aquele idiota arrogante? De todos os bilhões e bilhões de pessoas no planeta, foi por *ele* que eu me apaixonei? Aquele cara?

— Mas agora todo mundo quer estar perto ou falar com você, e eu tenho que ficar dizendo a todos para caírem fora — avisou, lembrando-me novamente sobre o tópico do qual não falávamos há meses.

O que eu propositalmente ignorei.

Mas...

— Ivan — comecei a dizer, sabendo que a última coisa que queria fazer era estragar o momento, mas também querendo uma resposta, saber exatamente como seria, para que eu pudesse planejar, mesmo que isso só fosse acontecer dali a alguns meses. Mas eu não queria mais fugir disso. Não seria frouxa.

— Humm? — ele perguntou, ainda esfregando meu braço.

Prendi a respiração e organizei minhas palavras antes de soltá-las.

— A qualquer momento que você e a treinadora Lee quiserem encontrar outro parceiro para mim...

Sua mão parou de se mover, e eu o senti virar a parte superior do corpo para me olhar.

— O quê?

Isso me tornava uma covarde, com certeza, mas mantive a cabeça em seu ombro, mesmo sabendo que ele tinha toda a sua atenção em mim.

— Quando os mundiais terminarem e você tentar encontrar outra pessoa para...

— *Jasmine*.

O tom me fez olhar para ele de uma forma meio louca, mas a expressão que eu enfrentei era outra versão de loucura.

— O quê?

Ele piscou.

— Você acha que eu vou encontrar outro parceiro para você?

Foi a minha vez de piscar.

— Bem, sim. Esse foi o acordo, não foi?

Uma sobrancelha se ergueu.

Então, eu ergui a minha também.

— *Eu não vou encontrar outro parceiro para você* — revelou, com a expressão e a voz dizendo que ele havia sido insultado. Mas não entendi o porquê. — Por que diabos eu faria isso?

— Humm, porque esse era o acordo. Porque foi você quem disse centenas de vezes que só ficaríamos juntos por um ano. — Eu quase adicionei “idiota”, mas consegui me segurar.

Ele piscou. As duas sobrancelhas dele se ergueram. Então ele piscou um pouco mais.

— Você não é burra, então, sei que esse não é o problema — falou, demorando-se nas palavras enquanto seus olhos se estreitavam. — Mas vamos pensar a respeito, gênio. Diga-me se estou errado a qualquer momento.

Estreitei meus olhos para ele.

— Você é a melhor parceira que já tive — ele começou. — Não há comparação. Estou certo?

Balancei a cabeça porque, sim, eu era foda...

— Você é minha melhor amiga.

Ele nunca me chamou assim antes, mas eu assenti para isso também.

— Você é amiga da minha irmã.

Levantei um ombro porque ele estava certo.

— Se eu tivesse que escolher alguém para me ajudar a enterrar um corpo, jantar ou assistir televisão, seria você, sempre, para tudo.

Meu coração apertou, apertou, apertou.

— Inventei que Mindy ia tirar a temporada de férias, quando, na verdade, nosso contrato terminou, e eu não planejava voltar a patinar com ela. Porque, mesmo que você me deixe louco, eu quero patinar

com você.

O quê? Espera... O quê?

— Minha família te ama.

Eu não sabia de mais... nada.

Olhei para ele, vendo quando inclinou a cabeça para mais perto da minha e disse:

— E eu amo você.

Ele disse de novo.

— Eu te amo tanto que passo o dia todo com você e ainda não é o suficiente para mim — continuou ele.

Parei de respirar.

— Eu te amo muito, e, se não puder patinar com você, não quero patinar com mais ninguém.

Puta. Que. Pariu.

— Eu te amo tanto, Jasmine, que, se torcesse meu tornozelo durante um campeonato, eu me levantaria e terminaria a coreografia para você conseguir o que sempre quis.

Era amor. Tudo que eu podia sentir era amor.

Eu ia chorar. Eu ia chorar, porra. Ok. Então.

— Você significa muito para mim, e é por isso que, aconteça o que acontecer, não me importa. Não é como costumava ser. Nunca mais será como antes — ele terminou, pressionando a testa na minha, seus olhos intensos e emocionados. — Você nunca será a parceira de ninguém. Não enquanto eu estiver vivo, Almôndega. Vou arrastar essa sua bunda teimosa e linda, mesmo que esperneando e gritando, de volta para mim, porque ninguém mais será bom o suficiente para você.

Sabia que estava a cerca de dois segundos e meio de perder a cabeça.

E então Ivan acabou comigo. Ele dizimou todas as preocupações que eu tinha sobre ter um parceiro depois dele. Ele fez isso ali mesmo, com a ponta do nariz tocando o meu e a testa contra a minha.

— Porque eu não me importo que você tenha dez outras pessoas como suas favoritas. Você sempre será a minha pessoa favorita. Sempre. Não importa como.

Pisquei tão rápido que não pude conter meus olhos de se encherem de lágrimas.

— Eu... eu não sou boa com...

Seu sorriso era tão gentil, tão doce que levou metade da minha alma.

— Eu sei — ele sussurrou antes de passar os braços em volta de mim e me abraçar, a parte inferior do queixo apoiando-se no topo da minha cabeça.

E ele me abraçou, e depois me abraçou por mais tempo, mesmo quando lágrimas escorriam dos meus olhos e molhavam sua camisa.

E, enquanto eu estava apoiada com quase todo o meu peso contra ele, ele nos deitou, de lado, e continuou me segurando, puxando-me para que eu ficasse com metade do corpo sobre ele, minha cabeça no seu peito, uma das mãos pousada em suas costelas, uma perna sobre a dele. Ficamos assim até que as lágrimas pararam de sair dos meus olhos, e eu pude respirar fundo novamente.

Ele ficou passando a mão pelos meus cabelos, quase distraidamente.

Eu pensei que a outra noite tinha sido um dos melhores momentos da minha vida, mas essa que era. Era sim, e eu amava tanto Ivan que não achava possível amá-lo ainda mais. Tudo o que ele me disse, eu me sentia exatamente da mesma maneira, exceto que teria patinado com outra pessoa se ele realmente quisesse voltar para sua antiga parceira, mas teria feito isso como uma homenagem a ele, por todas as maneiras como mudou a mim e a minha vida.

Eu queria dar a ele tudo para sempre e sempre, porque ele me deu tudo.

Nenhum de nós disse nada por muito, muito tempo enquanto ficamos deitados lá.

Não quando as mãos dele me acariciaram mais ao longo do meu cabelo, não quando a mão dele deslizou para o meu ombro e o apertou. Ou quando a palma da sua mão se moveu pelo meu braço, gentil, gentil, gentil, as pontas dos dedos quase me fazendo cócegas quando ele tocou a coxa que estava sobre a dele.

Eu não teria me afastado nem por todo o dinheiro do mundo. Nem por todos os prêmios e medalhas. Não por porra nenhuma.

O que Ivan fez foi mover as pontas dos dedos pela minha coxa e depois para o meu joelho. Usei todo o meu autocontrole para não reagir, já que todas as pontas dos seus dedos desapareceram, e aquela única e solitária palma começou a fazer círculos no meu

joelho. Tão leve, tão suave, que parecia uma pena.

Eu fiquei ali, parada.

A ponta do dedo dele fez círculos cada vez mais largos, mergulhando na pele sensível da dobra atrás do meu joelho antes de voltar para os quadris, seguindo esse padrão mais uma vez. Então a ponta do dedo fez uma trilha pela minha canela e panturrilha, desenhando um círculo em torno do músculo que eu usava demais. Então ele fez outro.

Eu nunca fiquei tão feliz desde que minha mãe me deu permissão para me depilar, logo após ter atingido a puberdade e os pelos crescerem em todos os lugares, quando ela enfatizou a importância de fazer todos os dias. E me hidratar. Porque, se você perguntasse à minha mãe, hidratar era uma das partes mais importantes da rotina diária. Assim como escovar os dentes. Ou limpar a bunda depois de usar o banheiro. Fiquei muito agradecida por me depilar depois de voltar para o meu quarto após o jantar.

Uma ponta do dedo se transformou em quatro. Logo, senti quatro dedos inteiros. Uma palma inteira. Tudo cobrindo minha panturrilha e minha canela. Para cima e para baixo.

— Como a sua pele é tão suave? — Sua pergunta era baixa, quase distraída se eu não o conhecesse bem.

— Óleo de coco — respondi, levantando a perna mais alto, para que ficasse mais perto dele.

— Óleo de coco? — Ele abriu os dedos para envolver toda a largura da minha perna.

— Ah-hã. — Engoli em seco com a sensação da sua pele quente na minha.

Se ele notou que eu a aproximava mais dele, não comentou.

— Sabe, Jasmine — disse, parecendo quase distraído —, essas coisas são tão fortes...

— Coisas? — Eu quase ofeguei.

— Suas pernas — ele esclareceu, ainda tocando minha pele. — *Pernas* — enfatizou. — Elas são todas cheias de músculos. Eu não pensei... — ele fez um barulho no fundo da garganta, quando sua palma passou por cima do meu joelho para pousar no topo da minha coxa — que seriam tão suaves.

— Você sabe quantas contusões eu sofro — consegui dizer —,

quantos cortes e cicatrizes... isso ajuda... a curar.

Engoli em seco. Com vontade.

Ivan deslizou a mão para cima da minha coxa, tão alto que os dedos se enfiaram sob a barra do short, suas mãos praticamente cobrindo o comprimento da minha coxa inteira. Não que eu tivesse pernas longas ou algo assim, e fiquei agradecida. Porque ele poderia tocar mais. Tocar em tudo.

E eu queria que ele tocasse.

— Jesus — ele quase sibilou, movendo a mão e os dedos tão profundamente no meu short de dormir, que as pontas tocaram o topo da minha bunda. Ele fez uma pequena linha sobre a pele, roçando minha abertura, e eu não pude deixar de flexionar tudo, do meu tornozelo para cima. — *Você não está usando calcinha?*

Eu não sabia o que me fez inclinar a cabeça, meu nariz tocando sua garganta, quando sussurrei:

— Estou usando sim.

Ele cantarolou, colocando os dedos mais dois centímetros fundo no meu short. Deus, eu nunca fui ingrata pelo fato de ele ter mãos tão grandes, e eu especialmente não iria reclamar naquele momento. Porque seus dedos continuaram se movendo... mas, em vez de voltar na direção das minhas costas, eles se moveram para o lado... depois de volta... mais abaixo... alcançando outro vinco... depois novamente para o lado...

E respirei fundo quando aqueles dedos encontraram minha calcinha.

Especificamente, a tira que subia entre as bochechas da minha bunda.

Foi então, quando seus dedos fizeram contato com a minha calcinha, que ele passou outro braço em volta da minha parte inferior das costas, e com uma força sobre a qual eu estava totalmente consciente, que eu conhecia tão bem, ele me puxou para o seu colo, de forma que eu ficasse montada. O braço em volta das minhas costas esmagou minha parte inferior do corpo contra a dele.

E eu senti. Algo longo, grosso e duro.

Jesus.

— Ivan...

Ele me interrompeu com a boca. Aquelles lábios rosados selaram-

se aos meus, inclinados, molhados, reivindicando-os completa e totalmente. Sua língua disparou contra a minha, carente. Com sede. Ele apertou nossas bocas como se elas devessem estar assim. Seus dedos arrastaram a tira de tecido entre as dobras da minha bunda, tocando lugares do meu corpo sobre os quais eu era tímida. Que qualquer um seria tímido.

Qualquer um.

As pontas dos dedos subiram, fixando-se sobre o triângulo na parte superior da minha calcinha. Inclinei a boca para o lado, tocando sua língua com a minha quando ele puxou o triângulo e o soltou, deixando-o estalar contra a minha pele com um gemido rouco que eu senti por toda parte.

— Só você usaria essa porra de calcinha por baixo desse short — ele gemeu, agarrando minha bunda e apertando-a quase com força suficiente para machucar.

Quase.

Movi minha boca apenas o suficiente para que eu pudesse colocá-la no pescoço dele, mordendo-o instantaneamente.

E Ivan, a porra do Ivan, gemeu, inclinando a cabeça para trás para me dar mais espaço. Então eu abri a boca mais e tomei mais do pescoço dele, da bela pele macia e um pouco salgada, cheirando à colônia suave e cara que eu sabia que ele usava diariamente

— Jesus, Jas — ele sussurrou quando meus dentes deram lugar a minha língua e lábios, chupando sua pele muito mais forte do que eu sabia que deveria.

Os quadris embaixo dos meus se reviraram, giraram e se esfregaram contra os meus, e eles fizeram isso mais duas vezes, quando chupei a pele ainda mais forte, arrastando minha língua pela garganta dele.

— Você tem um gosto tão bom — gemi, chupando-o com mais força.

Ele soltou um gemido selvagem, seus quadris se movendo sob os meus, seus braços inquietos, envolvendo minhas costas, aproximando nossos peitos, com força. Excitação. Meus seios foram esmagados contra a superfície dura do seu peito.

— Porra — Ivan sibilou. Seu queixo ainda estava inclinado, ainda me dando acesso àquela garganta longa e bonita enquanto a parte inferior do corpo se movia, ganhando fricção entre o tecido da sua

calça, a anaconda que eu conseguia sentir por baixo dela, e o tecido fino e elástico que cobria a parte de mim que precisava ser preenchida tanto quanto eu precisava de analgésicos regularmente.

Um novo xingamento saiu daquela boca maravilhosa, e eu o senti na minha espinha, minhas pontas dos dedos, meus joelhos e tudo o mais.

O rastro de palavrões me fez recuar, sentando em suas coxas, nos joelhos, apoiando todo o meu peso lá enquanto eu me sentava ereta, e com um talento que impressionaria a melhor stripper de Las Vegas, puxei minha camiseta sobre a cabeça, deixando-me apenas com um daqueles sutiãs de renda sem aro que era uma das únicas coisas boas de ter seios muito pequenos.

Ivan grunhiu. *Ele grunhiu*. Recostando-se na cama, ele fez um barulho que eu nunca tinha ouvido antes, os braços em volta da minha cintura afrouxando até que suas mãos estavam presas em minhas costelas, minha cintura, seus polegares paralelos ao meu umbigo. Elas subiram, passando por cada cume de cada costela, demorando um pouco, até que o espaço entre seus dedos indicadores e polegares foram colocados sob as leves curvas na parte inferior dos meus seios.

— Porra — ele murmurou, ainda sustentando meu peso. — Jasmine. — Inclinando-se para frente, rápido, rápido, rápido, ele baixou a cabeça. Eu sabia o que ele ia fazer antes de ele agir. Eu poderia ter me mexido... se eu fosse louca.

Então eu deixei. Eu o deixei se inclinar na minha direção e chupar um mamilo e quase todo o meu peito em sua boca, com sutiã e tudo.

E então eu rebolei contra ele. Eu me movi, me arrastei e me arqueei contra ele, deixando seu pau duro se esfregar no meu clitóris.

Uma daquelas mãos grandes deslizou pelas minhas costelas até o quadril e ao redor da minha bunda novamente. Pressionando-a, ele apertou minha bunda, segurando a maior parte dela. Então, aliviando a pressão, apenas segurou-a, levemente, mais como uma carícia do que qualquer outra coisa. Seu gemido era baixo, e eu tive que arrastar a boca até seus lábios e sugar o superior entre os meus.

A mão debaixo dos meus seios se moveu e Ivan puxou o tecido que os cobria, empurrando-o para baixo, expondo-os. Expondo a mim.

Respirei fundo, lembrando... lembrando....

— Linda. Porra, muito linda — ele sussurrou, rouco, seus lábios

pairando sobre o meu peito.

— Você costumava...

— Cale a boca — ele bufou, então agarrou meu mamilo novamente, fazendo-me esquecer do passado.

Eu soltei um choramingo. Um gemido. Tudo que pude fazer foi agarrar sua boca, querendo que ele nunca a soltasse, que nunca a movesse. Queria fazer isso para sempre.

E ele fez.

Puxando o outro seio, ele levou o mamilo também à boca. A mão na minha bunda segurou tudo, tentando moldá-la com os dedos, mas...

— Essa porra de bunda — ele assobiou. — Estou sonhando com essa bunda há tanto tempo. Perfeita, perfeita...

O que eu não tinha nos seios compensei na bunda. Os exercícios que praticava a transformaram em algo que eu tinha muito orgulho. Talvez eu não fosse bonita. Talvez não fosse sexy. Já tinha lido merdas suficientes sobre isso na internet. Mas aquele corpo, pelo qual eu tinha lutado, eu não tinha vergonha dele. Nem mesmo do meu peito comum, que era bem pequeno, ao ponto de a gravidade não o afetar.

Ivan moveu o rosto para que sua bochecha descansasse contra a parte superior do meu peito, e esfregou-a sobre a pele, depois descansou a oposta acima da outra. Ele se aninhou. Deslizou a face de um lado do meu peito para o outro, no centro e embaixo dele, seu nariz roçando contra a renda que ainda estava sobre mim e ao redor da curva do meu peito. Suas mãos me inclinaram um pouco para trás, mas me seguraram e fiquei arqueada no ar. Então aquele rosto foi para o centro da minha barriga, seus lábios roçando no meu umbigo, seus cabelos, nos meus mamilos.

Cada um deles. Uma e outra vez com cada um de seus movimentos sobre a minha pele.

Sua língua disparou e mergulhou no meu umbigo. E tudo o que pude fazer foi pedir a ele mais... Mais, mais, mais. Por favor, por favor.

— Ivan — eu praticamente choraminguei.

— Shh — ele sussurrou de volta, arrastando os lábios para cima do meu esterno enquanto me sentava de volta em seu colo, sua boca ainda se movendo até atingir a curva da minha garganta. Aqueles dedos longos que me conheciam tão bem seguiram seu caminho para

o meio das minhas costas e depois para cima, puxando meu sutiã junto com ele.

Eu o beijei e ele me beijou de volta. Minhas mãos foram para seus ombros e os agarraram com força. Nós nos movemos um contra o outro, suas mãos descendo, puxando meu short e a calcinha pelos meus quadris até que eu tive que me levantar para empurrá-las pelo resto do caminho e pelos meus tornozelos.

Só então percebi que estava nua. Em pé na frente dele. Total e completamente nua.

Mas, quando olhei para o rosto dele, aqueles frios olhos azul-acinzentados eram fendas, suas bochechas estavam rosadas, e ele parecia...

Ivan sentou e abriu os botões da camisa, encolhendo os ombros com movimentos bruscos e inseguros, como se não estivesse acostumado a se despir tão rápido. E então ele se levantou, ficando a um centímetro de mim, e, em um movimento familiar, tirou o cinto e, em seguida, puxou a calça e a cueca até os joelhos e as chutou.

E porra.

Mãe de Deus.

Putá merda.

Jesus Cristo.

Eu já tinha visto Ivan vestido antes. Não apenas por um segundo, mas por minutos. Horas. Eu tinha visto.

Mas nada poderia ter me preparado para ver Ivan nu do jeito que ele estava sem nem uma meia. Estava duro, em todos os lugares. Dos tendões em sua garganta aos músculos peitorais que eram praticamente pedras, aos abdominais de oito gomos e às coxas que poderiam ganhar uma música dedicada a elas...

Mas foi aquela coisa dura, longa e grossa que apontava para mim que roubou o meu ar.

Como diabos era possível alguém ser tão perfeito? Por quê? Que absurdo era esse que alguém tão alto e esguio pudesse ter aquele monstro entre as pernas?

— Eu te odeio — sussurrei.

E Ivan riu. Riu.

— Você me ama.

Não olhei para o rosto dele. Não mesmo.

Olhei foi a mão dele subindo, curvando-se ao redor do eixo que apontava para seu umbigo, tocando-se. Ele moveu a mão para a base, ladeada por grossos pelos pretos encaracolados, e depois para cima, em direção à grande ponta de cogumelo rosada e arroxeadada que estava tão molhada que pingava...

— Estou tomando anticoncepcional — disse a ele, engolindo em seco. — E só vou ovular daqui a mais de uma semana.

Foi só porque ele inclinou o queixo para baixo que eu soube que ele tinha me ouvido, mas estava tão ocupado olhando para mim que eu pensava que não tinha escutado.

Mas ele tinha.

Porque, com um movimento tão fácil e sem esforço, ele deu um passo na minha direção e colocou as mãos em volta da minha coxa, levantando-me. Meu corpo ficou alto, minhas coxas instintivamente rodearam sua cintura, suas mãos me apertando perfeitamente. Lambi minha mão, alcancei seu pau entre nós e envolvi os dedos ao seu redor, o que fez minha boca ficar cheia d'água. E movi minha mão para cima e para baixo, absorvendo a pele lisa e o que poderia ser o músculo mais duro de todo o seu corpo. Então posicionei aquela cabeça rosa-púrpura bem entre as minhas pernas e, daquela mesma maneira como sempre líamos a mente um do outro, ele me abaixou.

Desceu, desceu, após dez centímetros, dezessete, lentamente, até que eu estava empalada por ele. Completamente.

Recheada. Cheia. Eu nunca disse a Ivan, mas doeu. No início.

Eu respirei fundo.

E ele também, seguindo-o com um gemido.

Então eu soltei um som que eu não chamaria de choramingar, mas alguém mais poderia tê-lo considerado assim.

Aquelas mãos grandes lentamente moveram meu corpo para cima e para baixo. Dois centímetros, depois mais para baixo. Cinco, depois de volta até o fundo. Repetidamente. Até que não senti mais dor, tornou-se apenas um deleite.

— Jesus Cristo — Ivan cantou repetidamente. Todo o seu corpo tenso, muito tenso.

Aqueles ombros e bíceps que poderiam fazer aquele movimento centenas de vezes, quando não tinha a ver com sexo, estavam tensionados e trêmulos. Ele estava tremendo. Sua respiração, a respiração de um atleta, estava irregular. Suas mãos se moveram e

ele deslizou um antebraço debaixo da minha bunda, enquanto o outro passou pelo meio das minhas costas e me guiou para cima e para baixo, meus mamilos roçando em seu peito.

— Eu te amo, Jasmine — disse ele, o movimento mais rápido. — Eu amo você, eu amo você, eu amo você — repetiu.

E tudo que pude fazer foi fechar os olhos e envolver os braços ao redor do pescoço dele e me segurar como se minha vida dependesse disso, absorvendo as palavras. Minha boca encontrou a dele e nos beijamos enquanto ele continuava me movendo para cima e para baixo. Tomando mais, tomando menos, tomando tudo.

— Te amo — sussurrei, estremecendo ao redor do seu pau enquanto a sugestão de um orgasmo formigava ao longo da parte inferior da minha barriga.

Ele sorriu. Mais do que sorriu. Ele se iluminou. E seus quadris investiram com força em mim. Segurando-me mais forte. Mais perto. Sua mão se colocou entre nós e circulou meu clitóris. Não demorou mais do que alguns movimentos do seu polegar, dos nossos corpos cobertos de suor, até que eu gozasse. Choringuei contra seu ombro, aproximando-me dele, agarrando-me a ele pela merda da minha vida.

Seus gemidos eram tão roucos e ásperos que quase não consegui ouvi-los quando ele gozou momentos depois. Ele pulsou dentro de mim, ofegando. Eu me agarrei a ele, e ele me segurou firme.

Nós dois estávamos cobertos de suor. Sem fôlego e tentando não estar, mas falhando miseravelmente. Ofeguei e depois ofeguei novamente, tremendo um pouco mais.

— Deus me ajude — ele gemeu.

Eu tremi. Eu ofeguei. Eu poderia estar morrendo, mas valeria a pena cada segundo.

Segurando-me, Ivan nos levou em direção à cama e lentamente me abaixou sobre ela. Seu corpo veio sobre o meu, cobrindo-me. Com os braços esticados, as pernas de cada lado das minhas, seu sorriso era torto quando ele ofegou:

— A prática leva à perfeição, Jas.

Porra.

Eu tentei respirar pelo nariz quando ergui as sobrancelhas para ele, seu pau descansando contra a minha coxa, ainda meio duro.

— Isso não foi perfeito?

— Foi — disse ele, pairando sobre mim. — Mas quero praticar mesmo assim.

Não pude deixar de rir alto, tão alto que meio que me assustou.

Mas o que não me assustou foi o sorriso gigante que Ivan me deu.

— Repetidamente.

— Quem disse que eu quero fazer isso de novo?

Sua mão foi para o lado da minha cabeça, seus dedos roçando minha têmpora.

— Você gozou no meu pau inteiro — falou, como se eu não soubesse disso. — Fazemos tudo muito bem juntos. Você sabe disso.

Eu sabia, mas ele não precisava me dizer.

— Somos o melhor time. Fazemos o que temos que fazer para sermos os melhores. — Ele abaixou o peso para realmente me cobrir, suas coxas bem abertas ao redor das minhas, as pontas dos pés tocando o interior das minhas panturrilhas, os antebraços ao lado do meu rosto.

— E isso vai nos ajudar na patinação? — perguntei a ele.

Ele beijou minha bochecha e depois a outra.

— Não vai prejudicá-la.

Eu ri novamente e me inclinei para dar um beijo em seu queixo, o que o fez piscar lentamente.

— Adoro o jeito como você sorri — declarou, com uma expressão sonhadora e sonolenta. — Quero te dizer para fazê-lo com mais frequência, mas nunca digo.

Vislumbrei cada centímetro daquele rosto impecável.

— Por quê?

Ele nem sequer abriu os olhos ao responder.

— Porque você não precisa sorrir para todo mundo. — Sua bochecha descansou contra a minha, e aquele peito suado fez o mesmo enquanto ele completava: — E não pretendo compartilhar você.



Capítulo Vinte e Quatro

— Um minuto.

Sacudindo meus ombros, respirei fundo, soltei e depois fiz tudo de novo. Era fácil separar o som da plateia torcendo pela dupla no gelo que havia acabado de terminar sua apresentação alguns segundos atrás. Era ainda mais fácil ignorar as flores e os bichos de pelúcia que eram jogados pela multidão.

Eu era forte. Eu era esperta. Eu poderia fazer qualquer coisa.

Eu não era fraca ou despreparada.

O mundo não acabaria se eu estragasse tudo.

Eu poderia fazer isso.

Eu sempre seria capaz. Talvez não tivesse nascido exatamente para isso, mas fiz a minha parte. Eu tinha conquistado tudo por mim mesma, e sempre seria assim.

Quatro minutos e alguns segundos para demonstrar uma vida inteira de trabalho duro. Nada de mais.

— Está na hora — a voz da treinadora Lee soou quase diretamente no meu ouvido, a mão dela pousando levemente no meu ombro.

Eu balancei a cabeça, lançando-lhe um olhar pelo canto do meu olho antes que ela me soltasse e desse um passo para o lado, para fazer o mesmo com Ivan, que estava a um pé de distância, sacudindo as mãos e as coxas. Eu o notei olhando para ela, da mesma maneira que eu, assentindo.

E então ele olhou por cima do ombro para mim.

Aqueles brilhantes olhos cinza-azulados pousaram diretamente nos meus, e não tivemos que assentir ou fazer nada. Nós apenas sorrimos um para o outro. Nosso pequeno segredo. Algo só nosso.

Nós acordamos naquela manhã no meu quarto, enquanto eu

babava em sua mão e sua perna estava jogada sobre uma das minhas, e fora a melhor manhã das nossas vidas. Ele me disse isso, e eu soube. Então ele beliscou a merda da minha bochecha, e foi como tudo deveria ser entre nós. Perfeito.

Nós íamos fazer aquilo.

Nós tínhamos tudo.

O sorriso que curvou seus lábios e músculos da bochecha era preguiçoso... quase indecente... uma porra de promessa do que com certeza iria acontecer naquela noite, independentemente de qualquer outra coisa.

Era o seu sorriso de confiança. O que ele compartilhava comigo. Era meu.

E subiu pela minha espinha, algo quente e reconfortante que me dizia que ele estava tão confiante quanto eu. Que nós íamos conseguir, juntos.

Então não pude deixar de sorrir de volta para ele, mais amplo do que antes. Não era nada grande, mas era um sorriso dele e apenas dele.

E ele sabia que era, porque seu sorriso se ampliava ainda mais.

Revirei os olhos quando desviei o olhar e andei em direção ao gelo, meu batimento cardíaco bom e estável, minha cabeça calma e controlada. Na parede, fiquei à esquerda para deixar o último patinador sair do gelo e olhei para cima. Eu já tinha visto minha família quando chegamos ao túnel, e eles ainda estavam lá. Todos segurando uma placa, até meu pai.

ESSA É A MINHA IRMÃ.

VAI, JASMINE!

JASMINE!

NÓS TE AMAMOS, JASMINE

JASMINE SANTOS PARA SEMPRE

NUNCA DESISTA, JASMINE!

VOCÊ É FANTÁSTICA, GAROTA!

Mas foi o NUNCA DESISTA, JASMINE que me fez apertar os olhos. Porque era meu pai segurando a placa. Ele não estava pulando como todos os outros, mas estava sorrindo. Ele não estava envergonhado. Ele não estava entediado.

Mas ele estava lá. E isso foi mais do que eu poderia ter desejado

ou esperado.

E era disso que eu precisava. Outro pedacinho colado na minha mente e no meu coração.

Eu me permiti pensar por um segundo no cartão que li naquela manhã, deitada na cama ao lado de Ivan. O cartão da garota legal do CL.

*Boa sorte, Jasmine!
Você vai se sair bem. Obrigada
por ser tão legal. Espero que
um dia eu possa ser como você.
Com Amor. Patty.*

E eu sabia que poderia fazer isso.

Uma vez, quando eu tinha quinze ou dezesseis anos, Galina me disse que, para vencer, eu teria que estar preparada para fracassar. Teria que aceitar a ideia de que poderia falhar. E eu nunca tinha entendido completamente o que ela queria dizer com isso, porque quem diabos queria perder? Compreendia a mensagem dela naquele momento, depois de uma década.

Dei um passo no gelo e deslizei apenas alguns centímetros para dar a Ivan espaço para fazer o mesmo. Ele me seguiu, parando a sessenta centímetros de mim, quando o locutor chamou nossos nomes.

Nesse momento, olhei por cima do ombro para o homem com o traje marrom e dourado que minha irmã havia criado, e o encontrei já me olhando, sorrindo para mim.

Ele parecia feliz.

E, pela primeira vez, senti-me feliz enquanto estava ali, sem nervosismo, sem me sobrecarregar. Eu apenas me sentia feliz. Pronta.

Então eu sorri de volta para ele.

Nós dois parecemos respirar ao mesmo tempo.

Assim, Ivan estendeu a mão na minha direção. Ele observou meu rosto enquanto eu lhe entregava minha mão, colocando a palma sobre a dele, nós dois entrelaçando nossos dedos.

Ele murmurou *eu te amo*, e eu dei uma piscadinha para ele. Então, patinamos em direção ao centro do gelo, de mãos dadas, parando no

local que precisávamos. Ivan ficou em posição ao mesmo tempo que eu, nós dois nunca olhando para outro lugar. Se a multidão ficou quieta, eu não tinha ideia, porque esqueci completamente dela assim que o rosto de Ivan parou a dois centímetros do meu.

— Você é péssima — ele sussurrou, sua respiração contra a minha bochecha.

Eu apenas contive um sorriso quando disse:

— Você é pior.

Um segundo, uma fração de segundo antes de a música começar, ele sussurrou:

— Vamos fazer isso.

E nós fizemos.



— *Veja a altura disso!*

— *Não vejo um giro assim desde a equipe de Lukov de 2018!* — o locutor na televisão afirmou.

Ivan e eu bufamos ao mesmo tempo.

Eu não precisava olhar para ele para saber que estava revirando os olhos.

Porque eu também estava.

— Foi claramente pelo menos quinze centímetros mais baixo do que o nosso — Ivan murmurou ao meu lado.

Eu bufei novamente, mantendo meus olhos grudados na televisão.

— Para mim, foram trinta — minha mãe, que amava tanto vir à nossa casa que já tomava logo um antialérgico, concordou em seu lugar, do outro lado do sofá.

— Mark precisa se aposentar do cargo de comentarista. Acho que ele já precisa de óculos há pelo menos três temporadas — afirmou Jojo, de onde estava deitado no chão, a cabeça apoiada em uma das mãos enquanto a outra segurava uma mamadeira na boca de Elena.

— Jonathan, isso não é legal — disse-lhe James. Eu não precisava olhar para saber que ele estava balançando a cabeça.

Todos os nossos olhos estavam na televisão enquanto a equipe canadense na tela se movia sem esforço pelo gelo, seus movimentos com uma quantidade perfeita de força, graça e beleza. Eu não os odiava. Eles eram bons.

Mas não tão bons quanto costumávamos ser.

— *Isso foi incrível!* — o comentarista murmurou com empolgação.

— Agora ele está apenas jogando palavras para ouvir sua própria voz — murmurei, balançando a cabeça.

O homem ao meu lado fez um barulho que me fez olhar para ele pelo canto do olho. Ele estava com a cabeça inclinada para olhar para mim, um sorriso que eu conhecia como a palma da minha mão, colado àquela boca que continuava tão irritante e maravilhosa como sempre ao longo dos anos.

— Seus giros eram mais perfeitos e mais rápidos do que os dela.

Concordei, ainda olhando para ele, ignorando a enorme televisão presa à parede, que transmitia as Olimpíadas de 2026.

— Você fez parecer mais fácil também. E, claramente, você é mais forte do que ele.

Ele bufou e se aproximou para sussurrar no meu ouvido.

— Claramente. Sua bunda é muito melhor do que a dela.

Eu ri, e ele sorriu. Já estávamos colados lado a lado, perfeitamente alinhados do quadril à coxa. Seu braço estava pressionado no meu. Ivan o levantou, jogando-o por cima do meu ombro e me abraçando ainda mais. Levantei as pernas e as coloquei sobre seu colo, ganhando um beijo na bochecha antes de nós dois encararmos a tela novamente bem a tempo de o locutor sussurrar:

— *Incrível!*

Ouvi tantos gemidos na sala que não conseguia contar.

Eu não usaria a palavra incrível, mas...

— Aposto que vocês dois ainda poderiam ganhar se competissem
— Jojo murmurou.

Balancei a cabeça, vendo o casal fazer uma espiral da morte que apostava que Ivan e eu poderíamos fazer mais rápido. Não que ainda treinássemos, mas, em muitas manhãs, antes que a pista estivesse cheia de jovens patinadores esperançosos, ele segurava minha mão e repassávamos versões menos elaboradas dos nossos programas antigos. Ríamos na metade do tempo, substituindo triplos por duplos na maioria dos dias, mas, de vez em quando, atraíamos a atenção um do outro e sabíamos que estávamos pensando a mesma coisa. E fazíamos um salto toe triplo. Ou um toe loop triplo. Raramente, em dias muito, muito bons, fazíamos um Lutz triplo. Só para saber que ainda poderíamos fazê-lo.

E então, as crianças chegavam, e nós começávamos a trabalhar. Ivan treinava vários meninos e eu treinava algumas meninas.

Tínhamos conversado sobre como treinar uma equipe de duplas...

mas apenas se e quando encontrássemos o par certo. O que ainda não tinha acontecido.

Fazia quatro anos desde que nos aposentamos e ainda não parecia que havia passado tempo suficiente.

Quatro anos desde que Ivan fez uma cirurgia para fundir sua coluna. Uma cirurgia que fora tão perigosa que eu vomitei duas vezes na sala de espera. Quatro anos desde que o médico disse que seria imprudente ele continuar patinando.

E quatro anos desde que Ivan olhou para mim e disse:

— Encontre outro parceiro. Você não precisa se aposentar só porque eu vou.

Que idiota do caralho. Certas merdas nunca mudavam. Como se houvesse mais alguém com quem eu gostaria de fazer parceria.

Fazia cinco anos desde que vencemos nosso último e terceiro campeonato mundial.

Oito anos desde que vencemos nosso segundo campeonato mundial.

Oito anos desde que conquistamos *duas* medalhas de ouro. Uma pela dupla e outra na patinação da equipe. Tornando Ivan o patinador artístico mais premiado dos EUA.

Nove anos desde que vencemos nosso primeiro campeonato mundial e o primeiro de três nacionais.

Mais importante, fazia nove anos desde que nos casamos. Nove anos e três meses desde o momento que ele dissera, ofegante e com o rosto vermelho, na pista, no final do nosso programa longo, enquanto a multidão enlouquecia:

— Acho que você deveria se casar comigo, Almôndega.

Eu só o fiz pedir três vezes. E, quando nos casamos na mesma igreja ecumênica onde Jojo se casou com James, foi o melhor momento de toda a minha vida.

E então Danny, Tati e Elena vieram.

— Papai — disse uma vozinha do chão. — Esse Axel duplo estava desleixado, certo?

— Muito desleixado — Ivan mentiu, apertando meu ombro.

— Você vai me dizer se eu for desleixada, certo?

Olhei para Ivan e ergui as sobrancelhas, vendo como ele fazia uma careta para mim porque nós dois sabíamos a verdade. Ele dizer ao

seu bebê que ela tinha feito algo errado? Jamais.

— Vou lhe dizer se você for desleixada. — Uma vozinha de sete anos também soou no chão. — Você foi ontem.

— Não, eu não fui! — a menina de seis anos gritou, sentando-se de forma que vi sua cabeça de cabelos escuros pela primeira vez desde que todos nós, três cães e dois porcos incluídos, invadimos a sala para assistir ao campeonato durante a noite.

— Sim, você foi! — Danny afirmou, ainda fora de vista. — Eu assisti você!

E, como se quisesse se juntar ou acabar sendo a mediadora entre seus irmãos, Elena deu um grito de onde estava deitada com meu irmão.

E assim, a briga terminou. Houve um suspiro longo e prolongado, depois outro suspiro longo e prolongado, e a criança de seis anos deitou-se ao lado do irmão mais velho.

O silêncio durou talvez dez segundos antes de ouvi-los começar a brigar de novo.

Deus, eles eram um pesadelo, eram exatamente o tipo de criança cheia de argumentos, mandona, teimosa e com força de vontade que eu costumava achar adorável, quando era na verdade um pé no saco.

Mas eu os amava muito; valiam as duas temporadas que Ivan e eu havíamos tirado para tê-los. Danny nunca saberia que ele foi concebido por acidente na noite em que vencemos nosso segundo campeonato mundial... mas ele com certeza sabia que, depois que descobri que estava grávida, jurei que foi a melhor notícia da minha vida. Ivan e eu havíamos criado uma vida. Algo quando nós dois estávamos em uma das melhores noites das nossas vidas.

E, doze meses depois, quando acabei engravidando novamente, foi de propósito.

Levou anos para descobrir que eu poderia fazer tudo funcionar com a pessoa certa. E aquele idiota ao meu lado que me abraçava e agarrava a minha bunda pelo menos uma dúzia de vezes no CL aleatoriamente ao longo do dia, que cuidava de mim, me motivava e queria o melhor para mim todos os dias da minha vida, era o certo.

Como se Ivan soubesse exatamente o que eu estava pensando, ele inclinou-se e beijou minha têmpora, apertando-me ainda mais contra ele.

— Mãe, Danny me deu um tapa na testa! — Tati lamentou,

totalmente exagerada. Provavelmente. — Eu vou chutar sua b-u-n-d-a!

— O que é uma b-u-n-d-a? — Danny perguntou um momento depois.

Minha mãe se virou de onde estava sentada ao lado de Ben e me lançou um olhar presunçoso. E eu sabia exatamente o que ela estava pensando.

Eu pagaria por todos os meus pecados com aqueles três.

E eu nem estava com medo.

Fim

Agradecimentos

Um livro nunca é escrito sem muito amor e atenção de um exército de pessoas.

Primeiro, um enorme obrigada a todos os meus leitores. Eu não estaria escrevendo isso agora se não fosse pelo seu apoio. Eu digo isso toda vez, mas vocês são os melhores de verdade. Obrigada por ficarem comigo e por serem incríveis no geral.

Ao maior grupo de leitura da história da internet, meus Slow Burners, obrigada por sua paciência e amor. Aos meus leitores beta/amigos por aceitarem a mim e aos horríveis rascunhos que lhes envio. Ryn, eu nunca vou agradecer o suficiente por ser não apenas uma boa amiga, mas também por me ajudar com esse enredo. Para minha nova amiga, Amy, que me fez companhia tantas noites escrevendo roteiros e por me deixar desabafar aleatoriamente; eu teria demorado muito mais para terminar este livro (e teria sido menos divertido).

Eva, Eva, Eva. A lista de todas as merdas que você faz por mim é interminável. Você é uma amiga maravilhosa e todos os livros são muito mais especiais graças ao seu olhar de águia, honestidade e às constantes garantias de que você os ama. Não posso agradecer o suficiente por tudo. (Especialmente por me aturar.)

Obrigada à Letitia Hasser, da RBA Designs, por dar vida às minhas vagas ideias para capas de livros. Jeff Senter, da Indie Formatting Services, por sempre ser tão bom. Virginia e Jenny, da Hot Tree Editing, por sua gentileza com edições. Lauren Abramo e Kemi Faderin, da Dystel & Goderich, por todos os direitos internacionais que estamos vendendo.

Um grande obrigada à melhor família que eu poderia pedir: mamãe, papai, Ale, Raul, Eddie, Isaac, Kaitlyn, minha família Letchford e o resto da minha família Zapata/Navarro.

Por último, mas não menos importante, Chris, Dor e Kai. Todos os livros são para vocês, meus amores.



Entre em nosso site e viaje no nosso mundo literário.

Lá você vai encontrar todos os nossos títulos, autores, lançamentos e novidades.

Acesse www.editoracharme.com.br

Além do site, você pode nos encontrar em nossas redes sociais.

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Instagram](#)